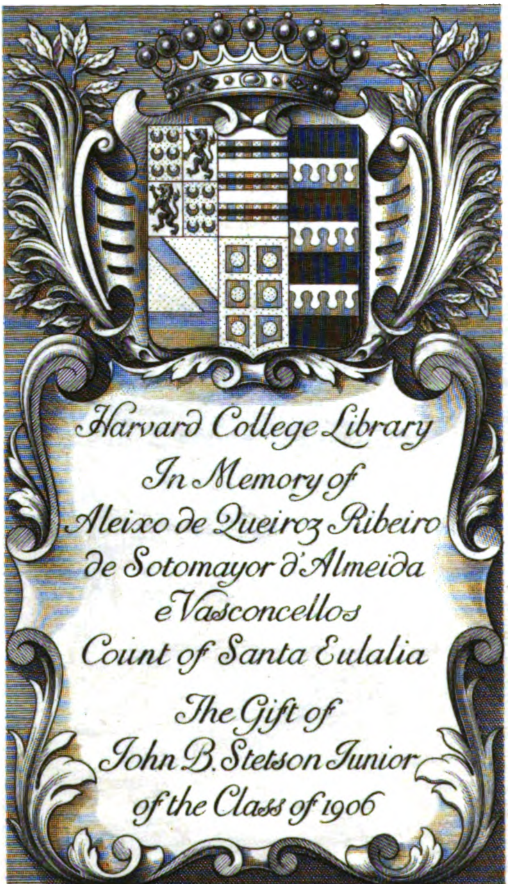

Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

ACTAS

DAS

SESSÕES

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA.

TOMO I.

LISBOA
NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.
1849.

Na Assemblea d'Effectivos de 22 de Fevereiro do corrente anno determinou a Academia Real das Sciencias de Lisboa que se publicassem, por integra ou por extracto, segundo as circunstancias o exigissem, as Actas das suas Sessões, apresentando para este fim o Secretario perpetuo um programma que seria discutido na primeira Sessão Litteraria, o que effectivamente teve lugar na Sessão Litteraria de 28 do referido mez, em que foi approvado o programma.

A primeira Sessão Academica, celebrada depois desta determinação de que deva publicar-se a Acta, foi a de 14 de Março, e por isso principia nella a collecção das Actas Academicas. Lisboa 25 de Julho de 1849.

Joaquim José da Costa de Macedo,

Secretario perpetuo da Academia.

ACTAS

DAS

SESSÕES

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA.

1849. — N.º I.

SESSÃO LITTERARIA DE 14 DE MARÇO.

Presidio o Sñr. José Cordeiro Feio.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.ˢ Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, José Liberato Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Fortunato José Barreiros, Antonio Lopes da Costa e Almeida, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Barão d'Eschwege, Marino Miguel Franzini, Francisco Re-

creio, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; Joaquim da Rocha Mazarem, e Carlos Bonnet, Correspondentes.

O Sñr. Duque de Palmella, Vice-Presidente, participou que, por se achar incommodado, não podia assistir á Sessão.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario

1.° Uma Portaria do Ministerio do Reino, remettendo os Estatutos da Sociedade agricola do Districto d'Evora, para a Academia emittir sobre elles o seu parecer. Forão os Estatutos entregues ao Sñr. Director da Classe de Sciencias Naturaes para a Classe dar a sua opinião.

2.° Um officio do Conselheiro Director Geral do Thesouro Publico, pedindo, para objecto de serviço, um exemplar do Roteiro Geral. Assentou-se que se lhe mandasse.

3.° Uma carta do nosso Socio o Sñr. Vandelli, residente no Rio de Janeiro, remettendo dous fasciculos das Plantas Novas do Brasil descriptas pelo Sñr. Dr. Francisco Freire Alemão, Lente de Botanica da Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Estes fasciculos contêm a descripção do Tapinhoan, e da Cabureira, de que o A. formou generos novos, dando ao 1.° o nome de Silvia dos Arsenaes, e á 2.ª o nome de Mirocarpo fastigiato.

Lembrou o Sñr. Vandelli para Correspondente da Academia o Sñr. Dr. Francisco Freire Alemão, assim como tambem o Sñr. Christiano Benedicto Ottoni, Lente da Academia da Marinha, que já offereceo á Academia Real das Sciencias de Lisboa por intervenção do nosso Consocio, hum — *Juizo Critico sobre o Compendio de Geometria do Snr. Marquez de Paranaguá, adoptado pela Academia da Marinha do Rio de Janeiro.* Assentou-se que se trataria deste objecto na proxima Sessão d'Effectivos, apresentando-se nella os fasciculos agora enviados pelo Sñr. Dr. Alemão, e outro que antecedentemente mandou; e o Juizo Critico do Sñr. Ottoni.

4.° Uma carta do Sñr. Tadeo Larragueta, datada de Ronda na Andaluzia, pedindo ao Secretario lhe communicasse o juizo da Academia relativo a uma Memoria que elle lhe tinha offerecido sobre a questão das quantidades imaginarias, proposta em um dos Programmas da Academia. Participou o Secretario que já lhe respondêra.

COMMUNICAÇÕES.

Leo o Sñr. Bonnet um artigo do *National* de Pariz de 19 de Fevereiro ultimo, noticiando que o Coronel Russo Kavelaski, encarregado de explorações mineralogicas no interior da Africa pelo seu governo, e que dirigio por muito tempo a lavra de vastas minas na Siberia, encontrára na margem direita do Somat, a um dia de caminho de Gasserh, muitas collinas grandes de arêas auriferas; e fazendo lavar as arêas resultou desta operação a prova de conterem muito mais ouro do que as da Siberia. Levando mais longe as suas indagações, exa-

minou o Coronel Kaveluski as margens do Ramla, do Dys, do Gucka, do Benisch-Angol, e do Gamanil; descobrio tambem nellas maior ou menor extensão de arêa aurifera; e propunha-se a mandar vir da Russia operarios proprios para emprehender trabalhos em grande, com o fim de aproveitar o ouro.

O Snr. Bonnet fez varias reflexões sobre a probabilidade de encerrarem iguaes thesouros as Provincias Portuguezas da Africa Occidental e Oriental, e sobre as vantagens que o Governo tiraria de mandar explora-las, para os descobrir.

Apresentando o Secretario perpetuo os Relatorios do que se passou nas Sessões da Academia das Sciencias de Pariz (*Comptes rendus des Séances de l'Académie des Sciences*) notou que, no N.° 26 (26 de Dezembro de 1848) vinhão umas observações de Mr. Cardan sobre a vegetação da nogueira commum (*Juglans regia*), que offerece phenomenos mui curiosos, de que apontaria unicamente o que julgava mais singular. Diz Mr. Cardan — « Enxertando n'um ramo superior da especie de noguei- « ra que rebenta em Junho, outra especie que chama « Lalande, e que rebenta em Maio, no fim de seis a « oito annos o ramo proveniente do enxerto Lalande re- « bentará em Maio, como os da sua especie, e os ra- « mos do cavallo rebentarão um mez depois. ¿Como é « que no tronco ha seiva para o ramo parasita, quando « não a ha ainda para os outros ramos? Como é que, « estando o ramo enxertado por cima dos outros ramos, « a seiva sobe durante um mez inteiro desd'as raizes até « ao ramo parasita, e não deixa nos ramos inferiores « porção nenhuma que possa fazer rebentar um pimpo- « lho? Se o ramo parasita fosse o inferior, poderia jul- « gar-se que, estando mais em baixo, faria alli parar

« primeiro a seiva; porêm não he este o caso, ainda « que seja o mais alto de todos, sempre rebentará um « mez antes dos outros. » O Secretario perpetuo acrescentou — O que acabo de referir me confirma na opinião de que as causas phisiologicas dos effeitos das enxertias nas plantas não são ainda bem conhecidas, e parece-me ser um assumpto digno de se propor para premio.

Depois de fazerem alguns Socios breves reflexões sobre este objecto, continuou o Secretario perpetuo chamando a attenção da Assembléa sobre o annuncio de uma Nota dirigida á Academia das Sciencias de Pariz por Mr. Delcros, relativa á cholera, doença que julga occasionada por animalusculos que volteão no ar, e nos quaes vê tambem a causa da molestia a que são sujeitas as batatas (1), e lembrou que esta idêa não era nova, mas que tinha sido abandonada.

Que tem sido opinião já produzida depender a cholera de um estado particular da atmosphera (2), o que elle tambem suppunha. Que bem sabia que a analyse do ar atmospherico, e mesmo do das enfermarias dos cholericos, nada mais tinha mostrado afora os elementos conhecidos de que se compõe o ar, mas que isto só provava a insufficiencia da analyse, isto é, que a Chymica não tem meios para chegar a conhecer os contentos que,

---

(1) Comptes rendus hebdomadaires des séances de l'Académie des Sciences de Paris, N. 3, 15 de Janeiro de 1849.

(2) Que le choléra se développe, come une epidémie; qu' il dépend d'un état particulier de l'atmosphère, sans le quel il ne se développe point, et qui cesse dès que cet état de l'atmosphère n'a plus lieu. *Notices sur le Choléra en Russie, publiées par le Ministère de l'intérieur, redigées par le Dr. Markus, Président du Conseil de Médécine.* St. Petersbourg 1847, petit in 4., p. 158.

normal ou occasionalmente, existem no ar; alguns dos quaes são, até agora, imponderaveis, mas cujos effeitos se sentem.

Que, se a cholera existia na atmosphera, não achava impossivel que fosse produzida por animalsculos disseminados por ella; e não podendo duvidar-se de que a saliva, o muco, a ourina, o vinagre, e muitos outros liquidos, e até a agua mais pura, abundão em mui variadas especies de animaes microscopicos imperceptiveis á vista, não era d'estranhar que houvesse accidentalmente na atmosphera copia de animalusculos de semelhante natureza; que sendo, por qualquer motivo, venenosos, inspirados continuamente, possão causar molestias, e molestias gravissimas; e sendo a consistencia destes animaes tenuissima, os elementos da sua composição escapão á analyse, ainda com maior razão do que muitas outras materias organicas.

Que em quanto á molestia das batatas, não se estando até agora de acordo sobre a sua origem, tambem se inclinava a que residisse na atmosphera, podendo consequentemente ser produzida, como a cholera, por animalusculos, espalhados na mesma atmosphera, sem com tudo negar que outras causas, e insectos de outra natureza, damnifiquem as batatas, como a *Sphinx atropos*, uma variedade da qual foi remettida á Academia pelo Snr. Antonio Germano Barreto de Pina, da Rebaldeira, com a nota do estrago causado por ella nas batatas, e com a amostra do solano atacado pelo insecto, sendo já conhecida, ha muito, a doença das batatas motivada pela *Sphinx atropos*; porêm não pela variedade que appareceo na Rebaldeira, sobre o que fez a Academia proceder a ulteriores observações.

Que muito concorria para acreditar que a molestia das batatas procedia da atmosphera a persuasão em que

estava de que a doença das larangeiras tinha a mesma origem, fundando-se nos motivos seguintes.

Quando se arrancão as larangeiras acommettidas do mal, achão-se as suas raizes podres e distillando um liquido summamente fétido, e nem se encontra vestigio algum de bicho que prejudicasse as raizes, nem a terra por onde ellas se espalhão differe em cousa alguma de todo o outro terreno adjacente; o que suscita a idêa de não provir a doença das larangeiras originariamente das raizes, nem da terra em que se desenvolvem; e tanto é isto assim que as novas arvores, plantadas no mesmo sitio de que se arrancárão as que morrêrão, prosperão bem. Daqui parece colligir-se que o mal se communica ás arvores pelas folhas.

As folhas são, como todos sabem, os orgãos principaes da nutrição das plantas. Nas plantas lenhosas, a parte inferior das folhas absorve os fluidos reduzidos a vapor, e os gazes diffundidos pela atmosphera precisos para a vegetação; e pela parte superior se expellem os fluidos inuteis e nella estão os orgãos da transpiração; e que o parenchymio segrega do ar o carbone necessario para a nutrição.

Ora se a atmosphera contiver substancias deleterias, por uma parte os vasos absorventes das folhas levarão á planta, pelos canaes da seiva descendente, em lugar de alimento, um principio morboso; e por outra parte, destruido pouco a pouco o parenchymio, e o tecido cellular, como se mostra das folhas das larangeiras nas diversas fases da sua molestia, não se absorve o carbone, estragão-se os orgãos da respiração, os succos ou inuteis ou nocivos á nutrição das plantas, não se expellem; e por consequencia refluem para as raizes, donde se segue a gangrena, a que acompanha o liquido de cheiro infecto, e a morte da planta. Porêm que, não obstante

estas considerações, tudo o que tinha ponderado, relativamente á molestia das larangeiras, era uma hypothese, que admittia, mas que um estudo mais profundo da materia, tendo por base experiencias bem dirigidas, poderia confirmar ou desvanecer.

E concluio dizendo:

Não é de admirar que a doença das batatas e das larangeiras provenha da atmosphera, quando factos que se repetem, para assim dizer, todos os dias diante dos nossos olhos, provão com que rapidez as influencias atmosphericas fazem padecer, e até morrer as plantas. Frequentemente uma ou muitas arvores, seguindo uma direcção determinada, seccão ou ficão como crestadas, estando intactas as que lhes são contiguas. Os lavradores explicão este phenomeno attribuindo-o a uma corda de ar máo que passou pelas plantas, e assim é. O vento traz, do sitio onde elle existe, uma corrente d'ar viciado que produz aquelles effeitos, que ás vezes só se apresentão d'um lado da arvore, ficando o resto livre, porque a corrente do ar só alcançou, na sua passagem, aquella porção da arvore. E observei, mais d'uma vez, nos olivaes, uma zona de oliveiras, mais ou menos larga, seguindo a mesma direcção, sem produzir uma só azeitona, estando carregadas dellas as oliveiras no meio das quaes se achava a zona improductiva, sendo aliàs identicas as condições do terreno.

Estas reflexões provocárão uma discussão em que tomárão parte os Snr.es Franzini, Bonnet e outros; e por ser já tarde não leo o Secretario perpetuo uma Memoria que trazia.

DONATIVOS.

Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias, de que é Redactor o Sñr. José Tedeschi. — 1.ª serie, 2.° anno, Março de 1849. — 4.° um Numero. — Offerecido pelo Sñr. Tedeschi.

Descripção das duas Plantas — *Silvia dos Arsenaes*, e *Mirocarpo fastigiato*. Duas folhas com uma estampa cada uma, offerecidas pelo Sñr. Francisco Freire Alemão. É continuação das — *Novas Plantas do Brasil* — que vai publicando no Rio de Janeiro.

Comptes rendus hebdomadaires de l'Académie des Sciences (*Instituto Nacional de França*). N.° 26. do Tomo 27.

Idem — N.os 1, 2, e 3 do Tomo 28. — 4.° grande, 4 Numeros.

Verhandelingen der eerste Klasse van het Koninklijk — Nederlandsche Instituut. — *Memorias do Instituto dos Paizes Baixos* — 3.ª serie, Tomo 1.°, Parte 1.ª — Amsterdam. 1848. — 4.° 1 vol.

Tijdschrift voor de Wis-en Natuurkundige Wetenschappen. — *Jornal das Sciencias Philosophicas e Naturaes, publicado pela* 1.ª *Classe do Instituto Real dos Paizes Baixos.* — 1.° Tomo, 4.ª Parte. — 2.° Tomo, 1.ª e 2.ª Parte.

Programma certaminis Poetici, ab Instituto Regio Belgico Propositi Anno 1848.

ASSEMBLEA D'EFFECTIVOS DE 21 DE MARÇO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.s Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Recreio, Antonio Lopes da Costa e Almeida, Fortunato José Barreiros, Marino Miguel Franzini, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos.

O Sñr. Vice Secretario, Francisco Elias Rodrigues da Silveira, participou que não podia assistir á Sessão, por incommodo de saude, e fez as suas vezes o Sñr. Francisco Ignacio dos Santos Cruz.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario uma Portaria, expedida pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, em 16 do corrente, participando á Academia que S. M. deferindo á Consulta que a Academia levou á sua Augusta Presença, em 22 de Fevereiro ultimo, tinha dispensado o Bacharel Francisco Thomaz da Silveira Franco, Vogal Fiscal do Conselho de Saude, daquelle serviço por tempo

de seis mezes, a fim de se applicar, quanto lhe permittem as suas poucas forças physicas, á classificação do Museu Nacional, a cargo da Academia.

Tendo a Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino remettido á Academia os Estatutos das Sociedades agricolas de Portalegre, Santarem, Viseu e Evora, para dar sobre elles o seu parecer, incumbio a Academia o exame destes estatutos á Classe de Sciencias Naturaes, que nomeou para esse fim uma Commissão, composta dos Sñr.s Agostinho Albano da Silveira Pinto, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, e Francisco Ignacio dos Santos Cruz. O Sñr. Agostinho Albano, Relator da Commissão, leo o resultado dos trabalhos por ella feitos, já approvado pela Classe, e que tambem o foi pela Academia, determinando-se que se enviasse ao Ministerio competente.

Tratando-se do modo por que se havião de publicar nas Actas as observações meteorologicas do Sñr. Franzini, resolveo-se, adoptando a opinião do Sñr. Francisco Pedro Celestino Soares: Que as observações dos mezes correntes, desd'o principio do anno, se imprimissem nas Actas de cada mez, e as dos vinte e seis annos anteriores se publicassem nas Memorias da Academia, formando um só corpo.

Sendo mais de nove horas e meia da noite não pôde a Assembléa occupar-se do objecto de que trata a carta do Sñr. Vandelli, lida na Sessão de 14 de Março, e que tinha ficado reservado para se discutir nesta Sessão.

SESSÃO LITTERARIA DE 28 DE MARÇO.

Presidio o Sñr. José Cordeiro Feio.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, José Liberato Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Recreio, Antonio Lopes da Costa e Almeida, Fortunato José Barreiros, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; Carlos Bonnet e Joaquim das Neves Franco, Socios Correspondentes.

O Sñr. Duque de Palmella, Vice Presidente, participou que não lhe era possivel assistir á Sessão.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario

1.° Uma Portaria, expedida pelo Ministerio do Reino, em 23 do corrente, remettendo os Estatutos da Sociedade Agricola de Faro, para sobre elles emittir a

Academia o seu parecer. Forão os Estatutos entregues ao Sñr. Director da Classe das Sciencias Naturaes, para a Classe dar a sua opinião.

2.° Parte de duas cartas que lhe escreveo de Munich o Sñr. Marquez de Resende, participando-lhe ter alcançado licença de S. M. ElRei de Baviera para se copiarem quatro Mappas Mss. da Europa, Africa, Asia e America, que existião no Ministerio da Guerra, feitos em 1511 pelo Hespanhol Fenisilla, natural de Maiorca. Diz o Sñr. Marquez que nestes Mappas vem marcados os descobrimentos feitos pelas diversas Nações Europeas, acompanhados de inscripções latinas, em que se indicão as datas dos mesmos descobrimentos, e suas mais notaveis circunstancias, e pergunta se a Academia quer que se mandem copiar. Assentou-se que se lhe respondesse que o valor dos Mappas só podia conhecer-se devidamente confrontando as inscripções que nelles se lem com o que se encontra nos escriptores que tratárão dos descobrimentos, para ver se nos dão algumas noticias que nelles faltem; e por isso se rogava a S. Ex.ª quizesse ter a bondade de mandar copiar as inscripções, em tudo o que pertencesse á costa d'Africa, alem do Estreito de Gibraltar, ás costas da Asia, e ás Ilhas do Oceano, descobertas pelos Portuguezes, para, á vista dellas, se deliberar se convinha mandar-se tirar o *fac simile* dos referidos Mappas.

3.° Uma carta do Sñr. Visconde de Santarem, offerecendo á Academia um exemplar do seu — Ensaio sobre a Historia da Cosmographia, e da Cartographia na idade media. —

4.° Um officio do Sñr. Directer do Thesouro Publico, Domingos Antonio Barbosa Torres, agradecendo o exemplar do Roteiro do Sñr. Antonio Lopes da Costa e Almeida, que se lhe mandou.

5.º Uma carta do Snr. Antonio Caetano Pereira, offerecendo uma collecção de Cartas Arabes, para servirem de continuação aos Documentos Arabicos, publicados pela Academia. Esta collecção comprehende as relações entre as Cortes de Portugal e Marrocos, desd'o Reinado da Senhora D. Maria I até agora, é escripta em Arabe, com a traducção Portuguèza em frente, e divide-se em tres series.

A 1.ª consta das cartas que são dirigidas ao Governo Portuguez.

A 2.ª contem as que tratão de negocios communs a differentes cortes.

E na 3.ª juntão-se as que, pela diversidade de assumptos sobre que versão, não podem formar systemas separados.

O Snr. Antonio Caetano Pereira remetteo, como especimen da sua collecção, sete cartas em Arabe e Portuguez, de que se leó a primeira, dirigida pelo Imperador de Marrocos Muley Sulaiman á Senhora D. Maria I.

Diz a carta:

« Em nome de Deos Clemente, e Misericordioso. Não ha força, nem poder, senão em Deos Excelso, e Magnifico.

« Do servo do seu senhor, em quem está confiado, e a quem encommenda os seus negocios Muley Sulaiman, Imperador dos Crentes, filho de Mahamede Ben Abdallah, Ben Esmail: A' Muito Alta, e mais Respeitada dos Soberanos D. Maria Rainha de Portugal, dos Algarves, Brasil, e dos mais paizes dos seus Dominios. A paz seja sobre quem segue o caminho recto. Damos-vos parte, que alguns dias ha, nos chegou uma carta do Consul vosso servo Manoel de Pontes, dando-nos parte da sua chegada á vossa Presença, de se vos ter apresentado, e do sentimento, que concebeste por ter vindo sem carta

nossa, nem signal de palavras de consolação, como prescreve a amizade herdada de nossos antepassados, e harmonia estavel entre nós, e vós. Sabei, que isso não procedeo de falta das nossas rectas intenções, nem de falta de respeito á Vossa Pessoa, mas sim das muitas occupações, que nos tem cercado desde que elRei Muley Eliazid passou a outra vida, e por causa dos tumultos, que tem acontecido entre os povos deste paiz: e tambem por segurarmos o Reino dos nossos antepassados, que herdamos.

« Agora porêm deixamos tudo, distrahindo nossa attenção dos negocios, a que estamos obrigados em tempos taes, para vos escrevermos esta Carta, e segurarvos da pureza das nossas intenções para comvosco, e que a amizade, e o distincto lugar, de que gozaes junto de nós, não tem limite, cuja duração, e continuação não cortarão os progressos dos dias, e das noites, mas antes a augmentarão. E na verdade a nossa vontade é, que a amizade, e amor, que nos deixárão os nossos predecessores, continue, e não acabe, e por isso antepozemos esta nossa Carta a muitos dos negocios da maior importancia, para vos mostrarmos a nossa amizade, e observancia a respeito do que herdamos de nossos pais, pois permanecemos comvosco na paz, harmonia, e completa observancia do que se achava estabelecido com meu pai, e irmão, e ainda mais. Em fim ficai na intelligencia, que o meu pai é vosso, que os nossos portos estão abertos para as vossas embarcações, e que o nosso coração está patente para receber tudo quanto vos pertence. Conservai-vos com satisfação, e saude, e Deos vos dê uma paz completa. Foi escrita a 8 do mez de Safar do anno 1207 da Hegira. »

(Corresponde a 25 de Setembro de 1792.)

Forão todas as cartas entregues ao Sñr. Director da Classe de Sciencias Moraes e Bellas-Lettras.

MEMORIAS LIDAS.

Considerações ácerca do Projecto sobre a defensa do porto de Lisboa, publicado no Tomo 2.° *Parte* 1.ª *da* 2.ª *Serie das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.* Pelo Sñr. Fortunato José Barreiros.

No ultimo volume das Memorias desta Academia que viu a luz publica, deu o nosso Consocio, o Sñr. Conselheiro Francisco Pedro Celestino Soares, um projecto sobre a defensa do porto de Lisboa, que, segundo os seus calculos, exige a despeza de quatrocentos contos de réis para se poder levar a effeito. Consiste elle, como sabeis, na construcção de uma Torre, com uma bateria inferior casamatada, e outra superior descoberta, estabelecida a meio rio, entre a Torre de S. Vicente de Belem, e a Torre de S. Sebastião de Caparica, para que o fogo combinado destas com o daquella, e tres ordens de correntes de ferro, sustentadas por boias impermeaveis, e pelas quilhas de barcos ou cascos de navios velhos, collocadas a montante da nova Torre, não só possam suspender o andamento de qualquer Esquadra inimiga, mas tambem servir de escudo protector á Esquadra nacional, que em tal caso tomaria posição ao nascente das tres linhas de correntes de ferro, a fim de cooperar com o seu fogo para a mesma defensa. Os outros pormenores deste projecto, álem de serem por vós conhecidos, tornam-se

aqui desnecessarios para o meu fim, e por isso dispensar-me-hei de os mencionar.

É indubitavel que os meios lembrados pelo Sñr. Conselheiro Celestino, embora devam offerecer (com especialidade a construcção da Torre) grandissima difficuldade, e enorme despeza, para as circumstancias actuaes do Thesouro publico, tornariam summamente ardua a entrada de qualquer Esquadra inimiga no ancoradouro de Lisboa: esses meios seriam talvez o melhor complemento, que se poderia dar aos que ja tem de defensa o nosso porto; mas não se segue que, sem elles, seja impossivel esta defensa, como affirma o nosso Consocio no começo da sua Memoria, que passo a transcrever.

« Lisboa (diz o Sñr. Celestino) não se póde pôr a co« berto de um ataque maritimo vigoroso, com as forti« ficações que actualmente existem, tanto na foz, como « ao longo das duas margens do Téjo, até á Torre de « Belem e de S. Sebastião de Caparica. Por melhor que « estas margens se guarneçam, e se sirvam as baterias « nellas construidas, qualquer Esquadra (apesar de gros« sa avaria) póde vir situar-se defronte de Lisboa, e dar « a lei aos seus habitantes: é por tanto indispensavel « oppôr um obstaculo poderoso, que interrompa a passa« gem álem das Torres de Belem e de S. Sebastião; ob« staculo que o inimigo não possa destruir á custa dos « maiores sacrificios. »

Esta asserção do nosso Consocio, vê-se que foi feita ainda debaixo da viva impressão, que no seu coração patriotico, causou a entrada do Almirante Roussin no Téjo, em 11 de Julho de 1831, triumfando do grande numero de tiros, que, contra a sua Esquadra, dispararam todas as baterias das fortalezas da barra e das duas margens do rio; mas ha nella exageração, e não póde deixar de produzir grande desalento nos habitantes de Lis-

boa, que a viram confirmada ha tão poucos annos. Tranquilisar pois o animo destes habitantes, e mostrar que sem a projectada Torre, só com os meios que actualmente possuimos, podemos defender efficazmente o nosso porto, contra a aggressão mais vigorosa de qualquer Esquadra estrangeira, tal é o objecto que me proponho neste escripto, e que submetto á vossa benevola attenção.

Dividirei o meu assumpto em tres partes: na primeira explicarei as principaes causas, a que foi devida a inefficacia do fogo das nossas baterias, contra a Esquadra do Almirante Roussin; na segunda exporei as vantagens da nova arma, com a qual convem principalmente guarnecer as mesmas baterias, e na terceira farei as considerações que vierem a proposito, relativas á defensa do porto de Lisboa, e tendentes ao supra-indicado fim.

1.ª PARTE.

Quando o Almirante Roussin forçou a barra de Lisboa, em 1831, as baterias das fortalezas da foz do Téjo, e as que guarnecem as duas margens deste rio até Belem e Caparica, estavam armadas com peças, com obuzes e com morteiros.

As peças, ou seja disparando com bala fria, ou com bala vermelha, quando acertam os seus tiros no costado dos navios, e vão animadas de sufficiente velocidade, fazem ordinariamente nesse costado um rombo cylindrico, de diametro egual ao da bala, o qual somente se torna perigoso, existindo na proximidade da linha de fluctuação; porque a agoa poderia entrar por elle e innun-

dar o navio, não se lhe acudindo immediatamente, como está em uso, com tacos de madeira, convenientemente afeiçoados para tapar o rombo, que se levam ja promptos para esse effeito. O incendio do mesmo costado, promovido pelo contacto da bala vermelha com a madeira, quando aquella fica cravada nesta, nem sempre tem logar, como o próva a experiencia; porque para isso, é necessaria a existencia de uma corrente de ar, que com o seu oxigenio conserve o preciso gráo de temperatura da bala, e alimente a combustão da madeira; e quando com effeito existe essa corrente de ar, o incendio só se manifesta sensivelmente uma ou mais horas depois, isto é, passado mais tempo do que seria necessario, para transpôr com vento fresco a distancia da barra até ao ancoradouro de Lisboa. Vê-se pois, que os tiros de bala, disparados contra os navios, de per si só, quando não tornarem communicantes muitos rombos, feitos em logar perigoso, simultanea ou seguidamente (o que rarissimas vezes terá logar), ou não acertarem nos mastros, não produzirão nos mesmos navios avaria tão consideravel, que os impeça de continuarem a navegar; e por conseguinte, que os tiros desta especie, feitos pelas nossas baterias, na occasião a que acima alludimos, pouco podiam contrariar o seguimento da Esquadra Franceza, favorecida; como o foi, pelo vento mais propicio.

Os tiros de obuz seriam muito efficazes contra as embarcações inimigas, se nelles não houvesse grande incerteza, a ponto de que talvez nem um unico se empregasse. Esta incerteza nos obuzes curtos, unicos que tinhamos então, procedeu de dois motivos, um que lhes era particular, e o outro commum a todas as bocas de fogo: o primeiro motivo consiste em que o pequeno comprimento do obuz, aproximando entre si os pontos direc-

ctores da pontaria, torna muitissimo influente qualquer erro, que se commetta ao fazê-la, e que não póde deixar de haver muitas vezes, pertendendo disparar com celeridade contra alvos móveis; e o segundo tem origem na grandeza do vento do projectil, ou differença entre o diametro deste e o da alma do obuz, que era nesse tempo, e é ainda hoje entre nós, muito consideravel; de que resulta partir o mesmo projectil quasi sempre por uma direcção divergente da do eixo, que é a presupposta nas regras de pontaria. Mas quando, a despeito de taes causas, ou por uma casual compensação entre ellas, as granadas acertassem no costado dos navios, a pequena grossura que se-lhes dá, para se dividirem em grande numero de estilhaços, e a fragilidade do ferro coado, as quebraria no choque contra o mesmo costado, por pouco consideravel, que fosse a velocidade com que o percutissem, e por consequencia de nenhum effeito se tornariam então. As que caissem porêm, e rebentassem no convez dos navios, essas produziriam grande estrago na guarnição, e nos objectos que alcançassem; mas a indicada incerteza de taes tiros, preserva em grande parte contra similhante acontecimento.

O tiro dos morteiros, ja bastantemente incerto contra alvos fixos, pelos motivos que apontei, tratando dos obuzes, mas ainda muito mais do que o destes, não só pelo menor comprimento proporcional de alma que é forçoso dar-lhes, e pelo maior vento que tem os seus projecteis, como tambem pela imperfeição dos meios empregados na pontaria deste genero de bocas de fogo, de pouca efficacia poderia ser contra os navios, attenta a raridade de acertar nelles. Se não fôra porêm tal raridade, era este de certo o meio mais poderoso que conviria empregar; porque muitos factos, expendidos no Capitulo 23.º da obra de que brevemente falarei, mostram,

que basta o acerto de uma só bomba, para metter um navio a pique.

Ajuntando ás causas de desacerto dos tiros, que deixo apontadas, as que provêm da fórma irregular, que todos os projecteis, por mais perfeitos que tenham sido na sua origem, adquirem pela oxidação, estando expostos, como se usa entre nós, sem alguma pintura, á intemperie da atmosfera, assim como dos choques de uns con-[illegible] os outros, quando se empilham, transportam, etc, [illegible]hecer-se-ha a razão, porque havendo-se disparado tan-[illegible] poucos acertaram nos navios, e pequena avaria cau-[illegible] nelles.

[illegible]a pois explicado, segundo me parece, o motivo por que a Esquadra Franceza pôde arrostar impunemente, em 1831, o fogo das baterias, que defendem o porto de Lisboa, e vir fundear defronte da Cidade, dictando dalli a lei ao Governo de então; e seria para recear egual resultado de nova aggressão futura, dada a circumstancia favoravel de vento prospero, se aquellas baterias continuassem a estar armadas, unicamente com os citados generos de bocas de fogo, como provavelmente suppoz o nosso illustre Consocio.

2.ª PARTE.

Mas hoje de certo não succederia o mesmo. Possuimos ja ha annos grande numero de armas de uma nova especie, de tão terrivel effeito contra os navios, que nenhuma Esquadra, por mais temerario que fosse o seu Commandante, poderia arrostar os effeitos dellas, sem correr o maior risco; quero falar dos canhões-obuzes,

ou novos obuzes de costa e de marinha, a que os Francezes chamam tàmbem *canons-Paixhans*, do nome do General da Artilheria Franceza, que os inventou em 1817, e deu a conhecer ao publico em 1822, na importante obra a que ha pouco alludi, intitulada *Nouvelle force maritime*; porque foi sua primeira ideia, empregala a bordo dos navios Francezes, para pôr termo á preponderancia maritima da Inglaterra.

Estas novas armas, que são verdadeiramente uns obuzes compridos, com os quaes, ja talvez todas as Potencias maritimas tem armadas as suas baterias de costa, disparam a ricochete contra os navios, com granadas de grossura sufficiente, para que não sejam quebradas no choque, indo fixas a taco de páo, á maneira do que se usa na artilheria de campanha, e sendo lançadas com carga de polvora equivalente a um sexto do peso do projectil descarregado, a qual póde augmentar-se até um quinto do peso do mesmo projectil, havendo de atirar para grande distancia. São montados em reparos de peça de grosso calibre; e as granadas, alem da carga de polvora necessaria para as fazer rebentar, levam no seu vão interior, uma certa quantidade de *rocha de fogo*, ou côtos incendiarios, como vulgarmente lhe chamamos, para que espalhados, no acto da explosão do projectil, incendeiem todos os objectos combustiveis, que em tão grande copia ha sempre nos navios, e mais ainda na occasião de combate. Dá-se apenas ás granadas o vento que é indispensavel para o serviço, afim de tornar mais certos os tiros; de modo que, se o projectil se crava no costado de um navio, quando rebenta, faz-lhe um rombo tão grande e irregular, que não é possivel tapalo de prompto, e se este rombo fica proximo da linha de fluctuação, o navio corre imminentissimo risco de ir a pique; mas se em razão da sua maior velocidade, o pro-

jectil atravessa o mesmo costado, nesse caso vai rebentar dentro da embarcação, espalhando o incendio e a morte de roda de si.

O calibre de oito polegadas é o que está geralmente adoptado para a defensa de costa, por ser o maior de que, sem meios extraordinarios e morosos, se póde fazer uso neste serviço: ha porêm calibres maiores e menores, empregados hoje a bordo de quasi todos os navios de guerra estrangeiros, e em alguns dos nossos.

Os canhões-obuzes não se adoptaram, sem que a sua utilidade fosse verificada, por experiencias bem dirigidas e concludentes. Das que se fizeram em França, no anno de 1824, perante duas Commissões especiaes, apresentarei os seguintes resultados, traduzidos fielmente da circumstanciada noticia, que dellas dá o General Paixhans (então Tenente Coronel) na sua outra obra, intitulada *Expériences faites par la marine française sur une arme nouvelle*, que se acha impressa ha muitos annos; advertindo, que o canhão-obuz de 80, de que se fala nesta obra, e que foi o submettido ás experiencias, é o de oito polegadas, denominando-o o seu auctor de 80, por ser este o peso em libras Francezas, que teria o projectil se fosse macisso.

1.ª Série de experiencias, paginas 9.

« A principal duvida que havia versava sobre o alcance, « o qual resultou de tal grandeza, que não só os proje- « cteis ôcos, do peso de 55 libras (que eram as granadas « de 8 polegadas, pesando 58 arrateis e $\frac{2}{3}$) alcançaram « tanto como as balas dos maiores calibres, mas achou- « se tambem, que com a pequena carga de 10 libras « (10 arrateis e $\frac{2}{3}$) de polvora, uma bala macissa do pe- « so de 80 libras (85 arrateis e $\frac{1}{3}$) foi lançada á distan- « cia de 1930 toezas (1710 braças Portuguezas) facto « este na verdade extraordinario.

« Para julgar depois o effeito das granadas disparadas « deste modo, transportou-se a boca de fogo para um « pontão, que ficava 300 toezas (266 braças) distante « de uma náo de linha, na qual se haviam tomado as con« venientes precauções. Dispararam-se doze tiros do ca« nhão-obuz contra esta náo, e apesar da distancia, nem « um só errou o alvo.

« Os effeitos produzidos foram energicos: o primeiro « projectil despedaçou 150 pés quadrados (327 palmos « quadrados) de madeiramento, e espalhou um fumo in« supportavel; outro quebrou um avultado pedaço do « mastro grande, e arrojou diante de si uma peça de « ferragem do peso de 130 libras (138 arrateis e $\frac{2}{3}$); « outro deslocou uma curva do peso de dois quintaes « (213 arrateis e $\frac{1}{4}$) e derrubou depois com os seus es« tilhaços mais de quarenta simulacros de artilheiros; « outro fez um rombo irreparavel no costado da náo; etc. « Taes forão os effeitos do canhão-obuz de 80 (8 pole« gadas); ajuize-se quaes poderia produzir o do calibre « de 150 (10 polegadas)!

Paginas 11 — Diz a 1.ª Commissão:

« Esta arma é terrivel, sem offerecer mais difficuldades « do que as peças ordinarias. Será de incalculavel utili« dade nas baterias de costa, nas barcas canhoneiras, « nas baterias fluctuantes, e nos barcos a vapor.

Paginas 13 — 2.ª Série de experiencias.

« Novas experiencias a que se procedeu perante a 2.ª « Commissão, deram o mesmo resultado que as primei« ras, e não só o effeito das granadas de 80 (8 pole« gadas) foi, sem comparação alguma, superior ao das ba« las ôcas (lançadas por peças do calibre 36), mas mui« to álem da proporção que se podia prevêr.

Paginas 14 — Lê-se no processo verbal:

« A Commissão inspeccionou por si mesma o estrago pro-

«digioso que as granadas produziram...... Com taes «projecteis é indubitavel, que facilmente se poderia in- «cendiar um navio...... É tão terrivel o effeito del- «les, que bastaria que um ou dois rebentassem em uma «bateria, para comprometter a defensa do navio, con- «tra o qual se empregassem...... Produzem nas par- «tes principaes de madeira das embarcações um estrago «tal, que effectuando-se na linha de fluctuação, as ex- «poria a irem a pique.

«A náo, contra a qual se disparou, estava humida, «deshabitada e vasia; o que fará em um navio armado, «alcatroado, cheio de gente e de objectos! Tudo então «offerecerá alimento á explosão e ao fogo: a polvora, «circulando por toda a parte, tornará de um para ou- «tro momento imminente o incendio geral; o que effe- «ctivamente teria tido logar na referida náo, se proxi- «mo a ella não existissem todos os meios necessarios «para lhe acudir, sem embargo de haverem os tiros si- «do feitos com grandes intervallos, e de irem alguns «dos projecteis desprovidos de côtos incendiarios.

Paginas 16.

«A Commissão reconheceu unanimemente, que esta ar- «ma será de maravilhoso effeito nas baterias de costa, «e que nenhum navio, por maior que seja a sua força, «situado á distancia de 300 a 600 toezas (266 a 532 «braças) poderia sustentar-se contra uma tal bateria.»

3.ª PARTE.

Os resultados conteúdos nos excerptos que acabo de transcrever, juntos á plena approvação, que a Academia das Sciencias de Pariz deu a esta innovação, pela qual o seu auctor foi admittido ao gremio daquella Corporação distincta; a subsequente adopção, e emprego geral dos canhões-morteiros e dos canhões-obuzes, tanto para o armamento dos navios (o que torna hoje muito mais temiveis, e por isso menos frequentes as acções navaes) como tambem para a defensa de costa em todas, ou quasi todas as outras nações, deixa claramente vêr, que possuindo nós (como póde verificar, quem se dirigir aos depositos de bocas de fogo do Arsenal do Exercito, e do Forte de S. Paulo) grande numero destas armas, tão poderosas contra os navios, nada obsta a que armemos com ellas, as baterias que protegem o porto de Lisboa, bastando talvez dois ou tres canhões-obuzes em cada bateria, para defender efficazmente o mesmo porto, contra o ataque mais violento de qualquer Esquadra, que ousasse, como em 1831, forçar a nossa barra; sendo bem de crêr, que nenhum Chefe se resolveria a commetter então similhante acto de temeridade, ja pelo risco que correria, ja pela responsabilidade que tomaria sobre si, tendo toda a probabilidade de máo exito.

E com effeito, ou os navios entrassem pela barra do Norte, ou pela barra do Sul, necessariamente passariam a menos de 500 braças de distancia das Torres que defendem essas barras, e atirando-se contra elles a ricochete, de modo tal, que a maxima ordenada das cur-

vas successivas não excedesse a altura do casco dos mesmos navios, tendo attenção, no dirigir a pontaria, á velocidade com que elles caminhassem, como poderiam subtrair-se, ja não direi ao acerto de todos os projecteis, mas, pelo menos, ao da terça parte dos que contra elles se disparassem, a razão de um por boca de fogo em cada minuto? E se escapassem dos tiros daquellas Torres, lograriam egual fortuna, quando passassem defronte e ao alcance das outras baterias, com especialidade das do Bom Successo e de S. Sebastião de Caparica? É de presumir que não, principalmente se considerarmos o grande numero de bocas de fogo, que simultaneamente podem estar em acção nas mesmas baterias.

Se o emprego que fazemos de alguns dos supramencionados canhões-obuzes, abordo dos nossos navios de guerra, não nos deixasse disponiveis, para as baterias de costa, tantos, quantos conviesse ao seu armamento, assentariamos, na bateria do Bom Successo, os que temos do calibre de 150 (10 polegadas) e distribuindo os outros pelas demais baterias, ou pelas principaes dellas, substituiriamos os que faltassem, com as caronadas de calibre 58 (que podem ser consideradas como obuzes compridos), e com as peças dos calibres 42 Inglez, e 36 Portuguez, de que possuimos grande numero, disparando todas a ricochete, com granadas mais grossas do que as actuaes, que para esse effeito conviria fabricar de proposito; fabricação esta, que não levaria muito tempo, graças aos melhoramentos introduzidos hoje na officina das fundições do Arsenal do Exercito, e nas fabricas de ferro de particulares, que existem em Lisboa; não nos faltando metal para esses projecteis, porque ha no mesmo Arsenal muitas bocas de fogo incapazes, destinadas á refundição.

O effeito explosivo e incendiario dos projecteis ócos,

lançados pelas caronadas e pelas peças, em razão do menor diametro destes projecteis, e por conseguinte da menor quantidade de polvora e de côtos incendiarios, que podem receber no seu vão interior, é, e não póde deixar de ser, inferior ao das granadas de 8, e de 10 polegadas; mas não se segue por isso, que não baste esse effeito, para produzir, nos navios, accidentes tão funestos, como causariam os mais grossos projecteis. Os numerosos factos, descriptos pelo General Paixhans, na sua ja referida obra, *Nouvelle force maritime*, Capitulo 23.º, n.os 21, 29, 33, 34, 35, 41, 45, 49, 50, 53, 54, 57, 61, 62 e 63, o confirmam de um modo tão cathegorico, que o emprego destas ultimas bocas de fogo, lançando granadas do respectivo calibre, não poderia deixar de ser julgado sufficiente, para a efficaz defensa do nosso porto, quando mesmo não tivessemos, como effectivamente temos, para addiccionar-lhe, a poderosa cooperação dos canhões-obuzes de que acima falámos.

A' vista do expendido, o que é que nos falta pois, para organizar completamente a defensa do porto de Lisboa, contra uma aggressão vigorosa? Fabricar os projecteis ôcos, necessarios para o abastecimento das bocas de fogo, com que devem ser armadas as respectivas baterias, e proseguir na construcção dos reparos de costa de que carecem muitas dessas bocas de fogo, como ja se fez para a importante bateria dos Apostolos da Torre de S. Julião da Barra, visto que esses reparos tornam mais prompta a execução das pontarias, e permittem fazêlas por um mais vasto sector de tiro.

A despeza que demanda a preparação destes meios, álem de incomparavelmente menor, do que a exigida pelo projecto do nosso Consocio, para a nova Torre, e para as tres linhas de correntes de ferro, não póde ser, como esta, reputada extraordinaria; por quanto, ha ef-

fectivamente necessidade de fabricar projecteis ôcos, para substituir os que estão arruinados, e os que faltam ao conveniente fornecimento dos obuzes e morteiros, empregados no serviço de costa, e neste caso dar-se-hia apenas uma transferencia de despeza; a que requer a construcção dos novos reparos, essa tambem deveria fazer-se, porque assim o exige a natureza do serviço de costa, qualquer que seja a qualidade de bocas de fogo que nelle se empregue; e finalmente a de que carecem os parapeitos das baterias, para a conveniente applicação desses reparos, está em egualdade de circumstancias, e não é mais, do que a continuação do que ja foi principiado na referida Torre de S. Julião da Barra. Não descontinuar pois os trabalhos começados, destinando annualmente para elles uma quantia certa, adaptada ás circumstancias do Thesouro, e aproveitar o que temos, do modo que deixo indicado; tal me parece ser o unico expediente, hoje exequivel entre nós, e porventura o sufficiente para chegarmos, com o tempo, ao mesmo fim, que se propunha o Sñr. Conselheiro Celestino, talvez sem mais demora, e de certo sem a enorme despeza, que necessariamente daria a realisação do seu projecto, o qual constitue uma das obras hydraulicas mais difficeis que se poderiam intentar, sendo impossivel prevêr as sommas que custaria.

Não concluirei estas considerações sem ponderar, que afóra as baterias permanentes, destinadas para a defensa do porto de Lisboa até ás Torres de Belem e de S. Sebastião de Caparica, o Governo de Sua Magestade não deixaria por certo de mandar construir outras provisorias, tanto álem, como áquem das mesmas Torres, com especialidade na Trafaria, em S. José de Ribamar, no Largo do Convento de S. Jeronymo, no Caes de Belem (aonde os Francezes tivêram uma em 1807), na Jun-

queira, no Caes do Sodré, e na Praça do Commercio, as quaes, guarnecidas com os mesmos generos de bocas de fogo, e lançando a expressada especie de projecteis, combinando o seu fogo, particularmente as ultimas, com o dos Fortes de Almada e de Cacilhas, e com o dos navios armados da nossa Esquadra, facilmente conseguiriam metter a pique as poucas embarcações, que chegassem a entrar no ancoradouro de Lisboa.

Tenho concluido o meu assumpto, restando-me o pesar de não poder conformar-me com a opinião do nosso illustre collega, em cujo animo visivelmente ressumbra ainda a magoa de que, como bom Portuguez, o possuio a affronta sofrida pelo brio nacional no anno de 1831. Felizmente os progressos que a Artilheria tem feito desde aquelle tempo, e dos quaes nos podemos apropriar, do mesmo modo que o tem praticado as outras Potencias, desvanecendo quaesquer aprehensões que existam, dão-nos hoje a segurança, de que tal affronta não hade repetir-se; porque possuimos os meios materiaes necessarios para repellila, e temos bastante coragem, intelligencia, e decidida vontade, de manter a independencia e a honra desta bella patria, que á custa de muito precioso sangue nos legaram os nossos gloriosos antepassados.

MEMORIAS APRESENTADAS.

O Sũr. Francisco Pedro Celestino Soares apresentou, já reconsideradas, as suas *Breves reflexões á cerca das vantagens que se podem obter da tenalha em frente da cortina*, que tinha lido na Sessão de 28 de Fevereiro ultimo.

DONATIVOS.

Jornal da Sociedade Pharmaceutiça Lusitana. — N.os 13, 14 e 15 do Tomo 5. — 8.° 3 Numeros.

Essai sur l'Histoire de la Cosmographie et de la Cartographie, pendant le moyen-age, etc. Pelo Sñr. Visconde de Santarem. — Tomo 1.° — 8.° — Pariz 1849.

Comptes rendus hebdomadaires des séances de l'Académie des Sciences (Iustituto Nacional de França). — N.os 4, 5 e 6 do Tomo 28.° — 4.° grande 3 Numeros.

Mémoires de l'Académie Impériale des Sciences de Saint-Pétersbourg. — VIme série. — Sciences Mathématiques, Physiques et Naturelles — Tome huitième. — Seconde Partie. Sciences Naturelles. — Tome sixième — 1re et 2de Livraisons.

Idem. — Première Partie : Sciences Mathématiques et Physiques. — Tome quatrième. — 4me et 5me Livraisons.

Idem. — Tome cinquième. — 1re et 2me Livraisons.

Idem. — Sciences Politiques, Histoire, Philologie. — Tome septième. — 4me et 5me Livraisous.

Idem. — Idem. — 6me Livraison.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Março de 1849 na altura de 39 braças [86 metros] solre o nivel do Tejo.

Dias do Mez	Temp. Exter.		Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera
	Min.	Max.	9ª Man.	3ª Tarde			
1	42°	62	768,5	767,0		*^{1}NO--NO^{1}	Claro e nuvens — Coberto.
2	43	63	68,4	67,0		NE—NE·	Claro.
3	47	64	66,0	63.0		E—·NE	Claro.
4	48	66	64,6	64,1		NE—E·	Claro e nuvens.
5	48	66	66,6	65,7		*NE·—B	Claro.
6	47	70	67,6	65,7		* E —V·	Claro e nuvens pouco densas—Apparencia de trovoada remota.
7	48	71	65,2	62,4		NE—N	Claro — Sol ardente.
8	44	68	60,5	59,0		*V·—^{1}N	Id. Id.
9	44	68	58 5	55,8		*·V—^{2}N^{1}	Claro—Claro e vapores, tarde muito fria e ar secco.
10	49	58	56.0	55,5		^{1}N—^{1}N	Claro—frio e muito secco.
11	41	56	66.0	65,1		^{2}NE—NE	Claro — subida rapida do barometro.
12	38	56	68,4	66,0		^{1}NE—^{2}N	Claro, muito frio e secco.
13	43	67	64,4	63,0		^{2}N—^{2}N	Id. Sol ardente.
14	48	72	61,7	59,5		·^{1}N—N	Id. Id.
15	50	72	60,2	60,9		NE·—N	Id. Id.
16	48	71	63,3	63,5		*B—NO.	Id.—atmosphera vaporosa.—Id.
17	43	67	65,5	64,7		*B—SO	Nevoeiro matutino, e depois claro —frio e humido.

Dias do Mez	Temp. Exter. Min.	Temp. Exter. Max.	Barometro 9^h Man.	Barometro 3^h Tard.	Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera
18	48°	68	62,5	60,5	7	*S—SO	Começa a chuva ás 2^h da tarde.
19	48	61	61,0	60,0		*N^{1}O-^{1}NO^1	Claro e nuvens.
20	47	53	56,2	53,7	17	^{1}NO—N	Chuvas de fortes aguaceiros, muito frios.
21	47	67	55,7	53,8		^{1}NE—N	Coberto e clarões. Claro e nuvens.
22	50	69	50,0	47,1	7	^{1}NE—V^0	Claro e nuvens.—Chuva de tarde.
23	52	62	47,8	48,3		*O—^{1}SO^0	Coberto e clarões—Claro e nuvens.
24	46	66	50,2	50,0		*^{0}NE—V^0	Nevoeiro matutino. — Coberto.
25	47	64	49,2	48,3		*V^0—^{1}NO^2	Claro e nuvens.—Coberto e clarões, com chuvisco inapreciavel.
26	40	57	52,4	51,3		NE^2—N^2	Claro.—Muito frios os extremos do dia
27	40	58	53,5	52,2		*^{1}NO—^{2}O^3	Claro e nuvens.—Frio intenso.
28	46	54	45,0	45,0	5	^{1}O^3—^{1}O^2	Aguaceiros alternados, e ar muito secco e frio.
29	43	61	42,2	37,0	11	*V^0—^{3}SE^3	Id. de granizo.—Trovoada de tarde.
30	45	58	47,8	50,1	1	^{2}O^1—O^3	Claro e nuvens.—Aguaceiro brando de tarde.
31	50	59	50,2	50,0	13	^{2}SO—^{1}SO^0	Chuva abundante todo o dia.
Med.	45,8	63,6	758,5	757,2	61	NE--N--NO	Quente e secco até 17--Frio e chuvoso o resto do mez.

Advertencia. O signal * precedendo as iniciaes dos ventos indica a madrugada bonançosa. Os expoentes collocados sobre as iniciaes dos ventos para expressar a sua força, significão — · Vento apenas sensivel — ausencia de expoente, vento ligeiro — 1 fresco — 2 muito fresco — 3 fresquissimo — 4 impetuoso — r vento de refegas. — A chuva é avaliada em millimetros, correspondendo a cada um 3,514 canadas de agua por braça quadrada.

As observações de temperaturas são designadas pelo termometro de Fahrenheit, e representão as do ar livre. — O barometro de que se faz uso representa as alturas do mercurio em millimetros e seus decimaes do systema metrico.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE MARÇO DE 1849.

Temperaturas. Maxima a 14 e 15, 72° — Minima a 12, 38° — Temperatura media das madrugadas 45°,8 — Dita ás 2 h. da tarde 63°,6 — Dita media do mez 54°,2 — Var. med. diurna 17°,8 — Maxima dita, a 8, 14, 17 — de 24°.

Pressão atmospherica reduzidas as alturas do barometro á temperatura de 63°. — Maxima altura no 1.° do mez 768,7 mill. — Minima a 29 — 737,2 — Altura media 757,9 — Variação dos extremos 31°,5 m. — A descida do barometro, que começou na tarde do dia 7, e continuou no seguinte, annunciou a tempes-

tade do N. que soprou a 9 e 10, a qual pela sua violencia, e seccura, causou notavel prejuizo aos vegetaes, já extenuados pela falta de chuvas tão prolongada, resfriando subitamente a atmosphera 10 a 12°. — Igualmente na tarde de 20 começou a baixar notavelmente, continuando nos dias seguintes o mesmo movimento, apesar do predominio dos ventos do 1.° quadrante, e de se manter o ceo claro e o ar secco; resfriando novamente a temperatura de 10 a 12°, seguindo-se a 27 as beneficas chuvas, que continuárão até ao fim do mez.

Ventos dominantes, contados em meios dias, e suas forças — N,15 (1,0) — NO,8 (0,9) — O,7 (1,0) SO,6, (0,7) — S,1, (0,2) — NE,14, (0,6) — E,3 (0,2) — SE,1 (1,6) — Variaveis ou bonanças 7 — Direcção media do vento dominante N,8°O (0,8) — Madrugadas bonançosas 14 — Meios dias ventosos 16 — Tempestades do N a 9 e 10 — Dita do SE a O, a 28 e 29.

Advertencia. — Os algarismos que seguem as letras iniciaes dos ventos denotão o numero de meios dias em que soprárão, e os que se lhes seguem, fechados em colchetes, denotão a sua velocidade, representando a unidade (1,0) a velocidade de 12 milhas por hora, que corresponde ao vento fresco. — O vento apenas sensivel é representado por (0.2), cujo expoente no Diario é o ponto. — O vento ligeiro, que no Diario se acha destituido de expoente, e tem a velocidade de 4 milhas por hora, é aqui representado por (0,3), e assim dos outros, devendo notar-se, que os expoentes de convenção usados no Diario, não são identicos aos que expressão aqui as velocidades, o que mais circunstanciadamente se explicará na exposição que publicaremos no proximo numero deste Jornal.

Estado da atmosphera. Meios dias claros 26 — Cla-

ros e nuvens 14 — Cobertos 4 — Cobertos e clarões 4 — Dias em que choveo 7, que produzírão 61 millimetros ou 1,27 da chuva normal deste mez, o que equivale a mais de uma quarta parte. — Nevoeiros 2 — Trovoada a 29 — Dias de frio notavel 9.

Aspecto dos campos e outros phenomenos. A secca que predominou desde 5 de Janeiro até 17 deste mez, tinha dessecado todas as plantas, principalmente as leguminosas e os cereaes, quando felizmente apparecêrão as apetecidas chuvas, as quáes repentinamente fizerão resurgir, como por encanto, as amortecidas searas, continuando a sua benefica influencia a regenerar a vida vegetal que se manifesta por toda a parte, e que mais alguns dias de continuação do flagello teria feito perecer totalmente; frustrando-se assim as esperanças de alguns especuladores egoístas, que já contavão com a total fallencia da futura colheita. O preço do pão subio em Lisboa mais 5 réis por arratel, o que para os moradores da cidade augmenta a sua despesa diaria, neste indispensavel alimento, para mais de *um conto de réis;* porêm, desvanecidos aquelles receios, o pão baixou ao antigo preço. — Os arvoredos offerecem a melhor apparencia, promettendo abundantes fructos, e parece não se terem resentido da insolita seccura, acontecendo o mesmo ás vinhas, que tambem annuncião copiosa fructificação.

Cumpre notar-se que não tendo fornecido os quatro mezes do corrente inverno mais de 175 millimetros de chuva, ou pouco mais de metade da agoa normal, necessariamente deverão resentir-se no proximo estio todos os mananciaes de aguas naturaes, as quaes deverão escacear, não sendo provavel que os dois mezes da primavera possão compensar tão avultado deficit.

Os frios intensos, que apparecêrão a 10, 11, e 12 deste mez, fizerão gelar a agua em alguns sitios da cêr-

ca da Pena, na serra de Cintra; e em Loulé, no Algarve, cahírão fortes geadas n'aquellas tres noites, que causárão notaveis prejuizos aos gomos das figueiras, apparecendo ao mesmo tempo cobertas de neve as duas summidades da serra de Monchique, Foya, e Picota, o que raramente acontece, e muito menos quasi ao terminar do inverno.

Necrologia dos seis districtos de Lisboa. — Forão sepultados nos tres cemeterios da cidade, do sexo masculino 225 cadaveres maiores, e 166 menores; total 391. — Do sexo feminino 192 maiores, e 136 menores, total 328; total geral 719, em cujo numero se comprehendem 359 que fallecêrão nos hospitaes e outros estabelecimentos publicos, do que se infere que o presente mez foi assás funesto á conservação da vida, excedendo a mortalidade normal, deduzida das antecedentes observações, em 160 individuos, principalmente menores, ou mais de um quarto da mortalidade regular. Em nossos registos só encontramos um caso similhante, acontecido em Março de 1844, no qual a mortalidade igualou a do presente, e que, na falta de noticias positivas, que designem as qualidades das enfermidades dos finados, deveremos attribuir, em grande parte, ás fataes consequencias das bexigas, febres, e apoplexias, que tem predominado em consequencia da irregularidade e fortes saltos de temperatura, que já indicámos.

M. M. Franzini.

ACTAS

DAS

SESSÕES

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA.

1849. — N.º II.

ASSEMBLEA EXTRAORDINARIA D'EFFECTIVOS DE 2 D'ABRIL.

Presidio o Sñr. José Cordeiro Feio.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.s Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, José Liberato Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Doutor Filippe Folque, Antonio Lopes da Costa e Almeida, Fortunato Jo-

sé Barreiros, Francisco Recreio, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario

1.° Uma Portaria, expedida pelo Ministerio do Reino em 26 do corrente, mandando que a Academia consultasse com urgencia qual foi o seguimento que teve o convite que a Sociedade Real de Londres lhe endereçou para concorrer com o mundo scientifico a observar e medir as manifestações do Magnetismo terrestre.

2.° Outra Portaria, expedida pelo referido Ministerio, na mesma data, ordenando que a Academia consultasse, com urgencia, o que constasse, sobre os melhoramentos que tem tido o Museu, Jardim Botanico e Livraria ora a seu cargo; e isto para satisfazer á requisição feita na Sessão da Camara dos Deputados de 21 de Março.

Apresentou o Secretario a resposta a estas duas Portarias, que foi approvada. As respostas da Academia serão publicadas depois de terem sido presentes á Camara dos Snr.ˢ Deputados. Assentou-se que se fizesse no Diario do Governo o seguinte annuncio:

Constando á Academia Real das Sciencias de Lisboa que alguem se queixára de não se facilitarem aos leito-

res os Livros da sua Livraria, mas tão sómente os da Livraria do extincto Convento de Jesus, declara que tanto a Livraria de Jesus, como a da Academia fórmão um só corpo, sem nenhuma distincção, e que estão sempre patentes ao Publico, nas horas e dias para isso destinados.

SESSÃO LITTERARIA DE 25 DE ABRIL.

Presidio o Sñr. Duque de Palmella, Vice-Presidente.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.^s^ Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, José Liberato Freire de Carvalho, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, José Cordeiro Feio, Antonio Lopes da Costa e Almeida, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Francisco Recreio, Fortunato José Barreiros, Marino Miguel Franzini, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; Antonio Maria da Costa e Sá, Socio Livre; Carlos Bomet e Joaquim das Neves Franco, Socios Correspondentes.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario

Um Decreto de 12 do corrente, dirigido á Academia, ordenando que no dia do feliz successo de Sua Magestade, nos dous dias immediatos, e no dia do baptis-

mo, haja as demonstrações festivas que em casos taes costumão praticar-se.

COMMUNICAÇÕES.

Deo parte o Secretario de ter fallecido no dia 21 do corrente o Sñr. Joaquim da Rocha Mazarem, Socio Correspondente da Academia.

O Sñr. Antonio Caetano Pereira offereceo á Academia, por mão do Sñr. Francisco Freire de Carvalho, o 2.º vol. da sua obra Mss. que tem por titulo — *Arabicorum Scriptorum Selecta Opera* — cujo 1.º vol., que se acha na Imprensa Nacional para se imprimir, offerece igualmente á Academia. Assentou-se que se procurasse haver da Imprensa Nacional o referido 1.º vol., e foi entregue o 2.º ao Sñr. Director da Classe de Sciencias Moraes e Bellas Lettras, para o fazer examinar.

O Sñr. Bonnet leo a Portaria abaixo transcripta que se lhe expedio pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, para dar principio á sua exploração Geologica.

PORTARIA.

Sua Magestade a Rainha, Manda, pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, declarar ao Engenheiro Civil Carlos Bonnet, em additamento á Portaria deste Ministerio de 21 de Dezembro ultimo, que, em conformidade das condições seguintes, he que elle deve

desempenhar a commissão, a que a sobredita Portaria se refere:

Fazer a descripção geologica dos terrenos, dos materiaes uteis para construcção, das camadas para combustiveis, das minas metallicas, e das nascentes mineraes, acompanhada d'uma Carta geologica do paiz, com os córtes e perfis necessarios para conhecer a estratificação das montanhas.

Preparar collecções geologicas e mineralogicas, que remetterá para o Museu da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Fazer a maior somma de nivelamentos barometricos que lhe for possivel.

Rectificar as faltas d'exacção que possão notar-se na Carta Geografica do Reino, ordenada pelo Conselheiro Marino Miguel Franzini; corrigindo a direcção das montanhas, e das pequenas ribeiras, e indicando as suas nascentes.

Colligir os objectos entomologicos e conchiologicos, que poder adquirir, sem que todavia se distraia do fim principal de sua commissão.

Mandar successivamente para a referida Academia todas as collecções que fizer; e no fim de cada tres mezes, ao mais tardar, vir a Lisboa para se classificarem e ordenarem os objectos colligidos, e se depositarem no Museu. E corresponder-se regularmente com a mesma Academia, a qual lhe dará as instrucções convenientes para cabal desempenho dos trabalhos de que se trata.

Manda outro sim Sua Magestade significar ao mencionado Carlos Bonnet, que logo que esteja convertido em Lei o projecto de Decreto que para este effeito vai ser apresentado ao Corpo Legislativo, se expedirão as competentes ordens sobre a abonação do seu vencimento mensal, e das despezas de viagem e transportes de col-

lecções; assim como sobre as praças ou individuos que hão de acompanha-lo, e auxilio que devão prestar-lhe as Autoridades Civis e Militares. Paço das Necessidades em 31 de Janeiro de 1849. == Duque de Saldanha. ==

Communicou depois o Sñr. Bonnet o itinerario da sua primeira digressão, que he o seguinte.

Mappa do Itinerario que ha de seguir na primeira viagem a Commissão Geologica.

Setubal	*Cercal*
Comporta	*Villa Nova de Mil Fontes*
Horta do Porto	*Odemira*
Grandola	Odesseixas
Melides	*Monchique*
S. Thiago de Cacem	Santa Clara Velha
Bairros	« Nova
Ferreira	*Ourique*
Aljustrel	*Almodovar*
Castro Verde	Minguado
Ourique	*Alcoutim*
Garvão	*Mertola* } Raia de Hespanha
Os collos	Santa Iria } Raia de Hespanha
Alvalade	*Serpa* } Raia de Hespanha
S. Domingos	*Beja*
Sines	Pomares

Moura } Raia de Hespanha
Mourão
Monsarás
Monte do Trigo
Evora
Corval
Portel
Vidigueira

Beja
V.ª N.ª da Baronia
Porto de Rei
Alcacer do Sal
Setubal

N.B. É nas localidades acima mencionadas que a Commissão se ha de demorar.

Não vão aqui citadas todas as aldêas e povoações por onde ella deve passar.

Apresentou o Sñr. Mattheus Valente do Couto Diniz, para serem impressas, as Ephemerides Nauticas para o anno de 1851.

O Sñr. João da Cunha Neves e Carvalho Portugal leo uma

Proposta para a impressão do antigo Cancioneiro do extincto Collegio dos Nobres.

Senhores. Eu tinha escripto n'outro lugar (1) = que o Cancioneiro do Collegio dos Nobres fôra um achado precioso, porque nos punha a par dos conhecimentos philologicos e linguisticos das demais Nações, que assim como nós abraçárão a Lingua Romana: = que o Poeta ou Trovador Portuguez, Autor da sobredita collecção, ou ao menos da maior e mais principal parte della, com bom fundamento se podia suppor do tempo de

(1) No Panorama vol. 3.º Serie 2.ª pag. 278.

ElRei D. Sancho I de Portugal: mostrei pela comparação d'algumas das Trovas do Cancioneiro com outras pouco mais ou menos da mesma idade, Limosinas, Catalãas, ou Aragonezas, Valencianas, e Gallegas, que a Arte de Trovar á maneira dos Provençaes entrou no nosso paiz tão depressa como nas Regiões em que primeiro se praticou este genero de Litteratura, e mais cedo do que em todas as demais provincias de Hespanha, exceptuando as supra nomeadas.

Este thesouro, que podemos considerar como o primeiro cimento solido e seguro da Historia Litteraria nacional, esteve occulto ao commum da gente Portugueza, e della geralmente ignorado por espaço de muitos seculos: descobrio-se na nossa idade na Bibliotheca do antigo Real Collegio dos Nobres; manuscripto mutilado no seu começo, porque principia na decima-nona pagina de numeração; circunstancia que junta á difficuldade de decifrar, e dar sentido a uma fórma d'escriptura, quasi inteiramente desconhecida, fez com que, ninguem, mesmo daquelles que possuião tão curioso, como interessante documento, se occupassem jámais delle, como merecia. Os laboriosos Academicos da Academia da Historia Portugueza, que conseguirão com apoio Soberano do magnifico Rei D. João V, desenterrar tanto cabedal de riqueza historica, ou ignorárão, ou menosprezárão as Trovas do Cancioneiro, onde de certo se encerrão alem do merecimento puramente Litterario, factos ou importantes ou ao menos curiosos da Historia peninsular contemporanea do 12.º e 13.º seculos, de que tão pouco sabemos. A' nossa Academia estava reservado senão o descobrimento deste singular manuscripto, a gloria sem duvida de dar-lhe valor e estimação condigna. No Discurso Academico que vem no Tom. 4.º P. 2.ª da Historia e Memorias da Academia achámos que já em 1815 =

« incumbira esta á Commissão da Lingua Portugueza, « creada no seu seio, a reimpressão do Cancioneiro « de Rezende, *enserindo nos Lugares competentes as « Poesias de outro mais antigo que existia manuscri- « pto na Livraria do Real Collegio dos Nobres.* Que para « isso obtivera a Academia do Governo, então destes « Reinos, Aviso para que pozesse á disposição da Com- « missão referida este precioso documento. » = E na outra Sessão Publica em 1817 no Discurso e relatorio, costumado em taes actos, que vem á testa do volume 6.° P.ᵉ 1.ª da Historia e Mem. da Academia, disse o seu Secretario José Bonifacio d'Andrada: = « neste an- « no já colhemos novos frutos do seu louvavel disvelo « (falla da sobredita Commissão) possuindo acabadas as « copias do *Cancioneiro velho* que existia na Livraria « do Real Collegio dos Nobres, e de que já se vos deu « parte em outra Sessão Publica. » =

Dos balanços e vaivens que soffreo o vasto Estabelecimento da Acádemia, produzidos por contínuas mudanças de sua ubicação, e pelos apuros pecuniarios indispensaveis para seu costeamento, nascêrão duas fatalidades; uma a de não se levar ao cabo o utilissimo projecto da sua impressão, ao mesmo passo que se derão á luz as Chronicas d'Asinheiro, manuscripto d'acquisição comtemporanea; 2.ª a de perder-se a copia que já havia do Cancioneiro na Academia, como attestára o seu Secretario. Entretanto porêm que um azar mofino nos deixava assim atrazados dentro da Patria, um nobre Estrangeiro, que havia residido por muitos annos em Lisboa, e obtivera tambem uma copia do velho Cancioneiro, o fez imprimir em Paris no anno de 1823. Este Estrangeiro foi o Ministro Diplomatico *Carlos Stuart*, que aproveitando os talentos, e conhecimentos da Lingua Portugueza do Francez *Verdier*, deu pela primeira vez á

luz esta preciosidade Litteraria. Mas esta Edição feita sómente por curiosidade, ou reconhecimento ás attenções Portuguezas, sem vistas commerciaes, alem de rarissima, se tornou em grande parte inintelligivel pela sua mesma fidelidade textual. De modo que, desprovida, como se acha, das observações e explicações convenientes, de nenhuma sorte satisfaz ás necessidades da epocha, nem aos interesses philologicos, e linguisticos encerrados no Cancioneiro, os quaes podemos reputar ainda geralmente ignorados do Publico Litterario. A tarefa digna e honrosa desta manifestação pertence naturalmente á nossa Academia, de quem com o Diccionario da Lingua se deve esperar o descobrimento, e qualificação classica das fontes de que deve compor-se aquelle grande manancial: empenho este que não só constitue uma das principaes bases d'uma de suas classes, mas que lhe foi particularmente recommendado pela Soberana fundadora a Senhora D. Maria I no Alv. de 22 de Março de 1781.

Mas uma simples, e textual impressão do Cancioneiro seria um trabalho inacabado, porque apenas poderia satisfazer o amor proprio, ou vaidade nacional, sem proveito algum mais do que para um pequeno numero de apaixonados das cousas antigas; e estes mesmos perderião muito tempo para decifrar apenas algumas das muitas novidades linguisticas contidas nas suas Trovas. Eu, Sñr.es, que fóra da Patria fui encontrar um exemplar da publicação *Stuart*, tive occasião e tempo de dedicar-me ao estudo deste primoroso documento de nossa Litteratura, e não me servio pouco o tracto e uso da Lingua Franceza, que então me rodeava, para entrar n'alguns dos enigmas daquelle dialecto de 650 annos, já passados; idioma mixto e composto, como o de todos os Poetas da Escola Provençal, de varias Linguas, Portugueza e Gallega, Latina, Italiana e Franceza. A'

força de tentativas repetidas, depois de confrontar com o texto do Cancioneiro os Trovadores contemporaneos, e os poucos Escriptores Portuguezes e Estrangeiros em vulgar daquella idade, ou a ella proximos, tenho conseguido, com rarissimas excepções, dar sentido corrente ás suas Trovas. O prazer, Sñr.es, que desta especie de descobrimentos resulta ao estudioso, vós o podeis e sabeis apreciar. O Sertanejo que, depois d'atravessar centenares de legoas de matas virgens no Brasil, chega a descobrir o veio do metal precioso que busca; — o Viajante que nas paragens longiquas atina com o local quasi apagado das Cidades que perecêrão na voragem do tempo; — o Mathematico que chegou a resolver o intrincado problema, não tem mais direito a comprazer-se de sua boa fortuna do que o curioso Litterato que póde recuar os limites da formação regular da Lingua Portugueza quasi dous seculos atraz do seu supposto nascimento.

Escusado fica, Sñr.es, ponderar aqui os auxilios e adminiculos com que deve acompanhar-se uma Edição Academica do Cancioneiro. A continua inserção dos affixos e prefixos de que o Poeta usa, com grande profusão, em quasi todos os versos de suas cantigas por mera euphonia, e com os quaes torna inintelligiveis no nosso tempo grande numero de vocabulos, exige um signal local caracteristico de prevenção ao Leitor; e não menos o precisão as inversões grammaticaes, as sinalephas, apostrofes e syncopes lançadas a cada passo pela mesma razão da euphonia, e talvez da cadencia musical. As palavras, ou antiquadas, ou estrangeiras, já estremes, já aportuguesadas exigem um glossario rasoado dellas. Em fim este é o caso em que uma critica vulgar e ordinaria no commum das impressões da antiguidade, seria insufficiente: mas aqui não é o lugar de fazer mais diffusas observações.

Proponho-vos pois, Sñr.es, o complemento desta antiga obrigação Academica (1), de que o Publico vos ficará agradecido. Um dos vossos illustres Oradores, cuja perda o mundo Litterario tem lamentado, aquelle mesmo de que ha pouco fallei, dizia na occasião ja citada n'uma Sessão Publica, ha 32 annos: = « A Academia « está convencida de que nunca poderemos ter uma ver« dadeira Historia Portugueza politica ou Litteraria, sem « novos soccorros, que só lhe podem subministrar os « Diplomas e Manuscriptos, sepultados no pó das Li« vrarias e Cartorios; e por isso continúa a pesquisa-los « e a faze-los copiar. » = A Academia acolheo como um dos preciosos documentos para a sua tarefa linguistica o mesmo Cancioneiro; perdida a copia tirada, facilmente se obterá outra da Bibliotheca Real da Ajuda, e esta já completa com as 11 folhas que andavão desgarradas, e que, da Bibliotheca d'Evora, vierão já remettidas ao Archivo da Torre do Tombo; (2) ou, ainda mais commodamente, alcançando algum dos exemplares impressos, de que já fallei, depois de cotejado com o Manuscripto que se suppõe original, a fim de fazer-se uma Edição digna da Academia.

Eu ajudarei, Sñr.es, á obra com todo meu cabedal de muitos annos, peculio de pequeno valor á vista do rico thesouro de conhecimentos reunidos dentro da nossa Academia, mas que não servirá menos d'attestar os vehementes desejos que tenho pelo augmento e prosperidade desta illustre Corporação. Entretanto, Sñr.es, aceitai a persuasão e convicção intima em que estou de que

(1) Veja-se o Preambulo do citado Alvará de 22 de Março de 1781.

(2) Assim escreveo o Sñr. Rivara no Art.° do Panorama Vol. 1.° Serie 2.ª do anno de 1842, pag. 406 = o Cancioneiro do Collegio dos Nobres. =

com esta pequena e facil empreza, pelo que pertence á despeza pecuniaria, alçaremos, como um padrão do zelo e patriotismo Academico, este primeiro monumento da Lingua, e Litteratura nacional.

Esta proposta ficou para ser tomada em consideração na primeira Assemblea d'Effectivos.

MEMORIAS LIDAS.

Sobre o estado da navegação dos Arabes nos tempos proximos ao Islamismo, e nos que depois se lhe seguirão; e algumas considerações sobre a invasão dos Arabes na Hespanha. Noticia, pelo Secretario perpetuo da Academia.

O passo seguinte de Ibn-Khaldun dá bem a conhecer quão atrazada estava a navegação dos Arabes nos tempos proximos ao Islamismo, e nos que depois se lhe seguírão.

« Quando os Mosselemanos acabárão a conquista do « Egypto, o Khalifa Omar Ibnu-l-Khattab, que os « commandava, escreveo ao seu lugar Tenente Amru « Ibnu-l-áss, pedindo-lhe a descripção do mar. A res- « posta de Amru foi a seguinte. = O mar he huma « grande lagoa que alguns povos imprudentes sulcão as- « semelhando-se a bichos em pedaços de madeira. = « O Khalifa Omar prohibio aos Mosselemanos navegar « pelo mar, de maneira que, durante a vida do Kha-

« lifa; nenhum Arabe se atrevia a ir a bordo de um
« navio sem licença sua, aliás era severamente punida
« a transgressão, como aconteceo no caso de *Harta-*
« *mah Ibn Arfajah Al-azdi*, senhor de Bajilah, que
« tendo sido mandado com uma expedição contra Oman,
« se conta que atacou este Paiz por mar, contra as
« suas ordens expressas. Esta prohibição continuou até
« ao reinado de Mu'awiyah que foi o 1.º Khalifa que
« permittio aos Mosselemanos embarcarem-se, e que
« mandou expedições maritimas contra os inimigos do
« seu Imperio. Mas a causa real (da prohibição) foi
« que, quando os Arabes começárão as suas conquis-
« tas, nenhuma pratica tinhão deste elemento, e erão
« inhabeis para a navegação, ao mesmo tempo que, pe-
« lo contrario, os Romanos e os Francos, pela sua qua-
« si continua pratica, e por serem creados no meio das
« ondas, estavão aptos para navegar os mares; e pela
« força da experiencia, e de successivas emprezas, na-
« turalisavão-se mais com este elemento.

« Porêm quando se consolidou o Imperio dos Arabes
« e crescêrão as suas forças; quando todas as Nações
« barbaras que não professavão o Islamismo, forão ou
« tributarias ou escravas dos Mosselemanos; todos aquel-
« les que possuião alguma arte ou ramo de qualquer
« industria se apressavão a communicar-lhos, e a faze-
« los participantes delles; e os Mosselemanos, anciosos de
« aproveitar o favor dos vencidos, não ficárão ociosos.
« Ao principio sollicitavão os serviços dos navegantes
« experimentados, e empregavão pilotos estrangeiros em
« todos os seus negocios maritimos; pouco a pouco au-
« gmentárão-se os seus conhecimentos; tornárão-se mais
« frequentes as suas viagens e expedições; fizerão ver-
« dadeiros progressos na Sciencia da navegação, e vie-
« rão a ser extremamente apaixonados das expedições na-

« vaes. Pára as executarem construírão, por toda a « parte, navios e galés, e tendo-os esquipado com tri- « pulação e petrechos, fizerão-se nelles á véla, e subju- « gárão algumas das Nações infieis, situadas alem das « agoas, principalmente as que habitão os paizes mais « proximos deste mar (o Mediterraneo), ou que vivem « nas suas costas, como a Syria, a Africa Oriental e « Occidental, e a Hespanha. No tempo dos Beni Aghlab « havia já na Africa algumas frotas esquipadas por Mos- « selemanos. O Khalifa Abdu-l-Malek foi o primeiro « que deo a Hassán, filho de An-no'mán, que era en- « tão seu Lugar Tenente na Africa, instrucções para « se apoderar do Arsenal de Tunes, para construir na- « vios, e para ajuntar toda a especie de bastimentos « maritimos, a fim de habilitar os Arabes para conti- « nuar as suas conquistas e incursões por mar. Com es- « tes navios he que foi conquistada a Sicilia por Asad « filho de Al-forát, Chefe dos Eunuchos, e comman- « dante dos Exercitos de Ziyadá-tullah I, filho de Ibra- « him Ibn Al-aghlab. Do mesmo modo foi tomada a « Ilha de Corsega, no reinado deste monarcha; e em « tempo anterior Mu'awiyah, filho de Khodeyj, fez uma « incursão maritima na Sicilia, no Khalifado de Mw'a- « wiyah Ibn Abí Sufyan. Depois as frotas da Africa « propria, na dynastia dos Obeyditas, e as da Hespa- « nha na dos Beni Umeyyah, combatêrão umas contra « as outras, e durante as dissensões civis que dividírão « os Mosselemanos destes dois Paizes, empregavão-se « continuamente as armadas de ambos os poderes em vi- « sitar, de uma parte para a outra, os portos, as praias, « as angras e os outros lugares accessiveis da costa, « com a pilhagem e a destruição.

« As forças maritimas d'Hespanha, forão, em certo « tempo, mui consideraveis. No reinado de Abdu-r-ra-

« haman An-nássir montava a perto de 200 o nume-
« ro dos navios que compunhão a frota real; e os da
« Africa propria erão quasi um numero igual etc. (1).

Do entejo que os Arabes tinhão ao mar, nos tempos indicados, falla tambem, no mesmo sentido, Mr. Reinaud, referindo-se a outros AA. == « Os Arabes, na « época do seu maior enthusiasmo guerreiro, não tratavão de aproveitar-se do meio que lhes offerecia o « mar para ir combater os inimigos da sua crença; « os nomades da Arabia tiverão sempre aversão ao « elemento humido. Habituados á vida independente « do deserto assentavão que offenderião a sua liber- « dade se consentissem encurralar-se n'um fragil na- « vio..... Mahomet participou desta repugnancia ao « mar; e tal é ainda o modo de pensar de muitos dos « seus discipulos. Os Musulmanos, moldados em ge- « ral pelo espirito do fatalismo, não podem ver sem « pena o continuo movimento em que andão certos ho- « mens para augmentar a sua fortuna, ou satisfazer a « sua curiosidade, chegando alguns AA. até a dizer « que, desde que um homem se decide a embarcar-se « muitas vezes, póde ser considerado como privado do « bom senso, e não deve, por isso mesmo, admittir-se « em juizo o seu testemunho » == (2): e mais adiante

---

(1) *Prolegomenos*, passo transcripto pelo Sñr. Gayangos, na sua *Traducção de Al-makkarí*. London 1840, T. I., Appendix, p. XXXIV.

(2) « Les Arabes à l'époque de leur plus grand enthousiasme guerrier n'avaient pas songé à profiter de la voie que » leur offrait la mer, pour aller porter la guerre ches les enne- » mis de leur foi. De tout temps les nomades de l'Arabie ont » eu de l'éloignement pour l'élément humide. Habitués à la » vie indépendante du désert, ils croiraient faire outrage à leur » liberté, s'ils consentaient à s'enfermer dans un frêle bâtiment

== « Ao principio os navios sarracenos erão tripulados,
« em geral, com renegados e aventureiros de todas as
« religiões; porêm os Musulmanos não tardárão em
« tomar parte nestas expedições, fontes inexauriveis de
« riquezas. » == (3).

O passo d'Ibn-Khaldun carece d'algumas illustrações, afim de poderem determinar-se as épocas dos factos que aponta.

Mu'awiyah começou a reinar no anno 40 da Hegira (660 a 661 de Christo), e morreo no anno 60 da Hegira [679 a 680 de Christo] (4); e por tanto, já depois do meado do seculo 7.°, e talvez muito depois, é que foi permittido aos Arabes embarcar.

Os Beni Aghlab forão os que governárão a Africa,

»...... Cette repugnance pour la mer était partagée par Ma-
» homet; et telle est encore la manière de voir de beaucoup
» de ses disciples. Les musulmans, façonnés en général à l'es-
» prit de fatalisme ne peuvent voir sans pitié les mouvemens
» continuels que se donnent certains hommes pour accroître leur
» fortune ou pour satisfaire leur curiosité; et quelques docteurs
» sont allés jusqu'à dire que dès l'instant qu'un homme s'est
» décidé plusieurs fois à se mettre en mer, il peut être consi-
» déré comme étant privé de son bon sens, et comme n'étant
» plus recevable à faire admettre son témoignage en justice. » =
» *Invasions des Sarrazins en France etc.* Paris 1836, p. 64, citando os seus = *Extraits d'auteurs arabes relatifs aux guerres des Croisades.* Paris 1829, p. 370 e 476.

(3) Dans l'origine les navires sarrazins furent montés par
» des renégats et des aventuriers de toutes les religions. Mais
» bientôt les musulmans prirent part à ces expéditions, sources
» inépuisables de richesses. Idem, ibid., p. 65.

(4) Abul-Pharaji, *Historia Dynastiarum*, Oxoniae 1672, p. 123 e 124 da traducção latina. Conde, *Historia de la Dominacion de los Arabes en España*, T. I. p. 15, concorda no anno da morte de Mu'awiyah.

desde o tempo dos Khalifas Abassidas (5), que principiárão a reinar pelo meado do seculo 8.º, porque Merwán, ultimo Khalifa dos Beni Umeyyah, foi morto no anno 132 da Hegira [749 a 750 de Christo], n'uma batalha contra as tropas de As-Seffah, chefe da dynastia dos Abassidas (6). O primeiro Beni Aghlab que veio á Africa foi Ibrahim Ben-el Aghlab Abu Muhamad, que acompanhou Muhamad Ben Alaxath el Gazei, mandado pelo Khalifa Abu Giafar Almanzor por Amir [Governador] para a Africa, no anno 144 da Hegira [761 a 762 de Christo]: e o primeiro dos Beni Aghlab que governou a Africa parece ter sido seu filho Ibrahim ben Abdala ben Ibrahim ben Aghlab Abulabas (7): por consequencia já muito na declinação do seculo 8.º é que principiárão a haver na Africa algumas frotas esquipadas por Mosselemanos.

O Khalifa Abdu-l-Malek foi proclamado Khalifa no anno 65 da Hegira [684 a 685 de Christo], e morreo no anno 86 da Hegira, que principiou em 2 de Janeiro de 705 (8). Hassán tomou Carthago [perto da qual se edificou Tunes] depois do anno de 684 — 685, e

(5) V. Conde, l. c., T. I., de p. 390 em diante, sendo o ultimo dos Beni Aghlab — Zeyadatala, que foi vencido n'uma batalha, e desthronado por Obeidala, no anno 297 da Hegira [909 a 910 de Christo], ibid., p. 401.

(6) Abul-Pharaji, l. c., p. 138 da traducção latina. Conde, l. c. T. I., p. 127 a 130. Al-makkari, traducção do Snr. Gayangos, T. II. p. 58.

(7) Conde, l. c. T. I., p. 390 e 391, que não me parece muito claro na enumeração que faz dos differentes Beni Aghlab.

(8) Abul-Pharaji, l. c., p. 127 e 128 da traducção latina Conde, l. c., T. I., p. 22, traz a morte de Abdu-l-Malek no mesmo anno.

antes do anno de 698, porque neste anno foi demittido do governo da Africa (9); por tanto já muito para o fim do seculo 7.º é que se cuidou na Africa no fabrico de navios, e em ajuntar aprestos para expedições maritimas.

Ziyadátullah I foi Wali [Governador] de Africa no anno 201 da Hegira [816 — 817 de Christo] (10). No anno 204 da Hegira [819 — 820 de Christo] houve uma expedição contra a Sicilia; porêm o exercito para a conquista desta Ilha por Asad, filho de Al-forát, que morreo nella, partio da Africa no anno 212 da Hegira [826 — 827 de Christo] (11). A incursão na Sicilia, no Khalifado de Mu'awiyah Ibn Abí Sufyán, é a que Mr. Reinaud põe no anno de 669 (12), e cabe justamente no reinado deste Soberano, que principiou no anno de 660 — 661, e acabou no anno 679 — 680, como acima se disse.

E as guerras entre os Obeyditas da Africa e os Bení Umeyyah d'Hespanha, começárão já muito para o fim do seculo 8.º, porque Abdu-r-ahmán I, Chefe da Dynastia dos Bení Umeyyah na Hespanha, desem-

---

(9) Conde, l. c., T. I., p. 19 e 20. O Anonymo Arabe extractado, pelo Snr. Gayangos, na sua *Traducção de Al-makkarí*, T. I., p. LV do Appendix.

(10) Idem, ibid., T. I., p. 391.

(11) Idem, ibid.; porêm acho bastantemente confuso o que diz Conde a respeito dos conquistadores da Sicilia. Mr. Reinaud, *Invasions des Sarrasins en France etc.*, lembrando-se, a p. 123, de piratarias commettidas contra a Sicilia depois do anno de 809, e de que a Sicilia foi occupada pelos Sarracenos depois de 816, [p. 287 e 288], não contradiz, antes, de certo modo, convem com a narração de Ibn-Khaldun, e de Conde.

(12) L. c., p. 65.

barcou nella no anno 138 da Hegira [755 — 756 de Christo] (13), e continuárão pelo decurso do seculo 9.°, o que obrigou os Bení Umeyyah a mandar construir embarcações de guerra em todos os portos da Hespanha (14).

Os factos produzidos por Ibn-Khaldun seguem-se, por consequencia, n'uma ordem natural.

1.° Depois do meado do seculo 7.° é que foi permittido aos Arabes embarcar.

2.° No fim do mesmo seculo 7.° é que se mandárão construir navios na Africa, e ajuntar aprestos para expedições maritimas.

3.° Antes de 740 — 741, e por consequencia antes do meado do seculo 8.°, é que se edificou o arsenal da Marinha em Tunes (15).

4.° Para o fim do seculo 8.° é que principiárão a haver na Africa frotas esquipadas por Mosselemanos.

5.° No seculo 9.°, de 819 — 820 por diante, é que sahírão dos portos da Africa exercitos com o destino de ir conquistar. As incursões mencionadas até esta época por Mr. Reinaud, feitas na França, na Serdenha, na Corsega etc., erão, mesmo na opinião deste A., piratarias, posto que algumas vezes autorisadas pelos Governos (16).

6.° E os armamentos consideraveis de esquadras dos

---

(13) Al-makkarí, traducção do Sñr. Gayangos, T. II., p. 66. Conde, l. c. T. I., p. 147 a 158.

(14) Conde, l. c., T. I., p. 192, 193, 199, 283, e 365. Mr. Reinaud, *Invasions des Sarrazins en France etc.*, p. 120.

(15) Conde, l. c. T. I., p. 95. Mr. Reinaud traz este facto em 736, l. c., p. 68.

(16) Mr. Reinaud, l. c., p. 12 e 70; p. 69 e 122; p. 69, 121, 122 e 126 etc. Conde, l. c., T. I. p. 251.

Beni Umeyyah d'Hespanha e de seus contrarios os Obeyditas d'Africa chegão-se já muito ao principio do seculo 10.°.

Mas o que não se concilia bem com estes factos é uma expedição contra a Sicilia, commandada por Habib ben Abi Obeida ben Ocba ben Nafe el Fehri, que partio dos portos da Africa, para onde voltou no anno 123 da Hegira [740 — 741 de Christo], tendo subjugado aquella Ilha, de que falla Conde (17), e de que não se recordão nem Ibn-Khaldun, nem Mr. Reinaud; porque, se no tempo em que os Beni Aghlab governárão como Soberanos a Africa é que havia já nella algumas frotas esquipadas por Mosselemanos [segundo Ibn-Khaldun]; e se os Beni Aghlab não começárão a ter dominio na Africa senão muito depois do meado do seculo 8.° [segundo Conde], como é que antes do meado desse seculo já partião esquadras da Africa para conquistar a Sicilia? Só se estas esquadras erão tripuladas com estrangeiros, renegados, e aventureiros, como dizem Ibn-Khaldun e Mr. Reinaud (18). Um embaraço igual teremos n'outra expedição que adiante referirei.

Os Soltões do Egypto não derão ao desenvolvimento da sua Marinha tamanho impulso como teve, na Hespanha e na Africa fronteira á Hespanha, a Marinha dos Arabes; nem mesmo forão constantes em sustentar as diligencias que, por algum tempo, fizerão para ter forças maritimas respeitaveis.

Até 1261 a conservação da esquadra tinha sido extremamente despresada. Os Emirs ião tirar violenta-

---

(17) Conde, l. c., T. I., p. 95.

(18) Ibn-Khaldun, no passo transcripto. Mr. Reinaud, l. c. p. 65, passo já atraz citado.

mente as equipagens aos navios, e empregavão-nas em tripular as barcas e outras embarcações. O Sultão que reinava neste tempo tornou a repôr as coisas no pé em que estavão no reinado de Melik-Saleh-Nedjm-eddin-Aiub; fez construir um grande numero de galés nos portos de Damietta e de Alexandria; veio visitar o Arsenal maritimo, e estabeleceo nelle todos os regulamentos que julgou necessarios; e teve brevemente no mar 40 galés, sem contar um grande numero de barcas, de navios de transporte e d'outras embarcações (19). Porêm se este grande apparato maritimo effectivamente se realisou, não durou muito; porque tendo-se os Francos assenhoreado da Ilha Arwad, defronte de Tárabolos, em 1302, fazião dalli correrias e tomavão os navios Mosselemanos, pelo que o Visir do Egypto ordenou que se esquipassem 4 galés de guerra, que acabárão de aprompptar-se em 1303, e o espectaculo de navios de guer-

---

(19) Jusqu'à cette époque (1261) l'entretien de la flotte avoit été, en Egypte, extrêmement négligé. Les emirs enlevaient les équipages des vaisseaux, les employaient sur les barques et autres bâtiments. Le Sultan remit les choses sur le pied où elles étaient sous le régne de Melik-Sâleh-Nedjm-eddin-Aiub. Il fit construire un grand nombre de galères dans les ports de Damiette et d'Alexandrie. Il vint en personne visiter l'arsenal maritime et y établit les règlements, qu'il jugea nécessaires. Bientôt il eut en mer plus de quarante galères, sans compter un grand nombre de barques, de bâtiments de transport et d'autres embarcations. Makrizi *Histoire des Sultans Mamluks de l'Egypte*, traducção de Mr. Quatremère. T. I., P. 1.ª, p. 142 *in fine*.

A palavra que Mr. Quatremère traduzio por *galères* é *Kitah*; porêm na nota 15 diz, que as galés de guerra se chamão *schâni* ou *schini*; e as grandes, que levavão 140 remos, e tambem combatentes, se chamavão *gorab*; pelo que parece que *Kitah* erão embarcações mais pequenas.

ra armados no Nilo era tão extraordinario então, que se alugárão, por alto preço, os barcos daquelle rio para ver manobrar as galés (20). Se para armar quatro galés foi necessario tanto tempo, e a sua navegação pelo Nilo fez tal abalo, parece-me que não póde dar-se maior prova da raridade de semelhantes casos, e consequentemente da decadencia da Marinha do Egypto, no principio do seculo 14.°.

O que se conta da invasão dos Arabes na Hespanha seria o testemunho mais valioso para confirmar o que relata Ibn-Khaldun. Se Tárik tivesse unicamente quatro navios para transportar o seu exercito para a Andaluzia ¿ que mais segura idea se desejaria da mesquinha navegação dos Arabes nos principios do seculo 8.° ? Porêm entendo que póde duvidar-se muito deste facto, que julgo sujeito ás mesmas contradicções, escuridade e incerteza em que labora tudo quanto respeita á passagem dos Mouros á Hespanha, e que provêm, a meu ver, de se confundirem factos diversos. Nesta confusão teve origem:

Attribuirem-se a Tárik duas entradas na Hespanha: A variedade no numero das tropas commandadas por Tárik para invadir a Hespanha, que uns fazem montar a 7:000 homens, outros a 12:000, e outros a 10:300:

O numero das embarcações em que se transportou o exercito:

A discrepancia na época do desembarque de Tárik na Andaluzia, e da batalha de Guadalete: etc. etc.

Examinando á luz da critica os factos que tem relação com o meu assumpto, combinando o que sobre

---

(20) Idem, ibid., T. II. P. 2.ª, p. 194, e 195.

elles dizem os AA. que no-los transmittírão, e ajustando as suas discordancias (21), o que póde concluir-se é:

Que Tárik fez só uma expedição á Hespanha, que foi precedida por outra commandada por Tarif, e que a semelhança dos nomes fez attribuir ambas a Tárik:

E que Tárik desembarcou na Andaluzia com 7:000 homens, e sendo informado das grandes forças com que D. Rodrigo Rei dos Godos marchava contra elle, pedio mais tropas a Músa, que lhe mandou um reforço de 5:000 homens (22), sendo portanto 12:000 os Mosselemanos com que entrou na batalha de Guadalete, e daqui vem darem uns AA. a Tárik um exercito de 7:000 homens, e outros um de 12:000, que são os mesmos 7:000 com que desembarcou em Gibraltar, e os 5:000 que depois lhe vierão de reforço. Porêm não forão só estas as forças que conquistárão a Hespanha, os Arabes tiverão nella, alêm das gentes que successivamente acudírão a uma gazua tão lucrativa, poderosos auxilios para a destruição da Monarchia Goda, o que bem poderia demonstrar-se, se o lugar fosse proprio para isso. O Sñr. Gayangos assenta, pelas razões que expõe, que o desembarque de Tárik em Hespanha foi

---

(21) V. Conde, l. c., T. I., p. 27 a 32. Al-makkarí, T. I., p. 264 a 274; p. 517, nota 7, a p. 528, nota 72. Abu' Jáfar Ibn Abdi-l-hakk Al-khazrájí Al-kortobí, transcripto pelo Sñr. Gayangos na sua *Traducção d'Al-makkarí*, T. I., Appendix, p. XLVI a XLVIII. O Autor Anonymo da Obra = *Historias tradicionaes relativas aos Chefes supremos e sabios Governadores* = copiado pelo Sñr. Gayangos na sua *Traducção de Al-makkarí*, T. I., Appendix, p. LXX e LXXI. Mr. Reinaud, *Invasions des Sarrasins en France etc.*, p. 5.

(22) Al-makkarí, T. I., p. 269 in fine, e p. 523, nota 42.

em 30 de Abril de 711, e a batalha de Guadalete em 19 de Julho do mesmo anno (23).

Os AA. de que se servio Al-makkarí dizem que as tropas de Tárik atravessárão o Estreito em quatro navios, que lhe forão fornecidos por Julian, accrescentando alguns que erão dos portos do seu governo, os unicos da costa em que então se construião navios (24); e Mr. Reinaud, seguindo Ibn-Alcuthya, escriptor da segunda metade do seculo 10.° (25), é da mesma opinião (26); comtudo a mim parece-me que, tendo-se confundido as duas invasões de Tarif e Tárik na Hespanha, imaginando-se ambas executadas por Tárik, daqui veio tambem dar-se ao segundo para a passagem do seu exercito, o mesmo numero de navios em que se transportou a expedição do primeiro.

Varião os AA. no numero da gente que levou Tarif; uns querem que fossem 500 homens, 100 de cavallo, e 400 de pé; outros 1:000; e outros perto de 3:000: concorda-se porêm geralmente em ter sido conduzida em quatro navios (27). Mas os navios que passárão o exer-

---

(23) *Traducção de Al-makkarí*, T. I., p. 522, nota 34; 525, nota 61; e 528, nota 72.

(24) To accompany and guide Tárik in this expedition Músa again sent Ilyan, who provided four vessels from the ports under his command, *the only places on the coast where vessels were at that time built*. = T. I., p. 266.

(25) *Invasions des Sarrazins em France* etc., p. 6, nota.

(26) Moussa, gouverneur d'Afrique, à l'époque ou il en» vahit l'Espagne, n'avait à sa disposition que quatre navi» res, et il fallut que ces navires allassent et revinssent plu» sieurs fois pour transporter l'armée musulmane d'un coté du » détroit de Gibraltar à l'autre, l. c., p. 68. Na nota 2 cita Ibn-Alcouthya fl. 52 ỳ.

(27) Al-makkarí, T. I., p. 265. Abu'Jáfar Ibn'Abdi-l-hakk, extracto do Snr. Gayangos na sua traducção de Al-

cito de Tárik forão muitos mais; porque Conde, confundindo as duas expedições, que attribue ambas a Tárik, diz que para a segunda [a verdadeira de Tárik] mandou Músa preparar, com a maior diligencia e presteza, as barcas necessarias para passar um bom exercito (28), consequentemente não podião ser só quatro estas barcas.

O Anonymo Arabe Autor das = *Historias tradicionaes relativas aos Chefes supremos etc.*, que escreveo no fim do seculo 2.º da Hegira, conforme as informações que lhe derão pessoas, ou amigas, ou relacionadas com o povo que interveio na conquista da Hespanha, diz que Músa estabeleceo em Tunes um Arsenal de Marinha, ordenou a construcção de 100 navios, e no anno de 704 mandou sahir de Tunes uma esquadra contra a Sicilia, commandada por seu filho Abdallah, que foi a primeira expedição maritima que largou das praias da Africa Oriental, depois de a senhorearem os Mosselemanos. Esta esquadra voltou a salvamento á Africa, carregada de despojos (29).

Outra expedição mandou Músa contra a Sicilia no anno 86 da Hegira [705 — 706 de Christo], e outra contra a Serdenha no anno 89 da Hegira [707 — 708 de Christo]. É verdade que a expedição de 704, muito apregoada, em que Músa tinha annunciado que havia

---

makkarí T. I., Appendix p. XLVI. Conde, l. c., p. 27 *in fine*.

(28) « Consideró Muza esta entrada [a de Tarif que attribue » a Tárik] como feliz presagio de la futura prosperidad de » sus armas en España, y con la mayor diligencia y presteza, » aderzadas las barcas necessarias para pasar um buen exer» cito, encargó su mando al caudillo Tárik ben Zeyad etc. » l. c., p. 28.

(29) Extracto do Snr. Gayangos na sua *Traducção de Almakkarí*, T. I., Appendix, p. LI, LXV a LXVII.

ir, em que se embarcou toda a nobreza Arabe que estava com Músa, e que por isso se chamou a *gazua* dos nobres, só constava de 900 a 1:000 homens, e que tocando na expedição da Serdenha 3:000 prisioneiros a cada soldado, na partilha do despojo (30), o que isto prova é que, ou a expedição era bem pequena, ou que na conta dos prisioneiros ha grandissima exageração, o que é mais provavel; porêm, a pesar disso, não era possivel que tendo-se apresentado a Músa, em 707—708, Abdullah Ibn Marrah [que no mesmo anno commandou a expedição contra a Serdenha], vindo do Egypto com um corpo de tropas para ser empregado como general do mar (31), não tivesse Músa um numero de embarcações um pouco avultado; e por consequencia não podia ter Músa em 711 só quatro navios para transportar o seu exercito para a Hespanha. Estas expedições maritimas de Músa entrão na ordem das piratarias de que já fallámos.

Uma difficuldade offerece o passo do Anonymo. Diz Ibn-Khaldun que Abdu-l-Malek deo ordem a Hassán, seu Lugar Tenente na Africa, para se apoderar do Arsenal de Tunes, para construir navios etc.

Diz o Anonymo que o Arsenal de Tunes foi mandado construir por Músa.

E diz Conde que Oveidala deixou no anno de 740—741 o Governo da Africa, tendo edificado em Tunes um Arsenal para construir e reparar as náos, facto a que Mr. Reinaud assigna o anno de 736 (32).

---

(30) Idem, ibid. p. LXVII.

(31) Idem, ibid.

(32) « En este año [123 da Hegira, 740—741 de Chris» to] dejó Oveidala el gobierno de Africa y se partió à Egy» pto....y en Tunes edificó la Aljama y una Darsena para

Se Abdu-l-Malek deo ordem a Hassán para se apoderar do Arsenal de Tunes, como é que Músa o mandou construir? E se Músa o mandou construir, como é que o edificou Oveidala?

A contradicção que, á primeira vista, apparece entre os passos de Ibn-Khaldun e do Anonymo desvanece-se reflectindo:

1.º Que não consta que Hassán tomasse Tunes, mas sim Carthago, que era a principal cidade da Africa, destruindo seus muros, e matando nella grande numero de Christãos e Gregos que a defendião, o que obrigou muitos dos seus habitantes a passarem para a Sicilia e para a Hespanha, perdendo seus bens (33), e que por isso não era praticavel executar em Carthago, que estava destruida, as ordens de Músa.

2.º Que sendo Hassán demittido do Governo da Africa no anno de 698 (34), e vindo Músa governar a Africa no mesmo anno (35), foi este quem cumprio as ordens dadas por Abdu-l-Malek a Hassán.

Isto mesmo apoia o que atraz fica enunciado — que

» construir y reparar las naves.» Conde, l. c., T. I., p. 95. Mr. Reinaud, *Invasions des Sarrazins en France* etc. p. 68.

(33) « Hasan ben Naaman.... se dirigió contra la ciudad » de Cartagena la antigua [Carthago], que era la principal » de Africa, y la cercó y apuró tanto que al cabo de largo sitio » la entró por fuerza, destruyó sus muros, mató en ella mu- » chos Cristianos y Griegos que la defendian: muchos de sus » habitantes se pasaron a Sicilia y á España, perdiendo sus » bienes. » = Conde, l. c., T. I., p. 19.

(34) O A. Anonymo citado, T. I. da *Traducção de Almakkarí*, Appendix, p. LV.

(35) Abú Ja'far Ibn Abdi-l-hakk, transcripto pelo Snr. Gayangos, na sua traducção de Al-makkarí, T. I. Appendix, p. l. Anonymo, copiado pelo mesmo Snr. Gayangos, ibid., p. LVI.

só no fim do seculo 7.° é que se mandárão construír navios na Africa, e ajuntar aprestos para expedições maritimas. —

Quanto á construcção do Arsenal por Oveidala, sendo positivo, por uma parte, o testemunho do Anonymo sobre o estabelecimento do Arsenal de Tunes por Músa (36); e por outra parte, o de Conde e de Mr. Reinaud sobre ter sido tambem fabricado por Oveidala, não podem combinar-se estas duas opiniões [se ambas forem exactas] senão suppondo que Oveidala accrescentou ao Arsenal já feito algumas obras, como diques para concertar os navios, tercenas para os guardar etc.

O mesmo Anonymo diz que == Músa encarregára a Tárik uma expedição contra Tanger e os districtos visinhos, anteriormente á sua vinda para a Hespanha, e que tendo Tárik tomado as cidades e castellos dos Berberes, escreveo a Músa == « que achára ali seis navios, « e que Músa lhe respondêra — Faze diligencia para « que sejão sete, e quando tiveres completado este nu- « mero, leva-os para as praias do mar, e enche-os de « homens e de provisões: procurarás um homem prati- « co no calendario dos Syrios, e quando chegar o dia « 21 do mez Syrio, chamado Adár, embarca-te com « os teus homens, tendo implorado o auxilio do Om- « nipotente. Quando estiveres no mar continua a tua « viagem até veres diante de ti uma pequena montanha

(36) He [Músa] immediately issued orders for the building of the dock-yard, *and having heard of its being finished, he put to sea, and, after sailing twelve miles entered it. From that moment the port of Tunis became a place of safety for ships when winds blew at sea and the waves were high.* Extracto do Sñr. Gayangos, na *Traducção de Al-makkari*, T. I., Appendix, p. LXVI.

« sem vegetação, e de uma côr avermelhada, tendo de
« um dos seus lados uma fonte que corre para o orien-
« te, e ao lado da fonte uma construcção, com uma
« figura em cima, da fórma de um touro. Primeira-
« mente deves fazer em pedaços a figura, e depois pro-
« curarás entre a tua gente um homem alto, com o
« cabello ruivo, branco do rosto, vesgo d'um dos olhos,
« e com um signal na mão; dá a este homem o com-
« mando da vanguarda, e conserva-te ali, esperando
« pelas minhas ulteriores instrucções. —

« Diz-se que, tendo Tarik recebido de Músa as or-
« dens mencionadas, lhe respondeo desta maneira —
« cumpri escrupulosamente as tuas ordens; porêm rela-
« tivamente ao homem que me descreveste, nenhum
« outro pude achar conforme a tua descripção, excepto
« eu proprio. — Consequentemente Tárik poz em mar-
« cha a sua expedição, com 1:700 homens, no mez de
« Rejeb do anno 92 (37) » = e com esta gente deu
batalha a D. Rodrigo e o desbaratou.

---

(37) « I have found here six vessels; and Músa answered » him, — Try to make them seven, and when the number » is completed, tak them to the sea shore: and fill them » with men and provisions; thou wilt then look for a man » acquainted with the months of the Syrians, and when the » twenty — first day of the Syrian month called Adár has » come, put to sea with thy men, after imploring the fa- » vours of the Almyghty. When at sea, thou must pursue thy « course until thou seest before thee a smal mountain deprived » of vegetation, and of a reddish hue, having on one of its si- » des a fountain running towards do east, and by the side of » the fountain a building with an idol at the top in the sha- » pe of a bull. Thou must first breack the idol to pieces, and » then thou wilt look among thy men for a tall man having » red hair and a white complexion, with a cast in one of his » eys and a mole on his hand; give that man the command of

Posto que o Anonymo confunda visivelmente [segundo parece] a expedição de Tárik com a de Tarif, até por lhe dar só 1:700 homens com os quaes era impossivel que elle se atrevesse a combater com o Rei dos Godos; com tudo este passo prova que o Anonymo se persuadia de que Músa tinha mais de quatro navios para os seus armamentos maritimos.

Alêm disto diz Al-makkarí que == « logo depois da « partida de Tárik para esta expedição [a de Hespanha] « Músa se tinha occupado em mandar construir navios, « de que tendo por este tempo ajuntado uma grande « quantidade, mandou por elles um reforço de 5:000 « homens a Tárik » == (38). Ora tendo mediado menos de tres mezes entre o desembarque das tropas de Tárik na Andaluzia e a batalha de Guadalete (39), e devendo o reforço dos 5:000 homens gastar algum tempo em se apromptar, vir a Hespanha, e chegar ao sitio da batalha, é claro que devia ter partido da Africa bastantes

---

» the van, and remain wherever thou mayest be at the time, » waiting for further instructions from me, if God be pleased. »

» They say that when Tárik received the above orders from » Músa, he answered him thus: I have scrupulously fulfilled » thy orders, but respecting the man thou didst describe to me, » I can nowhere find one of his description, except in my own » person — Accordingly, Tárik set out on his expedition with » seventeen hundred men in the month of Rejeb of the year » 92. » Idem, ibid., p. LXX.

(38) « Músa, who since Tárik's departure for this expedi- » tion had been employed in building ships, and had by this » time collected a great many, sent by them a reinforcement » of five thousand Moslems. » == T. I., p. 270.

(39) Al-makkarí, T. I., p. 523, nota 42. Isto mesmo se colhe combinando a nota 34 de p. 522, com a nota 72 da p. 528.

dias antes de se dar a acção, o que reduz o tempo para se construirem os navios talvez a dois mezes, ou ainda a muito menos; e por isso o que deve concluir-se do passo de Al-makkarí é que Músa ajuntou navios e mandou construir outros para actuar as suas relações com a Hespanha, onde ficárão os que Tárik tinha levado [porque o incendio da esquadra de Tárik é mui duvidoso, como bem adverte o Sñr. Gayangos] (40); e se para passar 5:000 homens lhe foi necessario um grande numero de navios, não era possivel que empregasse só quatro para conduzir 7:000; e por tanto é inadmissivel que o transporte das tropas de Tárik para a Hespanha fosse feito só em quatro navios.

O Sñr. Gayangos custa-lhe a capacitar-se de que, um anno depois da expedição de Tárif, não se tivesse augmentado o numero dos navios Africanos, sendo ainda quatro os que conduzírão as tropas de Tárik, e accrescenta == « Mas é provavel que os Arabes, senhores « do Mediterraneo, desde Tripoli até ao estreito, e que « tinhão já feito repetidas incursões nas costas de Hes- « panha, não podessem ajuntar mais de quatro navios, pa- « ra transportar um exercito de 12, ou pelo menos de « 7:000 homens? Que foi feito de 270 vélas, com que » elles, segundo Rodrigo Toledano, [*De Reb. Hispan. lib.* « III.], bem poucos annos antes, tinhão assolado as costas « de Hespanha? » == (41) Todavia, apezar de tão sensato

(40) Idem, ibid. p. 526, nota 65.

(41) « But is it probable that the Arabs masters of the » Mediterranean from Tripoli to the Straits, who had already » made repeated incursions on the shores of Spain, could not » muster more than four vessels to comvey an army of twelve, » or at least seven thousand men? What had become of the » two hundred and seventy sail with which, according Rode-

reparo, não repelle de todo este facto, antes se accommoda a que a passagem das tropas de Tárik se fez em quatro navios (42).

Sem pertender discutir o passo do Arcebispo de Toledo, em que julgo muito excesso na conta das embarcações, como é costume invariavel quando se narrão combates entre Christãos e Mouros, avultando sempre nimiamente os Christãos as forças dos Mouros, e vice-versa os Mouros as forças dos Christãos: e sem me fazer cargo da armada de 1800 vélas que em 716 se diz ter sahido dos portos da Syria e de Alexandria para ir cercar Constantinopla; de que, a seu tempo, tratarei (43); o que fica expendido parece-me sufficiente para provar:

1.° Que os Arabes, nos tempos proximamente posteriores ao Islamismo, nem sabião, nem lhes era permittido navegar; e que, pelo decurso de seculos, é que se forão habituando ao mar, limitando ao principio as suas navegações ao Mediterraneo, e estendendo-as depois ao Oceano, porêm tão lentamente que, ainda muito depois do meado do seculo 14.°, já passadas as tres quartas partes do seculo 8.° da Hegira, só chegavão as suas viagens maritimas áquem da costa de Nun (44).

2.° Quão errados andão os que sustentão terem os

» ricus Toletanus *[de Reb. Hispan. lib.* III.*]*, they had only a « few years before ravaged the coasts of Spain?» Idem, ibid., p. 520, nota 23.

(42) Idem, ibid., p. 521, nota 34; e p. 523, nota 42.

(43) Mr. Reinaud, *Invasions des Sarrazins em France* etc., p. 66 e 12.

(44) V. a minha — *Memoria em que se pertende provar que os Arabes não conhecêrão as Canarias antes dos Portuguezes* — nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, 2.ª Serie, T. I. P. II., p. 87.

Europeos aprendido dos Arabes a sciencia da Navegação, quando aliás forão elles quem a ensinárão aos Arabes, o que desenvolverei n'outro lugar.

Talvez se julgue inutil demasia demorar-me tanto em provar que a passagem dos Arabes á Hespanha não podia effeituar-se só em quatro navios, e em apreciar todas as mais circunstancias deste facto que analysei; porêm assim o fiz para tornar palpaveis as contradicções dos Escriptores Arabes que o referírão, e para dar a conhecer a cautela com que deve proceder quem se propozer a aproveita-los, no que respeita á Historia da Peninsula Iberica, que é sempre recheada do maravilhoso fantastico em que abundão as imaginações orientaes, e que, por isso, carecem de ser lidos com muito criterio. A falta desta precaução induzio Sabios respeitaveis, taes como o Sñr. Gayangos, e Mr. Reinaud, a adoptarem a errada opinião dos AA. Arabes que fica apontada.

DONATIVOS.

Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias, de Lisboa. = 1.ª serie — 2.° anno — Abril de 1849. — 8.°— 1 N.°— Offerecido pelo Snr. José Tedeschi.

Opusculo Patologico da Hyperemia maligna, acompanhado de cinco observações, e quatro estampas, por João Gregorio Rodrigues, Cirurgião formado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa. — Lisboa 1849. 8.° — 1 vol. —Offerecido pelo Autor.

Relatorio e Contas da gerencia da Junta do Credito Publico, no anno economico de 1847 a 1848. fol. — 1 vol.

1849 — Premier semestre. — *Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences* — [Institut National de France] — N.° 7, 8, 9, e 10 do Tomo 28. — 4.° g.de— 4 N.os

Natuur Kundige Verhandelingen van de Hollandsche Maatschappij der Wetens chappen te Haarlem. — *Tweede ver zameling. 5.° deel. 1.° Stuk.* — [Memorias da Sociedade Hollandeza das Sciencias de Harlem, Vol. V., P. 1.ª] — Te Haarlem — 1848. — 4.° g.de — 1 vol.

Recueil des Actes de la Séance Publique de l'Académie Impériale des Sciences de Saint Pétersbourg, tenue le 29 *Decembre* 1845, etc. 4.° g.de— 1 vol.

Idem — *Idem* — *le* 11 *Janvier* 1847. — 4.° g.de — 1 vol.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Abril de 1849 na altura de 39 braças [86 metros] sobre o nivel do Tejo.

Dias do Mez	Temp. Exter. Min.	Temp. Exter. Max.	Barometro 9ª Man.	Barometro 3ª Tarde	Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera
1	47"	58	751,2	755,0	5	$*B—NO^2$	Chuva serena toda a madrugada—claro e nuvens — ar frio
2	49	61	59,7	61,3		$*^1NO$-$^1NO^1$	Coberto. Idem.
3	47	62	60,5	58,6		·NO—NO	Coberto — Claro e nuvens.
4	47	62	56,4	55,2	4	$*SO—^1SO$	Nevoeiro matut. no horisonte —Agua-ceiros alternados.
5	50	59	57,2	57,1		$*^2O^1$--$^1NO^2$	Coberto denso.
6	54	65	66,3	54,8		$^2O—^1SO^2$	Nevoeiro no horisonte — Coberto.
7	51	62	51,0	51,0	6	$^2O—SO^1$	Chuva de aguaceiros e clarões.
8	49	61	49,5	48,3	6	$^2O^1—O^{2.1}$	Idem de tarde.
9	48	62	47,2	47,8	1	$^2O^1—^1O^2$	Aguaceiros mui leves, e clarões.
10	49	62	47,4	53,0	1	$^2O^1—O^1$	Idem.
11	46	66	53,3	53,2	1	B—SO	Idem.
12	44	60	52,3	53,1	2	$^2N—NO^2$	Idem.
13	43	61	54,4	54,7	1	*NO—NO	Idem.
14	48	59	53,2	53,2	4	$^1O—^1O^2$	Coberto e aguaceiro.
15	48	60	52,5	54,0	4	$^1O^1$····N^1O^1	Idem —Arco Iris de manhã.
16	50	67	54,7	53,8	11	B—S·	Coberto — chuva serena e abundante.
17	50	65	54,2	53,6		·NE—B	Coberto.
18	51	70	52,0	50,3		·NE— N^3	Coberto — claro e nuvens.
19	49	66	51,7	53,8		$^2N—N^1$	Claro—ar muito secco e frio.

Dias do Mez	Temp. Exter. Min.	Temp. Exter. Max.	Barometro 9^h Man.	Barometro 3^h Tard.	Pluviometro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera
20	47°	60	57,6	58,0		*^{2}N—N^{2}	Claro — ar muito secco e frio.
21	43	60	59,3	57,0		*^{1}N—^{2}NO•	Idem.
22	45	63	55,6	56,6		*•V—^{1}NO	Coberto e clarões. — Claro e nuvens — ar frio e secco.
23	47	66	59,1	59,2		*•V—^{2}N^{1}	Claro e nuvens. — ar frio e secco.
24	47	6[illegible]	58,5	57,5		^{2}N—^{1}N	Idem.
25	52	70	54,5	53,0		^{1}N—^{1}N^{1}	Idem.
26	51	63	52,5	54,2	1	*•NO—^{1}N^{4}	Chuviscos quasi inapreciaveis.
27	51	65	60,3	60,2		^{1}N—^{2}NO•	Claro e poucas nuvens — Coberto
28	53	66	62,3	62,4		•NO—^{1}NO•	Claro e nuvens.
29	50	71	63,4	61,5		*•N—^{1}N	Claro.
30	52	69	59,3	56,4		*•N—^{1}NO	Claro.
Med.	48,6	63,5	755,3	755,3	47	N—NO—O	Frio, regularmente chuvoso, e ventoso.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE ABRIL DE 1849.

Temperaturas. — Maxima a 29 — 71°. — Minima a 13 e 21 — 43° — Media das madrugadas 48°,6 Maxima das 2h da tarde 63°,5 — Media do mez 55°,4 — Variação media diaria 14°,9 — Maxima dita a 28, 21°.

Pressões atmosphericas na temperatura de 63° Maxima a 29 — 763,2 millim. — Minima a 9 — 747,3 — Media 755,4 — Variação dos extremos 15,9 mill.

Ventos dominantes, contados em meios dias, é sua força. — N, 17 [1,0] — NO,17 [0,8] — O,12, [1,2] — SO,5 [0,7] — S,1 [0,2] — NE,2 [0,2]. Variaveis ou bonanças 6 — Direcção media do vento dominante — N,45° O [0,9] — Madrugadas bonançosas, designadas no Diario com o signal * precedendo a direcção dos ventos; 14 — Meios dias ventosos 25 — Tempestade do N, a 25,26,27.

Estado da atmosphera. Meios dias claros 14 — Claro e nuvens 7 — Cobertos 10 — Dias em que choveo 8 — Dias de chuvisco 5 e na totalidade 13, que produzirão 47 millim., ou menos um decimo da chuva normal do mez.

Decorreo o mez com uma temperatura fria, inferior de tres gráos á normal, regularmente chuvoso, e ventoso, sentindo-se frios sensiveis em 15 dias.

Aspecto dos campos. — As beneficas chuvas que começárão no meado de Março, continuárão brandamente no seu regular andamento quasi toda a primeira

quinzena deste mez, e por isso sendo aproveitadas pelos sequiosos terrenos levárão a nutrição, e a vida a todos os vegetaes, pelo que os campos e os arvoredos offerecem a mais bella apparencia, e denotão prosperar colheitas em todos os fructos.

Necrologia dos seis districtos de Lisboa. Forão sepultados nos tres cemiterios da cidade, do sexo masculino 190 cadaveres maiores, e 149 menores; total 339. — Do sexo feminino 180 maiores, e 151 menores; total 331. — Total geral 670 em cujo numero se comprehendem 371 que fallecêrão nos hospitaes e outros estabelecimentos publicos, do que se deduz que o corrente mez, assim como o antecedente, continuou a ser insalubre para a conservação da vida, pois a mortalidade excedeo á normal, deduzida dos 12 annos antecedentes, em 150 individuos, ou 29 por cento, sendo mui avultada a dos menores.

M. M. Franzini.

ACTAS

DAS

SESSÕES

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA.

1849. — N.º III.

SESSÃO LITTERARIA DE 9 DE MAIO.

Presidio o Sñr. José Cordeiro Feio.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.ˢ Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Freire de Carvalho, José Liberato Freire de Carvalho, Francisco Recreio, Antonio Lopes da Costa e Almeida, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Agostinho Albano da Silveira Pin-

to, e Fortunato José Barreiros, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valénte do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; Antonio Maria da Costa e Sá, Socio Livre; e Carlos Bonnet, Socio Correspondente.

O Sñr. Vice-Secretario, Francisco Elias Rodrigues da Silveira, participou que não podia assistir á Sessão em consequencia de obrigações que, em razão do seu officio, tem de cumprir junto a Sua Magestade a Rainha.

MEMORIAS LIDAS.

Elogio necrologico do nosso Consocio o Snr. Mattheus Valente do Couto. Pelo Sñr. Francisco Recreio. Deo-se-lhe o destino conveniente.

DONATIVOS.

Collecção de Documentos relativos á Crise da fome por que passárão as Ilhas da Madeira e Porto Santo, no anno de 1847. — 8.° 1 vol. —Funchal 1848.

Apontamentos sobre as classes desvalidas e Institutos de Beneficencia. Funchal 1847.

Béja no anno de 1845, *ou primeiros traços statisticos daquella cidade.* Funchal 1847.

Collecção de Documentos relativos ao Asylo de Men-

dicidade do Funchal, creado pelo Conselheiro Governador Civil José Silvestre Ribeiro. Funchal 1848.

Collecção de Documentos relativos á construcção da Ponte do Rio Secco na Ilha da Madeira, no anno de 1848. Funchal 1848. Estes quatro ultimos opusculos fórmão um volume em 8.° portuguez. = Offerecido tudo pelo Sñr. José Silvestre Ribeiro.

Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa. — 2.ª Serie. — Tomo 4.° — mezes de Fevereiro e Março de 1849. = 8.° 2 N.os

Journal Asiatique, ou Recueil de Mémoires, d'Extraits et de Notices relatifs à l'Histoire, à la Philosophie, aux Langues et à la Littérature des Peuples Orientaux. = *Quartième série.* — Tome XIII. N.° 61. — Janvier 1849. = 8.° 1 N.°

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences [Instituto Nacional de França]. 1849, *Premier semestre.* Tome XXVIII. = N.os 11, 12, e 13 = 4.° g.de 3 N.os

PARA O MUSEU.

Um Sagui = *Simia Jacchus* =, offerecido pelo Sñr. Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond, Ministro do Brasil.

ASSEMBLEA D'EFFECTIVOS DE 16 DE MAIO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.ˢ Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Filippe Folque, Francisco Recreio, Antonio Lopes da Costa e Almeida, Fortunato José Barreiros, Marino Miguel Franzini, Barão d'Eschwege, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos.

RELATORIOS.

Tendo o Sñr. Francisco Pedro Celestino Soares lido, na Sessão Litteraria de 14 de Fevereiro ultimo, uma composição sua que intitulou *Lanterna do Mineiro*, e tendo-se nomeado Censores para ella, na fórma dos Estatutos, lerão-se as Censuras respectivas na Sessão

do Conselho de 2 do corrente. Dois Censores forão de voto que, attendendo á grandissima vantagem do objecto de que se trata, se pedisse a Sua Magestade mandasse fabricar no Arsenal Real do Exercito uma lanterna, segundo o modêlo do Sñr. Celestino, e que se sugeitasse á experiencia, perante uma Commissão de Officiaes Engenheiros, de que fizesse parte o nosso Consocio, para conhecer se na pratica offereceria algum inconveniente o seu invento; em vista do que determinou o Conselho que a Memoria do Sñr. Celestino se imprimisse nas Actas, e que se levasse este negocio á consideração da Assemblea d'Effectivos, para decidir o que devia fazer-se sobre a representação que os Censores entendêrão convinha dirigir-se a Sua Magestade relativamente a este assumpto.

Consequentemente lança-se nesta Acta a

Lanterna do Mineiro, Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa pelo seu Socio effectivo, Francisco Pedro Celestino Soares.

Nos trabalhos subterraneos, em geral, e nos militares particularmente, é da maior importancia o emprego da luz, tanto na occasião em que taes obras se construem, como quando dellas se pertende tirar o partido que a sua applicação requer.

É claro que, nas extensas galarias, suas ramificações, e ramaes, a falta de ar vital se torna muito sensivel, principalmente quando as emanações terrestres viciam aquelle que nellas existe; tornando-se este inconveniente muito mais poderoso pelo consumo do oxigenio devido ao alimento das luzes, e substancias derramadas no ar restante, seja qual for aquella que se empregue nesse alimento. Belidor, querendo obviar

a taes difficuldades, propoz o uso dos fosforos aperfeiçoados, e o emprego de foccos luminosos, cujos raios recebidos em espelhos concavos, e reflectidos sobre outros planos, fossem levados aos pontos necessarios: mas qualquer destes meios apresenta difficuldades na pratica; o primeiro por não fornecer luz sufficiente; o segundo pelo embaraço causado nas galarias, e tambem pelo alimento desses foccos de luz, que reubam o oxigenio, e viciam o ar pelas substancias não consumidas, e que nelle se derramam.

Alem destes inconvenientes existe outro que não é de menor importancia nas minas militares, e vem a ser o risco proveniente da inflamação da polvora, quando este mixto se emprega no carregamento dos fornilhos, pelo pó impalpavel que se desenvolve, e que, posto em contacto com as luzes, produziria a explosão prematura dos mesmos fornilhos, com perda irremediavel dos Mineiros, e evidente prejuiso das operações, quer atacantes, quer defendentes.

Do que deixâmos dito conclue-se facilmente, quanto importa empregar algum novo meio que remova uma das grandes 'difficuldades que paraliza a guerra subterranea, principalmente defensiva; sendo esta a que mais sofre pelo maior desenvolvimento que é preciso dar-lhe, e pela distancia em que as suas principaes operações tem lugar, em relação aos pontos communicantes com o ar livre: É pois para satisfazer a tão importante objecto, que imaginámos a lanterna de que passâmos a dar a descripção.

Consta este aparelho de um cylindro de vidro grosso *aa*, bem claro, de 12 pollegadas de alto, e 8 de diametro, engastado nos topos em duas virolas de metal, com rosca interior *bb*: da parte externa destas virolas, nascem braços de arame grosso *cc*, em que se

entretece uma rede do mesmo arame *dd*, larga, e que tem por objecto evitar o choque de qualquer corpo extranho no vidro: na virola superior deve haver um annel, ou argola *F*, para se pendurar nas espaldas da galaria, dando ao aparelho a situação conveniente.

Dous circulos de metal *GG*, com rosca exterior, se adaptão ás virolas; o superior tem um orificio *e* de duas pollegadas de diametro, guarnecido de um tubo cylindrico de quatro pollegadas de alto, no qual se applica outro exteriormente *hh*, recurvado, sendo esta porção pelo menos de dous palmos de comprido: este tubo tem um rebordo *yy*, que se segura por duas taramelas, ou dentes *zz*, para evitar que se desloque por qualquer accidente. Na extremidade do braço curvo, se parafusa um annel a que está cozida uma mangueira de couro, armada interiormente com uma espiral de arame, para lhe conservar a fórma cylindrica, sem lhe tirar a flexibilidade.

No circulo inferior, tambem de metal *G*, se adapta um candieiro de torcida cylindrica vasada *L*, com tubo de vidro *M*, para facilitar a perfeita combustão do azeite; neste circulo ha um reflexo *J* unido ao deposito do azeite, e que serve para levar a luz, com mais intensidade, aos pontos que a exigirem.

O ar para o alimento da luz é fornecido por outra mangueira *N* igual á primeira, e que se adapta a outro tubo inferior *W*, soldado pela parte debaixo, e que deve corresponder áquelle em que existe a torcida: o ascenso, e descenso desta, obtem-se pela roda dentada *X*, cujo movimento se lhe transmitte pela outra *X'*, e eixo que as liga.

Concebido assim o aparelho é evidente, que dispondo as mangueiras, tanto de aspiração como de respiração, encostadas ás espaldas das galarias, ou ramaes, e sos-

tidas por estacas ou escapulas cravadas nessas espaldas, as entradas e sahidas do ar se irão fazer nos logares mais convenientes, não prejudicando aquelles em que effectivamente se trabalha; assim como se evitam os perigos da inflamação da polvora, porque o aparelho não deve permittir o contacto da luz com o pó imperceptivel que se eleva no ar, quando aquelle mixto se remove.

Leo o Secretario as Censuras seguintes da Memoria e o relatorio que sobre ellas fez o Sñr. Director da Classe.

Relatorio do Primeiro Censor, o Snr. Fortunato José Barreiros.

A descripção e o desenho da *Lanterna do Mineiro*, que apresentou a esta Academia o nosso illustre Consocio, o Sñr. Conselheiro Francisco Pedro Celestino Soares, não me parece offerecer em theoria algum inconveniente, ficando o augmento de despeza que exige, comparada com as de que actualmente se usa, sobejamente compensado com as vantagens que procura, e que o mesmo digno Socio enumera. Mas a experiencia, prova real a que a razão aconselha, que sejam submettidos todos os inventos, póde unicamente decidir do merecimento pratico do actual, assim como, de quaesquer modificações de que careça, para bem desempenhar o fim a que é destinado; sendo muito frequentes os casos em que uma ideia simples, e bem concebida na mente dos inventores, se tem achado depois irrealisavel, ou de difficil applicação. Por estes motivos, porque o assumpto de que se trata é de grandissima vantagem

para os trabalhos das minas, e finalmente porque não parece conduzir a grande despeza, é minha opinião, que a Academia andaria com prudencia neste negocio, fornecendo ao nosso Consocio os meios necessarios, para mandar construir a sobredita lanterna, ou pedindo ao Governo de Sua Magestade, que a faça fabricar no Arsenal do Exercito, sob a direcção do seu auctor, e que depois de levada a effeito, se sujeite á experiencia no aqueducto das agoas livres, perante uma Commissão de Officiaes Engenheiros, a que se ajunte o nosso Consocio; a fim de estabelecer então, com pleno conhecimento de causa, o gráo de utilidade e pratica desta invenção.

Relatorio do Segundo Censor, o Snr. Joaquim das Neves Franco.

A idéa de obter uma corrente de ar no interior das minas militares pelo meio de tubos communicantes com corpos em combustão, devida á necessidade de ser immediatamente renovada a porção daquelle fluido gasto em cada instante na mesma combustão, tem já tido diversas applicações, e em o N.° 341 do *Ensaio sobre minas militares* que havemos offerecido á nossa Academia, e que esta se dignou mandar imprimir, démos noticia da applicação que aquella idéa tinha tido á ventilação das galerias subterraneas: conseguintemente nenhuma duvida nos offerece, quanto á parte theorica, a applicação que della faz o nosso benemerito consocio, o Snr. F. P. Celestino Soares, á conservação de luz na *Lanterna do Mineiro*, cujo desenho nos foi remettido para sobre elle darmos a nossa opinião. Porêm quanto á parte prá-

tica, além de termos por conveniente que previamente fosse submettida á experiencia, julgamos de algum peso a consideração de que existindo os logares que devão ser alumiados a differentes distancias do ar livre, e dos pontos onde o pó da polvora já não possa chegar, parece indispensavel que as mangueiras de couro offereção diversos comprimentos, e que differentes vezes se estejão mudando, acrescentando ou diminuindo, o que tornará bastante incommodo o uso de similhante apparelho, tendo as ditas mangueiras de ser sostidas por estacas encostadas ás espaldas, ou por grampos cravados nessas espaldas, sem prejudicar os outros trabalhos.

Relatorio do Snr. Director da Classe,
José Cordeiro Feio.

Os dois Censores, que examinárão a Memoria do nosso Consocio o Snr. Francisco Pedro Celestino Soares, intitulada = *Lanterna do Mineiro* = ambos convem na utilidade de sua construcção; mas ambos receião de que possa encontrar alguns inconvenientes na pratica, principalmente por causa das mangueiras adaptadas á mesma lanterna; sendo um dos Censores de opinião ou que a Academia forneça os meios necessarios para se fazerem as experiencias convenientes, ou que se peça a Sua Magestade que Mande proceder ás mesmas experiencias, opinião esta com que eu tambem me conformo. Nenhum dos Censores falla na impressão da Memoria nem pró, nem contra: e a mim parece-me que não haveria inconveniente em se determinar. A Academia resolverá o que for mais acertado.

Resolveo a Assemblea que se representasse a Sua Magestade, na fórma proposta pelos Sñr.[s] Barreiros, e Director da Classe, sendo a representação acompanhada da Memoria a que se refere, e das Censuras.

Assentou-se que se entregasse ao Sñr. Director da Classe de Sciencias Naturaes a descripção dos generos novos, de plantas, remettidas do Rio de Janeiro pelo Sñr. Doutor Francisco Freire Alemão; e ao Sñr. Director da Classe de Sciencias Exactas o *Juizo critico sobre o compendio de Geometria, adoptado pela Academia de Marinha do Rio de Janeiro.* Por C. B. Ottoni. Rio de Janeiro 1845 — 12.°, offerecido á Academia, para serem examinados pelas Classes a que pertencem, a fim de se avaliar o merecimento litterario de seus AA.

Discutindo-se a proposta feita pelo Sñr. João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, na Sessão litteraria de 25 d'Abril ultimo, sobre a impressão do Cancioneiro do extincto Collegio dos Nobres, assentou-se que a Classe de Sciencias Moraes e Bellas Lettras nomeasse uma Commissão, em que entrasse o Autor da proposta, para tratarem do modo de a levar a effeito, e apresentarem á Academia o seu parecer.

SESSÃO LITTERARIA DE 23 DE MAIO.

Presidio o Sñr. Duque de Palmella, Vice-Presidente.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.ˢ Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, José Liberato Freire de Carvalho, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Pedro Celestino Soares, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Antonio Lopes da Costa e Almeida, Fortunato José Barreiros, Marino Miguel Franzini, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Recreio, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; Antonio Maria da Costa e Sá, Socio Livre; Carlos Bonnet, Socio Correspondente.

COMMUNICAÇÕES.

Participou o Secretario perpetuo que o Sñr. Bonnet tinha apresentado na Academia uma collecção de 140 exemplares de rochas do Algarve com o seu catalogo e

rotulos competentes, que já se achava collocada no Museu.

O Secretario perpetuo, fazendo algumas ponderações sobre a falta de productos naturaes do Paiz que se observa no Museu da Academia, concluio dellas a necessidade de reparar esta falta, para o que mui valiosos auxilios podia prestar o Conselho de Saude Publica do Reino, recommendando aos seus Empregados que colligissem e mandassem para a Academia os objectos conchiologicos, zoophitos, e plantas maritimas, que estivessem ao seu alcance; e por isso propoz que, neste sentido, se officiasse ao Conselho de Saude publica, remettendo-lhe Instrucções accommodadas a todas as intelligencias, para se regularem por ellas os seus Empregados, e leu a minuta destas Instrucções.

A Academia approvou a proposta e as Instrucções, que abaixo se transcrevem, com um additamento do Sñr. Bonnet, consignado no Art.° 14.

Breves Instrucções sobre a maneira de colher Conchas, Busios, Ouriços, Estrellas, e Plantas Maritimas para a Collecção dos Productos Naturaes de Portugal do Museu da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

1.ª Debaixo do titulo de Conchas, e Busios não só se comprehende toda a qualidade de Mariscos, que se encontrão pelas praias, e rochedos junto ao mar, mas toda a qualidade de caracóes, e roscas que existem pelos campos, vinhas, pomares, e jardins, bem

como todos aquelles animaes, que tem concha, que existem nas fontes, charcos, alagoas, e rios.

2.ª Devem escolher-se as conchas dos ditos animaes, que não forem quebradas, nem roçadas, sendo preferiveis aquellas, que ainda contiverem dentro em si o animal, o qual deve ser tirado dellas por meio de agoa a ferver.

3.ª As conchas, que forem compostas de mais de uma peça, devem vir com a sua prisão natural.

4.ª Devem trazer notado o nome, que os naturaes da terra lhes dão, no caso de terem algum, bem como o lugar em que forão apanhadas.

5.ª O que fica dito se applica aos ouriços e estrellas do mar.

6.ª As plantas maritimas, que se crião pelas praias, ou pelos rochedos, ou que tem as suas raizes mergulhadas na agoa do mar, devem, se for possivel, ser colhidas com a flor, e o fructo ou semente, aquellas em que é costume dar-se alguma destas circunstancias: sendo pequenas devem vir com a raiz, e sendo grandes devem cortar-se ramos do tamanho de palmo e quarta, pouco mais ou menos.

7.ª Estas plantas devem secar-se bem á sombra, mettidas em folhas de papel pardo, entre duas taboas bem polidas.

8.ª Succede, que muitas dellas contem naturalmente bastante humidade, e neste caso convem tê-las por muito pouco tempo, um minuto, por exemplo, em agoa a ferver, e enxuga-las depois com papel pardo.

9.ª Estando o tempo humido, ou não se secando bem, pela fórma indicada na septima instrucção, devem ser submettidas ao calor de um forno, depois de se ter cosido o pão.

10.ª Depois de secas devem ser collocadas em pa-

pel branco, e unidas a elle por meio de pequeninas tiras de papel, cujas extremidades se untão com gomma para as plantas não cahirem. No papèl em que estão unidas, se deve escrever o nome, que os naturaes da terra lhes dão, caso tenhão algum, e o sitio em que forão colhidas.

11.ª Cada um dos papeis em que estiverem unidas as plantas, pela fórma acima dita, deve ser mettido n'uma folha de papel azũl de embrulhar, e todos remettidos em caixa de madeira bem unida.

12.ª Além dos productos mencionados, encontrão-se pelas praias, ou unidas aos rochedos, esponjas, pequenas arvores do mar, ás quaes alguns naturaes dos sitios, em que existem, chamão craveiros do mar; bem como pedras cheias de estrellas, as quaes tambem devem ser colhidas, com o nome, se o tiverem, e o do sitio, em que se tiverem apanhado.

13.ª Finalmente, depois dos temporaes, é a melhor época para se procurarem nas praias as conchas, e busios dos mariscos, ouriços, e estrellas, que se crião no mar.

Bem entendido, que a Academia não faz distincção entre conchas, busios etc. bonitos, e feios, deseja exemplares de todas as qualidades de conchas e busios que poderem apanhar-se, ainda que muito feios pareção, como por exemplo ostras etc.

14.ª Pede-se aos Sñr.ˢ Guardas-móres, e Fiscaes de Saude nos portos do mar, que recommendem aos pescadores que não deitem fóra os objectos que as suas redes trouxerem, e que não forem de pescaria, antes pelo contrario os entreguem aos Sñr.ˢ Guardas-móres, e Fiscaes.

15.ª Todos os objectos que vierem para o Museu da Academia, serão dirigidos ao seu Secretario perpetuo o

Conselheiro Joaquim José da Costa de Macedo, e a Academia pagará a despesa do transporte dos mesmos objectos, quer elles venhão por mar, quer por terra.

N.B. Devem vir uns poucos de exemplares de cada objecto, quer sejão conchas, quer sejão plantas, ou outros quaesquer productos acima mencionados.

O Sñr. João da Cunha Neves e Carvalho Portugal annunciou que tinha entre mãos varios trabalhos sobre a Geographia antiga da Lusitania, e especialmente sobre a situação de *Eminium*, que trataria n'uma Memoria que estava preparando para ser presente á Academia, de que deu a noticia seguinte:

De todos os ramos de nossa Historia nacional nenhum tem sido menos tratado e cultivado do que o da Geographia, e Topographia da antiga Lusitania, respectiva ao territorio a que chamamos hoje Portugal. Na vasta collecção mesma das Memorias de nossa Academia, aliás tão rica de noticias historicas do nosso paiz, aquelle ramo é quasi totalmente omisso; nem eu tenho noticia de mais de dous Academicos que se tenhão occupado desta materia, e ainda estes escrevêrão mais como Antiquarios do que como Geographos. Foi um delles o Sñr. José Diogo Mascarenhas Neto na sua Memoria á cerca das Inscripções Romanas que descubrio na reedificação

das Caldas de Vizela, sendo Provedor de Guimarães; outro o Sñr. D. Antonio da Visitação n'outra Memoria á cerca do *Deos Endovelico* do Gentilismo, mencionado nas Lapides votivas, levadas de Terena para o Terreiro do Palacio de Villa Viçosa. E entretanto já Escriptores Portuguezes tinhão em diversos tempos tocado neste assumpto; tão proprio para exercitar o talento, e diligencia dos Litteratos, que n'outras Nações se tem instituido Academias com este destino especial e privativo. Entre nós escrevêrão mais ou menos da Geographia antiga Lusitana André de Rezende, e seu infeliz Commentador Diogo Mendes de Vasconcellos, — Gaspar Barreiros, — o Doutor João de Barros, — Gaspar Estaço, — Duarte Nunes de Leão, — Fr. Bernardo de Brito, — Manoel Severim de Faria, — o Contador de Argote, e Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo em varios lugares do seu Elucidario, além d'outros de menos consideração. Nenhum porêm emprehendeo ainda coordenar um systema, nem ainda formular um mappa geral Geographico e Topographico do nosso Territorio Lusitano; de maneira que quasi nos achamos reduzidos ainda ao que nos deixou Claudio Ptolomeu ha 1:700 annos. E aquella briosa e valente Lusitania que tanto deo que fazer aos conquistadores do mundo conhecido, que produzio os Viriatos, os victoriosos companheiros de Sertorio, os indomaveis Calaicos, disputando com as armas na mão sua independencia e liberdade por 200 annos; aquelles Povos em fim que se aquietárão sómente mais com as caricias, e lisongerias d'Augusto, do que com a força das Legiões Romanas, esta antiga honrada Lusitania, digo, tem ficado triste e ignominiosamente esquecida ás lucubrações da Sciencia.

Eu bei sei, Sñr.ᵉ, que muitos dos nossos Consocios que perecêrão, e alguns mesmo dos que me escutão, te-

rão nos seus Gabinetes, nas collecções e apontamentos de suas investigações litterarias, noticias preciosas de nossa Geographia antiga: mas não sei que fado máo tem concentrado esta parte da Litteratura geral nas meras curiosidades archeologicas, que se costuma mais guardar, do que publicar. Eu deploro este ignavo prejudicialissimo descuido; e proponho-me a ir apresentando á censura da nossa Academia alguns dos pontos averiguados da Topographia Lusitana, fruto de sympathia, e applicação de muitos annos sobre este objecto, estudos sempre interrompidos por outros cuidados, e obrigações publicas. Serão pequeninos ramos d'uma frondosa, e vastissima floresta; porêm dos ramos se compõe a arvore; e este rebate servirá ao menos de despertar os que conservão occulto mais rico cabedal, a fim de que o manifestem ao Publico como é preceito de nossa divisa Academica. Assim pouco e pouco iremos juntando os materiaes dispersos que possão algum dia levantar regular e bem composto o edificio completo da nossa Geographia antiga, monumento que absolutamente nos falta.

Começarei, Sñr.ª, minha tarefa pelo ponto mais intrincado da Topographia Latino-Lusitana: onde estava situada a Cidade, ou o Oppidum e povoação = *Eminium* =? Em que tempo, e por quem foi edificada? Qual sua historia? Como desappareceo do solo Lusitano? Eis as questões que tratarei n'uma Memoria especial para ser apresentada á censura sempre judiciosa da nossa Academia. Aqui tocarei sómente de passagem a importancia historico-topographica desta discussão, e o vago e incerto das opiniões desvairadas, assim de nossos Escriptores, como dos Geographos estrangeiros que por uma immensa maioria levárão o pobre *Eminium* arrastado a lugares invios, e afastados da Via Romana onde floreceo, [e presistio, atravéz das destruições dos Povos do

norte], *e onde ainda hoje vive, posto que com nome emprestado.*

1.° Ponto. A importancia historica desta Povoação deduz-se da serie mesma das noticias e successos consignados — 1.° nos Escriptores Latinos que della tratárão, unicas autoridades coevas que nos restárão desta parte da antiga Geographia Romana; — 2.° nas inscripções lapidares ou existentes, ou perdidas e apagadas, porêm transcriptas por graves Autores que as vírão e examinárão; — 3.° finalmente nas memorias da meia idade, Ecclesiasticas e profanas. — O primeiro Escriptor que eu saiba se lembrou do *Eminium* foi um homem tão competente por seu conhecimento local da Hespanha Romana, que basta nomea-lo, Plinio o Geographo; o qual principiando a descrever a Lusitania desde os seus limites ao Norte, estabelecidos desde Augusto Cesar, assim diz = *Ab Durio Lusitania incipit; = Turduli, Veteres, Pæsuri flumen Vacca, Oppidum Talabrica; Oppidum et flumen Eminium, Oppida Conimbrica.* = Assim vai continuando sua enumeração de Povos, Terras e Rios até aos extremos limites ao Sul. Mas, chegando ao Tejo, volta para o Norte, e diz = *Ab Durio Tagus CC. M. passuum interveniente Munda.* =

O Itinerario chamado d'Antonino enunciando as povoações da Via principal Romana de Lisboa até Braga, e por conseguinte de Sul ao Norte, na razão inversa da de Plinio, diz = *A Conimbrica ad Eminium quator milia passuum — ad Talabricam decem milia passuum.* =

Nenhum dos demais Autores Latinos que tratárão das cousas Hispanicas, e cujos escriptos chegárão até nós, fallou do *Eminium;* e até o mesmo Plinio, ha pouco citado, n'outro lugar de sua Geographia, descrevendo a qualidade e cathegoria civil dos Povos Lusitanos segundo as Terras a que pertencião, depois de mencio-

nar as Cidades que gosavão da consideração já de Colonias, já de Municipios, e de Direito do Lacio, arranjando todo o resto na classe de Povos Stipendiarios, nomeando muitos, se esqueceo dos de *Eminium* e d'outros da Lusitania, no que com muita razão foi censurado por Henrique Flores: boa prova de que em obras de grande vulto ainda aos melhores Escriptores escapa muita cousa.

Dos tempos Latinos temos mais, além das duas autoridades já lembradas, as Inscripções Lapidares achadas no proprio lugar em que esteve o antigo *Eminium*, que são muitas, e de diversas naturezas: infelizmente porêm nenhuma dellas contem a denominação do local, o que deixou no mar das conjecturas nossos Antiquarios, sem saberem a que Povoação classica as attribuirião: parecendo com tudo admiravel que com os dados estabelecidos por Plinio, e pelo Itinerario d'Antonino concordes e concludentes, posto que pela ordem inversa que dissemos, não attingissem a solução do enigma. Eu terei occasião, Sñr.ª, d'apontar os tropeços e difficuldades que fizerão recuar todos os nossos Antiquarios á excepção de um só; e este mesmo, atinando, deixou todavia intactas aquellas difficuldades, que espero farei desapparecer.

Passando dos tempos Latinos aos tempos Suevos e Wisigothicos, que desde o Seculo 5.º dominárão nas Hespanhas, vereis, Sñr.ª, que se augmentão grandemente as noticias da Povoação *Eminium*. Nós não sabemos individuadamente da sorte que correo esta parte da Lusitania em que a dita povoação estava situada na furiosa invasão dos barbaros do Norte. De crer é que os estragos e destruições causadas pelos quatro flagellos reunidos, a guerra, a peste, a fome e os animaes ferozes, que acompanhárão ou seguírão a este grande

cataclismo da meia idade, abrangessem mais ou menos o nosso *Eminium*. Se nós podessemos dar credito aos bem tecidos Romances historicos de Fr. Bernardo de Brito, quando escreveo desta época com uma segurança e ingenuidade sem igual, não duvidariamos concluir que o *Eminium* fóra desde a entrada dos Barbaros victima de sua ferocidade; mas que poucos annos depois o Alano Ataces ahi fundára a séde do seu imperio, fazendo reparar a Cidade, e os muros em que trabalhárão os Christãos captivos, sem exceptuar o proprio Bispo Conimbricence, libertado depois pela intervenção da Rainha Cindasunda já Christã occulta, a mesma que nas armas de Coimbra representa a matrona collocada entre uma Serpe e um Leão, para expressar a paz que pelo consorcio desta personagem teve lugar entre seu esposo o sobredito Ataces, e seu pai o Suevo Hermerico. Porêm, Sñr.ª, outros Academicos antes de mim demonstrárão que o Chronista Brito nesta materia = *aniles fabulas narrat.* =

Eu mostrarei, Sñr.ª, que qualquer que fosse o fado d'*Eminium* na entrada dos barbaros, é com tudo certo que, convertidos ao Catholicismo os Suevos com seu rei Ariamiro, cujo imperio se estendia no 6.° Seculo desde a Galliza até Lisboa, com sua Corte em Braga, apparece logo no numero das parochias attribuidas á Diocese de Coimbra, no primeiro Concilio Lucense em 1569, a Igreja de *Eminio*. Ora as Actas deste Concilio são d'aquellas que os mais apurados Criticos considerão authenticas; sendo certo com tudo que nenhum de nossos Escriptores soube tirar partido topographico de semelhantes Actas para o assumpto que tratamos.

Nos tempos Gothicos que se seguírão aos Suevos figura muito mais nobremente o mysterioso *Eminio*. Logo no terceiro Concilio Toletano, celebrado no anno de

Christo 589, em que toda a nação Wisigothica das Hespanhas com seu rei Recaredo, abjurando o Arianismo, abraçárão o Culto catholico, figura o Bispo Possidonio *Eminiense*. E posto que fosse este o unico Prelado com o titulo de Bispo d'*Eminio* que appareça nos Concilios todos anteriores e posteriores, não é menos certo que permaneceo a Povoação ou como simples parochia, ou como local da Séde Episcopal, disfigurado já com tudo pela mudança dos nomes. Eu terei, Sñr.ᵉ, occasião de desenvolver este ponto, que pela primeira vez é criticamente tratado, a pezar das tentativas infructuosas do Mestre Flores. Quanto ás Inscripções e Medalhas:

Grande na verdade devia ter sido nos tempos Gothicos a importancia d'*Eminio*, pois que dous Soberanos ahi cunhárão moeda. O nosso Severim de Faria, no fim do Tom. 2.º de suas noticias, faz uma observação muito judiciosa, e é que não se extendendo a collecção das moedas, ainda existentes, dos Reis Wisigodos nas Hespanhas, a mais de 30, dellas 26 forão cunhadas na Lusitania, a saber — em Merida — Idanha — Evora — e *Eminio*; e destas ultimas possuia uma de que traz o debuxo com a letra = *Sizebutus* = *Eminio Pius*, = asseverando porêm haver noticia certa de outra = *Reccaredus rex* = *Justus Æminio*. =

Nova difficuldade se levanta da qualificação dada nestas moedas á Cidade de *Eminio*, comparada com a da simples parochia da Diocese Conimbricence que lhe attribuem todas as actas das divisões de Bispados, e da denominação de suas parochias que se encontrão na collecção dos Concilios da Igreja Gothica; parecendo que ha implicancia entre a qualificação de Cidade, onde os Reis cunhavão moeda, e quasi ao mesmo tempo considerar-se o pobre *Eminio* como uma mera parochia. Tambem

esta especie de contradicção será desfeita e aplanada na Memoria projectada.

Finalmente durou o *Eminio* ainda além dos tempos Gothicos, e atravessando a dominação dos Arabes desde o 8.º Seculo veio ainda figurar nos reinados Catholicos das Asturias, d'Oviedo, e de Leão, ao menos até ao Seculo 10.º Eu apresentarei, Sñr.ˢ, os textos formaes da sua existencia neste derradeiro periodo de sua vida historica, e a razão de seu total desapparecimento.

2.º Ponto. Disse eu, Sñr.ˢ, que nossos Escriptores quando quizerão collocar o *Eminium* se perdêrão no vago e incerto d'argumentações arbitrarias. Tinhão elles traçada, pela autoridade de Plinio em perfeita concordancia com o Itinerario d'Antonino, uma linha fixa, e indestructivel para dentro della restabelecerem o vagabundo *Eminium*. Era a Via Romana do Porto a Lisboa, atravessando o Vouga, e o Mondego, e passando por *Talabrica*, e *Conimbrica*, quero dizer, por Cacia junto a Aveiro, e por Condexa Velha a duas legoas e meia da actual Coimbra. Sabião que era indispensavel, para não contrariarem as balizas dos dous textos Latinos, collocar forçosamente o *Eminium* entre aquelles dous pontos. E sabião mais pelas medidas estabelecidas no Itinerario, que havião colloca-lo a duas legoas e meia de Condexa a Velha, porque nenhuma duvida podia dar-se que esta era a antiga *Conimbrica*, entre a qual e o *Eminium* dava o Itinerario quatro mil passos. E finalmente sabião que era forçoso estar n'um ponto em distancia de 9 ou 10 legoas de Cacia que no mesmo Itinerario se marcavão de *Eminium* para Talabrica.

Este ponto intermedio nunca foi achado senão por Gaspar Barreiros, mas isto mesmo sem demonstração de sua these; attingio-a unico no meio da torrente de todos os Escriptores, que dirigidos ou enganados por

Fr. Bernardo de Brito, e Diogo Mendes de Vasconcellos, forão collocar o *Eminio* em Agueda; e este disparate passou dos Portuguezes aos Estrangeiros, Geographos, e não Geographos, que ás cegas abraçárão aquella fallace opinião. Eu explicarei tambem, Sñr.ˢ, a causa deste erro, do qual querendo alguns fugir por sua manifesta implicancia com aquelles textos, se forão a divagar á ventura tratanto de descobrir outros pontos em distancia mais aproximada da medida proposta. D'aqui proveio que uns levárão o *Eminio* a Montemor Velho, outros a Macinhate sobre o Vouga, emendando um erro com outros erros; e verificando-se nelles a sentença conceituosa do Velho Horacio =

In vitium ducit culpæ fuga si caret Arte.

E com tudo desculpados devem ser todos, porque desprovidos d'outros adminiculos que não fossem os dos Autores classicos, e não havendo seguido para assim dizer a pista do fugitivo metamorphoseado *Eminio* nas dispersas passagens de nossa Historia da meia idade, tanto Ecclesiastica como secular, faltou-lhes naturalmente a chave do enigma que só podião achar na confrontação de todas as noticias. Eu presumo, Sñr.ˢ, ter encontrado e apanhado esta chave, como espero vereis e julgareis á vista da dita Memoria que brevemente espero apresentar-vos. E para não vos ter em suspensão por mais tempo, annunciarei desde já que o *Eminium* foi onde está hoje a actual Coimbra; a qual trazendo de Condexa a Velha, onde florecêra com o nome indigena Conimbriga, e Latino Conimbrica, a importancia da sua Séde Episcopal, restaurada nos tempos Gothicos, foi pouco e pouco apagando os vestigios e as tradições classicas do seu novo local.

Então, Sñr.ˢ, quando ouvirdes ler a promettida Memoria será occasião opportuna de reflectir sobre o im-

probo trabalho, e indefesso estudo indispensavel para desemmaranhar de sua obscuridade uma grande parte de nossa Topographia antiga; e com quanto reconhecimento se devem receber, não meus fracos ensaios, mas as lembranças desses homens incansaveis que por uma especie de sympathica dedicação se entregão a sulcar este mar tenebroso. Eu não acho exagerada a expressão energica d'um dos maiores mestres no assumpto, o famoso Freinshemius, quando comparou a uma nova creação, ou restauração monumental, o descobrimento e collocação d'uma Cidade ou povoação apagada d'outras eras, chamando-lhes = *Oppida restituta.* =

Nestes nossos tempos tratão-se estes estudos com uma especie de desdem, e despeitosa compaixão; porque o goso proximo e positivo do sensualismo moderno não dá tempo para estas investigações mais aridas, e muito mais profundas do que as faceis *leviandades Litterarias da época*, como lhes chamou o Sñr. João Pedro Ribeiro n'uma de suas Dissertações. Ainda bem' que a nossa Academia, acastelada na sabedoria de seus Estatutos e mais leis de sua instituição, menospresa todas essas *leviandades*, e só abre seu recinto sisudo, e mesurado, posto que patente a toda a vastissima extensão do saber, a todos os trabalhos uteis de sua divisa.

E com effeito, Sñr.ᵉˢ, que além do interesse Litterario; o de fixar um ponto certo, e indubitavel da nossa Historia Lusitana que até agora andava incerto, e vagabundo no meio d'opiniões encontradas, figura-se-me ser um lance de louvavel patriotismo o de fazer resuscitar d'entre as sombras do olvido, e atravéz das destruições do tempo, aquellas venerandas memorias de nossos antigos Lusitanos que tão honradamente defendêrão suas moradas, mas das quaes ás vezes nem mesmo vestigios restão, *etiàm periere ruinæ.*

MEMORIAS LIDAS.

Breve Noticia Biographica do antigo Socio Correspondente da Academia, D. Antonio da Visitação Freire de Carvalho, Conego Regular de Santo Agostinho. Pelo Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Se foi sempre louvavel costume de todas as Academias fazerem menção honrosa de Socios que se tornárão conspicuos por seus talentos, sciencias e litteratura, não me deve hoje estranhar a nossa Academia que eu tambem lhe dê uma breve noticia biographica de um seu antigo Socio, que por seus escriptos procurou não desmerecer o distincto titulo de Academico, que della havia recebido. Os illustres Socios, a quem hoje tenho a honra de me dirigir, não levarão por tanto a mal, que lhes peça algum tempo de attenção, que não será longo, não só pelo que acabo de dizer, porêm pelas relações intimas, que me ligão á memoria deste nosso antigo Socio.

D. Antonio da Visitação Freire de Carvalho nasceo nas visinhanças de Coimbra em 30 de Julho do anno 1769.

Foi educado na companhia de seus pais, que para elle e seus irmãos conservárão por muitos annos em sua casa um mestre particular.

Aos treze para os quatorze annos de idade já elle estava prompto nas primeiras lettras, e latinidade; e co-

mo succedesse vir nesse tempo a Coimbra um contraparente da familia, o qual era Conego Regular de Santo Agostinho, e o tratasse, inspireu-lhe o desejo de igualmente seguir o estado religioso.

Nessa época aos filhos de certas familias não se lhes apresentavão na carreira da vida outros destinos que não fossem seguir a Universidade de Coimbra, o Estado Militar, Ecclesiastico, ou Religioso. Elle escolheo o ultimo.

Mas como não tivesse aínda a idade competente dos quinze annos, occupou-se neste meio tempo em tomar algumas lições de Rhetorica e Bellas Lettras.

Nessa época os Conegos Regulares occupavão o Convento de Mafra, e como lá era morador o mesmo Conego que o tinha convidado, foi ali que tomou o habito, e professou.

N'aquelle Convento havia então um Collegio para filhos de pessoas nobres, á imitação do de Lisboa, dentro do qual habitavão os alumnos, e nelle se ensinavão todas as disciplinas da instrucção secundaria. Os Conegos moços tambem ali recebião esta primeira instrucção, como preliminar das Sciencias Ecclesiasticas. Os Professores erão todos Conegos do mesmo Convento.

O nosso Socio seguio todos estes estudos, e logo nelles se distinguio por maneira que foi escolhido para defender conclusões publicas de Rhetorica, Poesia, e Bellas Lettras; acto solemne, para o qual erão convidadas muitas pessoas da maior graduação de Lisboa; e acto, que de ordinario se fazia quando a Rainha a Senhora D. Maria I ali ia passar algum tempo, como sempre costumava.

Naquelle mesmo tempo havia em Mafra excellentes estudos, e os seus Professores forão sempre homens de muito merecimento. Entre elles peço licença para fazer

menção de outro Socio Correspondente desta nossa Academia, o Conego D. Joaquim d'Assumpção Velho, Professor de Physica geral e experimental, e do qual sei, que nas Memorias da Academia ha algumas observações meteorologicas. Foi este Conego Professor distincto, e talvez um dos primeiros que fez em Lisboa curiosas experiencias sobre a electricidade, e seu effeito nos phenomenos dos raios; fazendo vêr praticamente á Rainha a utilidade dos conductores, o'que com effeito conseguio, porque foi elle quem promoveo e dirigio os que se pozerão no palacio de Mafra, e ainda hoje lá existem. Para estas, e outras experiencias havia tambem ali um muito curioso gabinete de physica, e uma, talvez, das melhores maquinas electricas, que então houvesse em Portugal, maquina de cilindro, e grande força.

Mas deixando este pequeno episodio de que peço desculpa, vou continuar com o que unicamente diz respeito ao nosso Socio.

Como em Mafra não houvessem os estudos superiores das Sciencias Ecclesiasticas, e só os houvesse em Coimbra, no Collegio chamado da Sapiencia, pertencente aos Conegos Regulares, foi o nosso Socio com os seus companheiros para Coimbra. Nestes estudos se distinguio elle como nos de Mafra, de maneira que tambem ali foi escolhido para defender conclusões publicas. Porêm a este tempo já elle não tinha só os estudos adquiridos nas aulas, tinha outros muitos adquiridos pelo seu genio ancioso de instrucção, e pelo muito talento de que a natureza o havia dotado. Possuia já vastos e extensos conheeimentos sobre a litteratura em geral, Geographia, e Historia.

Foi tão distincto o seu merecimento nos estudos que então tratava, que no fim delles o escolhêrão para na classe dos Professores entrar na carreira do magisterio;

Para isso porêm se realizar a final se exigia ainda no fim de um anno uma nova prova, um acto publico, depois do qual o Candidato era julgado não só pelos seus mestres, mas por todos os Professores antigos, que se achavão jubilados.

Nessa época havia tambem em Theologia opiniões diversas; aquillo, que se chamava Ultramontanismo, e que particularmente se designava pela defeza da infallibilidade absoluta dos Papas, e suas consequencias, não era geralmente adoptado em as novas escolas. Era com tudo essa a opinião dos velhos Professores, que olhavão as novas doutrinas como erroneas, ou pelo menos temerarias. É, por tanto, bem natural que a estas se inclinasse o nosso Socio, assim como já se inclinavão os novos Professores; e esta circunstancia fez que contra elle se começasse logo a tecer uma surda intriga para que não fosse a effeito a sua primeira nomeação. Assim aconteceo. Chegado o ultimo julgamento, para o qual forão convidados quantos velhos Professores ainda se podião ter em pé, foi-lhe elle contrario, como estava preparado, e como muito se desejava; e por consequencia não se verificou a escolha, que delle anteriormente se havia feito para o magisterio.

Os que o regeitárão achárão-lhe demasiada sciencia para o ensino que elles só querião dar aos novos alumnos, que tinhão para educar.

Com escandalo de alguns dos seus mestres, dos condiscipulos, e mais individuos, que lhe conhecião o distincto merecimento, soffreo elle este desar que, em vez de lhe fazer perder o conceito que já tinha, muito mais lho augmentou, porque em pouco tempo teve a merecida recompensa.

Com a sahida dos Conegos Regulares de Mafra para S. Vicente de Fóra vierão todos os Professores que lá

estavão, porque o Collegio ali acabou. Estabelecêrão-se porêm logo neste ultimo Convento Escolas publicas por ordem do Governo; e nellas continuárão a exercer o magisterio os mesmos Professores que o tinhão exercido no Collegio de Mafra.

Para a primeira vacatura que houve foi elle logo chamado, e se lhe deo a Cadeira de Historia e Geographia. A este tempo ja cheio de avultados conhecimentos não só nestas materias, porêm na litteratura em geral, desempenhou este emprego com todo o proveito e admiração dos seus discipulos, e até das pessoas estranhas que por curiosidade o vinhão ouvir; porque, como disse, as aulas erão publicas.

Esta circunstancia o começou logo a fazer conhecido; e o seu nome se repetio com respeito e admiração, muito mais porque certa gente do mundo não podia crer que dentro de um claustro podessem haver homens de tamanho merecimento.

Para se espalhar a sua reputação litteraria concorreo ainda outra circunstancia. O Convento de S. Vicente de Fóra tinha naquella época uma bella e copiosa livraria que constantemente se enriquecia com todos os novos livros estrangeiros que se ião publicando. E a reputação desta livraria era tal em consequencia dos estrangeiros que a visitavão, que até Napoleão na invasão de Junot ordenou ao bem conhecido Sabio Francez Geofrói de Saint-Hilaire, que a examinasse, e della tirasse os livros ou manuscriptos que julgasse de interesse.

Por honra porêm de te Sabio, que eu tratei por causa desta commissão, devo declarar, que elle se houve neste negocio com toda a generosidade e cortesia de sabio e cavalheiro; e que a final na retirada do exercito Francez não quiz levar nada do pouco que tinha escolhido.

Para seu bibliothecario foi nomeado o nosso Socio; e como ali concorressem muitos curiosos tanto nacionaes como estrangeiros, porque ella estava sempre aberta para o publico, daqui procedeo o espalhar-se mais o seu nome, e que muitas pessoas, até das altas jerarchias, desejassem pessoalmente conhece-lo.

Entre estas ultimas quem mais teve desejos do o tratar foi o Creador e Presidente desta nossa Academia, o Duque de Lafões, D. João de Bragança, a quem eu tambem devi a honra de ser chamado para ella por Carta de 21 de Novembro do anno 1804.

Tratando-o com effeito de mais perto, e avaliando a sua aptidão litteraria, teve-lhe particular affeição; e para mostrar quanto o estimava e respeitava, sem nenhuma prova publica, apresentada na Academia, o honrou com a Carta de Socio Correspondente, passada em 31 de Março de 1798.

O nosso Socio não desmentio o conceito que delle se fazia, nem a Academia teve que arrepender-se de o haver associado aos seus trabalhos, porque em pouco tempo mostrou o que valia, e os cabedaes que tinha para pagar a divida em que a sua nomeação de Socio o tinha constituido.

A primeira Memoria que apresentou, e lêo foi — *Sobre a divindade que os Lusitanos conhecêrão debaixo da denominação de Endovelico.*

Seguirão-se-lhe outras com os titulos seguintes: — *Sobre a utilidade de applicar as manufacturas das nossas materias primeiras aos progressos da agricultura.*

Da condição domestica e politica da classe indigente nos primeiros Seculos da monarchia.

Sobre a justiça dos motivos que teve ElRei D. João II para regeitar os projectos de navegação de Christovão Colomb.

E a final a vida de Fr. Bernardo de Brito, que a Academia mandou imprimir como prologo da nova edição da Monarquia Lusitana.

Quando se occupava destes trabalhos teve delle conhecimento o então Ministro da Marinha D. Rodrigo de Sousa Coutinho, que depois teve o titulo de Conde de Linhares, o qual, como igualmente soubesse avaliar as suas luzes e talentos, o convidou para Socio da Sociedade Real Maritima de Lisboa. Nesta Sociedade lêo elle tambem uma curiosa Memoria, em que — *se mostrão as vantagens do estudo da geographia nautica nas Reaes Aulas da Marinha e o plano do seu ensino.*

Os autographos de todos estes escriptos, inclusa esta Memoria, lida na Sociedade Real Maritima, já eu entreguei á Academia, mas nenhum delles até agora tem sido impresso, á excepção da primeira Memoria sobre o deos *Endovelico*, publicada nas Memorias da Academia, Tomo 1.° Parte 1.ª da 2.ª Serie, pag. 81; e da Vida de Fr. Bernardo de Brito.

Se me fosse permittido expressar um desejo, muito estimaria, que as memorias que faltão para imprimir, ainda podessem ter lugar nos futuros volumes das nossas Memorias Academicas. E com especialidade a que versa sobre a regeição dos offerecimentos de Colomb, porque nos vinga de sermos taxados naquella época ou de presumpçosos ou de ignorantes: sendo certo, que o bom resultado de uma empresa nem sempre justifica os meios que para ella se empregárão.

Além dos Escriptos Academicos, que acabo de nomear, teve a parte principal, porque a corrigio, na minha traducção da Arte de pensar de Condillac, que eu traduzi, estando ambos no Collegio de Coimbra pelos annos de 1790; e cuja edição julgo se extinguio.

Estando ambos já em Lisboa, dirigio elle tambem

um pequeno Jornal de recreio, que tambem ambos escreviamos, e que se intitulava — *As Variedades*.

Finalmente, a rogos do Duque de Lafões, escreveo uma Memoria importante, que lhe entregou, *sobre as vantagens que podiamos esperar de seguir o partido de Inglaterra, comparando-as com as que já tinhamos recebido em casos analogos.* Era isto no tempo em que na Corte se disputava que partido deveriamos tomar nas dissenções de Inglaterra, e de parte da Europa com a França. Mas, como não deixasse copia della, perdeo-se.

Em quanto porêm se occupava em meditar em novos trabalhos litterarios, principalmente relativos ás cousas antigas do nosso paiz, porque para isso fazia todos os dias apontamentos, uma terrivel enfermidade, um tyfo, o atacou de repente, e em cinco ou seis dias o levou á sepultura na flor da idade, porque ainda não tinha trinta e cinco annos completos. Morreo a 4 de Março de 1804.

Alguem houve dos mesmos, que erão seus companheiros do Claustro, que se regozijou com a sua morte, porque lhe invejava os talentos, o nome, e a estimação publica que tinha adquirido; porêm todos os seus amigos lamentárão profundamente a sua perda, e as suas saudades forão sinceras.

Um dos nossos maiores Poetas, como improvisador, Bocage, que muito o tinha tratado, e o sabia bem avaliar, chorou a sua morte em um Soneto, que anda impresso, e diz assim em um dos tercetos:

« As artes, as sciencias enlutadas,
« As delicias d'Ontenio, e seus amores,
« Depois que o virão mudo, estão caladas.

Porêm se as saudades de todos os seus amigos, e co-

alheias forão verdadeiramente sinceras, nenhumas se podem comparar com as que sentio a pessoa que escreveu estas linhas.

DONATIVOS.

Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias, de Lisboa. 1.ª Serie — 2.º Anno — Maio 1849. — 4.º 1 folheto. Offerecido pelo Snr. José Tedeschi.

A Cholera-Morbus, tratada homœopathicamente. Memoria escripta por João Vicente Martins; e consagrada á Nação Portugueza. Rio de Janeiro 1849. — 8.º 1 vol. Offerecido pelo mesmo Autor.

Abhandlungen der Königlichen Akademie der Wissenschaften zu Berlin — Aus dem Jahre 1846. [Memorias da Academia Real das Sciencias de Berlin no anno de 1846]. — Berlin 1848. — 4.º g.de 1 vol.

Bericht über die zur Bekanntmachung geeigneten Verhandlungen der Königl. Preuss. Akademie der Wissenschaften zu Berlin. [Analyse dos trabalhos da Academia Real das Sciencias de Berlin destinados para se publicarem] — 2.º semestre de 1847 — em 5 folhetos de 8.º

Idem — 1.º semestre de 1848 — em 6 folhetos de 8.º

Programma da Academia Real das Sciencias de Berlin.

Questio quam Academiae Regiae Scientiarum Borussicae Classis Physica et Mathematica certamini litterario in A. MDCCCLI *proponit.*

Promulgata D. VI. M. IUL. A MDCCCXLVIII.

Optat classis physica et mathematica Academiae

Scientiarum Berolinensis ut accurata disquisitio et compa- ratio fructuum in statu maturo et immaturo instituatur. Eligendi videntur fructus qui magnas differentias in utro- que statu ostendere solent. Primo loco analysis chemica fructuum et quidem ex eadem planta desumtorum tam maturorum quam immaturorum perficiatur. Tum inqui- ratur, in quibusnam fructus partibus singula ea quae reperta sunt contenta fuerint, nec non quas mutationes partes solidae succique dum maturescit fructus subie- rint. Tandem observationes physiologicae adiungendae sunt, ut inde perspiciatur, quam vim calor, lumen, hu- miditas, defoliatio, resectio corticis annularis aut exci- siones ligni caudicis aut ramorum in fructus maturatio- nem habuerint. Sperat classis, competitorem non negle- cturum, quae ante ipsum hac de re innotuerunt.

Tractatus huius argumenti Academiae ante diem 1 Martii MDCCCLI transmittendi sunt. Lingua uti licet la- tina, gallica, germanica. Fronti commentationis symbo- lum inscribendum est addita schedula obsignata, eodem symbolo instructa, quae inclusum contineat nomen auc- toris.

Praemium centum ducatorum aureorum adiudicabitur mense Iulio eiusdem anni in conventu Academiae publi- co Leibnitiano.

Preisfrage der physikalisch-mathematischen Klasse der Königlich-Preussischen Akademie der Wissenschaften für das Jahr 1851 etc. — [O mesmo Programma em Ale- mão]; um 8.° de papel, cada um.

1849 — *Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Academie des Sciences* [Instituto Nacional de Fran- ça]. — *Premier semestre. Tome* XXVIII. — N.os 14 e 15. — 4.° g.de 2 N.os

Journal Asiatique, ou Recueil de Mémoires, d'ex- traits et de Notices relatifs à l'Histoire, à la Philoso-

phie, aux Langues et à la Littérature des Peuples Orientaux etc. *Quatrième série.* Tome XIII. — N.° 62. Fevrier 1849. — 8.°

Elenco delle principali Opere Scientifiche dell'Abate Francesco Zantedeschi. Venezia 1849. — 8.° 1 folheto.

Della produzione d'imagini ottenuta dalla projezione spontanea degli ossidi metallici sottoposti ad alte temperatura, e di un quarto stato della materia, del Cav. Prof. Franc. Zantedeschi. [Estratta dal fascicolo VIII. del T. III. della Raccolta fisico-chimico italiana, 1848]. Meia folha de papel.

Dell' influenza delle Variazioni di pressione nelle indicazioni Termometrichi. Memoria del Cav. Prof. Franc. Zantedeschi. — [Estratta dal fascicolo VI. del T. III. della Raccolta fisico-chimico italiana, Venezia 1848] 8.° 1 folheto.

Dei fenomeni elettrici della macchina di Armstrong, e delle cause loro assegnate dai Fisici. Memoria del Cav. Prof. Franc. Zantedeschi. — [Estratta dal fascicolo VIII. del T. III. della Raccolta fisico-chimico italiana, Venezia, 1848] 4.° g.de 1 folheto. Offerecidos pelo Autor.

Note sur un nouveau système de Télégraphie electrique lue à l'Académie Royale de Turin, le 17 Décembre 1848. Imprimerie Royale, Turin, 15 Mars 1849. — 8.° 1 folheto de 8 paginas. Par le Prof. J. D. Botto.

SESSÃO LITTERARIA DE 30 DE MAIO.

Presidio o Snr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Snr.s Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Antonio Lopes da Costa e Almeida, Francisco Freire de Carvalho, Fortunato José Barreiros, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Recreio, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos.

CORRESPONDENCIA.

Léo o Secretario

1.° Uma Portaria expedida pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, remettendo á Academia, para seu conhecimento e effeitos devidos, a copia do Decreto pelo qual o Engenheiro Civil Carlos Bonnet é incumbido do exame e exploração geologica e mineralo-

gica das provincias do continente do Reino, na conformidade das Instrucções que fazem parte do mesmo Decreto; e communicando outrosim á Academia que os individuos nomeados pelo Governo para acompanharem, e auxiliarem na sua Commissão aquelle Engenheiro, são o Doutor em Philosophia Joaquim Julio Pereira de Carvalho, e o Segundo Tenente de Artilharia José Maria da Ponte e Horta.

DECRETO A QUE SE REFERE A PORTARIA.

Usando da faculdade concedida ao Governo pela Carta de Lei de 30 de Abril proximo passado: Hei por bem encarregar o Engenheiro Civil Carlos Bonnet da exploração geologica e mineralogica do Reino, da execução da maior somma de nivelamentos barometricos que lhe for possivel, e da rectificação dos erros que por ventura se encontrarem na Carta geografica, ordenada pelo Conselheiro Marino Miguel Franzini; e bem assim da Collecção dos objectos entomologicos e conchiologicos que poder adquirir, sem que todavia se distraia do fim principal da sua commissão: tudo na conformidade das instrucções, que baixão com este Decreto, e delle fazem parte; assignadas pelo Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino. O mesmo Ministro e Secretario d'Estado assim o tenha entendido e faça executar. Paço das Necessidades em 2 de Maio de 1840. = Rainha. = Duque de Saldanha.

Instrucções a que se refere o Decreto datado de hoje.

ARTIGO 1.º

O Engenheiro Civil Carlos Bonnet, incumbido do exame ou exploração geologica e mineralogica das provincias do continente do Reino, terá a seu cargo as obrigações seguintes:

1.ª Fazer a descripção geologica dos terrenos, dos materiaes uteis para construcção, das camadas de combustiveis, das minas metallicas, e das nascentes mineraes; acompanhando a descripção d'uma Carta geologica do Paiz, com os cortes e perfis necessarios para bem se conhecer a estratificação das montanhas.

2.ª Preparar collecções geologicas e mineralogicas.

3.ª Fazer a maior somma de nivelamentos barometricos, que lhe for possivel.

4.ª Rectificar os erros ou falta d'exacção, que por ventura se encontrarem na Carta geographica do Reino, ordenada pelo Conselheiro Marino Miguel Franzini, ajuntando-lhe a direcção das montanhas e a das pequenas ribeiras, e indicando as suas nascentes.

5.ª Colligir os objectos entomologicos e conchiliologicos, que poder adquirir, sem que todavia se distraia dos outros fins da sua Commissão.

6.ª Apresentar ao Governo, pelo Ministerio dos Negocios do Reino, as descripções, cartas e rectificações que houver executado; e bem assim a exposição, por semestres, das difficuldades que se lhe offerecerem no desempenho dos seus trabalhos, do modo mais facil de remove-los, do serviço que está feito, e do tempo que poderá consumir-se em ultima-lo.

7.ª Remetter successivamente para a Academia Real das Sciencias de Lisboa, pelo modo que julgar mais conveniente e economico, todas as collecções que fizer; devendo vir a esta Capital no fim de cada trimestre para se classificarem e ordenarem os objectos colligidos, e se depositarem no Museu.

ARTIGO 2.º

Para cabal desempenho dos trabalhos de que se trata, o Engenheiro Carlos Bonnet se corresponderá regularmente com a Academia Real das Sciencias de Lisboa, a qual, logo que tenhão sido resolvidas pelo Governo as consultas que ella fizer sobre a materia, irá dando ao dito Engenheiro as instrucções necessarias.

ARTIGO 3.º

Ficão ás ordens do Engenheiro Carlos Bonnet os Officiaes militares, ou individuos que forem designados pelo Governo para o auxiliarem na Commissão geologica e

mineralogica; e será da sua competencia informar, pelo Ministerio do Reino, sobre o bom ou máo serviço que elles prestarem, assim como processar a folha da gratificação ou vencimento, que lhes fôr arbitrado.

ARTIGO 4.°

As autoridades Civis e Militares darão ao Engenheiro Carlos Bonnet todo o auxilio de que elle haja de carecer para levar a effeito os trabalhos a seu cargo, e para este fim se lhes expedirão as convenientes ordens pelos Ministerios respectivos.

ARTIGO 5.°

Em remuneração dos trabalhos mencionados nos artigos antecedentes, se abonarão ao Engenheiro Civil Carlos Bonnet 150$000 rs. por mez; e, alem disto, para despesas de viagem, e transporte das collecções, uma somma que não exceda a 100$000 rs., tambem por mez.

Todas estas despesas, assim como as das gratificações ou vencimentos de que trata o artigo 3.°, serão satisfeitas mensalmente pelo Ministerio dos Negocios do Reino.

ARTIGO 6.º

Ficão por este modo explicadas e ampliadas as instrucções que em Portaria de 31 de Janeiro do corrente anno forão dadas ácerca deste objecto ao Engenheiro Carlos Bonnet. Paço das Necessidades em 2 de Maio de 1849. = Duque de Saldanha. =

Está conforme. Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino em 23 de Maio de 1849. = Joaquim José Ferreira Pinto da Fonseca Telles. =

2.º Outra Portaria expedida pela sobredita Secretaria, referindo que, no dia 31 do corrente, se havia de cantar *Te Deum* na Santa Sé Patriarchal, pelo feliz restabelecimento da importantissima saude de Sua Magestade a Rainha, a que a Mesma Augusta Senhora tinha resolvido assistir, o que se participava á Academia, para concorrer áquelle acto.

3.º Uma carta do Snr. Fortunato José Barreiros offerecendo, em nome da Direcção da Revista Militar, os cinco numeros já impressos do seu periodico.

Mandou-se agradecer esta offerta, que vai mencionada na lista dos donativos.

4.° Um officio do Conselho de Saude Publica do Reino, em resposta ao que se lhe tinha dirigido em 28 do corrente, participando que gostosamente satisfaria ao que a Academia lhe tinha pedido, recommendando aos seus Delegados, e ás differentes Estações de Saude dos portos do mar, que colligissem para o Museu Nacional a cargo da Academia os differentes productos naturaes, e proprios do Paiz de que tratavão as Instrucções transmittidas ao mencionado Conselho de Saude.

Assentou-se que se agradecesse ao Conselho o interesse que mostrava no augmento do Museu, o que era prova do seu zelo pelo progresso das Sciencias Naturaes; e mandárão-se imprimir as Instrucções para se lhe enviarem.

5.° Uma carta do Sñr. José Silvestre Ribeiro, agradecendo á Academia a aceitação da offerta que lhe fizera de alguns opusculos, de que se faz menção na Acta de 9 do corrente; e offerecendo um volume em que estavão colligidos alguns escriptos relativos á sua administração nos Districtos de Angra do Heroismo e Beja, e sobre assumptos litterarios.

O Sñr. Agostinho Albano e o Secretario perpetuo propozerão que os Opusculos do Sñr. José Silvestre Ribeiro fossem entregues á Classe de Sciencias Moraes e Bellas Lettras, para os examinar; e assim se decidio.

COMMUNICAÇÕES.

O Sñr. Francisco Freire de Carvalho offereceo á Academia da parte do Sñr. Manoel Antonio Ferreira Tava-

res, um exemplar das suas — *Lições de Philosophia.* —

Assentou-se que se entregassem á Classe respectiva, para os examinar.

Assentou-se que a Classe de Sciencias Exactas examinasse o Tratado de Agrimensura do Snr. Estevão Cabral, e desse o seu parecer sobre os melhoramentos de que era susceptivel para se proceder á sua reimpressão.

MEMORIAS LIDAS.

Sobre o ponto d'onde se espalhárão pela Asia as doutrinas religiosas do paganismo. Nota pelo Secretario perpetuo da Academia.

É facto averiguado que = « Em tempos remotissi-« mos Nações primitivas, ligadas pela identidade da « lingua, tiverão origem no paiz elevado da Asia cen-« tral, e que os Iranios e os Indios forão antigamente « unidos, antes da sua transmigração para o Iran, e « para a India (1). » =

O paiz elevado da Asia central, habitado outr'ora pelos Iranios e pelos Indios, era segundo Ritter, a parte

(1) So much, at least, may be considered as established: ....that in the earliest times primitive nations, related by language, to each other, had their origin in the common elevated country of central Asia, and that the Iranians and Indians were once united, before their migration into Iran and

da Asia que comprehende o Thibet, o Butan, a Kachemira, e o Kaferistan (2). Mr. Burnouf conduz-nos a um resultado quasi identico, quando diz que = « os « montes chamados pelos Arianos a alta montanha são, « a parte occidental das montanhas celestes dos Chins; « e que á raiz destas montanhas, e das que prendem com « o Himâlaya é que nos levão os textos mais antigos « e mais authenticos do Zend-Avesta (3). » =

Da conquista do sul da India por povos vindos do Norte ha vestigios nas lendas mythologicas dos Indios. Refere a historia de *Triçanku*, que occupa muitos capitulos do primeiro livro do Râmâyana, que = « Este « Rei el Kchatriya, descendente da linha solar da fa- « milia d'Ikchvacu, intentando subir corporalmente ao « ceo, por meio d'um sacrificio particular, Vaçichta, « sacerdote da familia, recusou ajuda-lo. O Rei, enca- « minhando-se para o sul, dirigio-se com o mesmo fim, « aos filhos ou discipulos do Richi; porém elles indi-

---

India. *Dabistán*, T. I., no excellente Discurso preliminar do Sñr. Troyer, p. LXXV, *in fine*, e LXXVI.

(2) Mr. Charles Ritter considère, en général, comme le berceau de la culture intellectuelle des Hindus, les régions élevées de cette partie de l'Asie qui comprend le Thibet, le Butan, le Kachemir, et le Kaferistan, *Die Vorhalle europaeischer Volkergeschichten*, Seite 10, citado por Mr. Troyer, *Rádjataranginî, Histoire des Rois du Kachmir*. Paris 1840, T. I., p. XXI da prefação.

(3) « La haute montagne » sera l'Imaus des anciens, ou d'une manière plus précise, la partie occidentale des Montagnes célestes des Chinois. C'est, je n'en doute pas, au pied de ces hautes montagnes, et de celles qui se rattachent à l'Himâlaya, que nous ramenent les textes les plus anciens et les plus authentiques du Zend-Avesta..... ce que les Ariens de la Bactriane ont appelé « la haute montagne » ne peut être, dans les anciens textes, l'Elbourz médique. *Commentaire sur l'Yaçna*. Paris 1835, T. I., p. CLXXXV.

« gnados de que presistisse n'uma pertenção desattendi-
« da pelo seu chefe accrescentárão á repulsa uma mal-
« dição, que o transformou n'um *tchandala* [homem da
« mais baixa classe]. Nesta humilhação recorreo a Viçva-
« mitra, que tendo piedade delle, pelo poder destas
« ceremonias, o elevou ao Ceo; porém o deus Indra
« não consentio alli o impuro, e o precipitou de lá com
« a cabeça para baixo. Quando cahio gritou que lhe
« acudissem; Viçvamitra ouvio-o, e fê-lo parar na sua
« queda. Este Richi, offendido pelo tratamento que se
« tinha feito ao seu protegido, creou no sul constella-
« ções novas, e ameaçou os deoses de fazer prevalecer
« o hemispherio austral sobre o boreal. Os deoses ate-
« morisados procurárão reconciliar-se com elle; e por
« uma convenção concluida entre os dois partidos ficou
« Triçanku suspendido entre o Ceo e a terra, com a
« cabeça para baixo, sendo elle mesmo um asterismo;
« e as constellações creadas por Viçvamitra devião tam-
« bem durar tanto quanto durassem os mundos, mas
« fóra do caminho do sol. Mr. de Schegel lança um
« raio de luz sobre esta lenda: segundo a sua opinião,
« os Indios brahmanicos, encaminhando-se do norte pa-
« ra o sul, descobrírão novas constellações no hemis-
« pherio austral; juntárão-nas á sua mythologia, e por
« uma ficção atrevida, attribuirão a sua creação a Viç-
« vamitra. *Agastya* é igualmente, ao mesmo tempo, o
« nome da estrella austral de Canopo, e d'um Richi que
« civilisou o sul da India. Assim adquirimos conjunta-
« mente a noção de dois factos historicos: a conquista
« do sul da India por povos vindos do norte, e o co-
« nhecimento que elles tinhão das constellações, em tem-
« pos mui remotos (4). » ==

(4) Je ne quitterai pas ce sujet sans avoir rappelé l'histoire

A Historia dos tres Ramas he outra allegoria do mesmo facto.

---

de *Triçanku*, qui remplit plusieurs chapitres du premier livre du Râmâyana. Ce roi et Kchatriya, issu de la famille d'Ikchvacu, de la ligne solaire, ne voulut rien moins que monter corporellement au ciel, par le moyen d'un sacrifice particulier. Vaçichta, prêtre de la famille, refusa de l'aider. Ce roi, allant vers le sud, s'adressa dans le même but aux fils ou disciples du Richi; mais ceux ci, courroucés de ce qu'il persistait dans une demande rejettée par leur maitre, joignirent au refus une malédiction qui le changea en un *tchandala* [homme de la plus basse classe]. Dans cette humiliation; il eut recours à Viçvamitra, qui eut pitié de lui, et, par le pouvoir de ces cérémonies, l'eleva au ciel; mais là, le dieu Indra ne souffrit pas l'impur et le précipita d'en haut, la tête la première. En tombant, il cria au secours, Viçvamitra l'entendit et l'arrêta dans sa chute. Ce Richi, offensé lui même par le traitement qu'avait essuyé son protégé, créa dans le sud de nouvelles constellations, et menaça les dieux de faire prévaloir l'hémisphère austral sur le boréal. Ceux-ci, effrayés, demandèrent à se réconcilier avec lui, et, d'après une convention conclue entre les deux partis, Triçanku resta suspendu entre le ciel et la terre, la tête en bas, lui même un astérisme, et les constellations créés par Viçvamitra devaient aussi durer autant que les mondes, mais hors du chemin du soleil. M. de Schegel jette un trait de lumière dans cette légende: selon lui, les Indiens brahmaniques, en s'avançant du nord au sud, aperçurent de nouvelles constellations dans l'hémisphère austral; ils les joignirent à leur mythologie, et, par une fiction hardie, en attribuerent la création à Viçvamitra. *Agastya*, pareillement, est en même temps le nom de l'étoile australe de Canopus et d'un Richi qui civilisa le sud de l'Inde. C'est ainsi que nous acquerons à la fois l'aperçu de deux faits historiques: la conquête du sud de l'Inde par des peuples venant du nord, et la connoissance que ceux-ci avaient des constellations dans des temps très-reculés. Mr. Troyer, analyse do *Râmâyana, poema Indiano di Valmicí*...., publicato per Gasp. Gorresio. Vol. I. Parigi, 1843, no *Journal Asiatique*, quatrième série, T. II., N.° 8, p. 253 a 255. Quanto á opinião de Mr. de Schegel, cita *Zeitschrift fur die Kunde des Morgenlandes*; 1.ter Band, Seite 377.

« O primeiro foi *Parasu-Rama*, ou « Rama com o
« machado. » A tradição attribue-lhe a formação da cos-
« ta do Malabar. Em pé sobre o promontorio de Dilly,
« despedio frechas para o sul, e até onde ellas cahírão,
« o mar retirou-se do paiz de Kerala, que limpou das
« serpentes para estabelecer nelle colonos vindos do nor-
« te. O segundo Rama foi *Rama-Tchandra*, o heroe do
« Râmâyana, que se ligou com os povos selvagens do
« sul da India para a conquista da Ilha de Ceylão. O
« terceiro Rama, ou *Rama-Baladeva*, tem um sobre-
« nome que exprime tudo o que nos importa saber da
« sua historia, que vem a ser *Langala-Dhwadja* « o
« que tem uma charrua por estandarte. » Isto basta
« para reconhecer neste conto tres grandes acontecimen-
« tos: 1.° a arrotéa e povoação da costa do Malabar;
« 2.° a extensão d'um dominio do norte para o sul;
« 3.° a introducção da agricultura (5). » ==

Abandonando o campo da fantasia em que podião co-

---

(5) Considérons, d'aprés ce que je viens d'exposer, l'histoire des trois Ramas, qui se suivirent. Le premier fut *Parasu-Rama* ou « Rama avec la hache. » La tradition lui attribue la formation de la côte malabare. Debout sur le promontoire de Dilly, il décocha des flèches vers le sud, et jusqu' où elles tombèrent, la mer se retira du pays de *Kerala*, qu'il purgea des serpents, pour y établir des colons du Nord... Le second Rama fut *Rama-Tchandra*, le héros du Râmâyana. Il s'allia avec les peuples sauvages du sud de l'Inde pour la conquête de île de Ceylan. Le troisième Rama, ou *Rama-Baladeva*, a un surnom qui exprime tout ce qu'il nous importe de savoir de son histoire: c'est *Langala-Dhwadja*, « celui qui a une charrue pour étendard. » Cela suffit pour reconnoître dans ce récit trois grands évenements: 1.° le defrichement et la population de la côte malabare; 2.° l'extension d'une domination du nord au sud; 3.° l'introduction de l'agriculture. Mr. Troyer, analyse du *Râmâyana*, no *Journal Asiatique*, citado, p. 243.

ller-se outras recordações sobre este assumpto, produzirei alguns fundamentos historicos em que se esteie.

« A grande familia dos Pandus descende de Pandea,
« filha de Vyâsa. O nome e dominio de Pandua en-
« contrão-se, a partir da raiz do Himâlaya até ao sul da
« India, onde Rattâ, a Rainha de Karnate de que faz
« menção o Râdjatarangini, era provavelmente da raça
« dos Pandus (6). » ==

Debaixo do nome de Iran, que depois se applicou mais exclusivamente á Persia, comprehendião-se Nações que os antigos chamárão Arianas; e o nome antigo da India *Aryávarta* (7), e o de *Arya*, titulo especial dos Brahmanes (8), provão que elles pertencião ás Nações Arianas, de que se separárão para virem estabelecer-se na India. Estas Nações Arianas dividírão-se, n'uma época remotissima, em dois grandes ramos, um dos quaes

---

(6) La grande famille des Pandus même [Voyez: *Tod's Rajpootana*, p. 31] descend de Pandea, fille de Vyâsa. Le nom et la domination de Pandua se trouvent à partir du pied de l'Himalâya jusqu'au sud de l'Inde, où Rattâ, la reine du Karnate, nommée dans le Râdjatarangini [liv. IV., sl. 152], étoit probablement de la race des Pandus. Mr. Troyer. *Histoire du Kachemir*, T. II., p. 526, nota 4.

(7) Le mot *ârya* dont la première voyelle est longue, qui figure dans l'ancien nom de l'Inde *Aryâvarta*. Mr. Burnouf, *Commentaire sur l'Yaçna*, T. I., p. LXXVIII.

(8) *ârya*, titre spécial des Brahmanes, et par suite du pays qu'ils habitent [*âryâvarta*]. Idem, ibid. p. 461, nota, col. I.ª. Em sanscrito *ârya* significa *honestus*, *nobilis*, e o nome proprio da India é *Arya-âvarta*, que quer dizer, o paiz dos Aryas. Segundo a definição de Manu [Capit. II., estancia 22] Arya-âvarta é a região situada entre os montes Vindhya e as montanhas cobertas de neve [Himava], desde o oceano oriental até ao oceano occidental. « En sanscrit *arya* signifie « *honestus*, *nobilis*. L'Inde proprement dite est nommé *Arya-* « *âvarta*, c'est-à-dire, le pays des Aryas. Selon la définition de

ficou na Aria bactriana, e o outro veio estabelecer-se na Aria brahmanica (9).

Um dos factos que attestão mais evidentemente a intima união dos dous ramos da grande familia que se estendeo, muitos seculos antes da nossa era, desde o Ganges até ao Euphrates, é, sem contradicção, ter uma das divindades mais veneradas da India dado o seu nome *Djemschid* ao monarcha mais celebre da tradição persiana, fundador da antiga sociedade de que Zoroastre passa por ter effeituado a reforma, e o primeiro soberano da dynastia ario-persiana (10).

» Manou [Chap. II., verset 22] Arya-âvarta est la contrée si» tuée entre les monts Vindhya et les montagnes neigées [Hi» mavat], depuis l'océan oriental jusqu'à l'océan occidental.
» Schlegel, *Réflexions sur l'étude des langues asiatiques*,
» Bonn 1832, p. 70, nota.

(9) Si *nabânazdista* peut passer pour antérieur au sanscrit *Nâbhânêdichtha*, le rapprochement de ces deux termes doit être regardé comme fournissant une des preuves les plus explicites de la haute antiquité des événements qui ont séparé les peuples ariens en deux grandes branches, l'une qui est restée dans l'Arie bactrienne, l'autre qui est allée s'établir dans l'Arie brahmanique. Mr. Burnouf, *Commentaire sur l'Yaçna* T. I., p. 568.

Ces Pichdadiens fameux, si célèbres dans les traditions persannes, sont les ancêtres communs des Ariens de la Bactriane et des Ariens de l'Inde. Idem, ibid., p. 569. V. tambem toda esta pagina.

Sobre a situação geographica de diversas Nações Arianas, distinctas umas de outras, debaixo dos nomes de *Aria*, *Ariania*, *e Ariana*, V. Mr. E. Jacquet, — Examen critique de l'ouvrage intitulé: *Die altpersichen Keilinschriften von Persepolis* etc., von Dr. Chr. Lassen. *Journal Asiatique*, *III Série* T. V., p. 501, nota.

(10) On doit à Mr. Bopp le précieux rapprochement du » *Vivaguhdo* zend, et du *Vivasvân* sanscrit, nomin. de *Vi*» *vasvat*. On sait que Vivasvat et une des formes du soleil, et

O Imperio da Persia, assim denominado de um paiz que se comprehendia entre as Nações Iranias, abrangeo na sua vasta extensão todas as mesmas Nações, tendo por isso tambem o nome de Iran; dominou antigamente a Asia; foi o mais antigo do mundo (11), e a vivenda originaria de muitas Nações, actualmente estabelecidas em regiões distantes, opinião confirmada pelas luzes recentemente adquiridas sobre a antiga historia da Persia (12). E Sir William Jones acredita que só a « Persia, e nenhum outro paiz, mandou colonias para « todos os reinos da Asia, e que as tres raças [Judeos, « Arabes, e Tartaros] transmigrárão do Iran; que era « o seu paiz commum, *verdadeiro centro da população*, « *conhecimentos*, *linguas*, *e artes que*, *em vez de via-* « *jarem só para a parte do occidente*, *como caprichosa-*

» qu'il est le pére de Yama. Et de même, dans les livres de » Zoroastre. *Vivaguhão* est le père de *Yima*, dont le nom, » joint à l'adjectif *khchaêta* [brillant], a fait celui de *Djems-* » *chid*, le monarque le plus célèbre de la tradition persanne, » et le fondateur de l'ancienne société, dont Zoroastre passe » pour avoir accompli la réforme. Il est sans contredit fort cu- » rieux de voir une des divinités indiennes les plus vénérés, » donner son nom au premier souverain de la dynastie ario- » persanne; c'est un des faits qui attestent le plus évidemment » l'intime union des deux branches de la grande famille qui » s'est étendue, bien des siècles, avant notre ère, depuis le » Gange jusqu'à l'Euphrate. » Mr. Burnouf *E'tudes sur la langue, et sur les textes zends*, no *Journal Asiatique*, *Quatrième série*, Tom. IV., N.° 20, Décembre 1844, p. 475.

(11) *Dabistán*, T. I., Discurso preliminar, p. LII, LXXIV, e CVII.

(12) The light recently acquired upon the ancient history of Persia, reflect rather favorably upon that part of sir William Jones's opinion, that this country, in its wide extent, was once the original seat of many nations now settled in distant regions. *Dabistán*, T. I. Discurso prelim., p. LXXV.

« mente se tem supposto, ou para a parte do oriente,
« como se poderia affirmar com igual razão, se espalhá-
« rão, em todas as direcções, por todas as regiões do
« mundo, em que a raça Hindu fez assento, debaixo de
« varias denominações (13). » E como este Imperio comprehendia differentes Nações que fallavão tres principaes linguas, o Zend, o Pehlvi, e o Parsi (14), fallando-se o Zend, antes da era Christã, particularmente nos paizes situados ao occidente do mar Caspio, com especialidade na Georgia, no Iran proprio, e no Azerbijan [o norte da Media] (15), Mr. Burnouf, com a sua costumada sagacidade, demonstrou pela analyse dos nomes de Sogdiana, Hyrcania, Arachosia, e de outros

---

(13) He [sir William Jones. Works, vol. III., pp. 111 e 134] further states, that no country but Persia seems likely to have sent forth colonies to all the kingdoms of Asia, and that the three races [Indians, Arabs, Tartars] migrated from Iran, as from their common country, « the true centre of popula- » tion, of knowledge, of languages, and of arts; wich, ins- » tead of travelling westward only, as it as ben fancifully » supposed, or eastward, as might with equal reason have been » asserted, were expanded in all directions to all the regions » of the world, in which the Hindu race had settled under » various denominations. » *Dabistán*, T. I., Discurso prelim., p. CVII. A opinião de que no centro da Asia teve origem o genero humano, e que de lá se espalhou a civilisação, é admittida não só pelos AA. até agora citados, mas tambem por Mr. Eichhoff. *Parallele des langues de l'Europe et de l'Inde*. Paris 1836, apoiando-se na autoridade de Colebrooke, Wilkins, Wilson, Humbolt, Grimm, Bopp, e Mérian.

(14) This empire [o da Persia] comprised in its vast extent different nations, speaking three principal languages, the Zand, Pehlvi, and Parsi. *Dabistán*, T. I., Discurso prelim. p. LII.

(15) Zand. . . . was spoken, before the Christian era, particularly in the countries situated to the west of the Caspian sea, namely in Georgia, Iran proper, and Azerbijan [the northern Media]. *Dabistán*, T. I., p. 223, nota.

pontos geographicos, que taes denominações só podem ser interpretadas pelo Zend, lingua dos povos Arianos, e que tanto estes paizes como a Drangiana, a Margiana, os *Ariacae*, os *Antariani*, os *Arimaspi*, e os *Aramaei* de Plinio, erão provincias do antigo Imperio da Persia ou Iran (16).

Segundo Ibn-Khaldun os Orientaes estavão persuadidos de que as Sciencias tinhão passado dos Persas para os Gregos. Diz elle: « As sciencias intellectuaes, que « são naturaes ao homem,.... não pertencem exclusi« vamente a nenhuma Nação.... e estas são as scien« cias a que se dá o nome de *philosophia*, e de *sabe« doria*.... Nenhum povo se entregou mais ao seu es« tudo do que as duas grandes nações, os Persas e os « Gregos.... Estas sciencias forão muito estimadas pe« los Persas; e diz-se até que passárão dos Persas pa« ra os Gregos, quando Alexandre, tendo vencido Da« rio, e tendo-o feito morrer, se apoderou dos seus es« tados, e se assenhoreou dos livros dos Persas, e de « seus trabalhos scientificos (17). » Descobre-se neste passo a tradição antiquissima de terem vindo as Scien-

---

(16) *Commentaire sur l'Yaçna* de p. XCII a CXI.

(17) Les sciences intellectuelles, qui sont naturelles à l'homme.... n'appartiennent à aucune nation exclusivement ....ce sont ces sciences auxquelles ont donne le nom de *philosophie* et de *sagesse*.... Aucun peuple ne s'est plus livré à leur étude que les deux grandes nations, les Perses et les Grecs ....Ces sciences furent fort en honneur parmi les Perses; et l'on dit même qu'elles passèrent des Perses aux Grecs, lorsqu'Alexandre, ayant vaincu Darius et l'ayant fait mourir, s'empara de ses états, et devint maitre des livres des Perses et de leurs travaux scientifiques. *Prolegomenos historicos*, passo transcripto por Mr. Silvestre de Sacy na *Relation de l'Egypte par Abd-Allatif*. Paris 1810, p. 241, citando Hadji-Khalfa.

cias da Persia para a Grecia, porêm offuscada pelos anachronismos e fabulas, que perseguem ordinariamente os feitos d'Alexandre referidos pelos Orientaes (18): porque as Sciencias de que falla Ibn-Khaldun erão cultivadas pelos Gregos muito antes de Alexandre emprehender a conquista da Persia, como é sabido.

Nos Escriptores Persianos conserva-se a memoria da grandeza e supremacia do Imperio da Persia, e de ter nelle origem o genero humano.

O Zend-Avesta diz que as Provincias do Iran são 50, 100, 1:000, 10:000, innumeraveis (19). E o Autor do *Modjemel al-Tewarikh*, que escreveo a sua obra no anno de 1:126 da era Christã (20), e que para a compor se servio de muitos livros antigos, cujos Autores tinhão colligido de outros ainda mais velhos o que escrevêrão (21), diz; == « Que o Iran está no meio do « mundo, e se estende desde o meio do rio Balk, das « margens do Djihun, até o Aderbedjan, a Armenia, « até Kadesih, o Euphrates, o mar da Arabia, « comprehendendo o mar da Persia, o Mekran até o Ka« bul inclusive, o Tokharestan, e o Tabarestan (22);

(18) V. p. 40, 44 etc.

(19) Les Provinces de l'Iran, qui sont au nombre de 50, de 100, de 1:000, de 10:000 mille, qui sont sans nombre. T. II., XV. Cardé, p. 172.

(20) *Notice de l'ouvrage persan qui a pour titre*: Moudjemel-attawarikh « *Sommaire des histoires* » par Mr. Quatremère. Journal Asiatique III. Série, T. VII., p. 246. *Extraits du Modjemel al-Tewarikh, relatifs à l'histoire de la Perse, traduits par* Mr. Jules Mohl. *Journal Asiatique*, III. Série, T. XI., p. 136.

(21) V. as obras citadas na nota precedente, T. VII., p. 250 e 251, e T. XI., p. 145.

(22) L'Iran, qui est au milieu du Monde, dit l'auteur du

« que é o ponto em que vem reunir-se os soberanos « de differentes paizes; que fórma a quarta parte do « mundo habitavel; que foi o berço do genero humano, « e depois o assento dos Reis do quarto clima; e que « entre as outras porções do globo, taes como a China, « a India, o paiz dos Zendjes, o dos Arabes, dos Gre- « gos, e dos Turcos, ao meio dia, ao norte, e ao occi- « dente, nenhum paiz é comparavel ao Iran (23). »

Da grandeza desmedida do Imperio dos Persas, e da diffusão das gentes Arianas pela Asia apparecem rastos nos escriptores Gregos. Herodoto diz-nos:

Que havia muitas raças de Persas, uns agricultores, outros nomades, de que nomea os Pasargadas, os Ma-

---

Modjemel el tavarikh [fol. 314 rectò], est depuis le milieu du fleuve de Balkh, des bords du Djihoun, jusqu'à l'Aderbedjan, l'Armenie, jusqu'à Kadesih, l'Euphrate, la mer d'Arabie, et la mer de Perse [compris] le Mekran, jusques et compris Kaboul, le Tokharestan et le Tabarestan. *Zend-Avesta*, T. II. p. 409, nota [1].

É claro que o Zend-Avesta só quer dizer que o Iran tinha uma grandissima extensão, e tanto este passo, como o do Autor do *Modjemel al-Tewarikh* se referem a diversas épocas da existencia do Imperio da Persia.

(23) Les événements du règne des rois de Perse sont les seuls que je me sois proposé de raconter tout au long, attendu que ce pays est situé au milieu de l'univers, qu'il est le point où viennent se réunir les souverains de differentes contrées, qu'il forme un quart du monde habitable, qu'il a été le berceau du genre humain, et ensuite le siége des rois du quatrième climat; que parmi les autres portions du globe, telles que la Chine, l'Inde, le pais des Zendjes, celui des Arabes, des Grecs et des Turcs, au midi, au nord, à l'orient, et à l'occident aucun pays n'est comparable à l'Iran. *Notice de l'ouvrage*... Moudjemel-attawarikh, « *Sommaire des histoires* » par M. Quatremère, *Journal Asiatique* III. Série, T. VII., p. 252.

raphios, os Maspios, os Panthialeos, os Derousios, os Germanios, os Daos, os Mardos, os Dropicos, e os Sagarcios (24):

Que os Persas assentavão que a Asia e as Nações barbaras que nella habitão lhes pertencião, e aos Reis que em qualquer tempo occupassem o throno da Persia (25): E que os Medos erão uma Nação Ariana (26).

Mas os Reis da Persia da Dynastia dos Achmenides, desde Dario Hystaspes até Artaxerxes Ochus, levávão

---

(24) Ἔστι δὲ Περσέων, συχνὰ γένεα: .... ἔστι δὲ τάδε, ἐξ ὧν ὧλλοι πάντες ἀρτέαται Πέρσαι Πασαργάδαι, Μαράφιοι, Μάσπιοι. τουτέων Πασαργάδαι εἰσὶ ἄριστοι. ἐν τοῖσι καὶ Ἀχαιμενίδαι εἰσὶ φρήτρη. ἔνθεν οἱ βασιλέες οἱ Περσεῖδαι γεγόνασι, ἄλλοι δὲ Πέρσαι εἰσὶ οἵδε Πανθιαλαῖοι, Δηρουσιαῖοι, Γερμάνιοι, οὗτοι μὲν πάντες ἀροτῆρές εἰσι, οἱ δὲ ἄλλοι, νομάδες. Δάοι, Μάρδοι, Δροπικοὶ, Σαγάρτιοι L. I., cap. 125, p. 158 do T. I, da ed. de Schweighaeuser. Argentorati et Parisiis 1816.

Os Γερμάνιοι [*Germani*] são os Καρμάνιοι [*Carmani*] segundo Estevão Byzantino [V, o Tom. 5.° da citada ed. de Herodoto, p. 134, nota 14]; e talvez fosse melhor lição Καρμάνιοι; porque a Carmania é reconhecida pelos antigos ter pertencido, em certas épocas, á Persia [V. Cellario *Notitiae Orbis antiqui*, T. I., p. 697 e seguinte, Lipsiàe 1781 e 1732]; e a permutação do *K* em *G* é mui facil, principalmente se a pronuncia do *K* fôr um pouco guttural.

O Sñr. Troyer, no Discurso preliminar do Dabistán, T. I., p. lii., cita este passo de Herodoto = « We are informed » by Herodotus that there were different races of Persae, of whom he enumerates eleven » =; porêm eu só acho dez raças, no lugar apontado.

(25) Τὴν γὰρ Ἀσίην καὶ τὰ ἐνοικέοντα ἔθνεα βάρβαρα οἰκειεῦνται οἱ Πέρσαι L. I., cap. 4.°, p. 8 do T. I. da citada ed.

τὴν Ἀσίην πᾶσαν νομίζουσι ἑωϋτῶν εἶναι Πέρσαι, καὶ τοῦ αἰεὶ βασιλεύοντος. L. IX, cap. 116, p. 284 do T. IV da ed. citada.

(26) ἐκαλέοντο [οἱ Μῆδοι] δὲ πάλαι πρὸς πάντων Ἄριοι. L. VII., cap. 62, p. 221 do T. III. da citada ed.

ainda mais longe as suas pertenções; porque, segundo consta das inscripções que existem do seu tempo, intitulavão-se Reis dos Reis, Reis das Nações, Reis dos Povos, Reis de todos os Paizes habitados, Reis do Mundo; e Dario Hystaspes e seu filho Xerxes, tomavão além disso o titulo de — *sustentaculos deste grande mundo* — (27). Fazendo Dario Hystaspes uma longa enumeração dos Paizes que dominava, comprehendia nella os povos, desde a India inclusive até á Arabia, Egypto, Grecia, Scythia etc. (28); e tal era a importancia que dava á sua origem Ariana que se gloriava de ser filho de Hystaspes, o Achmenio, Persa e filho de Persa, Ariano, e de geração Ariana (29).

A colonisação, ou a conquista do sul da India por povos vindos do norte, do centro da Asia, é a causa de se reconhecerem nas Religiões da Persia, e da India, semelhanças, e ainda em mais d'um ponto, coincidencias, [sendo até as praticas do culto das mais antigas crenças da Persia evidentemente as mesmas de que usão os Hindus] que não parecem ser tomadas umas de outras pelo decurso do tempo, mas inseridas na sua origem nas respectivas instituições. Isto explica-se principalmente pelo facto hoje geralmente admittido pelos sabios que, em tempos remotissimos, existio nas regiões communs da Asia central a união de todas as Nações Arianas, em

---

(27) The supporter also of this great world. V. a Memoria do Sñr. Major Rawlinson — The Persian cunèiform inscription at Behistun decyphered and translated — *Journal of the Royal Asiatic Society*, Vol. X. P. III. p. 271 a 242.

(28) Idem, ibid., de p. 198 a p. 294.

(29) The son of Histaspes, the Achaemenian, a Persian, [and] the son of a Persian, an Arian, and of Arian descent. Idem, ibid. p. 292.

cujo numero se contão os Persas e os Indios (30). E sendo a Asia central, como já fica dito, o foco da população e da civilisação, não só da Asia, mas d'uma grande parte do Mundo, daqui vem a identidade de algumas crenças psychologicas e religiosas espalhadas pela Asia em todas as direcções, e que passárão de lá para à Grecia e para o occidente, como já indiquei (31).

Talvez que o titulo de *semente*, *origem*, dado ao Paiz de *Airyana*, que é o verdadeiro nome da terra sagrada dos Ario-Persas, venha de o considerarem como a *semente*, a *origem* do genero humano, V. Mr. Burnouf *Etudes sur la langue, et sur les textes zends*, no *Journal Asiatique*, *Quatrième Série*, T. V., N.° 23, *Avril — Mai* 1845, p. 288.

---

(30) In them [nas religiões da Persia e da India] we recognise resemblances, and, in more than one point, even coincidences, wich appear not merely taken from each other in the course of time, but rather originally inwoven in the respective institutions. This may be explained... chiefly by the fact, now generally admitted among the learned, that in very remote times, a union of all the Arian nations, among whom the Persians and Indians are counted, existed in the common regions of central Asia. O Snr. Troyer, no Discurso preliminar do *Dabistán*, T. I., p. cxx. V. tambem a nota [4] de p. cxxi.

These practices [as da antiga religião da Persia] are evidently the same as those used among the Hindu devotees. *Dabistán*, T. I., p. 79, nota. V.°

(31) Nas Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 2.ª Serie, T. I., P. II., p. 38 e seguintes.

DONATIVOS.

Revista Militar — Tomo 1.° — Lisboa 1849. 4.° os N.os 1, 2, 3, 4 e 5 — de Janeiro a Maio. — Offerecida pelo Sñr. Fortunato José Barreiros, em nome da Direcção da Revista Militar.

Annaes da Sociedade Promotora da Industria Nacional — segunda Serie — N.° 51 — Tomo 5.° — Lisboa 1849. 4.° — 1 folheto.

Programma para a exposição dos productos de Industria Nacional, que a Sociedade Promotora tenciona apresentar ao publico no corrente anno de 1849, e no local que opportunamente será designado. — Duas paginas de 4.°

Arsberattelse om Zoologiens framsteg under aren 1843 — 1844 till Kongl. Vetenskaps-Akademien afgifven af Zoologiæ intendenterna vid Rikets naturhistoriska Museum [Relatorio annual do progresso da Zoologia nos annos de 1843 — 1844]. Stocklolm 1848. — 8.° — 1 vol.

Idem — 1845 — 1846 — idem.

Arsberattelse om framstegen i Kemi och Mineralogi afgifven den 31 Mars 1847; af Jac. Berzelius, K. V. A. Secret. [Relatorio annual do progresso da Chymica e da Mineralogia, por Jacob Berzelius etc.] Stockholmo, 1848. — 8.° 1 vol.

Kongl. Vetenskaps — Akademiens Handlingar, för

ar 1846. [Memorias da Academia Real das Sciencias de Stockholmo do anno de 1846, Stockholmo, 1848. — 8.° 1 vol.

Plancher till Kongl. Vetenskaps-Akademiens Handlingar, för ar 1846 [Estampas das Memorias antecedentes] fol. — 1 caderno com 18 estampas.

Öfversigt af Kongl. Vetenskaps-Akademiens förhandlingar. [Revista dos Annaes da Academia Real das Sciencias de Stockholmo] N.os 7, 8, 9, e 10, com o Indice de 1847 — e os N.os 1, 2, 3, 4, 5, 6 — de 1848 — 9 folhetos em 8.°

As seis ultimas obras forão remettidas pela Academia Real das Sciencias de Stockholmo.

Collecção dos Escriptos Administrativos e Litterarios do Ill.mo e Ex.mo Sñr. José Silvestre Ribeiro etc. — Parte 1.ª e 2.ª — Angra 1843 e 1844 — 4.°

Collecção de alguns Escriptos Administrativos do Governador Civil do Districto de Beja, o Sñr. José Silvestre Ribeiro, no anno de 1843. Por Antonio Cordeiro Feio Junior. — Lisboa 1843 — 4.°

NB. Ambas as Collecções fórmão um volume; e forão offerecidas pelo Sñr. José Silvestre Ribeiro.

Lições de Philosophia, por Manoel Antonio Ferreira Tavares. Coimbra 1846 e 1848 — Parte 1.ª e 2.ª — 8.° — 2 volumes offerecidos pelo Autor.

PARA O MUSEU.

Sylvia Brasiliana [Ave], 2 exemplares — Offerecidos pelo Sñr. Antonio Ribeiro Neves Junior.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Maio de 1849, [2.° *da primavera*].

Dias do Mez	Temp. Exter. Min.	Temp. Exter. Max.	Barometro 9h Man.	Barometro 3h Tarde	Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera
1	52*	73	752,7	749,3	.	*B—'SE	Coberto — Cob.° e curtos clarões.
2	56	64	48,6	49,0	6	*'SE—'SO	Chuvas brandas alternadas.
3	54	64	47,0	47,0	7	*NO'—'O	Idem.
4	49*	69	*46,3	46,5	14	'SO—'O	Chuvas abundantes, e trovoada remota ao anoitecer.
5	49*	60	47,0	47,1	11	*'NO—O	Chuva de aguaceiros alternados.
6	51	65	47,0	47,3	4	O²—SO²	Coberto e Clarões — Chuva de aguaceiros.
7	49*	66	52,3	53,3	1	*'O—'O	Pequeno chuvisco de manhã — Coberto e curtos clarões; ar mui frio.
8	55	65	57,2	58,5	1	'NO—NO²	Coberto e pequenos aguaceiros — Coberto e clarões Id.
9	52	66	60,3	60,1	1	*'O—'S	Coberto denso e pequeno chuvisco de tarde — Nevoeiro no horisonte.
10	56	68	59,3	60,2		*'S—'SO	Idem; Chuviscos inapreciaveis; atmosphera mui vaporosa, e humida.
11	60	71	63,6	64,0		*O—NO	Id. Cl.° e nuvens Id.
12	52	72	64,1	62,5		N—'N	Claro e nuvens alternadas — Claro, sol ardente.

Dias do Mez	Temp. Exter.		Barometro		Pluviometro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera
	Min.	Max.	9h Man.	3h Tard.			
13	52°	68	762,3	761,6		*^{1}N—NO	Claro e nuvens alternadas—Claro. Sol ardente.
14	52	69	60,7	60,7		*^{1}NO—NO	Idem.
15	52	76	59,7	57,3		B—NO	Idem. —Claro, sol ardente, e apparencia de trovoada remota.
16	53	70	55,9	55,5		*^{1}SO--^{1}NO	Idem.—Coberto, e chuvisco inapreciavel, ar muito fresco.
17	53	68	60,1	61,8		*^{1}NO—^{1}N	Claro e nuvens — Claro, extremos do dia muito frescos.
18	50	70	*64,4	63,6		*N—N	Claro—Idem.
19	50	76	62,0	59,5		N—N^1	Coberto denso—Coberto e clarões—Sol descorado, atmosph. vaporosa.
20	52	72	58,5	58,2		*N^1—^{2}N	Claro e nuvens — Claro.
21	51	69	60,0	59,6		*N^1—N^2	Claro — Idem.
22	53	74	61,5	61,0		*^{1}N—N^1	Idem.
23	53	83	60,8	59,0		*^{1}NE—NO	Idem. — Muito quente e secco.
24	61	*85	58,[illegible]	57,6		*NE—^{2}N	Claro Idem.
25	58	81	57,9	56,0		^{1}N—N^2	Claro e poucas nuvens — frescos os extremos do dia.
26	56	78	55,7	55,2		N—NO^2	Idem — Atmosphera vaporosa —Sol descorado e quente.

Dias do Mez	Temp. Exter. Min.	Temp. Exter. Max.	Barometro 9^h Man	Barometro 3^h Tarde	Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força.	Estado da Atmosphera.
27	56°	73	756,1	757,0		^{2}N—^{2}NO^1	Claro —extremamente fresco.
28	55	71	59,4	59,0		^{2}N—^{2}NO$^·$	Coberto e clarões — Coberto e muito fresco.
29	51	78	58,6	57,6	8	B—N	Nevoeiro matutino, e depois claro—Trovoada e forte aguaceiro de tarde.
30	56	79	59,2	57,0		*·NE–NO	Claro — Claro e poucas nuvens — Sol ardente.
31	60	85*	57,0	56,2		*^{1}NE—NE	Claro — Claro e nuvens. — Atmosphera vaporosa e apparencia de trovoada.
Med.	53,5	71,9	757,17	756,7	53	N—NO	Fresco e chuvoso na primeira metade: quente e secco na segunda, apparecendo os primeiros calores a 23.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE MAIO DE 1849.

Temperaturas. — Maxima 85° — Minima 49° — Media do mez 62° — Dita das madrugadas 53°,5 — Dita ás 2h da tarde 71°,9 — Variação media diurna 18°,4 — Maior dita 30°.

Altura do Barometro na temperatura de 63° — Maxima 763,9 millimetros. — Minima 746,3 — Media 756,6.

Ventos dominantes contados em meios dias, e suas forças. — N,20 [1,0] — NO,17 [0,8] — O,8 [0,5] — SO,5 [0,6] — S,2 [0,2] — NE,5 [0,6] — SE,2 [0,2] — Variaveis, ou bonanças, 3 — Direcção media do vento dominante N 33° O [0,8] — Madrugadas bonançosas 22 — Meiosdias ventosós 16.

Estado da atmosphera — Meios dias claros 16 — Claros e nuvens 15 — Cobertos e clarões 4 — Dias em que chuveo 6 — Ditos de chuvisco 3 — Total 9, que produzirão 53 millimetros, excedendo dois quintos da chuva normal — Pequenos nevoeiros matutinos tres a 9, 10 e 11, — Trovoadas duas a 4 e 29, Dias de frio notavel tres, a 7, 8 e 9, — Ditos de calor notavel sete, a 19, 23, 26, 30 e 31, sendo mais inten-

nos os de 24 e 31 do mez, nos quaes a temperatura media excedeo a normal em 9 gráos. Decorreo o mez fresco e chuvoso na sua primeira metade, quente e secco na segunda, e em geral ventoso.

Juizo dos dois mezes da primavera — Decorrêrão frescos e chuvosos, manifestando-se oito dias de calor intenso no fim de Maio, sendo escasso de trovoadas, tendo só apparecido duas; e apenas tres dias de ventos tempestuosos do Norte, que pouco prejudicárão os arvoredos. — A chuva cahida nos dois mezes avultou a 100 millimetros, ou 29 almudes por braça quadrada, a qual mui pouco excede a normal que compete á estação.

Aspecto dos campos — As beneficas chuvas que cahírão no principio de Maio, fornecendo brandas regas por oito dias, activárão, com prodigiosa força o desenvolvimento das arvores e searas, já felizmente promovido pelas aguas do mez antecedente, sendo com especialidade proveitosas aos milhos. — As arvores de fructa apresentão abundantes novidades, e com especialidade os olivedos e as vinhas, sendo para notar que as plantas leguminosas, que se julgárão perdidas pela antecedente seccura, tem produzido copiosas colheitas, apparecendo o mercado abundantemente fornecido, e por modicos preços.

Necrologia dos seis districtos de Lisboa — Forão sepultados nos tres cemiterios da cidade, do sexo masculino 194 cadaveres maiores, e 130 menores; total 324 — Do sexo feminino 169 maiores, e 124 menores; total 293 — Total geral 617 em cujo numero se comprehendem 345 que fallecêrão nos hospitaes, e outros estabelecimentos publicos, excedendo em 121 individuos a mortalidade normal deste mez, o mais sauda-

vel em Lisboa. O excesso da mortalidade avultou por tanto mais uma quarta parte, do que se infere que continua a dominar a causa morbifica, que se manifestou desde o principio do anno, e principalmente desde Março, a qual continua em seus funestos effeitos, augmentando a mortalidade especialmente nos menores — O acrescimo sobre o numero normal deduzido das observações dos 12 annos antecedentes, foi o seguinte — Janeiro mais 7 por cento — Fevereiro 8 — Março 30 — Abril 29 — Maio 24; o que offerece uma progressão ascendente de Janeiro a Março, e lentamente descendente em Abril e Maio.

M. M. Franzini.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Dezembro de 1848 [1.° do inverno de 1849] na altura de 39 braças [86 metros] sobre o nivel do Tejo.

Dias do Mez	Temp. Exter.		Barometro		Pluviometro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	9h Man.	3h Tarde			
1	51°	61	761,4	760,6		*N—N	Madrugada coberta, e depois claro — Claro e nuvens — Sol ardente.
2	52	61	63,0	62,7		*·N—*N	Claro e nuvens — Coberto denso e chuvisco inapreciavel.
3	45	51	63,2	61,5		B—NE	Claro — Claro, e nevoeiro denso á noite.
4	47	61	57,0	55,5	5	*·SE^{2}-^{1}NO	Nevoeiro denso, de manhã — Coberto e chuva.
5	46	58	62,3	61,7		*·NE—·NO	Claro e nuvens — Id.
6	45	60	61,3	60,4		B—B	Coberto denso; frio e humido.
7	42	60	60,0	59,6		B—S	Claro e nuvens — Coberto denso.
8	48	64	61,6	62,4		*·SE—E·	Idem — Claro.
9	46	61	63,7	62,8		^{1}NE—SE	Claro.
10	46	62	64,0	63,5		NE—B	Claro — Claro e poucas nuvens; ameno e sol ardente.
11	45	58	66,4	66,3		NE—·NE	Claro de madrugada, e depois coberto — Coberto e clarões.

Dias do Mez	Temp. Exter.		Barometro		Pluviometro	Ventos dominantes, e sua força.	Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	9^h Man.	3^h Tarde			
12	44°	60	766,5	765,8		NE—E^{1}	Claro e nuvens — Claro.
13	45	60	63,6	60,2		^{1}SE—^{2}SE^{1}	Nevoeiro matutino —Coberto e muito humido--Coberto.
14	57	60	58,2	57,2	22	^{3}S—^{3}S^{4}	Chuva continuada e trovoada remota de manhã.
15	58	*65	60,7	60,0		^{3}S—S^{1}	Coberto e muito humido.
16	59	60	57,5	57,4	3	^{3}S—^{2}SO^{1}	Coberto e chuva branda.
17	49	60	59,4	58,8	—	^{1}N	Coberto — Claro — Pequena aurora boreal ás 7^{h} da tarde.
18	48	58	55,2	53,4	5	^{2}S^{1}—^{2}O	Tempestade de manhã, e chuva branda.
19	46	54	60,5	60,8	3	^{21}NO—NO	Aguaceiros de pouca chuva, e mui frios.
20	41	53	61,0	60,4		*N—^{1}N	Claro, e muito humido.
21	39	52	58,3	58,5		*^{1}N—B	Geada matutina e nevoeiro no horisonte — Claro.
22	*37	51	58,0	57,2		*NE—B	Nevoeiro matutino e muito humido — Claro.
23	36	53	58,1	56,5		*^{1}NE—B	Id. até ás 10^{h}, e depois claro.

Dias do Mez	Temp. Exter.		Barometro		Pluviometro	Ventos dominantes, e sua força.	Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	9h Man.	3h Tarde			
24	53	62	755,0	755,0	14	'S^3—'S^4	Coberto — Chuva abundante de tarde. — Noite tempestuosa.
25	51	63	61,0	61,4		* 'SO—B	Nevoeiros densos de madrugada e de tarde, muito humido.
26	59	64	65,8	65,6	2	* 'SO—B	Nevoeiro denso e chuvisco—Claro.
27	57	58	* 67,2	67,0		* 'SE—'V	Coberto—Coberto, aclarando no fim da tarde.
28	46	51	64,4	63,4		* 'NE—'E	Nevoeiro denso e muito humido todo o dia.
29	46	48	58,5	56,5	23	* 'SE—'V	Idem. Idem.
30	47	60	* 54,2	54,8		* 'S^r—S	Aguaceiros abundantes, tepido e muito humido.
31	50	61	55,2	55,0		E—'SE	Coberto e curtos clarões — Coberto denso.
Med.	47,7	58,4	760,7	760,0	77	S.NE—N	Temperado, regularmente chuvoso; repetidos nevoeiros, humido, e medianamente ventoso.

RESULTADOS DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE DEZEMBRO DE 1848.

Temperaturas — Maxima 65° — Minima 37° — Media do mez 53°,2 — Dita das madrugadas 47°,7 — Dita ás 2h da tarde 58°,4 — Variação media diurna 10°,7 Maxima dita 18°.

Altura do Barometro na temperatura de 63° — Maxima 767,4 millimetros — Minima 754,6 — Media 760,7.

Ventos dominantes, contados em meios dias, e suas forças — N,9 [0,2] — NO,4 [0,9] — O,1 [1,3] — SO,3 [0,5] — S,11 [1,5] — NE,10 [0,3] — E,5 [0,3] — SE,8 [0,7] — E,5 [0,3] — V. ou B,11 — Direcção media do vento dominante N 89° E [0,7] Madrugadas bonançosas 17 — Meios dias ventosos 13 — Tempestades quatro, a 14, 15, 16, 24.

Estado da atmosphera — Meios dias claros 18 — Claros e nuvens 5 — Cobertos 17 — Cobertos e clarões, 6. — Dias em que choveo 8, os quaes fornecêrão 77 millimetros, ou menos um decimo da chuva normal — Nevoeiros 10 — Dias de frio notavel 9.

Necrologia dos seis districtos de Lisboa — Forão sepultados nos tres cemiterios da cidade, do sexo mascu-

rão 256 cadaveres maiores, e 137 menores; total 393 — Do sexo feminino 181 maiores, e 136 menores; total 317. — Total geral 710 em cujo numero se comprehende 362 que fallecerão nos hospitaes e outros estabelecimentos publicos, excedendo em 88 individuos, o numero normal que compete a Dezembro, deduzido dos annos antecedentes, o que equivale a mais 14 por cento, apezar de ter decorrido este com uma temperatura macia, e sem notaveis vicissitudes atmosphericas.

M. M. Franzini.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Janeiro de 1849 (2.° do inverno).

Dias do Mez	Temp. Exter.		Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força.	Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	9h Man.	3h Tarde			
1	50	58	751,2	748,7		^{1}SE^{2}—E^{1}	Coberto muito ventoso, e ar secco e frio.
2	56	61	43,5	*41,5	17	^{1}S	Chuva abundante, tepido, e muito humido.
3	56	*63	46,2	48,0	6	^{1}O$^{2.1}$	Aguaceiros alternados — Idem.
4	45	58	48,0	48,0	7	^{1}O^{1}—SO^{1}	Idem. Idem.
5	42	58	53,4	53,1		* NE—N	Claro—Claro e poucas nuvens.
6	42	53	55,2	57,0		*^{1}NE—N	Nevoeiro denso matutino, e depois claro e frio.
7	45	56	60,3	60,5		*NE—N	Claro e nuvens.
8	45	60	63,8	63,8		*N	Idem.
9	52	62	65,1	64,4	1	*^{1}NO—NO	Coberto, muito humido, e leves chuviscos.
10	47	60	62,7	60,7	1	*O—^{1}NO	Nevoeiro mui denso de manhã, coberto, e brandos chuviscos.
11	46	57	65,0	66,0		*^{1}N	Coberto e clarões — Claro e nuvens — frio.
12	42	58	69,4	68,4		*^{1}N	Claro Idem.
13	39	57	69,6	69,4		B	Id.—Alguma geada matutina — frio.

Dias do Mez	Temp. Exter.		Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força.	Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	9^h Man.	3^h Tarde			
14	*37	56	771,2	770,0		*N	Claro, e orvalho matutino — frio.
15	40	58	69,4	68,4		*·N—N	Idem.
16	42	58	67,0	66,2		B	Idem.
17	*37	54	65,5	65,2		*·E—·NE	Nevoeiro mui denso de manhã — Claro de tarde, frio.
18	38	56	64.0	63,7		*NE	Claro. Idem.
19	40	56	61,1	60,4		NE—B	Claro e nuvens — Coberto. Id.
20	44	58	66,1	67,1		N·	Claro.
21	42	58	69,2	68,3		*·NE—N	Idem. frio.
22	44	60	69,2	69,0		*NE—N^1	Idem.
23	45	57	*75,2	73,5		$^2NE^1$	Id. frio e ar muito secco.
24	42	58	74,4	73,4		$^2NE^1$	Idem. Idem.
25	40	57	69,8	67,1		NE—·N	Id. — Claro e nuvens; frio.
26	40	56	66,0	64,3		*·N—B	Id. frio, e secco.
27	46	59	62,3	61,0		B—SO^3	Claro e nuvens — Coberto denso, e chuvisco, inapreciavel.

4 — Dias de chuva 5, sendo 2 de terraes chuviscos, fornecendo na totalidade 32 millimetros de agua, ou apenas a terça parte da chuva normal que compete a este mez — Nevoeiros 3 — Geadas 2 — Dias de frio notavel 14.

Aspecto dos campos e outros fenomenos. Os cereaes já nascidos mostrão boa apparencia, apezar da grande seccura; porêm uma consideravel porção de sementeiras não teve força para romper a tenacidade das terras argilosas, pelo que se receia a sua perda — As plantas leguminosas muito tem padecido pela grande seccura; especialmente os favaes, a qual egualmente tem influido sobre as pastagens que estão infesadas e sequiosas de humidade — As arvores tem antecipado o desenvolvimento dos seus gomos, o que lhes poderá ser mais nocivo em razão dos frios e chuvas de graniso, que ordinariamente apparecem em Março e Abril — As nascentes ainda não brotárão, conservando-se mui diminutas e no estado em que se achavão no outono, o que faz recear grande falta de aguas nos futuros mezes.

Na Grã-Bretanha, e canal da Mancha reinárão grandes tempestades pelo meado deste mez, sendo mui violenta a que teve lugar nos dias de 22 e 23.

Necrologia dos seis districtos de Lisboa — Forão sepultados nos tres cemiterios da cidade, do sexo masculino 214 cadaveres maiores, e 167 menores; total 381 — Do sexo feminino 155 maiores, e 117 menores; total 272 — Total geral 653, em cujo numero se comprehendem 378 que fallecêrão nos hospitaes, misericordia e prisões. O excesso de mortalidade sobre a media deduzida dos 12 annos antecedentes, foi de 41

individuos, ou de 7 por cento, sendo porêm este mez muito menos mortifero que o de Janeiro do anno antecedente, no qual fallecêrão 785 individuos.

M. M. Franzini.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Fevereiro de 1840, [3.° do inverno].

Dias do Mes	Temp. Exter. Min.	Temp. Exter. Max.	Barometro 9ª Man.	Barometro 3ª Tarde	Pluviometro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera
1	43°	63	766,0	765,0		•·NE—B	Claro ameno e tepido.
2	46	64	65,0	64,8		^{2}NE^{1}	Id.—quente no centro.
3	46	64	65,0	63,7		NE	Id. — Id. — Sol ardente.
4	46	64	66,8	66,5		NE—B	Idem. Idem. Idem.
5	44	64	68,0	66,3		Id. Id.	Idem. Idem. Idem.
6	44	61	64,5	63,4		Id. —.V·	Idem. —Claro e nuvens.
7	43	61	66,4	66,0		•·NE—V·	Idem. — Idem, e pequeno nevoeiro no horisónte.
8	42	63	66,5	65,8		•B—V·	Idem. — Claro.
9	42	63	67,0	65,7		•NE	Idem. — Idem.
10	44	64	67,6	66,4		^{1}NE—B	Idem. Idem.
11	49	62	67,2	65,5		^{1}N—^{1}NE	Coberto.
12	49	6[illegible]	65,9	65,0		NE—V·	Idem.
13	46	67	64,1	62,8		•·NE—V·	Claro e nuvens — Claro—Sol ardente—ar muito secco.
14	45	67	67,3	66,7		^{1}N—NE	Claro—Idem Idem.
15	45	66	•70,2	68,6		^{1}NE—^{1}E·	Idem.
16	47	69	70,0	68,4		^{1}NE·	Idem.
17	49	64	68,7	66,5		B—V·	Claro e nuvens—horisonte vaporoso.

Dias do Mez	Temp. Exter.		Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera
	Min.	Max.	9h Man.	3h Tard.			
18	48°	63	767,0	766,0		B	Nevoeiro matutino no horisonte ⟶ Claro.
19	42	61	67,0	66,1		B	Nevoeiro denso toda a manhã — Claro e nuvens ⟶ ar humido e frio.
20	42	64	66,1	65,8		B—¹N¹	Claro.
21	44	68	65,4	63,4		*¹N—B	Idem. ⟶ Sol ardente.
22	49	*72	62,1	60,2		NE—SO	Idem. ⟶ Nevoeiro ligeiro ás 11h da tarde.
23	47	62	61,6	59,8		*¹N—SO	Claro e nuvens — pequeno nevoeiro no horisonte.
24	61	67	61,4	60,5	à	*¹SO—SO	Idem. — Chuvisco inapreciavel de tarde.
25	52	62	*59,6	60,0	1 à	*¹O—NO	Coberto e clarões ⟶ Orvalho nocturno, e chuvisco inapreciavel.

Dias do Mez	Temp. Exter.		Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força.	Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	9h Man.	3h Tarde			
26	45	58	760,8	761,4		¹NO¹	Claro e nuvens—muito frio.
27	41	55	64,0	64,1	3	²N¹O¹	Aguaceiros brandos e muito frios de manhã —Arco Iris—Claro e nuvens.
28	*37	57	67,8	66,7		B—¹NO	Claro; ar muito frio e secco.
Med.	44,9	62,5	766,6	764,6	5	NE—N	Quente e desigual nas temperaturas extremas do dia, total muito secco, e bonançoso.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE FEVEREIRO DE 1849, 3.° DE INVERNO.

Temperatura — Maxima 72°— Minima 37°— Media do mez 53°,8 — Dita das madrugadas 44°,9. — Dita ás 2^h da tarde 63°,5. — Variação media diurna 18°,6. — Maxima dita 24°.

Alturas do barometro, na temperatura de 63°. Maxima 770,3 millimetros — Minima 759,6 — Media 765,2. Continuou em todo o mez a elevada pressão atmospherica do mez antecedente, excedendo-o ainda em mais de um millimetro.

Ventos dominantes, contados em meios dias, e sua força. N,5 [0,7] — NO,6 [0,8] — O,1 [1,0] — SO,4 [0,2] — NE,20 [0,5] — E,1 [0,2] — V ou B,19. Direcção do vento dominante N 19° E [0,6] — Madrugadas bonançosas 15 — Meios dias ventosos 6.

Estado da atmosphera — Meios dias claros 39 — Claros e nuvens 9 — Cobertos 4 — Dias de pequenas chuvas ou chuviscos 3, que apenas fornecêrão 5 millimetros de agua, ou $\frac{1}{14}$ da chuva normal deste mez. — Dias de frio notavel 4.

Decorreo por tanto o mez de Fevereiro quasi 1 $\frac{1}{2}$ grão mais quente da sua regular temperatura apparecendo

grandes saltos entre os extremos do dia, principalmente a 27 e 28 em que a temperatura media baixou repentinamente 12° á semelhança do que acontece nos mezes do verão.

Pelas observações feitas nos tres primeiros mezes deste inverno se deduz, que devendo elles fornecer no estado normal 250 millimetros de agua, só apparecêrão 114, ou menos de metade.

A constante seccura experimentada desde 3 de Janeiro passado, não é um phenomeno excepcional neste clima, pois que, consultando os antigos diarios de nossas observações, se encontra o anno de 1840, em que teve lugar o mesmo phenomeno, cahindo apenas nos quatro mezes do seu inverno as diminutas quantidades de 19, 16 e 7 millimetros, as quaes na sua totalidade equivalem a um quinto da chuva normal de um inverno regular; mas deve-se notar que o precedente mez de Novembro de 1839 tinha sido assás chuvoso. Tambem o de 1817 decorreo quasi secco nos ultimos dois mezes de inverno, os quaes apenas fornecêrão 4 millimetros, mas os dois precedentes forão regularmente chuvosos, dando em total resultado, os quatro mezes, menos de metade da chuva normal. Ainda mais escasso de chuvas invernaes foi o anno de 1822, cahindo nos seus tres ultimos mezes, a diminuta quantia de 48 millimetros, em vez de 202, havendo por consequencia, um deficit n'aquelle inverno, de 126 millimetros, ou um pouco menos de metade da chuva regular. O anno de 1824 foi igualmente falto de aguas, fornecendo os seus quatro mezes invernosos, 29, 11, 57 e 12 millimetros, o que pouco excedeo á terça parte da chuva normal; porêm o outono do anno precedente tinha sido bastante chuvoso.

Pelo que fica exposto se deduz que estas seccas não são raras em nosso clima, e se repetem amiudadamente, para o que muito tem contribuido a devastação, que ha muito se exerce, nas florestas que antigamente coroavão as summidades e encostas das serranias, e por isso grande beneficio prestão os que se dedicão á replantação dos bosques naquelles sitios, e de que tão illustrado exemplo está dando Sua Magestade o Senhor D. Fernando, na plantação da escalvada serra de Cintra, e nos desvastados outeiros da grande tapada de Mafra.

Aspecto dos campos, e outros phenomenos — A falta das chuvas aggravou o máo estado em que se achárão as searas e pastagens no mez antecedente, continuando as arvores, estimuladas pelo calor de um Sol ardente, a progredir no prematuro desenvolvimento da sua vegetação, sendo já visiveis as flores dos pecegueiros, olaias, e outras, desde o dia 25 do mez — Continua a escacez dos mananciaes de aguas, que não differe da que se experimenta no rigor do estio — Em alguns sitios do districto do Porto, principalmente em S. Thyrso e Paredes, tem apparecido uma fatal molestia nos castanheiros, que seccão com a maior rapidez; e na freguezia de Bostelo os seus moradores forão atacados de funestas inflammações de garganta que decidem da vida em 24 horas.

Necrologia dos seis districtos de Lisboa — Forão sepultados nos tres cemiterios da cidade, do sexo masculino 206 cadaveres maiores, e 94 menores; total 300 — Do sexo feminino, 169 maiores, e 88 menores; total geral 557, em cujo numero se comprehendem 254 que fallecêrão nos hospitaes, e outros estabelecimentos publicos.

Foi diminuto o excésso de 49 obitos, comparando-o á mortalidade media deste mez, deduzido da que houve nos 12 annos antecedentes, sendo tanto mais notavel por isso que tem predominado uma geral epidemia de sarampos e bexigas, a qual porêm tem decorrido benigna, sendo ainda mais singular a avultada diminuição da mortalidade dos menores, comparada á do mez antecedente, que subio a 284, não excedendo neste a 182; e ainda que a differença de menos tres dias, que conta o de Fevereiro, offereça uma apparente diminuição de 20 individuos, não obstànte se avantaja sobre o de Janeiro em menos 82 obitós de menores, ou de uma terça parte.

M. M. Franzini.

ACTAS

DAS

SESSÕES

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA.

1849. — N.° IV.

SESSÃO LITTERARIA DE 14 *DE JUNHO.*

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.ˢ Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Pedro Celestino Soares, Marino Miguel Franzini, Fortunato José Barreiros, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Recreio, Antonio Lopes da Costa e Almeida, Igna-

cio Antonio da Fonseca Benevides, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos; e Antonio Maria da Costa e Sá, Socio Livre.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario

1.° Uma Portaria, expedida pelo Ministerio do Reino, no 1.° do corrente, em que o Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e da Justiça participa á Academia que Sua Magestade Fora Servida encarrega-lo interinamente daquelle Ministerio, durante o impedimento, por molestia, do Duque de Saldanha.

2.° Uma carta da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, convidando os Socios da Academia para assistirem á sua Sessão publica, que devia ter lugar no dia 10 deste mez.

O Secretario disse que recebêra a carta no dia 12, e que por isso não communicára aos Socios da Academia o convite da Sociedade das Sciencias Medicas.

COMMUNICAÇÕES.

Deo parte o Secretario de ter agradecido ao Conselho de Saude do Reino a promptidão com que se prestou a recommendar aos seus empregados que colligissem objectos d'Historia Natural para o Museu da Academia; e que lhe remettêra 100 exemplares das Instrucções impressas para esse fim, pedindo-lhe que participasse á Academia os nomes das pessoas a quem o Conselho as enviasse.

RELATORIOS.

O Sñr. Agostinho Albano da Silveira Pinto, Director da Classe de Sciencias Naturaes, apresentou o parecer dos Sñr.[s] Francisco Ignacio dos Santos Cruz, e Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, encarregados de formar o seu juizo sobre as *Lições de Philosophia*, compostas pelo Sñr. Manoel Antonio Ferreira Tavares, que julgão ser obra de merecimento, mas, entendendo que pertence mais propriamente á Classe de Sciencias Moraes e Bellas Lettras, são de opinião que se entregue a esta Classe para a examinar; e assim se decidio.

MEMORIAS LIDAS.

Exposição sobre as experiencias feitas em Inglaterra a respeito de fluctuantes de gomma elastica, para servirem de pontões militares. Nota do Sñr. Francisco Pedro Celestino Soares.

Acaba de se publicar no = *The Illustrated London News*, de 31 de Março proximo passado, a paginas 204, columna 3.ª, um artigo com a seguinte rubrica:

Pontões Americanos para a India.

No fim da ultima semana [Março] fez-se uma exposição de quatro pontões [American Pontoons] na presença do Duque de Wellington, Sir Charles Napier, e outros personagens.

Os pontões são feitos de gomma elastica, e por isso extremamente portateis, e formados de tres curvas, de 18 pés de comprimento e 4 ½ de largura, no extremo das quaes tem uma peça de rosca a que se adapta um folle, que enche cada um de ar em cinco minutos. = Mostrou a experiencia, que estes pontões podem com o pezo da artilharia, e por isso forão logo mandados para servirem na guerra da India.

O Coronel Sir F. Smith, do Corpo de Engenheiros,

estabelecido em Chatam, mostrou ao Duque de Wellington alguns desenhos para explicar o uso destes pontões, que elle Coronel em 1847 havia experimentado no rio Medway (1).

A' vista do que deixo transcripto convem mostrar, que a ideia levada a effeito em Inglaterra foi por nós apresentada em 14 de Março de 1836, e publicada no

---

(1) *American Pontoons for India.* The latter end of last week an exhibition of four American pontoons, brought from Chatam, took place at the back of the office of the Master-General of the Ordnance, Pall-mall, — the Commander-in-Chief, the Duke of Wellington, the Marquis of Anglesey, Major-General Sir John Burgoyne, Inspector-General of Fortifications, General Sir Charles J Napier, Colonel Watson, R. E. etc., were present. These pontoons are exceedingly portable, being mad of India-rubber; each of them forms three curves 18 feet in length and 4 feet 6 inches in width, and, on being required for use, they are filled with air; the process of inflation is by bellows screwed on at each end of the curves. It takes about five minutes to inflate them, and, when inflated, they form a very buoyant bridge, and are well adapted to transport artillery and troops over a river. Colonel Sir F. Smith, of the Royal Engineer establishment at Chatham, presented some drawings of the pontoons to his Grace the Duke of Wellington, and entered into an explanation of the properties of these pontoons, and one of them, with three cylinders, was inflated, and a raft formed. Its capability of bearing a heavy weight was tested. The pontoons were ordered to be forwarded immediatety to the seat of war in India, and the East India Company intend giving an order for a large supply of these pontoons. Sir H. Smith, who went out as Governor-General to the Cape in 1847, having witnessed at Chatam similar pontoons on the river Medway, was so pleased with them that he took out two with him; and, in a letter received about a fortnight ago from that gallant officer, he expressed his admiration of them and their usefulness, he having tried them on the Great Fish River.

Jornal da Sociedade dos Amigos das lettras = Tomo 1.°, Junho de 1836, e depois disso no Jornal do Exercito Portuguez.

A unica differença consiste em se empregar em odres de pelle de boi, quando os Inglezes se servem de volumes de gomma elastica. O impresso que junto para ser examinado pela Academia, mostra que a applicação deste meio é portugueza; e que se nós, costumados a desprezar as nossas cousas, dellas nos não servimos, não deixamos por isso de possuir a capacidade sufficiente para imaginar composições uteis, que em outros paizes igualmente se imaginam, ou adoptam.

Peço portanto á Academia dê a esta exposição a publicidade precisa, a fim de que a Europa conheça que neste Paiz hoje tão esquecido, e tão pouco apreciado, ha muito quem trabalhe; e que se os resultados desses trabalhos são pouco conhecidos, a falta provem de se lhes dar quasi nenhuma publicidade, ou de não serem aproveitados por aquelles a quem isso cumpria.

Julgo necessario unir a esta publicação a copia da Memoria a que me refiro; porque sendo muito breve, pouco importará a sua reimpressão.

Memoria a que se refere a exposição supra.

= *Sciencias Militares* = *Novo systema de Pontões:* = *Memoria apresentada á Sociedade*, *por* Francisco Pedro Celestino Soares.

No estado actual dos conhecimentos militares, e segundo o modo por que as operações da guerra tem lugar, é indispensavel que os exercitos sejão acompanhados por systemas de pontões, que facilitem a passagem dos rios, ou ribeiros consideraveis: mas o enorme embaraço que causão os comboios, a despeza que exigem, assim como o importe de tantos objectos, são obstaculos de primeira ordem, que convem diminuir quanto possivel, a fim de ultimar luctas terriveis, que tanto mais sangue e sacrificios custão, quanto mais se prolongão.

Já o Autor da Statica da Guerra, procurando minorar os inconvenientes que acabamos de apontar, se lembrou de cousa similhante áquella de que nos occupamos, porêm o seu methodo não nos parece livre de difficuldades; porque a canastra ou ossada de ferro que se hade vestir com uma capa de couro, é de grande volume, e tem um certo pezo que sobrecarrega o systema: alêm disto, as costuras que unem as diversas peças da capa de cada pontão, é um mal consideravel pela facilidade com que podem permittir a passagem da agua (1); e sendo cada pontão formado de um só pa-

(1) Estas rupturas são frequentes nas mangueiras das bombas empregadas na extincção dos incendios.

rallelipipedo, roto este será preciso substitui-lo por outro; o que, segundo nosso parecer, acontecerá amiudadas vezes, principalmente em operações precipitadas, sejão offensivas, ou de retirada. Attendendo pois a todas estas causas nos lembrámos do seguinte meio.

Cada pontão será composto de quatro até seis odres de pelle de boi (2), sendo a parte anterior ou pescoço, adaptada a uma peça de madeira grossa, com uma cavidade em torno, na qual a pelle seja perfeitamente ligada com tiras da mesma materia: terá tambem uma argola de ferro com tornelo, que servirá para passar a amarra: o orificio posterior será fechado similhantemente, e terá um tubo de metal com torneira: desta peça de madeira á anterior passará uma cinta de couro larga e forte, que será cosida a duas outras na altura das pernas e das mãos: cada uma destas ultimas tiras terá uma fivela em que virá entrar o extremo correspondente, depois de passar pelas aberturas de uma vigota, que terá nestes lugares duas peças de ferro semicirculares, muito bem parafusadas, a fim de melhor sustentar os odres, evitando que saião da posição conveniente.

Isto posto, é claro o modo de estabelecer a ponte. Com um folle de grandeza conveniente (3) se encherão de ar os odres pelo tubo da peça posterior, e tendo-os assim preparados, se ligarão ás vigotas da ponte: depois, unindo duas destas, ou systema de vigotas e

---

(2) Os Gregos transportão o seu azeite nesta qualidade de odres, substituindo-os ás pipas.

(3) Cada trem será fornecido com um numero sufficiente de folles, segundo a extensão dada a cada ponte.

de odres, se parafusarão nas outras, e á medida que a ponte se for formando, se lançará ao rio.

Não julgamos necessario descrever as mais operações, por serem communs a estas, e ás pontes de barcas ou de pontões.

Vejamos agora a simplicidade deste systema. Se qualquer odre se romper, ou tiver qualquer desastre, nada mais facil do que desfivelar as tiras, o que se faz de cima da ponte, levantando algumas taboas, tirar o odre, e substitui-lo por outro, que se acabará de encher de ar logo que esteja no seu lugar (4): tudo isto se faz sem ser preciso decompor parte da ponte, como seria necessario com os pontões ordinarios, ou com os indicados na Statica da Guerra.

Este meio pode servir para formar jangadas, pontes volantes etc. A despeza de construcção não é grande, o transporte muito ligeiro, em comparação daquelle que exigem os pontões actuaes, a manobra de lançar a ponte, e de a recolher, muito facil, pois é claro que um homem, ou quando muito dous, podem desfivelar cada odre, despejar-lhe o ar, e lança-lo sobre o carro. Assim julgamos que a nossa ideia não será impugnada, e muito principalmente antes que a pratica mostre inconvenientes que pela theoria não temos podido descobrir.

Dir-se-ha destes pontões, que lançados na presença do inimigo ficão muito sujeitos aos tiros ainda de fuzil: responderemos, que a substituição é muito facil, como acima dissemos, e que ainda no proprio lugar é

---

(4) Deve haver uma porção de mangueira com suas peças de metal, que parafusem no tubo dos odres e no pipo do folle, porque assim é facil introduzir-lhes o ar de cima da ponte.

possivel tapar a ruptura, usando dos botões que servem para o mesmo fim nos odres ordinarios, e tornando a encher de ar o odre depois de vedado: pelo que as vantagens ficão ainda do nosso lado.

NB. Os parafusos devem ser fixos nas vigotas, a fim de simplificar a composição e desmancho da ponte: as femeas serão quadradas para se atarraxarem com uma chave a isso apropriada.

A porção de cada vigota será rebaixada, a fim de que a femea não augmente a altura.

Não entramos em mais detalhes por nos parecerem ociosos á vista das figuras, e para não tornarmos esta Memoria desnecessariamente extensa (5).

---

(5) *Jornal da Sociedade dos Amigos das Lettras*, T. I., N.º 3, p. 93, col. 1.ª. Não se copiou a estampa, que vem neste Jornal, por se julgar desnecessaria para o objecto de que se trata.

—

O Secretario perpetuo observou que, segundo sua lembrança, as pontes feitas sobre odres erão já conhecidas dos Romanos, e que nas obras de Justo Lipsio havia uma estampa dessas pontes, o que seria facil de verificar; e effectivamente achão-se a noticia e o desenho de pontes formadas sobre odres no Poliorceticon deste Autor (1).

Assentou-se que a Classe respectiva examinasse o Mappa do Curso do Douro, offerecido pelo Sñr. Forrester.

(1) L.° 2.°, Dialogo 5.°. p. 304 a 307 do T. 3.° das Obras de Justo Lipsio. Antuerpia 1637. A estampa vem a p. 307.

DONATIVOS.

Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias de Lisboa. — 1.ª Serie — 2.º Anno — Junho de 1849. — 8.º 1 N.º Offerecido pelo Sñr. José Tedeschi.

Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa. Segunda Serie — Tomo IV. — Mez d'Abril. — Lisboa 1849. — 8.º 1 N.º

Uma ou duas palavras sobre vinho do Porto, dirigidas ao Publico Britannico em geral, e com especialidade aos particulares; mostrando como, e porque he adulterado, e apontando alguns meios de se conhecerem as adulterações. Por um residente em Portugal ha onze annos [José James Forrester]. — Traduzido do Inglez por Francisco Cramp. Porto 1844. — 8.º 1 folheto.

Vindicação de José James Forrester contra as imputações a elle feitas no Parecer da Direcção da Associação Commercial do Porto de 15 de Março de 1845; com um post-scriptum sobre o folheto intitulado = A Questão dos Vinhos do Douro, considerada politicamente, pelo Sñr Bernardo de Lemos Teixeira d'Aguilar = e um interessante Appendix. — 2.ª edição. — Porto. Junho 1845. — 8.º 1 vol.

Municipalidade do Porto. Documentos relativos ás obras topograficas do Sñr. José James Forrester sobre o paiz Vinhateiro do Alto Douro e Rio Douro, mandados publicar pela Ex.ma Camara Municipal da Invicta

Cidade do Porto, em sessão extraordinaria de 8 d'Abril de 1848. — 1848 — 8.° 1 folheto.

Considerações geraes sobre a constituição geologica do Alto Douro [demarcado conforme a Carta Topographica do Cavalleiro José James Forrester], por José Pinto Rebello de Carvalho etc. — Porto 1848 — 8.° 1 folheto.

A Word or two on Port Wine! Addressed to the British Publick generally, but particularly to private gentlemen; shewing how, and why, it is adulterated, and affording some means of detecting its adulterations, by Joseph James Forrester etc. [É a traducção do folheto portuguez de que já se fez menção]. London 1848. — 8.° 1 vol.

Considerações ácerca da Carta de Lei de 21 d'Abril de 1843, e resultado que se tem colhido para o paiz Vinhateiro do Alto Douro, e Commercio dos Vinhos do Porto; por José James Forrester. — Porto 1849. — 8.° 1 folheto.

O Douro Portuguez, e paiz adjacente, com tanto do Rio, quanto se pode tornar navegavel em Hespanha. Grande Mappa, mandado levantar pelo Sñr. Forrester, e gravado á sua custa em Londres.

Todas as seis obras acima, e o mappa que as acompanha, forão offerecidas pelo Sñr. José James Forrester.

Discursos pronunciados na Sessão de 1848 da Camara dos Deputados; pelo Conselheiro José Martins da Cruz Jobim etc. — Rio de Janeiro 1848 — 8.° 1 vol.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences etc. — 1849. — Premier Semestre. [Instituto Nacional de França]. — Tomo XXVIII. N.ºs 19 e 20, de 7 e 14 de Maio de 1849. — 4.° g.^de^ 2 N.^os^

ASSEMBLEA D'EFFECTIVOS DE 20 DE JUNHO.

Presidio o Sñr. José Cordeiro Feio.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.ˢ Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, José Liberato Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Freire de Carvalho, Fortunato José Barreiros, Francisco Recreio, Antonio Lopes da Costa e Almeida, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario perpetuo

1.° Uma Portaria expedida pelo Ministerio do Reino do theor seguinte:

PORTARIA.

Tendo a Commissão encarregada dos trabalhos preparatorios do cadastro topographico parcellar do Reino, representado ao Governo a conveniencia de chamar a attenção de todos os homens esclarecidos do Paiz, e com especialidade a dos Corpos Scientificos, e a dos Tribunaes Judiciaes e Administrativos, sobre se é possivel organisar o cadastro topographico de maneira tal que seja o verdadeiro tombo da propriedade, — sirva de titulo para provar o dominio e posse, — e forneça base segura ao systema hypothecario; e sobre o processo que cumpre seguir para obter aquelles fins, tanto no levantamento das plantas parcellares, como na descripção das differentes mutações de proprietarios: Manda Sua Magestade A Rainha, pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, que a Academia Real das Sciencias de Lisboa consulte e emitta a sua opinião ácerca dos mencionados pontos, a respeito dos quaes já o Conselheiro Ministro e Secretario d'Estado honorario, Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão, deo o parecer, que se acha publicado no Diario do Governo N.° 108, de 9 de Maio ultimo. Paço das Necessidades em 2 de Junho de 1849. = José Marcellino de Sá Vargas.

—

2.° Outra Portaria expedida pelo mesmo Ministerio, em 19 do corrente, em que se participa á Academia, ter sido nomeado o Sñr. Conde de Thomar Presidente do Conselho e Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino.

Para dar cumprimento á primeira destas Portarias nomeou-se uma Commissão de cinco membros, composta dos Sñr.ᵉˢ Marino Miguel Franzini, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Fortunato José Barreiros, Francisco Pedro Celestino Soares, e do Secretario perpetuo da Academia.

O Sñr. Franzini escusou-se da Commissão.

SESSÃO LITTERARIA DE 27 DE JUNHO.

Presidio o Sñr. Duque de Palmella.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.ᵉˢ Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Pedro Celestino Soares, Marino Miguel Franzini, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, José Liberato Freire de Carvalho, José Cordeiro Feio, Agostinho Albano da Silveira Pinto, Francisco Recreio, Fortunato José Barreiros, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; Francisco Thomaz da Silveira Franco, e Antonio Maria da Costa e Sá, Socios Livres.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario

Uma carta do nosso Socio o Sñr. Visconde de Kerckhove, Presidente da Academia archeologica da Belgica, offerecendo á Academia o ultimo trimestre do T 5.°, e os dois 1.°ˢ do T. 6.° dos Annaes da Academia archeologica; e referindo-se a ter enviado os volumes antecedentes, que não

se recebêrão; o que se communicará ao Sñr. Visconde de Kerckhove na carta em que se lhe accusar e agradecer a remessa que agora fez.

COMMUNICAÇÕES.

O Sñr. José Cordeiro Feio entregou dois exemplares do 2.° vol. das Obras do Sñr. Bispo de Viseu, D. Francisco Alexandre Lobo, offerecidos pelos Directores do Seminario de Viseu por via do Sñr. Doutor Francisco Eleutherio. Vai mencionada esta offerta na lista dos donativos.

MEMORIAS LIDAS.

Nota ácerca do emprego dos ódres nas pontes militares.
Pelo Sñr. Fortunato José Barreiros.

O emprego dos corpos fluctuantes, para servirem de esteio ás pontes militares, e facilitar ás tropas a passagem de aguas correntes ou estagnadas invadiaveis, é antiquissimo. Os nossos antepassados fizeram para este effeito uso de toneis, quando o Infante D. Pedro, Regente do Reino, durante a minoridade d'ElRei D. Affonso 5.°, atravessou o Douro para ir combater o Conde de Barcellos, que se revoltára contra a sua autoridade.

A ideia, e o uso dos ôdres parecem remontar ainda mais longe, porque *Xenofonte*, na *Retirada dos dez mil* (livro 3.°) refere, que achando-se os Gregos em grande embaraço para transpôrem o rio *Tigre*, um delles, natural da Ilha de Rhodes, propoz a construcção de uma ponte volante, ou mais propriamente de uma grande jangada, sobre ôdres, feitos de pelles das cavalgaduras de carga que acompanhavam o Exercito, a qual jangada poderia transportar quatro mil homens de cada vez; expediente este que, sendo approvado, não pôde todavia levar-se a effeito, por não o permittir a Cavallaria inimiga, que se achava na margem opposta. De tal meio porêm se servem ainda hoje os habitantes das margens daquelle rio, e das do *Eufrates*; e *Thevenot*, que desceu em uma simílhante jangada (naquelle paiz chamada *kelec*) umas setenta legoas de extensão do curso do *Tigre*, dá no 3.° Tomo das suas viagens a descripção dellas. *Alexandre*, segundo o testimunho de *Arriano* (livro 5.°) passou o *Hydaspe* em jangadas de ôdres, cheios de folhas sêcas de plantas, e depois cosidos, e fechados hermeticamente. O mesmo meio foi empregado por aquelle conquistador para passar o *Danubio* e o *Gihon*, ou antigo *Oxus*, mandando transformar em ôdres as pelles que serviam de tendas aos seus soldados. *Tito-Livio* diz que uma parte da Infanteria *espanhola* de *Hannibal* passou o *Rhodano* a nado, ajudando-se com ôdres de couro cheios de ar, e segundo *Cesar, a Infanteria ligeira dos Portuguezes, e a de Espanha, estava acostumada a passar os rios sobre pelles*, devendo entender-se, que era naturalmente sobre ôdres. Estes exemplos parece terem inspirado a *Folard* o projecto de dar a toda a Cavallaria ôdres simílhantes a aquelles em que ordinariamente é transportado o vinho, os quaes, em numero de dois, deveriam ser atados a cada sella. *Deste modo*, diz o mesmo *Folard* nos seus Com-

mentarios a *Polybio*, Tomo 4.°, *não haveria rios, por mais largos e rapidos que sejam, que não fossem atravessados facilmente e sem risco.* Segundo se lê no Tomo 4.° da Encyclopedia methodica, Arte militar, um Capitão de Gendarmeria chamado *Guillotée*, e depois delle outro Capitão de Artilheria *Wilhiac*, propuzeram, o primeiro á Academia Franceza, e o segundo ao Instituto da mesma nação, projectos de pontes militares sobre ódres, achando-se na citada obra a descripção circumstanciada de todos os meios, que entravam na composição da que foi proposta pelo ultimo, ficando os ódres subjeitos a caixilhos ou quadros de madeira, de um modo muito parecido ao que propõe o nosso collega. O General *Thiebault*, no seu Manual geral do serviço dos Estados Maiores, assevera terem construido os francezes em Portugal, no fim do anno de 1810, algumas pontes volantes, nas quaes, por falta de barcos que lhes servissem de esteios, tambem empregaram ódres. — E finalmente o General inglez *Howard Douglas*, que cita a maior parte destes factos, no seu ensaio sobre as pontes militares, vertido em francez, e publicado em Pariz no anno de 1824, expõe na mesma obra as experiencias que fez em Espanha, durante a Guerra Peninsular, para converter os couros de boi em ódres, e utilisa-los como fluctuadores militares.

O que acabo de referir mostra por tanto, que o uso dos ódres na construcção das jangadas, ou seja para nellas passarem immediatamente as tropas, ou para servirem de apoio ás pontes militares, assim volantes, como estacionarias, não é novo, nem em Portugal, nem nas outras nações, sendo-o apenas a qualidade da matéria ultimamente applicada nos Estados Unidos da America, e em Inglaterra aos fluctuadores, que na verdade me parece preferivel aos couros de boi ou de bóde, até agora utilisados para este fim; justificando tal preferencia a maior

grossura que, com a gomma elastica, se póde dar aos ódres, com augmento de resistencia dos fluctuadores, para que supportem grandes pesos, e a egualdade da mesma resistencia, que não existe nas pelles dos animaes, porque as partes dellas visinhas do dorso, são sempre mais porosas, e por conseguinte mais fracas.

Todavia as pontes militares, e as jangadas estabelecidas sobre ódres, com quanto estes sejam de facil e rapido transporte, jamais poderão substituir as de pontões, de barcos, ou de cavalletes, nas passagens dos rios, executadas na presença do inimigo, por isso que basta o acerto de uma balla de espingarda nos fluctuadores desta especie, para lhes vasar promptamente o ar, sendo absolutamente impossivel abriga-los de tal risco. Alem disto, por maior cuidado que tenha havido na preparação dos ódres (com especialidade os de couro) sempre se vasam mais ou menos rapidamente, segundo o peso que os sobrecarrega e o augmento da temperatura do ar, tornando necessario a miudo, ou pelo menos uma ou duas vezes por dia, a operação de os tornar a encher de vento, por maio de folles; e finalmente, a leveza dos mesmos ódres, que tão vantajosa é para o seu transporte, dando muito pouca estabilidade ás jangadas, ou apoio das pontes, têlas-ha em continua oscilação, e tornará summamente perigosa a passagem por ellas da artilheria, de toda a especie de viaturas, e até da propria cavallaria.

E'provavelmente pelas razões que acabo de expender, que alguns abalizados escriptores militares, taes como o General *Douglas*, o Engenheiro francez *Haillot*, etc. entendem que unicamente se deverá utilisar esta especie de fluctuadores na falta de outros meios para effectuar a passagem; e que o distincto General da Artilheria franceza, *Conde de Gassendi*, no seu *Aide-Mémoire à l'usage des officiers d'Artillerie*, 5.ª edição, paginas 1236, diz

a respeito das pontes sobre ódres o seguinte: *Sauf de les employer pour une expédition prompte, faite à la derobée, avec un petit nombre d'hommes, ils ne sont bons qu'à mettre au cabinet; car devant l'ennemi, quelques coups de fusil dans vos outres vous dispenseraient du passage, quand les courants mêmes vous respecteraient.*

Memoria em que se mostra que o systema estrategico dos Odres fluctuantes na passagem dos Rios, quer empregados de per si, quer formando pontes, era já usado dos Antigos. Pelo Sñr. Francisco Recreio.

Annos ha se enunciou pelo prelo, e ainda mui recentemente ouvimos dizer que o mencionado invento se devia capitular como nova descoberta. Por certo que n'este sentido escreveo uma Memoria, impressa no *Jornal dos conhecimentos uteis* (1), o nosso digno Consocio o Sñr. F. P. Celestino Soares, que intitulou — *Novo systema de Pontões*; — e a elle mesmo ouvimos na Sessão Litteraria da Academia de 14 do corrente mez, que, no Jornal— *The Illustrated London* — (2) se pretendia inculcar como novidade o systema por elle inventado, e só pelos Inglezes agora modificado na materia, e não na forma; o que deo motivo ao Consocio querer revindicar aquella gloria pela publicação de uma Nota, que leo com destino de ser inserida nas Actas da Academia.

---

(1) Tomo 1.º, Junho de 1836., N.º 3.
(2) *News* de 31 de Março de 1849.

Não admira que ao nosso habil Consocio escapasse a noticia de uma invenção que é muito antiga. Não pretendemos censural-o, antes dar-lhe toda a possivel desculpa; se é que elle della precisa. Ha muito anda aquella antiguidade desconhecida, por não dizer despresada, de não poucos Autores, que a não devião ignorar para a escrever. Anda esta falta pois em escriptores que copiando-se, pela maior parte, uns aos outros, sem examinar a sciencia em suas fontes, vão perpetuando de uns para outros erros e descuidos, que na boa fé de quem os lê passão por verdadeira doutrina, não o sendo na realidade. O conceito alem d'isto habitual, que, pela maior parte, se consagra ao que dizem escriptores de certa ordem, faz com que, á sombra da sua autoridade, descancemos sobre a verdade dos conhecimentos, que elles nos trasmittem; e que só depois de terem percorrido centenares de leitores, ainda os de apurada critica, uma simples casualidade venha muitas vezes descobrir que houve erro, ou omissão attendivel. Os escriptores censuraveis de que fallamos são particularmente os modernos Diccionaristas de sciencias, quer naturaes, quer positivas, e os Compositores de Encyclopedias, e Manuaes, com que a França tem inundado o Orbe Litterario. Uma prova especial do que acabamos de pronunciar genericamente é a omissão da noticia d'aquelle antigo invento em Autores, que tratando em suas Obras da materia em proprios e particulares artigos, mal a podião, ou devião commetter. Com effeito abro o — *Nouveau Dictionnaire des Origines, Inventions et Découvertes, par M. M. Noel et Carpentier*, no artigo — *Ponts Flottants* — e eis-aqui o que elle só diz dos tempos antigos: « On ne voit nulle part » dans l'histoire que les anciens aient connu les ponts flot» tants, tels que ceux qui sont faits de pontons, de bateaux or» dinaires, de bateaux de cuir, de tonneaux, qu'on jette

» sur une rivière et qu'on couvre de planches. » E mais abaixo (com grave erro historico) assim se expressa : *Ammien Marcellin fait mention d'un pont de cuir, dont l'Empereur Julien se servit pour faire passer le Tigre et l'Euphrate à son armée* (1). A mesma omissão já tinhamos achado no artigo — *Outre.*

A *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, publicada muitos annos antes, apezar de largamente dissertar, em diversos artigos, sobre *Pontes e Pontões*, já nada tambem refere daquella antiguidade. A mesma omissão se encontra na Encyclopedia Methodica. E o seu *Supplément à l'Art militaire*, impresso annos depois, quasi nada traz. Deixo porém estes, e outros escriptores estrangeiros, que poderia ainda mencionar, e voltando-me para os Antiquarios do paiz, é forçoso que note n'elles o mesmo descuido. Por todos sirva de exemplo André de Resende, que fallando, no Livro 1.° das Antiguidades, da milicia dos Lusitanos, deixou de tocar uma especie tão curiosa da sua estrategia.

Notei tambem que o mesmo silencio guardasse em nossos dias Casado Giraldes, que, no Art.° 65 do Tomo 1.° da sua Geographia, mais particularisou os usos bellicos dos Lusitanos.

Apezar, com tudo, do silencio d'estes, e d'outros escriptores estrangeiros, e nacionaes, o invento militar dos

---

(1) Quem examinar o cap. 6.° do livro 25, *Rerum Gestarum*, de Ammiano Marcellino (edição Parisiense de Adriano Valesio) não sem admiração verificará o grande transtorno com que os Autores do Diccionario citárão o historiador Romano. Adiante vai transcripto, nesta Memoria, o genuino lugar de Ammiano. Este mesmo escriptor, na Vida do Imperádor Juliano, nenhuma menção faz da ponte que nos inculcão os Diccionaristas.

fluctuantes de que tratamos é indisputavelmente do dominio da antiguidade, e particular dos povos da Peninsula Europea, a que pertencemos. Não são meras conjecturas, são autoridades de escriptores, que, pelo seu valor, não é licito contrariar. Julio Cesar, no Livro 1.º *de Bello civili*, no fim do cap. 48, expressamente conta que a tropa ligeira dos Lusitanos, e os armados de adarga da Hispania citerior tinhão toda a facilidade em passar a nado qualquer rio, porque era costume de todos elles não irem para o exercito sem levarem comsigo ódres. *Levis armaturæ Lusitanis... cetratisque citerioris Hispaniæ... erat proclive transnare flumen, quòd consuetudo eorum omnium est, ut sine utribus ad exercitum non eant.* Tão terminante testemunho assás claramente faz vêr a existencia do estratagema ; e pela especialidade e maneira com que Cesar falla d'elle, que não era conhecido n'aquelle tempo dos Romanos. Tito Livio, não menos expressamente, faz menção d'aquelle mesmo uso pelos soldados da Hispania, que com Hannibal pretendião passar o rio Rhodano. « Os » Hispanos, *diz elle*, ao mesmo tempo arremessando seus » vestidos sobre os ódres para ficarem sem estorvo » algum, deitando-se sobre os escudos que lhes fica» vão debaixo, passárão o rio a nado. » *Hispani, sine ulla mole in utres vestimentis conjectis, ipsi cetris suppositis incubantes, flumen transnatavere.* (1) N'outra parte o mesmo insigne Autor nos historía os mesmos Hispanos passando a salvo em ódres cheios de vento o rio Pó : *Ut jam Hispanos omnes inflati transvexerint utres.* (2).

Este ardil em atravessar os rios não se acha só entre os povos da peninsula Hispanica ; porêm entre os Romanos, como igualmente em varios outros. Suetonio dá-nos um rico teste-

(1) Dec. 3.ª, L. 21, C. 27, in usum Delphini.
(2) Dec. 3.ª, L. 21, C. 47 in usum Delphini.

munho d'esta astucia na pessoa de Julio Cesar. É d'elle que este biographo affirma que, quando os rios o retardavão, os passava nadando, ou arrimado em ôdres cheios de vento, chegando muitas vezes ao logar destinado primeiro que os correios, que para alli tinha expedido. *Si flumina morarentur, nando trajiciens, vel innixus inflatis, utribus, persæpe nuntios de se prævenerit.* (1) Lucio Floro igualmente não se esqueceo de deixar á posteridade a memoria do prodigio do celebre Lucullo, que, para salvar a nobre cidade de Cyzico, que Mithridates ameaçava, sostido em um ôdre, e dirigindo-lhe o rumo com os pês, pôde, á vista de todos, como um monstro marinho, escapar por entre as náos dos inimigos. *Per medias hostium naves utre suspensus, et pedibus iter adgubernans, videntibus procul, quasi marina pistrix evaserat.* (2) — É outro-si constante que Alexandre Magno fez atravessar a salvo todo o seu exercito o rio Oxo, distribuindo pelos soldados um grande numero de ôdres cheios de palha, encostados sobre os quaes se transportárão para o outro lado: *Utres quam plurimos stramentis refertos dividit. His incubantes transnavere amnem.* (3) D'esta mesma sorte atravessou elle o Danubio e o Tanais, como advertio, no seu commentario ao citado logar, o eruditissimo Samuel Pitisco.

Por fim diremos que os Arabes, denominados Ascitas, tambem conhecião o invento dos ôdres fluctuantes. Sobre ôdres de couro de boi formavão elles uma especie de jangada, conduzidos na qual exercião a pirataria, como refere Plinio (4) e o repete Roberto Valturio, *de Re Militari*(5).

(1) Cap. 57.
(2) De gestis Romanorum, L. 3.°, Cap. 5.°
(3) Curt., L. 7, Cap. 5.°
(4) L. 6, cap. 34, in usum Delphini.
(5) L. 11.°, p. 318.

Estes exemplos são bastantes para fazer ver que o uso do celebre artificio na passagem dos rios era já dos antigos, ainda quando elles não conhecessem o systema de taes pontões. Conhecêrão porém indubitavelmente este systema. Ammiano Marcellino em um logar da vida do Imperador Joviano, claramente conta que os architectos (engenheiros) que acompanhavão o exercito Romano contra os Persas havião promettido em uma occasião, para lhe facilitar a passagem do rio Tigre, fazer-lhe uma ponte de ódres dos couros dos animaes mortos. *Utribus e cæsorum animalium coriis coagmentare pontem architecti promittebant.* (1) Zozimo porêm, no Livro 3.° cap. 49, (2) positivamente affirma que fôra, por similhante maneira, que os Romanos passárão o rio Tigre, quando no tempo de Joviano voltárão da Persia. *Itaque colligatis utribus, quum ex iis juga quasi quædam confecissent; his ipsis invecti (Tigrim) transierunt.*

Assim como pois é cousa corrente entre os investigadores de antiguidades gregas e latinas, ser de tempos mui remotos, e já usado pelos gregos antes de Alexandre o invento dos ódres fluctuantes na passagem dos rios (que enchião de vento com folles, ou de palha) governados pelos pés dos que sobre elles se encostavão, ou antes se debruçavão; assim é igualmente indubitavel que os Romanos forão os inventores das pontes fluctuantes formadas de ódres juntos, por onde passavão os seus exercitos. — A estas pontes davão-lhes o nome de *Ascogephri*, ou *Ascogephyri*, nome derivado de duas vozes gregas 'ΑΣΚΟ'Σ, que significa *ódre*, e ΓΕ'ΦΥΡΑ, *ponte*. — A obra extractada de varias de Justo Lipsio — *Roma Illus-*

(1) L. 25. Historiae Augustae tom. 2.° p. 440.
(2) Romanae Histor. Scriptores, tom 3.°, p. 730.

trata — traz o modo como ellas erão feitas (1). Outra porêm não igual explicação, ainda que todavia mais extensa, sobre o objecto, dá o Autor Anonymo que escreveo — *De rebus Bellicis* — (Obra que anda impressa com a — *Notitia utraque Dignitatum cùm Orientis tum Occidentis etc.* —) á estampa que tem o titulo — *Ascogefrus.* — Achámos-lhe não pequena differença da explicação extrahida de Justo Lipsio, e muito mais difficil de se entender.

Quem, sem embargo do que fica dito, se quizer ainda confirmar mais no que temos expendido n'esta Memoria, póde lêr a *Stervechio* no Commentario a *Flavio Vegecio*, L.° 3.° Cap. 7., que reproduz as palavras, e a estampa do Autor incerto *De rebus bellicis; a Isaac Causobono* em a nota respectiva ao logar de Suetonio, que fica citado; e na falta d'este o logar proprio dos commentarios do Jesuita Portuguez *Pedro de Almeida*, feitos ao mesmo Historico para uso do Conde de Vimioso, que é bem claro. Igualmente recommendamos a nota de *Mattheus Radero* á autoridade que produzimos de Quinto Curcio; a Julio Cesar, edição de Arnoldo Montano *cum selectis Variorum Commentariis*, pag. 489, na respectiva nota. — Quem porêm não quizer ter tanto trabalho bastará consultar a *Samuel Pitisco*, no seu *Lexicon Antiquitatum Romanarum*, na palavra *Pontes*, pag. 117, e na palavra *Uter*. Ali encontrará ainda outros Autores citados, que dão expresso apoio ao que tratámos.

O que porêm acabamos de fazer vêr n'esta Memoria, não obsta, segundo o nosso pensar, a que o systema de Pontões, ideado pelo nosso Consocio, seja de alguma sorte tido por invento novo. É novo na Historia moderna da estrategia do paiz. É novo igualmente por ser o Consocio o primeiro Militar Portuguez, que se lembrou traçar um

(1) Lib. 2. de oppugnatione diuturna — de Pontibus.

plano para delle se poder fazer uso. É novo em fim pelo gráo de perfeição systematica em que excede ao dos Antigos. É n'este sentido, ou em qualquer dos precedentes que, segundo creio, o seu Autor o deve inculcar cômo tal; e é debaixo delles que a Academia póde tambem reconhecer a sua novidade. — Nesta mesma intelligencia é pois justo que o inventor Portuguez revindique a prioridade, que pretende, a respeito d'aquelles que reproduzirão, embora com alguma modificação, o typo que elle projectou.

ADDITAMENTO

A'Memoria, que tem por objecto revindicar para a Nação Portugueza a gloria da Invenção das Maquinas Aerostaticas, impressa na 2.ª Série, Tom 1.º Parte 1.ª da Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa: pelo Sñr. Francisco Freire de Carvalho.

Na Memoria, por mim lida, primeiramente na Sessão Litteraria desta Real Academia de 20 de Maio de 1840, e depois na Sessão Publica da mesma Real Academia de 22 de Janeiro de 1843, cujo objecto é revindicar para a Nação Portugueza a gloria da Invenção das Machinas Aerostaticas, fundamentei eu esta muito plausivel opinião em documentos impressos e manuscriptos, delles a maior parte coevos ao tempo, a que a Invenção é attribuida; assim como na tradição constantemente conservada em Lisboa, theatro das primeiras ascenções aerostaticas; e na Villa, hoje Cidade de Santos, do Imperio do Brasil, patria do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, autor do mencionado Invento. = Depois d'aquelles annos novos documentos tem chegado á minha mão, que mais solida-

mente corroborão, e confirmão a opinião por mim na sobredita Memoria apresentada.

Para destruir a força dos documentos, produzidos em seu abono, acrescentei eu na *Reflexão* 5.ª que nada devia aproveitar o silencio do Padre Barbosa Machado, o qual, dando noticia, na sua *Bibliotheca Lusitana*, do sabio Autor do Invento Aerostatico, nem sequer levemente toca em um assumpto, aliás tão glorioso para este, e para toda a Nação Portugueza: assim como não devia aproveitar igualmente o silencio de outros escriptores contemporaneos, ou que immediatamente se lhe seguírão até o anno de 1774, em que pela primeira vez, conforme os documentos por mim obtidos, se fez publica pela Imprensa uma noticia d'aquelle famoso Invento Portuguez: por quanto, alem de ser este um argumento meramente negativo, e por isso de pequena monta em presença dos positivos, subministrados por documentos authenticos; podia muito bem ser, que o mesmo maravilhoso, extraordinario e inaudito de um Invento, por ventura reputado diabolico pelos homens d'aquelle seculo, pouco philosophico, fosse o que os obrigaria a occultal-o, na persuasão de que a sua publicidade lançaria nódoa ou labéo sobre a Nação Portugueza; o que de mais a mais se confirmava com a noticia, que eu da boca de pessoa sabedora de muitas antiguidades tinha ouvido, de que não faltára quem désse naquelle tempo ao Autor do Invento Aerostatico o nome de *magico*, ou *de feiticeiro*; sendo que talvez, pela mesma razão, fosse elle obrigado a fugir do Reino, e a ir acabar seus dias na indigencia, em territorio estrangeiro, morrendo no Hospital de Sevilha. — Em confirmação desta minha suspeita, quanto á imputação de *magico* ou de *feiticeiro*, dada pelos seus contemporaneos ao Autor Portuguez dos Aerostatos, tenho podido tambem obter documentos de grande curiosidade e peso, os quaes,

assim como os novos, que servem de corroborar a proposição principal da minha *Memoria*, eu vou fazer presentes a esta Real Academia; a fim de que ella haja de darlhes o destino, que em sua sabedoria entender conveniente.

Que o assumpto da minha *Memoria* tem sido julgado digno das attenções do Publico illustrado, bem claramente o deo já a demonstrar esta mesma Real Academia, quando me honrou, escolhendo-me para lêr o meu trabalho litterario na Sessão Publica de 22 de Janeiro de 1843, e fazendo-o imprimir depois na 2.ª Série, Tomo 1.º, parte 1.ª da sua Historia e Memorias: é por isto que me é licito contar, que lhe não será desagradavel tudo, quanto agora lhe apresento de novo sobre o mesmo assumpto.

Sete são os documentos novos, que vou fazer conhecidos, e que servem para mais confirmar a opinião sustentada na minha *Memoria*, de que a Invenção dos Aerostatos compete á Nação Portugueza — que os seus primeiros ensaios datão do principio do Seculo 18.º — e que elles tiverão logar em Lisboa debaixo da direcção do Portuguez Brasileiro, o Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, seu Inventor. — Destes sete documentos o N.º 1.º intitula-se: = Manifesto Summario para os que ignorão poder-se navegar pelo elemento do ar, feito na occasião, que o Doutor Bartholomeu Lourenço de Gusmão pretendia sahir á luz com similhante invento. = Foime este documento subministrado pelo Sñr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, Bibliothecario da Livrario Publica d'Evora, e por elle copiado de um Codice manuscripto da mesma, escripto em boa lettra do seculo de mil e sete centos. O muito erudito Bibliothecario é de opinião, que o sobredito *Manifesto* é da penna do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, e por elle escripto antes de haver feito a sua

primeira experiencia; mas não assim o titulo do principio do *Manifesto*, nem tão pouco uma Nota, que vem no fim delle, a qual, sustentando a existencia do facto, mostra haver sido escripta em data posterior.

O documento N.° 2.° é um Soneto satyrico contra o Inventor dos Aerostatos, o qual mostra ser tambem anterior ao primeiro ensaio; e foi copiado d'outro, que se conhece ser d'aquelle tempo pela forma das lettras, segundo me asseverou o muito louvavel averiguador das antiguidades patrias, Sñr. Manoel Bernardes Lopes Fernandes, que m'o communicou.

O documento N.° 3.° foi por mim extrahido da Censura, que a um bem trabalhado Sermão do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, (por elle prégado na Festa do Corpo de Deos de S. Nicoláo de Lisboa, e impresso na mesma Cidade no anno 1721) fez o Padre Mestre Fr. Manoel Guilherme, da Ordem dos Pregadores, Presentado na Sagrada Theologia, Consultor do Santo Officio, e Examinador das Tres Ordens Militares. A data desta Censura, que anda junta ao Sermão, é de 10 de Novembro de 1721, e nas suas ultimas palavras ha uma allusão manifesta á ascenção, ou ascenções aerostaticas do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão.

O documento N.° 4.° foi-me communicado pelo já mencionado muito erudito Bibliothecario da rica Livraria Publica da Cidade d'Evora, que o copiou de uma Collecção manuscripta, que se conserva na mesma Livraria, intitulada = Peculio in folio Tomo 6.° Apontamentos historicos = da penna do Padre João Bautista de Castro, Autor do *Mappa de Portugal*, onde referindo-se ao anno de 1709, dá noticia do Invento Aerostatico do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, e das mercês, que por elRei D. João V lhe forão promettidas, realizado que fosse o sobredito Invento.

No documento N.° 5.° encontra-se outro testemunho ácerca da Invenção Aerostatica Portugueza, attribuida ao Padre Gusmão, no Livro intitulado = *Raridades da Natureza e da Arte* = composto por Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, e impresso no anno de 1759, a pag. 428, § 1.°

Foi o documento N.° 6.° por mim encontrado no escripto, que se lê na frente do *Theatro* de Manoel de Figueiredo, Tomo 4.° debaixo do titulo seguinte: = Ao Publico presente, e ao publico futuro offerece a seguinte Memoria Francisco Coelho de Figueiredo, irmão do Autor do *Theatro*: = (é a edição do anno 1804). Na passagem, por mim copiada, se faz expressa menção do Padre Bartholomeu Lourenço, do seu Invento Aerostatico, da sua verificação effectiva, e dos motejos a que ella deo motivo, e a *alguma cousa mais* (diz o. Autor do escripto), alludindo provavelmente nestas poucas palavras á perseguição movida contra o Padre Gusmão, por ter uma cabeça mais philosophica, do que a generalidade dos seus contemporaneos Portuguezes; podendo applicar-se-lhe o que de si escreveo o Poeta Ovidio:

Ingenio perii Naso poeta meo. (Trist. Livr. III. Eleg. 3.ª).

Lê-se finalmente no documento N.° 7.° uma allusão ao mesmo Invento Portuguez, obra do engenho do Padre Bartholomeu Lourenço, em um verso da Ode do Poeta Filinto Elysio, que começa:

N'um dia qual o d'hoje (ha vinte e oito annos).

E bem assim em a nota correspondente. (Obras de Filinto Elysio, edic. de Lisboa de 1836, em vol. de 16. Tomo 3.° pag. 28).

Até aqui os sete documentos novos, com que mais se comprova — que a Invenção dos Aerostatos é Portugueza — que foi pela primeira vez ensaiada em Lisboa, nos principios do seculo 18.° — e que teve por Autor o Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, natural da Vil-

la, hoje Cidade de Santos, na Provincia de S. Paulo, Imperio do Brazil.

Os documentos N.os 8.° e 9.° confirmão a suspeita, que aventei na minha *Memoria*, *Reflexão* 5.ª, de que o Padre Bartholomeu fôra havido por *magico* ou *feiticeiro*, e como tal perseguido, e obrigado a expatriar-se, fugindo para Hespanha, onde falleceo não no Hospital de Sevilha, conforme na *Memoria* escrevi, fundado no testemunho do Padre Macedo; mas sim no Hospital da Misericordia de Toledo, no dia 18 de Novembro de 1724.

O primeiro destes dous documentos (o 8.° na ordem dos agora apresentados) tem por titulo: Additamento á Vida e Feitos do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão: *Diabrura em fórma, em que se descobrio quererem dar feitiços a ElRei D. João V. como se vê do mesmo papel, o qual caso se descobrio em Septembro de* 1724. = Lê-se no fim deste documento o seguinte: « É esta noticia dada, e escripta pelo Vigario da Cartuxa D. Bernardo de Santa Maria »: o qual remata a mencionada noticia com o paragrapho seguinte: « Tudo isto me contou na Hospedaria deste Convento o mesmo Ministro, Jeronymo de Cetem, que, merecendo por este serviço singular um adiantamento de summa distinção, lhe pagárão só com a Correição de Vianna, e hoje se acha sem servir. Em 30 de Julho de 1736 ».

O segundo documento (o 9.° e ultimo dos novamente apresentados) é relativo á fuga de Lisboa do Padre Bartholomeu Lourenço, e foi extrahido de uma Collecção de noticias mss, para a historia deste Reino, colligidas pelo Doutor José Caetano d'Almeida, Beneficiado da Santa Igreja Patriarchal, Bibliothecario da Livraria d'ElRei D. José, e escriptas pelo proprio punho do Beneficiado Bibliothecario. — Nelle se lê a marcha, que seguio o Padre Bartholomeu por Portugal e Hespanha, até chegar a

a Toledo, onde falleceo pouco depois, por haver sido assaltado de uma febre maligna: E tudo isto (accrescenta) consta do Diario, que desta jornada e fuga escreveo de Madrid a Antonio de Basto Pereira, em 15 de Dezembro do sobredito anno de 1724, Fr. João de Santa Maria, irmão do *Voador*, e seu socio na fuga: e remata: = « Está o *Voador* enterrado na Igreja Parochial de S. Romão da dita Cidade ».

Existem estes dous ultimos documentos na Livraria desta Real Academia das Sciencias, tendo sido o primeiro trancripto de um livro antigo, e acabado de copiar em 25 de Setembro de 1797 por Fr. Vicente Salgado, Ex-Geral e Chronista da Congregação da 3.ª Ordem: e fôrão-me ambos communicados pelo digno Official da Secretaria desta mesma Real Academia, o Sñr. Antonio Joaquim Moreira, que me fez ver tambem um fac-simile da assignatura do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão.

DOCUMENTO 1.º

Manifesto summario para os que ignorão poder-se navegar pelo elemento do ar, feito na occasião que o Doutor Bartholomeu Lourenço de Gusmão pertendia sahir á luz com semelhante invento.

Diz um Autor moderno, que entre os homens uns tem o entendimento nos olhos, e outros olhos no enten-

dimento: os que tem o entendimento nos olhos são aquelles, que crêm o que sómente virão, ou costumão ver: os que tem os olhos no entendimento, são os que não vendo, dão credito áquillo, que se faz visivel aos olhos do discurso; e como estes penetrão as cousas pelas ideas, e os olhos corporaes as alcanção só pelos objectos, duvidão os que carecem de discurso, sómente pelo descostume da vista, como cegos á claridade do uso da razão. Mas para que refutemos as duvidas dos especulativos, que fazem impossivel o effeito do novo invento, lhes respondemos ás objecções, que lhes temos ouvido, sem mais rhetorica no dizer do que, a que fôr sufficiente á clareza de nos explicarmos.

Primeiramente não ha, nem pode dar-se, maior razão para serem navegadas as aguas, do que são os ares; porque ambos são elementos fluidos, supposto que não igualmente corporaes, cuja differença abaixo explicaremos. Dão todos credito á navegação dos mares, só porque os estamos vendo surcados continuamente, que se não crera se se não vira, por ser este um invento tão difficultoso, que até Salomão o admirou. = *Tria sunt difficilia mihi, et quartum penitus ignoro, viam Navis in medio maris... viam Aquilæ en cœlo.* = Assim pois como vemos uma ave cortar os ares, assim é possivel surcal-os qualquer artificio feito á sua imitação, com as operações necessarias, como v. g. a náo que tem a mesma semelhança, pois as vellas lhe servem de azas, a prôa de peito, o leme de cauda, e os homens, que a governão, de vida. Vamos á imitada, deixemos a imitadora.

Tres cousas pois são necessarias á ave para voar, convem a saber, azas, vida, e ar para se sustentar, de sorte que, faltando um destes requisitos, ficão inuteis os dous; porque azas sem vida não podem ter movimento, vida sem azas não pode ter elevação, ar sem estes dous

individuos não pode ser surcado; porêm, dando-se estas tres circumstancias, de azas, vida, e ar, conforme a necessaria proporção, é infallivel o vôo, em qualquer artificio, como o estamos vendo na ave.

Entra agora o nosso invento com as mesmas tres circumstancias, em que infallivelmente devemos dar-lhe o vôo por certo. O nosso invento tem azas, tem ar, e tem vida; tem azas porque lhas formamos á mesma imitação, e proporção das da ave; tem ar, porque este se acha em toda a parte; e tem vida nas pessoas, que o hão de animar para o movimento. É logo infallivel, que não pode ser frustraneo este artificio, suppostos nelle os requisitos necessarios para o vôo. Que se a esta fabrica se podem dar estas tres circumstancias por factiveis, de que não ha duvida; infallivelmente dellas se hão de produzir as mesmas operações, que temos na ave, como effeito produzido da causa; e não fazemos menção das aves, que costumão andar na terra, que supposto tenhão todas estas tres circumstancias, ou não voão, ou tem o vôo violento, como a gallinha, o perú, o pato, a perdiz, etc., o que lhe procede de terem azas defeituosas, em quanto á proporção necessaria ao peso do corpo.

Argumentar-me-hão agora os especulativos, que estas duas paridades da náo, e da ave são falsas em quanto ao nosso invento; porque a náo sustenta-se nas aguas, porque estas são mais corporeas, e crassas; e que a ave se libra, ou vôa nos ares é porque esta é de corpo accommodado á raridade deste elemento, que por leve não pode sustentar o grave; ao que se responde: tem as aguas os mesmos accidentes, que tem os ares, porque assim como as aguas são mais grossas quanto mais distão da terra, assim os ares tem mais... (1) quanto estão mais dis-

(1) Falta no ms. uma ou mais palavras.

tantes do chão. Exemplo, o mar ou rio sempre corre mais brando pelas extremidades das praias, do que pelo fundo do vão: assim tambem o ar sempre sustenta mais as cousas na altura, do que junto á terra, v. g., deitamos de qualquer eminente um prancha pelo ar, e vemos, que esta junto do chão é que arrebata mais o precipicio: a razão desta differença é pela maior, ou menor distancia que acha no curso por lhe faltar o ar, que costuma tomar em maior altura.

Tem outra propriedade e é, que assim como as aguas mortas agitadas de qualquer movimento se fazem mais vivas, e vigorosas, assim tambem os ares estando serenos, impellidos de qualquer instrumento, se fazem mais tangiveis; que o vento não é outra cousa mais, que um ar inquieto, agitado e impellido, que de brando passa por seu proprio movimento a ser furioso. Em fim assim como as aguas nas innundações tem violencia para levarem pontes, e arrazarem vallas, e tragarem povoações, assim tambem tem impulso os ares nos terremotos para arruinarem cidades, e subverterem imperios.

Finalmente tem a agua, como o ar, tão conforme a qualidade, que ambos podem ter união mixta sem repugnancia violenta, como tambem a agua a tem, com a terra; que, se assim não fôra, não consentirião os ares em si os vapores da agua, nem as humidades da terra, como qualidades repugnantes; que estas como contrarias se não podem unir conformes: o que se não acha no elemento do fogo, que com elle não pode substituir outro qualquer elemento, sem repugnancia violenta.

Mas comtudo entre estas semelhanças tem uma differença; porque as aguas são mais solidas, e os ares são mais raros, e leves: porêm, não obstante esta razão, o mesmo corpo, que se acha nas aguas para a sustentação das cousas no condensado, se acha tambem nos ares na

extensão. Explico-me com este exemplo: Qualquer lenho, por pequeno que seja, se sustenta facilmente nas aguas; e este mesmo se não pode sustentar nos ares. A razão é porque este é mais leve em quanto ás aguas, e mais grave em quanto aos ares; porêm dando-lhe a commensuração necessaria, e proporcionada em quanto á distancia por tomar mais ar, tanto se pode sustentar nas aguas o peso do dito lenho, como nos ares maior peso.

Ponhamos por exemplo uma agulha em competencia de uma folha de papel: uma agulha é muito mais leve no que pesa, do que uma ou duas ou tres folhas de papel unidas, e estamos vendo, que uma agulha nem se póde sustentar nas aguas sem logo ir ao fundo, nem nos ares sem logo vir buscar o centro; e as tres folhas de papel, pesando mais, sustentão-se nos ares com facilidade; e a razão é, porque a agulha ainda que pesa menos, é de materia solida, e grave, e as folhas de papel, ainda que pezem mais, são de materia leve, e então o que as faz descer mais leves é a extensão do corpo com que temão mais ar para se sustentarem, ou se não vejamos, esta folha de papel, que estendida é leve, dobrada é grave, e quanto mais se dobra, mais grave desce; porque fica com menos corpo, do que lhe é necessario para se sustentar no ar. Com que é certo que a extensão do corpo das cousas as faz ser, para a sustentação no ar, ou mais graves, ou mais leves. E não fallo em quanto á qualidade das cousas; porque, o que é leve de sua natureza, não póde ser juntamente grave; mais fallo em quanto á virtude, que concorre para as fazer parecer leves.

Uma porta é grave, e por virtude dos eixos move-se com facilidade, e parece leve, e pelo contrario um globo de metal, que no chão pareça leve, por facilmente se mover; elevado ao ar é grave, por difficultosamente se levantar. Tão grave é por si a qualidade do aço no pouco, como no

muito, porêm despedindo no mesmo tempo uma agulha, e uma barra da mesma materia de muitas arrobas, sabemos que primeiro ha de chegar á terra a agulha do que a barra. É a razão o ar, que não tomou a agulha, por ser menos corpo, e o ar, que tomou a barra, por ser maior; donde se infere, que o corpo das cousas é que as faz sustentar no ar conforme a mensura proporcionada á susbtancia do mesmo elemento, em que se pertende suster. Em fim ao impeto do vento abala-se uma parede, porêm não se move uma pedra; e mais grave é uma parede, que consiste de muitas pedras, do que uma pedra que não tem o peso de uma parede.

Temos mostrado por principios certos, e paridades infalliveis, como é factivel suster-se qualquer artificio no ar, como se sustenta qualquer ave, dando-lhe a proporção accommodada á substancia do elemento.

Agora resta mostrar, como póde fazer curso sem embaraço, ou desassocego ou confusão, a respeito de que os ares não tem constancia no movimento, e que esta instabilidade ha de servir de principio ao surco de nossas navetas: ao que se responde, que o mar é o mesmo; o mar tambem não tem constancia, ora se altera, ora se abranda, e nem por isso deixa de se navegar, e não ha maior razão, para que o tempero, que uma náo tem no mar, o não tenha qualquer navegação no ar. A náo no mar ou tem governo no leme ou tempero nas vellas: uma, e outra cousa temos no nosso invento. Uma náo é combatida dos ventos, da mesma sorte que póde ser o nosso artificio, e com tudo resiste-lhe, como experimentamos, ou tomando as vellas necessarias, ou deixando-se ir com ellas.

Toda esta experiencia achamos na ave. A ave quando succede voar pelo vento, ou lhe afrouxa as azas, conforme a violencia, ou se deixa ir com elle, buscando-lhe o giro. Temos outro exemplo mais palpavel.

Quem havia dizer, se o não vira, que um homem se póde sustentar quasi no ar, sómente com os pés em uma delgada marôma, e nella anda, corre, e dança, o que póde fazer, tanto em um pateo com ar sereno, como em um campo com vento rijo; porque no pendor da ponta da vara que contrapõe á inclinação do corpo, tem o governo para a temperança do movimento, e segurança do corpo. Só me dirão que a náo acha corpo solido nas aguas onde assenta o bojo, e o volantim o acha na corda, aonde assenta os pés, e que as nossas barquetas o não pódem ter no ar, por ser um elemento raro, que supposto tenha corpo. é um corpo fluido, e leve, que não tem substancia sufficiente para por si suster as cousas. Ao que respondo, que se a náo se pudera suster nas vellas, não lhe fôra necessario o descanço nas aguas; se o volantim se podesse atrair na vara, não usára do assento da corda, o que não milita no nosso caso; porque como nas azas ha de fazer o descanço, pela razão referida, não lhe é necessario assento solido, para encostar o corpo.

Dir-me-hão tambem que, para tão grande peso, hão de ser necessarias muito grandes azas, e que aqui está a difficuldade, ou por se lhe não poder dar o movimento adequado á promptidão necessaria, ou se lhe não podèr dar a extensão opportuna ao peso, cuja duvida facilmente se desfaz, respondendo, que á quantidade se póde igualar a qualidade. Explico-me; tanto pesa um arratel de chumbo, como um arratel de lãa, que susposto a lãa do chumbo seja diversa na qualidade, lhe vem a igualar o peso na quantidade. Tanto vento toma em qualquer embarcação uma vella grande, como muitas pequenas, cujos exemplos bastão para solução da duvida.

Temos apontado as razões, e exemplos, que bastão para que a nossa fabrica etherea se possa sustentar nos ares, e os possa navegar com o socego semelhante ao de

qualquer navegação maritima. Falta-nos agora resolver a terceira duvida; como poderá fazer giro certo, o que é facil de decidir, e respondo, que da mesma sorte, que o faz o edificio maritimo com a agulha de marear; porque a mesma virtude, que tem a pedra de cevar sobre as aguas, a tem juntamente em qualquer parte, e assim não necessita de prova: porque a razão por si está patente. Com tudo não seguro a total segurança destas navetas, sem correrem as mesmas tormentas que tem as embarcações no mar, que assim como a náo tem bonanças, tempestades, e naufragios, assim as nossas navetas podem ter no ar os mesmos accidentes. Um sovereiro, que tem as raizes entranhadas na terra, com o vento se despedaça; a torre, que tem o seu fundamento no centro da terra, com o tempo se arruina.

Resta-nos agora advertir um absurdo, que entendeo o vulgo, em se perceber, que estas barquetas havião de cursar mais de duzentas legoas por dia, o que se não deve entender da sorte, com que materialmente se tomou; se não daquella, com que puramente se disse. A medição das leguas, que pela terra demarcamos por leguas, pelo ar tem differença, e differente distancia. Exemplo, de Lisboa a Coimbra contão trinta e quatro leguas, pelos giros e circumferencias, que fazem, por amor dos montes, que não podemos atalhar, e os caminhos asperos, que não podemos vencer; e pelo ar, como não ha estes obstaculos, são muito menos as leguas, do que fazemos por terra; que álias fôra grande absurdo este: porque a ave mais veloz, dando por caso que não parasse nunca, e fosse voando sempre, não podia vencer por dia a distancia de duzentas leguas pelo ar, assim como as medimos pela terra. E torno a advertir, que em quanto tenho dito, fallo com o vulgo, que tem o entendimento nos olhos, como no principio disse, e não com os doutos, e discursivos, que tem os olhos no entendimento. O entendimento, como poten-

cia dà alma, vê o que não vêm os olhos; e a vista, como sentido corporal, vê sómente os objectos materiaes, que anticipadamente costuma ver o discurso pelas especies de idea, tanto que os inventos mais subtis, que até agora se tem descoberto, até aquelle ponto que não forão vistos, forão negados pelos ignorantes; porque como nos objectos sómente tem o discurso, só com a vista é que lhe derão credito, sendo como os espelhos, que, sem objectos, não pódem ter em si representações.

Acabo o meu discurso com esta comparação, que, posto que pueril, é verdadeira; são em fim os inventos tão incriveis para os inexpertos, e indiscursivos, como são as ligeirezas de mãos: dizemos a um destes, que lhe havemos mostrar v. g. uma pelotilha, e que desta á sua vista lhe havemos fazer um pomo: o que vos responderá? responde logo, com velocidade, sem primeiro discursar, se póde, ou não póde ser, que tal cousa se não póde fazer: fazeis-lhe a dita farça, fica atónito o nosso leigo, e responde-nos, que aquillo não póde ser, senão por arte diabolica. Ensinais-lhe a peça, entende o segredo, e põe-se a surrir, e diz, vendo tão facil, o que d'antes tinha por impossivel, quem tal dissera? Assim pois esperamos, que se hade dizer, vendo-se surcar os ares o nosso invento, para confusão dos ignorantes, que o negão; e desempenho dos sabios, que o confirmão.

NOTA.

Este invento o chegou a aperfeiçoar o dito Doutor Bartholomeu Lourenço de Gusmão, e dizem, que chegára a fazer seu vôo na Casa da India, ainda que pequeno, pelo que se desenganárão de não ser possivel fazer o curso, que promettia o seu autor, como consta do seu manifesto; eu vi o risco delle, que era do feitio de uma grande passarola, e mo mostrou D. Jorge Henriques, Senhor das Alcaçovas. etc. — (Até aqui o mss.)

» Não quero demorar-me em communicar a V. S.ª um achado, que fiz um destes dias, e é o ***Memorial*** ou ***Manifesto*** do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, no qual prova, ou entende provar, a possibilidade do seu invento aereo, antes de feita a experieucia. Está em um Codice da Bibliotheca (a d'Evora) por boa lettra do meado de setecentos. *O titulo* do principio, e a *Nota* do fim bem se conhece serem enxerto de mão alheia. Nada nos esclarece o tal ***Manifesto*** sobre a fabrica do invento; e, para mais ajuda, as suas argumentações physicas são verdadeiras razões de cabo de esquadra: mas, em todo o caso, julgo curioso qualquer documento sobre o mesmo invento, mormente depois que V. S.ª sahio a campo, revindicando a prioridade da invenção portugueza. »

§ de uma Carta, que da Cidade d'Evora me escreveo, em 3 de Julho de 1843, o muito habil Professor e Bibliothecario da rica Bibliotheca da sobredita Cidade, Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, enviando-me o Documento N.º 1. da Colleção, que a esta Real Academia das Sciencias offereço.

DOCUMENTO 2.º

A Bartholomeu Lourenço de Gusmão, quando intentou voar.

SONETO.

Icaro de baeta tonsurado,
Andarim do diafano elemento,
Que em Pacabote de não visto invento,
Queres ser pensamento, e dás cuidado.

Se ha basbaques que creião de contado,
Da volatil patranha o fundamento,
Eu tão leve não sou, que do teu vento
Nem se quer fie o fumo de um telhado.

Mas se affectas a fé do que apregôas,
Faze essa diabrura; que te aviso,
E terás mil applausos e corôas.

Mette esse invento a donde tens o siso,
Vê se no vento, que está nelle, vôas;
Que outro vôar, meu Lourencinho, é riso.

Copiado de outro, que se conhece ser daquelle tempo, pela forma das lettras.

DOCUMENTO 3.°

».... Sou de parecer, que neste mesmo papel, mais que nos outros do mesmo Autor já impressos, desempenhou elle, e satisfez a nossa expectação da sua rara, e quasi incrivel habilidade; porque neste subio mais, que em todos, e com tão firmes elevações, que entendo se lhe devem mais applausos que sustos, mais admirações que duvidas.» (Extrahido da Censura, que ao Sermão do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, (prégado na Festa do Corpo de Deos na freguezia de S. Nicoláo de Lisboa) e impresso na mesma Cidade no anno de 1721, fez o Padre Mestre Fr. Manoel Guilherme, da Ordem dos Prégadores, Presentado na Sagrada Theologia, Consultor do Santo Officio, e Examinador das tres Ordens Militares. S. Domingos de Lisboa Occidental 10 de Novembro de 1721.

DOCUMENTO 4.°

»Mas não percamos o tempo com estas miserias. Vamos ao nosso Padre Voador; esse sim *que tem os olhos*

no entendimento. — Entre os papeis do Padre João Bautista de Castro (A. do Mappa de Portugal, etc. etc.,) que se conservão na nossa Bibliotheca, achão-se no *Peculio in folio Tomo* 6.° Apontamentos Historicos-Chronologicos do Seculo 18.°, e no logar competente se lê = « 1709. — Em Março inventou o Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão um instrumento para andar pelo ar, e ElRei lhe fez a mercê da primeira Dignidade, que vagar na Collegiada de Barcellos, e de Lente de Prima de Mathematica na Universidade de Coimbra, com 600:000 reis de renda, mas nada teve effeito. » =

» Era já escusada esta testemunha; mas *quod abundat, non nocet.* »

Outro § de uma Carta do mesmo Professor Bibliothecario d'Evora, que por elle me foi escripta no 1.° de Agosto de 1843.

DOCUMENTO 5.°

Mais uma prova da subida da machina aerostatica, inventada pelo Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão.

No Livro = Raridades da Natureza e Arte, por Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, impresso em Lisboa no anno 1759, pag. 428, § 1.° = se diz o seguinte:

» O Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão trabalhou no mesmo projecto, e com effeito, em uma maquina de papelão se elevou, na presença do Senhor Rei D. João V. »

DOCUMENTO 6.°

».... e porque é natural que não poderei ver impresso, apesar dos meus bons desejos, todo aquelle Theatro, em razão da minha idade, tómo a cautela de avisar os Poetas Dramaticos, que esta Nação tiver naquelle tempo, para que elle (meu Irmão Manoel de Figueiredo) escreveo, se algum quizer ver os originaes, ou aquelles Poemas, que se não chegarem a imprimir, lhe não succeda o mesmo, que aconteceo ás Memorias, e ainda ás experiencias de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, conhecido mais pelo voador, que pelo seu apellido, em quem no seculo passado (o de mil e setecentos) tanto motivo julgou a sua Nação para o escarnecer, e *alguma cousa mais; pois eu criança, quando ouvia fallar daquelle homem arripiava-se-me o corpo, e arriçavão-se-me os cabellos do modo porque fallavão delle as gentes.* Passão sessenta annos, vê-se subir uma maquina aerostatica na França, que fez aos primeiros camponezes, que a virão cahir, sem antecedencia alguma, a natural estranheza, como aos Portuguezes a cahida da passarola sessenta annos antes; querem-se adiantar os fins uteis, e progressos, que propõe semelhantes conhecimentos, e quer-se fazer justiça áquelles talentos, buscão-se estas memorias; estou persuadido que se achou bem pouca cousa dos trabalhos daquelle Portuguez, que sessenta annos antes teve na sua cabeça taes idéas, e semelhantes, como conhecerão hoje as pessoas instruidas, que já tem aquelles estudos, e conheci-

mentos, e muito principalmente aquelles, que possuem os talentos, que se não aprendem.»

(Copiado do escripto, que se lê na frente do Theatro de Manoel de Figueiredo, Tomo IV, debaixo do titulo seguinte = Ao Publico presente, e ao Publico futuro offerece a seguinte Memoria Francisco Coelho de Figueiredo =). Edição do anno de 1804.

DOCUMENTO 7.º

Vingue o Anastacio, vingue o bom Lourenço. (1)

Nas Obras de Filinto Elysio em Vol. de 16. Tomo 3.º; e na Ode, que começa:

N'um dia, qual o de hoje (ha vinte e oito annos.)

DOCUMENTO 8.º

Additamento á = Vida e Feitos do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão. =

Diabrura em forma, em que se descubrio quererem dar feitiços a ElRei D. João V., como se vê do mesmo

(1) Bartholomeu Lourenço por alcunha da Inquisição o *Voador*.

papel; o qual caso se descobrio em Setembro de 1724.

Era Juiz de Fóra d'Aldeagallega Jeronymo de Cetem, Filho do Desembargador João de Cetem, aposentado na Relação do Porto. Nas visinhanças desta Villa havia uma quinta de certa mulher, que algumas vezes escrevia ao Juiz de Fóra sobre dependencias do fabrico della. Passou esta mulher, no mez de Setembro do referido anno, áquella Villa em companhia d'outras quatro, e d'um homem, e vendo-as o Juiz de Fóra, que bem conhecia a sua vida folgazona, convidou-as a jantar em sua casa, cumprimento, que acceitárão de boa mente; e no entanto que a mesa se preparava, fazendo-lhe novidade aquella comitiva, quiz saber a causa da jornada. Disserão-lhe que aquella menina, apontando para uma que era mais bizarra, e mais moça, estava em resolução de ser Freira, e passava a Setubal a ver o convento, e se lhe não agradasse, passaria a Alcacer do Sal, onde havia outro em que se podia recolher; para o que pedirão ao Juiz de Fóra lhes mandasse embargar tres seges; e depois de jantar se embarcárão nellas, e forão seguindo a sua derrota, ficando com elle de voltarem á mesma Villa d'Aldeagallega, passados tres, ou quatro dias.

Não vierão, e quando o Juiz de Fóra já reparava na tardança, por se terem passado mais de oito dias, soube que estava na quinta a dita fulana, de que tinha conhecimento; buscou-a, e perguntando-lhe pelas companheiras, e pela novidade de a ver naquelle sitio, quando a suppunha em outra parte: disse que as companheiras tinhão passado para Lisboa pela estrada de Coina, e que ella por se não querer metter em embrulhadas, se tinha apartado dellas. Cresceo a curiosidade no Ministro, e foi investigando a materia que fôra causa para se desunirem; até que a mulher, a muitos rogos do Juiz, pedindo no

caso muito segredo, disse: Que aquella jornada se fazia para consultar duas celebres feiticeiras, que havia em Alcacer do Sal, chamadas as *Salemas*, mulheres pardas, e o negocio todo era enfeitiçarem a ElRei para que deixasse D. Paula d'Odivellas, permitisse, que a amiga do Infante D. Francisco fosse ao mesmo Convento, aonde a não deixavão ir; e tomasse amores com uma Freira, ou Secular (que nisto não estou certo), que era irmã d'outra com quem tratava o grande *Padre Bartholomeu Lourenço*; e que dizendo as mulatas que para esta boa obra erão necessarias algumas cousas que houvessem tido com o corpo de ElRei contacto fysico, voltárão as companheiras a explicar-lhe o seu interesse, e descobrir-lhe para os seus intentos melhor via, que poderia declarar, se fosse bem acceito o seu projecto, pedindo juntamente um summo segredo, necessario á importancia da materia.

Partio a mulher para Lisboa, e logo depois, em outro barco, o Juiz de Fóra, e como não tinha logo ádito para fallar a ElRei, e a materia pedia toda a pressa, buscou João Marques Bacalháo, que tinha a entrada mais franca, e deo-lhe parte do negocio: ficou o homem aturdido, e segurando-se de tudo quanto o Juiz de Fóra referira, foi ao Paço, donde veio pelas onze horas da noite, e achou em casa o Ministro esperando, mas já com outras noticias; porque no meio tempo que o Bacalháo se demorou no Paço, foi o Juiz de Fóra a casa da mulher que descobrira a diabrura, fingindo o não deixava descançar o cuidado de saber se poderia ter lugar o seu adiantamento, e soube della, que no dia antes della partir da sua quinta, tinhão passado as mulheres para Alcacer.

Como o negocio tinha mudado de systema, voltou logo o Bacalháo ao Paço, e determinou ElRei, que pelas seis horas da manhãa do outro dia se achasse em casa do Car-

dial da Cunha o Bacalhão, e o Juiz de Fóra. Quando forão, mandou-os entrar o Cardial para a Casa do Conselho Geral, onde já estava Nuno da Silva Telles, que disse ao Juiz de Fóra, que como elle sabia inquirir testetunhas, era o melhor director para o proprio depoimento: depoz todo o facto que tenho narrado, e d'alli mesmo foi mandado o Bacalhão buscar a mulher que descobrira o enredo, a qual contestando inteiramente com o Juiz de Fóra, foi mandada para sua casa, que era nas varandas do Terreiro do Paço; e aos dous Ministros se passárão ordens pelo Santo Officio para serem prezas as mulheres.

Deo tambem ElRei todas as ordens para que as mulheres se buscassem pelos referidos Ministros, até á raia de Castella, ordenando a todos os Governadores, e Justiças, obedecessem aos dous Ministros, tudo por Decretos firmados do seu punho; e mandou entregar-lhes oitenta moedas, e que partissem logo em um Escaler da Ribeira, que estava prompto.

Chegárão a Coina, e tirando inculcas, se passárão por alli tres mulheres, vierão a saber por um Commissario do Santo Officio, que umas mulheres tinhão alli chegado, porêm que vinha um Clerigo na sua companhia. Passárão a Setubal, e no caminho disse o Bacalhão ao Juiz de Fóra, que se o Clerigo era o *Padre Bartholomeu Lourenço*, haveria novidade grande. Derão parte do caso ao Juiz de Fóra de Setubal, que era o meu amigo Diogo Cotrim, que já estava despachado para o Porto; e havendo noticia que as mulheres passárão já desacompanhadas do Clerigo, deo ordem ao Juiz de Fóra para se registarem os barcos que viessem d'Alcacer, e foi acompanhando na diligencia aos dous Ministros. Chegando á Villa derão parte ao Juiz de Fóra, tambem meu amigo, Valerio Galvão de Quadros, e logo souberão, que as mu-

lheres estavão na terra. Prendêrão-se, e o homem que as acompanhava, e tambem as duas *Salemas* feiticeiras, sem saberem umas das outras, e assim mesmo forão levadas para casa de Familiares, a quem se recommendou as não deixassem fallar a pessoa alguma. Perguntada a principal do rancho pelo Clerigo companheiro, disse que era o *Padre Bartholomeu Lourenço*, e buscada se lhe achou ao peito um escritinho com caracteres imperceptiveis, e á outra uma chavinha de prata em um cordão encarnado, que dizia era d'um escriptorinho que tinha em Lisboa; mas buscando-se o fato, achou-se em uma condeça um cadeado em que servia a tal chave, e abrindo-a com curiosidade, pelo recato com que se guardava a chavinha, preza a tiracol no forro do vestido, acharão-se dentro peitos de perdizes, e de gallinhas abocanhados, bocados de marmelada meios comidos, uma atadura e almofadinha com sangue, quarenta moedas em oiro, e muito boas joias, que serião para dar ás *Salemas*, e no fundo d'um alforge um caco com esterco humano já seco.

Chegárão ao Santo Officio uma quarta feira pelo meio dia, e passando-se logo ordem para ser prezo o *Padre Bartholomeu*, pelas duas horas da tarde fugio, mas depois foi prezo, e não ha muitos tempos que morreo: e mandando-se, quando elle desappareceo, fazer sequestro a sua casa, pelo Bacalháo, achou, entre os poucos trastes, que tinha, aberto sobre uma mesa, e cotado em varias partes, o Alcorão de Mafoma (1).

---

(1) Este Padre he o chamado Voador, irmão de Alexandre de Gusmão, inventor da Maquina Aerostatica, por outro modo do que se pratica ao presente, cuja Maquina se achará entre os meus Papeis curiosos impressos anno 1797.

Estas mulheres forão castigadas particularmente, e duas mulatas mais que vierão d'Odivellas, uma das quaes está servindo hoje a quem devia ter della todo o aborrecimento.

Tudo isto me contou na Hospedaria deste Convento o mesmo Ministro Jeronymo de Cetem, que merecendo por este serviço singular um adiantamento de summa distinção, lhe pagárão só com a Correição de Vianna, e hoje se acha sem servir. Em 30 de Julho de 1736.

É esta noticia dada e escripta pelo Vigario da Cartuxa D. Bernardo de Santa Maria.

Todos estes papeis forão copiados d'um livro antigo escripto naquelle tempo, por isso leva algumas lettras dobradas, quando são longas, e os acabei de copiar hoje 21 de Setembro da 1797. = Fr. Vicente Salgado, ex-Geral e Chronista da Congregação da Terceira Ordem neste Convento de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa. = Fr. Vicente Salgado.

DOCUMENTO 9.º

Entre uma Collecção de noticias mss. para a Historia deste Reino, colligidas pelo Doutor José Caetano d'Almeida, Beneficiado da Santa Igreja Patriarchal, e Bibliothecario da Livraria d'ElRei D. José, se encontra a seguinte, escripta do proprio punho do referido Padre; a saber: =

« *Copia* » Em 26 de Setembro de 1724 fugio de Lisboa o *Voador Bartholomeu Lourenço de Gusmão*, que toman-

do a estrada de Loures por passos e caminhos montuosos e descónhecidos, foi a Vallada, e passando á vista de Muge, seguio o caminho de Montargil e Aviz, estrada de Arronches, atravessou o Rió Caia, e levando o designio de entrar em Madrid, por causa de um deliquio, ou accidente que lhe sobreveio, a que se seguio uma terrivel febre maligna, foi para Toledo em cujo Hospital da Misericordia falleceo na noite de 17 para 18 de Novembro do dito anno, mas já em 18 do dito mez na madrugada.

Tudo isto consta do Diario que desta jornada e fugà escreveo de Madrid, a Antonio de Basto Pereira, em 15 de Dezembro do dito anno, *Fr. João de Santa Maria, irmão do Voador*, e socio na fuga; *e está o Voador enterrado* na Igreja Parochial de S. Romão da dita Cidade.

Está conforme os mss. donde se tirárão as duas copias acima (Documentos 6.° e 7.°), os quaes existem na Livraria da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 15 de Julho de 1848. = O Official da Secretaria, *Antonio Joaquim Moreira.*

A assignatura do *Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão* vem em um Livro de mss. originaes existente na Academia, que pertenceo a D. Luiz da Cunha.

DONATIVOS.

Histoire civile et religieuse de la Colombe, depuis les temps les plus reculés, jusqu'à nos jours; par Félix Bogaerts. — Anvers 1847 — 8.° 1 vol.

Histoire du Culte des Saints en Belgique, envisagé comme Elément Social; par Félix Bogaerts. — Anvers 1848. — 8.° 1 vol.

Annales de l'Académie d'Archéologie de Belgique — Tome cinquiéme — 4.me Livraison. — Anvers 1848.

Idem—Tome sixième —1.re Livraison —Anvers 1849.

Idem == 2.e Livraison — *Idem* — 8.° 3 vol.

Notice sur l'Origine des Armoiries; par M. le Président de l'Academie d'Archéologie de Belgique. (*Extraite des Annales de l'Académie d'Archéologie de Belgique*) — Anvers 1849 — 8.° 1 folheto. == Offerecido tudo pelo Sñr. Visconde de Kerckhove, Presidente da Academia Archeologica da Belgica.

Journal Asiatique, ou Recueil de Mémoires, d'Extraits et de Notices relatifs à l'Histoire, à la Philosophie, aux Langues et à la Littérature des peuples orientaux etc. Quartieme série — Tome XIII. N.° 63. — Mars 1849. — Paris — 8.° 1 N.°

1849. — *Comptes rendus hebdomadaires des Seances de l'Academie des Sciences.* [Instituto Nacional de França.] Premier semestre, Tomo 28 — N.os 16, 17, e 18 — de 16, 23 e 30 d'Abril de 1849 == 4.° g.de 3 N.os

Dois exemplares do 2.° Volume das *Obras de D. Francisco Alexandre Lobo, Bispo de Viseu.* Lisboa 1849. — 1 vol. 8.° Offerecido pelos Directores do Seminario de Viseu.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Junho de 1849 (1.º do verão).

Dias do Mez	Temp. Exter.		Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força.	Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	9^h Man.	3^h Tarde			
1	63	86	757,2	755,5		^{1}NE.—B	Coberto e Clarões — Idem — Sol muito ardente.
2	65	83	57,3	57,2	10	*·V—S^1	Coberto e curtos clarões e muito quente — Trovoada com tufões do S. e chuva abundante ás 8^h. tarde
3	64	76	57,6	57,1	8	*·E—V·	Chuva serena e abundante — ar muito humido.
4	62	79	55,5	55,0	1	*·SE—SO	Coberto e chuvisco — Coberto e nevoeiro quente.
5	64	77	54,9	54,9	4	*·NO—^{1}NO·	Coberto — Coberto e chuva, muito humido, e quente.
6	62	73	56.1	56,0	1	·NO—^{1}NO	Chuvisco — Coberto e muito humido.
7	60	72	58,7	59.0		*·NO—^{1}SO	Coberto — Claro e nuvens — muito fresco.
8	63	75	59,2	58,0		B—SO	Coberto muito denso e chuvisco inapreciavel de tarde — fresco.
9	*50	72	56,5	54,2	3	*SO—SO^2	Claro e nuvens — chuva branda de tarde — muito humido e fresco,

Dias do Mez	Temp. Exter. Min.	Temp. Exter. Max.	Barometro 9h Man.	Barometro 3h Tarde	Pluviometro	Ventos dominantes, e sua força.	Estado da Atmosphera.
10	60	73	*750,2	751,5	4	^{1}SO—^{1}SO	Chuva serena — Claro e nuvens — muito humido e quente.
11	59	72	55,2	55,1	8	SO—S^1	Coberto e chuvisco — Chuva abundante, nevoeiro, e ar muito humido.
12	60	74	*50,2	50,8	12	^{2}S—^{1}O^1	Chuva abundante, nevoeiro, e ar extremamente humido.
13	58	69	54,1	54,5	3	*^{2}NO^1—^{1}O^1	Chuviscos — Chuva, e nevoeiro — ar frio.
14	58	71	56,6	56,6		*N^1—^{2}N^1	Claro e nuvens — Claro — ar frio.
15	*50	69	59,0	58,7	1	*^{1}NO—^{1}O^1	Claro e nuvens — Aguaceiro de tarde — frio.
16	54	69	61,2	*62,5		^{1}NO—^{1}NO	Claro e nuvens —
17	*50	77	61,9	61,2		N—N.*	Sol entre nuvens, e descorado — frescos os extremos do dia.
18	53	69	56,0	55,0	6	*B.	Chuvas serenas, e trovoada remota ao anoitecer — muito fresco.
19	58	79	56,9	56,7	3	*SE—V.	Claro e nuvens — Chuva e trovoada ao SE, de tarde — quente.
20	59	83	58,0	57,5		*NE^u—N	Idem — Ameaços de trovoada — muito quente.

Dias do Mez	Temp. Exter.		Barometro.		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força.	Estado da Atmosmosphera.
	Min.	Max.	9^h Man.	3^h Tarde			
21	60	81	758,0	757,0		*·V—NO	Idem — Claro — idem ao SE.
22	59	70	57,0	56,2		*·V—SO	Coberto denso e nevoeiro—Coberto e clarões.
23	62	74	55,8	55,0		*·V—O	Coberto denso — Claro e nuvens.
24	58	79	54,8	54,0		N—N^2	Claro e poucas nuvens— Claro— ar fresco.
25	60	81	55,7	55,6		^2N—N^1	Sol descorado entre nuvens — atmosphera vaporosa e muito quente.
26	64	*90	56,5	55,7		*·SE—NO	Idem, calor intenso — Claro.
27	66	85	57,3	57,1		*·V—N^1	Claro — Idem — noite fresca.
28	58	82	58,1	57,8		N—NO	Claro — frescos os extremos do dia, e quente no centro.
29	58	85	58,3	57,0		*·N—^2N·	Claro — Idem — Idem.
30	60	88	56,2	65,1		*·NE—$^2N^1$	Claro — Calor intenso no centro, e fresca a noite.
Med.	58,9	76,9	756,7	756,2	64	N.NO.SO	Muito fresco e chuvoso até 20 com repetidas e fortes trovoadas. Calores intensos no ultimo terço do mez.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE JUNHO DE 1849, 1.° DO VERÃO.

Temperatura. — Maxima 90° — Minima 50° — Media 67° — Dita das madrugadas 58°,9 — Dita ás 2.h da tarde 76°,9 — Variação media diaria 18.° — Maxima dita 28.°

Alturas do Barometro, na temperatura de 63° — Maxima 761,2 mill. — Minima 749,8 — Media 755,7.

Ventos dominantes, contados em meios dias, e sua força — N, 14 [0,7] — NO, 12 [0,6] — O, 3 [1,2] — SO, 11 [0,7] — S, 4 [1,1] — NE, 3 [0,5] — E, 1 [0,2] SE, 2 [0,2] — V, ou B, 10 — Direcção media do vento dominante N. 52° O [0,7] — Madrugadas bonançosas 21 — Meios dias ventosos 10.

Estado da Atmosphera. — Meios dias claros 13 — Claro e nuvens 8 — Coberto 10 — Coberto e clarões 3 — Dias de chuva ou chuviscos 13, os quaes fornecêrão 64 millimetros, excedendo ao quadruplo da chuva normal — Nevoeiros 6 — Trovoadas 4 — Dias de frio notavel 2 — Dias de calor notavel 11.

Decorreo o mez com a temperatura variavel, sendo mui fresca, e por vezes fria, até 20 com numerosas trovoadas, chuvas abundantes e granizos, que assolárão os campos, apparecendo repentinamente intensos calores na ultima terça parte do mez.

Fenomenos notaveis. — Foi este mez por extrêmo anómalo do estado normal com que predomina em o nosso clima. — Repetidas e fortes trovoadas, tufões, chuvas abundantes e saraiva, que apparecêrão em algumas provincias do Reino aniquilárão as bem fundadas esperanças dos agricultores, como demonstrará a seguinte breve resenha destes fenomenos.

Em 27 do precedente mez de Maio horrivel trovoada sobre a villa da Bemposta em Trás os Montes, com abundante chuva de granizo, de que algumas pedras tinhão o peso de 4 onças, destruindo muitas searas, vinhas e arvoredos. Algumas aves perecêrão pelas contusões daquellas pedras. — A 2 de Junho, pelas 8.^{h} da tarde, se condensou uma trovoada compacta ao SE de Lisboa, acompanhada de brilhantes e amiudadas explosões electricas, com tufão de vento do mesmo rumo, o qual teve curta duração, resolvendo-se em abundante chuva, que durou duas horas. Cahirão dois raios no lado oriental da cidade que causárão pequeno prejuizo.

As chuvas que cahirão no dia 13, no termo de Lisboa, fizerão seccar a rama dos numerosos batataes da tapada de Mafra, cessando a vegetação daquelles tuberculos, que felizmente já tinhão adquirido avultado desenvolvimento.

Em 18 houve apparencia de trovoada em Lisboa, que se resolveo em chuva por todo aquelle dia. Em Cintra foi tão violenta que produzio 47 millimetros em menos de tres quartos de hora, e que a ter continuado com igual intensidade produziria enormes prejuizos. — Em 19 repetio-se o mesmo fenomeno nesta cidade, mas apenas se sentio a explosão de um trovão e raio, com pouca chuva, vindo a trovoada do SE; porêm a tarde do dia 21, de infausta recordação para uma parte do Alemtejo, Beira-baixa, e Provincia do norte, foi espantosa pela trovoada quasi geral que parece tivera origem nas serras do

Algarve, a qual dirigindo-se do SSE ao NNO, devastou completamente uma zona de 26 a 30 leguas de comprimento sobre 2 de largura. Os campos de Souzel, Estremoz e Castello branco forão arrazados pelo impulso de torrentes de chuva, granizo de monstruosas dimensões, tufões de vento, e numerosos raios, auxiliando-se mutuamente a agua, fogo, e pedras para tudo destruirem e revolverem. A maior parte dos arvoredos foi arrancada pela raiz, ou despedaçada e desfolhada. Olivaes inteiros, e montados desapparecêrão, havendo lavrador que perdeo mais de 1500 arvores em suas propriedades. A devastação dos campos é incalculavel, e muitos proprietarios que esperavão colher 200 a 300 moios de trigo nem um só grão podérão aproveitar. O granizo era tão grosso e despedido com tanta força que em diversos sitios apparecêrão mortas algumas rezes partidas pelo dorso, asseverando-se que algumas das pedras pesavão oito onças. Em Estremoz, no quartel dos lanceiros, foi morto um soldado e dois cavallos por um raio. Em quanto tão deploravel catastrofe desenvolvia seus estragos naquelles territorios, outra igual se verificava em alguns sitios das provincias septentrionaes do Reino, abrangendo a marcha da trovoada grande superficie de terras, deixando os campos juncados de folhas e ramos de arvores, destroçadas as vinhas, torcidos ou quebrados os pinheiros, e até os mais robustos carvalhos. Este terrivel metéoro apenas foi visto em Lisboa a grande distancia ao SE, sem manifestação alguma que fizesse presumir a sua prodigiosa intensidade.

Em 28 houve em Cintra mui frio e denso nevoeiro com chuva abundante, conservando-se em Lisboa a atmosphera clara e o ar muito seco com intenso calor.

MORTALIDADE EM LISBOA.

Sexo masculino	—166 maiores	—151 menores	—total 317.
Dito feminino	—137 dito	—118 dito	—dito 255.
Sommão....	—303 dito	—269 dito	 572,

incluindo 324 que fallecêrão nos hospitaes e outros estabelecimentos publicos, excedendo em 71 individuos, ou 14 por cento, a mortalidade normal deste mez, o qual depois do de Maio, é o mais salubre nesta cidade, do que se infere que a causa morbifica que tem predominado no presente anno, ainda permanece apezar de se ter atenuado, e que principalmente attinge os menores da Casa da Misericordia.

M. M. Franzini.

ACTAS

DAS

SESSÕES

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA.

1849. — N.º V.

SESSÃO LITTERARIA DE 11 DE JULHO.

—

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Pedro Celestino Soares, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Fortunato José Barreiros, Antonio Lopes da Costa e Almeida, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francis-

co Recreio, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos.

O Sñr Vice-Secretario participou que não poderia comparecer em algumas Sessões, por ter de acompanhar S.S. M.M. a Cintra.

COMMUNICAÇÕES.

Leo o Secretario perpetuo:

O annuncio feito pela primeira Classe do Instituto Real das Sciencias, Bellas Lettras e Bellas Artes dos Paizes Baixos, relativamente ás Memorias que se lhe enviárão para satisfazer ás questões propostas para premio em 1845.

1.ª *Questão.*

» Sabe-se, pelas indagações dos Astronomos, que o Co-
» meta descoberto em 26 d'Agosto de 1844, por Mr. de
» Vico em Roma, se distingue notavelmente, pela brevi-
» dade do tempo que emprega na sua revolução á roda
» do Sol. A Classe pede uma nova determinação dos ele-
» mentos da sua orbita elliptica, fundada em todas as ob-
» servações dignas de confiança, feitas sobre este astro, e
» sobre o calculo das perturbações a que está sujeito o seu
» movimento. A Classe deseja uma determinação, tão exac-
» ta quanto o permitte o estado actual da Sciencia, dos e-
» lementos ellipticos da orbita do Cometa para a sua pro-
» xima apparição, com uma ephemeride construida sobre
» estes elementos; e deseja alem disso que se decida, sen-

» do possivel, se já se tem observado anteriormente ap-
» parições do mesmo Cometa. »

Foi premiada a Memoria de Mr. F. Brunnow, Director do Observatorio de Bilk, junto a Dusseldorf, e publicou-se o seu trabalho, debaixo do titulo de — *Memoria sobre o Cometa elliptico de Vico.*

2.ª *Questão.*

» A Classe pede que se fação novas indagações sobre
» a origem do embrião nos vegetaes phanérogamicos, at-
» tendendo, sobre tudo, á theoria de Horkel, e de Schlei-
» den, conhecida debaixo do nome de *Einstulpungstheoria.*
» Exige a Classe que as indagações abranjão as ordens na-
» turaes mais differentes, e exige que sejão illustradas com
» desenhos, feitos com miudeza, e cuja exacção possa
» comprovar-se com os mesmos vegetaes preparados que
» acompanhem, quanto possivel fôr, a Memoria.

Veio a concurso uma Memoria em que as indagações abrangião, com muito zelo e cuidado, grande numero de plantas de tal modo illustradas por desenhos elegantes e feitos com miudeza, e por excellentes preparações microscopicas, que a Classe julgou dever recompensar, com a sua medalha d'ouro, o zelo assiduo de observação, e a perfeição artistica que o A. mostrou nos desenhos, e nos objectos preparados para o microscopio.

Porêm como o A. não se limitou á simples exposição dos factos, e deo á sua Memoria a tendencia de uma *épicrise* a favor da theoria de Horkel e de Schleiden, conhecida debaixo do nome de *Einstulpungstheoria*, a Classe julgou não dever dar o premio senão com a reserva expressa de lhe permittir o A., que annunciasse no programma, ou n'uma prefação da Memoria, quando se publicasse, que a Classe não emitte a sua opinião, nem sobre as conclu-

sões que o A. deduzio das observações, nem sobre a parte historica e critica da Memoria. O A., que he Mr. Hermann Schacht de Jena, consentio em submetter-se a estas condições, e consequentemente declarou a Classe, que conferia a medalha d'ouro á descripção, e á illustração iconographica e microscopica dos factos, sem pronunciar o seu juizo sobre as conclusões que delles se deduzirão.

2.° Os Programmas da 1.ª e 3.ª Classes do Instituto Real dos Paizes-Baixos são os seguintes:

Programma da 1.ª Classe.

Au nouveau concours, dont le terme fatal sera le dernier Août de l'an 1852, elle propose la question suivante:

» On sait que la réfraction astronomique dépend de la » loi, suivant laquelle la densité des couches subséquentes » de l'atmosphère diminue à mésure qu'on s'éleve au dessus du niveau de la mer, et que cette loi est elle même » essentiellement liée à l'abaissement de la température » avec l'accroissement de la hauteur. Mais comme il y a nécessairement quelque différence à cet égard entre les zônes » tempérées et la zône torride, et que les tables de réfraction » actuelles sont principalment fondées sur des observations » faites dans notre climat tempéré, la Classe demande:

» Une table de réfraction, uniquement basée sur un » nombre suffisant d'observations exactes, faites entre les » tropiques, et non seulement près de la surface de la » terre, mais aussi, autant que possible, à différentes élévations sur les montagnes. »

La seconde question, à laquelle la Classe attend une réponse, avant le dernier Août de l'année 1850, est la suivante:

» La Classe demande une description géologique et palaeontologique du terrain crayeux de Mastricht. »

La Classe offre une médaille d'or de la valeur de trois cents Florins à l'auteur du mémoire, qui répondra d'une manière satisfaisante à ces questions, avant le terme fatal, indiqué ci-dessus.

Les mémoires présentés au concours pourront être écrits en Hollandais, en Français, en Latin, en Anglais ou en Allemand (mais toujours en caractéres Italiens) et devront être envoyés, francs de port, au Sécrétaire perpetuel de la Première Classe.

Tous les Savants, sans distinction, sont invités à ce concours, y compris les Associés Étrangers et les Correspondants, à la seule exception des membres effectifs de la Classe.

Les mémoires, que l'on enverra au concours, devront être écrits d'une autre main, que de celle de l'auteur, et sans sa signature. Un billet cacheté, portant la même devise ou la même indication que le mémoire, devra contenir le nom, les qualités et le domicile de l'auteur.

On proclamera le mémoire, qui aura remporté le prix, dans la séance publique, que la Classe tiendra dans le courant de l'année 1851 pour la seconde, et dans l'année 1853 pour la première question. Cette proclamation sera insérée dans les mêmes journaux nationaux ou étrangers, qui auront publiè le présent programme.

Le mémoire couronné devient la propriété de la Classe: tout usage en est interdit à l'auteur sans le consentement de la Classe.

Les piéces non couronnées, accompagnées des billets, dans lesquels sont contenus les noms des auteurs, seront rendues aux personnes ou aux adresses indiquées, pourvu que cette demande soit faite sans frais pour la Classe, dans le courant de l'année, à dater de la proclamation du jugement, et qu'elle soit accompagnée de preuves, constatant d'une maniére satisfaisante le droit de propriété.

La restitution des mémoires n'étant pas demandée, ou

la demande que l'on en fera n'étant pas accompagnée des preuves requises, les billets cachetés seront brûlés, sans avoir été ouverts, et les pièces seront retenues pour en faire l'usage que la Classe jugera convenable.

La Première Classe de l'Institut Royal des Pays-Bas :
en son nom,

W. VROLIK,
Sécrétaire perpétuel.

Programma da 3e Classe.

Programma Quaestionum ab Instituti Regii Belgici Classe Tertia Propositarum in publico consessu die X M. *Aprilis* A.[1] CIƆIƆCCCXLIX.

Societatis, quae colendis proferendisque doctrinis, litteris, artibus, INSTITUTI REGII BELGICI nomine, Amstelodami constituta est, Classis Tertia, cui Litterarum antiquarum et Historiae exterarum gentium ac Philosophiae partes tributae sunt, ad quaestiones, quas proposuerat in Conventu publico anni CIƆIƆCCCXLVII, nullum accepit responsum.

Ad novum certamen ineundum Viros doctos invitat, his propositis quaestionibus :

1.) *Quid valuerunt philosophiae et religionis doctrinae, ab initio huius saeculi inde propositae, in doctrinas politicas. Quomodo efficacia illa in ipsa vita practica politica conspicitur, et qui effectus probabiles inde possunt exspectari?*

2.) *Historice exponatur, quae placita circa mercaturam in colonias et regiones, quas in aliis orbis terrarum partibus possiderent, secuti fuerint Europae populi, praesertim nostrates ; et investigetur, quid de placitis, quae hodie hac de re recepta sint, videatur existimandum.*

3.) *Quum his temporibus peregrinatores, praecipue Angli, novos fontes aperuerint, unde Asiae Minoris accuratior cognitio petatur, quaeritur, ut quam diligentissime explicetur, quid interpretatio tum prius tum recens repertorum monumentorum aliaeque investigationes conferant ad res Lyciorum et Carum illustrandas.*

4.) *Detur Historia Servitii in Europa inde a Sexto Saeculo ad Sextum Decimum.*

Servitii nomine intelligi nunc vult Classis tum Servitutem qualis fuit apud Romanos, tum quicunque similis status hominum fuit apud alios populos: quo de argumento quae jam ab aliis sunt congesta quaeque forsitan latent adhuc, praesertim in libris Juris Scandinavici, in unum Historiae corpus componantur.

5.) Quum novissimis temporibus nonnulli viri docti ad leges et instituta Archipelagi Indici de industria animum attenderint, et hujus generis monumenta literaria omnino cognosci mereantur, cum, quo melius iudicetur de indole et moribus populorum, illas regiones habitantium, tum, ut huius cognitionis luce utantur, qui in imperio Neerlando-Indico rebus civilibus et iudicialibus praesint, Classis, harum legum indagationem, collectionem et scrutationem pro viribus promovere cupiens, sequentem quaestionem, in quinque membra distinctam, eruditis proponere decrevit.

1.° *Quam accuratissime fieri potest, indicentur legum Archipelagi Indici collectiones, et manuscripta quibus contineantur.*

2.° *Critica instituatur disquisitio de fontibus, e quibus hae leges fluxerint.*

3.° *Brevis offeratur harum legum conspectus, inter se collatis quae variis Archipelagi partibus propria sint,*

et judicio addito de populorum indole, his legibus expressa.

4.° *Exponatur, quis hodieque harum legum sit usus, tam in iis regionibus, quae magis minusve sui adhuc iuris sint, quam in iis quae imperio* Neerlandico *pareant, et quamnam earum auctoritas rationem habeat ad jus Coranicum apud eos populos, qui Islamiticam religionem amplexi sint.*

5.° *Ostendatur, quomodo Neerlandorum leges et iuris administratio in India Neerlandica cum consuetudine iuris, sive domesticis, sive Islamiticis legibus nitentis, in concordiam redactae sint.*

Cognitio harum legum earumque usus jam aliquantum certe profecit ex iis quae scripto mandarunt T. S. Raffles (*Asiatic Researches*, Vol. XII); E. Dulaurier (*Mémoire, Lettres et Rapports, relatifs au cours de langue Malaye et Javanaise*, et *Collection de lois maritimes*, ed. Pardessus, T. VI); R de Filietaz Bousquet (*Nederlandsche Jaarboeken van Regtsgeleerdheid en Wetgeving*, Vol. V. Parte 1); C. F. Winter (*Tijdschrift voor Nederlandsch Indie*, Ann. VI, Vol. I et II); D. L. Mounier (*Ibid.*, ann. VI, Vol 1); T. J. Willer (*Ibid.*, ann. VIII, Vol II); T. Roorda (*Javaansche Wetten*, Amst. 1844) et A. Meursinge (*Handboek voor het Mohammedaansche regt in de Maleische taal*, Amsterd. 1844).

Victori in hoc certamine literario, iudicum sententiis declarato, praemium dabitur numisma aureum, trecentos florenos Hollandicos valens. Si quis autem secundas a victore partes obtinuisse fuerit iudicatus, huic Classis publicandam suo sumtu et in suis Commentariis scriptionem, addito, si consenserit, auctoris nomine, honorifice offeret, simulque honoris meriti scriptum exhibebit testimonium.

Ipsæ responsiones sermone Latino, aut Belgico, aut Franco-Gallico aut Anglico, aut denique Germanico, modo

ne characteribus Germanicis, conscribantur, et ad Scribam Classis ordinarium mittantur, nullo huius aut Classis sumtu, ante initium mensis Novembris anni CIƆIƆCCCL.

Certaminis eventus solemni ritu declarabitur in publico Classis Tertiae consessu anni CIƆIƆCCCLI. Idem in omnibus publicabitur diariis, quibus et certaminis propositi ratio fuerit prodita.

Amstelodami d. XVII Aprilis A.[i] CIƆIƆCCCXLIX. — C. A. DEN TEX, *Eidem Classi ab Actis.*

As outras condições do programma são as mesmas que as do programma da 1.ª Classe.

Programma da 3.ª Classe.

Programma Certaminis Poetici, ab Instituto Regio Belgico Propositi A.° CIƆIƆCCCXLIX.

Societas, quae colendis, proferendisque doctrinis, literis, artibus, Instituti Regii Belgici nomine, Amstelodami constituta est, quum edito ab se, die XXVI Aprilis anni CIƆIƆCCCXLVIII, programmate, ex legato quondam Sodalis sui, viri amplissimi, JACOBI HENRICI HOEUFFT, praemio proposito ad certamen poeticum in illum annum invitasset omnes, exteros pariter ac cives, qui Latinae poëseos studio atque exercitio tenerentur, missum ad se ante Kalendas Ianuarias huius anni unum modo accepit.

Carmen heroicum, cuius argumentum: *navis in mare deiectus.* Addita est sententia: *Phoebe fave: novus ingreditur tua templa sacerdos.*

Certaminis iudices id non eas habere dotes censuerunt, ob quas auctor praemio ornandus videretur.

Declarato sic initi superiore anno certaminis eventu, praedicta Societas, ex legato HOEVFFTII, praemio proposito ad certamen poeticum in hunc annum invitat omnes,

exteros pariter ac cives, qui Latinae poëseos studio atque exercitio tenentur.

Certaminis praemium erit numisma aureum, centum et viginti florenos valens: dabitur autem ei, cuius ad Societatem missum carmen Latinum, versuum haud minus quinquaginta, non ex aliqua lingua translatum, non in re versans ad privati hominis tempus pertinente, non denique vel literarum typis vel aliquo modo vulgatum prius, a constitutis ad id indicibus, tum super cetera, quae item missa fuerint, eminere, tum eo honore dignum censebitur.

Indices certaminis erunt Instituti sodales, Viri Clarissimi, D. I. VAN LENNEP, M. SIEGENBEEK, P. HOFMAN PEERLKAMP. Mittuntur carmina ad Classis Praesidis eundemque universi Instituti Scribam, ante initium mensis Ianuarii anni CIƆIƆCCCL, non auctoris, sed aliena manu descripta, addita obsignata schedula, quae auctoris nomen, titulos, stabilemque habitandi sedem ostendat, et in fronte eandem habeat sententiam, qua ipsa insignita sint carmina.

Certaminis eventus solemni ritu declarabitur in publico Instituti Classis Praesidis consessu anni proxime sequentis. Idem in omnibus publicabitur diariis, quibus et certaminis propositi ratio fuerit prodita.

Praemio digna habita carmina sumtibus Societatis typis descripta in lucem edentur.

Cetera, si qua erunt, carmina, una cum obsignatis schedulis, aut ipsis auctoribus, aut horum procuratoribus restituentur; ita tamen, si intra annum finiti certaminis eam restitutionem suo sumtu petierint certamque restituendi viam indicaverint, addito, unde de iure vindicandi constet.

Non rogata restitutione, aut neglectis restituendi legibus, obsignatae schedulae in ignem coniicientur, ipsa

autem carmina in tabulario Societatis ad eos, quos ei visum fuerit, usus asservabuntur.

AMSTELODAMI
die XVIII Aprilis
Anni CIƆIƆCCCXLIX. Is. WARNSINCK
Classi Praesidi et Vniverso Instituto ab Actis. (*)

O Sñr. Director da Classe de Sciencias Moraes e Bellas Lettras participou que a Classe tinha nomeado para Membros da Commissão que deve cuidar da impressão do Cancioneiro do Collegio dos Nobres os Sñrs. João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Alexandre Herculano, e o Secretario perpetuo da Academia.

MEMORIAS LIDAS.

Como e quando passárão para a Grecia as doutrinas religiosas da Persia. Nota pelo Secretario perpetuo da Academia.

Mostrei que do Paiz elevado da Asia central, habitado em tempos remotissimos pelas Povos Iranios, em que

---

(*) Os programmas publicão-se nas lingoas em que forão escriptos para não poder suppôr-se que perderião alguma cousa na traducção.

se comprehendia tambem a Persia, se espalhárão pela Asia as doutrinas religiosas do Paganismo (1).

Tinha já indicado que algumas destas doutrinas passárão da Persia para a Grecia, e para o Occidente (2).

Indagarei agora como e quando se effeituou esta passagem.

Julgão alguns que a religião e a philosophia dos Persas forão trazidas por Pythagoras para a sua escola Italiana; e Kleuker é d'opinião que forão conhecidas na Europa no seculo 6.° antes da era Christã, por meio do Archimago Hostanes que acompanhou Xerxes na sua expedição contra a Grecia (3).

Ainda concedendo a realidade da estada de Pythagoras na Chaldea, e das suas relações com os Magos de Babylonia, que parece não poder sustentar-se (4), principalmente se elle nasceo, como se diz, pelos annos 580 antes de Christo (5), esta época da introducção da religião e philosophia dos Persas na Grecia referir-se-hia ás doutrinas que Zoroastre propagou na Persia, no reinado de Gushtasp, pelo meado do seculo 6.° antes da era Christã (6).

---

(1) Actas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, P I., pag. 124.

(2) *Memoria em que se pertende provar que os Arabes não conhecêrão as Canarias antes dos Portuguezes*, Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 2.ª serie, T. I, P. 2., pag. 38 e seguintes.

(3) Na sua traducção Allemã de *Zend-Avesta* de Anquetil du Perron, citada pelo Sñr. Troyer, *Dabistân*, T. I, pag. 223, *in fine*.

(4) Vide a vida de Pythagoras em Brucker, *Historia critica Philosophiae*, Lipsiae 1767 etc., T. I, de pag. 989 a 1025.

(5) *Biographie Universelle;* T. 36, 1823, pag, 360.

(6) Hyde, *Historia Religionis Veterum Persarum*, p. 323 e

Mas sendo por extremo incertas as verdadeiras opiniões de Pythagoras, não póde segurar-se se os pontos da doutrina de Zoroastre, cuja crença se lhe suppõe, forão effectivamente professados por elle, ou se lhe forão attribuidos por Platão, e pelos outros philosophos da escola Academica; pelos novos Pythagoricos, e pelos novos Platonicos que, aproveitando muito das doutrinas de Pythagoras, as adulterárão e accomodárão a seu geito, dando-nos como opinião de Pythagoras as que lhes érão proprias (7). E tanto é isto assim que mesmo a metempsycose, dogma da psychologia Zoroastrica, que se julga adoptado por Pythagoras, é considerada, na obra que anda em nome de Timeo de Locres, como um dogma estrangeiro, como uma mentira introduzida para metter

---

324, citando a obra persiana *Shânâma-nesr*. Anquetil du Perron na vida de Zoroastre, T. I. P. 2 do *Zend Avesta*,-pag. 29. O Sñr. Troyer no *Dabistán*, T. I, Discurso preliminar, pag. LIV, e nota 2, e pag. LXXXVI. A chronologia de Ferdusi relativamente, a Gushtasp, produzida pelo Sñr. Troyer no *Dabistán*, T. I. Discurso preliminar. pag. LXXXVI, nota I, e pag. 380, posto que comprehenda a época assignada á vinda de Zoroastre á Persia, com tudo diversifica nos dous passos apontados; e a longa duração que Ferdusi dá ao reinado de Gushtasp e do seu successor *Bahamam Arjer*, ou *Ardishir diraz* (Artaxerxes longimanus) explica o Sñr. Troyer (L. c., pag. LXXXVI, nota 1) dizendo que no periodo fexado a estes dois reinados se comprehenderião os de outros soberanos que Ferdusi não mencionou. Esta opinião parece confirmar-se pela analogia de outras omissões do mesmo genero nas dynastias dos Ashkanidas, e dos Sasanidas, em cujas listas o *Modjemel al-Tewarikh* nota a falta de tres Reis, pela similhança de seus nomes com os de outros. (Mr. Mohl, *Extraits du Modjemel al-Tewarikh relatifs à l'Histoire de la Perse*, no *Journal Asiatique*, Mai 1843, pag. 387).

(7) Brucker L. c., pag. 1039, e seguintes. Mr. Degerando, *Histoire comparée des Systèmes de Philosophie*, segunda edição de Paris 1822 e 1823. T. I, cap. 5.°, e T. III, cap. 21.

medo; e sendo o Autor desta obra Pythagorico, parece claro que nem Pythagoras acreditou na metempsycose, nem esta opinião lançou raizes na Grecia (8). Por tanto parece-me que bastarião os motivos apontados, ainda quando outros faltassem, para não ir buscar a Pythagoras a introducção das ideas religiosas e philosophicas dos Persas na Grecia.

Independentemente de não poderem derivar-se de Zoroastre estas ideas, não só por ser inadmissivel a ida de Pythagoras á Chaldea, no tempo d'aquelle zeloso sectario do culto de Ormuzd, mas até por ser duvidoso te-las abraçado o creador da escola Italica, não é necessario ir mendiga-las ás obras de Zoroastre ou a elle attribuidas. Zoroastre não foi fundador d'uma nova religião, mas sim o reformador dos abusos que se tinhão introduzido na astrolatria, pyrolatria, e idolatria, ramos do Sabeismo, e do Mezdaismo (9).== « E o autor do Dabistán confirma-nos que » Zoroastre não mudou os fundamentos da antiga reli» gião, unicamente introduzio nella o dualismo dos prin» cipios, bom e máo, que não existião na religião Ma» habadiana, ou tão somente os desenvolveo pela primei» ra vez. A antiga religião Mahabadiana, posto que adul» terada antes, e durante a vida de Zoroastre, e depois » delle, parece não ter perdido nunca o seu caracter gra» ve e a sua solemnidade (10). »

As doutrinas desta antiga religião da Persia conser-

---

(8) Brucker, L. c., pag. 1:093. Mr. Degerando, L. c. T. I, pag. 443.

(9) In the course of ages, a reform of astrolatry, pyrolatry, and idolatry, the branches of Sabaeism, and Mezdaism became desirable; and *Zardusht*, or *Zoroastre*, appeard. O Snr. Troyer, *Dabistán*, T. I, Discurso preliminar. pag. LXXXV.

(10) We are confirmed, by the author of Dabistán, that Zoroas-

vão-se no Desátir, que o Autor do Dabistán menciona como uma obra bem conhecida entre os Sipasianos, isto é, os que professavão a mais antiga religião da Persia (11); que o editor daquella obra diz ser sabido que existe desde muitos annos, e a que se referem frequentemente os escriptores Persas, considerando-o como o livro divino d'uma seita particular, e que se guardou com o cioso cuidado, e com o espirito incommunicativo, que distinguio particularmente as seitas do Oriente (12); e que, segundo o Sñr Troyer, é uma reunião de escriptos reputados sagrados, obras de muitos prophetas, não todas da mesma antiguidade; porêm alguma parte dellas mui antiga, como se prova até pela linguagem em que

---

tre did not change the fundaments of the ancient religion; only the dualism of the principles, good and bad, not existing, as I have remarked in the Mahabadian religion, was either then first introduced, or only further developed....

The ancient Mahabadian religion, although adulterated before, during, and after Zoroastre's life, seems to have never lost its grave character, and solemnity. O Sñr. Troyer, *Dabistán*, T. I. Discurso preliminar, pag. CI.

(11) The author of the Dabistán mentions the Desátir as a work, well known among the Sipasians, that is, the adherents of the most ancient religion of Persia. *Dabistán*, T. I, Discurso preliminar, pag. XXI. Veja-se tambem a pag. LXXXII, *in fine*.

(12) This editor (o do Desátir) says in his preface (pag. VI) » The Desátir is known to have existed for many years, and has frequently been referred to by Persian writers, though, as it was regarded as the sacred volume of a particular sect, it seems to have been guarded with that jealous care and that incommunicative spirit, that have particularly distinguished the religious sects of the East == » Mulla Firuz Bin-i-Kaus. *The Desátir, or sacred writings of the ancients Persian prophets in the original tongue; with the ancient Persian version, and commentary of the fifth Sasan.* Bombay 1818, citado pelo Sñr. Troyer, *Dabistán*, T. I, Discurso preliminar, pag. XXIII, e nota.

é escripto (13), em que se achão as ideas fundamentaes da philosophia oriental, como ellas existião, antes de passarem da Asia para a Europa ; e donde o Dabistán tirou principalmente o que diz das antigas dynastias e religiões da Persia (14).

A abstinencia da carne, que geralmente se concorda ter praticado Pythagoras, a ponto de não querer, nem sequer, aproximar-se dos cosinheiros, e dos caçadores (15), era um dos dogmas da antiga religião da Persia, levando a seita dos *Abadianos*, e a dos *Azur-Hûshangianos* a tal excesso de fanatismo a prohibição de fazer mal aos animais innocentes, que era permittido aos filhos matar os pais, e aos pais matar os filhos, por tirarem a vida a uma ovelha, ou a um veado; e esta e outras seitas erão do tempo de Jamish, e de Zohak, o primeiro dos quaes principiou a reinar 3429 annos antes da vinda de Christo (16). Jamish era da dynastia de Kayomers ou Gilshah (17), que

(13) Vide o *Dabistán*, T. I. Discurso preliminar, desde pag. XLIV até pag., L.

(14) *Dabistán*, discurso preliminar, pag. LX, L, LXII, XXIV, e LXXIV.

(15) Porphyrio, na vida de Pythagoras, publicada com Jamblicho, vida de Pythagoras. Amstelodami, 1707, pag. 9.

(16) *Dabistán*, T. I. Discurso preliminar, pag. LXXX, and the, severity (a das duas seitas) against those who flew innoxious animals was carried to such an excess, that even sons punished their fathers with death, and fathers their sons, for the flaughter of a sheep or an elk. ibid., pag. LXXXI. Vide tambem a fl. 181, e 184 do *Dabistán*, T. I. Ibid., pap. 31, e nota 3.

(17) O Autor do *Modjemel al-Tewarikh*, diz que Gilschah (Gilshah) era o appellido de Kaiumors (Kayomers), que queria dizer — reys da terra — Vide Mr. Mohl *Extraits du Modjemel al-Tewarikh, relatifs à l'Histoire de la Perse*, no *Journal Asiatique*, *Mai* 1843, pag. 401. As datas que assino aos acontecimentos mencionados no texto são dos A.A. que cito.

principiou a reinar na Persia no anno 3529, antes de Christo, cuja religião fundamental era a mesma que a da dynastia Mahabadiana, com quem concordava perfeitamente, e era, pela maior parte, conforme com a doutrina de Zoroastre (como já se notou) (18); e o principio, duração, e historia da dynastia Mahabadiana escende-se nas trevas dos tempos antehistoricos (19); porêm o que fica apontado, relativamente á religião da dynastia de Mahabad, parece-me que só quer dizer que os primeiros vestigios historicos da religião da Persia são os que se attribuem a esta dynastia.

A esta antiquissima religião da Persia allude Plinio, debaixo do nome de religião dos Magos, suppondo-a obra de Zoroastre, sem saber decidir-se se houve um só ou mais Zoroastres, provindo, segundo o Sñr. Troyer, a identidade daquelle nome, applicado a diversas personagens, de se ter tornado a denominação commum dos sabios, prophetas, e reis que professárão e promovêrão certa religião e philosophia (20). Plinio referindo-se a Eudoxo, e a Aristoteles, põe um antigo Zoroastre 6000 annos antes da morte de Platão, e segundo Hermippo

---

(18) *Dabistán*, T. I, Discurso preliminar, pag. LXXVII a LXXIX, LXXXVIII, XCVII, e XCVIII, e pag. 30.

(19) *Dabistán*, T. I, ibid., pag. LXXII, e LXXIII.

(20) In the utter impossibility to decide upon so many conflicting statments (sobre a pluralidade de Zoroastres), there is perhaps no better means of reconciling them all, than concluding that Zoroaster having, in the course of ages, become a generic or appellative name for sages, prophets, and kings professing and promoting a certain religion, or philosophy, this name could be applied to several individuals who appeard at different times, and in different countries of Asia. Hence we explain in the various accounts a plurality of Zoroasters, and an identity, of several personages with one Zoroastre. *Dabistán* T. I, pag. 212, nota.

8:000 annos antes da guerra de Troia (21), no què igualmente concordão Plutarcho e Diogenes Laercio, seguindo Hermadoro, philosopho Platonico (22). Diogenes Laercio dá tambem Zoroastre como fundador da seita dos Magos, ou pelo motivo já lembrado da pluralidade dos Zoroastres, ou por anachronismo, confundindo a primeira época do seu estabelecimento com a do seu ultimo reformador (23).

(21) Sine dubio illic orta (a Religião dos Magos) in Perside a Zoroastre, ut inter auctores convenit. Sed unus hic fuerit, an postea et alius, non satis constat. Eudoxus, qui inter sapientae sectas clarissimam, utilissimamque eam intelligi voluit, Zoroastrem hunc sex millibus annorum ante Platonis mortem fuisse prodidit. Sic et Aristoteles. Hermippus, qui de tota ea arte diligentissime scripsit, et vicies centum millia versuum a Zoroastre condita, indicibus quoque voluminum ejus positis explanavit, praeceptorem, a quo institutum diceret, tradidit Azonacem, ipsum vero V millibus annorum Troianum bellum fuisse. Hist. Nat., L. xxx, Cap. 2.°, T. 3.°, pag. 454 da edição de Franz.

(22) *ὥσπερ Ζωρόαστρις ὁ μάγος, ὃν πεντακισχιλίοις ἔτεσι τῶν Τρωϊκῶν γεγονέναι πρεσβύτερον ἱστοροῦσιν.* Plutarcho, *De Iside et Osiride*, ed. de Reiske, T. VII, pag. 456. He notavel que Reiske, pondo no texto *πεντακισχιλίοις* (cinco mil) lesse na traducção = *quem narrant* 100 *annis antiquiorem bello Troiano extitisse* =, que « então existira seiscentos annos antes da guerra de Troia ». Parece que este engano vem das antigas edições de Plutarcho; porque a de Maussac, Paris 1624, T. 2.° pag. 369, traz 100, e Dalecamp o seguio, na sua edição de Plinio. Vide Plinio, no lugar citado na nota precedente, nota (g).

ἀπὸ δὲ τῶν Μάγων, ὧν ἄρξαι Ζωροάστρην τὸν Πέρσην, Ἑρμόδωρος μὲν ὁ Πλατωνικὸς, ἐν τῷ περὶ μαθημάτων φησὶν, εἰς τὴν Τροίας ἅλωσιν ἔτη γεγονέναι πεντακισχίλια. Diogenes Laercio, *Vidas dos Philosophos*, ed. de Menage, Amstelaedami 1692. T. I, Proemio, pag. 3. O Sñr. Troyer já citou as autoridades de Plinio, Plutarcho, e Diogenes Laercio sobre este assumpto. *Dabistán*, T. I. pag. 212, nota.

(23) Vide as notas (20), e (22).

A opinião de Kleuker é igualmente infundada, porque a invasão da Grecia por Xerxes não teve lugar no seculo 6.º antes de Christo, mas no 5.º; e porque, já muito antes deste successo, ha testemunhos que provão a identidade de algumas crenças religiosas, e psychologicas da Grecia e da Persia.

À vista do que fica expendido parece inquestionavel:

1.º a remotissima antiguidade da religião da Persia, de que os Gregos adoptárão alguns dogmas:

2.º que não foi Pythagoras quem transplantou estes dogmas para a Grecia.

Resta indagar como, e quando, se introduzírão na Grecia as doutrinas religiosas dos Persas.

Por tres modos podia passar para aquelle paiz a parte da religião dos Persas abraçada pelos Gregos:

1.º Na primordial transmigração dos Povos do centro da Asia para a Europa:

2.º Pela communicação que os Gregos tinhão com a Asia, antes de fundarem alli as suas colonias:

3.º Por meio das Colonias Gregas estabelecidas na Asia menor.

Já expuz os fundamentos da primeira hypothese (24): é claro que, antes dos Povos da Grecia mandarem colonias para a Asia menor, tinhão relações seguidas com esta região, porque não havião procurar estabelece-las em terras que não conhecião: e o grande numero de Colonias Gregas na Asia menor é facto de que ninguem duvida; consequentemente qualquer das hypotheses é admissivel; mas, em qualquer dellas, não póde determinar-se, nem mesmo por aproximação, quando se recebêrão na Grecia as doutrinas religiosas da Persia.

Na hypothese de serem trazidas pelos povos que, do

(24) Vide as Actas das Sessões da Academia, T. I, pag. 124 e seguintes.

centro da Asia, transmigrárão para a Europa, foge este acontecimento a todas as combinações chronologicas: as communicações entre a Grecia e a Asia datão de tempos antehistoricos: e na hypothese de serem transmittidas por meio das Colonias Gregas da Asia menor tambem não póde assinar-se-lhe tempo certo.

A emigração de gentes da Grecia para a Asia começou talvez no vigesimo seculo ante da era Christãa, e já no seculo 13.° antes da vinda de Christo, anteriormente ao cerco de Troia, aquella parte do Mundo estava cheia de Colonias Gregas, donde se originou uma serie de relações mutuas, e mui continuadas, entre os Povos da Grecia e da Persia, por meio da Caria, da Jonia, da Aeolia, da Bythinia, e dos outros paizes da Asia menor, coalhados de Colonias Gregas (25), atravessando a Lydia e as terras que medeião entre estes paizes e a Persia. E para a Asia menor, e que, na opinião de Mr. Félix Lajard, os Persas transmittirão antigamente o culto de Mithra que os Gregos lá achárão nas Colonias Gregas (26).

Das antigas communicações dos Gregos com os Persas, por meio das suas Colonias da Asia menor, e até das suas disputas [illegible] entre elles, ha memoria nos livros Orientaes. O Desatir refere que os mais eminentes sabios Gregos [illegible] de Jonias) enviárão um d'entre elles para consultar Zoroastre, sobre a exacta [illegible] dos seus dogmas (27); e o Dabistan relata

(25) [illegible] Mr. Raoul-Rochette, Histoire critique de l'établissement des Colonies Grecques, [illegible] tom. 1.° [illegible] e 2.°

(26) [illegible] sur un bas-relief Mithriaque, qui a été dé[illegible] [illegible] Nouvelles Annales publiées par la [illegible] Archéologique de Rome. Paris, [illegible]

(27) [illegible] citada pelo Sr. [illegible] de [illegible] pag. [illegible] e [illegible]

a conferencia do philosopho Grego com Zoroastre (28). Este facto, cuja authenticidade nem contesto, nem defendo, prova trato reciproco, continuo, e notorio entre os Gregos e os Persas.

Nas ideas de Homero sobre os Juizes encarregados de julgar as acções das almas, sobre os premios e castigos depois da morte, e sobre o elysio, e o inferno, apparecem as doutrinas da antiga religião da Persia, vestidas á Grega; e Plinio diz-nos que, em toda a Ulyssea, respirão as artes dos Magos (29). Ora Homero viveo no seculo 9.° antes de Christo, e por consequencia o systema psychologico das penas e castigos depois da morte etc., que fazia uma parte essencial da religião dos Gregos, deve ser muitos seculos anterior a elle, seja ou não delle tudo o que anda em seu nome (30); porque um systema religioso completo não se inventa, desenvolve e propaga de repente, e isolado inteiramente de outras crenças precedentes: é obra de seculos, e de muitos seculos.

Se o nome Grego de elephante se derivasse immediatamente do Sanscrito, como o pertende Mr. Pictet (31), teriamos nelle, ainda que viesse ter à Grecia pela Phenicia, uma prova da remotissima antiguidade das relações entre o centro da Asia e a Europa.

---

(28) T. I, pag. 277 a 280.

(29) Maxime tamen mirum est, in bello Troiano tantum de arte ea (a dos Magos) silentium fuisse Homero, tantumque operis ex eadem in Ulissis erroribus, adeo ut totum opus non aliunde constet. *Hist. Natur*. L. xxx, Cap. 2, pag. 456 do T. 8.° da ed. citada.

(30) Vide Wolf, *Prologomena in Homerum*. Halis Saxonum, 1795.

(31) *Lettre à Mr. Burnouf sur les origines de quelques noms l'éléphant*, no *Journal Asiatique*, n.° 8 de 1843, pag. 143, e seguintes.

A materia desta nota é de tal vastidão, e tão espinhada de difficuldades, que seria mister um grande volume para trata-la devidamente. Restringi-me, por tanto, a tocar mui de leve os seus pontos mais salientes, e a apresentar em resultados geraes o que me pareceo mais provavel.

DONATIVOS.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences [Instituto Nacional de França] *Première semestre* — Tome 28 — N.° 24 — 11 Juin 1849. 4.° g.^{de} um N.°

Verhandelingen der Eerste Klasse van het Koninklijk-Nederlandsche Instituut van Wetenschappen, Letterkunde en schoone Kunsten te Amsterdam. Derde reeks. — Eersten deels tweede stuk. — Memorias do Instituto Real das Sciencias, Bellas Lettras, e Artes dos Paizes Baixos. — 3.ª Serie, Tomo 1.°, P. 2.ª um vol.

Tijdschrift voor de Wis-en Natuurkundige Wetenschappen, uitgegeven door de eerste Klasse van het Koninklijk-Nederlandsche Instituut van Wetenschappen, Letterkunde en schoone Kunsten ; Twede Deel — 3.° *Aflevering* = Jornal das Sciencias Philosophicas e Naturaes, publicado pela 1.ª Classe do Instituto Real dos Paizes Baixos etc. Tomo 2.° 3.ª Parte. Amsterdam, 1849 — 8.° um vol.

Idem — 4.° *Aflevering* Idem — 4.ª *Parte* — Idem.

Programme de la Première Classe de l'Institut Royal

des Pais-Bas des Sciences, Belles Lettres et Beaux Arts, à Amsterdam, annoncé dans sa séance publique, le 12 *Avril* 1849. — 4 pag.

Programma Certaminis Poetici, ab Instituto Regio Belgico Propositi. A.° CIϽIϽCCCXLIX. 2 pag. 8.° — 6 exempl.

Programma Quaestionum, ab Instituti Regii Belgici Classe tertia propositarum in publico consessu die X m. Aprilis A.[i] CIϽIϽCCCXLIX. 8.° — 4 pag. — 2 exempl.

Origem da Guarda Real dos Alabardeiros, hoje Archeiros no Paço. — Lisboa 1849 — 4.°, um folheto. — Offerecido pelo Sñr. Abbade A. D. de Castro e Sousa.

PARA O MUSEU.

Uma *Pina Rudis* de Linneo, da Costa d'Angola (Conchiologia), offerecida pelo Secretario perpetuo da Academia.

Uma Arara vermelha do Brasil, *Psittacus Macáo*, de Linneo, offerecida pelo Sñr. Manoel Joaquim Botelho.

Dois exemplares do *Solen Coarctatus*, de Gmelin, e dois ditos da *Lucina Edentula*, de Lamarck (Conchiologia), vindos da Costa de Pernambuco, offerecidos pelo Sñr. José Maria Guedes.

Uma Antilope d'Angola, offerecida pelo Sñr. Francisco Rodrigues Batalha.

ASSEMBLEA D'EFFECTIVOS DE 18 DE JULHO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.ᵉˢ Antonio Diniz do Couto Valente, Fortunato José Barreiros, Francisco Pedro Celestino Soares, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Recreio, Antonio Lopes da Costa e Almeida, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos.

COMMUNICAÇÕES.

Leo o Secretario perpetuo

A ultima redacção do Programma seguinte, feito pela Classe de Sciencias Naturaes para o Curso elementar d'Historia Natural, accommodado a todas as intelligencias. Foi approvado, e mandado publicar.

PROGRAMMA.

Para cumprir a Disposição Legataria do P.[e] M.[e] Fr. José Mayne, que estabeleceo uma Cadeira em que se ensine a Historia dos Tres Reinos da Natureza — Resolveo a Academia Real das Sciencias de Lisboa, como Administradora do mesmo Legado, abrir um Curso elementar de Historia Natural accommodado a todas as intelligencias, precedido dos principios geraes de Physica, e de Chimica indispensaveis para o conveniente aproveitamento dos Ouvintes, regulando-se pelo seguinte Programma.

O Curso elementar principiará no 1.º d'Outubro, e acabará em Maio, ou Junho do anno seguinte, expendendo o Professor as materias, que nelle deve tratar, em cem Prelecções, que não durarão menos de uma hora, e que terão lugar tres vezes por semana.

As materias sobre que hão de versar as Prelecções, serão distribuidas pela maneira seguinte:

1.ª PARTE.

Noções elementares de Physica e Chimica — 25 Prelecções.

Em que se devem dar ideias das propriedades dos Corpos, e de suas acções reciprocas; assim quanto á simplicidade e composição dos mesmos Corpos; como á sua analyse e synthese; e explicar elementarmente as doutrinas sobre

O Calorico,
Luz,
Electricidade,
Magnetismo,
Propagação do som,
Leis geraes do equilibrio dos corpos,
Ditas — do seu movimento,
Elementos constituintes dos Corpos,
Leis da sua combinação,
Suas relações, ou affinidades,
E sua decomposição, e analyse.

2.ª PARTE.

Noções elementares de Geographia Physica, e de Geologia — 10 Prelecções.

Em que deve dar-se ideia,

Quanto á Geographia Physica,
Da forma, e grandeza da Terra,
Dos Continentes, e seus relevos,
Dos Mares, e sua respectiva profundidade,
Das Ilhas,
Dos Volcões, e sua theoria,
Das Regiões, e Climas;

E quanto á Geologia,
Da theoria hoje mais recebida ácerca da formação do Globo terrestre, e das massas homogeneas que em certa extensão entrão na sua structura, e são conhecidas com o nome geral de Rochas,
formando as diversas especies de Terrenos, indicados pelos Geologos.

3.ª PARTE.

Mineralogia. — 15 Prelecções.

Em que se devem dar noções elementares dos diversos Corpos mineraes que entrão na formação do Globo; pelas quaes se possão ter ideias sobre,

Sua natureza,
Composição,
Forma
Cristalina, ou
Amorfa.

4.ª PARTE.

Zoologia — 25 Prelecções.

Em que devem dar-se resumidas noções de
Anatomia comparada,
para depois passar ao exame dos cinco typos geraes em que se offerecem os animaes que são os
Vertebrados,
Articulados,
Molluscos,
Radiarios, ou Zoophytos,
Heteromorphos, ou Spongiarios,
pelos quaes são distribuidos todos os animaes conhecidos, segundo os diversos systemas adoptados pelos Zoologistas; e em particular por Cuvier, cuja classificação merece hoje a geral preferencia: devendo notar-se as alterações, ou modificações que tem soffrido, e de que é susceptivel.

5.ª PARTE.

Botanica — 25 Prelecções.

Esta parte da Historia Natural será tambem tractada elementarmente, dando-se simples noções, sobre

A Organographia das plantas
Sua Physiologia,
Taxonomia, ou Classificação.

Quanto á Taxonomia, é indispensavel dar noções claras, sobre

O Systema sexual de Linneu,
e o methodo natural de Jussieu,

que classifica as plantas, segundo suas relações, e affinidades, em Familias Naturaes.

O numero das Prelecções em que são distribuidas as materias do Curso elementar de Historia Natural, poderá ser alterado pelo Professor applicando, segundo julgar conveniente, maior ou menor numero de Prelecções a cada uma das materias de que deve constar o mesmo Curso, precedendo porêm approvação da Academia.

O Professor vencerá por cada Prelecção uma remuneração de 2$400 r.ˢ, em dinheiro de metal, que receberá quando lhe convier. Esta mesma remuneração se dará a um Substituto que supra as faltas do Professor, quando elle não poder fazer as suas Prelecções.

SESSÃO LITTERARIA DE 25 DE JULHO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo da Academia Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.^s Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Pedro Celestino Soares, Fortunato José Barreiros, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Recreio, Antonio Lopes da Costa e Almeida, Marino Miguel Franzini, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; Antonio Maria da Costa e Sá, Socio Livre; e Antonio Caetano Pereira, Socio Correspondente.

O Sñr. Antonio Caetano Pereira agradeceo á Academia a sua nomeação de Socio Correspondente.

COMMUNICAÇÕES.

O Sñr. José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello-Branco remetteo a inscripção de Tiberio abaixo transcri-

pta, que existe no Pelourinho de Valença do Minho, com a explicação da mesma inscripção.

Uma Inscripção de Tiberio.

Havendo-se-me pedido de Madrid um fac-simile da Pedra Miliaria de Tiberio encontrada hoje em Valença do Minho, solicitei do Marechal Duque de Saldanha, quando Ministro do Reino, que o mandasse buscar. Ha poucos dias a Autoridade Administrativa daquella Villa enviou o requerido fac-simile, acompanhado de uma nota, que diz assim: *Inscripção gravada sobre uma columna cylindrica de granito, de doze palmos de alto, e tres de diametro, a qual foi ha quarenta annos encontrada sobre a margem do Minho, e desde então se acha levantada nesta praça, constituindo o seu Pelourinho.* He a seguinte.

TI · CLAVDIVS · CAESAR
AVG · GERMANICVS
PONTIFEX MAX · IMP · $\overline{V}$
COS · $\overline{III}$ · TRIB . POTES ·
$\overline{III}$ · P · P · BRACA
XLII ·

Tiberio Claudio Cesar Augusto Germanico, Pontifice Maximo Pai da Patria, condecorado cinco vezes com o Poder Imperial, tres com o Consular, tres com o Tribunicio. A Braga quarenta e duas milhas.

Masdeu no tomo 5.° da sua Historia Critica, collecção de Lapides e Medalhas, cap. 2.°, art.° 4.°, poz esta Inscripção em n.° 170, e disse, que fôra achada perto do Minho. Pensou elle, que a nota numerica $\overline{V}$ devia ser substituida por $\overline{IV}$, por quanto as outras duas $\overline{III}$, correspon-

dentes ao anno 43 da nossa era, só tem relação com IV: isto é, quando Tiberio esteve pela terceira vez investido da dignidade Consular e da Tribunicia foi quarta e não quinta vez Imperador. Se estas contas vão certas, como eu penso, e não houve erro, de quem lavrou a Inscripção, o I antes do V estava ja sumido ao tempo, que enviárão a copia a Masdeu.

O sitio, onde derão com a columna, pertenceo ao territorio dos Grovios, Gronios, Gravios, ou Graios, segundo Mela, que os poz desde o Douro até perto de Bayona acima do Minho; ou ao dos Bracaros, conforme Plinio e Apiano, que estendêrão estes até ao Minho, desde o Douro. Ainda que na margem esquerda do Minho, a proximidade de Tui deixava este sitio n'outro tempo dependente dessa cidade levantada sobre a margem direita; e para mim é sem duvida, que a familia dos povoadores era Gravia, em presença da autoridade de Mela.

Asclepiades Myrliano introduzio colonias Gregas na região de Galliza, e apezar do muito pouco credito de seus escriptos, adoptárão esta fabula Plinio e Silio, fosse pela semelhança dos nomes, ou porque lhe derão fé. Depois destes adoptárão o pensamento todos os Historiadores peninsulares e estrangeiros, que eu conheço, excepto Masdeu. As relações de Strabão e o texto de Polibio excluem absolutamente Gregos das regiões do norte de Hespanha, e por taes fundamentos eu não os admitto alem do Douro.

Valença, onde hoje está a columna, teve carta de povoação por ElRei D. Affonso 3.º, em 11 de Agosto da era 1300 (anno 1262), a qual está registada no livro dos Foraes velhos do Real Archivo, f. 64 v. Nesta carta declarou o Soberano, que o nome antigo do logar era *Contrasta*. Pertencia á Diocese de Tui, com a terra Portugueza d'entre Minho e Lima; mas seguindo, desde 1381, os Prelados de Tui o Antipapa Clemente 7.º se separou Valença em

1392, porque Portugal então obedecia a Bonifacio 9.°; constituio uma Administração Ecclesiastica, que com a outra da parte Portugueza do Bispado de Badajoz, se unio ao de Ceuta, e em 1512 se aggregou a Braga, em troca d'aquella parte de Badajoz, que lhe fôra adjudicada em 1479.

Lisboa 18 de Julho de 1849.

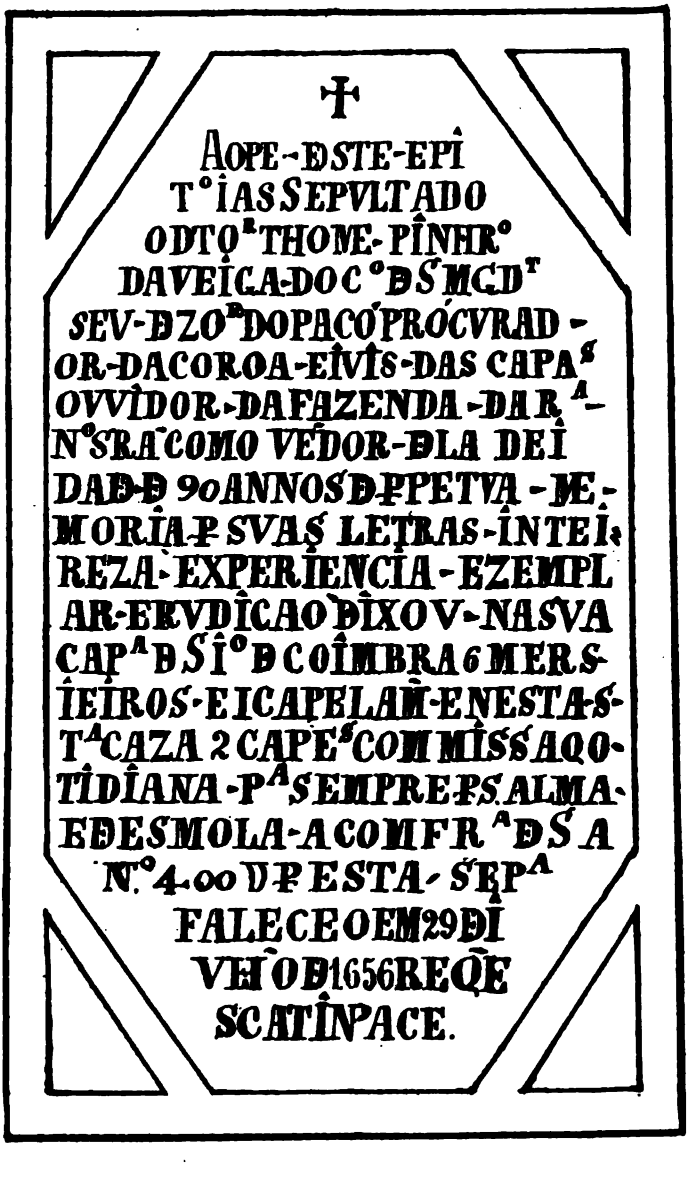
O Secretario perpetuo offereceo uma pedra sepulcral, com o epitaphio de Thomé Pinheiro da Veiga, acompanhada de uma nota relativa a este objecto, em que diz:

Offereço á Academia uma pedra sepulcral, com o epitaphio de Thomé Pinheiro da Veiga, que encontrei na cavalhariça da casa para onde me mudei na Rua da Quintinha N.° 53.

O epitaphio é o que se lê em frente, transcripto fielmente, como se acha esculpido na pedra.

Barbosa copiou, na Bibliotheca Lusitana (1), este epitaphio, com algumas incorrecções de que a mais essencial é a época da morte de Thomé Pinheiro da Veiga, que põe em 29 d'Agosto de 1656, trazendo-a o epitaphio em 29 de Julho do mesmo anno, o que Barbosa diz tambem, asseverando que este grande Jurisconsulto fallecêra de idade de 85 annos, e não de 90, como se lê no epitaphio. Se Thomé Pinheiro da Veiga nasceo em 1571, como refere Barbosa, é certo que, morrendo em 1656, não podia ter 90 annos de idade; comtudo parece que quem mandou fazer o epitaphio deveria saber a idade do defunto, e não admiraria que Barbosa fosse nisto menos

(1) T. III, pag. 759, col. 2.


✝
AOPE·DSTE·EPI
T°IAS SEPVLTADO
ODTO THOME·PINHR°
DAVEIGA·DOC°DSMGDT
SEV·DZOR DOPAÇO PROCVRAD-
OR·DACOROA·EIVIS·DAS CAPAS
OVVIDOR·DAFAZENDA·DARA-
N°SRA COMO VEDOR·DLA DEI
DAD·D 90ANNOS DPPETVA·ME-
MORIA P SVAS LETRAS·INTEI-
REZA·EXPERIENCIA·EZEMPL
AR·ERVDIÇAO DIXOV·NASVA
CAPA DSI°D COIMBRA 6 MERS-
IEIROS·E I CAPELAM·ENESTA·S-
TA CAZA 2 CAPES COM MISSAQO-
TIDIANA·PA SEMPRE PS ALMA-
EDESMOLA·ACOMFRA DSA
N°400 DPESTA·SEPA
FALECEOEM29DI
VH°OD1656REQE
SCAT IN PACE.

exacto, quando o foi em relatar os cargos que servio Thomé Pinheiro da Veiga, omittindo, a pesar de se mencionar no epitaphio que tinha á vista, o de Juiz das Capellas, em que fez os importantissimos serviços de que existem os documentos no Archivo da Torre do Tombo.

Mas deixando, para quem tiver mais interesse em discuti-la, a questão da idade de Thomé Pinheiro da Veiga, o que naturalmente desafiará a curiosidade é saber como a sua pedra sepulcral, collocada n'uma parede na Capella de S.to Antonio da Sé, foi parar a uma cavalhariça da Rua da Quintinha. Nenhuma explicação segura posso dar de similhante facto, mas, se me é permittido aventurar uma conjectura, parece-me que, cahindo pelo Terremoto a Capella de S.to Antonio da Sé, se tirou das suas ruinas a pedra de que se trata, para acabar com ella a obrigação dos suffragios de que a sua presistencia, repondo-se no lugar que occupava, era um testemunho authentico e constante; e talvez o sitio para onde foi removida, em que depois se edificárão casas, pertencesse aos bens deixados pelo finado, para satisfazer aos mesmos suffragios, ficando alli a pedra, que felizmente não foi mettida nos alicerces, ou encaixada em alguma parede, como tem acontecido a muitas.

Não seria este o unico exemplo do que se tem praticado em casos similhantes.

DONATIVOS.

Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias de Lisboa = 1.ª serie — 2.º anno — Julho de 1849 — 4.º um folheto. — Offerecido pelo Sñr. José Tedeschi.

Revista Militar, — Tomo 1.º — Lisboa 1849. — N.º 6 — Junho. — 4.º um folheto. — Offerecido pelo Sñr Fortunato José Barreiros, em nome da Direcção da Revista Militar.

Journal Asiatique, ou Recueil de Mémoires, d'Extraits et de Notices relatifs à l'Histoire, à la Philosophie, aux langues et à la Littérature des Peuples orientaux &c. = Quatrième série — Tome XIII. — N.º 64. — Avril — Mai 1849. — 8.º um vol.

Tables des Comptes rendus des Séances de l'Académie des Sciences [Instituto Nacional de França] *Deuxième semestre* 1848 — Tome XXVII. — 4.º g.de — um n.º

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences [Instituto Nacional de França] 1849 — *Premier semestre* — Tome XXVIII — N.os 21 — 22 — 23 — 25 — 26 = 4.º g.de 5 n.os

Abhandlungen der Mathematisch-Physikalischen Classe der Koeniglich Bayerischen Akademie der Wissenschaften — Fünften Bandes Zweite Abtheilung &c. Munchen [Memorias da Classe de Mathematica e Physica da Aca-

demia Real das Sciencias de Munich, 2.ª P.te do 5.º vol.] 1848. — 4.º g.de — um vol.

Annalen der Koniglichen Sternwarte bei Munchen, auf-offentliche Kosten heraus gegeben von Dr. J. Lainont [Annaes do Observatorio Real de Munich pelo D.or J. Lainont] — 1 Band — Munchen, 1848 — 8.º — um vol.

Die Chemie in ihrem verhaltnisse zur Physiologie und Pathologie &c. [A Chimica na sua relação á Physiologia e Pathologia], Munchen 1848 — 4.º g.de — um folheto.

Denkrede auf Joseph Gerhard Zucarini etc. [Elogio de José Gerhard Zucarini.] Munchen 1848. — 4.º g.de — um folheto.

Rede bei Eroffnung der sitzung der k. b. Akademie Wissenschaften am 28 *Marz* 1848, von Dr. Carl. Fried. Phil. v. Martius. [Discurso na abertura da Sessão da Academia Real das Sciencias de Munich, em 28 de Março de 1848, pelo D.or Carlos Frederico Filippe de Martius]. Munchen 1848. um fol. em 4.º g.de

Estas ultimas cinco publicações forão remettidas pela Academia Real das Sciencias de Munich.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Julho de 1849 (2.° do verão).

Dias do Mez	Temp. Exter.		Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força.	Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	9^h Man.	3^h Tarde			
1	61	90	*755,7	756,0		^{1}NE—^{1}N	Claro e mui calmoso
2	67	89	58,3	57,5		^{1}NE—N	Idem. Idem.
3	63	94	57,6	56,7		·NE—^{1}N	Idem. Idem.
4	68	93	58,0	57,1		B—SO	Idem. Idem.
5	63	85	59,4	58,4		·NE—^{2}N	Idem. Idem.
6	66	85	58,5	58,0		^{1}N—·NO	Idem. Idem.
7	64	87	60,2	59,2		·NO—O	Idem. Idem.
8	64	89	58,2	57,0		·NO—·SO	Idem. Idem.
9	66	89	57,0	56,7		·E—SO	Idem. Idem.
10	70	93	58,3	58,0		·E—NE	Idem. Idem.
11	71	*95	58,5	58,8		B—·O^{u}	Claro e nuvens, atmosphera mui vaporosa, calor intenso e apparencias de trovoada remota.
12	66	77	59,8	59,6		^{2}N—N^{3}	Claro — ar fresco.
13	66	77	59,4	58,8		^{1}N—N^{1}	Coberto e clarões — Claro e nuvens.
14	65	78	58,3	58,3		^{1}N—N^{2}	Claro e nuvens.
15	62	78	59,3	59,0		^{1}N—N^{2}	Coberto de madrugada, e depois claro — extremos do dia frescos.
16	62	79	58,3	57,7		^{1}N—N^{1}	Claro Idem.
17	63	91	57,5	57,3		·NE—N	Claro — Sol descorado, atmosph. vaporosa, é mui calmoso.
18	62	85	59,3	59,2		N·—NO^{1}	Claro — frescos os extremos do dia.

Dias do Mez	Temp. Exter. Min.	Max.	Barometro 9^h Man.	3^h Tarde	Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força.	Estado da Atmosphera.
19	60	83	759,7	757,8		^{1}N—N^2	Claro e nuvens.
20	61	76	56,8	56,5		NE—^{2}NO	Idem.
21	60	75	61,1	60,8		^{2}N—^{2}NO	Claro.
22	60	77	61,3	61,1		N—^{1}NO	Idem.
23	59	78	*61,5	60,5		^{1}N—NO	Idem.
24	62	75	58,9	58,0		^{1}SO—NO	Claro—Sol descorado, atmosphera vaporosa.
25	*57	77	58,3	57,8		N—N	Claro.
26	60	77	59,0	58,0		B—NO^1	Coberto e clarões—Extremos frescos.
27	61	77	59,3	59,6		^{2}N	Claro, Idem.
28	60	73	60,0	59,7		^{2}NO^1	Idem, Idem.
29	61	78	60,5	60,0		^{1}N—NO	Idem, Idem.
30	60	86	60,7	59,7		·NE—SO^1	Idem, Idem.
31	60	90	59,4	58,2		·NE—NO^1	Idem, Idem.
Med.	62,9	32,9	758,[illegible]	58,4		N.—NO.	Mui calmosa a primeira metade e regular a segunda — Completamente secco e regularmente ventoso.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE JULHO DE 1849.

Temperatura — Maxima 95° — Minima 57° — Dita media das madrugadas 62,°9 — Dita ás 3 horas da tarde 82,°9 — Dita media do mez 72,°1 — Variação media diurna 20° — Maxima dita 31.°

Alturas do Barometro na temperatura de 63.° — Maxima 760,7 millimetros — Minima 754,8 — Media 757,6. — Conservou-se quasi estacionario todo o mez differindo os extremos apenas 5,9 millimetros.

Ventos dominantes, contados em meios dias, e sua força. — N, 27 [1,0] — NO, 14 [0,7] — O, 2 [0,3] — SO, 5 [0,5] — NE, 9 [0,4] — E, 2 [0,2] B, ou V, 3 — Direcção do vento dominante N 10,°0 [0,7] — Madrugadas bonançosas 12 — Meios dias ventosos 10.

Estado da Atmosphera — Meios dias claros 48 — Claro e nuvens 9 — Cobertos 3 — Coberto e clarões 2. — Dias de calor notavel 20, nos quaes se comprehendem 15 assás intenso.

MORTALIDADE EM LISBOA.

Sexo masculino	— 188	maiores	— 177	menores	— total	365.
Dito feminino	— 140	dito	— 176	dito	— dito	316.
Sommão....	— 328	dito	— 353	dito.......		681,

em cujo numero se comprehendem 346 que fallecerão nos hospitaes, e outros estabelecimentos publicos. Ainda neste mez a mortalidade effectiva excedeo a normal, deduzida dos 12 annos antecedentes, em 62 individuos, ou dez por cento, sendo muito notavel a dos menores da Misericordia, que subirão ao avultado numero de 201.

M. M. Franzini.

ADVERTENCIA.

Os mezes de Agosto e Setembro são feriados na Academia; porém tendo havido motivo para se fazer uma Sessão extraordinaria d'Effectivos em Agosto, e outra em Setembro, publicão-se as suas Actas.

SESSÃO EXTRAORDINARIA D'EFFECTIVOS DO 1.° DE AGOSTO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Pedro Celestino Soares, Fortunato José Barreiros, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Antonio Lopes da Costa e Almeida, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Agostinho Albano da Silveira Pinto, Francisco Recreio, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos: Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario

Uma Portaria expedida pelo Ministerio do Reino, em 17 do corrente, determinando que faça a Academia subir áquelle

Ministerio, até 10 do proximo mez d'Agosto, o orçamento parcial da Despeza relativa aos seus Estabelecimentos, no anno economico de 1850 a 1851. Mandou-se cumprir.

O Officio que dirigio ao Lente que tinha sido de Zoologia o Sñr. Francisco d'Assis de Carvalho, convidando-o para reger a Cadeira do Curso Elementar d'Introducção á Historia Natural, e a resposta negativa do mesmo Sñr.

Approvarão-se as Instrucções propostas pelo Secretario para se darem ao Sñr. Carlos Bonnet, e assignou-se a Consulta a que forão juntas.

CONSULTA.

SENHORA. = Não se tendo dado ao Engenheiro Carlos Bonnet Instrucções especiaes, com o necessario desenvolvimento, para o cabal desempenho da sua Viagem Geologica e Mineralogica; e não podendo, por outra parte, repetir-se com facilidade a commissão que lhe foi encarregada, sendo por isso necessario tirar della todo o proveito possivel, pareceo á Academia Real das Sciencias conveniente, com o intuito de satisfazer a estes dois fins, ordenar o incluso Projecto de Instrucções, assignado pelo Secretario perpetuo da Academia, que tem a honra de levar á Augusta Presença de Vossa Magestade, a fim de que julgando-as diguas da Sua

Real Approvação, possão expedir-se ao referido Engenheiro.

Vossa Magestade porêm Mandará o que Fôr Servida. = Lisboa em 1 d'Agosto de 1849. = José Cordeiro Feio. = Antonio Diniz do Couto Valente. = Francisco Pedro Celestino Soares. = José Liberato Freire de Carvalho. = João da Cunha Neves e Carvalho Portugal. = Francisco Freire de Carvalho. = Mattheus Valente do Couto Diniz. = Antonio Albino da Fonseca Benevides. = Ignacio Antonio da Fonseca Benevides. = Agostinho Albano da Silveira Pinto. = Francisco Recreio. = Joaquim José da Costa de Macedo. = Forão votos os Sócios Effectivos = Francisco Ignacio dos Santos Cruz. = Francisco Elias Rodrigues da Silveira. = Fortunato José Barreiros = e Marino Miguel Franzini. =

Projecto de Instrucções para o Engenheiro Carlos Bonnet se dirigir por ellas, na sua viagem Geologica e Mineralogica do Reino.

Artigo 1.° Os exemplares das rochas devem ser tirados de todas as stratificações, indicando por Numeros, com referencia á Carta Geologica, as suas superposições respectivas.

Art. 2.° Quando a substancia de que for formada uma rocha variar de côr, devem vir exemplares de todas as côres.

Art. 3.° Alem dos exemplares das rochas em geral, no seu estado normal, deverá tambem remetter exemplares dessas mesmas rochas, que offerecerem algum facto geologico, ou novo, ou raro.

Art. 4.° Nas rochas calcareas conchiliferas *(Calcaire coquillier marin)* deve mandar collecções dos objectos fosseis conchiologicos que nellas se encontrarem, tirados com todo o cuidado, de modo que venhão inteiros e perfeitos, sendo indicados separadamente, por meio de numeros, os que pertencerem a cada rocha.

Art. 5.° Deverá notar a altura dos bancos das rochas sobre o nivel do mar.

Art. 6.° Alem dos exemplares das rochas, deve tambem remetter exemplares dos mineraes, procurando ajuntar a maior quantidade que lhe for possível de cristaes perfeitos dos mesmos mineraes.

Art. 7.° Nas camadas de combustiveis, alem dos exemplares no estado normal, deverá remetter quaesquer outros em que estiverem impressas figuras de plantas, e igualmente pedaços dos arbustos ou arvores carbonizadas, que nelles houver, de grandeza tal, que possa conhecer-se por elles os vegetaes a que pertencem.

Art. 8.° Deverá tambem mandar as géodas que poder colligir.

Art. 9.° Deverá remetter exemplares dos fosseis que descobrir nas suas viagens, quer animaes, quer vegetaes de qualquer qualidade que forem, incluindo nesta generalidade todos os objectos paleontologicos, e designando as localidades, tanto geographicas, como geologicas em que os encontrar: e quando algum dos fosseis for de tal grandeza, que exija maior despeza para ser tirado do sitio onde se achar, e para a sua conducção, o participará á Academia, observando a importancia scientifica do

objecto, para ella consultar a Sua Magestade, o que julgar conveniente, e Sua Magestade Resolver.

Art. 10.° Notará a possansa das minas metalicas, e de quaesquer outras que seja conveniente lavrar.

Art. 11.° De cada especiè de rochas, e de mineraes deverá mandar exemplares de grandeza tal, que possão formar-se delles, pelo menos, sete collecções, uma maior para a Academia, e seis para outros destinos.

Art. 12.° As conchas, tanto do mar, como fluviaes e terrestres, devem vir completas e perfeitas, sem serem roladas; e quando se achar nos portos de mar, em occasião de tempestades, não deve então deixar de procura-las; porque é nessas occasiões que o mar arroja maiores quantidades dellas ás praias; assim como tambem as plantas maritimas, Zoofitos etc. As Conchas devem remetter-se em embrulhos separados, com uma indicação do sitio em que forão apanhadas.

Art. 13.° Quanto aos insectos, deverão ser enviados com as precauções que costumão empregar-se no transporte de similhantes animaes.

Art. 14.° Se nas visinhanças, mais ou menos proximas, das grandes montanhas houver alguns penedos erraticos *(blocs erratiques)*; será conveniente examinar a causa destes factos geologicos, tomando em consideração o systema expendido por Mr. Wisse *(Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences*, N.° 10), 5 de Março de 1849; e comparando-o com os outros systemas que se tem formado para explicar o mesmo fenomeno.

Art. 15.° Recommenda-se a Mr. Bonnet, que dirija a sua attenção á formação das montanhas dolomiticas, tendo em vista as observações feitas sobre este assumpto por Mr. Favre de Genebra, *(Comptes rendus hebdomadaires*

des Séances de l'Académie des Sciences) N.° 11, de 12 de Março de 1849.

Art. 16.° Tendo sido questão debatida entre os Geologicos se ha as verdadeiras Nummulitas em terrenos de differentes formações, e a que formação pertencem; e tendo-se ultimamente observado pelos Sabios reunidos no Congresso de Veneza, que as Nummulitas não se achão normalmente na greda inferior, julgando-se por isso que existem n'uma só formação, que é a terciaria, occupando o lugar do terreno terciario éoceno, será conveniente que Mr. Bonnet verifique este facto, averiguando se no caso de se achar exemplo em contrario, de que já se tem notado algum, é excepcional, e provêm de deslocação das camadas de que originariamente erão formados os terrenos.

Art. 17.° Deverá examinar se ha cavernas em que existão ossadas d'animaes, e mandar exemplares dos fragmentos dessas ossadas, taes que á vista delles possão determinar-se as especies d'animaes a que pertencêrão.

Art. 18.° Ha perto de Setubal, sahindo para o Nascente, sobreposto ás areas soltas da colina proxima da Villa, e das margens do Rio Sado, um rochedo chamado *Pedra furada*, que é notavel, tanto pela sua configuração, como pela sua formação geologica, em que se observão tubos cylindricos e ocos etc. (Vide *as Memorias da Academia Real das Sciencias*, Tomo xii, Parte i, *Sciencias Naturaes*, paginas 59 e seguintes). Convêm reconhecer cuidadosamente este rochedo, e trazer exemplares de tudo o que nelle houver de singular, e especialmente dos canudos de diversas dimensões, e composição. = Joaquim José da Costa de Macedo, *Secretario perpetuo da Academia.*

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Agosto de 1849 (*3.° do verão*).

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera		
	Min.	Max.	Med.	9ª Man.	3ª Tarde					
1	63	83	73	757,5	757,0		[1]SO—[1]NO	○	○	
2	62	76	69	59,0	57,6		[1]NO	◍	○	
3	61	81	71	57,6	55,7		[1]SO—[1]N O	○	○	
4	62	78	70	54,8	54,1		·SO	⊖	○	Extremos frescos e dia quente.
5	64	77	70	57,1	57,1		·SO	●	○	Nevoeiro matutino denso — Extremos frescos.
6	63	80	71	59,2	59,0		B--SO--NO	○	○	
7	63	79	71	61,5	60,7		B--SO-.NO	◒	○	Noite bonançosa e humida.
8	65	81	73	60,2	59,4		B—·SO	○	◒	Calor e ar humido.
9	63	82	72	60,0	59,8		·N—[2]NO	○	◒	Muito quente.
10	62	82	72	59,5	58,2		[1]N[2]	◒	○	Idem, e os extremos frescos.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força.			Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9^h Man.	3^h Tarde					
11	59	82	70	59,5	59,2		B—SO—N	○	○	Idem. Idem.
12	64	79	71	60,0	59,3		B—·SO	○	○	Idem e ar humido.
13	67	81	74	59,8	59,6		·SO—^{2}N	◒	◒	Idem. Idem.
14	60	78	69	60,4	59,8		*^{1}N^2	◒	○	
15	63	85	74	59,0	57,1		^{2}N^3	○	○	
16	63	78	70	59,0	58,7		^{2}N^3	○	○	
17	61	77	69	60,3	60,0		^{1}N^2	○	○	Extremos muito frescos.
18	60	74	67	61,1	60,5		^{2}N^3	○	○	Idem.
19	*57	82	69	*62,7	61,6		^{1}NE^2	○	○	Idem.
20	67	85	76	61,6	61,2		^{1}NE^2	○	○	Mui calmoso, e tarde fresca.
21	67	89	78	60,2	58,0		^{1}NE	◒	○	Idem. — Noite calmosa.
22	63	90	76	57,2	57,0		B—SO—NO	◒	○	Idem — ar humido.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes e sua força	Estado da Atmosphera.		
	Min.	Max.	Med.	9h Man.	3h Tard.					
23	63	83	73	57,4	57,2		·V—B	⊖	○	Calmoso, e humido — atmosphera vaporosa.
24	62	80	71	57,3	56,9		B	⊖	○	Idem, Idem.
25	67	* 92	79	57,4	57,0		B—NE—NO	○	○	Idem.
26	67	* 92	79	58,0	57,6		B—SO	○	○	Idem.
27	61	78	69	58,4	57,9		B—SO	○	○	Idem.
28	59	74	66	58,6	58,0		B—ISO—NO	○	○	Idem — Extremos muito frescos.
29	60	76	68	58,5	58,1		B—ISO— O	●	●	Horizonte muito vaporoso e ar muito humido.
30	61	75	68	57,5	57,0		B—ISO	⊖	⊖	Nevoeiro matut. orvalho abund. e dia calmoso.
31	59	73	66	54,0	*53,8	2	B—ISO	⊕	●	Idem e pequeno aguaceiro ao meio dia.
Med	62,5	80,7	70,7	758,8	758,2	2	SO—N—NO			Calmoso, falto de chuva, e regulármente ventoso.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE AGOSTO DE 1849.

Temperaturas,

Minima a 19 . . . . 57°
Maxima a 25 26 92
Variação med. diurna . . 18,2
Maxima a 22 . . . . 27.

Barometro na tp.ª de 63°

Max.ª altura a 19, 761,8 } Variação
Minima . . . . a 31 53,0 } dos extremos
Media . . . . 57,7 } 8,8 millim.

Advertencia — As temperaturas medias diarias vão notadas em numeros inteiros, desprezando-se as fracções de gráo, e só a temperatura media geral do mez, é notada rigorosamente, servindo esta declaração para os mezes futuros.

Ventos dominantes e sua força.

1,1 0,8 1,0 0,6— 1,1
N, 17 — NO, 6 — O, 1 — SO, 20NE, 5 — B ou V, 13
0.8
— Direcção media N, 56. 0 — Madrugadas bonançosas 19
— Meios dias ventosos, 15,

Estado da Atmosphera.

Meios dias claros 14 — Claro e nuvens 6 — Cobertos 4 — Cobertos e clarões 6. — Dia em que choveu 1, fornecendo a tenue quantia de 2 millimetros — Nevoeiros matutinos 3 — Dias de calor notavel 19, sendo 13 intensos, os quaes se manifestárão desde 11 até 16, e desde 20 até 26 com o ar muito humido.

Mortalidade em Lisboa.

Sexo masculino	— 190 maiores	— 181 menores	— tot.	— 371.
Dito feminino	— 172 ditos	— 169 ditos	— dit.	— 341.
Sommão	. . . . . 362 ditos	— 350 ditos	— dit.	— 712.

Incluindo 386 que fallecêrão nos hospitaes, dos quaes 220 forão menores pertencentes á Misericordia. Segue-se que a mortalidade deste mez excedeu a normal deduzida dos annos antecedentes, em 7 por cento, confirmando a regra invariavel de ser o mais mortifero do anno nesta cidade.

Explicação para a intelligencia dos signaes caracteristicos adoptados para indicar o estado da atmosphera — A 1.ª columna indica o estado predominante da manhã, e a segunda o da tarde.

Claro
Claro e nuvens
Idem em metade da manhã ou da tarde
Coberto
Idem em metade da manhã on da tarda
Coberto e clarões
Idem em metade da manhã ou da tarde
Chuva permanente
Coberto e chuvas alternadas
Chuvas de aguaceiro, alternadas com clarões
Nevoeiro
Claro vaporoso, ou com o Sol descorado.

M. M. Franzini.

SESSÃO EXTRAORDINARIA D'EFFECTIVOS DE 19 DE SETEMBRO.

Presidio o Sñr. José Cordeiro Feio.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.^{es} Antonio Diniz do Couto Valente, José Liberato Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Recreio, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Agostinho Albano da Silveira Pinto, D.^{or} Filippe Folque, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos: Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos.

COMMUNICAÇÕES.

Apresentou o Secretario os Requerimentos de todos os que pertendião ser providos na Cadeira do Curso elementar de Introducção á Historia Natural, que se vai abrir na Academia, sendo os pretendentes os seguintes:

Os Sñr.es D.or Luiz Maria das Neves e Mello
José Vicente Barbosa du Bocage
Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreu
Francisco Antonio Pereira da Costa
Guilherme José Antonio Dias Pegado
Manoel Antonio Ferreira Tavares
João de Andrade Corvo
José Lourenço de Carvalho
José Tedeschi
Miguel de Macedo e Brito do Ó.

E tendo de votar-se por escrutinio secreto, sobre os que devião ser providos, tanto na propriedade, como na substituição da Cadeira, assentou-se que o mais votado fosse proprietario, e o immediato em votos substituto.

Passando-se á votação tiverão o Sñr. Francisco Antonio Pereira da Costa 13 votos, o Sñr. Guilherme José Antonio Dias Pegado 11, o Sñr. D.or Luiz Maria das Neves e Mello 3, e o Sñr. José Vicente Barbosa du Bocage 1 voto, consequentemente ficou nomeado Lente o Sñr. Francisco Antonio Pereira da Costa, e Substituto o Sñr. Guilherme José Antonio Dias Pegado. Determinou-se que se lhes fizessem as competentes participações, convidando-os a comparecer na Academia, para se combinar com elles como e quando se ha-de abrir o Curso.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Setembro de 1849 (4.° do verão).

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera
	Min.	Max.	Med.	9ª Man.	3ª Tarde					
1	61	74	67	756,4	757,0	2	¹SO¹			Ar humido.
2	64	74	69	58,1	58,7		O²—¹NO·			Seco.
3	58	73	65	60,6	60,1		*NO¹—O			Idem e muito fresco.
4	58	71	64	58,5	57,3	2	B—SO.		Id.	Nevoeiro no horisonte.
5	59	74	66	55,4	54,8	25	*¹SO—³S¹	Id.		Apparencias de trovoada remota, chuva abund.
6	57	71	64	56,1	56,4		*¹SO·			
7	59	71	65	58,0	58,6		*SO		Id.	
8	58	73	65	60,2	59,4		·OS*			Nevoeiro matutino no horisonte; mui humido
9	60	74	67	58,4	57,8	1	*¹SO·			Horisonte vaporoso.
10	60	75	67	53,9	51,1	3	*¹SO²	Id.		

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força.	Estado da Atmosphera.		
	Min.	Max.	Med.	9h Man.	3h Tarde					
11	59	70	64	50,3	52,6	1	NO			
12	59	70	64	57,0	59,8		*SO—O			
13	60	78	69	*62,6	62,5		*SO	Id.		
14	60	80	70	62,2	60,5		·V—·SO—N^{1}	Id.		
15	62	80	71	61,5	61,6		·V—·SO			Calor intenso; e ar mui humido.
16	65	79	72	60,8	59,8		B—SO·			Horisonte vaporoso, calor intenso.
17	67	72	69	59,8	57,4		*SO			Noite mui humida.
18	59	72	65	58,3	58,0		*SO—O·			
19	59	*81	70	57,6	56,8		·V—SO·			Apparencias de trovoada remota — mui quente.
20	62	73	67	56,0	55,0		·O—^{1}SO·			Relampagos ao NE ao anoitecer.
21	62	75	68	54,5	54,5		*SO			Idem ao SE.
22	62	76	69	57,3	58,1		*^{1}SO·			Arco Iris de manhã.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes e sua força			Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9h Man.	3h Tard.					
23	63	77	70	61,7	58,7		B—SO			
24	64	77	70	54,2	52,0	7	·E--¹SE--¹S			Appar. de trovoada ; ar mui quente e humido.
25	65	77	71	47,9	*46,7	31	B—S¹	Id.	Id.	Ar mui humido e quente.
26	60	67	63	48,1	51,2	1	²N—NO		Id.	Ar fresco e seco.
27	* 54	72	63	57,6	59,4		*¹SO			
28	63	70	66	57,4	57,0	9	²S—¹SE			Vento mui rijo.
29	66	76	71	52,6	52,0	1	¹S—¹SO	Id.		Idem.
30	65	77	71	57,6	57,6		¹SO			
Med	61	74,3	66,7	757,0	756,7	83	SO—O			Temperatura fresca, chuvoso e pouco ventoso.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE SETEMBRO DE 1849.

Tempertura.

Minima a 27. 54
Maxima a 19. 81
Variação media diurna. . . 13,3
Maxima a 19. 22

Barometro na tp.ª de 63°

Max.ª altura a 13	762,1	Variação
Minima a . . 25	46,0	dos extremos
Media.	56,2	16,1 millimetros.

Ventos dominantes e sua força.

1,3	0,4	0,4	0,6	1,4	0,2	1,3
N,1 —	NO,5 —	O,6 —	SO,34 —	S,4 —	E,1 —	SE,2 —
				0,6		

V ou B, 7 Direcção media S, 61° O — Apparecêrão bonançosas todas as madrugadas á excepção de 4. — Meios dias ventosos 8.

Estado da Atmosphera.

Meios dias claros 6 — Claro e nuvens 18 — Coberto 5 — Coberto e clarões 9 — Dias em que choveu 11, tor-

necendo 83 millimetros, ou mais do duplo da quantidade normal, anticipando-se 15 dias a apparição das primeiras chuvas — Nevoeiros no horisonte 2 — Dias de calor notavel 6.

Martalidade em Lisboa.

Sexo masculino	—184	maiores	—135	menores	—tot.	—319
Dito feminino	— 157	ditos	—138	ditos	—dit.	—295
Sommão	341	ditos	—273	ditos	—dit.	—614

incluindo-se 332, que fallecêrão nos hospitaes, dos quaes 168 forão menores procedentes da Misericordia, sendo portanto normal a mortalidade do mez, segundo as observações dos annos antecedentes.

M. M. Franzini.

ACTAS

DAS

SESSÕES

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA.

1849. — N.° VI.

SESSÃO LITTERARIA DE 10 *DE OUTUBRO*:

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Pedro Celestino Soares, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides,

Marino Miguel Franzini, Fortunato José Barreiros, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Recreio, Socios Effectivos: Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; Antonio Maria da Costa e Sá, e o D.or Bernardino Antonio Gomes, Socios Livres; Antonio Caetano Pereira, Socio Correspondente.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario

1.° Uma Portaria expedida pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, em 8 de Setembro precedente, remettendo ao Secretario perpetuo da Academia a Tabella que faz parte do Decreto de 27 de Julho ultimo, relativa á distribuição da despesa daquelle Ministerio, para o corrente anno economico de 1849 a 1850, a fim de que nos termos da mesma Tabella faça processar as competentes Folhas, não se inserindo nellas qualquer verba que não esteja expressamente comprehendida nos limites legaes.

Mandou-se cumprir.

2.° Outra Portaria, expedida pelo mesmo Ministerio do Reino em 14 do referido mez, participando á Academia, para os effeitos devidos, que no dia 24 seguinte se havião de celebrar na Igreja de S. Vicente de Fóra Officios funebres pela alma de S. M. I. o Senhor Duque de Bragança aos quaes S. M. a Rainha tencionava assistir.

3.° Outra Portaria expedida pelo Ministerio dos Nego-

cios Estrangeiros no 1.° do corrente, mandando remetter ao Secretario perpetuo da Academia, para os fazer presentes a esta Corporação Scientifica, os dois primeiros volumes das Memorias da Sociedade Imperial d'Archeologia e Numismatica de S. Petersbourg, offerecidos por ella á Academia, acompanhados da copia d'uma Nota do Ministro da Russia, a fim de que a Academia, inteirando-se do seu conteudo, resolva o que julgar conveniente sobre a proposta que na mesma Nota se faz.

4.° A Nota do Ministro da Russia, a que se allude na Portaria supracitada, é a seguinte.

Monsieur le Ministre. La Société Impériale d'Archéologie et de Numismatique de St. Pétersbourg m'ayant fait tenir un exemplaire des deux premiers volumes de ses Mémoires destinés à l'Académie Royale des Sciences de Lisbonne, je m'empresse de les placer sous les auspices de Votre Excellence.

En vous priant, Monsieur le Ministre, de faire agréer cet envoi à l'Académie Royale, comme um témoignage du désir d'entretenir avec elle des relations scientifiques, je me fais un agréable devoir de vous offrir dès à present mes bons offices pour l'échange de communications et envois qui pourraient s'établir entre ces deux Institutions Scientifiques.

Veuillez agréer, Monsieur le Ministre, l'assurance renouvellée de ma haute considération. = S. Lomonosoff etc. =

5.° A carta abaixo transcripta do D.^or^ B. de Koehne, Secretario da Sociedade d'Archeologia e de Numismatica de S. Petersbourg, enviando as obras publicadas pela

Sociedade, e exprimindo o desejo que ella tem de estabelecer correspondencia scientifica com a Academia.

Société d'Archéologie et de Numismatique de St. Pétersbourg — N.° 231. — Ce $\frac{16}{28}$ Juin 1819 — 'A l'Académie Royale des Sciences à Lisbonne — La Société d'Archéologie et de Numismatique, confirmé par Sa Majésté l'Empereur désire d'avoir l'honneur d'entrer en correspondance avec l'Académie Royale des Sciences de Lisbonne et me charge de présenter à l'Académie les huit Numéros de Mémoires qu'elle a publiés jusqu'à présent. Trois de ces Numéros forment un volume ou une année; outre ces Mémoires la Société publiera aussi des — Monuments — en grand format, dont le premier Numéro paraitra dans quelques mois.

La Société désire vivement échanger contre ces Mémoires, les publications de l'Academie Royale, surtout celles qui concernent l'histoire, les antiquités et la numismatique, en la priant de vouloir bien envoyer sous son adresse à Son Excellence Monsieur de Lomonosoff, Ministre de Sa Majésté l'Empereur auprés de Sa Majésté Très-Fidéle, tout ce qu'elle veut bien nous destiner.

Avec une parfaite considération j'ai l'honneur d'être = De l'Académie Royale = Le très humble et très obeissant serviteur = Le D.r B. de Koehne, Adjoint du Directeur des Musées du Roi, Secrétaire de la Société d'Archéologie et de Numismatique etc. = 'A l'Académie Royal des Sciences. Lisbonne.

A Academia decidio que se agradecesse a remessa da

Sociedade de Archeologia e Numismatica de S. Petersbourg, se aceitasse a sua correspondencia, e se lhe mandasse a 2.ª Serie das nossas Memorias.

COMMUNICAÇÕES.

O Sñr. José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello-Branco offereceo á Academia tres Inscripções, uma Portugueza da Fortaleza do Ceará, e duas Romanas, com a sua explicação.

Determinou-se que se lhe agradecessem, e que se publicassem nas Actas.

Inscripção da Fortaleza da Cidade do Ceará.

O Sñr. Tenente General Visconde da Lançada sendo Governador da Capitania do Ceará, no Estado do Brazil, então Colonia Portugueza, e hoje Imperio independente, mandou em 1816 levantar uma fortaleza no porto da Capital do seu governo, por esse tempo Villa da Fortaleza, e agora Cidade do Ceará, e sobre ella fez gravar a seguinte inscripção:

INFORMEM MONTEM ME DERISERE CARINAE,
NUNC ARCEM MAGNAM RESPECTU LONGE PAVESCUNT:
HIC ME SAMPAIUS, SEXTO REGNANTE JOANNE,
FUNDAVIT PULCHRAM: PAULET CURA REFULGET:
MURIS ME FORTEM REDDUNT CIVILIA DONA,
ARMIS ME FORTEM FACIUNT MUNERA REGIS.

Escarnecião de mim os navios, porque era disforme penedia; mas agora, que sou uma grande fortaleza, respeitosos os suspendo ao longe. Reinando João o Sexto, Sampaio mandou aqui erigir-me formosa, e Paulet disvelou-se em tornar-me brilhante. Levantárão-me os dons gratuitos dos cidadãos, e as armas devidas á munificencia Real me tornão forte.

Dá noticia do Governador o Sñr. Manoel Ignacio de Sampaio e Pina, hoje Visconde da Lançada, e do Secretario do Governo, Antonio José da Silva Paulet, Official de Engenheiros, que levantou a carta da Capitania por um methodo inventado pelo Sñr. Visconde, e morreu Brigadeiro. Finalmente nota haver sido a fortaleza construida por donativo dos povos, e guarnecida com umas peças de artilheria, que os Governadores do Reino dispensárão ao mesmo Sñr. Visconde, em agradecimento dos navios, que enviou com mantimentos a Lisboa, quando os Francezes a cercavão.

Com quanto o Brasil esteja separado de nós, parece-me dever conservar-se memoria desta inscripção, até agora não publicada; porque importa á nossa historia, para a qual julgo preciso ir buscar noticias a todos os contornos da terra: por isso a offereço aos Sabios Academicos, como testemunho da minha consideração.

Duas inscripções Romanas do termo de Cintra.

QATRIVSM
CALSIVERVS
H. S. E.

Quaestor AEdilis Tribunus vivens sibi monumentum Galerius Siverus [fecit]. *Hic situs est.*

Está em uma Urna cineraria, que serve de Pia no lugar do Morlinho, uma legoa da villa. Foi copiada pelo Marechal Duque de Saldanha.

O Sñr. Guarda Mor interino do Real Archivo da Torre do Tombo, Lente da Cadeira de Diplomatica, assentou, que a letra era *Romana Rustica*, e identica á do fragmento de uma Lei Romana transcripto por Mabillon na sua obra *De Re Diplomatica*, p. 345, e pelos *Novos Diplomaticos*, tom. 2.° p. 539 pl. 24, 4.ª especie, n.° 4.

Sobre sua interpretação julgo, que não haverá erro em dizer « *Sepultura de Sivero da Tribu Galeria Questor, Edil, e Tribuno, que vivendo mandou fazer este monumento para si*. Ao menos eu não concluo outra cousa do Commentario ás Notas dos Romanos por Sertorio Ursato.

PNAM
PAVLLMAS
GOMINIVSLP
CALTANCINVS
H. S. E.

Pecunia mater Paula libente monumentum animo solvit. Gominius Libripens Galerius Tancinus hic situs est.

Abrio-se em lapide de 8 palmos de comprido e 2 $\frac{1}{2}$ de largo, que está servindo de pedestal a uma cruz no muro da Quinta da Madre de Deos da Ribeira da villa, que fundárão e vinculárão os dous Irmãos Principaes Gonçalo de Sousa, e D. Diogo de Sousa. Copiou-a o Sñr. Conde do Redondo, actual administrador da dita Quinta.

O mesmo Sñr. Guarda Mor julgou, que as notas se podião classificar como de tempos proximamente anteriores ao Reinado de Augusto, no qual continuava em uso a letra *Romana Rustica*.

Pela minha parte, á vista daquelle commentario, penso, que esta inscripção diz « *Sepultura de Gominio Tancino da Tribu Galeria Comprador de Escravos. Sua mãi Paula de boa vontade lhe mandou fazer á sua custa este monumento.* »

Estas inscripções offerecem grande difficuldade como todas as do seu genero: entretanto se eu entendi bem o Commentador, de que me sirvo, parece, que ellas dizem alguma cousa conveniente á nossa historia do tempo do dominio da Republica Romana.

Alguem terá escrupulo sobre a nota *Cal*, que eu traduzi *Galeria* mudando o *c* em *g*; porém, fóra de ser commum esta mudança, as palavras *Calsiverus* e *Caltan-*

cinus não significão cousa alguma, e isto não succede a *Gal. Siverus*, e *Gal. Tancinus.*

Á Tribu Galeria se aggregavão Hespanhees, segundo escreveo, com outros, Valerio Chimentellio, e o provão muitos marmores da Peninsula, e de terras estranhas: de mais disso *Sivero* e *Tancino* são nomes conhecidos, e, particularmente *Tancino da Tribu Galeria*, nesta cidade.

Conforme Fabio Pictor escreveo Paulo Manucio, que ElRei Servio Tullio dividira o Povo Romano em trinta Tribus, e Onufrio Panvinio referio, que erão quatro urbanas, e vinte e seis ruraes. Este ultimo collocou a Galeria em n.° 10 ou 6.° da segunda ordem, e entendeo, que a denominação fôra de lugar e não de familia, porque esta ainda não era conhecida. Fóra destes um outro disse alguma cousa sobre a materia, que foi Carlos Sigonio: pareceo-lhe, que devia ácerca da Tribu Galeria appellar tambem para o lugar, porque, ignorando-se a razão do nome, havia exemplo na Tribu Vijentina, da qual se sabe por Cicero, que do lugar se chamára.

Na segunda inscripção a nota *L.P.* *[libripens]* da terceira linha, póde significar tanto *Negociante de Escravos*, como *liberto*, e ainda *Pagador do Exercito* ou *Prefeito*, *que assistia ao pagamento das Tropas*, então feito a peso, e não a contagem. Talvez que a pessoa de Gominio Tancino podesse ser qualquer destas cousas, na qualidade de cidadão adscripto a uma Tribu rural; e se eu o inclui na classe do commercio, de boamente o darei a outra, quando algum aresto positivo me tire da incerteza.

MEMORIAS LIDAS.

Leo o Secretario uma parte da *Analyse da Agua mineral das Caldas da Rainha*, que offereceo á Academia o Sñr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel; e foi entregue ao Sñr. Director da Classe de Sciencias Naturaes para ser censurada.

DONATIVOS.

Decreto de 27 *de Julho de* 1849 *autorisando para o anno economico de* 1849 *a* 1850, *nos termos das Cartas de Lei* de 30 *de Junho, e de* 9 *deste mez, a Tabella das Despesas deste Ministerio no dito anno, que está junta.* — fol. — 1 vol. — Remettido pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino.

Trovas e Cantares de um Codice do XIV Seculo: ou antes, mui provavelmente « O Livro das Cantigas do Conde de Barcellos: (com dois fac-similes) — Madrid — 1849 — 8.° — 1 vol.

Memoria sobre la Pesca de Sardina en las Costas de Galicia. Por D. Josef Cornide, Regidor de la Ciudad de Santiago. Madrid 1774. — 4.° — 1 vol. Estas duas obras forão offerecidas pelo Sñr. Francisco Adolfo de Varnhagen, que publicou a 1.ª

Discursos politicos sobre la Legislacion y la Historia del antiguo Reino de Aragon. Por D. Javier de Quinto, de la Academia de la Historia. Del Juramento politico de los antiguos Reyes de Aragon. Madrid 1848 — 4.° g.de — 1 vol. Offerecidos pelo Autor.

Historia politica, religiosa y descriptiva de Galicia, por Don Leopoldo Martinez de Padin. Tomo 1.° — 4.° g.de — 1 vol. — Offerecida pelo Autor.

Mémoires de la Société d'Archéologie et de Numismatique de St. Pétersbourg. Publiés par B. de Kohne — St. Pétersbourg — 1847 a 1849 — Tomo 1.° — N.os 1 a 6 — Tomo 2.° — N.os 7 e 8 — 8.° g.de — 8 folhetos.

ASSEMBLEA EXTRAORDINARIA D'EFFECTIVOS DE 10 DE OUTUBRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.ˢ Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Pedro Celestino Soares, José Cordeiro Feio, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Fortunato José Barreiros, Agostinho Albano da Silveira Pinto, Francisco Recreio, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario as Portarias seguintes:

1.ª

Sua Magestade, A Rainha, Manda remetter a cada uma das Autoridades superiores, dependentes do

Ministerio do Reino, o incluso exemplar do Relatorio que por esta Repartição fóra apresentado ás Cortes na Sessão Legislativa do anno de 1849 sobre o estado de execução das Leis administrativas: E Ha por bem ordenar o seguinte:

1.° Que as mesmas Autoridades, dando cumprimento ao Decreto de 25 de Fevereiro de 1841, publicado no Diario do Governo N.° 58, fação organisar um Relatorio mui circumstanciado ácerca das necessidades da administração a seu cargo, para que esses trabalhos possão servir de base ao Relatorio geral que, pelo Ministerio do Reino, hade ser offerecido ao exame e consideração das Camaras Legislativas na sua primeira reunião em 1850.

2.° Que para a organisação dos seus Relatorios devem as Autoridades ter em vista as Consultas e correspondencia official dos Corpos collectivos, ou dos funccionarios subalternos, e bem assim as representações dos povos, e quaesquer informações e mappas estatisticos sobre os diversos ramos de serviço, a fim de ser cabalmente reconhecido o resultado da execução das Leis e Regulamentos, e ser bem comprovada a existencia, e o remedio das necessidades publicas.

3.° Que nos Relatorios serão propostas as medidas necessarias para se promoverem todos os melhoramentos sociaes, ou sejão por meio de novas providencias legislativas, ou pela reforma ou modificação da Legislação actual; devendo os mesmos Relatorios ser para isso instruidos com os Projectos de propostas de Lei indispensaveis, e com a Estatistica, Orçamentos, e mais documentos justificativos dessas providencias.

4.° Que os Relatorios acima mencionados devem ser imperterivelmente remettidos a este Ministerio, nos termos do citado Decreto de 25 de Fevereiro de 1841,

até 30 de Novembro do corrente anno, sem que as Autoridades fiquem dispensadas dos outros Relatorios que pela Legislação ou Regulamentos devão ter lugar, especialmente dos que os Delegados do Conselho superior de Instrucção Publica são obrigados pelo Decreto com força de Lei de 20 de Setembro de 1844, e Regulamento de 10 de Novembro de 1845, Artigo 37, § 4.°, a enviar-lhe até ao fim do mez de Setembro de cada anno.

O que assim se participa, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, á Academia Real das Sciencias, para sua intelligencia e execução na parte que lhe toca. Paço de Mafra em 10 de Agosto de 1849. = Conde de Thomar. =

Resolveo-se que se trataria deste negocio na primeira Sessão d'Effectivos.

2.ª

Sua Magestade, A Rainha, Manda pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, remetter á Academia Real das Sciencias de Lisboa os Quisitos inclusos, para que haja d'informar com a maior exactidão e possivel brevidade, o que se lhe offerecer a respeito de cada um delles, em relação á sua Bibliotheca. Paço de Cintra em 16 de Agosto de 1849. = Conde de Thomar. =

Quisitos relativos á Bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

1.° Qual é a data da sua fundação?

2.° Debaixo de que Regulamentos ou restricções se acha ella aberta ao publico?

Quantos dias, em relação aos 365?

E por quantas horas cada dia?

Está aberta nos dias santificados, ou de noite?

3.° Quantos leitores, termo medio, frequentão diariamente a Bibliotheca?

Suppondo que se exige uma licença para ser admittido na Bibliotheca, quantas licenças por anno tem sido concedidas durante os dez ultimos annos de 1839 — 1848?

4.° Suppondo que a entrada na Bibliotheca é inteiramente livre, tem disto resultado alguma desordem?

5.° Quaes são as sommas dispendidas annualmente para a conservação e augmento da Bibliotheca, e de que fundos sahem essas despesas?

Qual é a quantia destinada para a compra de Livros?

6.° Qual é o numero, graduação, e quaes as attribuições e vencimentos do Bibliothecario, 2.° Bibliothecario etc.?

7.° Quantos volumes impressos possue a Bibliotheca?

Quantas obras em brochuras tem, pouco mais ou menos?

Quantos volumes mss.?

São as brochuras contadas separadamente na numeração dos volumes?

Se assim é, qual o seu numero?

8.° Qual é, pouco mais ou menos, o numero dos volumes impressos que em cada anno se accrescenta á Bibliotheca?

9.° Os Livros da Bibliotheca são emprestados para se lerem fóra?

Se o são, debaixo de que condições?

10.° Qual é o numero de Livros, assim emprestados, termo medio, durante os dez annos acima referidos?

11.° A pratica d'emprestar livros tem alguma vez sido prejudicial?

Tem os livros sido pedidos, ou restituidos em máo estado?

12.° Ha Catalogos completos dos livros impressos da Bibliotheca?

Se os ha, são elles redigidos alphabeticamente segundo os nomes dos Autores, ou por ordem de materias?

Estes Catalogos tem sido impressos, e quando?

13.° A Bibliotheca tem direito a um, ou mais exemplares dos livros que se publicão no paiz?

Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino em 16 de Agosto de 1849 = Joaquim José Ferreira Pinto da Fonseca Telles.

Mandou-se cumprir.

3.ª

Sua Magestade, A Rainha, a quem foi presente, por Consulta da Academia Real das Sciencias, de 24 de Janeiro deste anno, que o D.or Welwitsch colligira nas Provincias deste Reino um Herbario da Flora Portugueza, preparado com perfeito conhecimento da sciencia, e com todos os cuidados da arte, e que elle não duvidava contratar a venda desta collecção por certo preço e determinadas condições;

Considerando que a adquisição do mencionado Herbario, assim preparado, póde concorrer muito para se promoverem os interesses do ensino publico, e que para a compra delle se acha o Governo autorisado pela Lei de 30 d'Abril de 1849:

Ha por bem, conformando-se com o parecer da mesma Academia resolver o seguinte:

1.º É autorisada a Academia Real das Sciencias para comprar o Herbario da Flora Portugueza, colligida pelo D.or Welwitsch, por preço d'um conto de réis votado pela Carta de Lei de 30 d'Abril de 1849, sendo pago em prestações correspondentes ás porções do Herbario, que for entregando.

2.º Cada uma das partes do Herbario, á proporção que for entregue, será examinada por uma Commissão composta de Vogaes da Academia, e do Lente de Prima da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, José de Sá Ferreira Santos do Valle, ora residente em Lisboa, para se verificar o bom estado das plan-

tas, a exacção da classificação, e as demais circunstancias necessarias.

3.° O Presidente da Commissão acima mencionada participará ao referido Lente o local e os dias em que hade concorrer para os exames de que ella é encarregada.

4.° A Academia Real das Sciencias mandará a este Ministerio uma pessoa da sua confiança para receber a quantia de quatrocentos mil réis por conta da compra do Herbario, devendo vir munida do competente recibo em que se declare que a quarta parte do dinheiro é em Notas do Banco de Lisboa, na conformidade da Lei.

5.° Do resultado da entrega de cada uma das partes do Herbario, e do correspondente exame e pagamento dará a Academia conta por este Ministerio.

E assim o manda a Mesma Augusta Senhora participar, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, á Academia Real das Sciencias para sua intelligencia e execução. Paço das Necessidades em 6 d'Outubro de 1849. == Conde de Thomar. ==

Foi nomeado para Presidente da Commissão ordenada nesta Portaria o Sñr. Agostinho Albano da Silveira Pinto, Director da Classe de Sciencias Naturaes, e para Membros della os Sñr.^s Bernardino Antonio Gomes e Francisco Thomaz da Silveira Franco, que já ó erão da Commissão incumbida pela Academia de examinar o Herbario do Sñr. D.or Welwitsch.

RELATORIOS.

Relatorio lido pelo Sñr. D.or Bernardino Antonio Gomes, sobre o Herbario do Sñr. D.or Welwitsch.

SENHOR. == Fomos incumbidos por esta Academia de examinar uma porção de plantas sêcas, que fazem parte do Herbario da Flora Lusitana, que o D.or Frederico Welwitsch se offereceo organisar, e que a mesma Academia desejou ter nas suas collecções de productos naturaes do paiz.

Comprehende esta parte doze cadernos, os quaes tem para cima de mil exemplares que representão 425 especies distinctas de plantas, pertencentes todas á Flora Lusitana. Abrangem quasi todos os generos conhecidos nesta Flora, pertencentes á divisão natural das Acotyledoneas vasculares, das Monocotyledoneas, e ainda algumas familias das Dicotyledoneas.

Percorremos todos os exemplares desta interessante collecção, confrontámos para o maior numero os caracteres especificos das plantas com os das descripções de Brotero, na sua Flora, e Phytographia, e com os d'outros Livros phytographicos de que pudemos dispor; examinámos o estado dos exemplares, o que respeita á sua preparação e condições de conservação, a ordem por que se achão distribuidos e acondicionados, as indicações es-

criptas e que referem o nome especifico, a habitação natural das plantas, a época da sua florescencia, e as observações que alem disso o D.^{or} Welwitsch julgou dever addicionar a respeito de cada uma: isto é, tivemos em cuidadosa attenção, neste exame, a parte scientifica, e a parte artistica ou manual, que presidírão á organisação deste trabalho; e em virtude de todo este exame podemos verificar o seguinte:

Na classificação das plantas foi adoptado o methodo natural, modelado pelo ultimo estado da Sciencia, e como o representão as obras respectivas dos Professores Endhlicher, Meisner, De Candolle, e Kunth. Comprehende assim a Collecção 29 familias ou ordens naturaes, que são nas Acotyledoneas vasculares, as Rhizocarpeas, Lycopodeaceas, Fetos, e Equisetaceas; nas Monocotyledoneas, as Gramineas, Cyperaceas, Juncaceas, Melanthaceas, Dioscoreaceas, Smilacineas, Liliaceas, Irideas, Amarylideas, Orchideas, Hydrocharideas, Alismaceas, Naiadeas, Aroideas, Thyphaceas, e Palmeiras; e nas Dicotyledoneas, as Coniferas, Ceratophyleas, Utricularеas, Primulaceas, Ericaceas, Plantagineas, e Plumbagineas.

Em toda esta secção do reino vegetal Brotero assignalou e descreveo 386 especies; a Collecção do D.^{or} Welwitsch contem exemplares de 428, das quaes 100 novas ou assim suppostas e não indicadas pelo nosso insigne Botanico Portuguez; faltando-lhe tambem por conseguinte 58 das que são mencionadas na Flora e Phytographia Lusitana.

Examinando quaes são as especies em falta, verifica-se serem quasi todas de plantas proprias e privativas da Provincia de Trás os Montes, e parte do Minho, que o D.^{or} Welwitsch não percorreo ainda, ou do Gerez e Serra da Estrella, que elle percorreo, mas só em

estação em que não era possivel ter exemplares no estado de desenvolvimento proprio de os tornar completos para um Herbario, como poderá vêr-se da enumeração das ditas especies em falta, que juntamos a este Relatorio. Algumas destas faltas porêm ainda podem ser suppridas, e o D.or Welwitsch compromette-se a faze-lo por meio de supplementos, que irá juntando nas seguintes remessas.

O que mais recommenda esta Collecção, e que deve merecer a especial attenção da Academia, são os exemplares das especies não descriptas por Brotero, e que na Collecção examinada sóbem, como vimos, ao numero de 100. Destas especies, uma parte, acha-sé perfeitamente determinada, a outra parte está dependente, na sua exacta determinação, d'ulterior exame e estudo. Algumas das mesmas especies, novas para a Flora de Brotero, forão já indicadas por explorações anteriores ás do D.or Welwitsch, e feitas por Linck, Hoffmansegg e outros; e outras especies, igualmente novas, são descoberta especial do D.or Welwitsch; e todas estas especies novás, ou são plantas communs á Flora de Portugal e de outros paizes, ou especialissimas do nosso. As descobertas do D.or Welwitsch, tem sido, pela maior parte, ou publicadas nos Jornaes Botanicos do dia, ou communicadas particularmente aos primeiros Botanicos da Europa, e algumas dellas apparecem mesmo já com a sancção destes Professores nas publicações mais modernas; acompanhando esta sancção a homenagem por elles prestada a tão laborioso e intelligente explorador da Flora Portugueza. Para prova do que dizemos, basta citar a Armeria Welwitschii De Candol, o Carex Welwitschii Boiss, as quaes especies não são só reconhecidas como novas, e anteriormente ás explorações do D.or Welwitsch não assignaladas ainda, mas a

denominação que lhes deo De Candol e Bossier attestão, com o serviço prestado á Sciencia, o nome de quem o prestou.

Por esta fórma vê a Academia que o D.^{or} Welwitsch não nos dá simplesmente uma Collecção de plantas da nossa Flora, como ella era conhecida antes das suas excursões, confia-nos demais os documentos de suas descobertas, devidas a laboriosas explorações, feitas com admiravel perseverança durante 10 annos, em quasi todas as Provincias de Portugal, e com especialidade nas da Extremadura, Alemtejo, e Algarve, que mais particularmente tem podido explorar.

Não póde percorrer-se o Herbario do D.^{or} Welwitsch sem reconhecer facilmente o muito scientifico espirito por que está organisado. Os nomes genericos e especificos são os das melhores e mais modernas monographias e classificações. Acompanhão estes nomes os que deo Brotero ás especies que descreveo. Vem cuidadosamente notado para cada especie, a época da sua florescencia, o sitio, natureza do terreno, e mais condições de sua habitação. As observações que demais ajuntou a estas indicações o D.^{or} Welwitsch são sempre interessantes, porque são o fructo d'uma longa experiencia e estudo especial da Flora do nosso paiz.

Os exemplares são geralmente escolhidos, bem sêcos e dispostos, no gráo de desenvolvimento proprio para se verificarem seus caracteres essenciaes. Se a especie é das susceptiveis de variar, acompanhão-na quasi sempre exemplares proprios para mostrar as differentes fórmas por que varião, e nesta parte é mesmo particularmente rica a Collecção. Estas variações de fórma e desenvolvimento, acompanhadas d'indicações cuidadosamente feitas sobre as condições d'habitação, dão do modo interessante a relação, que muita vez se póde assim marcar entre uma e outra circunstancia.

Vê-se pois que o Herbario do D.or Welwitsch, na fórma por que se nos offerece a parte examinada, preenche os desejos da Academia de possuir a Collecção o mais extensa d'exemplares da nossa Flora; e que alem disso nos dá occasião de conhecer e apreciar melhor todas as suas descobertas relativas á mesma Flora. Parece-nos porêm que, na acquisição deste objecto e no modo por que a faz, a Academia não quererá só obter os fins referidos, mas sobre tudo ter occasião d'estreitar as suas relações com este distincto e laborioso naturalista, e de lhe tributar por todos os modos convenientes o seu reconhecimento pelos serviços prestados á Sciencia em geral, e em especial á que tem por fim fazer conhecer as producções naturaes deste paiz.

Senhor, não é este um desses negocios em que a nossa boa fé, e boa vontade podem ás vezes ser surprehendidos, trata-se d'objectos que podemos vêr e examinar todos, e do pessoa que tem um nome entre os dos homens da Sciencia, e cujos trabalhos tem o apreço dos primeiros juizes na materia (*).

Concluiremos de tudo, que a Collecção confiada ao nosso exame é digna de toda a consideração e apreço da Academia; que se deve diligenciar obter a sua continuação e termo-la o mais completa possivel; que para isso deve ser convidado e auxiliado convenientemente o D.or Welwitsch para estender as explorações aos sitios de Portugal ainda não percorridos por elle, especialmente a Provincia de Trás os Montes, parte do

(*) O D.or Welwitsch alem das explorações botanicas feitas em Portugal, e em outras partes da Europa, por que he conhecido, é o autor d'uma Monographia sobre Algas, publicada em 1836 em Vienna, com o titulo de — *Synopsis Nostochinarum Austriæ.*

Algarve, da Beira e Minho, que não visitou: e finalmente, que, por meio da propria Academia, com os recursos de que póde dispor, ou por meio do Governo se deve dar ao D.^or Welwitsch um documento honroso do apreço que lhe merecem os seus trabalhos scientificos, a muita dedicação e sacrificio pessoal com que é sabido tem sido feitos. Lisboa 9 d'Outubro de 1849. = D.^or Bernardino Antonio Gomes = Francisco Thomaz da Silveira Franco.

Ordens Naturaes.	*N.° das especies do Herbario.*	*Especies não indicadas na Flora de Brotero.*	*Especies em falta para a Flora de Brotero.*
Rhysocarpeas	1	1	»
Lycopodiaceas	1	»	»
Fetos	29	11	1
Equisetaceas	5	2	1
Gramineas	135	45	25
Cyperaceas	41	8	8
Juncaceas	27	6	2
Melanthaceas	3	»	»
Liliaceas	41	6	4
Irideas	9	1	4
Amaryllideas	5		4
Orchideas	28	4	5
Hydrocharideas	1		
Dioscoreaceas	1		
Smilacineas	3		
Alismaceas	6	»	
Naiadeas	15	4	
Aroideas	3		
Thyphaceas	3		
Palmeiras	1		
Coniferas	7		
Betulaceas	2		
Myricaceas	2		
Ceratophyleas	3		
Utriculareas	3		
Primulaceas	9	»	3
Ericaceas	16	4	»
Plantagineas	13	1	1
Plumbagineas	16	7	»
	428	100	68

Enumeração das especies não indicadas na Flora e Phytographia de Brotero.

Fetos.
- Cheilanthes suaveolens. Swarti.
- Cheilanthes odora. Swarti.
- Pteris crispa. Allion.
- Pteris arguta. Vahl.
- Asplenium lanceolatum. Smith.
- Aspl. maritimum. Lin.
- Aspl. Spec.
- Woodevardia radicans. Sw.
- Nephrodium thelypteris. Welw.
- Nephr dilatatum. Welw.
- Nephr. spc.

Rhyzocarpeas.
- Pilularia globulifera. Lin.

Equisetaceas
- Equisetum elongatum. Bory ?
- Equis. Spc.

Gramineas.
- Crypsis schœnoides. Lam.
- Cryps. aculeata. Ait.
- Holcus rigidus. Hochst (Fl. azor).
- Holc. argenteus. Agarth.
- Anthoxantum spc.
- Anthox. spc.
- Agrostis montana. Lam.
- Agr. spc.
- Agr. stolonifera. Lin.
- Agr. spica venti β purpurea. Gaud-Hoch.
- Agr. setacea. Curt ?
- Agr. elegans. Loisel.
- Agr. spec.
- Agr. spec.
- Agr. spec.
- Lepturus filiformis. Trin.
- Lepturus cylindricus. Trin.
- Lept. spc.
- Corympherus articulata. Pal.
- Aira divaricata. Loisel.
- Aira Herminii. Welw.
- Aira spec.
- Aira spec.
- Airopsis globosa. Des.
- Avena. spec.
- Avena spec.
- Poa maritima. Huds.
- Melica ramosa. Vill.
- Mel. spec.
- Kœleria phloides. Person ?
- Cynosurus elegans. Des.
- Festuca alopecurus. Schamb.
- Fest. elatior. Lin. ?
- Fest. bulbosa. Welw.
- Fest. lachnali. Spenn.

Fest. rothbolioides. Kunth.
Fest. divaricata. Desf.?
Fest. spec.
Bromus spec.
Brom. spec.
Brom. spec.
Triticum rigidum. Schræd.
Hordeum maritimum. Will.
Pallurus nardoides. Trin.

Cyperaceas.
Cyperus junciformis. Allion.
Scirpus tabernomontanus. Gmel.
Scirp. spec.
Scirp. spec.
Fimbristylis dichotoma. Vahl.
Fuizena pubescens. Kunth.
Cladium mariscum. R. Br.
Carex Welwitsch. Boiss.

Juncaceas.
Lusula gracilis. Welw.
Lus. lamprocarpus. Ehrh.
Juncus pygmæus. Thuil.
Junc. trenageia. Ehrh.
Junc. semisulcatus. Welw.
Junc. striatus. Schomb.
Junc. spec.

Liliaceas.
Fritilaria Wikstz.
Scilla Bertolonia. Duby.
Scil. Alvesiana. Welw.
Ornithogalum flavum. Lam.
Allium: spec.
Allium: spec.

Orchideas.
Epipactis latifolia. Sw.
Ophrys spec.
Serapias strictiflora. Welw.
Orchis longibracteata. Bivon.

Naiadeas.
Caulinia fragilis. Willd.
Zostera nana. Roth.
Potamogeton spec.
Spirodela polyrrhiza. Schlud.
Valisneria spiralis. Lin.

Ericaceas.
Erica elata. Link.
Er. spec.
Rhododendrum ponticum. Lin.

Plantagineas.
Plantago spec.

Plumbagineas.
Armeria. Welwitschii. Boiss.
Arm. Gaditana. De Cand.
Arm. plantaginea. Willd.
Arm. velutina. Welw.
Arm. crenata. Welw.
Arm. echioides. Lin.
Arm. sinuata. Lin.

Especies da Flora e Phytographia de Brotero, que faltão na Collecção.

Fetos.
Asplenium ruta muraria.
Equisetaceas.
Equisetum limosum.
Gramineas.
Agrostis articulata.
Agr. vinealis.
? Agr. gigantea.
Phalaris arundinacea.
Holcus mollis.
? Anthoxanthum odoratum.
Panicum viride.
Alopecurus pratensis.
Alopec. ciliatus.
Phleum nodosum.
Crypsis arenaria.
Cryp. macrotachya.
Saccarum cylindraceum.
Avena montana.
Melica nutans.
Mel. cærulea.
Aira involucrata.
A. lævis.
A. cespitosa.
A. glabrata.
A. montana.
A. præcox.
Festuca ovina.
Triticum patens.
Bromus caudatus.

Cyperaceas.
Scirpus triqueter.
Sc. michilianus.
Carex spicata.
Car. echinata.
Car. panicea.
Car. distans.
Car. patula.
Car. ruffa.
Juncaceas.
Juncus squarrosus.
Junc. stæchalanttus.
Liliaceas.
Scilla odorata.
Ornithogalum luteum.
Allium paniculatum.
Phalangium liliastrum.
Irideas.
Iris sambucina.
Ir. prendo-acarus.
Ir. transtagana.
Crocus vernus.
Narcissus pseudo-narcissus.
Narc. minor.
Narc. reflexus.
Narc. junquilla.
Orchideas.
Orchis militaris.
Orch. sambucina.
Orch. maculata.

Ophrys aurita. Phyt.
Orchis latifolia.
Primulaceas.
Primula officinalis.
Lysimachia nemorum.
Plantagineas.
Plantago lagopus.

O Sñr. Bernardino Antonio Gomes participou que o Sñr. Francisco Thomaz da Silveira Franco, em consequencia do máo estado da sua saude, não podia continuar a fazer parte da Commissão de que fôra com elle encarregado.

Designou-se o dia de 3.ª feira, pelo meio dia, para se juntar no edificio da Academia a Commissão de que trata a 3.ª Portaria.

ASSEMBLEA D'EFFECTIVOS DE 17 DE OUTUBRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.' Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, José Cordeiro Feio, Francisco Pedro Celestino Soares, Filippe Folque, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Francisco Recreio, Fortunato José Barreiros, Marino Miguel Franzini, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario

Uma Portaria expedida pelo Ministerio do Reino em 19 de Setembro ultimo, com os Estatutos da Sociedade agricola do districto da Horta, para sobre elles dar o sou parecer a Academia.

Entregárão-se ao Snr. Director da Classe das Sciencias Naturaes, para serem por ella examinados.

Leo o Secretario a resposta seguinte aos quisitos a que a Portaria de 16 de Agosto proximo passado mandou responder, e foi approvada.

Resposta aos Quisitos relativos á Bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisboa, inclusos na Portaria de 16 *d'Agosto de* 1849.

1.° Qual é a data da sua fundação?

A Academia principiou a ter Livraria propria desde a sua instituição em 1779, mas só foi aberta ao Publico desde 23 de Outubro de 1834, em que por Decreto desta data se unio á Livraria do extincto Convento da Terceira Ordem da Penitencia, de parte da quál já a Academia tinha a administração.

2.° Debaixo de que Regulamentos ou restricções se acha ella aberta ao Publico?

Não ha restricção nenhuma para á introducção do Publico na Livraria.

Quantos dias, em relação aos 365?

Nas 2.as, 5.as e sabbados de manhã, e nas 4.as e 6.as de tarde, para os Estudiosos. E para o publico de ambos os sexos, que

quizer ir vê-la, nas 3.as feiras de manhã; á excepção dos dias que são feriados por Lei.

E quantas horas cada dia?

Nos dias em que se abre de manhã, desde as 9 horas até ás 3 da tarde; e nos dias em que se abre de tarde — no verão desde as 3 horas, e no inverno desde as 2 horas, até as Aves Marias.

Está aberta nos dias santificados, ou de noite?

Não está aberta nos dias santificados, nem de noite.

3.° Quantos Leitores, termo medio, frequentão diariamente a Bibliotheca?

Nunca se contárão.

Supposdo que se exige uma licença para ser admittido na Bibliotheca, quantas licenças por anno tem sido concedidas, durante os 10 ultimos annos de 1839 — 1848?

Está respondido no 2.° Quisito.

4.° Supposdo que a entrada na Bibliotheca é inteiramente livre, tem disso resultado alguma desordem?

Nenhuma.

5.° Quaes são as sommas dispendidas annualmente para a conservação e augmento da Bibliotheca, e de que fundos sahem essas despesas?

Não ha sommas certas applicadas para a Bibliotheca, que se augmenta com os livros que recebe dos corpos scientificos com quem se corresponde, com os donativos dos Governos e particulares nacionaes e estrangeiros, e com o que a Academia pode empregar dos fundos da sua dotação, para es-

te destino, o que depende do que recebe do Governo.

Qual é a quantia destinada para a compra de Livros?

Está respondido no Artigo antecedente.

6.° Qual é o numero, graduações, e quaes as attribuições e vencimentos do Bibliothecario, 2.° Bibliothecario etc.?

Ha só um Bibliothecario que vence uma gratificação de 100$000 rs. annuaes. Não tem nenhuma graduação inherente ao emprego. As suas attribuições são as que costumão ter todos os Bibliothecarios. Ha mais um servente que vence 174$000 rs. por anno.

7.° Quantos volumes impressos possue a Bibliotheca?

Cincoenta mil volumes, pouco mais ou menos.

Quantas obras em brochuras tem, pouco mais ou menos?

Para responder a este Quisito serião necessarios alguns mezes, em que o Bibliothecario não fizesse outra cousa; porque as brochuras umas estão soltas, outras encadernadas e distribuidas diversamente, mesmo sem ser por ordem de materias.

Quantos volumes mss.?

Dois mil, pouco mais ou menos.

São as brochuras contadas separadamente, na numeração dos volumes?

As brochuras que estão encadernadas juntas umas com outras, são contadas no numero dos volumes, as outras não.

Se assim é, qual o seu numero?

Está respondido no 1.° Quisito deste Artigo.

8.° Qual é, pouco mais ou menos, o numero dos volumes impressos que em cada anno se accrescenta á Bibliotheca?

Pelo que se disse no Art. 5.°, não pode responder-se a este Quisito.

9.° Os Livros das Bibliothecas são emprestados para se lerem fóra?

Unicamente aos Socios da Academia.

Se o são, debaixo de que condições?

De declararem o tempo por que os pedem, e de os restituirem.

10.° Qual é o numero de Livros assim emprestados, termo medio, durante os dez annos acima referidos?

Nunca se contárão.

11.° A pratica d'emprestar Livros tem alguma vez sido prejudicial?

Desde que a Livraria é Publica não tem sido esta pratica prejudicial.

Tem os Livros sido perdidos, ou restituidos em máo estado?

Está respondido acima.

12.° Ha catalogos completos dos Livros impressos da Bibliotheca?

Da Livraria que era do extincto Convento de Jesus — ha Catalogos completos — da da Academia, que se lhe unio, e dos que se tem recebido posteriormente, ha os Bilhetes tirados para formar o Catalogo.

Se os ha, são elles redigidos alphabeticamente segundo os nomes dos autores, ou por ordem de materias?

Os Catalogos da Livraria do extincto Convento de Jesus — são redigidos alpha-

beticamente, segundo os nomes dos autores, e por ordem de materias.

Estes Catalogos tem sido impressos, e quando?

Não se imprimírão.

13.° A Bibliotheca tem direito a um, ou mais exemplares dos Livros que se publicão no päiz?

Não tem direito.

Lisboa 19 d'Outubro de 1849. == Joaquim José da Costa de Macedo, Secretario perpetuo da Academia.

O Sñr. Director da Classe das Sciencias Naturaes participou que, em observancia do que ordenou a Portaria de 6 do corrente, comparecêra o Sñr. Conselheiro José de Sá Ferreira Santos do Valle, na Commissão encarregada de examinar o Herbario do Sñr. D.or Welwitsch, e sendo nella apresentado o Relatorio feito antecedentemente pelo Sñr. Bernardino Antonio Gomes, já publicado na Acta da Assemblea d'Effectivos de 10 do presente mez; foi approvado.

Para satisfazer á Portaria de 10 d'Agosto ultimo nomeou a Academia uma Commissão composta dos Sñr.s Directores das Classes e do Secretario perpetuo.

SESSÃO LITTERARIA DE 24 D'OUTUBRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.ˢ Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Pedro Celestino Soares, José Cordeiro Feio, Fortunato José Barreiros, Marino Miguel Franzini, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Recreio, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; e Antonio Caetano Pereira, Socio Correspondente.

MEMORIAS LIDAS.

Noticia biografica de Fr. Manoel Rebello da Silva, Socio Correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Pelo Sñr. Antonio Caetano Pereira.

Insigni cuipiam viro proni sumus omnes
Invidere vivo, mortuum autem laudare

Se é natural a honrosa inveja ás virtudes de um varão illustre; não o é menos o dever de consagrarmos seu nome á posteridade.

Sentenças de Mimnermo em Suidas.

Nasceo Manoel da Comieira Rebello (este foi seu primeiro nome) a 22 de Maio de 1767 na Freguezia de S.ta Eulalia da Comieira, Concelho de S.ta Martha, Arcebispado de Braga: sendo seus illustres progenitores o Bacharel em Leis Manoel José Rebello da Silva, e D. Caetana de Jesus de Mattos.

Creado em santa doutrina, e bons costumes, passou os primeiros annos, cultivados nos estudos, que sua idade então soffria: e crescendo com a idade em virtudes, reluzia nelle a par de seu grande engenho tal propensão ás cousas da Igreja, que aos quinze an-

nos entrou para a Ordem dos Capuchos no Convento de S.to Antonio de Valle de Piedade do Porto.

Cursou então os estudos maiores, e no espaço de nove annos, Fr. Manoel da Comieira Rebello deo taes mostras de seu extraordinario augmento em virtudes, e lettras, que aos vinte e quatro annos de idade tomou ordens de Presbytero; e nomeado Prégador da Ordem, foi logo depois designado Mestre de Theologia para o Convento de S. Fructuoso da mesma Ordem em Braga.

Assim passou Fr. Manoel da Comieira quasi até aos vinte e sete annos no dito Convento, com largos creditos de Religioso exemplar, e sisudo Mestre.

Mas a Divina Providencia, que para a execução de seus altos designios, serve-se muitas vezes de motivos nascidos da fragilidade humana, dispoz as cousas por tal fórma, que Fr. Manoel da Comieira se passou para a Terceira Ordem da Penitencia no Convento de Nossa Senhora de Jesus em Lisboa; onde, alterado seu primeiro nome, ficou sendo conhecido pelo de Fr. Manoel Rebello da Silva.

Foi nesta Congregação da Terceira Ordem da Penitencia, onde Fr. Manoel Rebello da Silva confirmou a opinião, que delle havia, de profundo Grammatico, eloquente Orador, prudente Philosopho, e seguro Theologo; e havendo-se applicado ao estudo da Lingua Hebraica, com muito proveito; succedeo então criar-se neste Convento de N. Senhora de Jesus a Cadeira Regia da Lingua Arabe em 1795, regida por Fr. João de Sousa, cuja historia nos parece, pelo que nella ha de interesse, não deverá ficar sepultada no esquecimento.

Forão os primeiros discipulos desta Aula, Fr. Jo-

sè de S.to Antonio Moura, Fr. Manoel Rebello da Silva, e Fr. Antonio de Castro.

Porêm Fr. Manoel Rebello da Silva sobresahio tanto aos seus condiscipulos, no estudo desta Lingua difficillima, que pelas informações de seu Mestre Sousa, o Governo julgou dever manda-lo para os Estados Marroquinos a fim de ahi se aperfeiçoar na mesma Lingua, e della tirar toda a utilidade, e gloria, que se esperava, no que felizmente senão enganou.

Em consequencia de uma tal resolução embarcou Fr. Manoel Rebello da Silva para Tanger na Fragata Ulisses, commandada pelo Capitão de Mar e Guerra Luiz da Motta Fêo, a 6 de Jaueiro de 1797, e chegando alli a 11 do dito mez, no seguinte fixou a sua residencia em casa de Jorge Pedro Collaço, Consul Geral de Portugal.

Seguiremos pois a Fr. Manoel Rebello da Silva neste segundo periodo de sua vida, que é talvez o mais importante, pelo muito que fez pelo interesse, e gloria de sua Patria.

A' força de grande, e aturado estudo, e vencidas as difficuldades, que sempre se encontrão na acquisição de um Talebe ou Mestre (o que rarissimas vezes se consegue) de tal modo grangeou a fama de sabio Arabista, e reputação de homem de verdade, que o Imperador, e Ministros por vezes cuidárão em vê-lo, e tratar com elle de perto; e de tudo resultou, que sua opinião era respeitada entre todos os Talebes; e suas palavras fazião tal impressão no Imperador, e seus Ministros, que maior lhes não faria qualquer Sura do Alcorão.

Talvez parecerá isto, a quem lêr, exaggeração, ou com intuito de ornato, ou por effeito de céga amizade; mas não é assim; e para confirmação do que havemos dito, referiremos os tres factos seguintes.

1.º Um Christão, homem de côr preta, escravo de certo Nobre Portuguez, pelo máo trato, que recebia de seu senhor, um dia lhe fugio de casa, e arrenegando de Christo, e sua Lei, se foi entregar aos Mouros e sua crença.

Divulgado tão feio, e estranho caso; ou por considerações humanas, ou por decóro á Religião Christã, empenhárão-se todos os Consules por libertarem o Portuguez, que em ferros gemia sua loucura: e esgotados todos os recursos, porèm frustradamente, só o pôde salvar Fr. Manoel Rebello da Silva, que formulando uma replica, nella expendeo com tanto saber a interpretação á conveniente Sura do Alcorão, que os Juizes da Lei a subscrevêrão, e remettida ao Imperador, este ordenou immediatamente, que o Christão Portuguez fosse posto em liberdade, e entregue ao Consul de Portugal.

2.º Succedeo por outra occasião, que entrasse na Bahia de Tanger um Cossario Argelino perseguido por algumas embarcações christãs; o cossario, ou por necessidade, ou pela esperança de protecção encalhou na praia debaixo da fortaleza; e as embarcações perseguidoras assim mesmo o entrárão, e dividírão a preza.

Informado o Imperador de um tal acontecimento, com bons fundamentos se esperava grande dissabor aos Consules, e a ordem para ser decepada a cabeça ao Governador, que então o era Seláuía. Reunidos pois os Consules para cuidarem o modo de evitar seu desgosto, e o perigo imminente do Governador, vírão, que em tal apuro só lhes poderia valer Fr. Manoel Rebello da Silva, e não se enganárão; porque inteirado elle de todo o negocio, e de suas particulares circunstancias, e autorisado pelo Governo, escreveo em nome de todos os Consules uma carta ao Imperador com tal arte, e tão boas razões escrita, que o Imperador não só entre-

gou ao perpetuo esquecimento o objecto da questão, mas restituindo á sua graça, e amizade o Governador, o elevou depois ao cargo de seu primeiro Ministro.

Destes dois factos existem os documentos na correspondencia Consular em massos chronologicamente numerados, e archivados na Secretaria do Consulado Portuguez em Tanger.

3.° O terceiro facto não é menos glorioso, por ser todo em utilidade da Nação Hespanhola. Tendo-se observado grande movimento de tropas em diversas direcções, sem que ninguem podesse descobrir o intento do Imperador; e chegando um dia pela madrugada a Tanger no meio de geral expectação uma força consideravel de cavallaria; sahio Fr. Manoel Rebello da Silva pela tarde, e foi-se a casa do Governador em ar de visita, e ageitando a conversa, como pôde, lhe perguntou, para que era tanto apparato de guerra, sem haver inimigo, que se soubesse? Então o Governador, pedindo-lhe inviolavel segredo, lhe declarou, que ordem havia chegado do Imperador, para que dalli a oito dias fosse passada á espada toda a guarnição de Ceuta (que erão Hespanhoes) pois que bem o merecião. — Combatido o coração de Fr. Manoel Rebello da Silva por dois affectos tão contrarios, a fidelidade, que religiosamente devia guardar no segredo pedido, e a caridade, e amor, que devia observar com os seus correligionarios, ideou tão fino plano, que de sua boa traça resultou, que dentro em seis dias o Imperador mandasse evacuar as tropas, e a guarnição de Ceuta ficou salva. Os documentos, que provão a verdade do serviço, que acabamos de mencionar, existem na Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha, e são: a nota, que o Ministro de Hespanha, D. Ignacio de la Pessuella, dirigio ao Secretario d'Estado, D. Miguel Pereira Forjaz,

sobre os serviços, que Fr. Manoel Rebello da Silva prestára á Corôa de Hespanha; e o Decreto de Sua Alteza Real, expedido aos Governadores do Reino, datado do Rio de Janeiro a 28 de Janeiro de 1814, e outros Avisos, que se expedírão.

Mas se estes factos provão de sobejo o que havemos estabelecido ácerca das virtudes, e saber, que grangeárão tão particular estima, e credito a Fr. Manoel Rebello da Silva entre os Mouros, não avultão menos os que passamos a referir, talvez por serem unicamente dirigidos ao interesse, e gloria Nacional.

Dezeseis annos de aturado estudo, e pratica nos Estados Barbarescos; o exacto conhecimento de suas leis, habitos, e costumes; e o sempre feliz resultado em todos os negocios ordinarios, animárão o Governo a depositar nas mãos de Fr. Manoel Rebello da Silva a solução de cousas difficeis, encarregando-o de quatro importantissimas Commissões, uma em Fez, duas em Marrocos, e a quarta em Argel; e o feliz desempenho de todas, forão outros tantos relevantissimos serviços, que Fr. Manoel Rebello da Silva prestou á sua Patria.

E não devendo, por não convir, narrarmos as circunstancias especiaes de cada uma das ditas Commissões, nos damos por desobrigados, declarando, que Fr. Manoel Rebello da Silva: desfez uma grave intriga, que havião fomentado na Côrte de Marrocos contra o Governo Portuguez: animou as relações entre as duas Côrtes, que se achávão interrompidas com muito prejuizo nosso: obteve honrosa paz com Argel, e a vantajosa remissão dos captivos Portuguezes: e alcançou do Imperador de Marrocos por segunda vez a extracção de trigos, cevadas, e bois; dada esta licença por modos,

e com circunstancias tão singulares, que chegou a produzir ciume em algumas Potencias Europeas.

Finalisadas assim as Commissões com tanto proveito, e gloria de sua Patria, foi chamado Fr. Manoel Rebello da Silva por ordem do Governo a Lisboa para reger a Cadeira da Lingua Arabe, estabelecida no seu mesmo Convento da Terceira Ordem da Penitencia, o que se verificou nos fins do anno de 1813, começando então no exercicio da dita Cadeira, como proprietario, por haver fallecido o Mestre João de Sousa.

Vivia então Fr. Manoel Rebello da Silva na doce esperança de uma socegada velhice; e ainda que cheio de padecimentos, adquiridos pelos trabalhos, companheiros de uma prolongada ausencia da Patria, em clima differente, e Religião opposta, com tudo pelo bem pago, que se dava em seus serviços, lisongeiro se lhe representava o quadro do seu futuro. Uma pensão annual, e vitalicia de novecentos mil réis lhe havia sido decretada pelo serviço á Corôa de Hespanha; esta cedeo elle logo em favor de seu irmão, Luiz Antonio Rebello, que sempre disfructou: outra de sessenta mil réis pelos que havia prestado ao Governo Portuguez; ordenado de Interprete, e o da Cadeira: e todas as commodidades da vida em seu Convento, erão os titulos para sua bem fundada esperança.

Mas não era justo, que a sorte de Fr. Manoel Rebello da Silva marcasse uma excepção na historia dos grandes homens! Em 1820 foi-lhe tirada a pensão de sessenta mil réis, e o ordenado de Interprete: e pela extincção das Ordens Religiosas ficou reduzido a um simples Professor Regio, só com o ordenado da Cadeira, sem outro algum recurso, em razão de sua idade, e pouca saude.

Estamos pois entrados no terceiro, e ultimo periodo de sua vida.

Outrem que não fosse Fr. Manoel Rebello da Silva, succumbiria a tão injusta mudança da fortuna! Por mais de uma vez tapou os ouvidos ás seguras promessas de quem em seu proveito o queria roubar á Patria; mas seu coração ainda não estava satisfeito em a servir.

Compoz uma grammatica para se aprender a Lingua Arabe; e fez uma Collecção de vocabulos Portuguezes de origem Arabe; estas obras pela vastissima erudição, com que forão escritas, excedem muito ás que já possuiamos no mesmo genero.

É nesta occasião, que não devemos passar em silencio o constante, e proficuo zelo da Real Academia das Sciencias de Lisboa na acquisição dos grandes homens em lettras, e virtudes, chamando ao seu gremio a Fr. Manoel Rebello da Silva, e conferindo-lhe a honra de seu Socio Correspondente, pelo Diploma passado em 18 de Novembro de 1840.

Conheceo finalmente o Governo o prestimo de Fr. Manoel Rebello da Silva na expedição de um negocio, de que viera encarregado um Mouro em 1841, pelo que S. M. se dignou restitui-lo ao seu antigo lugar de Official Interprete com o ordenado de duzentos e quarenta mil réis por Decreto de 11 de Novembro de 1841; e agracia-lo, nomeando-o Commendador da Ordem de Christo, por Decreto de 29 de Janeiro de 1842: recompensas devidas ao zelo de um Ministro tão justo avaliador do merito litterario, como é o Exmo Sñr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, que então o era, e por quem forão assignados os dois Decretos mencionados.

Em 1843 é Fr. Manoel Rebello da Silva assal-

tado em grande força por um complexo de todos os seus antigos padecimentos ; a Medicina prognostica-lhe a morte em poucas horas, e o desampára ; mas não o desamparou a vida, que ainda lhe continuou por perto de quatro annos: entrevado, cercado de precisões, abandonado, e pobre, reunia á sua paciencia, e resignação a constante pratica de todas as virtudes christãs: até que purificada sua vida pelo martyrio de um tal viver, acommettido de um volvo, contra quem não póde valer a arte, animado pelos soccorros da Religião, ás seis horas e meia da tarde no dia 15 de Março de 1849, cerrando seus olhos ao mundo sempre ingrato, voou seu espirito a essa mansão ditosa, onde Deos tem reservado o premio do homem justo.

O Sñr. Francisco Ignacio dos Santos Cruz principiou a ler uma — *Noticia historica da illuminação da Cidade de Lisboa, considerada em suas relações com a segurança, e com a saude de seus habitantes.*

DONATIVOS.

Mappas Geraes do Commercio de Portugal com suas possessões e Nações estrangeiras, durante o anno de 1843. Lisboa. Na Imprensa Nacional. — 1849 — folio. Remettido pelo Chefe da Repartição das Alfandegas do Thesouro Publico.

Revista Militar — Tomo 1.° — N.os 7, 8, e 9. — 8.° — 3 N.os — Offerecidos pela Redacção.

Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias, de Lisboa — 1.ª serie — 2.° anno — Mezes d'Agosto, Setembro, e Outubro — 1849 — 4.° — 3 N.os — Offerecido pelo Sñr. José Tedeschi.

Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas — 2.ª serie — Tomo 4.° — Maio, Junho, e Julho de 1849. — 4.° — 3 N.os — Offerecido pela Sociedade.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — Tomo 5.° — N.os 16 a 22 — 7 N.os — 4.° — Offerecido pela Sociedade.

Icones Carpologicæ; or figures and descriptions of fruits and seeds. P. I., Leguminosae (Imagens carpologicas, ou figuras e descripções dos fructos e sementes. P. I., Leguminosas). Por Thomaz Shearman Ralph. London. 1849 — 4.° g.de — 1 vol. — Offerecido pelo Autor.

Bulletin de la Société de Géographie de Paris. Troisième serie — Tome VIII, IX, X. — 1847, 48, 49. — 8.° — 3 vol. — Offerecido pela Sociedade.

Philosophical Transactions of the Royal Society of London. For the year. 1848 (Transacções Philosophicas da Sociedade Real de Londres. Anno de 1848). — Partes 1.ª e 2.ª — e 1849, Parte 1.ª — 4.º gr.de — 3 volumes.

The Royal Society. 30 th November 1847 (Pessoal da Sociedade em 30 de Novembro de 1847). — 4.º — 1 folheto.

Idem — 30 de Novembro de 1848 — 4.º — 1 folheto.

Proceedings of the Royal Society (Actas da Sociedade Real de Londres). — 1847. — N.os 69 e 70 — 1848. — N.os 71 e 72 — 8.º — 4 folhetos. — Offerecido pela mesma Sociedade.

The Journal of the Royal Geographical Society of London (Jornal da Sociedade Real Geographica de Londres). Volume the Nineteenth. 1849. — Parte 1.ª — 8.º — 1 volume. — Offerecido pela mesma Sociedade.

PARA O MUSEU.

Um bico de prata (Ave), offerecido pelo Sñr. José Tavares de Macedo.

SESSÃO LITTERARIA DE 31 DE OUTUBRO.

Presidio o Sñr. José Cordeiro Feio.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.ˢ Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, José Liberato Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Fortunato José Barreiros, Marino Miguel Franzini, Francisco Recreio, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; e Antonio Caetano Pereira, Socio Correspondente.

Participou o Secretario ter fallecido em 29 do corrente o Sñr. Francisco Thomaz da Silveira Franco, Socio Livre.

MEMORIAS LIDAS.

Breves advertencias sobre os tratamentos e titulos entre os Arabes. Pelo Sñr. Antonio Caetano Pereira.

É quasi geral a persuação, de que os Arabes tratão a todos por — Tu —: e por isso deverá causar admiração, quando se ouvir, ou lêr o contrario a uma tal opinião, que vamos provar não ser tão geral como se pensa.

Ninguem duvida, que assim como os Arabes tem na sua Grammatica o pronome — Tu —, que do mesmo modo tenhão o correspondente no plural — Vós — e que por legitima consequencia grammatical tem igualmente os possessivos derivados daquelles, isto é, os pronomes — Teu — Tua — Vosso — Vossa. E com effeito achamos em sua Grammatica os vocabulos — Cá —, que significa — Tu —: e — Cúme — que significa — Vós —: estes dois vocabulos tem a propriedade de serem affixos — isto é, escrevem-se ligados no fim aos verbos, nomes, e até ás particulas; e neste caso significão — Teu — Tua — Vosso — Vossa.

D'onde se vê, que quando elles fallão, ou escrevem a mais de uma pessoa, empregão o vocabulo — *Cume* —, e por consequencia se traduzirá bem, e grammaticalmente — Vós — Vosso — Vossa: assim o vemos nas Cartas, Officios, Participações, dirigidas a todos os Consules collectivamente, onde encontramos ordinariamente as seguintes expressões — *Uasaal-ná qui-*

tala-cume — que pura e grammaticalmente traduzidas vem a ser — *Chegou a nós a carta de vós* — que em bom Portuguez se traduz — *Recebemos vossa carta.*

Vejamos agora o que succede, quando elles fallão, ou escrevem a uma só pessoa.

Os Arabes não conhecem os Titulos de Grandéza, nem as expressões de civilidade, inventadas na Idade Media, elles só emprégão as frases da pura grammatica, e não confundem os epithetos, que applicão aos homens, com os que são devidos a Deos.

Comtudo entre elles se observa, que empregão o vocabulo — Vós — Vosso — Vossa, quando fallão com uma só pessoa, se esta pertence a qualquer das tres seguintes classes, e vem a ser — 1.ª quando se falla com o Imperador: — 2.ª com um Imame — que corresponde a um nosso Bispo, Arcebispo, etc. — 3.ª quando esse individuo, seja de que classe fôr da Sociedade, tiver já feito sua peregrinação a Mecca, e ahi tiver concluido o sacrificio designado na Lei: e este adquire por este facto o uso do Turbante, e tem direito a qualquer tratamento de respeito: o que se verifica não só no emprego de certos verbos, e nomes, mas tambem no de certas particulas; v. gr. quando a qualquer individuo das tres supraditas classes se lhe responder com a particula — Sim — não empregaremos o vocabulo — *Hé* — mas sim o vocabulo — *Nahame* — etc.

Em quanto aos titulos de grandeza, o maior que se póde dar ao Imperador é o de — Vossa Alteza — que em Arabe lhe corresponde — *A'dimat* — e nunca por modo nenhum o de — Vossa Magestade, que em Arabe lhe corresponde — *Taálá* — a razão é, porque podendo dar-se ao Imperador qualquer titulo; não é permittido dar-se-lhe alguns dos quatro epithetos de Deos, que são — *Raime* — Clemente — *Rahamani*

— Misericordioso — *Uahidú* — Unico — *Taálá* — Excelso.

Isto é pelo que pertence ao uso dos vocabulos — Vós, Vosso, Vossa — entre elles reciprocamente pelo que respeita ao seu uso com estranhos, diremos, que nem por isso deixão, os que são mais litteratos, de imitarem essas expressões de civilidade, servindo-se dellas, quando lhes são subministradas: por isso vemos, que em muitas cartas não só do Imperador de Marrocos, dirigidas á nossa Côrte, ou aos seus Ministros, em vez de — Tu — Tua — empregão — Vós, — Vosso — Vossa — o que é devido ao cuidado de Rebello, que o fazia mui de proposito em todas as cartas, que lhes escrevia por mandado do Governo, ao que elles fielmente correspondião: e tanto, que tendo vindo por vezes em suas cartas o vocabulo — Reina — para exprimirem o nome — Rainha — porque assim se lhes havia escrito no começo da correspondencia: Rebello, escrevendo-lhes em resposta o proprio, e puro vocabulo — Sultana — foi logo por elles imitado.

Accrescentaremos finalmente, que, se nas Cartas Arabes traduzidas por Fr. João de Sousa, impressas, e publicadas pela Real Academia das Sciencias de Lisboa, vem em todas, traduzidos os vocabulos — Tu — Teu — Tua — por — Vós — Vos — Vosso — Vossa — por isso mesmo julgamos uma tal traducção mui perfeita, pois que a fidelidade da traducção, não consiste nas expressões, mas sim nos pensamentos, como o certifica o critico, e judicioso Horacio na sua carta aos Pisões — *Nec verbum verbo curabis reddere fidus interpres.*

═

O Sñr. Francisco Ignacio dos Santos Cruz continuou a ler a sua Memoria sobre a illuminação de Lisboa.

DONATIVOS.

Annuaire de la Société des Antiquaires de France, pour 1849. — Paris — 8.° — 1 vol.

Mémoires et Dissertations sur les Antiquités Nationales et Etrangères, publiés par la Société des Antiquaires de France. — Tome neuvième — Nouvelle série. Paris 1849 — 8.° — 1 vol. — Estas duas obras forão offerecidas pela Sociedade dos Antiquarios de França.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences (Instituto Nacional de França). — 1849 — *Deuxième semestre* — Tome 29. N.os 1, 2, 3, 4, 5, e 6 — 4.° g.de — 6 N.os

Mémoire sur la Fertilisation des Landes de la Campine et des Dunes. Par A. Eenens — Bruxelles — 1849. — 8.° — 1 vol.

Annuaire de l'Académie Royale des Sciences, des Lettres et des Beaux-Arts de Belgique. — 1849 — 8.° — 1 vol.

Académie Royale de Belgique — Compte rendu des Séances de la Commission Royale d'Histoire, ou Recueil de ses Bulletins. Tome 15. — N.° 1. — Bruxelles. 1848 — N.° 2 — 1848 — Tome 16 — N.° 1 = Indice do Tomo 14. Bruxelles. 1848. 4 paginas.

Bulletins de l'Académie Royale des Sciences, des Lettres et des Beaux-Arts de Belgique — Tome 15 — 2.me partie. 1848. 8.° — 1 vol. — Tome 16 — 1.re partie. 1849 — 8.° — 1 vol.

Mémoires de l'Académie Royale des Sciences, des Lettres et des Beaux-Arts de Belgique — Tome 23. — Bruxelles 1849 — 4.° g.de — 1 vol.

Monuments pour servir à l'Histoire des Provinces de Namur, de Hainunt et de Luxembourg etc. Bruxelles 1848. — 4.° g.de — 1 vol. — Todas estas obras forão remettidas pela Academia de Bruxellas.

Académie Royale de Belgique. (Extrait du Tome 23 des Mémoires) — Observations des Phénomènes Périodiques. 1 folheto de 64 paginas. — 4.° g.de

Annales de l'Observatoire Royal de Bruxelles etc. Tome 7.° — Bruxelles 1849 — 1 vol. — Estas duas obras forão offerecidas por Mr. Quetelet.

Relatorio e Contas da Commissão Administrativa da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, relativas ao anno economico de 1848 — 1849. — fol. — Remettido pela Commissão.

ASSEMBLEA EXTRAORDINARIA D'EFFECTIVOS DE 31 D'OUTUBRO.

Presidio o Sñr. José Cordeiro Feio.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.ˢ Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, José Liberato Freire de Carvalho, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Pedro Celestino Soares, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Fortunato José Barreiros, Francisco Recreio, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos de Effectivos.

Leo o Secretario a Consulta da Academia sobre a Lanterna do Mineiro do Sñr. Francisco Pedro Celestino Soares, que foi approvada e assignada, e é a seguinte.

SENHORA. = O Socio Effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Francisco Pedro Celestino Soares, apresentou á Academia uma Memoria, que tem por titulo — *Lanterna do Mineiro* — e que sobe jun-

ta ,, impressa a pag. 85 do N.° 3 das suas Actas. Os Censores que examinárão esta Memória forão de parecer, que attendendo á grandissima vantagem do objecto de que se trata, se pedisse a Vossa Magestade que mandasse fabricar no Arsenal Real do Exercito uma Lanterna, segundo o modelo do autor, e que se sujeitasse á experiencia perante uma Commissão de Officiaes Engenheiros, de que fizesse parte o mesmo autor, para conhecer se na pratica offereceria algum inconveniente o seu invento.

A Academia Real das Sciencias tem a honra de levar á Augusta Presença de Vossa Magestade o que fica expendido, a fim de que, se Vossa Magestade assim o Houver por bem, se remetter ao Ministerio da Guerra a referida Memoria, para fazer della o uso que julgar opportuno.

Vossa Magestade porêm Mandará o que for Servida. Lisboa 31 d'Outubro de 1849. = José Cordeiro Feio = Antonio Diniz do Couto Valente. = João da Cunha Neves e Carvalho Portugal. = José Liberato Freire de Carvalho = Francisco Ignacio dos Santos Cruz = Francisco Pedro Celestino Soares = Antonio Albino da Fonseca Benevides = Ignacio Antonio da Fonseca Benevides = Fortunato José Barreiros = Marino Miguel Franzini = Mattheus Valente do Couto Diniz = Francisco Recreio = Agostinho Albano da Silveira Pinto = Francisco Elias Rodrigues da Silveira = Joaquim José da Costa de Macedo.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Outubro de 1849 (1.° do outono).

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera		
	Min.	Max.	Med.	9ª Man.	3ª Tarde					
1	64	74	69	761,0	761,3	5	^{1}SO—NO·			
2	59	73	66	65,2	64,8		*N—N			Muito seco.
3	53	69	61	61,5	59,3		B—SO			Nevoeiro matutino.
4	58	72	65	57,1	55,6	4	*SO—^{1}SO^1			
5	60	67	63	57,4	59,4		SO—N			
6	53	74	63	60,1	59,0		*V—SO			
7	66	70	68	57,5	57,1	4	^{2}SO—^{2}SO			Chuvisco.
8	57	70	63	59,3	58,5		*SO—O			
9	60	63	61	55,6	50,0	11	^{1}SO—^{2}S			
10	59	68	63	51,9	50,3	4	*NO—^{1}O			

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força.			Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9h Man.	3h Tarde					
11	60	66	63	49,3	55,0	5	^{2}N^{1}O--^{1}NO			
12	53	68	60	55,0	52,3		*SO—SO			
13	58	68	63	46,8	45,6	10	^{1}SO—^{2}SO^{1}			Trovoada de noite.
14	52	58	55	44,0	*43,5	12	^{1}S^{r}—^{2}SO			Ar muito frio.
15	54	66	60	50,4	52,1	8	^{2}S^{r}O—SO			
16	53	67	60	58,2	58,1		*SO—SO			
17	54	75	64	57,7	57,5		*NE—SO			Atmosphera vaporosa.
18	62	75	68	54,5	56,0	6	^{2}SE^{1}—^{1}S^{r}			
19	64	72	68	62,0	60,0		*SO—SO			
20	53	68	63	61,6	62,8	8	*^{2}N—N			
21	*51	65	58	64,9	64,0		*N—N			
22	52	68	60	63,0	62,1		*E—B			Nevoeiro no horisonte e atmosphera vaporosa.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes e sua força	Estado da Atmosphera.		
	Min.	Max.	Med.	9h Man.	3h Tard.					
23	55	70	62	61,6	61,1		·NE—B	⊜	●	Nevoeiro no horisonte, e atmosphera vaporosa.
24	57	70	63	63,2	63,2		*·V—V·	○	○	
25	55	72	63	65,0	64,1		*·V—V	⊜	⊜	
26	57	69	63	65,1	64,7		*·V—N	○	○	
27	62	74	68	63,4	62,9		²NE—·N	○	○	
28	62	76	69	*66,0	64,5		²NE—NE	○	○	
29	61	*78	69	65,4	63,8		NE—N	○	○	
30	57	74	65	61,5	60,0		*SO—N	○	○	
31	60	68	64	55,3	53,0		N¹—²NO	⊖	●	
Med.	57,6	69,9	63,1	758,7	758,1	77	SO--N--NO			Temperatura normal, regularmente chuvoso e ventoso.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE OUTUBRO DE 1849.

Temperaturas.

Minima a 21......... 51°
Maxima a 29....... 78
Variação med. diurna .. 12,3
Maxima a 6.......... 21.

Barometro na tp.ª de 63°.

Max.ª altura a 28, 765,5	Variação
Minima a 14.....43,3	dos extremos
Media....... ...58,0	22,2 millim.

Ventos dominantes e sua força.

0,3 0,8 0,6 0,7 1,5 0,5 0,2
N,11 = NO,5 = O,2 = SO,22 = ,3 = NE,6 = E,1
1,3
= SE,2 = V ou B,10.
= Direcção media do vento dominante S,85. O (0,6).
= Madrugadas bonançosas 18.
= Meios dias ventosos, 12.
= Tempestade a 18.

Estado da Atmosphera.

Meios dias claros 18 — Claro e nuvens 12 — Cobertos 6 — Cobertos e clarões 5. — Dias em que choveo 11, fornecendo 75 millimetros, ou a quantidade normal do mez — Nevoeiros brandos 3 — Trovoada uma a 13 — Dias de calor notavel 7.

Observação. A temperatura das aguas do Tejo, manteve-se constantemente entre 62 e 63°, representando exactamente a temperatura media normal do anno, no clima desta cidade. — Segue-se desta observação que a differença de temperatura entre aquellas agoas e a do corpo humano foi de 33°, sendo esta a medida, ou intensidade da sensação que se experimenta nestes banhos frescos, actualmente tão geraes, e sem duvida mui proveitosos pela reacção que promovem na pelle.

Mortalidade em Lisboa.

Sexo masculino — 220 maiores	— 157 menores	— tot.	— 377.
Dito feminino — 179 ditos	— 146 ditos	— dit.	— 325.
Sommão .. ... 399 ditos	— 303 ditos	— dit.	— 702.

Incluindo-se 373 que fallecêrão nos hospitaes, dos quaes 173 forão menores pertencentes á Misericordia. Excedeo portanto a mortalidade deste mez á normal em mais 11 por cento, ou 68 individuos.

M. M. Franzini.

ACTAS

DAS

SESSÕES

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA.

1849. — N.º VII.

SESSÃO LITTERARIA DE 14 *DE NOVEMBRO.*

Presidio o Snr. José Cordeiro Feio.

Concorrêrão á Sessão os Snr.es Francisco Elias Rodrigues da Silveira Vice Secretario, Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, José Liberato Freire de Carvalho, Francisco Freire de

Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Recreio, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Fortunato José Barreiros, Antonio Lopes da Costa e Almeida, e Agostinho Albano da Silveira Pinto, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; e Antonio Caetano Pereira, Socio Correspondente.

MEMORIAS LIDAS.

Continuou o Sñr. Santos Cruz a lêr a sua *Noticia Historica da illuminação da Cidade de Lisboa.*

Resumo Historico sobre o Estabelecimento da Cadeira de Lingua Arabe em Portugal. Pelo Sñr. Antonio Caetano Pereira.

Nenhum espanto nos causa, o que nos referem as historias, assim nacionaes, como estrangeiras, dos muitos Portuguezes, celebres nos differentes ramos de Litteratura; e que tambem o forão nas Linguas Grega, Hebraica, e Arabe: e por não ser necessario fallar de todos, só faremos lembrança de um D. Gastão de Fox, Bispo d'Evora, tão insigne no Arabe, que nesta lingua

compoz um não pequeno volume, dividido em sete partes, e cada uma, se bem que em variados objectos, escrita com muito saber, e pureza de linguagem.

Mas o que de certo deverá causar admiração aos que forem versados nas coisas de nossa Litteratura, é, que não se encontrem vestigios nem das Escolas dessa Lingua, nem tão pouco dos Nomes de seus Mestres, ou fossem particulares, ou publicos: havendo comtudo muitas memorias escritas de Escolas da Lingua Grega, e Hebraica, e dos Mestres, que publicamente as ensinavão.

É igualmente certo, que logo do começo da Monarchia muitas vezes os Reis de Portugal enviárão embaixadas, e as recebião dos Reis da Asia, e Africa; e que para levarem a effeito seus Tratados, e ajustes servião-se de Interpretes, que, salvas pequenas excepções, todos erão Portuguezes. Pelo que se póde conjecturar, que taes Interpretes o não erão por officio publico, mas sim convidados, ou talvez offerecidos nas occasiões opportunas, olhando a paga, que os attrahia.

Mas não espante o haver muitos Portuguezes, que entendessem, e fallassem o Arabe com tanta perfeição; pois de todos é sabido o grande trato, e commercio, que os Portuguezes desde tempos antiquissimos tiverão com os differentes Povos da Asia, e Africa; já porque levados captivos pelas repetidas invasões, que os mesmos Arabes fizerão sobre esta Peninsula, vendo-se em a necessidade de aprender a sua linguagem, para lhes ir melhor em seu captiveiro; já pelas muitas conquistas, que os Portuguezes igualmente fizerão naquellas partes do mundo, aonde levárão gloriosamente o Nome Portuguez, e dalli trouxerão um sem numero de vocabulos, que naturalisárão como seus, juntamente com as preciosidades do Oriente. Assim o confirmão nossos His-

toriadores: e por não fazer longas citações apontaremos para um Fernão Mendes Pinto, em sua Peregrinação; ou para um Hieronymo de Mendonça em sua = Jornada de Africa = impressa em Lisboa no anno 1607; onde a paginas 123 verso, descrevendo a Cidade de Marrocos, diz, fallando dos Portuguezes = Alguns havia que aprendião Arabio e Hebraico por não darem lugar a ociosidade. =

Finalmente de algumas Ordens Religiosas sabemos, que os que dellas sahião para as Missões, erão alguns tão senhores da Lingua Arabe, que não só entendião o vulgar, mas para maiores frutos colherem de suas prégações, tambem o escrevião com pureza, o que se prova pelos cathecismos de Religião Christã assim escritos, e alguns Sermões, do que tudo possuimos algumas copias. Mas se daqui podemos inferir, que nessas Ordens era cultivada a Lingua Arabe; não o era publicamente, nem á custa do Estado, mas sim era seu estudo reservado, e só com o intuito de se observarem as disposições da Bulla de Paulo V = Felicis recordationis = de 1610; e a de Clemeute XI = Commissi nobis = de 1710, que ordenárão = Que a Lingua Arabia se ensinasse nos Collegios dos Regulares de S. Francisco, para que os Religiosos podessem melhor cumprir o seu ministerio nas Missões ao Oriente. =

Um caso pois bem raro, e digno de notar-se, deo origem ao estabelecimento da Aula da Lingua Arabe em Portugal; e que apezar de ser estabelecida n'uma Ordem Religiosa, com tudo foi desde logo publica, e para serviço do Estado, mantida á sua custa.

Pelos annos de 1750 arribou ao porto de Lisboa um Navio Francez, que conduzia para França dois Mouros, Pai, e Filho, com destino de se estabelecerem alli, no trato commercial: o Mouro Pai falleceo na tor-

mentosa viagem, e só ficou salvo o Filho; sem que de nenhum delles saibamos os nomes, pelos quaes em sua Patria fossem conhecidos pelos naturaes. Desembarcado que foi este Mouro, logo encontrou hospedagem christã, e generosa na Excellentissima casa dos Saldanhas, depois Condes da Ega: e porque elle fallava perfeitamente as linguas Franceza, Italiana, e Castelhana, declarou, que era natural de Damasco, Christão, e Filho de Pais Christãos, convertidos ao Catholicismo pelos Barbadinhos Francezes da Missão alli existente, e que seu nome era *Iuanno Damasquino:* e forão taes as mostras, que elle deo nesta Excellentissima casa, de suas muitas virtudes, que em testemunho do muito que o estimavão, lhe derão um dos seus Appellidos, ficando dahi em diante conhecido pelo nome de João de Sousa.

Nomeado Gaspar de Saldanha Reitor da Universidade, levou comsigo a João de Sousa para Coimbra com intento de ahi o aproveitar, confiando-lhe a Cadeira da Lingua Arabé, que tencionava estabelecer. Sabidas na Côrte as virtudes, saber, e prestimo de João de Sousa, foi este convidado pelo Primeiro Ministro, Conde de Oeiras, para mudar sua residencia para Lisboa, o que logo fez, grangeando particular estima do dito Ministro pelo muito proveito, que delle se tirava nos negocios com as Côrtes Africanas.

Passados annos foi persuadido João de Sousa a que entrasse na Terceira Ordem da Penitencia no Convento de N. Senhora de Jesus em Lisboa, onde bem lhe iria, se correspondesse aos desejos do Ministro: e porque João de Sousa, além de muitas virtudes, tinha a da humildade em grão eminente, entrou na dita Ordem, onde tomou o habito de Converso, contando já quarenta annos de idade, e sabendo soffrivelmente a Lingua Portugueza.

Ultramarinos, o tenha assim entendido, e faça executar com as ordens necessarias. Palacio de Queluz em 5 de Junho de 1804. Com a Rubrica do Principe Regente Nosso Senhor. ==

Estava portanto resolvido, e assentado o unico meio de convidar para este laborioso, e importante ramo de Litteratura, que era empregando, e dando premios pecuniarios aos que, applicando-se ao estudo desta Lingua, nelle melhores provas dessem de sua aptidão, e progressos; mas como um tal plano fosse apenas conhecido pelos mui poucos discipulos, que então havia, e de que se achavão já dois empregados, e um terceiro desfrutando a pensão de trinta mil réis annuaes, que era o premio estabelecido aos que erão constantes no estudo da dita Lingua: julgou então o Governo dar a devida publicidade ao seu plano, não só confirmando os premios, mas declarando, que uma tal Cadeira não só era publica, mas propria, e da particular inspecção do mesmo Governo pela Secretaria de Estado da Marinha: como se deduz da Portaria de 27 de Outubro de 1813, que é assim:

Sendo a Cadeira da Lingua Arabica estabelecida nesse Convento de Nossa Senhora de Jesus, da immediata Inspecção da Secretaria de Estado da Marinha, e devendo continuar a conservar-se do mesmo modo: É o Principe Regente Nosso Senhor Servido, que a respeito da dita Cadeira, de que V. P.^de^ é Lente Proprietario, se observem daqui em diante as Disposições, que se contem nos seguintes cinco Artigos.

1.° Que para serem admittidos, como Discipulos daquella Aula, alguns dos Religiosos da Congregação da Terceira Ordem da Penitencia, ou alguns seculares, se requeira á dita Secretaria de Estado, por onde de-

pois de se mandar proceder ás necessarias informações, se decidirá o que parecer conveniente.

2.° Que o tempo das lições da Aula seja de duas horas contadas desde as oito até ás dez da manhã, conforme o Regulamento das mais Aulas da sobredita Congregação.

3.° Que no fim de cada anno lectivo dê V. P.de conta pela sobredita Secretaria de Estado do numero de Estudantes, que frequentárão, de suas applicações, e da aptidão, ou capacidade de cada um delles para as importantes Commissões de que poderem vir a ser encarregados no futuro.

4.° Que V. P.de proponha no fim tambem de cada anno lectivo os Discipulos, que pela sua maior applicação e proveito merecerem ser premiados, na intelligencia porêm, que cessará o mesmo premio, logo que elles affrouxarem nos seus estudos, ou os deixarem de todo.

5.° Que V. P.de continue a gosar dos Privilegios, e isenções de que actualmente gosa, e são os que se concedêrão aos dois Lentes Fr. João de Sousa, e Fr. José de S.to Antonio Moura, actual Ministro Geral da mencionada Congregação. O que tudo participo a V. P.de para que assim se execute. Deos Guarde a V. P.de Palacio do Governo em 27 de Outubro de 1813. == D. Miguel Pereira Forjaz.

Passados tres annos foi premiado o terceiro discipulo Fr. Antonio de Castro, que já percebia o premio dos trinta mil réis annuaes, com o emprego de Professor substituto da Cadeira da Lingua Arabica por Carta Regia de S. M. ElRei D. João VI datada no Rio de Janeiro aos 23 do mez de Outubro de 1816, e referendada pelo Ministro Conde da Barca: como se póde

vêr no Liv. 10.° dos Decretos a fl. 438 na Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha.

Assim continuaria um tão louvavel, e importantissimo ramo de Litteratura se ou a falta de constantes, e aptos discipulos, ou antes o esquecimento do Governo no cumprimento de suas começadas disposições, não dessem occasião ao abandono do estudo da Lingua Arabica em Portugal.

Julgue porêm cada um como quizer, que como historiador, só nos pertence referir os factos, cuja exposição continuamos.

Até 1819 foi a Aula de Arabe frequentada sómente por quatro Religiosos da mencionada Terceira Ordem da Penitencia; porêm sem nenhum resultado, que podesse assegurar a perpetuidade deste estabelecimento. Assim o confirma a participação dada pelo Professor á Secretaria d'Estado, em conformidade do que se achava disposto no Art.° 4.° do Regulamento para a dita Aula.

Decorrêrão pois quasi dez annos, sem que houvesse alguem, que frequentasse a dita Aula de Arabe. Pelo fim deste periodo concorrêrão a frequentar esta Aula varios estrangeiros, attrahidos pela merecida fama, que tinha Fr. Manoel Rebello da Silva de ser o melhor Arabista Europeo: e segundo a participação dada pelo dito Professor em data de 19 d'Agosto de 1834 — forão, um Francez — um Belga — um Escocez — e tres Inglezes.

Corrido um espesso vêo sobre muitas circunstancias, que motivárão a quasi total decadência desta Escola em Portugal, diremos, que foi o grande desvelo, e zelo pela Litteratura do Sñr. Francisco Freire de Carvalho, Commissario dos Estudos nesta Cidade, que deo um novo impulso, e consideração á Escola da Lingua Arabe em Lisboa. Por quanto achando-se os dois Pro-

fessores privados de seus ordenados, que deverião ser-lhes abonados pelo Ministerio da Marinha, como o havião sido em seu começo, ou pelo Ministerio dos Estrangeiros, como parecia de razão, tambem o não erão pelo Ministerio do Reino; pois se havião como isolados, e estranhos ao ramo da Intrucção Publica: foi então, que o dito Commissario dos Estudos nesta Cidade, representou com muito saber, e desvelo a necessidade e justiça, com que uma tal Escola devia formar parte da Instrucção Publica; sendo logo dahi em diante considerada como tal, e mettidos nas respectivas folhas, processadas no Ministerio do Reino.

E achando-se estabelecido pelo Decreto da creação desta Aula o ordenado de 300:000 rs. para o Proprietario, e o de 100:000 rs. para o Substituto; foi então, que pelo muito, e devido apreço, que o dito Commissario dos Estudos dava a este ramo de Litteratura, e a seus Professores, cuidou, em que os ordenados lhes fossem igualados aos demais Professores publicos, ficando dahi em diante o Proprietario com 440:000 rs., e o Substituto com 200:000 rs.: o que se acha confirmado pelos Officios de Informe, em resposta aos Officios da Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino em data de 19 e 25 de Maio de 1836.

Foi depois confirmada, e augmentada esta mesma devida consideração pelo Decreto de 11 de Novembro de 1841, passado na Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros, e referendado pelo Ministro o Exmo Sñr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, pelo qual é Fr. Manoel Rebello da Silva restituido ao seu antigo lugar de Interprete na dita Secretaria: e por ultimo é considerada a Aula de Arabe, formando parte da Instrucção Secundaria pelo Decreto de 20 de Setembro de 1844.

Onze discipulos da dita Aula se contárão nesta

ultima época, todos Portuguezes; porêm só dois aproveitárão, segundo as informações do Professor da dita Aula, mas em nenhum delles ainda se cumprio o Art.° 4.° do Regulamento.

A final concorreo a esta Aula um estrangeiro, subdito Brasileiro, e addido á sua Legação nesta Côrte.

Tres forão os insignes Arabistas Portuguezes: Fr. Manoel Rebello da Silva, Professor Proprietario da Cadeira de Arabe: Fr. José de S.to Antonio Moura, Official Interprete na Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros: e Fr. Antonio de Castro, Professor Substituto á dita Cadeira: já todos tres fallecêrão, e por consequencia tambem morreo em Portugal a Escola da Lingua Arabe, que tanta gloria, honra, e proveito càusou á Nação, de que se podem vêr as provas na breve Noticia Biografica de Fr. Manoel Rebello da Silva, que tivemos a honra de offerecer á Academia Real das Sciencias de Lisboa.

MAPPA

Dos Discipulos Portuguezes, que frequentárão a Aula de Arabe, e juizo ácerca delles pelo Professor, extrahido tudo de suas participações á Secretaria d'Estado, e Conselho Superior.

1.° Joaquim José da Costa de Macedo — muita aptidão. — Desistio, porque as suas muitas occupações o impedião de continuar.
2.° José Corsino — muita applicação. — Desistio.
3.° Antonio Caetano Pereira — muita aptidão, e estudo: unico reservado para o Magisterio do Arabe. — Completou o seu estudo em nove annos, e sete mezes.
4.° Manoel Nunes Barbosa — muito estudo. — No fim do 3.° anno foi para Tanger estudar o Arabe vulgar, a fim de ser utilisado como Official Interprete.
5.° Carlos Augusto Celestino Soares — com applicação. — No fim do 3.° anno desistio.
6.° Manoel José Barreto — sufficiente estudo. — Por falta de vista necessaria desistio.
7.° Filippe Pinto Furtado. — Por doença desistio.
8.° José Pedro Nunes Junior. — Sem proveito.
9.° Casimiro Simões Margiochi.

ASSEMBLEA D'EFFECTIVOS DE 21 DE NOVEMBRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.[s] Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Recreio, Antonio Lopes da Costa e Almeida, Fortunato José Barreiros, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Barão d'Eschwege, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos.

O Sñr. Vice-Secretario, Francisco Elias Rodrigues da Silveira, participou que não podia assistir á Sessão de hoje.

RELATORIOS.

O Sñr. Director da Classe de Sciencias Naturaes apresentou o parecer da Classe sobre os Estatutos da Sociedade agricola do Districto da Horta, enviados á Academia com Portaria de 19 de Setembro ultimo, limitando-se o parecer a que devião applicar-se a estes Estatutos as mesmas considerações feitas no parecer dado pela Classe, em 21 de Março deste anno, ácerca dos Estatutos de outras Sociedades, sendo os do Districto da Horta os que mais se aproximão do referido parecer.

A Academia approvou o parecer da Classe.

O mesmo Sñr. Director propoz, em nome da Classe, para Socio Correspondente da Academia o Sñr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel, Lente de Chimica da Escola Polytechnica.

SESSÃO LITTERARIA DE 22 DE NOVEMBRO.

Presidio o Sñr. José Cordeiro Feio.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, José Liberato Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Antonio Lopes da Costa e Almeida, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Fortunato José Barreiros, Francisco Recreio, Marino Miguel Franzini, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; Antonio Caetano Pereira, Socio Correspondente.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario perpetuo as duas Portarias seguintes.

1.ª

Manda Sua Magestade, A Rainha, communicar á Academia Real das Sciencias de Lisboa, que, em virtude da communicação feita por este Ministerio ao dos Negocios da Guerra se expedio já, por aquella Repartição, ordem ao Inspector Geral do Arsenal do Exercito para que faça proceder no mesmo Arsenal á construcção da — Lanterna do Mineiro — inventada pelo Socio Effectivo da referida Academia, Francisco Pedro Celestino Soares; construcção que será feita nos termos requeridos pela Representação, que sobre este objecto dirigio a este Ministerio a Academia Real das Sciencias na data de 31 d'Outubro ultimo. Paço das Necessidades em 21 de Novembro de 1849. = Conde de Thomar.

2.ª

Sua Magestade, A Rainha, annuindo a uma requisição da Camara dos Deputados, constante do incluso parecer da respectiva Commissão d'Instrucção Publica, para serem ouvidas as Corporações scientificas do paiz sobre as duas representações, aqui juntas, em que se pede a concessão do grão de Bacharel formado a favor dos Alumnos habilitados com o curso de qualquer das Escolas Medico-Cirurgicas de Lisboa e Porto: Ha por bem que o Conselho superior d'Instrucção Publica, a Academia Real das Sciencias, e os Conselhos das Escolas de Ensino superior, ponderando os fundamentos das referidas representações, comparados com as circumstancias especiaes de cada um dos Estabelecimentos escolares, e com as que derão logar á Legislação applicavel a esta materia, consultem, interpondo a respeito dellas o seu parecer, a fim de poderem uns e outros esclarecimentos servir de base ás deliberações dos Corpos colegisladores.

O que assim se participa, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, á Academia Real das Sciencias, para sua intelligencia e execução na parte que lhe toca. Paço das Necessidades em 21 de Novembro de 1849. = Conde de Thomar.

O objecto desta Portaria ficou para ser tratado em Assemblea d'Effectivos.

COMMUNICAÇÕES.

O Secretario perpetuo lêo:

Traducção Portugueza de duas cartas de Caio Plinio Cœcilio Segundo, dirigidas a Cornelio Tacito, em que lhe dá noticia da explosão vulcanica do Vesuvio por elle presenciada, e da qual foi uma das victimas seo Tio Plinio o Naturalista. Pelo Sñr. Francisco Freire de Carvalho.

Um dos Autores Classicos Latinos, que na opinião de todos os bons apreciadores da sãa Litteratura merece ser lido e estudado com particular attenção, é sem duvida C. Plinio Cœcilio Segundo, sobrinho do famoso Naturalista do mesmo nome. Restam-nos deste Escriptor illustre dez livros de Cartas, escriptas a muitas e as mais eminentes pessoas do seu tempo; e o celebre Panegyrico ao Imperador Trajano, a quem Plinio foi grandemente aceito. Todas estas Obras tem passado por grande numero de edições desde a utillissima invenção da Arte Typographica, e muitas dellas com grande apparato de eruditas annotações; e tem sido igualmente traduzidas para as principaes Linguas da Europa, quaes a Franceza, a Italiana, a Alemãa, a Ingleza etc. Em

Portuguez a unica traducção, que temos das Obras deste Autor, é a do Panegyrico, feita no 16.° Seculo pelo Bispo de Miranda e de Leiria, D. Antonio Pinheiro, que anda impressa na Collecção, dada á luz por Bento José de Sousa Farinha: Das Cartas porêm não ha traducção Portugueza, que eu saiba; com quanto sejam ellas muito dignas de ser entre nós conhecidas em razão da variedade de assumptos, de que tratam: na verdade são estas Cartas um grande subsidio para a Historia; por ser o governo de Trajano, em que foram escriptas, um dos periodos mais pobres em documentos historicos; sendo que nellas se encontram muitas noticias de grande vulto, mormente ácerca da vida dos Escriptores d'aquelle tempo, e do estado das Lettras em Roma. São de mais disto as Cartas de Plinio, juntamente com as de Cicero, as duas collecções no genero epistolar mais preciosas, no que toca ao estilo, que nos restam da Antiguidade: no elegante, no agradavel, no correcto do estilo das suas Cartas mostra-se Plinio simultaneamente grande escriptor, e homem de bôa e escolhida sociedade; muito embora sejam ellas inferiores ás de Cicero quanto á simplicidade e ingenuidade: « Na minha opinião (diz o seu Traductor Francez, Mr. de Sacy) ha nas Cartas de Cicero mais ingenho, nas de Plinio mais arte: merece perdão algumas vezes o primeiro por sua negligencia, o segundo por seu demasiado estudo: em Cicero encontram-se muitas Cartas, que talvez não fariam falta á posteridade; ha poucas em Plinio, de que ella não possa tirar proveito: em umas avultam os acontecimentos e a politica; nas outras ha maior fundo de boa moral: um é talvez o melhor modelo de bem escrever; o outro o de bem viver; as Cartas de Cicero finalmente melhor, do que todas as historias, ensinam-nos a conhecer os homens do seu Seculo, e as mólas, que os

punham em acção; as de Plinio melhor, do que todos os preceitos, ensinam os homens de todos os seculos a bem conhecer-se e regular-se a si mesmos. » Sendo pois dignas de serem lidas e estudadas todas as Cartas deste illustre Escriptor; ha comtudo entre ellas algumas, que mais particularmente o merecem. Eu tinha começado a fazer ha annos, durante a minha emigração para o Brasil, a traducção destas importantes Cartas, que occupações posteriores me fizeram interromper: por agora tenho a honra de apresentar a esta Real Academia sómente duas dellas, a saber, a 16.ª e a 20.ª do Livro 6.°, ambas escriptas ao bem conhecido Historiador Cornelio Tacito, amigo intimo de Plinio; e espero merecerão ellas, Senhores, a vossa particular attenção pela grandeza do seu assumpto, o qual nada menos é, do que a descripção, nellas feita, da famosa primeira explosão vulcanica do Vesuvio, de que nos dão noticia as Historias, acontecida no anno 79 da E. C., que arruinou as Cidades de Pompêa, de Hirculanum, e de Stabios, e da qual foi uma das illustres victimas o Naturalista Plinio, Tio materno e Pai adoptivo do Autor das mesmas Cartas: E se o estado da minha idade decadente, e da minha vista, que corre a apagar-se, m'o permittirem, continuarei a apresentar-vos outras, se não na sua totalidade, pelo menos as que no meu entender são mais dignas de serem conhecidas.

Carta de Plinio a Cornelio Tacito; é do Livro 6.° a Carta 16.ª

Pedes-me te escreva, como foi o fim da vida de meu Tio; para que com toda a verdade o possas transmittir á posteridade: eu to agradeço; por ver, que obterá a sua morte uma gloria immortal, uma vez que seja por ti celebrada: Pois com quanto o seu acabamento, como o de povos, como o de cidades, tenha de viver, para assim dizer, perenne, unido á destruição memoravel de um dos mais bellos territorios; e posto que tenha elle mesmo composto muitas obras (*), que hão de dar-lhe um nome permanente; á perpetuidade da sua fama ha de tambem dar um grande augmento a eternidade de teus escriptos. Em verdade eu reputo afortunados aquelles homens, a quem os Deoses por sua alta munificencia concedêram ou praticar acções dignas de serem escriptas; ou escrever obras dignas de serem lidas; e reputo afortunadissimos aos, que reuníram em si mesmos ambos estes prestantes dotes: Em o numero destes ultimos tem sem duvida de entrar meu Tio assim pelos seus, como pelos teus Livros. Tamanha é pois a vontade, com que cumpro o, de que me encarregas; quanta é tambem a, com que te peço desempe-

(*) Na Carta 5.ª do Livro 3.° dá conta Plinio das obras compostas por seu Tio.

nhes o que tomaste a peito. Achava-se em Misêno com o commando da esquadra alli estacionada: Aos nove dias antes das Kalendas de Setembro, e á uma hora depois do meio dia pouco mais ou menos, minha mãi veio indicar-lhe, que apparecia uma nuvem extraordinaria em grandeza e figura. Depois de ter estado por algum tempo ao Sol, e de se haver lavado em agua fria (*), tomára recostado um ligeiro alimento, e entretinha-se estudando: Pede as chinellas, e sobe a um lugar, donde facilmente podia observar-se aquelle prodigio. Via-se levantar uma nuvem, (para quem de longe a observava, era incerto de que monte ella se elevava; conheceo-se depois, que era do Vesuvio) que na similhança e na figura não podia ser melhor comparada, do que com a de um pinheiro; pois, remontada para os ares como um tronco de extensão desmedida, rematava em uma como ramagem: era isto, segundo entendo; porque, sendo arremessada do interior por impulso de um subitaneo vento, faltando-lhe este depois, ou tambem vencida por seu proprio peso, se desfazia, estendendo-se para os lados, branca umas vezes, outras vezes escura e de côres varias, segundo tinha levado comsigo terra ou cinzas. Que este prodigio era grande, e que merecia ser examinado de mais perto, assim o pareceo a um homem eruditissimo, como era meu Tio. Ordena se lhe apreste uma pequena embarcação, e da-me a faculdade de o acompanhar, se assim me apraz. Respondi, que preferia o ficar entregue aos meus estudos; pois até por casualidade me havia elle encarregado de certa escripta. Sahindo de casa,

(*) Na citada Carta 5.ª dá tambem noticia deste costume de seu Tio: *æstate siquid otii, jacebat in sole... Post solem plerumque frigidâ lavabatur.*

levou comsigo o seu caderno de apontamentos. A tropa de Marinha de Retina, aterrada com o perigo eminente, (pois já o tinha sobre si, nem havia para onde fugir, excepto para as embarcações) pedia-lhe se posesse em salvo de tamanho risco: Outra foi a sua resolução; e proseguio com a maior coragem no, que, levado do amor do estudo, havia começado. Mandou sahir ao mar as quadriremes, e embarcou em uma dellas no designio de levar soccórros não só a Retina, porêm aos muitos povos circumvisinhos; (que em razão da sua amenidade era grande a população de todo aquelle paiz). Dá-se pressa a partir para aquelle mesmo logar, donde os outros fogem; e dirige-se via recta e no rumo do perigo, tão despido de medo, que hia dictando, e fazendo escrever todos os movimentos d'aquella grande calamidade, todas as figuras, que ella apresentava, á proporção que com a vista as hia observando. Já a cinza cahia sobre as embarcações, tanto mais quente e mais densa, quanto mais se lhe hião aproximando: sobre ellas cahiam tambem já pedras pómes, e outras negras e despedaçadas pelo fogo: Já começava de improviso a entulharse-lhes o váo, e as praias a obstruirem-se-lhes com à ruina do monte, que sobre ellas cahia. Incerto por um pouco, se voltaria para tras, immediatamente diz ao piloto, que lhe aconselhava assim o fizesse: = *A fortuna ajuda os fortes; navega para onde está Pompeano.* = Achava-se este em Stabios, logar dalli separado no meio da enseada; por quanto o mar vai pouco a pouco introduzindo-se por entre aquellas ambientes e curvas praias. Em tal posição Pompeano, posto que não visse o perigo proximo ainda, mas observando-o sempre, e vendo-o crescer, tinha ha pouco mandado já recolher aos navios todas as bagagens, na resolução de fugir, apenas cessasse de soprar o vento, que lhe era contra-

rio; o qual, fazendo então feição á meu Tio, o havia conduzido para alli: este abraça-o, que estava tremendo de medo, consola-o, exhorta-o; e para com a sua propria segurança lhe minorar o temor, ordena que o conduzam ao banho; e depois de se haver lavado, assenta-se á mesa, e cêa com semblante alegre; ou, o que é igualmente grande, com apparencia de alegria. Viam-se já a esse tempo em muitos logares do monte Vesuvio reluzir dilatadissimas chammas e grandes incendios, cujo fulgor e claridade as trevas da noute tornavam mais vivas: Para oppor algum remedio ao grande medo dos circunstantes, dizia elle; que aquillo eram fogos alli deixados pelos camponezes, a quem o susto havia feito fugir á pressa dos seus lares; que eram povoações ardendo abandonadas ao desamparo. Dito isto, retirou-se a descançar, e dormio effectivamente com um sono o mais socegado; pois, tendo os orgãos da respiração mui amplos, e em proporção á grandeza do seu corpo, o ouviam ressonar mui alto os, que de fóra da porta o estavam observando. Mas já a área que dava passagem para o seu aposento, se achava tão entulhada de cinza e de pedras pômes com ella misturadas, que não seria possivel sahir do cubiculo a quem nelle por mais tempo se demorasse. Tendo-o despertado do sono, levantou-se, e foi ter com Pompeano, e com os mais, que não tinham podido dormir. Consultáram então entre si, se conviria permanecerem dentro das casas, se irem para logares descobertos; visto que os repetidos e grandes tremores de terra faziam vacilar as casas, as quaes, abaladas desde os alicerces, parecia moverem-se de uns para outros logares, ou voltarem á sua primeira posição. Não obstante o receio, que havia, de serem incommodados pela queda das pedras pômes, ainda que leves e consumidas pelo fogo; a comparação entre estes

dous perigos fez que preferissem o ir novamente para o ar livre; meu Tio porêm deixou-se vencer do peso das rasões; aos outros, quem os dominou, foi a força do medo. Para se defenderem dos corpos, que cahiam de cima, cobrem as cabeças com travesseiros, presos com toalhas. Julgou-se conveniente o avisinharem-se á praia; a fim de observarem de mais perto o, que poderia tentar-se sobre o mar, o qual ainda se achava grandemente agitado e contrario: alli tendo mandado estender no chão uma véla, e deitando-se sobre ella, pedio, e bebeo por duas vezes agua fria; até que as chammas e um cheiro de enxofre, que dava annuncios da sua proximidade fazendo fugir os mais, o excitam a fugir tambem: ergueo-se effectivamente apoiado sobre dous creados; porêm tornou immediatamente a cahir, segundo conjecturo, por lhe haver obstruido a respiração um ar mais crasso, tendo-lhe fechado o orgão do peito, o qual era nelle fraco por natureza, e sujeito a frequentes intermitencias. Logo que o tempo aclarou de novo (o que foi sómente passados tres dias), foi o seu corpo encontrado inteiro, illeso e coberto com as mesmas roupas, que o vestiam antes da sua morte, e na disposição antes de quem dorme, do que de quem estava morto. Nesse meio tempo eu, e minha mãi achavamo-nos em Misêno: mas isto não tem já nada com a historia, nem tu quizeste de outra cousa ser informado, senão da morte de meu Tio. Portanto aqui acabarei, sómente accressentando, que tudo, quanto tenho dito, ou foi visto por mim, ou o tenho contado, pelo ter ouvido em tempo, em que merece credito, quem o conta: escolherás por isso o, que julgares mais importante; pois ha grande differença entre o escrever uma Carta, ou uma Historia; entre o escrever para um amigo, ou para o publico. — A Deos.

Carta de Plinio a Cornelio Tacito: é do Livro 6.° a 20.ª

Dizes, que á vista da Carta, que, por assim mo pedires, te escrevi ácerca da morte do meu Tio, ficaste desejando saber não só os sustos, mas tambem os perigos, que soffri, depois que, elle me deixou em Misèno (pois tendo começado a tocar este ponto, interrompi nelle a minha narração). *Posto que o meu espirito se horroriza com uma tal recordação, vou começar a contar-to* (*). Depois da sua partida, dei-me todo inteiro ao estudo (visto que para isso é que tinha ficado): banhei-me depois, cêei, e fui para a cama: Porêm o meu sono foi desassocegado e curto; o tremor de terra, menos temeroso, por ser frequente no paiz da Campania, que depois de muitos dias havia começado a sentir-se, tomou naquella noute um tal incremento, que parecia, não que tudo se movia, mas que tudo se arruinava. Minha mãi entrou no meu quarto a tempo, que eu já me levantava; a fim de acordal-a, se estivesse dormindo: fomos tomar assento em um pateo da casa, o qual a separava do mar por um pequeno espaço. Não sei, se chame firmeza, se imprudencia, ao que vou dizer; pois eu contava apenas dez-

(*) *Quamquam animus meminisse horret.... incipiam* (Virg. Eneid. Lib. 2. verso 12).

oito annos de idade: Peço a Obra de Tito Livio, e começo a lêr, como se tudo estivesse em grande socego; e a fazer della extractos, como tinha começado a fazer. Eisque chega um amigo de meu Tio, que de Hespanha tinha vindo ha pouco visital-o: Vendo-me, e a minha mãi assentados, e a mim de mais a mais lendo, não poude deixar de reprehender a paciencia della, e a minha tranquillidade; eu porêm nem sequer levantei os olhos do Livro. Estavamos já na hora primeira do dia, e ainda a luz era incerta, e como languida: abaladas já as casas circum-adjacentes; posto que fosse descoberto o logar, onde nos achavamos; era comtudo isso estreito, e por tanto grande e certo o receio de sermos victimas das ruinas. Pareceo por fim conveniente o retirarmo-nos da povoação, no que fomos seguidos do povo aterrado, o qual abraçou, em vez do seu, o parecer alheio, acto que no meio do susto se assemelha á prudencia: e ao tempo, em que nos hiamos retirando, carregou em grande multidão sobre nós, e nos foi levando deante de si. Logo que deixámos a povoação parámos: mas prodigios em grande numero, e muitos sustos vieram alli assaltar-nos; por quanto os carros, que tinhamos ordenado nos acompanhassem; posto que collocados em um planissimo campo; viam-se em uma oscilação continua, e nem depois de calçados com pedras, podiam conservar-se firmes nos seus logares: Viamos de mais disto o mar sobre si mesmo retirar-se, como se fosse impellido pelo tremor da terra; e na verdade a praia achava-se muito mais dilatada, e cobertas as suas areias de muitos animaes marinhos: do outro lado uma nuvem negra e horrorosa, cortada por traços de fogo, vibrados em direcções differentes, apresentava aos olhos longas figuras inflammadas, similhantes a relampagos, porêm ainda maiores. Então aquelle mesmo amigo, que

de Hespanha viera, com vehemencia e instancia maior nos diz: « Se teu Irmão, e teu Tio ainda vive, quer de certo, que vos salveis; e se é morto, quiz que lhe sobrevivais: Por que razão pois não tratais de escapar-vos? » Ao que respondemos == Que nunca trataríamos da nossa segurança, em quanto existissemos incertos, se elle estava, ou não salvo. == Ouvido isto, sem mais se deter um só instante, evadio-se, e a fugir tratou de escapar ao perigo; e dentro de pouco tempo vimos aquella nuvem descer sobre a terra, e cobrir os mares, a qual cercando a ilha de Cáprea, de todo a esconde aos olhos, bem como o promontorio Misêno. Então minha mãi começou a pedir-me, a exhortar-me, e ordenar-me == que fugisse de qualquer modo que fosse; visto que, como rapaz, o podia fazer: pois ella, opprimida pelos annos e pelo peso do seu corpo, morreria contente, vendo que, não era a causadôra da minha morte: == Ao que lhe respondi == que eu nunca trataria de salvar-me, uma vez que não fosse em sua companhia: == E logo, travando-lhe da mão, a obrigo a apressar o passo; e ella, seguindo-me com difficuldade, não cessa de accusar-se de servir-me de embaraço. Já começava a cahir sobre nós cinza, posto que ainda em pequena quantidade: ólho para traz, e vejo eminente uma densa escuridão, a qual nos hia seguindo á maneira de uma torrente, que se derrama sobre a terra: « Retiremo-nos do caminho (tornei eu a dizer a minha mãi) em quanto ainda podemos vêr; para que não aconteça, que, cahindo por terra na estrada, sejamos no meio das trevas esmagados pela multidão dos, que nos acompanham. » Mal nos tinhamos arredado do caminho, cerrou-se uma noute, não como aquella, em que não ha luar, e que está coberta de nuvens; mas tal como, depois de apagada a luz, se encontra em uma casa in-

teiramente fechada. Ouvirieis então o pranto das mulheres, os chóros das creanças, os clamores dos homens, uns procurando a vozes os pais, outros os filhos, outros as esposas, e pelas vozes sómente podendo reconhecer-se: Estes lamentavão a sua propria desgraça, aquelles as dos seus: Havia quem, receando a morte, pedisse, e invocasse a mesma morte: Muitos levantavam as mãos para o Ceo, implorando o soccorro dos Deoses; muitos mais, desconhecendo a existencia da Divindade, tinham para si, que era para o Mundo aquella a eterna e ultima noute: Nem faltou quem exagerasse os perigos verdadeiros com fingidos e mentirosos terrores: Outros asseveravam falsamente aos, que lhes davam credito, que em Misêno ora tinha cahido isto, ora tinha ardido aquillo. Tornou então a apparecer um pequeno clarão, o qual nos anunciava não a tornada do dia; mas que nos dava indicios, de que o fogo se vinha aproximando: Comtudo o fogo não progredio mais; voltáram porêm as trevas, e com ellas a cinza em grande quantidade, e de cada vez mais pesada; ao ponto de que, para a sacudirmos de nós, eramos obrigados a levantar-nos; aliás ficariamos cobertos e sufocados debaixo do seu peso. Posso gloriar-me, de que, no meio de tantos perigos, ninguem me ouvio um gemido, nem uma voz um pouco mais forte; por julgar, que eu acabava juntamente com todas as cousas, e ellas todas simultaneamente comigo; triste, mas grande consolação para quem morre. A final tendo-se atenuado aquella escuridão, desfez-se como em fumo, ou em nevoeiro; e appareceo immediatamento o dia, alumeado pelo resplandor do Sol, porêm amarelado, e qual costuma mostrar-se nos eclipses. Apresentavam-se aos nossos olhos ainda amedrontados todas as cousas mudadas, e cobertas de grossas camadas de cinza, como costuma aconte-

cer com a neve. Tendo voltado para Misêno, e restaurados os corpos do modo possivel, passámos uma noute suspensos, e incertos entre a esperança e o medo; era este porém o que ainda mais nos dominava; pois a terra continuava a tremer, e um grande numero de fanaticos não cessava de ludibriar-nos com vaticinios atterradores, avivando-nos a mente assim as suas, como as alheias desgraças. Isto não obstante, não nos resolvemos a sahir dalli; posto que tivessemos estado expostos ao perigo, e que receassemos a sua repetição, sem que nos chegassem noticias de meu Tio. O que nesta Carta leres, de certo o não julgarás digno de ser escripto na tua Historia; e se nem ainda o julgares digno de uma Carta, a ti o imputa, pois me pediste to relatasse. — A Deos.

Leó mais o Secretario parte da noticia da 2.ª viagem Geologica do Sñr. Bonnet ao Alemtejo, escrita em Francez.

NOTICE

Sur la marche suivie par la Commission Géologique, dans la première partie de son second voyage dans l'Alemtéjo.

La Commission se mit en marche le 27 7.bre; elle fut assaillie le 28 et le 29 par un temps affreux; le

30 elle visita la rive gauche du Sado depuis Alcacer jusqu'au village dos Bairros; le 31 elle passa ce fleuve au *porto* dit dos Caneiros, éxamina l'embouchure de différens affluens du Sado; ce jour là, la pluie tomba avec violence, mais malgré ce mauvais temps la Commission traversa cette vaste plaine sablonneuse (charneca) qui s'étend depuis S.ta Margarida do Sado jusque près du village de Figueiras et se rendit à Ferreira, afin de rattacher les travaux du second voyage avec ceux du premier.

La Commission éxamina ensuite le versant Sud de la Serra de Mombeja et se rendit à Beja en traversant la plaine qui s'étend depuis S.ta Victoria jusqu'à cette ville.

De Beja, elle passa à Trigaxas, et porta son attention sur les calcaires métamorphiques qui s'y trouvent, elle visita les sources de la rivière das Figueiras, ainsi qu'un plateau qui fait le partage des eaux, sur le quel est situé le village dit Farinho, et traversa le desert qui aboutit presqu' à Alvito.

La Serra d'Alvito fut éxaminé avec soin, ainsi que celle du Tourão. Elle porta aussi son attention sur la rivière Xarrama, remonta une partie de son cours, la traversa, et visita toutes les montagnes qui s'étendent du Tourão aux Alcaçovas, en mesurant les principales hauteurs qui sont, Cabeça d'Aguia, l'Outeiro do Val de Nogueira dans la Serra do Anel, Serro de Cabeça Gorda, l'Outeiro da Cruz, Cabeço de Lobo, et la Serra de N.a S.ra da Esperança.

Sur presque tous ces sommets, la Commission avait fait des stations de triangulation; mais celle faite sur la Tour de l'ermitage de N.a S.ra da Esperança, qui se trouve au sommet de la serra, fut très profitable à cause de la vue étendue dont on jouissait; on se fit donc

une idée éxacte du cours du gros ruisseau Diège et de ses affluens, ainsi que des versants Sud de la Serra de Monte-Mor, et dos Monges. Das Alcaçovas la Commission traversa cette plaine ondulée ou plateau qui va jusqu'à la Serra de Vianna; elle fit plusieurs observations barométriques sur le Xarrama et détermina la peute de cette rivière.

La Serra de Vianna fut examinée attentieusement, malheureusement une pluie considérable tombait.

Le jour suivant qui était le 8 Octobre, la Commission visita la serra d'Alpedrera ainsi que les contreforts, et en suivant le versant Sud de ces montagnes, elle se rendit à Portel.

Dans cette ville et les alentours, on fit plusieurs stations de triangulation, mesurant les hauteurs, et dont la principale est celle dite de S. Pedro, de laquelle on jouit d'un vaste panorama.

La serra de Portel est elevée, et près de la ville il y a un partage d'eaux, les unes courent sur l'Ouest et vont former la Ribeira d'Odivellas qui se rend au Sado; tandis que les autres se dirigent à l'Est et vont entrer dans la Ribeira Degébe qui se met dans la Guadiana.

La Commission examina les serras de Giões d'Alqueva, traversa la Guadiana, passa à Moura et se rendit à Barrancos, en examinant les ruisseaux Torges, Totalga, Safaréja et Mortigão.

Barrancos et les environs qui sont sur la frontière d'Espagne furent visités avec soin. Cette partie est très montagneuse et forme un grand nombre de serras, dont on détermina les hauteurs; ce sont celles, de Aroche, qui est la principale; de Narajeiro, du Carrapato, de Cança Lobo, Serra Colorada, le Cabeço d'Alcantarinha, le Pico das Outreiras, le Resbaloço etc. etc. On examina avec soin les sources et les affluens du

Mortigão, le cours du Murtiga et de l'Ardilla, dans la partie qui appartient au Portugal.

Dans la serra d'Aroche la Commission fut assaillie par une forte tempête, et de laquelle elle échappa avec beaucoup de difficultés, il en fut de même en passant le Murtiga et l'Ardilla.

De Barrancos la Commission se rendit à Amareléja, examina les contreforts de la Serra d'Aroche qui sont les Serras da Gata, da Botefa etc. etc., et continua sur Mourão en visitant et examinant une prise d'eau dite Albofeira da Estepa, le cours du Guadelim et de l'Alcaraxa. La Commission passa ensuite la Guadiana, qui offrait des dangers à cause de son courant rapide, puis gravit la serra sur laquelle est bâtie la Ville de Monsaraz; elle détermina la hauteur d'un grand nombre de points et fit une station de triangulation comme elle en avait déja fait une à Mourão et quatre dans les Serras de Barrancos.

De Monsaraz elle se rendit à Corval, en passant dans un plateau couvert de blocs granitiques affectant les formes les plus bisarres et représentant principalement des Mausolées, et qui mériterait le surnom de *Champ des Tombeaux;* en suite elle visita Villa Nova de Reguengo, passa le Degèbe, et examina ainsi le versant Nord de la Serra de Portel.

De Monte Trigo la Commission se rendit à Evora, examinant les affluens du Degêbe; à Evora elle étudia avec soin les sources du Degèbe et du Xarrama, le premier va à la Guadiana et le second ao Sado.

D'Evora la Commission alla à Redondo, visitant le versant Sud de la Serra d'Ossa, les affluens du Degébe dont quelques uns sont forts. La Commission mesura barometriquement le point culminant de la Serra

d'Ossa et de ses principaux contreforts, étudia le cours des ruisseaux qui en descendent, puis alla à Alandroal; elle visita et examina minutieusement Borba, et Villa Viçosa ainsi que les environs de ces villes.

Ces villes se trouvent sur une cordillière separée de la Serra d'Ossa par une vallée dans laquelle fut donnée la bataille de Montes Claros.

Cette cordillière est remarquable, car il existe une nappe d'eau souterraine qui alimente les fontaines d'Estremoz, Borba, Villa Viçosa, Bencatel, Alandroal, etc. etc. Ce fait a attiré l'attention de la Commission, mais elle ne peut dans cette notice s'étendre davantage à ce sujet.

De Villa Viçosa elle se rendit à Jérumenha et à Elvas, en éxaminant minutieusement un grand nombre de ruisseaux qui descendent des hauteurs de Villa Boim, et entrent dans la Guadiana.

Ici s'arrête cette notice, car quoiqu'elle soit écrite à Portalègre, la Commission n'ayant pas encore visité en entier la grande serra de ce nom, qui s'étend jusqu'à Arronches etc. elle ne peut dire rien à ce sujet.

La partie de topographie et de géographie physique a été examiné avec soin, mais la Géologie, proprement dite, fut encore plus l'objet des recherches de la Commission.

Sur cette partie on ne peut, dans une notice, donner des détails; on dira donc seulement, que les roches chisteuses dominent, puis viennent les roches ignées granites plus ou moins syénitiques et des diorites; les calcaires sont peu abondans et on peut en distinguer au moins de deux formations.

La Serra de Vianna est calcaire et renferme des marbres; la cordillière, sur laquelle sont situées Estremoz, Borba, et Villa Viçosa, est calcaire et renferme

des marbres; Elvas est sur un calcaire demi cristallin.

Il y a une infinité de faits intéressans sur les sources, les cours des rivières, la végétation, la composition minéralogique des roches, etc. etc., que l'on pourrait dire; mais la Commission ne peut s'étendre dans une notice, et n'a voulu qu'indiquer d'une manière aproximative, la marche quelle avait suivie; cependant elle doit ajouter que dans ce second voyage elle travaille encore plus que dans le premier, malgré les grandes difficultés qu'elle rencontre à cause du mauvais temps et des chemins qui deviennent impraticables.

La Commission a déja mesuré plus de 250 hauteurs; elle a fait 32 stations de triangulation, elle apris un grand nombre de directions des serras, de couches etc. etc.; elle a recueilli quatre caisses d'échantillons; et cependant elle n'en est qu'à la moitié de son second voyage.

Elle espère donc qu'à la fin de ce second voyage, elle aura terminé ce qui appartient à l'Alemtejo, ou du moins qu'il lui restera peu de choses à voir.

Portalègre 1.er de Novembre de 1849. = Le chargé de l'examen géologique du Royaume, et président de la Commission. = Ch. Bonnet.

E apresentou:

Uma Memoria do Snr. José Barbosa Canaes de Figueiredo sobre os Mordomos Mores, que ficou para se lêr em occasião opportuna.

E umas inscripções Romanas, offerecidas pelo mesmo Snr. Barbosa Canaes, com a sua explicação. Assentou-se que se imprimissem nas Actas.

Differentes Inscripções.

Uma das maiores collecções de Memorias lapidares, senão a maior, que tenho encontrado, principalmente dos tempos da Monarchia Portugueza, é a do Snr. Antonio Joaquim Moreira. Do exame, que eu fiz em muitas, confiadas por sua bondade a meu estudo, vim a persuadir-me ser conveniente a publicação de algumas pertencentes aos seculos do dominio Romano. Por isso, sendo elle do mesmo acordo, redigi umas notas sobre parte das que tenho actualmente em meu poder, e ora submetto esse pequeno trabalho ao juizo dos Sabios Membros desta Real Academia.

Deoses.

GENIO MVNICI TEMPLVM.
C. CANTIVS MODESTINVS
EX PATRIMONIO SVO.

Genio munici[pii] *templum Cajus Cantius Modestinus ex patrimonio suo* [erexit].

Em lapide de 9 palmos e $\frac{3}{4}$ de comprido, e de 2 e $\frac{1}{2}$ de largo, encontrada na Beira perto de Midões, que, segundo dizem, veio da cidade de Nabril, cujas ruinas se observão legoa e meia dali. Diz o seguinte:

« Templo dedicado ao Genio deste Municipio, que mandou levantar á sua custa Caio Cancio Modestino.» São communs as dedicações Romanas a esta falsa divindade: e Masdeu na sua collecção poz cinco de Hespanha em n.ºs 25, 26, 27, 28, e 29; a primeira em Braga ao *Genio do Mercado*, a segunda em Cordova aos *Deoses Genios*, em Grego, e na sepultura de um Grego, a terceira na mesma cidade ao *Genio da Cidade Pax-Augusta*, ou conforme o Historiador critico *Pax-Julia-Augusta* [Beja], a quarta em Sevilha ao *Genio do Municipio Flavio Arvense* [Alcolea na Andaluzia], e a quinta em Italica [Sevilha velha] ao *Genio do Povo Romano*.

VICTORIAE TEMPLVM.
C. CANTIVS MODESTINVS
EX PATRIMONIO SVO.

Victoriae templum Cajus Cantius Modestinus ex patrimonio suo [erexit].

Em lapide de 8 palmos e $\frac{3}{4}$ de comprido, e de 2 e $\frac{1}{2}$ de largo, encontrada no mesmo lugar. Refere-se a um *« Templo dedicado á Victoria, que erigio á sua custa Caio Cancio Modestino»* o proprio que mandou fazer o antecedente. Estas duas fabricas pela qualidade da lettra me parecem pouco posteriores ao reinado de Augusto. O paganismo Romano aprendeo da Grecia a divinisar a *Victoria*, e muitos simulacros obteve ella da devoção dos senhores do mundo. Masdeu em n.ºs 84, e 85 de sua Collecção deixou memoria de duas dedicações á *Deosa Victoria*, uma na cidade de Malaga, outra em Espejo na Andaluzia, e nós podemos addicionar esta.

[SACRVM] NETO
VALERIVS AVIT
\TVRRANVS SVLPICI
DE VICO BAEDORO
GENTIS PINTON.

[Sacrum] *Neto Valerius Avit*[us] *Aturranus Sulpici*[us] *de vico Baedoro* [et] *gentis Pinton*[iae stirpe oriundus, erexit].

N'uma lapide encontrada em Outubro de 1815 junto á muralha de Condeixa a velha da parte de l'este, e copiada no anno seguinte. A primeira palavra na primeira linha foi suprida, porque falta na copia; a seguinte me indicou a que puz, e embora ella pela maior parte occupe o segundo lugar, não me parece haver defeito no recurso: commummente se usava o inverso, mas eu tenho encontrado exemplos, que me aproveitão, e um delles está no cippo, de que Masdeu copiou a inscripção n.° 51. A primeira lettra da terceira linha é um *A*, porque não só a parte conservada o inculca, mas a palavra de que faz parte. Ha nesta escriptura lettras inclusas, e lettras conjuntas: porêm facil é a meu ver ler-se « *Valerio Avito Aturrano Sulpicio da familia Pintonia e natural da aldea de Bedoro fez esta dedicação a Neto.* » Os Romanos do tempo do Imperio não erão menos prodigos de nomes, do que nós somos; e se o devoto de Neto tinha quatro, alguns houve que usárão cinco. O Consul *Quinto Epidio Rufo Loliano Genciano*, Conde Palatino dos Imperadores Severo e Caracalla, e o Tribuno Militar *Marco Valerio Propinquo Granio Cereal*, que occupou o Flaminato da Hespanha Citerior, forão ainda mais largos, que o Lusitano, de quem vou fallando, e suas memorias na citada collec-

ção de Masdeu n.ºs 467, e 767 o provão. Da familia *Pintonia* e da aldea *Bedoro* nada sei: entretanto julgo ser este Valerio Avito da mesma gente, senão o proprio filho de Valerio Marino, ao qual Valeria Fuscila sua mãi fez construir o sepulcro, que se achou no mesmo lugar de Condeixa a velha, e, alem de outros, copiou Flores na Hespanha Sagrada trat. 45 cap. 1. Seja disto o que for, a presente inscripção, segundo minhas conjecturas, é dos dias do Imperio, e não muito posterior ao seculo 1.º da nossa era; por ella sabemos do culto de Neto na Lusitania; e não ha ahi pouca importancia. Esta divindade não apparece no catalogo dos Gregos e Romanos, por isso se tem dito ser de invenção Hespanhola, como se não podesse pertencer aos Fenicios e Carthaginezes. A pobre Hespanha está tão livre de inventar simulacros, como de perpetrar outros delictos, de que a inveja e a ignorancia lhe tem feito carga. Neto é o nome Hespanhol dado a Marte, que os Gregos e Romanos adorárão, e que tinha um simulacro em Acci [Guadix na Granada], segundo escreveo Macrobio no L. 1.º das Saturn. cap. 19 (*), e outro em Iria-Flavia [Padrão na Galliza], segundo o cippo n.º 108 da collecção de Masdeu. Talvez que este *Marte* seja o *Endovelico*, *Hercules Fenicio* ou *Jupiter Bello*; ao menos os Gregos e os Romanos facilmente o confundirião; mas essa questão depende de trabalho especial.

(*) Accitani etiam, Hispana gens, simulacrum Martis radiis ornatum maxima religione celebrant, Neton vocantes.

Aras.

IMP. CAES. NERVA. I
TRAIANVS. AVG. GER. DAC.
PONT. MAX. TRIB. POT. VII.
IMP. IIII. COS. V. RgP.

Imp[erator] *Caes*[ar] *Nerva*[e] Filius *Trajanus Aug*[ustus] *Ger*[manicus] *Dac*[icus] *Pont*[ifex] *Max*[imus] *Trib*[unitia *Pot*[estate] *Septimo Imp*[eratoria] *quarto Cons*[ulari] *quinto* [insignis erexit] *R*[eco]*g*[nitus] *P*[iissimus].

No Penedo das Caldas de S.^to^ Antonio das Taipas ou Caldellas, que eu penso ser a propria copiada por Argote nas antiguidades do Convento Bracarense L.° 2.° cap. 4.°, collocando-a pouco distante de Guimarães no campo de Vessada a par do Ave, e por Masdeu na sua collecção em n.° 188, applicando-a a Guimarães. A lição da presente copia, que eu tenho razões para crer mais exacta, differe daquellas em ter a sigla I no fim da primeira linha por F, que não vem n'outra parte, e acabar com *RgP*, em quanto as outras terminão em *PP*. O Antiquario Bracarense achou neste Penedo todas as feições de uma Ara Romana, e o Historiador critico teve para si faltar-lhe o nome da supposta divindade, a quem o Imperador a fizera dedicar. A sigla *F* importa, como é constante, em todos os Estudiosos da lapidaria a succesão: e com quanto, menos commum o *RgP Recognitus Piissimus*, era mais proprio deste monumento, que o *P.P. Pater Patriae*. Pela combinação dos numeros pertencentes a cada uma das dignidades de Trajano assentou o mesmo Historiador critico ser feita esta Ara

depois de Outubro do anno 103 da nossa era. Supposto isto, parece-me que diz « *O Imperador Cesar Trajano Augusto filho de Nerva, vencedor dos Germanos e dos Dacios, Pontifice Maximo, Tribuno Militar a setima vez, General do Exercito Romano a quarta, e Consul a quinta, mandou erigir esta Ara, pelo que é reconhecido piissimo.*

Festas em honra dos Deoses.

NEPTVNALE.

Em lapide encontrada na Igreja velha de Bobadella. È memoria de uns jogos celebrados em honra de Neptuno, que tinhão lugar no dia 20 de Julho, o qual por esse facto era feriado, segundo escreveo, além de outros, Sertorio Ursato.

Sepulturas.

D. M. S.
MEMORIAE. G. F. CALCHISIAE. FLAM.
PROV. LVS. II. FIL. PIISSIM. ET. MAR. LE.
SIDONIAE. NEPT. DVL. ET. APON. LV-
PIANO. MAR. MERENT. FABRIC. QVA. MISER. MA-
TER. IVN. LEONICA. KARIS. SVIS. ET SIBI.

D[iis] *M*[anibus] *S*[acrum] *Memoriae G*[aji] *F*[iliae] *Calchisiae Flam*[inicae] *Prov*[inciae] *Lus*[itaniae] *ubique fil*[iae] *piissim*[ae] *et mar*[ito] *L*[ucio] *E*[lio] *Sidoniae nept*[i] *dulc*[issimae] *et Apon*[io] *Lupiano mar*[ito] *merent*[ibus] *fabric*[am extruxit] *qua*[m] *miser*[rima] *mater Jun*[ia] *Leonica karis suis et sibi* [dicavit].

Em um jaspe branco collocado na parede exterior da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bispo de Monte-mor o Novo, e copiada em 1814. É dividido em tres partes com tarjas em relevo: na parte do centro está a presente inscripção disposta ao longo: a da direita se achava já gasta quanto a duas linhas de escriptura, que parece haver tido, e o mesmo defeito padecia na extremidade: na parte da esquerda tinha um prumo levantado, e duas linhas de escriptura, uma em cima e outra em baixo; dizendo a primeira *E SABINAE*, e restando da inferior só duas lettras *ER*, cuja significação me não é possivel saber; mas cuido, que era complemento da superior, onde pozerão *Eliae Sabinae*. A dedicação aos Manes está na parte de cima entre as duas linhas, que de todos os quatro lados tem este cyppo. Se me não engano a inscripção lê-se deste modo « *Memoria consagrada aos Deoses Manes. Junia Leonica desditosa mãi fez levantar este monumento para si e para os seus caros filhos dignos de sua eterna saudade, Calchisia Flaminica da Provincia da Lusitania filha de Caio e sua filha a todos os respeitos piissima, ao marido desta Lucio Elio, a Sidonia sua neta dulcissima, e ao marido desta Aponio Lupiano.* » Junia Leonica, que a meu ver era do tempo do Imperio, e de respeitavel ancianidade, nos deixou memoria de uma Sacerdotiza da mais nobre ordem na Lusitania em Calchisia sua filha, e ainda, como idea associada, de um Pontifice na pessoa de Lucio Elio seu genro. Flores no tratado de Merida deo noticia de Flavia Rufina Flaminica da Lusitania, que lhe constou de uma lapide, a qual Rezende tinha encontrado em Alcacere do Sal. Masdeu poz em n.os 771 e 781 mais um Flamen da Lusitania destinado ao culto de Augusto em Cabeça de Albino, e uma Flaminica da mesma Provincia Liberia Galla, natural de S. Sebastião de Leiria [Colippo], a

quem os Decuriões do Municipio ordenárão estatua, sepulcro, e funeral.

MODESTVS AVIRATI F. C.
BEL. AN. LX. CORNINA
CENSVLIA. AN. L. H. S S.S.
V. T. C. AVIMIVS MODE
STINUS PATRI. FIRMVS
MODESTI. LIB. PATRO.

Modestus Avirati f[ilius] *C*[aius in] *bel*[lo consumptus aetate] *an*[norum] *LX* [et] *Cornina Censulia* [mortua aetate] *an*[norum] *L h*[ic] *s*[epulti] *s*[unt]. *U*[si] *t*[itulo] *C*[aius] *Avimius Modestinus Patri*[bus et] *Firmus Modesti lib*[ertus] *Patro*[nibus hoc monumentum erexerunt].

Em lapide de seis palmos de comprido e tres de alto, com molduras exteriores, dentro das quaes está a escriptura. Acha-se encravada na esquina da parte de fóra da Capella de S.[to] Antonio de um lugar chamado Aldea Nova a meia legoa da Foz do Aguiar, e junto ao angulo, que o Gueda fórma com o Douro, onde dizem ter havido antigamente boa povoação, e que restão vestigios de uma fabrica de metaes em tempo Romano. Os rios Aguiar e Gueda não são conhecidos dos Geographos, e serão naturalmente do numero desses, que nas cartas são inominados. Os vestigios de fabricas de metaes não são singulares, por isso mal posso sem informações locaes assignar sitio. Perguntei-o a pessoas visinhas do Douro, mas não fiquei melhor instruido. A qualidade da lettra desta inscripção recorda os dias da guerra de Cesar na Lusitania, e julgo, que se póde passar á nossa linguagem deste modo « *Caio Modesto filho de Avirato*

morto na guerra, de 60 annos de idade, e Cornina Censulia de 50 estão aqui sepultados. Fizerão este monumento Caio Avinio Modestino em obsequio de seus pais, e Firmo, Liberto de Modesto, de seus patronos.

Memorias de reconhecimentos a Cidades.

SPLENDIDISSIME CIVITATI
IVLIA. MODIS. TAPL
AMINIA.

Splendidissim[a]*e civitati Julia*[e] *mo*[numentum] *d*[e] *i*[mpensa] *s*[ua] *T*[iti] *A*[pii] *L*[iberta erexit] *Aminia.*

Em lapide achada na Igreja velha de Bobadella. Cardoso não teve conhecimento senão das dicções, que notão a quem se dedicou este monumento, e só essas poz no seu Diccionario. Seu dizer, conforme entendo, é o seguinte « *Aminia Liberta de Tito Apio fez á sua custa este padrão em honra da esplendidissima Cidade de Ulia.* » Ulia, ou Julia, ou Colonia Julia, é Montemor na Andaluzia.

Memorias de reconhecimento a Pessoas.

IVLIAE GNE
FLAVINA. I.
IVLIVS
RVFVS
PATRONAE
D. D.

Juliae g[e]*n*[tis] *E*[liae de stirpe oriunda] *Flavina*[e] *j*[ure] *Julius Rufus Patronae* [suæ hoc monumentum] *dicavit.*

Em lapide encontrada na mesma Igreja. Parece-me, que se póde ler « *A Julia Flavina da familia Elia erigio por dever esta memoria Julio Rufo em obsequio de sua liberdade.* » A familia Elia natural de Italia veio a ser muito extensa na Hespanha: e, posto que em Roma não teve lugar ao principio entre os Patricios, era na sua origem nobilissima. Depois de contar muitos Consules e Senadores foi classificada na mais elevada jerarchia por dar ao throno Imperial um illustre Principe na pessoa de Augusto Adriano. E, embora a sua collocação na Cidade, dos Elios escreveo Livio « *cum Patriciis semper, nunquam com Plebejis comparati* » e Sparciano fallando de sua origem disse « *Vetustior a Pincentibus, posterior ab Hispaniensibus.* »

Legados Publicos.

F. S.
FRONY
NIVSA
VITVS
AI.

F[ecit] *S*[uis] *Froninius Avitus A*[micus] *I*[ntimus].

Em lapide encontrada um quarto de legoa de Monte-Real, duas ao norte de Leiria, no sitio dos covões junto á raiz de uma pequena collina, onde ha uma fonte de agua mineral. Appareceo n'uma escavação em 1807 com algumas medalhas Romanas, segundo escreveo Francisco Tavares nas *Instrucções e Cautelas sobre aguas mineraes*, part. 1.ª cap. 11. Não me parece, que contenha outra cousa senão « *Froninio Avito intimo a-*

migo de seus concidadãos mandou fazer para elles esta obra » que naturalmente seria a fonte ou banho publico.

Por esta occasião participou o Secretario que o Sñr. Barbosa Canaes tinha uma grande Collecção de Inscripções, e muitas dellas ineditas, tanto de Lisboa, como de todo o Reino, que poderião formar um corpo consideravel das Inscripções de Portugal, não só Romanas, mas tambem de outras épocas, e propoz que se convidasse o Sñr. Barbosa Canaes a communica-las á Academia, com as suas explicações, principiando pelas Inscripções relativas a Lisboa e seu termo. A Academia approvou a proposta.

O Sñr. Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto offereceo á Academia, por mão do Sñr. Francisco Freire de Carvalho, as duas obras mencionadas na lista dos donativos.

Determinou-se que fossem entregues ao Sñr. Director da Classe de Sciencias Exactas, para serem examinadas pela Classe.

RELATORIOS.

Lerão-se os pareceres dos Sñr.es Francisco Freire de Carvalho, e do Secretario perpetuo sobre as Lições

de Philosophia do Snr. Manoel Antonio Ferreira Tavares, que ambos são concordes em elogiar este livro: e em que seu Autor é digno de ser nomeado Correspondente da Academia.

DONATIVOS.

Jornal da Sociedade Asiatica de Londres. — Vol. 11 — Parte 1.ª — Vol. 12 — Parte 1.ª — 8.º — 2 vol. — Offerecido pela mesma Sociedade.

Jornal da Sociedade Asiatica de Paris. — 4.ª série — Tomo 13.º — N.º 65 — Tomo 14.º — N.ºs 66 e 67 — 8.º — 3 vol. — Offerecido pela mesma Sociedade.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences (Instituto Nacional de França). — Tomo 29 — 2.º semestre — N.ºs 7, 8, 9, 10, 11, e 12 — 4.º grande — 6 N.ºs — Offerecido pelo mesmo Instituto.

Lettre à Mr. Paul Lacroix (Bibliophile Jacob). Contenant: un curieux épisode de l'histoire des Bibliothèques publiques, avec quelques faits nouveaux relatifs à Mr. Libri et à l'odieuse pérsecution dont il est l'objet. — Paris 1849 — 8.º — 1 folheto.

Lettres a Mr. Hatton, Juge d'instruction au sujet de l'incroyable accusation intentée contre Mr. Libri etc. Par Mr. Paul Lacroix. — Paris 1849 — 8.º — 1 folheto. — Estes 2 folhetos forão offerecidos por Mr. Achilles Jubinal.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — Tomo 5.º — N.º 23 — 8.º — 1 folheto. — Offerecido pela mesma Sociedade.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Novembro de 1849 (2.° do outono).

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluviometro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera
	Min.	Max.	Med.	9ª Man.	3ª Tarde			
1	54	59	56	749,1	743,7	20	·N¹S·O²-NO	
2	46	59	52	44,4	44,4	7	NO—²O¹	Aguaceiros muito frios, aspero e ar secco.
3	51	62	56	42,4	41,8	9	SO—O	
4	52	63	57	46,1	47,5	6	NO—N	
5	55	62	58	56,2	56,2		·NO—NO	
6	51	66	58	62,3	62,0		NO·—V·	
7	52	68	60	64,0	65,5		·NE—NE	Sol ardente, e ar quente no meio do dia.
8	52	69	60	65,5	65,0		NE—B	Ameno.
9	52	69	60	64,3	63,7		·NE—B	Idem.
10	49	67	58	64,4	65,0		·NE— B	Idem.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9h Man.	3h Tarde			
11	49	67	58	63,9	63,0		·E—NE	Ameno.
12	51	66	58	63,4	63,0		·NE—B	Idem.
13	53	66	59	64,0	63,2		·NE—·N	
14	53	68	60	63,6	63,2		·N—¹N	Nevoeiro no horisonte.
15	49	63	56	65,1	64,5		N—N	
16	50	62	56	65,2	64,5		·N—N	Ameno e ar secco.
17	47	61	54	65,2	63,5		NE—NE	Idem.
18	46	61	53	64,5	63,7		NE—NE	Idem.
19	44	61	52	62,7	61,3		B—N	Pequeno nevoeiro matutino no horisonte.
20	46	62	54	60,2	59,4		·NO—NO	
21	54	63	58	58,8	57,4	14	·SO—·S¹	Muito tepido.
22	55	60	57	57,3	58,1		·NO—·N	Ar secco e fresco.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluviometro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9h Man.	3h Tard.					
23	47	62	54	63,0	62,3		·NO—NO			
24	52	62	57	62,7	62,0	2	NO—'NO			
25	57	63	61	60,6	60,0		·O—'O			
26	52	62	56	60,2	58,8		N—N			
27	52	62	55	59,2	58,7		NE—V		Id.	
28	45	61	50	57,6	57,0		NE—NE			
29	51	62	56	61,5	62,8	1	B—B			Pequeno aguaceiro de madrugada.
30	47	62	55	67,5	66,3		B—N			Muito humido, e abundante orvalho matutino.
Med.	50,4	64,1	56,7	760,2	759,5	59	NE--N--NO			Temperatura mui regular, pouco chuvoso e pouco ventoso.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE NOVEMBRO DE 1849.

Temperaturas.

Minima a 19 .... 44°
Maxima a 8 e 9 69
Variação med. diurna .. 12,7
Maxima a 11 .... 18.

Barometro na tp.ª de 63°

Max.ª altura a 30. .	767,6	Variação
Minima a 3	41,7	dos extremos
Media...........	59,7	25,9 millim.

Ventos dominantes e sua força.

0,3 0,3 0,9 0,8 1,0 0,3 0,2
N,13 = NO,12 = O,4 = SO,4 = S,1 = NE,15 = E,1
= B ou V,10.
= Direcção media do vento dominante N 8° O (0,4).
= Madrugadas bonançosas 19.
= Meios dias ventosos 2.

Estado da Atmosphera.

Meios dias claros 29 — Claro e nuvens 15 — Cobertos 2 — Dias em que choveo 7, fornecendo 59 millimetros, ou dois terços da chuva normal do mez. — Pequenos nevoeiros matutinos 2 — Dias de algum calor no meio do dia 6 — Dia de frio notavel 1.

Mortalidade em Lisboa.

Sexo masculino	—217	maiores	—122	menores	—tot.	—339
Dito feminino	—182	ditos	— 98	ditos	—dit.	—273
Sommão	399	ditos	—220	ditos	—dit.	—619.

Incluindo-se 332 fallecidos nos hospitaes, dos quaes 123 forão menores procedentes da Misericordia. É a mortalidade normal do mez, que sóbe a 611 individuos.

M. M. Franzini.

RO DE 18
METROS.

ntos dominantes e sua força
5 0,3 0,2

Mezes
Dezembro 1848
Janeiro 1849
Fevereiro
Março
Sommas
Abril
Maio
Sommas
Junho
Julho
Agosto
Septembro
Sommas
Outubro

Phenomenos Notaveis

Houverão quatro tempestades a 14, 15, 16 e 24 do Sul e SO; e Trovoada remota a 14

Tempestade de SE a S a 1, e 2.

Tempestade do N a 9 e 10, com o ar mui secco. — Dita de O a SE de 28 a 30, com chuva e trovoada.

Tempestade do N de 25 a 27, sem chuva e ar secco.

Trovoada a 4 com chuva; outra a 29 com chuva.

Trovoada a 2 com muitá chuva, — Idem á 18 e 19 com chuva. — Idem remotás a 20, e 21.

Pequena tempestade de SE a SO a 28 e 29 com alguma chuva.

tempestade de SE a S, a 18 com alguma chuva. — Tro- e chuva abundante a 18.

ACTAS

DAS

SESSÕES

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA.

1849. — N.º VIII.

SESSÃO LITTERARIA DE 12 DE DEZEMBRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celesti-

no Soares, José Cordeiro Feio, Antonio Lopes da Costa e Almeida, Ignacio Autonio da Fonseca Benevides, Francisco Recreio, Fortunato José Barreiros, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; Antonio Caetano Pereira, e Carlos Bonnet, Socios Correspondentes.

MEMORIAS LIDAS.

O Sñr. Santos Cruz acabou de ler a sua Memoria que tem por titulo — *Noticias Historicas da Illuminação da Cidade de Lisboa.* — Foi entregue ao Sñr. Director da Classe de Sciencias Naturaes.

O Secretario perpetuo recebeo do mesmo Sñr. o extracto da referida Memoria para ser impresso nas Actas.

Depois de expôr em uma *Advertencia* o quanto a illuminação da cidade interessa, não só á segurança dos cidadãos, mas que hoje póde ter uma notavel influencia na vida, e na saude dos moradores desta capital, o Auctor divide a sua *Memoria* em tres partes, ou tres épocas. — Na 1.ª trata deste assumpto, desde o começo da Monarchia até ao anno de 1780; durante todo

este immenso espaço de tempo não houve a lembrança de illuminar a cidade, senão no reinado d'ElRei D. Fernando I, que por seu Alvará approvou as posturas, que a Camara de Lisboa tinha então feito para este serviço, indica a causa, que daria lugar a esta determinação, e apresenta os inconvenientes e perigos, em que corrião os seus habitantes, em attenção a esta falta, á má construcção das ruas da cidade, e á pouca policia, que então havia; admirando muito, que este beneficio publico escapasse á perspicacia do grande Ministro o Marquez do Pombal na reedificação da cidade *nova ou baixa*, depois do terremoto de 1755, não obstante o celebre = *D. Luiz da Cunha* = ter já lembrado ao Principe D. José a illuminação de Lisboa, em uma carta politica, que lhe escreveo antes de subir ao throno.

Na segunda época da *Memoria*, que começa em 1780, e finda em 1834, diz ter sido ordenada a illuminação de Lisboa nas Instrucções juntas ao Decreto de 20 de Maio de 1780, e posta a cargo da Intendencia Geral da Policia da Côrte e Reino, a quem foi commettida tambem a limpeza das ruas da cidade, suas calçadas, fontes etc., recebendo os direitos impostos sobre as carnes, vinho, azeite etc., para o consumo dos habitantes de Lisboa, até então recebidos pelo Senado directamente da Alfandega das Sete Casas, rendimentos, que depois entrárão no Thesouro publico, e de lá sahia uma consignação mensal para estas despezas. Apresenta toda a legislação, que desde antigos tempos auctorisa estes impostos municipaes, assim como a sua applicação; dá noticia do principio e marcha da illuminação, do numero de candieiros, que então existia, da linha de demarcação da cidade, dentro da qual havia essa illuminação, assim como da despeza, que neste objecto fazia a Intendencia numero de seus empregados, com as

31 *

competentes reflexões sobre este serviço naquella época, em presença das noticias dadas pelos escriptores desse tempo. Dá tambem noticia, por esta occasião, da illuminação da cidade do Porto, instituida por Decreto de 5 de Outubro de 1824; de qual era a sua administração, e a cargo de quem estava, e os impostos para este fim creados.

A terceira, e ultima época, e na verdade a mais importante, começa desde 1834 até ao presente tempo, na qual a illuminação tem sempre estado a cargo da Camara Municipal desta cidade desde aquelle anno: expõe o numero de candieiros, que então havia na cidade, o augmento annual, que hia fazendo a Camara, e o local, em que erão postos; o numero de empregados neste serviço, bem como a sua despeza annual, que regulava, por um termo medio, na quantia de 35:463$650 rs.; faz depois algumas reflexões sobre este serviço, e expondo as difficuldades, em que a Camara se encontrou muitas vezes pela falta das consignações mensaes, dadas pelo Thesouro, apresenta por ultimo a historia da illuminação por meio do gaz hydrogeneo carbonado.

O Auctor refere, que a Camara Municipal tinha em vistas a illuminação da cidade por meio do gaz desde 1834, quando para este fim fez annuncios publicos tanto nos jornaes nacionaes, como nos estrangeiros, e apresenta as differentes propostas, feitas á Camara desde 1836 até 1846, nenhuma das quaes conveio ao espirito patriotico, de que ella mostrava estar possuida, pelas razões que expendeo, até que o Governo por Decreto de 3 de Maio de 1846, e Alvará de 13 do dito mez e anno, deo o privilegio exclusivo á Companhia *Costa e Detry* por quinze annos, como inventores de novos aparelhos para a fabricação do gaz, referindo as oito condições deste contracto: faz as competentes refle-

xões sobre este exclusivo, comparando a Lei de 16 de Janeiro de 1837 sobre os novos inventos com os aparelhos, de que a Companhia se serve para a fabricação do gaz, que são os mesmos usados tanto na Inglaterra, como na França, notando por fim a resistencia, que a Camara fez a este contracto não só pelas representações dirigidas ao Governo, mas pelos obstaculos, que oppoz á Companhia na canalisação, que começava a fazer nas ruas de Lisboa para assentar os tubos conductores do gaz, do que resultou pedir a Camara a sua dissolução.

O Auctor descreve a maneira por que a Companhia tem até hoje desempenhado as suas funcções, segundo o espirito do Decreto de 10 de Março de 1847 e Regulamento que o acompanha, no qual se entrega á Companhia *Costa* e *Detry* a illuminação publica, e particular de Lisboa, que até então estava commettida á Camara Municipal, do que resulta ter a Companhia faltado ao seu contracto, por não estarem no tempo estipulado illuminadas a gaz muitas das ruas, que o devião estar segundo o contracto, não obstante ter a Companhia illuminado outras a seu livre arbitrio. Apresenta o numero de candieiros, que hoje tem a Companhia, e o numero das casas particulares, a que já fornece o gaz para a illuminação, assim como o numero de bicos (que passão de 2:500), hoje alimentados pelo gaz nesta cidade; compara a despeza feita com esta fórma de illuminação publica com a que fazia a Camara anteriormente com azeite, e conclue pelos calculos, que apresenta, ser aquella muito mais dispendiosa; de maneira que se a Companhia tivesse o mesmo numero de candieiros alimentados com gaz, que tinha a Camara alimentados com azeite, haveria um augmento de despeza annual na illuminação a gaz

de 22:153$290 rs., tendo esta (para compensar o excesso de despeza) as vantagens consideraveis de ser a luz muito mais brilhante, de ser por toda a noite, que dura a illuminação, e em todas as noites do anno, o que a torna preferivel.

O Auctor descreve o estado actual da fabrica da Companhia, e todas as operações que alli se praticão; nota o que ainda falta áquella fabrica, para estar bem montada, como são os tectos de ferro, em algumas das casas, alguns muros d'isolação, e os para-raios. Apresenta os processos de distillação, condensação, e depuração, alli seguidos, dizendo quanto a este ultimo, que é ainda muito imperfeito e incompleto, do que tem resultado o máo cheiro do gaz, que muitas vezes se observa na illuminação da cidade e das casas particulares; expõe as vantagens, que resultarião, se o gaz fosse depurado, applicando o processo de *Mr. Mallet*, pelo emprego do chlororeto de manganez, ou pelo sulphato de ferro, para a perfeita decomposição e extracção dos saes ammoniacaes, o que só a cal não póde fazer apresentando com a devida extensão este processo, e os competentes aparelhos para esta depuração.

Conclue por fim, que a illuminação a gaz alem de ser perigosa á segurança e vida dos cidadãos, em consequencia das explosões, e incendios, como tem acontecido em as outras Nações, do que refere muitos exemplos, verificados em Londres e Paris, diz, que a illuminação de Lisboa, como se faz actualmente, póde ser nociva á saude publica, por conter gazes, que lhe são insalubres, que vem juntos ao gaz hydrogeneo; diz tambem, que não obstante as excellentes providencias, estabelecidas pelo Governo em o Decreto regulamentar de 10 de Outubro de 1848, que é uma copia do es-

tabelecido em França, e datado de 27 de Janeiro de 1846, para obviar os perigos de vida dos habitantes, que repetidas vezes tem acontecido nas cidades referidas; com tudo ainda são precisas para o mesmo fim algumas disposições regulamentares, e instrucções, como medidas de segurança para a illuminação particular, cujo projecto elle apresenta. — E não obstante apresentar no corpo da Memoria toda a legislação antiga e moderna, que tem relação com o seu objecto não só em attenção aos impostos municipaes para este e outros serviços publicos, como á mesma illuminação; elle nota por fim toda a legislação, que se tem publicado relativa á dita illuminação, por meio do gaz.

Termina em ultimo lugar o Auctor a sua Memoria, expondo quanto conviria, que em lugar do carvão de pedra, se empregassem, como materias primas, outras substancias, de cuja distillação não resultasse ser o gaz hydrogeneo carbonado inquinado de materias, que fossem nocivas á saude dos habitantes da cidade, o que se póde conseguir com o emprego do bagaço secco das uvas, e das borras do vinho, cuja distillação dá uma enorme quantidade de gaz hydrogeneo, que apresenta uma luz maravilhosa, sem estar inquinado de substancias nocivas á saude publica, como provárão as experiencias feitas ultimamente em Paris, no curso de Chymica da Faculdade; e que nem tão pouco se acharião estes inconvenientes, se se empregasse na illuminação da cidade o chamado *liquido mineral*, usado em muitos estabelecimentos publicos de Paris, e cuja luz (dizem) ser até mais bella, e mais suave á vista do que a do gaz, e não ter nenhum dos muitos inconvenientes, que tem o gaz hydrogeneo, resultante da distillação do carvão de pedra; e sobretudo se se usasse da *luz electrica* (de que o Auctor apresenta uma

noticia), que é brilhantissima, e tão bella como a do Sol, de maneira, que a 500 passos facilitava a leitura, como se experimentou em Paris em o mez de Agosto ultimo; asseverando ser hoje o melhor meio conhecido de illuminação.

Juizo critico sobre o extracto da Historia da Dynastia dos Beni-Hafss, por Abdallah Mohammed, traduzido por Mr. Alphonse Rousseau, no Jornal Asiatico de Paris, 4.ª série, Tomo 13, N.º 64, Abril e Maio de 1849. Pelo Sñr. Antonio Caetano Pereira.

ADVERTENCIA.

Todos os Historiadores Arabes são exagerados, quando referem factos que lhes são favoraveis; mentirosos nos adversos; e nos duvidosos, tornão-se enigmaticos.

Os seus copistas, com rarissimas excepções, são dolosos por caracter, falsificadores por ignorancia.

A extraordinaria surpresa, que nos causou a nova denominação da quinta Dynastia dos Imperadores da Mauritania, que se nos pertende provar com o extracto

de um manuscrito Arabe attribuido a — el-Zerkeschi — cuja copia vem no citado jornal, e traduzido por Mr. Alphonso Rousseau, nos levou ao escrupuloso exame do mesmo texto, confrontado com a traducção, e com o juizo do mesmo Interprete.

Lê-se no citado Jornal a pag. 271 o seguinte — » Elle (o fragmento) começa no reinado de Mohammed » ben Abderramen el-Mohdi, primeiro principe da Dy- » nastia dos Almohades, e acaba no reinado do Sultão » Abou Omar Othman, vigesimo principe da Dynastia » dos Beni-Hafss, que succedêrão aos primeiros. » —

Mostraremos pois, que nos não merece credito algum o Manuscrito Arabe, não só pelo seu estilo, mas pela falsificação de nomes, e confusão de factos: e por ultimo, que a Dynastia, que succedeo á dos Almohades, não foi a dos Beni-Hafss, mas sim a dos Benemerines. Dividiremos por tanto este pequeno Juizo Critico em duas partes: a 1.ª será o Exame Philologico; a 2.ª o Exame Historico.

Parte 1.ª

Examinemos o texto Arabe, que começa no citado Jornal a pag. 272; e na primeira linha se lê o seguinte:

Ua galaa aluâdeq nafsaü ua bâina laâmii Ishaq.
Traduzio o Interprete.... El-Ouatseq abdicou voluntariamente, e proclamou seu Tio Abou Ishaq.

O Texto começa por uma particula — *ua* — que o Interprete não traduzio: e fez bem, porque assim oc-

culta a falta mui sensivel, que experimenta qualquer Interprete, omittindo-se os começos, ou prefações, em que todos os Historiadores Arabes offerecem os elementos, que dirigem o leitor ao claro conhecimento das mesmas obras, paralysando-lhe uma tal falta a devida critica, por menos severa, que se queira applicar. Diz o Interprete — voluntariamente. —

O texto só diz, que.... El-Ouatseq abdicou.... e não existe um só termo, que signifique a circunstancia notavel de voluntariedade: dizemos notavel; porque um tal acrescentamento pelo Interprete oppõe-se ao que no mesmo texto se acha a pag. 273, linhas 12, e 13 — onde se diz, que.... Abou Ishaq o mandou prender, e degolar, por elle (Ouatseq) se querer sublevar contra elle: e como se concilia isto com a abdicação voluntaria? Louvamos em fim a boa fé do digno Interprete em se persuadir, que naquelles povos barbaros, onde cada uma das Dynastias de seus Imperantes foi uma cadêa de escandalosos usurpadores, houvesse algum, que voluntariamente abdicasse!! Continua o Interprete.... e proclamou seu Tio Abou Ishaq.

O verbo, que o Interprete traduzio — proclamou — é o verbo concavo — *Báaa* — e se acha no Texto escrito na 3.ª conjugação, e na fórma activa — *Báiaa* — onde significa — inauguratus est Imperator — isto é, com este verbo na 3.ª conjugação e na activa exprimem os Arabes a solemne, e publica acclamação de seus Imperantes: e por isso na activa só o empregão no plural, e rege depois de si accusativo, e não dativo, como se lê no texto — *Laimii* — com esta circunstancia em dativo regido da particula — la — sómente se emprega este mesmo verbo na 3.ª conjugação, mas é na fórma passiva: e então deveria o Autor escrever assim .... *ūmmú* — *búiqa laú bilguildáfat*.... o que se tradu-

ziria da maneira seguinte.... Foi feita a publica, e solemne acclamação a seu Tio no Chalifado: é assim que escrevem os Sabios, e não como alli se acha escrito: logo está errada a grammatica e a traducção não é fiel.

Na mesma pag. 272, 4.ª linha, se acha o seguinte.... *Galaaa nafsaú laúmii*.... Traduzio o Interprete — Elle abdicou voluntariamente em favor de seu Tio. — Além do acrescentamento do adverbio — voluntariamente — uma tal traducção ajusta-se bem á supposta abdicação voluntaria, e deste modo se disfarça a manifesta contradicção, que resultaria, se o Interprete lesse, como devia lêr; isto é — Liúmii — em vez de — Laúmii. — Mas provado, que nunca se deo entre elles uma tal circunstancia, é claro, que não podia haver abdicação em favor de ninguem: além de que não se encontra a idéa de — Favor — expressa pela particula — Lá — mas sim pela particula — *álá* — ou pelo nome, que o designa. Lendo-se por tanto, como se deve lêr; isto é — Liúmii — é traducção a seguinte..... Elle abdicou por causa, ou ordem de seu Tio (o que é natural que fosse) donde se deduz, que ou o Autor errou a expressão, ou cahio em manifesta contradicção.

Na pag. 273, 2.ª linha, se lê o seguinte:
Tualá baadaú umuú al-Maulá-al-Imiru-Abú Ishaq. Traduzio o Interprete. — Seu Tio Abou Ishaq lhe succedeo no poder.

Este passo está errado; mal traduzido; e envolve contradicção. A primeira palavra é o verbo — *ualá* — à que os Grammaticos Europeos chamão — Quiescente — duas vezes imperfeito; e os Arabes lhe chamão — Involto separado — está na 5.ª conjugação e activa, cuja significação é — Præfecit rei-muneri — rege accusativo: mas no texto está regendo nominativo, logo está errada a syntaxe. Lea-se pois o verbo na fórma pas-

siva, como o parece haver lido o Interprete: em tal caso ainda existe o erro de orthographia: por quanto havendo o concurso das lettras enfermas, e a mudança das vogaes, prescrevem as regras da grammatica, que se marquem as vogaes; e assim o praticão os Sabios, e o mesmo Autor o faz nos casos, em que menos necessidade havia. Mas supponhamos correctos qualquer dos dois erros, ainda resta um terceiro, que é falta da propriedade, e pureza da Lingua Arabe: porque este verbo só exprime a nomeação de um emprego, mórmente o Governo de uma Provincia; o que corresponde exactamente entre nós aos Prefeitos, ou Governadores nas Provincias, e não o de Successor no Imperio como o passo quer dar a entender; e só poderia exprimir uma tal idêa, se no texto viesse clara a necessaria circunstancia.... *bilguilâfat*.... isto é, no Chalifado, o que lá não apparece. Por ultimo concederemos um descuido no copista; o que não podemos é salvar o Autor de uma contradicção: porque este verbo, que o Autor emprega, em qualquer conjugação, e em qualquer voz, sempre, e só significa a nomeação de um encargo; e por isso ou o Sobrinho nomeasse o Tio seu successor, ou este fosse nomeado, oppõe-se evidentemente este facto ao da publica, e solemne acclamação, que se acha no principio do texto duas vezes enunciada.

Esta grande falta de pureza da lingua se acha confirmada a pag. 285, onde se lê este mesmo verbo, e escrito do mesmo modo, além dos erros apontados, com mais duas significações mui extranhas: na linha 5.ª — significando. — Foi encarregado (de o matar) — e na linha 6.ª — significando — Elle reinou (em Tunes). Donde se conclue, que ou o Autor era mui ignorante de sua lingua, ou o Interprete não é fiel na traducção.

A pag. 282, linha 12.ª, se lê o seguinte:

ua naja........ ilá Tilmasana.

Traduzio o Interprete. — Seu filho salvou-se de Telmsàn. —

Está errada a traducção, e tambem errado o texto, e envolve uma evidente contradicção.

Está errada a traducção; porque.... *ilá*.... não significa — de — significa — para. — E envolve contradicção: porque admittindo-se a idêa, de que elle se salvou de Telmsan, oppõe-se ao que se lê na linha 14.ª, onde o Autor diz:

Ahi (em Telmsan) tinha elle uma Irmã casada com o Governador de Telmsan... e continúa:

Fa acramaú ua rahaba bii

que quer dizer — e em consequencia disso, este (o Governador) o tratou generosamente, e se congratulou com a sua chegada.

Tambem está errado o texto: porque o verbo — *najá* — que significa — Evasit — só admitte depois de si a particula — *min* — que significa — De — e não soffre a particula — *ilá* — que significa — Para. — Pelo que se vê claramente, que o Autor ou errou na particula, pondo — *ilá* — em lugar de — *min* — ou errou o verbo, escrevendo — *najá* — que significa — Evasit — em lugar de — *lajá* — que significa — Confugit ad eum. —

Em todo o caso o Interprete errou, porque se trocou a significação da particula para salvar a do verbo, não salvou a contradicção. Emendando pois o Autor, ou o copista, e a traducção, deveria lêr-se da maneira seguinte:

ua lajá.... ilá Tilmesana.

E então seria esta a sua verdadeira interpretação.

Seu filho se refugiou em Telmsan, onde o Gover-

nador o tratou com generosidade, e se congratulou com a sua chegada.

Outros muitos erros poderiamos apontar, mas estes bastão para o nosso intento: e como a belleza das linguas se funda no appropriado uso de seus vocabulos, faremos sobre esta circumstancia ainda esta ultima observação.

É não só claro, mas até evidente, que os vocabulos — Chalifa — Emir — e Sultão — não são termos synonymos, mas cada um delles exprime uma idêa mui especial; nem são tão pouco nomes proprios de homens: e por isso, ou se tomem como taes, ou se appliquem indistinctamente, de necessidade se cahe em gravissimos erros. Chalifa — exprime sómente o Imperador, que era, ou blasonava ser do sangue de Mohammed. Emir — significa o Imperador independente. Sultão — exprime, ou o Rei, que é subordinado ao Imperador, ou é applicado a qualquer Rei, ou Monarcha Christão.

É pois o que notamos no texto; isto é, nelle vemos, tomado o vocabulo — Emir —, umas vezes *como* nome proprio, outras vezes, como titulo: Abou Ishaq, é notado umas vezes com o titulo de Emir, e mais vezes com o de Sultão, ao passo que seus filhos recebem delle o de Emir. É igualmente certo, que os Historiadores Arabes exprimem o Governo dos Imperadores pelo termo — *Guiláfat* — Chalifado; e os dos Reis *pelo* termo — *dulat* — Governo: logo é contra a propriedade, o uso que faz o Autor do texto, quando na 3.ª *linha* a pag. 272 emprega — *guiláfat* — em lugar de — *dulat* — visto designar Abou Ishaq com o titulo de Sultão. Mas não nos deve admirar isto, quando seu Autor foi tão idiota, que nem ao menos sabia a ordem, nem o nome dos mezes do anno, como passamos per ultimo a demonstrar.

Por tres modos exprimem, e numerão os Arabes os mezes do anno: 1.° Pelo methodo Europeo, que consiste em escreverem com os seus caracteres os nomes dos mezes ageitando aquelles aos sons, que se lhes representão: v. gr. o mez de Agosto, é... *gaxtá*.... e isto se encontra em muitas Cartas, e Tratados com as Nações Christãs. 2.° Pelo Syriaco: e então ao mez de Agosto lhe chamão, e escrevem.... *abá*.... 3.° Pelo propriamente Arabe, com seus nomes particulares, e por uma ordem constante, e determinada: e por isso sempre o seu terceiro mez do anno é — Rabia el-uual: — o 4.° mez é — Rabia el-tani. —

Diz o Autor no texto a pag. 272., 2.ª linha, que a acclamação de Abou Ishaq fora no mez — Rabia el-tani —, que o Interprete traduzio — Agosto: — e a pag. 273, 8.ª linha, diz, que a dita acclamação fóra repetida em Tunes no mez — Rabia-el-aguer — do mesmo anno (*a*) 678 da Hegira. Donde se segue; que empregando um nome de mez, que elles não tem, ou que ignorava o nome verdadeiro do mez, que queria repetir, ou ignorava o nome do mez, que se lhe seguia. Supponhamos, que o Autor quiz pelo adjectivo, que empregou — el-aguer — indicar outro mez pelo modo Syriaco; nesse mesmo caso errou tambem, porque seria

ou.... Txuin-el-aguer — Novembro,
ou.... Canum-el-aguer — Janeiro.

De tudo o que havemos dito se prova, que um tal manuscrito ou é apocryfo, ou se acha mui erradamente copiado: e por consequencia temos apresentado os motivos por que nos não merece credito algum o manuscrito, cuja copia se lê no citado Jornal Asiatico.

NOTA (a).

Só uma vez encontrámos em toda a historia, que tem por titulo —Cartas — ou antes, por tal é conhecida, esta expressão — *rabii al-agar* — para exprimir — *rabii addáni* — sobre o que devemos fazer as seguintes observações. 1.ª Que nesse passo, o escritor acaba de exprimir o mez — *rabii al-ual* — e depois de quatro palavras em seguida diz — *rabii al-agar* — isto é — Mense Rabii primo; — e depois — Mense Rabii altero. — 2.ª Que assim como se duvida da pura latinidade no emprego de — altero — para exprimir uma tal idêa; assim ao mencionado passo se póde applicar o dito do mui judicioso Horacio — Quandoque bonus dormitat Homerus.

DONATIVOS.

Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias, de Lisboa etc. — 1.ª Série — 2.º Anno — Dezembro de 1849. — 4.º— 1 N.º— Offerecido pelo Sñr. José Tedeschi.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — Tomo 5.º— N.º 24. — 4.º — 1 N.º— Offerecido pela Sociedade.

Revista Militar — Tomo 1.º— 1849 — N.º 11 — Novembro — 4.º— 1 N.º— Offerecido pelo Sñr. Fortunato José Barreiros, em nome da Direcção.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences (Instituto Nacional de França). — Deuxième semestre — 1849 — Tomo 29 — N.ºs 13, 15, e 16 — 4.º— 3 N.ºs— Offerecido pelo Instituto Nacional de França.

Proceedings of the Royal Society of Edinburgh (Actas da Sociedade Real d'Edimburgo). — Vol. 2.º— 1848 — 1849 — N.ºs 33 e 34 — 8.º— 2 N.ºs

Transactions of the Royal Society of Edinburgh. — Vol. 16 — Part. 5.ª — For the session — 1848 — 1849 — 4.º gr.de— 1 vol.

Dito — Vol. 19 — Part. 1.ª— *Containing the Makerstoun Magnetical and Meteorological Observations for* 1845 *and* 1846 (Contendo as observações Magneticas e Metéorologicas dos annos de 1845 e 1846). Edinburgh — 1849 — 4.º g.de— 1 vol. — Offerecido pela Sociedade Real d'Edimburgo.

ASSEMBLEA D'EFFECTIVOS DE 19 DE DEZEMBRO.

Presidio o Sñr. José Cordeiro Feio.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.ˢ Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, José Liberato Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Filippe Folque, Francisco Recreio, Antonio Lopes da Costa e Almeida, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Fortunato José Barreiros, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos.

Para satisfazer ao que se ordena na Portaria expedida pelo Ministerio dos Negocios do Reino em 21 de Novembro ultimo, relativamente ás representações dos Alumnos das Escolas Medico-Cirurgicas de Lisboa e Porto, nomeou-se uma Commissão composta dos Sñr.ˢ Directores das Classes, do Sñr. Vice-Secretario, e do Secretario perpetuo da Academia.

Mandou-se copiar o Manuscripto do Cancioneiro do extincto Collegio dos Nobres.

Foi unanimemente approvado para Socio Correspondente da Academia o Sñr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel, que tinha sido proposto para Socio na Sessão de 21 de Novembro.

O Sñr. Director da Classe de Sciencias Moraes e Bellas Lettras, propoz para Socios Correspondentes os Sñr.es Manoel Antonio Ferreira Tavares, e José Ignacio Roquete.

O Sñr. D.or Folque apresentou um Manuscripto do Sñr. Antonio Anacleto de Seara, que tem por titulo = *Tratado dos Instrumentos de reflexão, comprehendendo a pratica da Astronomia Nautica* = e propoz que, sendo approvado pela Academia, e por ella impresso, se tivesse com a Viuva do Autor a contemplação que a Academia entendesse. Assentou-se que se entregasse o Manuscripto ao Sñr. Director da Classe respectiva para o fazer examinar.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Dezembro de 1849 (1.° do inverno).

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera		
	Min.	Max.	Med.	9ª Man.	3ª Tarde					
1	51	64	57	765,6	764,5		NE$^{\circ}$—N			Orvalho matutino abundante. — Ameno.
2	51	62	56	63,0	61,4		N			Chuvisco inapreciavel de tarde.
3	49	59	54	58,4	57,3	1	^{1}NO^{r}			Ar secco e frio.
4	51	59	55	55,1	54,7	1	$^{\cdot}$NO—$^{\cdot}$V			Idem.
5	53	60	56	53,5	55,6	5	^{2}O^{r}—^{2}NO^{r}			
6	47	60	53	61,0	60,5		O—^{r}SO^{2}			
7	57	61	59	56,4	57,0	4	^{1}SO$^{r\cdot}$—^{1}O^{r}			Nevoeiro denso no horisonte. — Ar frio.
8	48	58	53	59,2	59,3	1	NO			Secco e frio.
9	48	58	53	60,0	57,5	5	NO^{1}SO^{2}NO			Idem.
10	54	60	57	59,1	59,5	3	NO—N			

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9h Man.	3h Tarde					
11	44	58	51	60,3	58,2		B	○	○	
12	41	58	49	53,6	* 50,7	8	S²—²SE·	●	●	
13	58	* 65	61	57,0	59,7	1	SO—B	●	⊜	Nevoeiro no horisonte — Tepido e humido.
14	58	63	60	66,2	66,1		B	●	⊜	Idem denso, muito humido.
15	55	62	58	* 67,4	67,0		E—B	⊖	○	Ameno.
16	50	56	53	66,0	65,3		·N—B	●	⊜	Nevoeiro denso, frio e humido.
17	47	51	49	66,3	65,2		B	●	⊜	Idem.
18	48	57	52	64,6	65,2		B—·NE	●	⊖	Idem.
19	46	60	53	65,4	65,2		B—E·	●	⊜	Idem muito denso.
20	45	56	50	64,1	62,1		²N—NE	⊖	⊜	
21	45	56	50	59,3	57,9		·NE—B	○	○	Ameno.
22	40	50	45	59,1	59,0		NE	○	○	Muito frio e secco.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera.		
	Min.	Max.	Med.	9^h Man.	3^h Tard.					
23	34	44	39	60,8	59,6		^{1}NE^{1}	○	○	Muito frio e secco.
24	31	44	37	60,7	59,4		^{1}NE	○	○	Geada matut. e alg. gelo; m^{t}. secco e frio intenso
25	32	45	38	60,5	59,4		^{1}NE	○	○	Idem. gelo Idem
26	34	45	39	61,3	61,3		^{2}NE^{2}	○	○	Frio intenso, mas sem gelo.
27	31	51	41	62,6	61,8		B—^{1}N·	○	○	Forte geada e gelo.
28	43	57	50	59,4	57,4	2	^{32}NO	⊕	⊕	Arco iris.—Ar tepido.
29	46	55	50	57,8	57,8		NO—^{1}N·	⊖	○	
30	42	57	49	60,1	59,0		^{1}N"	○	○	
31	37	50	43	64,1	63,6		^{1}NE^{1}	○	○	Geada matutina, e muito frio.
Med.	45,7	56,2	51,4	760,9	760,2	31	NE--NO--N			Temperatura dos primeiros dous terços muito fria: o ultimo terço secco, e pouco ventoso.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE DEZEMBRO DE 1849.

Temperaturas.

Minima a 24 e 27..... 31°
Maxima a 13....... 65
Variação med. diurna... 10,5
Maxima dita a 27... 20

Barometro na tp.ª de 63°

Max.ª altura a 15..	767,5	Variação dos extremos 16,7 millim.
Minima a 12.....	50,8	
Media...........	60,8	

Ventos dominantes e sua força.

0,6 0,7 1,1 1,1 1,3 0,7 0,3
N,10 = NO,11 = O,3 = SO,4 = S,1 = NE,16 = E,2
1,3
= SE,1 = V, ou B,14.
= Direcção media do vento dominante N,1° O (0,7).
= Madrugadas bonançosas 14.
= Meios dias ventosos 10.

Estado da Atmosphera.

Meios dias claros 24 — Claro e nuvens 4 — Cobertos 9 — Coberto e clarões 5 — Dias em que choveo 10, dos quaes forão 4 de chuviscos, fornecendo a diminuta quantidade de 31 millimetros, ou pouco mais da terça parte da chuva normal — Nevoeiros 7 — Dias de frio intenso 10, sendo 4 em que appareceo gelo e geadas matutinas.

Phenomenos notaveis.

Em 12 do mez cahio sobre Messina uma forte tempestade, que causou grandes desastres. No decurso deste mesmo mez foi açoutada a costa meridional da França, sobre o Mediterraneo, por ventos tempestuosos dos quadrantes do Sul apparecendo ao mesmo tempo um inverno rigoroso em toda a Europa, com gelos e neves abundantes, que interrompêrão a navegação fluvial, e o transito dos caminhos de ferro. — Desde 27 o canal de Inglaterra, e mar do norte, forão agitados com fortes tempestades, que causárão grande numero de naufragios.

Mortalidade em Lisboa.

Sexo masculino	— 228	maiores	— 125	menores	— tot.	— 353
Dito feminino	— 181	ditos	— 113	ditos	— dit.	— 294
Sommão	409	ditos	— 243	ditos	— dit.	— 647.

Incluindo-se 365 que fallecêrão nos hospitaes, dos quaes 153 forão menores procedentes da Misericordia, ou expostos nos adros. O excesso da mortalidade sobre a normal foi de 25 individuos.

M. M. Franzini.

ACTAS

DAS

SESSÕES

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA.

TOMO II.

LISBOA

NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.

1850.

ACTAS

DAS

SESSÕES

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA.

1850. — N.º 1.

SESSÃO LITTERARIA DE 16 DE JANEIRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Pedro Celestino Soares, Filippe Folque, Ignacio

MEMORIAS LIDAS.

O Sñr. Antonio Caetano Pereira continuou e acabou de lêr a 2.ª Parte do seu *Juizo Critico sobre o extracto da Historia da Dynastia dos Beni-Hafss, por Abdallah Mohammed, traduzido* por Mr. Alphonso Rousseau.

Parte 2.ª

Passemos agora aos factos, e nomes de seus agentes, que servem de assumpto ao citado texto: e deste modo entramos na segunda parte, que é o exame historico.

Para evitarmos a fastidiosa repetição dos mesmos nomes dos autores, que autorisão nossas provas, e que no decurso deste pequeno escrito devemos citar, prevenimos nossos leitores, declarando-os aqui anticipadamente.

E são os tres manuscritos seguintes: primeiro é Abu-Muhammed Sálihu Ben-Abd-Alihime — cujo titulo é — Historia Genealogica dos Imperadores dos Musulmanos. — O segundo é — Muhammed Ben-Abi-Muhammed Abdellá — cujo titulo é — Historia dos Reis

da Mauritania. — O terceiro é — Fr. João de Sousa, Arabe de Nação, o primeiro Mestre, e Fundador da Aula da Lingua Arabe em Portugal, cujo titulo é — Breve Noticia dos Soberanos, que governárão em Africa, e suas dynastias. —

Advertimos por ultimo, que as nossas citações serão feitas pelos titulos dos capitulos: porque os Historiadores Árabes (com rarissimas excepções) não costumão numerar seus capitulos, e suas paginas: de vinte e tres manuscritos, que possuimos, apenas um se lê paginado.

Quando pela primeira vez passámos os olhos pelo texto, entendemos, que era uma historia particular daquelles Regulos, e pretendentes, que em differentes épochas apparecêrão não só em Tunes, mas tambem nos diversos estados da Mauritania; e nessa conta a despregariamos por menos interessante á historia geral daquelle vastissimo paiz; se a leitura da carta, que precede o mesmo texto, escrita por Mr. Alphonso Rousseau a Mr. Reinaud, nos não despertasse a curiosidade de indagar o motivo, por que o interprete attribue á quinta dynastia dos Imperadores dos Musulmanos a extravagante denominação de — Beni-Hafss.

Inda que Mr. Alphonso Rousseau diga em sua já citada carta, que o manuscrito abrange o periodo de 360 annos, com tudo não podemos applicar nossa critica senão apenas sobre o texto, que se nos offerece no citado Jornal asiatico, quo sómente abrange o mui curto periodo de cinco annos, pois abre sua narração em 678 da hegira, e a fecha no anno de 683.

O facto é o seguinte, despido de seus pequenos, e triviaes accessorios.

Governava (diz o texto) em Tunes El-Fadhel ben Yehia el-Ouatseq Ben el-Moustanser, que em 678 da

hegira abdicou, e lhe succedeo Abou Ishaq Ibrahim ben el-emir Abou Zakaria Yehia eben el-Secheikh Abou Hafss; que era seu Tio.

No anno seguinte Abou Isahaq mandou decapitar a El-Ouatseq, e a seus filhos. Dois annos depois, em 681 appareceo um pretendente, chamado — Ahmed ben Marzouk ben Abou Omara que, tomando o nome de El-Ouatseq, alcançou um grande partido; este, ainda que feliz em alguns encontros, nos quaes mandou degolar a Abou Fares, filho de Abou Ishaq, e ao mesmo Ishaq; abandonado pelos seus partidistas succumbio ao forte partido de Abou-Hafss Omar, que mandou decepar a cabeça ao pretendente, e ficou reinando em Tunes.

São estes os nomes, e os factos principaes, que se referem no mencionado texto.

Confrontemos pois tudo isto com o que se acha escrito nas historias, que citámos.

No primeiro historiador citado, no capitulo que tem por titulo:

Al-gabru an dulat Amyri al-Muslimina Aby Iusuf, que quer dizer:

Noticia do governo do Imperador dos Musulmanos Abu Iusuf — se lê o seguinte:

O primeiro Imperador dos Musulmanos, que succedeo á extincta dynastia dos Almuhades, foi Abu Iusuf Jacub Ben Abi-Muhammed Abd-Al-Hak, que principiou a governar em 668 da hegira, e seu governo durou vinte e tres annos, e sete mezes: e por se ter apoderado já de todos os estados barberescos, quiz estender seu dominio ás Hespanhas, para onde passou quatro vezes: a primeira em 674; a segunda em 676; a terceira em 681; a quarta em 684: deixando nos differentes estados seus governadores: e no anno 678 só teve que de-

bellar um rebelde, que em Marrocos se levantou contra elle, chamado — Sufiano Messaúde Ben-Kanun, que se intitulava — Imperador dos Arabes. Donde se vê, que desde 668 até 697 da hegira, não houve Imperador algum chamado — El-Ouatseq; nem Abou Ishaq Ibrahim, nem pretendente, que se chamasse — El-Fadhel ben Yehia.

Vejamos agora o que dizem os mesmos historiadores a respeito de — El-Fadhel Ben Yehia el-Ouatseq, que abdicou em Abou Ishaq.

No historiador citado em segundo lugar, no capitulo que tem por titulo:

Al-gabru an dulat Idriz,

que quer dizer:

Noticia do governo de Edriz,

se lê o seguinte:

Foi Abu Allá Idriz Ben Saidi Abi Abd-Allá, filho de Muhammed Abd-El-Mumen.... e continúa:

Talacaba bil-Uádeq,

que quer dizer — e teve por appellido — o Constante — e continúa — foi acclamado em 665 da hegira, e falleceo no anno de 667.

Segue-se pois, que no texto em questão, vem: 1.° o nome falsificado: 2.° o appellido tomado, como nome proprio: 3.° um anachronismo; por quanto havendo fallecido o Imperador com o appellido de El-Ouatseq em 667, o texto lhe attribue uma abdicação, que as historias não referem, em 678, isto é, onze annos depois de sua morte.

Examinemos por tanto o nome daquelle, em quem o pretendido — El-Ouatseq — abdicou, que, segundo diz o texto, foi Abou Ishaq.

No segundo historiador no capitulo que tem por titulo:

Al-gabru an dulat Amyri al-Muminina Omar,

que quer dizer:
Noticia do governo do Imperador dos Crentes — Omar — se lê o seguinte:
Foi Imperador dos Crentes Omar Ben-Saidi Abu Ibrahim Ishaq, filho do Imperador dos Crentes Iusuf Ben-Abel-el-Mumen Ben-Alli — e continua:

Quniat Abu Hafs,

que quer dizer — foi conhecido com a alcunha de — o Escaravelho — e continúa, dizendo — e foi acclamado a 4 de Rábii 1.° do anno de 646 da hegira.

Daqui se deduz claramente, que no texto se dá: 1.° o nome falsificado: 2.° é reputada como nome proprio uma alcunha: 3.° apresenta um outro anachronismo: porque tendo este Imperador sido acclamado em 646, e havendo fallecido em 664, o texto lhe assigna a sua acclamação em 678, isto é, quatorze annos depois de sua morte.

Indaguemos finalmente o que diz o texto sobre o pretendido filho de Abou Ishaq, que se chamava Abou Faress Abdelazize, e que foi morto no anno 681.

No 3.° historiador citado, e com elle todos os mais, no capitulo que trata da 5.ª dynastia, se lê o seguinte:
Abu Fares Abel-el-Aziz succedeo a seu Tio Abu Zaynan Muhammed, governou cinco annos, e morreo em Telemessan no mez de Rabii 2.° do anno 773 da hegira.

Donde se conclue, que ou o texto, e por consequencia seu Autor, falsificou totalmente o nome do filho de Abu Ishaq, ou cahio em evidente anachronismo: porque referindo todos os historiadores a morte de Abu Fares ao anno de 773, o texto a refere ao anno de 681, isto é, noventa e dois annos antes. Accresce ainda a isto a notavel circunstancia, que o texto só o dá

como um simples governador de provincia, e os historiadores o contão como duodecimo Imperador na dynastia dos Benemerines.

Temos por tanto provado, que no pretendido manuscrito Arabe, a historia é falsa pela confusão, e troca dos nomes, e pelos gravissimos anachronismos, que se descobrem nos factos, que refere.

Resta por tanto provar, que a quinta dynastia, que succedeo á dos Almohades, não foi a dos — Beni-Hafss, mas sim a dos — Ben-Merines.

É coisa sabida por todos os que são versados na Litteratura Arabe, que todas as dynastias de seus Imperantes tomárão sempre uma denominação proveniente, ou do nome proprio de seu instituidor, ou de sua patria, tribu, ou de alguma sua qualidade caracterisca.

É por uma tal razão, que todas as Historias Arabes denominão a primeira Dynastia Africana — a dos Edrezitas; porque seu primeiro Imperante foi — Edriz Ben-Edriz. — A segunda — a dos Zanatas; porque seu primeiro Imperante foi Zaidi Ben-Atia, natural da Provincia de Zanata. A terceira — a dos Morabetins; isto é, ligados á religião; porque seu primeiro Imperante, que foi Iahia Ben Omar, era oriundo de uma tribu dos Arabes, que se estabelecêrão na Syria no tempo de Abu Bequer, e que teve um tal nome por seguirem ao principio a Religião Christã. A quarta — a dos Almuhades, isto é, os Unitarios; porque seu primeiro Imperante, que foi Muhammed Ben Abdalá Mohdy (o Director), se tornou mui celebre, por ser o unico, que se atreveo a reformar o Alcorão, e por sua nova doutrina, divulgada, e ensinada por setenta e cinco discipulos, obteve o dominio em Africa para si, e seus descendentes por cento e cincoenta e dous annos.

A quinta — a dos Benemerines — porque seu primeiro Imperante, que foi Jacub Ben Abdelmumen, era filho de uma tribu mui distincta entre os Arabes, chamada — Banu-Merina — como passamos a provar.

São muitas, e variadas as patranhas, que se contão de um Meruna, ou Merwan, irmão de Merwan, decimo Chalífa depois de Muhammed, filho de Omias, que passando para Gizaíra, ahi se estabelecêra, e fôra o tronco de uma tribu, que depois se dividira em differentes pówos, todos mui guerreiros. O que passa por certo, é que existio um povo, chamado — os Benemerines — uma das tribus Arabes, havida por mui distincta, e reputada por valente, e guerreira: e da existencia deste povo nos dá a certeza Golio, que autorisando-se com o Insigne Escritor Arabe — Al-Fizrubády em seu — Camus — diz a pag, 2219 o seguinte — Banu-Merina — Nomen proprium Populi Hiræ in Mosopotamia.

Dizem mais os seus escritores, que este povo sómente se occupava no exercicio da caça, no ensino de seus cavallos, e nas incursões sobre os paizes visinhos: e que um grande numero destes Arabes se passava todos os annos á Mauritania para ahi se estabelecerem, convidados pela abundancia, e fertilidade do paiz. Seja como quer qne fosse, é todavia certo o que lemos em todas as suas historias, e é o seguinte.

Havia derramada por toda a Mauritania uma tribu especial, denominada — Cabila Benimerina — tão guerreira, e numerosa, que os diversos Imperantes levantavão della muitas tropas de pé, e ainda mais de cavallo, com o fim de assegurarem seu poder, e defenderem-se dos seus adversarios.

Succedeo pois (dizem elles) que achando-se a Mauritania exhausta de forças militares pelas continuadas in-

cursões sobre a Peninsula, e dissidentes todos os estados barberescos pelos diversos pretendentes, que então se levantárão depois da batalha de Alaacab, varios chefes da tribu dos Benemerines, julgando opportuna a occasião, se aproveitárão do experimentado valor de seus soldados, e proclamárão a Jacub Ben Abdelmumen, o mais acreditado chefe de sua tribu. Assim o diz o primeiro historiador por nós citado no capitulo que trata do governo de — Abi El-ólá Abu-Dabbus — e que governou juntamente com seu irmão — Edriz Ben Muhammed — e que forão os ultimos da dynastia dos — Almuhades. — No meio deste capitulo se lê o seguinte: *Ilá águeri xaari dy-al-caadet min sanat sabaat ua sityna sitmáiat fajtmáa axiágue alcabáilu min al-arabi ua al-musáfdt fa-sáriu ilá Aby Dabus ua cálú la-ú quam tacaad an harab bany maryne ua taguir an la cáym a-má tará biládiná cad galábit ua amuálaá cad naábitá.*

Quer dizer:
No fim do mez de Dulkiad do anno 667 reunírão-se os chefes das tribus dos Arabes, e dos escravos, e forão-se ter com Abu Dabbus, e lhe disserão — por que razão desistes de fazer a guerra aos Benemerines: e esmoreces de lhes sair ao encontro? Por ventura não vês as nossas cidades já revoltadas, e as suas riquezas já saqueadas? . . . E fecha o capitulo narrando a acclamação de Jacub Ben Abdelmumen pelos Benemerines em 668 da hegira.

Temos por tanto demonstrado, que a 5.ª dynastia dos Imperadores dos Musulmanos em Africa é só conhecida pela denominação de — Benemerines — não só pelos seus historiadores, como pelos Europeos, que com bastante conhecimento escrevêrão sobre as coisas de Africa: destes bastará apontar — Manoel de Faria e Sou-

sa no seu livro intitulado — a Africa Portugueza — onde a pag. 3, descrevendo o Imperio de Marrocos, diz que então reinava alli a dynastia dos — Benimerines. —

Donde se deve colligir, que a denominação de — Beni-Hafss — é pura invenção de Mr. Alphonso Rousseau sem fundamento algum, que o autorise.

Concluiremos pois, que o manuscrito, a que se refere o citado texto, não merece credito algum na Republica Litteraria.

O Sñr. Francisco Recreio leo, e entregou umas *Reflexões ácerca dos caracteres, que qualificão o verdadeiro critico, em relação ás Sciencias e á civilisação.*

DONATIVOS.

Elogio Necrologico do Illmo e Exmo Sñr. Mattheus Valente do Couto, que em Sessão Litteraria de 9 de Maio de 1849 pronunciou na Academia Real das Sciencias de Lisboa o Socio da mesma Academia Francisco Recreio. — Lisboa 1849 — 4.° — 1 exemplar — Offerecido por seu Autor.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana — Tomo 5.° — N.° 24 — Lisboa 1848 — 8.° — 1 N.° — Offerecido pela mesma Sociedade.

Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias, de Lisboa — 1.ª Série — 3.° anno — Janeiro 1850 — 8.° — 1 N.° — Offerecido pelo Sñr. José Tedeschi.

Um Passo para a Quadratura do Circulo, por Henrique Martins Pereira, Tenente Coronel d'Engenheiros, na 3.ª Secção do Exercito. — Lisboa 1849 — 8.° — 2 exemplares — Offerecidos por seu Autor.

Bulletin de la Société de Géographie. Troisième Série. — Tome XI — Paris 1849 — 8.° — Offerecido pela mesma Sociedade.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences (Instituto Nacional de França). — 1849 — *Deuxième semestre* — Tome 29 — N.ºs 17, 18, 19 e 20 — 4.° g.^{de} — 4 N.^{os} — Offerecido pelo mesmo Instituto.

Proceedings of the Royal Irish Academy, Vol. 3.°,

e a Parte 1.ª e 2.ª do Vol. 4.º — Dublin 1847 a 1849 — 8.º — 3 vol.

The Transactions of the Royal Irish Academy — Tomo 22 — Parte 1.ª — Dublin 1849 — 4.º g.de — 1 Vol. — Estas duas obras forão offerecidas pela sobredita Academia.

The Progress of the Development of the Law of storms, and of the variable winds, with the practical application of the subject to Navigation. Illustrated by charts and Wod-Cuts. By Lieut-Colonel William Reid. — London — Published by John Weale etc. — 1849 — 8.º g.de — 1 vol. — Offerecido pelo Autor.

ASSEMBLÉA D'EFFECTIVOS DE 22 DE JANEIRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.s Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Freire de Carvalho, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, José Cordeiro Feio, Francisco Recreio, Antonio Lopes da Costa e Almeida, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Fortunato José Barreiros, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos de Effectivos.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario perpetuo:

1.° Uma Portaria expedida pelo Ministerio do Reino, em 14 do corrente mez, sobre o modo de processar as Cedulas dos ordenados.

2.° Outra Portaria expedida pelo mesmo Ministerio, em 19 do corrente mez, incluindo os Estatutos da Sociedade Agricola do Funchal, para a Academia dar sobre elles o seu parecer.

Forão entregues ao Sñr. Director da Classe respectiva, a fim da dita Classe emittir a sua opinião.

3.° Um Officio do Sñr. Antonio Lopes da Costa e Almeida, Director da Escola Naval, pedindo da parte della á Academia as Obras publicadas pela mesma Academia, e que faltão na Livraria da Escola.

Decidio-se que lhe fossem entregues.

Tendo sido propostos para Socios Correspondentes da Academia os Sñr.es Manoel Antonio Ferreira Tavares, e José Ignacio Roquete, em Assemblea d'Effectivos de 19 de Dezembro ultimo, passou a votar-se sobre a sua admissão, que foi unanimemente approvada.

Propoz o Secretario perpetuo que se encarregasse a Classificação do Museu ao Sñr. Francisco Antonio Pereira da Costa, Professor da Cadeira de Elementos de Historia Natural estabelecida na Academia.

Foi unanimemente approvada a proposta.

SESSÃO LITTERARIA DE 30 DE JANEIRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Antonio Lopes da Costa e Almeida, Francisco Recreio, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Fortunato José Barreiros, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Marino Miguel Franzini, Barão d'Eschwege, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos; Antonio Maria da Costa e Sá, Socio Livre; Antonio Caetano Pereira, Manoel Antonio Ferreira Tavares, e Carlos Bonnet, Socios Correspondentes.

O Sñr. Manoel Antonio Ferreira Tavares agradeceo á Academia a sua nomeação de Socio Correspondente.

MEMORIAS LIDAS.

O Sñr. Bonnet leo umas reflexões sobre as suas viagens.

Os Sñr.es Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Antonio Maria da Costa e Sá, e Antonio Caetano Pereira, sahirão antes de acabar a Sessão.

DONATIVOS.

Relatorio da Inspecção do Arsenal do Exercito, e Conta da Receita e Despeza do Cofre no anno economico de 1848 *a* 1849 — folio — 1 folheto. — Offerecido pelo Sñr. Tenente General Barão de Monte Pedral, Inspector do mesmo Arsenal.

Orçamento do anno economico de 1850 — 1851. — Lisboa 1849 — fol. — 1 vol. — Mandado pelo Ministerio do Reino.

Elementos d'Astronomia coordenados para uso dos Alumnos da Escola Polytechnica, por Filippe Folque, Lente proprietario da 4.ª Cadeira. — Fol. max. — 2 vol. — 1.ª e 2.ª Parte.

Curso de Mechanica Racional professado na Escola Polytechnica, pelo Lente proprietario da 3.ª Cadeira, Albino Francisco de Figueiredo e Almeida — 1.ª e 2.ª Parte — fol. — 2 vol.

Lições de Mineralogia, pelo D.or Francisco Antonio Pereira da Costa — fol. — 1 vol. — As tres ultimas obras são lythographadas na Lythographia da Escola Polytechnica, e forão offerecidas pelo Corpo Cathedratico da mesma Escola.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana — Tomo 5.º— Supplemento — 2.ª série — Tomo 1.º— N.º 1 — 8.º— 2 N.os— Offerecido pela mesma Sociedade.

Revista Militar. — Tomo 1.° — N.° 12 — 8.° — 1 N.° — Offerecido pela Direcção da Redacção.

Tables des Comptes rendus des Séances de l'Académie des Sciences (Instituto Nacional de França), *Premier semestre* — 1849 — Tomo 28.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences (Instituto Nacional de França). *Deuxième semestre* — 1849 — N.ºs 21 e 22 — Tomo 28 — 4.° g.^{de} — 3 N.^{os} — Offerecido pelo mesmo Instituto.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Janeiro de 1850 (2.° do inverno).

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera		
	Min.	Max.	Med.	9h Man.	3h Tarde					
1	33	48	40	764,8	763,5		NE°—N	○	○	Frio intenso.
2	31	48	39	62,6	60,7		NE	○	○	Gelo e geada.
3	36	51	43	63,1	64,2		NE	○	○	Geada.
4	35	55	45	66,5	66,1		B—·N	○	⊖	Idem. — Nevoeiro no horisonte.
5	46	58	52	65,4	64,5		^{1}O—^{2}NO$^{r\cdot}$	⊜	⊜	Chuvisco inapreciavel.
6	47	54	50	63,3	59,4	4	^{1}NO—^{2}O^1	⊕	⊕	Ar muito frio.
7	53	59	56	57,0	58,7	1	NO	Id.	⊜	Idem.
8	43	52	47	62,7	62,0		·N—NE	○	○	
9	34	49	41	62,8	61,1		B—·NE	○	○	Geada.
10	42	54	48	57,3	57,6	1	^{1}N^{r}O—N	⊕	⊜	Ar secco e muito frio.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9h Man.	3h Tarde					
11	42	55	48	58,2	57,2	3	B—NO			
12	42	55	48	57,3	56,3		B—V			Nevoeiro matutino; ar humido.
13	50	60	55	51,1	48,1	30	^{1}S—^{2}S^1			Idem, no horisonte.
14	47	54	50	41,2	39,0	11	^{1}O^4			Ar muito frio — Tempestade.
15	47	56	51	48,5	51,9	5	^{3}O^1—O^1			Idem — Tempestuoso.
16	52	55	53	49,5	51,2	3	N^{1}O^1	Id.		Trovões ás duas horas da tarde.
17	50	60	55	57,6	57,6		NO			
18	48	58	53	62,7	62,0		B—N			
19	44	50	47	62,3	61,5		B			Nevoeiro denso todo o dia.
20	39	48	43	60,3	59,4		B		Id.	Idem.
21	43	52	47	60,4	60,2		B—NE			Idem.
22	41	55	48	61,9	61,1		NE			

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9h Man.	3h Tard.					
23	44	59	51	64,7	63,7		E—SE	⊖	○	
24	45	59	51	65,9	65,5		SE	●	⊖	
25	49	62	55	69,5	68,5		V.	⊖	⊖	Sol ardente quando descobre.
26	54	60	57	69,7	68,0	1	SO—O	●	●	Nevoeiros no horisonte, e geral á noite com pequeno chuvisco — tepido.
27	54	61	57	67,1	65,8		NO	⊖	⊖	
28	48	63	55	65,8	64,6		NE—B	○	○	
29	45	60	52	65,6	64,6		NE—B	○	○	
30	43	58	50	65,7	65,9		B—NO	⊖	○	Nevoeiro muito denso de manhã.
31	48	63	55	68,7	68,2		NO—N	⊖	⊖	
Med.	44,6	55,8	50	761,2	760,6	59	NO—NE			Temperatura inconstante, e muito fria em 16 dias interpolados. Pouco chuvoso, e repetidos nevoeiros.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE JANEIRO DE 1850.

Temperaturas.

Minima a 2.......... 31°
Maxima a 28 e 31.... 63
Media.............. 50
Variação med. diurna... 11,2
Maxima a 4......... 20

Barometro na tp.ª de 63°

Max.ª altura a 26.. 770,1 ⎫ Variação
Minima a 14..... 39,4 ⎬ dos extremos
Media.......... 61,0 ⎭ 30,7 millim.

Ventos dominantes e sua força.

0,2 0,7 1,1 0,2 1,3 0,3 0,2
N,6 = NO,15 = O,6 = SO,1 = S,2 = NE,12 = E,1
0,3
= SE,3 = V, ou B,16.
= Direcção media do vento dominante N,12° O (0,55).
= Madrugadas bonançosas 10.
= Meios dias ventosos 11.
= Tempestade de O a NO, a 14, e 15 do mez.

Estado da Atmosphera.

Meios dias claros 23 — Claro e nuvens 6 — Cobertos 9 — Coberto e clarões 4 — Dias em que choveo 10, dos quaes forão 3 de chuviscos, produzindo 59 millimetros, ou dois terços da chuva normal — Nevoeiros 8 — Gelo uma noite — Geadas 4 — Dias de frio intenso 16.

Phenomenos notaveis.

A 14 pelas 7 horas da tarde foi acommettida a villa de Loulé por um furacão do SE, que abateo grande numero de arvores, e causou muitas avarias nos edificios. — Os estragos deste furacão, que atravessou o Alemtejo em uma estreita zona, forão ainda assás consideraveis em alguns campos ao Sul de Santarem, cujos arvoredos sofrêrão muito destroço. Em Lisboa, nesse mesmo dia e seguinte, soprou vento tempestuoso de ONO.

O inverno continuou extremamente rigoroso em toda a Europa, não escapando as suas regiões meridionaes. Na Hollanda e Belgica cahio neve abundantissima, desabando com o seu peso alguns edificios. — Em Florença desceo o thermometro 10° Reaumur abaixo do gelo, do que não havia exemplo. — No 1.° do anno achava-se gelado o rio Arno. — Em Madrid o gelo esteve tão duro que permittio o passeio em *patino* com a maior segurança; em Lisboa apenas desceo o thermometro 1° Fahr. abaixo do gelo, e isto uma só vez.

Mortalidade em Lisboa.

Sexo masculino—213 maiores	—110 menores	—tot.	—323
Dito feminino—218 ditos	—100 ditos	—dit.	—318
Sommão . . . . . . 431 ditos	—210 ditos	—dit.	—641.

Incluindo-se 305 individuos que fallecêrão nos hospitaes, dos quaes forão 118 menores pertencentes á Misericordia, ou expostos nos adros. Excedeo por tanto a mortalidade deste mez á normal, em 29 individuos, pelo que se deve reputar regular.

M. M. Franzini.

ACTAS

DAS

SESSÕES

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA.

1850. — N.º II.

SESSÃO LITTERARIA DE 14 DE FEVEREIRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, José Cordeiro Feio, Francisco Recreio, Antonio Lopes da

Costa e Almeida, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos de Effectivos; D.or Bernardino Antonio Gomes, Socio Livre; Julio Maximo de Oliveira Pimentel, Antonio Caetano Pereira, e Carlos Bonnet, Socios Correspondentes.

MEMORIAS LIDAS.

Desenvolvimento da superficie activa dos corpos porosos. e applicação á construcção das pilhas galvanicas. Pelo Sñr. Julio Maximo d'Oliveira Pimentel.

Ha mais de meio seculo que um sabio Italiano descobrio a singular propriedade que o carvão vegetal, recentemente calcinado, exerce sobre os gazes, absorvendo-os e accommodando-os, em consideravel proporção, nos seus póros: tambem são já de longa data as curiosas experiencias que Theodoro de Sausure fez sobre esta propriedade do carvão, e que tiverão por objecto determinar as proporções em que os differentes gazes erão absorvidos pela mesma especie de carvão, tomado em volume constante.

Pareceo mysteriosa ao principio esta singular propriedade, pois difficilmente se podia comprehender, que uma polegada cubica de carvão de buxo podesse recolher e accommodar nos seus póros 90 polegadas cubicas de gaz ammoniaco, sem o decompor, nem por qualquer modo alterar, pois que pelo simples aquecimento, ou pela diminuição de pressão, o restituia inalterado.

As observações posteriores vierão demonstrar, como todos sabem, que esta propriedade não era privativa do carvão, mas sim commum a todos os corpos porosos, e dependia do estado de porosidade do corpo absorvente, e da natureza do gaz absorvido; mas a inalterabilidade, em que geralmente permanecem dentro do corpo poroso os gazes absorvidos, demonstrou que o facto da absorpção era independente de qualquer acção chymica. Suppoz-se então ser uma acção de mera superficie, uma acção de pura adherencia entre o gaz e o corpo poroso: mas nem todos os espiritos ficão satisfeitos com esta explicação, porque não se concebe á primeira vista, que a superficie interna dos póros tenha tão consideravel extensão, que sobre ella se possão estender quantidades taes de gaz, que o seu volume total seja incomparavelmente maior do que o do corpo poroso. Entretanto é facil demonstrar que o desenvolvimento das superficies internas dos póros ou das celulas, que se achão vazias no interior do carvão vegetal, é prodigiosamente grande, ou que, por exemplo, um pedaço de carvão de buxo ou de oliveira, cujo volume não excede um decimetro cubico, apresenta no seu interior uma superficie de muitos centenares de metros quadrados.

Uma simples demonstração geometrica tornará evidente o que ao principio nos pareceria de difficil concepção.

Figuremos um volume cubico, formado por seis la-

minas quadradas perfeitamente delgadas, e supponhamos que a é a grandeza, em metros, da aresta. A superficie da somma das faces interiores, ou exteriores desta especie de caixa será $6a^2$. Supponhamos agora que a grandeza a de cada aresta se divide en n partes e que pelos pontos da divisão se tirão laminas tambem perfeitamente delgadas, parallelas ás faces do cubo. Em virtude desta disposição ficará a caixa, ou cubo primitivo dividido em tantas caixas, ou pequenos cubos, quantas forem as unidades de n^3. Ora sendo a aresta de cada uma destas caixas $\frac{a}{n}$, será a somma da superficie das faces $6\left(\frac{a}{n}\right)^2$, e por consequencia a somma da totalidade das superficies de todas as caixas

$$6\left(\frac{a}{n}\right)^2 n^3 = 6\,a^2\,n = S.$$

Assim, se tivermos um cubo, cuja aresta seja 0^m1, e imaginarmos que esta se divide em 1.000 partes para formarmos 1.000.000.000 de compartimentos cubicos no interior do cubo primitivo, teremos $a = 0^m,1$ e $n = 1000$; o que fará para a totalidade da superficie que estes compartimentos offerecem

$$S = 6\,a^2\,n = 6 \times (0^m,1)^2 \times 1.000 = 600 \text{ metros quadrados.}$$

Superficie prodigiosa que, reunida n'um pequeno volume, explica os effeitos de absorpção, sem que seja necessario suppor que os corpos porosos gosão de uma faculdade particular de condensação, como o parece inculcar a maneira por que a maior parte dos autores enuncião esta propriedade.

A adherencia dos liquidos, dos vapores, e dos gazes ás superficies solidas é demonstrada pelas experiencias de capilaridade, pela pertinacia com que certas materias odoriferas, como por exemplo o fumo do tabaco, o cheiro da creosota, do ether etc. se fixão sobre os vestidos de lãa, sobre a seda, sobre os cabellos etc., e por outros muitos factos analogos. Nada é mais facil do que tornar sensivel a adhesão de um gaz, por exemplo o ar atmospherico á superficie dos solidos, por exemplo do vidro: adhesão que exerce influencia notavel sobre as experiencias pneumaticas, e que induz em graves erros os observadores pouco experientes. Se fizermos ferver o mercurio a fim de expulsar todo o ar que nelle existe dissolvido, e deixando-o depois resfriar no vacuo, o introduzirmos, por meio de um funil de longa cauda, n'um tubo barometrico, bem secco e limpo, até completamente o encher, se operarmos com todo o cuidado, parecer-nos-ha que todo o ar foi expulso do tubo pelo mercurio, e que este se acha em contacto perfeito com o vidro: mas não é isto assim, porque, se aquecermos o tubo que se acha repleto de mercurio, não tardará que se manifestem, aqui e ali, bolhas de ar, que se desprendem e que até se podem recolher. Este ar estava evidentemente adherente ao vidro, pois não podia provir do mercurio, que havia sido fervido; e tanto é assim que, se, em vez de vertermos o mercurio frio no tubo tambem frio, fizermos a mesma operação, quando ambos estejão quentes, por novo aquecimento não se manisfestárão as bolhas de ar. Assim; quando julgamos guardar um gaz livre do contacto do ar numa campanula sobre o mercurio, tal não conseguimos, porque entre o mercurio e o vidro existe sempre uma camada de ar, que estabelece a communicação com a atmosphera, e, no fim de pouco tem-

po, o gaz, que julgavamos fechado na campanula e isolado do ar, será substituido, como por endosmose, pelo ar da atmosphera. — É este um facto que eu tenho, por vezes, observado particularmente com o hydrogenio. Pela mesma razão o ar acaba sempre por se introduzir no vacuo do barometro em maior ou menor proporção, o que é facil de reconhecer, inclinando um pouco o tubo, de modo que o mercurio suba na camara barometrica; então se observará distinctamente uma bolha de ar.

Conhecemos ainda outras acções de superficie igualmente notaveis, que na apparencia são diversas, mas que pertencem á mesma ordem de phenomenos e tem a mesma explicação. Ha sessenta annos que Lowitz, chymico Russiano, descobrio a singular propriedade que tem o carvão animal de descorar os liquidos, tinctos pelas materias organicas, — Esta acção decolorante do carvão, bem como a sua acção desinfectante e antiputrida é ainda acção de superficie, que se exerce com tanta mais energia, quanto maior é o estado de divisão em que se acha o corpo decolorante e absorvente, isto é, quanto mais extensa for a superficie activa.

O carvão que resulta da destruição das materias organicas, taes como o assucar, a fecula, o sangue, a materia gelatinosa dos ossos, e outras, que, antes de serem totalmente decompostas pela acção do calorico, soffrêrão uma especie de fusão, póde ser considerado como a reunião de pequenas espheras, que se achem perfeitamente livres, quando a materia está em pó, ou separadas por uma materia extranha, como acontece com o phosphato de cal no carvão dos ossos.

A somma das superficies de todas as pequenas espheras, que constituem um volume dado de carvão, é tanto maior, quanto mais consideravel for o numero das

pequenas espheras que constituem o carvão pulverulento. Podemos demonstrar geometricamente esta proposição, e assim ficará patente a razão por que é tão consideravel a acção decolorante do carvão. Esta mesma demonstração póde, até um certo ponto, applicar-se á formação das lácas, á theoria dos mordentes, e outras operações de tincturaria.

Imaginemos um cubo, e nelle inscripta uma esphera; a aresta será igual ao diametro, e, como sabemos pela geometria, teremos a expressão da superficie espherica representada por $4r^2\pi$, sendo r o raio, e π o numero abstracto 3,141592 etc. Se imaginarmos a aresta $2r$ dividida em n partes, e que se formão compartimentos cubicos, da mesma maneira que os concebemos na demonstração anterior, podemos em cada um delles suppor inscripta uma esphera; estas espheras serão iguaes entre si e terão por diametros $\frac{2r}{n}$. Será por consequencia a expressão da superficie de cada uma dellas

$$4\left(\frac{2r}{2n}\right)^2.\pi, \text{ ou } 4\frac{r^2}{n^2}\pi.$$

E como o numero dos compartimentos cubicos é representado pelas unidades de n^3, será a totalidade da superficie que estas espheras apresentão

$$S = 4n^3\frac{r^2}{n^2}\pi = 4nr^2\pi.$$

Se compararmos estas expressões entre si, teremos, representando por s a superficie da esphera inscripta no cubo primitivo, e por S a somma das superficies das pequenas espheras

$$s : S :: 4r^2\pi : 4nr^2\pi$$

ou

$$s : S :: 1 : n$$

isto é, as superficies estão entre si na razão do numero das partes em que se imagina dividido o diametro da esphera primitiva, ou na razão da raiz cubica do numero dos compartimentos em que se imaginão inscriptas as pequenas espheras. Donde se conclue que, quanto maior fôr o estado de divisão do carvão, tanto maior será o seu poder decolorante, o que a experiencia plenamente confirma, e o que, junto a outros muitos factos, demonstra que aquella acção é toda de superficie, isto é de adherencia.

Para tornar mais claro este raciocinio apresentarei um exemplo.

Se suppozermos na expressão $S = 4\,n\,r^2\pi$ que o diametro de cada uma das particulas esphericas é $\frac{1}{100.000}$ da aresta do decimetro cubico; o que equivale a suppor $n = 100000$, e $2r = 0^m,1$: teremos, levando a aproximação de π só até á terceira casa decimal,

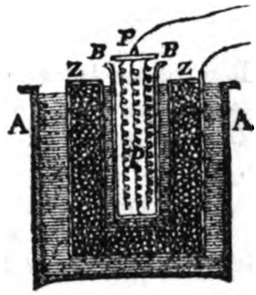
$$S = 4 \times 100000 \times (0^m,05)^2 \times 3,141$$

e fazendo os calculos numericos

$$S = 3.141 \text{ metros quadrados.}$$

A consideração de que uma tão grande superficie se póde resumir em tão pequeno volume suscitou-me a ideia da possibilidade de augmentar n'uma proporção consideravel a corrente galvanica das pilhas para obter grandes effeitos calorificos, pois que estes crescem com a superficie activa dos pares.

Eis aqui a disposição que proponho, e que não apresento desde já auctorisada com a experiencia, pela difficuldade que neste nosso paiz se encontra em achar á mão as coisas necessarias para este genero de estudos.



AA Vaso de vidro em que o par se deve encerrar.

ZZ Caixa annelar de zinco amalgamado toda crivada de orificios para dar passagem ao liquido excitante e cheia de aparas, ou grenalha miuda de zinco, sobre as quaes se exerce a acção do acido sulfurico diluido, em que esta caixa mergulha, offerecendo assim uma grande superficie á acção chymica.

BB Vaso de barro poroso [biscoito do pó de pedra] contendo acido azotico, no qual mergulha um feixe (*P*) de canutilhos de platina, ou um cylindro de carvão poroso e conductor.

Limito-me por em quanto a apresentar á Academia a disposição geral desta pilha tal como a concebi, e logo que se me proporcionem os meios de realizar a minha concepção terei a honra de offerecer á sua consideração outra nota mais completa sobre o objecto.

O meu unico fim no presente trabalho foi principalmente tornar patente, pelas considerações de pura

geometria, a grande e extraordinaria superficie activa de que dispõe os corpos porosos, e o partido que della se póde tirar na construcção das pilhas.

═

O Sñr. D.^or Bernardino Antonio Gomes apresentou a sua *Pharmacologia geral*, de que leo uma pequena parte. Esta Obra foi remettida ao Sñr. Director da Classe respectiva.

O mesmo Sñr. D.^or Bernardino apresentou igualmente exemplares de cinco especies de Plantas, supplemento ás familias naturaes da Flora Portugueza, já entregues pelo Sñr. D.^or Welwitsch.

DONATIVOS.

Revista Militar — Tomo 2.º — N.º 1 — Janeiro — 8.º— 1 N.º— Offerecido pela Direcção do Jornal.

Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa — 2.ª série — Tomo 5.º — Os mezes d'Outubro e Novembro de 1849 — 8.º—2 N.ºs— Offerecido pela Sociedade.

Jornal de Pharmacia, e Sciencias accessorias, de Lisboa — 1.ª série — 3.º anno — Fevereiro de 1850 — 8.º— 1 N.º— Offerecido pelo Sñr. José Tedeschi.

P. S. ao Opusculo — *Um Passo para a Quadratura do Circulo.* — 8.º— 2 exemplares — Offerecido por seu Autor o Sñr. Henrique Martins Pereira.

De l'Apparition et de la Dispersion des Bohémiens en Europe, par Paul Bataillard. Paris 1844 — 8.º — 1 exemplar.

Nouvelles recherches sur l'Apparition et la Dispersion des Bohémiens en Europe, par Paul Bataillard. Paris 1849— 8.º —1 exemplar —Offerecidas estas duas ultimas Obras por seu Autor.

PARA O MUSEU.

Coracina Ornata [Uirá-membé, ou Passaro gaita] das margens do Amazonas, macho. — Offerecido pelo Sñr. Conselheiro Antonio José Maria Campelo.

SESSÃO LITTERARIA DE 27 DE FEVEREIRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Recreio, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Fortunato José Barreiros, Barão de Reboredo, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos; Antonio Maria da Costa e Sá, Socio Livre; Antonio Caetano Pereira, Carlos Bonnet, e Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, Socios Correspondentes.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario perpetuo um Officio do Conselho da Escola Naval agradecendo a delicada maneira com que a Academia se prestou a mandar-lhe as suas obras que faltavão na Bibliotheca da Escola, cuja Lista acompanhou o Officio.

COMMUNICAÇÕES.

Mr. P. J. Pezerat remetteo á Academia — *Observations sur les Mémoires de Mr. le Docteur Sharpe sur la Géologie des environs de Lisbonne* [on the neighbourhood of Lisbon] *fournies à l'Académie des Sciences de Lisbonne.*

Foi entregue ao Sñr. Director da Classe de Sciencias Naturaes.

O Sñr. Daniel Augusto da Silva offereceo uma — *Memoria sobre a rotação das forças em torno dos pontos d'applicação.*

Mandou-se remetter ao Snr. Director da Classe respectiva.

O Secretario perpetuo leo o seguinte Programma dos Directores do Legado de Jean Monnikhoff publicado em Amsterdam.

PROGRAMME.

Les Directeurs du legs de feu JEAN MONNIKHOFF ont reçu une réponse à chacune des deux questions, proposées en 1848; savoir à la question:

» des recherches Anatomiques, Physiologiques et » Pathologiques sur l'origine, la nature et les caractè- » res distinctifs des tumeurs bénignes et malignes, avec » indication des résultats, qui pourront en être déduits » pour l'avancement de la Thérapie chirurgicale e médi- » cale de ces derniers. »

un mémoire, écrit en Hollandais, avec l'épigraphe: « De Pathologische Anatomie moet niet slechts de » grondslag zijn, etc. » *Rokitansky.* » Les Directeurs, après avoir soumis cet écrit à leur jugement, en communiqueront, plus-tard le résultat au public.

Le programme démandait en second lieu:

» un traité Anatomique, Physiologique et Patho- » logique sur les déviations de la colonne vertébrale, » avec indication d'un mode de traitement basé sur ce » traité et approuvé par l'auteur et d'autrui.

Une seule réponse est entrée, écrite en Allemand avec l'épigraphe: » In dem lebenden Kürper bestimt die Form des Weichen Jene des Harten, das » Edle das minder Edle. »

Deux motifs ont exclu ce mémoire du concours: 1.° l'Auteur s'est servi de Caractères Allemands, au lieu de Romains, prescrits par le Programme; 2.° Son ouvrage est incomplet, d'aprés le témoignage même de l'auteur. Toutefois, en prolongeant le terme du concours pour cette question jusqu'au 31 Decembre 1850, les Directeurs désirent lui donner la faculté d'achever son travail, et de le leur renvoyer avant l'époque susdite, en se servant de l'écriture Romaine. Le mémoire reste à la disposition dé l'auteur, qui pourra le réclamer sous une adresse quelconque en certifiant son droit de propriété, par la citation de la première ou de la dernière phrase de son travail.

Les Directeurs susdits, proposent, comme nouvelle question, à laquelle ils attendent une réponse avant le 31 Decembre 1851.

» Un mémoire scientifique sur quelques points, » détaillés ci-dessous, concernant la manière de traiter » l'étranglement des hernies, basée autant que possible » sur l'expérience de l'auteur:

a. l'Emploi du *Chloroforme* et d'autres remèdes internes et externes, qui produisent l'anesthésie; ainsi que de la Machine pneumatique, considerés l'un et l'autre comme moyens à adopter pour le traitement de l'incarcération.

b. L'incision souscutanée de la stricture; et

c. La herniotomie; sans ouvrir le sac herniaire.

Les réponses satisfaisantes à chacune de ces questions remporteront la medaille d'or de la valeur intrinsèque de trois cents florins de Hollande, sous la

condition expresse que les mémoires, couronnés ou non, resteront exclusivement la propriété du legs; il faut qu'ils soient écrits distinctement en caractères Italiques, d'une autre main que celle de l'auteur, soit en Latin, en Français, en Allemand, ou en Hollandais, et qu'ils soient accompagnés d'un billet cacheté, contenant le nom de l'auteur ainsi que celui du lieu de son domicile, portant pour adresse l'épigraphe des réponses, et qu'ils soient envoyés, francs de port, avant la date, ci-dessus désignée, au Conseiller d'état Mr. GER. VROLIK, professeur à Amsterdam.

Amsterdam,

Janvier 1850.

G. J. POOL,

Secrétaire.

MEMORIAS LIDAS.

O Secretario perpetuo lêo parte da Memoria do Sñr. Barbosa Canaes sobre os Mordomos do Rei.

Foi entregue ao Sñr. Director da Classe.

O Sñr. Francisco Ignacio dos Santos Cruz lêo o *Elogio nechrologico e biographico do Sñr. Francisco Thomaz da Silveira Franco.*

Foi igualmente entregue ao Sñr. Director da Classe.

DONATIVOS.

Memoria sobre a Reforma dos Pesos e Medidas em Portugal, segundo o systema Metro-Decimal, por João Baptista da Silva Lopes. — Lisboa 1849 — 8.° — 1 vol. — Offerecido pelo Autor.

Annali di Fisica dell'Abbate Francesco Cav. Zantedeschi. — Padova 1849 — 1850 — Fascicolo 1.°, 2.°, e 3.° — 8.° — 3 N.os

Elenco delle principali Opere scientifichi dell'Abbate Francesco Zantedeschi. — Venezia 1849 — 8.° — 1 folheto. — Offerecidas ambas as sobreditas Obras pelo seu Autor.

Journal Asiatique, ou Recueil de Mémoires, d'Extraits et de Notices relatifs à l'Histoire, à la Philosophie, aux Langues et à la Littérature des Peuples Orientaux etc. Publié par la Société Asiatique de Paris. — Paris 1849 — N.os 68, e 69 — 8.° — 2 N.os — Offerecido pela Sociedade.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences [Instituto Nacional de França]. — 1849 — Deuxième semestre — Tomo 29 — N.os 23, 24, 25, 26 e 27 — 4.° g.de — 5 N.os — Offerecido pelo mesmo Instituto.

Programme. Les Directeurs du Legs de feu Jean Monnikhoff etc. — 4.° — 1 exemplar — Offerecido pelos ditos Directores. — Foi copiado na Acta este Programma.

ASSEMBLEA EXTRAORDINARIA D'EFFECTIVOS DE 27 DE FEVEREIRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Recreio, Fortunato José Barreiros, Agostinho Albano da Silveira Pinto, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos.

Foi approvado o parecer da Commissão respectiva sobre o Projecto d'Estatutos da Sociedade Agricola Madeirense. Reduz-se o parecer a que estes Estatutos estão inteiramente conformes com a opinião emittida pela Classe em 21 de Março de 1849, sobre objectos analogos, que foi adoptada pela Academia; e por tanto nos termos de merecerem a approvação do Governo.

A Classe de Sciencias Naturaes propoz para Socio Correspondente o Sñr. Guilherme José Antonio Dias Pegado, Lente de Physica da Escola Polytechnica.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Fevereiro de 1850.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera
	Min.	Max.	Med.	9ª Man.	3ª Tarde					
1	48	62	55	770,3	766,7		NE		○	Nevoeiro denso matutino.
2	47	61	54	67,4	66,3		^{1}NE—^{1}V	○	○	
3	45	59	52	66,0	65,2		B—V			Nevoeiro denso toda a manhã.
4	47	63	56	66,5	65,4	2	NO			Pequeno nevoeiro matutino, e brandos aguaceiros.
5	46	58	52	67,6	67,3		^{1}N^1			
6	49	60	54	67,0	65,4		NO^1			Chuviscos inapreciaveis.
7	50	60	55	66,0	63,7		^{2}N^2		○	Frio e secco.
8	45	62	53	62,5	60,5		B		○	Nevoeiro denso de manhã.
9	47	64	55	61,2	61,7		·NE—V·	○	○	
10	45	56	50	65,0	64,3		·V—B		○	Pequeno nevoeiro matutino.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9h Man.	3h Tarde					
11	47	58	52	64,1	63,2		B—NO			
12	52	62	57	64,3	63,5		B—NO			Nevoeiro denso no fim da tarde e pequeno chuvisco.
13	47	61	54	66,4	66,1		¹N²			
14	47	62	54	67,5	66,1		NE—N¹			
15	46	67	56	65,5	63,9		²NE—·V			Sol ardente.
16	46	68	57	66,0	65,5		·NE—·V			Idem.
17	51	* 71	61	66,8	66,2		NE—·V			Idem.
18	51	67	59	66,6	66,0		·NE			Idem.
19	49	69	59	64,9	62,7		NE—V·			Atmosphera vaporosa ; sol descorado.
20	47	69	58	63,9	63,1		NE—B			
21	48	70	59	66,4	65,7		Idem			Sol ardente.
22	48	66	56	65,9	64,4		B—·V			Nevoeiro matutino — Atmosphera vaporosa.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9h Man.	3h Tard.					
23	43	63	53	62,3	61,4		B—NO[1]	[illegible]	○	Nevoeiro matutino, Atm. vaporosa; ar humido.
24	45	62	53	63,3	63,0		B—N[1]	[illegible]	○	Idem.
25	44	* 71	57	64,2	63,3		NE	○	○	Calor notavel, e sol ardente.
26	48	61	54	63,6	63,5		NE—SO	○	○	
27	48	62	55	63,5	62,7		·V—NO[1]	[illegible]	[illegible]	
28	47	62	54	66,6	66,3		·NO[1]	[illegible]	[illegible]	Nevoeiro denso, ar humido.
Med.	47,2	63,4	55,0	765,4	764,5	3	NE—NO			Temp.ª quente, totalmente secco, e bonançoso com repetidos nevoeiros.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE FEVEREIRO DE 1850.

Temperaturas.

Minima a 23 . . . . 43°
Maxima a 17 e 25. . . . 71
Media 55,0
Variação med. diurna. . . 16,2
Maxima a 25 27

Barometro na tp.ª de 63°

Max.ª altura no 1.° do mez 770,5 mill.	Variação dos extremos 9,9 millim.	
Minima a 8 60,5		
Media. 65,1		

Ventos dominantes e sua força, contados em meios dias.

0,9 0,5 0,3 0,5
N,8 = NO,9 = SO,2 = NE,16 = V ou B,21.

= Direcção media do vento dominante N, 8° E (0,5).
= Madrugadas bonançosas 18.
= Meios dias ventosos 2.

Estado da Atmosphera.

Meios dias claros 36 — Claro e nuvens 3 — Cobertos 9 — Coberto e clarões 6 — Dias de tenues chuviscos 2, que apenas fornecêrão 3 millimetros de agua, equivalentes a $\frac{1}{24}$ da chuva normal — Nevoeiros 9 — Dias de frio notavel 2 — Ditos de calor notavel pelo meio do dia 8.

Decorreo por tanto este mez com uma temperatura quente e superior de 3° á normal; totalmente secco, e com repetidos nevoeiros. — Foi bem similhante ao do anno antecedente na escacez das chuvas. = Deve notar-se que os 3 primeiros mezes deste inverno, que no estado normal são constantemente os mais chuvosos do anno, só fornecêrão 83 millimetros de agua, quando em estação regular costumão dar 250, pelo que o terreno apenas recebeo a terça parte da sua habitual rega. Nos mesmos tres mezes do anno precedente cahírão 114 millimetros, sendo por consequencia os do presente anno ainda mais seccos.

Phenomenos notaveis.

A provincia de Almeria, e outros sitios meridionaes da Hespanha soffrem ha mezes uma secca horrivel, que ameaça a destruição dos vegetaes; pelo contrario nos Pyreneos tem cahido copiosas chuvas, e os grandes rios da Allemanha, Rheno e Danubio, tem tido fortes enchentes, transbordando e alagando os campos marginaes. — Os arrabaldes de Vienna estavão debaixo d'agua.

Mortalidade em Lisboa.

Sexo masculino	—	142 maiores	—	85 menores	—	tot.	—	227
Dito feminino	—	138 ditos	—	70 ditos	—	dit.	—	208
Sommão		280 ditos	—	155 ditos	—	dit.	—	435.

Incluindo-se 206 individuos que fallecêrão nos hospitaes, sendo 89 menores procedentes da Misericordia, ou dos expostos nos adros. Foi por tanto menor de 82 individuos, comparada ao medio regular deduzido das antecedentes observações, o que indica que a constituição atmospherica deste mez foi favoravel á conservação da vida dos habitantes desta cidade.

M. M. Franzini.

SESSÃO LITTERARIA DE 18 DE MARÇO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Recreio, Barão de Reboredo, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Fortunato José Barreiros, Agostinho Albano da Silveira Pinto, Francisco Elias Rodrigues da Silveira, e Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; Antonio Maria da Costa e Sá, Socio Livre; Manoel Antonio Ferreira Tavares, Antonio Caetano Pereira, e José de Freitas Teixeira Spinola Castello-Branco, Socios Correspondentes.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario perpetuo

Uma Carta do Secretario da Academia Real da Historia de Madrid agradecendo as Obras que a nossa Academia lhe mandou.

Outra do Snr. Crillanowich, Consul da Austria em Lisboa, perguntando, da parte da Academia Imperial das Sciencias de Vienna d'Austria, se a nossa Academia quereria estabelecer relações scientificas com ella. Assentou-se que se lhe respondesse, que aceitava com muito gosto a proposta da Academia de Vienna.

Outra mui extensa do Snr. Lourenço José Moniz, acompanhando uma collecção de peixes da Ilha da Madeira, com o seu catalogo scientifico, que offerecia á Academia.

Resolveo-se que se lhe agradecesse a offerta, e que o Secretario se entendesse com o Snr. Lourenço José Moniz, a fim de dar ao seu trabalho uma fórma tal que pudesse ser impresso nas Memorias da Academia.

DONATIVOS.

Revista Militar. — Tomo 2.° — N.° 2 — 4.° — 1 N.° — Offerecido pela Direcção do Jornal.

Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa. — 2.ª série — Tomo 5.° — o N.° de Dezembro de 1849 — 8.° — 1 N.° — Offerecido pela mesma Sociedade.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — 2.ª série — Tomo 1.° — N.° 2 — 8.° — 1 N.° — Offerecido pela mesma Sociedade.

Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias, de Lisboa. — 1.ª série — 3.° anno — Março 1850 — 4.° — 1 N.° — Offerecido pelo Sñr. José Tedeschi.

Annales de l'Académie d'Archéologie de Belgique, Tome sixième. 4.ᵉ Livraison. — Anvers 1849 — 4.° — 1 caderno — Offerecido pela mesma Academia.

Journal of the Royal Geographical Society of London. — Tomo 19 — Parte 2.ª — Londres 1849 — 8.° — 1 vol. — Offerecido pela mesma Sociedade.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences [Instituto Nacional de França]. — 1850 — *Premier semestre* — Tomo 30 — N.ºˢ 1, 2 e 3 — 4.° g.ᵈᵉ — 3 N.ºˢ — Offerecidos pelo Instituto.

PARA O MUSEU.

Uma Collecção de Fétos da Ilha da Madeira.

Uma Collecção de Peixes dos mares da Madeira, com o seu Catalogo. — Estas duas Collecções forão offerecidas pelo Sñr. Conselheiro Lourenço José Moniz.

Varias armas de guerra, artefactos e utensilios dos Cafres de Moçambique. — Offerecidos pelo Sñr. Rodrigo Luciano d'Abreu e Lima, Governador que foi daquella Provincia.

ASSEMBLEA D'EFFECTIVOS DE 20 DE MARÇO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Barão de Reboredo, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Barão d'Eschwege, Fortunato José Barreiros, Francisco Recreio, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos.

O Sñr. D.or Filippe Folque, que tinha sido nomeado para servir de Director da Classe de Sciencias Exactas, durante a ausencia do Sñr. José Cordeiro Feio, expoz motivos ponderosos que o impossibilitavão de poder encarregar-se desta incumbencia; em consequencia do que foi nomeado o Sñr. Marino Miguel Franzini para occupar interinamente o lugar de Director da Classe de Sciencias Exactas.

Foi unanimemente approvado para Socio Correspondente da Academia, na Classe de Sciencias Natu-

raes, o Sñr. Guilherme José Antonio Dias Pegado, Lente de Physica da Escola Polytechnica, que tinha sido proposto para Socio na Assemblea de Effectivos de 27 de Fevereiro ultimo.

O Sñr. Mattheus Valente do Couto Diniz, na qualidade de Corrector da Typographia da Academia, propoz que se nomeasse uma Commissão para dar o seu parecer sobre o systema orthographico que deve adoptar-se na impressão das obras da Academia.

Resolveo-se que a Classe de Litteratura tomasse em consideração este objecto.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Fevereiro de 1850.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluviometro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera
	Min.	Max.	Med.	9ª Man.	3ª Tarde					
1	48	62	55	766,3	765,2		^{1}NO^{2}—N^{2}			
2	49	65	57	63,8	60,5		^{1}NE—N			
3	* 46	59	52	57,6	55,6	14	^{1}S SO-NO^{r}			Chuva serena e abundante.
4	47	59	55	54,8	55,5	4	SE^{u}—^{1}N^{r}			
5	48	61	54	56,5	55,4	4	^{1}NE—^{1}N			
6	49	65	57	57,8	57,6	7	NE-^{1}S^{r}E a E			Trovoada e forte tufão de vento ás 3^{h} da tarde.
7	48	56	52	58,2	57,7	9	^{1}NE•			Chuva serena e permanente.
8	49	65	57	60,0	59,4		•SE—SO			Orvalho nocturno abundante.
9	49	64	56	59,2	57,7		·V—NO			Nevoeiro até ás 10^{h} da manhã.
10	47	63	55	58,9	58,4		·V—N			Sol ardente; apparencia de trovoada.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9^h Man.	3^h Tarde			
11	47	68	57	57,1	55,1		¹N''	Sol ardente ; apparencia de trovoada.
12	51	67	59	56,2	56,7		·NE—V·	
13	52	*71	60	59,2	57,5		NE—B	Atmosphera vaporosa , calor.
14	52	*71	60	67,1	54,5		NE—·V	Calor.
15	55	70	62	54,1	52,4	4	''SE·	Aguaceiros brandos.
16	54	69	61	51,8	51,3		S¹E—S	
17	53	65	59	49,7	47,8	2	·E—·S	
18	50	69	59	49,4	49,4	1	·N—NOᵘ	Algum trovão remoto, e chuva de graniso na Porcalhota.
19	50	65	57	54,0	54,0		B—·O	
20	48	67	57	55,7	55,3		·V—NO	
21	52	65	58	55,1	53,4	10	¹SE·	Chuva branda e perenne.
22	54	67	60	49,5	49,6		¹SE—S	

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9h Man.	3h Tard.					
23	52	68	60	52,3	52,5	4	^{1}NE—SE·			Aguaceiros brandos.
24	47	63	55	54,6	54,0		^{1}NO^2			Ar frio nos extremos do dia.
25	45	62	53	53,2	52,5		·V—SO			Idem.
26	49	67	58	51,4	51,0		^{1}NE			Sol descorado.
27	50	68	59	52,1	51,4		NE—·V			
28	54	70	62	53,3	53,2		·V—·SO			Sol ardente; apparencia de trovoada remota.
29	57	67	62	53,1	52,2	6	^{1}S^2			Aguaceiro sereno.
30	57	64	60	*47,1	50,4	12	^{4}SE^1--SO			Tempestade de manhã.
31	49	67	58	55,1	53,8	2	^{1}SO—S^2			Pequenos aguaceiros.
Med.	50,2	65,4	57,3	755,3	754,5	79	NE—SE			Temp.ª superior á normal, chuvoso e pouco ventoso.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera.		
	Min.	Max.	Med.	9^h Man.	3^h Tarde					
11	47	68	57	57,1	55,1		^{1}N''			Sol ardente ; apparencia de trovoada.
12	51	67	59	56,2	56,7		·NE—V·			
13	52	* 71	60	59,2	57,5		NE—B			Atmosphera vaporosa , calor.
14	52	* 71	60	67,1	54,5		NE—·V			Calor.
15	55	70	62	54,1	52,4	4	''SE·			Aguaceiros brandos.
16	54	69	61	51,8	51,3		S^{1}E—S			
17	53	65	59	49,7	47,8	2	·E—·S			
18	50	69	59	49,4	49,4	1	·N—NO^{u}			Algum trovão remoto, e chuva de graniso na Porcalhota.
19	50	65	57	54,0	54,0		B—·O			
20	48	67	57	55,7	55,3		·V—NO			
21	52	65	58	55,1	53,4	10	^{1}SE·			Chuva branda e perenne.
22	54	67	60	49,5	49,6		^{1}SE—S			

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9^h Man.	3^h Tard.					
23	52	68	60	52,3	52,5	4	^{1}NE—SE·			Aguaceiros brandos.
24	47	63	55	54,6	54,0		^{1}NO^{2}			Ar frio nos extremos do dia.
25	45	62	53	53,2	52,5		·V—SO			Idem.
26	49	67	58	51,4	51,0		^{1}NE			Sol descorado.
27	50	68	59	52,1	51,4		NE—·V			
28	54	70	62	53,3	53,2		·V—·SO			Sol ardente : apparencia de trovoada remota.
29	57	67	62	53,1	52,2	6	^{1}S^{2}			Aguaceiro sereno.
30	57	64	60	* 47,1	50,4	12	^{4}SE^{1}--SO			Tempestade de manhã.
31	49	67	58	55,1	53,8	2	^{1}SO—S^{2}			Pequenos aguaceiros.
Med.	50,2	65,4	57,3	755,3	754,5	79	NE—SE			Temp.ª superior á normal, chuvoso e pouco ventoso.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE MARÇO DE 1850.

Temperaturas.

Minima a 3 . . . . 46°
Maxima a 13 e 14. . . . 71
Media 57,3
Variação med. diurna. . . 15,2
Maxima a 11 21

Barometro na tp.ª de 63°

Max.ª altura a 1.	766,2	Variação
Minima a 30	47,0	dos extremos
Media.	54,9	19,2 millim.

Ventos dominantes e sua força.

0,7 0,7 0,2 0,4 0,8 0,6 0,2
N,8 = NO,8 = O,1 = SO,5 = S,7 = NE,12 = E,2
0,8
= SE,10 = B ou ·V,9.
= Direcção media do vento dominante N, 57° E (0,7).
= Madrugadas bonançosas 12.
= Meios dias ventosos 7.
= Tempestade de SE, a 30,

Estado da Atmosphera.

Meios dias claros 12 — Claro e nuvens 8 — Cobertos 9 — Coberto e clarões 7 — Dias em que choveo 13, incluindo 3 de brandos chuviscos, fornecendo a totalidade de 79 millimetros de agua, ou mais dois terços do que compete ao mez regular — Nevoeiro 1 — Trovoada uma a 6, e de ameaços de trovoada 2 — Dias de frio notavel 3 — Ditos de calor nas horas proximas ao meridiano 4.

Decorreo por consequencia este mez mui temperado, excedendo em 2° a temperatura normal, assás chuvoso e pouco ventoso, desenvolvendo com as suas beneficas chuvas, que tanto a proposito e bem distribuidas apparecêrão, a amortecida vegetação das plantas leguminosas, e cereaes, ameaçadas de total aniquilamento pela fatal seccura dos mezes antecedentes, as quaes mostrão actualmente o mais viçoso desenvolvimento, e dão as mais bem fundadas esperanças de uma colheita abundantissima, se nos dois mezes da primavera não acontecer algum insperado desastre. — Com tudo as chuvas que cahírão não puderão compensar, ás fontes e mananciaes d'agua, a falta que experimentárão no corrente inverno, o qual na totalidade sómente forneceo 172 millimetros, ou o mesmo que o antecedente inverno, quantidade que pouco excede a metade da chuva normal dos quatro mezes que constituem a estação invernosa neste clima.

Mortalidade em Lisboa.

Sexo masculino	—177 maiores	— 89 menores	—tot.—266
Dito feminino	—136 ditos	— 66 ditos	—dit.—202
Sommão	313 ditos	—155 ditos	—dit.—468.

Incluindo-se 223 fallecidos nos hospitaes, sendo 85 menores procedentes da Misericordia, ou dos que são expostos nos adros. — Foi por consequencia menor de 91 individuos, ou abateo 16 por cento sobre a mortalidade normal correspondente a este mez, continuando a salubridade da constituição atmospherica manifestada no antecedente mez, por uma identica diminuição na mortalidade; fazendo singular contraste com a de Março do anno antecedente, em que a mortalidade subio a 719 individuos, excedendo a normal em mais 30 por cento, do que se conclue que o mez que terminou foi tão propicio á vida dos habitantes desta cidade, como benefico para a dos vegetaes.

M. M. Franzini.

SESSÃO LITTERARIA DE 17 DE ABRIL.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Fortunato José Barreiros, Barão de Reboredo, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Francisco Recreio, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; Antonio Maria da Costa e Sá, Socio Livre; Antonio Caetano Pereira, e Julio Maximo de Oliveira Pimentel, Socios Correspondentes.

Determinou-se que a *Guia e Manual de Agricultura*, offerecida pelo Sñr. José Maria Grande, mencionada na lista dos Donativos, se remettesse á Classe respectiva para ser examinada.

MEMORIAS LIDAS.

Nota sobre a composição chymica das aguas de Moira, no Alemtejo, e seu emprego no tratamento das affecções de bexiga. Pelo Sñr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel.

O estudo da composição das aguas naturaes, que se utilisão como bebida ordinaria, ou meios therapeuticos, é do mais elevado interesse, porque se alguns dos principios que nellas se contem são proveitosos, ou indifferentes, outros pelo contrario podem causar perturbações desastrosas na economia, sendo até possivel que certa substancia, n'alguns casos util, seja n'outros prejudicial, conforme o estado em que se achão as funcções organicas dos individuos, que bebem aguas identicas.

Acontece frequentemente fazer-se a applicação da mesma agua no tratamento de enfermidades mui differentes, sem haver conhecimento certo e seguro da sua composição chymica; pois na verdade o que até hoje sabemos das muitas fontes mineraes, cujas aguas se bebem quotidianamente, ou de que se faz uso medicinal, de pouco vale, porque apenas temos noticia vaga e incerta dos resultados colhidos por alguns dos que dellas se tem servido: nem me consta que se tenha feito mo-

dernamente collecção de boas e rigorosas observações sobre o uso das aguas mais acreditadas.

Não nos honra muito este estado de cousas; e hoje, que a chymica tem simplificado e aperfeiçoado tanto os methodos de analyse, não se póde desculpar de modo algum esta falta, que não é possivel attribuir a outras causas que não sejão incuria ou ignorancia; ambas bem pouco honrosas para um paiz que tem a pretensão de acompanhar a marcha da civilisação Européa.

O Governo que fizer emprehender o estudo das aguas mineraes e potaveis do paiz, debaixo de todos estes pontos de vista, prestará, sem duvida, grande serviço á humanidade; e a Academia, se quer de boa vontade reconquistar a sua antiga ascendencia e auctoridade scientifica, deve promover este e outros trabalhos que são altamente interessantes. Oxalá que não sejão inteiramente perdidas estas reflexões, que me suscitou a analyse, recentemente feita por mim das aguas de uma fonte de Moira, que para os habitantes daquella villa é bebida ordinaria, mas que além disso tem tal ou qual reputação de lithontripticas, e cujos resultados venho hoje apresentar á Academia.

Pouco sei da historia medica destas aguas; ignoro mesmo se ellas a tem, porque destas não dá noticia o D.or Tavares no seu Tratado das aguas mineraes do Reino; entretanto dois factos recentes me levárão a emprehender esta analyse, e são os seguintes.

Ha pouco mais de um mez o Snr. Joaquim Filippe de Soure pedio-me que fizesse a analyse de uns calculos urinarios, que havião sido expulsos por um individuo, que vive na crença de que o uso da agua de Moira lhe auxilia a expulsão daquellas concressões, e obsta á sua formação. Os calculos que examinei erão constituidos pelo acido urico e pouco urato de ammonia. A com-

posição da agua explica até certo ponto os effeitos que se lhe attribuem, porque, sendo alkalina pelo carbonato de soda, póde, neutralisando o acido urico, obstar ao seu deposito.

Pouco tempo depois soube pelo Sñr. D.^{or} Bernardino Antonio Gomes, que o Sñr. Duque de Palmella, nesta sua ultima enfermidade, fazia uso das mesmas aguas e com vantagem, ainda que a sua doença, com ser da bexiga, nada tinha [creio eu] de commum com a formação de calculos: pedio-me o nosso consocio, por essa occasião, um exame chymico desta agua, e para satisfazer aos seus desejos, e auxiliar, quanto em mim coubesse, a resolução de questões tão importantes, emprehendi esta analyse, que terminei em poucos dias.

Não descreverei os processos que nella segui, porque, em geral, não me afastei dos methodos ordinarios: mencionarei sómente em particular o methodo que empreguei para determinar a quantidade do carbonato de soda.

A reacção alkalina, ainda que fraca, que esta agua apresenta, fez-me suspeitar a existencia do carbonato de soda; que, pelos meios ordinarios conheci não existir misturado com quantidade sensivel de carbonato de potassa: mas como entre os saes soluveis, que ficão na dissolução, depois de expulso o excesso de acido carbonico, que traz dissolvidos os carbonatos terrosos, existe, alêm do chlorureto de sodio, o sulfato e carbonato de soda, e o chlorureto de magnesio, não me era possivel determinar a quantidade de soda, que está no estado de carbonato, pelas simples dozagens do chloro, dos acidos sulfurico e carbonico, do sodio, e do magnesio, de modo que se me offerecesse uma contraprova, que satisfizesse o meu espirito: assim entendi que era mais conveniente determinar todo o sodio no estado de chlo-

rureto, e procurar por differença qual era realmente a quantidade d'aquelle corpo que se achava no estado de chlorureto, porque o resto devêra estar no estado de soda, combinada com os acidos sulfurico e carbonico. Para o alcançar, tomei uma porção d'agua, privada dos saes que se precipitão pela ebullição, e dividi-a em duas porções rigorosamente iguaes; n'uma dellas precipitei o chloro immediatamente pelo azotato de prata, para ter o chloro dos chloruretos. A outra parte foi acidificada pelo acido chlorhydrico, para converter o carbonato de soda em chlorureto de sodio; evaporada á secura, e aquecido o residuo ao rubro, para expulsar todo o excesso de acido chlorhydrico; e dissolvendo-o de novo, na dissolução clara, e acidulada pelo acido azotico, foi precipitado pelo azotado de prata o chloro, que representa não só os chloruretos existentes na agua, mas tambem o que proveio da transformação do carbonato de soda pelo acido chlorhydrico. Subtrahindo do peso do chlorureto de prata, achando por esta ultima experiencia, o que havia sido determinado pela experiencia antecedente, temos o peso do chlorureto de prata que dá o chloro correspondente ao sodio que na agua se acha no estado de carbonato. Este methodo é já conhecido e acha-se descripto nos melhores tratados de analyse.

Segue-se o resultado da analyse da agua de Moira.

Densidade = 1,00104

Materias fixas n'um litro de agua...... 0,^{gm}5200
Peso do CO^2, obtido pelo *Ba Cl*....... 0, 3846

Materias fixas que se precipitão pela ebullição de um litro d'agua, por se acharem dissolvidas no excesso de acido carbonico.

Carbonato de cal........	0,2222	
Dito de Magnesia	0,0187	
Dito de ferro	0,0290	
Alumina	0,0014	
Silica	0,0103......	0,3116

Saes soluveis na agua ainda depois de expulso o excesso de acido carbonico.

Sulfato de soda	0,0262	
Carbonato de soda	0,0835	
Chlorureto de sodio......	0,0177	
Chlorureto de magnesio...	0,0517......	0,1791
Materia organica e perdas.............		0,0293
		0,5200

A composição destas aguas, considerada em relação ao seu uso therapeutico, leva-me a propor algumas questões em cuja resolução muito interessa a medicina.

Estas aguas são principalmente alkalinas e magnesianas. — Qual será nellas o principio activo a que se deve attribuir a sua efficacia no tratamento das affecções da bexiga? — Se o carbonato de soda póde n'alguns casos prevenir a formação dos *calculos uricos*, não poderá por outra parte a magnesia determinar a formação dos calculos de *phosphato ammoniaco-magnesiano*?

Depois de expulsa a ourina, se a misturarmos com

a dissolução do chlorureto de magnesio, todo o ammoniaco, que resulta da decomposição da ureia, entra em combinação com o acido phosphorico, e forma-se o phosphato dobrado de ammonia e magnesia, que se precipita, á medida que se vai formando. Póde até por este meio prevenir-se a putrefacção da ourina, evitando a formação e derramamento do carbonato de ammoniaco e utilisar todo o azote destas dejecções em beneficio da agricultura. Citarei em abono desta asserção as minhas proprias experiencias.

Desde o dia 2 de Abril que guardo uma porção de ourina misturada com uma pequena quantidade de aguas mãis das nossas marinhas, que contêm abundancia de saes de magnesia [*vide a nota no fim*] em contacto com o ar, n'um lugar do meu laboratorio, em que todas as circunstancias são propicias á putrefacção, e ainda até hoje se conserva imputrefacta tendo-se successivamente augmentado o deposito de phosphato dobrado de ammonia e magnesia; adquirindo apenas o liquido côr sanguinea, e cobrindo-se a sua superficie de uma vegetação cryptogamica. Ora se isto se passa na ourina depois de expulsa para fóra da economia, não póde acontecer uma coisa analoga dentro do organismo? No Jornal de Pharmacia e Chymica de Paris, do mez de Fevereiro ultimo, vem mencionado um caso do apparecimento dos crystaes do phosphato dobrado de ammonia e magnesia na ourina de um individuo que havia tomado um ligeiro purgante de magnesia calcinada. Verdade é que os calculos do phosphato dobrado são raros e constituem apenas um decimo do total das concreções ourinarias conhecidas; mas isto parece depender de que a ourina ordinariamente acida nos animaes carnivoros dissolve os phosphatos.

Estas questões, que apenas me atrevo a enunciar

na presente nota, merecem, no meu entender, um exame attento e profundo da parte dos homens da sciencia. É por certo á Academia a quem pertence esclarecer estas questões e promover com efficacia um estudo completo sobre as aguas mineraes do Reino, considerando-as não só em relação á sua composição chymica, mas tambem nos seus effeitos therapeuticos.

NOTA.

Composição chymica das aguas mãis das marinhas de Riba-tejo — [Analyse feita em Outubro de 1849].

Densidade...... 1,218.

Em 100 partes em peso contem

Chlorureto de sodio............	20,47
Bromureto de sodio..............	0,11
Sulfato de magnesia.............	2,98
Chlorureto de magnesio.........	2,63
	26,19

Observações Criticas sobre a Communicação, que tem por titulo — Uma Inscripção de Tiberio — impressa em as Actas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, N.° 5, Sessão Litteraria de 25 de Julho de 1849. Pelo Sñr. Francisco Recreio.

—

Entre outras Observações nota-se: Que a Inscripção, que faz o objecto da referida Communicação, já

se acha impressa ha muito mais de um seculo na Obra do P. D. Jeronymo Contador de Argote — *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani* — Cap. 6.° pag. 223 e 224 n.° 6, publicada em Lisboa em 1728. — Que este Autor no Capitulo citado n.° 2 dá noticia de ser a Pedra Miliaria, que contêm a Inscripção de Tiberio, uma das cinco Columnas que existião no seu tempo, pertencentes á Via Militar Romana, indicada no Itinerario de Antonino, que hia de Braga por Ponte de Lima para Astorga. — Observa-se não menos, que, segundo o mesmo Argote, esta Pedra Miliaria fôra a ultima das cinco Columnas daquella Via Militar que se achárão; sendo descoberta *nas margens do Rio Minho* junto a Valença no anno de *mil seiscentos e oitenta.* — Que este Escriptor no lugar apontado n.° 6 já fizera menção de que a sobredita Pedra Miliaria, que fôra achada na margem do Rio Minho, estava tambem na Praça de Valença. — O que sendo assim não se vê como se possa verificar, pelo menos quanto á estada da Columna Miliaria na mencionada Praça, o que se lê em a nota da Autoridade Administrativa da referida Villa, que acompanhou o *fac-simile* da mesma Columna Miliaria, enviado ao Autor da Communicação em o anno passado, na qual se diz que a Columna que a continha fôra *ha quarenta annos encontrada sobre a margem do Minho e desde então levantada na Praça* [da dita Villa] *constituindo o seu pelourinho.* — Ha pois uma differença de 130 annos sobre a época em que foi achada.

DONATIVOS.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana — 2.ª Série — Tomo 1.º — N.º 3 — 8.º — 1 N.º — Offerecido pela Sociedade.

Revista Militar. — Tomo 2.º — N.º 3 — Março de 1850 — 8.º — 1 N.º — Offerecido pela Direcção do Jornal.

Requerimento e Correspondencia do Duque de Saldanha com o Ministro da Guerra por occasião de ser demittido do officio de Mordomo-mór da Casa Real. — Lisboa 1850 — 8.º

A Correspondencia do Marechal Saldanha, e o Jornal a Lei. — Lisboa 1850 — 8.º — Offerecidos estes dous Opusculos pelo Sñr. Duque de Saldanha.

Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias, de Lisboa. — 1.ª Série — 3.º anno — Abril de 1850 — 8.º — 1 N.º — Offerecido pelo Sñr. José Tedeschi.

Naufragio da Galera Portugueza Tejo, na corrente do Golfo do Mexico, descripto pelo seu proprio Capitão B. R. C. — Lisboa 1850 — 8.º — 1 vol. — Offerecido pelo Sñr. Boaventura Romero Curran.

Guia e Manual do Agricultor, ou Elementos de Agricultura. — Lisboa 1850 — 8.º — 2 vol. — Offerecido pelo seu Autor o Sñr. José Maria Grande.

Annali di Fisica dell' Abbate Francesco Cav. Zantedeschi. Fascicolo 4.º — Padova 1849 — 1850 — 8.º — 1 N.º — Offerecido por seu Autor.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences [Instituto Nacional de França]. — 1850 — *Premier semestre* — Tomo 30 — N.ºs 4, 5 e 6 — 4.° — 3 N.^{os} — Offerecido pelo mesmo Instituto.

Transactions of the Cambridge Philosophical Society. — Vol. 7.° — Partes 1.ª, 2.ª e 3.ª — Vol. 8.° — Partes 1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª — Cambridge 1849 — 4.° — 8 Partes. — Offerecido pela referida Sociedade.

Direction des Aerostats, por V. Barezo Cano. — Meia folha de papel impresso em tres columnas de um só lado. — Offerecido pelo seu Autor.

ASSEMBLEA D'EFFECTIVOS DE 24 DE ABRIL.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Recreio, Barão de Reboredo, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Fortunato José Barreiros, Barão d'Eschwege, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos.

Foi proposto para Socio Correspondente da Academia o Sñr. José Rodrigues Coelho do Amaral, Lente Substituto da Escola do Exercito.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Abril de 1850.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera
	Min.	Max.	Med.	9ª Man.	3ª Tarde					
1	59	64	61	744,3	744,4	20	$^{4}S^{2}$—$^{1}SO^{2}$			Tempestade de madrugada. — Trevoada ás 10h da tarde e algum granizo.
2	50	65	57	46,5	50,3	6	$^{2}O^{r}$			
3	55	68	61	55,1	56,0	1	S^{2}			Chuvisco quasi inapreciavel.
4	60	72	66	59,3	59,7		''S·			Muito humido e tepido.
5	54	74	64	58,3	56,1		·NE—·NO			Nevoeiro matutino — Sol ardente.
6	55	62	57	57,0	54,2		·V—·NO			
7	54	71	62	54,5	52,1		·SO—$^{1}S^{2}$			Chuvisco inapreciavel de tarde.
8	56	63	59	49,6	53,5	13	$^{2}O^{r}$—$^{2}NO^{r}$			Chuva copiosa.
9	48	68	58	57,1	55,1	9	·NO—$^{1}SO^{2}$			
10	56	67	61	52,5	52,5		$^{2}O^{r}$			

Mortalidade em Lisboa.

Sexo masculino	—152	maiores	—100	menores	—tot.	—252
Dito feminino	—122	ditos	— 93	ditos	—dit.	—215
Sommão	274	ditos	—193	ditos	—dit.	—467.

Incluindo-se 212 fallecidos nos hospitaes, sendo 92 menores procedentes da Misericordia, ou dos expostos nos adros das Igrejas.—Diminuio a mortalidade sobre a normal do mez, em 53 individuos, ou mais de 11 por cento, do que se deduz que a constituição atmospherica continuou favoravel á conservação da vida dos habitantes desta cidade. Nas enfermidades proprias da estação predominárão os catharros e tosses pertinazes, que em geral terminão benignamente.

M. M. Franzini.

ACTAS

DAS

SESSÕES

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA.

1850. — N.° III.

SESSÃO LITTERARIA DE 8 DE MAIO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Ignacio dos Santos Cruz,

Francisco Recreio, Barão de Reboredo, Fortunato José Barreiros, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; Antonio Maria da Costa e Sá, Socio Livre; Antonio Caetano Pereira, e Carlos Bonnet, Socios Correspondentes.

COMMUNICAÇÕES.

Mr. Felix Canier remetteo á Academia um papel, que tem por titulo = *Moyen de carburer le gaz hydrogène, provenant de la décomposition de l'eau par le fer, au moyen des huiles empyreumatiques produites dans la distillation de la houille.* — Com uma estampa.

Foi entregue ao Sñr. Director da Classe de Sciencias Naturaes.

MEMORIAS LIDAS.

Continuou o Snr. Francisco Freire de Carvalho a lêr a traducção Portugueza d'algumas *Cartas de C. Plinio Cecilio Segundo* (*).

Tres são as Cartas, que agora vão ser apresentadas, a saber: a 5.ª do Livro 3.°, dirigida a *Macro*, na qual o Autor lhe dá noticia das Obras, que forão compostas por seu Tio, Plinio o Naturalista, cheia de mais a mais de mui sensatas reflexões excitadoras do estudo. Na segunda, que é a 7.ª do mesmo Livro 3.°, escripta a *Caninio*, da-lhe noticia da morte do poeta *Silio Italico*, acompanhada tambem da noticia dos seus empregos, caracter e do juizo ácerca do seu talento poetico, recheada de mais a mais de lastimosas recordações sobre a curteza da vida humana, o que deve servir-nos de estimulo para deixarmos alguma obra, que após o nosso falecimento nos immortalize. — Na terceira escripta a *Sura*, e que na collecção das Cartas do Autor occupa o 21.° logar do Livro supramencionado, participa-lhe o

(*) Vid. Actas das Sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa N. 7. a pag. 307.

falecimento do poeta epigrammatico Valerio Marcial, com alguns versos deste dirigidos ao mesmo Plinio, que talvêz se não encontram em outro algum logar.

Livro 3.º Carta 5.ª Plinio a Macro.

É para mim cousa summamente agradavel, que tão attentamente lêas os livros de meu Tio; e por isso que desejes possuil-os todos, e saber quaes elles sejam (*). Farei por isso as vezes de um Index; e direi tambem, qual a ordem, em que por elle foram compostos, conhecimento este, que aos homens estudiosos não deixa de ser igualmente jocundo. — No tempo, em que, militando, commandava um trôço de cavallaria, compôz com iguaes ingenho e exacção um Livro sôbre o modo, com que os cavalleiros devem arremessar os seus dardos. — Escreveo dous Livros da vida de Pomponio Segundo, por quem fôra singularmente amado, com o que á memoria do amigo pagou uma como divida de gratidão. — Vinte Livros sôbre a guerra da Germania, nos quaes colligio todos os nossos feitos bellicos com os Germanos: esta obra a começou elle admoestado por um sônho no tempo, em que na Germania militava; por quan-

(*) Vid. Actas da Academia Real das Sciencias de Lisboa N.º 7. a Nota a pag. 370.

to apparecendo-lhe a imagem de Druso Nero, o qual dilatadissimamente vencedor da Germania, alli falecêra, recomendou-lhe fizesse delle memoria, e lhe pedio salvasse o seu nome do opprobrio do esquecimento. — Escreveo mais tres Livros sôbre os estudos da Eloquencia, por sua grandeza divididos em seis volumes, nos quaes forma, e aperfeiçôa o Orador desde a sua primeira infancia. — Nos ultimos annos do governo de Nero, tempo em que a escravidão tornava perigoso todo e qualquer genero de estudos um pouco mais livres e remontados, escreveo oito Livros sôbre a ambiguidade figurada das palavras. — Trinta e um Livros de Historias desde o ponto, em que as tinha deixado Aufidio Basso. — Trinta e sete Livros sôbre a Historia Natural, obra extensa, erudita e não menos variada, do que a propria Natureza. Causar-te-ha admiração, como um homem occupado poude escrever tantos volumes, e delles muitos com tão miuda averiguação escriptos: muito mais te admirarás sabendo, que tambem se dedicára por algum tempo a advogar Causas; falecendo aos cincoenta e sete annos da sua idade, e tendo o seu tempo occupado e impedido já com grandes empregos, já com a amizade dos Principes: era porêm homem de grande ingenho, de um estudo incrivel, e de vigilancia summa. Em chegando o tempo das festas de Vulcano (*), começava a trabalhar desde antes de romper do dia, e sendo ainda muito escuro; levantando-se não para tomar auspicios, mas sim para estudar, a saber, no Inverno á hora septima, o mais tardar á oitava, as mais das vêzes á sex-

(*) Começavam em Roma estas festas no dia 23 d'Agosto, e duravam por espaço de oito dias. [Encyclop. Methodica = Antiguidades =] — *Cæterum Augusto circa Vulcanalia tertia satio est* [diz Columell. Lib. 11. Cap. 40].

la; pois tinha o sôno sempre á sua disposição, ao ponto de que no meio dos seus estudos ora se deixava delle occupar, ora o sacudia de si. Antes de amanhecêr dirigia-se ao palacio do Imperador Vespasiano; pois tambem este fazia uso das noutes: d'alli ia exercêr as funcções do seu emprego. Voltando para casa, o que lhe restava do tempo, empregava-o no estudo. Durante a estação do Estio, muitas vezes depois da comida, [que de dia era leve e de facil digestão, á maneira dos antigos] se lhe restava algum tempo de ócio, deitava-se ao Sol, liam-lhe um livro, sôbre o qual ia fazendo annotações e extractos; pois não lêo jámais cousa alguma, que não extractasse; tendo sempre por costume o dizer == *Que não havia livro, por máo que fosse, de que não podesse tirar-se algum proveito.* == Depois de ter estado ao Sol, lavava-se as mais das vezes em agua fria, tomava então algum alimento, e dormia por um pequenissimo espaço. Em seguimento, como se tivesse começado um nôvo dia, entregava-se ao estudo até o tempo da cêa, durante a qual, mandava que lhe lêssem um livro, sôbre cuja leitura ia fazendo rapidamente algumas annotações: Lembro-me, de que, interrompendo um dos seus amigos o leitor, por não ter lido bem, e mandando que tornasse a lêr certa passagem, meu Tio lhe perguntára == *se a tinha bem entendido*, == ao que elle respondendo affirmativamente, meu Tio accrescentára == *Por que razão pois o mandaste repetir? com a tua interrupção perdemos mais de dez linhas.* == Tão economico era elle do emprego do tempo! No Estio levantava-se da cêa ainda antes de anoitecer, no Inverno logo depois da primeira hora da noute, como se por uma lei a isso fosse compellido: Era este o seu theôr de vida no meio dos trabalhos e do bolicio da Cidade. No retiro do campo só deixava de estudar durante o tempo

do bânho; e, quando digo, do bânho, fàlo do tempo, em que nelle estava mergulhado; pois, em quanto o esfregavam, e o alimpavam, sempre ouvia, ou dictava alguma cousa. Fazendo jornada, como quem ia então despido d'outros cuidados, sómente nisto se occupava; levando a seu lado um escrevente com um livro, e o seu caderno de apontamentos; e para que a aspereza do frio lhe não roubasse algum tempo ao estudo, mandava-lhe no Inverno, que cobrisse as mãos com luvas: era por isso tambem, que, estando em Roma, andava sempre de cadeirinha. Recordo-me de me haver elle reprehendido uma vêz, por eu ter ido a passeio, com as palavras seguintes: = *Tu podias não ter perdido essas horas* =; por entender perdido todo o tempo, que não era empregado no estudo. — Foi com esta applicação que poude compôr tantos volumes, tendo-me deixado de mais cento e sessenta Collecções ou Commentarios sôbre assumptos extrahidos de livros alheios, escriptos de ambos os lados, e em miudissima lettra, o que faz dobrar-lhe o numero. Contava elle, que no tempo, em que exercêra o cargo de Procurador de César na Hespanha, podera ter vendido por quatrocentos mil sextercios estes Commentarios a Largio Licinio; sendo que eram nesse tempo algum tanto menos em numero. — Passando agora pela lembrança tudo, quanto meu Tio lêo, e escrevêo, acaso te não parece, que um homem tal não podia ter exercido emprego, nem occupado logar algum na privança e amizade dos Principes? ou tambem, sabendo o grande trabalho, que dêo ao estudo, que não escreveo, ou lêo elle, quanto lhe cumpria? Pois que estorvos não deviam óppor-lhe aquellas occupações! e o que não poderia elle produzir com esta assiduidade em estudar! Costumo por isso rir-me, quando alguem me chama estudioso; pois, a comparar-me com meu Tio,

seu perguiçosissimo. Que tempo dou eu ao estudo, senão aquelle, que me deixam livre os negocios ou publicos, ou os dos amigos? Alem de que, quem ha ahi dos que toda a vida se entregam ao estudo das Bellas-Letras, se com elle o compararmos, que se não envergônhe de ter passado a vida como entregue sómente ao sôno, e á inercia? — Alarguei-me nesta Carta, sem embargo de haver-me proposto o escrever unicamente sôbre o que me perguntavas, isto é, que Livros tinha elle deixado escriptos: todavia confio, que te não será isto menos agradavel tambem, do que os proprios seus Livros; e que poderá servir de estimulo á tua emulação, não só para que trates de os lêr, como para que escrevas alguma cousa, que com elles se assemelhe. — A Deus.

Livro 3.° Carta 7.ª Plinio a Canino.

Acaba de chegar-me a noticia, de que Silio Italico se deixára morrer de fome na sua terra junto á Napoles. Foi uma infermidade a causa da sua morte: formára-se-lhe uma chaga incuravel, por cujo desgosto se deo préssa a morrer com irrevogavel constancia, tendo sido até o seu ultimo dia ditoso e feliz, excepto que perdêra de seus dous filhos o mais môço, restando-lhe porêm o mais velho e de maior mérito, vigoroso, e até já Consular. A sua reputação havia soffri-

do algum desar no governo de Nero; por se acreditar, que fôra nesse tempo denunciante espontaneo: Gozára porêm da amizade de Vitelio sempre com prudencia e com urbanidade. Tinha voltado glorioso do seu Pruconsulado da Asia, lavando com um ócio digno de louvor a mácula do seu antigo proceder. Vivêo entre os seus principaes concidadãos sem ostentação de poder, e sem inveja: Posto que nunca deixasse o seu quarto, e mui raras vezes a cama, ahi mesmo o frequentavam, e hiam saudar, o que todavia o não devia elle ao seu estado presente de fortuna (*). Passava os dias entretido em doutissimas conversações. Escrevia versos, nos quaes se deixava ver mais arte, do que ingenho, recitando-os algumas vezes, a fim de apalpar a opinião e o juizo dos seus ouvintes. Ultimamente, aconselhado pelos annos, retirou-se de Roma, e foi morar na Campania, d'onde nem se quer o fêz sahir a subida ao throno do nôvo Principe, facto digno de grande louvor assim para um Imperador, que o não levou a mal; como para elle, que ousou tomar esta liberdade. — Era homem apetitoso de tudo, quanto tinha apparencias de bello, até ao ponto de merecer por isso censura; pois possuia muitas quintas em um só e o mesmo lugar, e em todas ellas muitos livros, muitas estatuas, muitas pinturas, as quaes não só conservava mas até lhes dedicava uma especie de culto: Venerava mais, que todas, as que representavam Virgilio, cujo dia natalicio celebrava mais religiosamente, do que o seu proprio, sôbre tudo em Napoles, cujo monumento costumava visitar, como visitaria um templo. No meio desta tranquilidade passou

---

(*) *Non propter præsentem ipsius fortunam; florebat enim amicitia Nervæ imper. sed propter doctissimos sermones*, diz uma nota da edição de Lalemand a este lugar.

ainda alem dos setenta e cinco annos da sua idade com um corpo mais delicado, que infermo: e assim como fôra o ultimo Consul, feito por Nero, morreo o ultimo tambem dos, que por elle haviam sido promovidos a esta dignidade: sendo igualmente digno de notar-se, que dos Consules do tempo de Nero fosse o ultimo, que acabou os seus dias aquelle, que era Consul, quando Nero morreo: do que todas as vezes que me recordo, grande é a compaixão, que me causa a fragilidade da natureza humana; pois que cousa ha tão circunscripta e tão curta, como a vida do homem, ainda a mais dilatada? Acaso não parece, que Nero ainda ha pouco vivia, ao mesmo tempo que de todos, quantos durante o seu governo foram Consules, nem um sequer já existe? Mas porque me admiro disto? lembrando-me do, que costumava dizer Lucio Pisão, pai d'aquelle Pisão perversissimamente por Valerio Festo assacinado na Africa. = *Que a ninguem via já no Senado de todos aquelles, a quem tinha pedido votos, sendo Consul?* = Tão estreitos são pois os limites, dentro dos quaes está encerrada a mais longa vida de tanta multidão de homens, que não só me parecem dignas de perdão, mas antes de louvor aquellas lagrimas de um Rei: Por quanto de Xerxes se conta, que, lançando os olhos sôbre o seu exercito immenso, chorára ao pensar, que dentro de mui curto espaço de tempo tantos milhares de individuos seriam victimas da morte. — É por isso que sendo, como é, tão futil e caduco esse espaço de tempo da vida, que nos é concedido, devemos estendel-o, se não com obras, [pois essas não dependem de nós] sem duvida com a applicação ao estudo: E pois nos é negado o viver por muito tempo, deixemos depois de nós alguma cousa, que atteste o termos vivido. Bei sei, que não careces de estimulos; comtudo a amizade que te te-

pho, me impelle a que te instigue na carreira, assim como tu costumas instigar-me a mim: É bôa sempre a porfia, com que os amigos mutuamente se exhortam ao amor da immortalidade. — A Deus.

Livro 3.° Carta 21.ª Plinio a Prisco.

Ouço dizer, que é falecido Valerio Marcial, o que me causa grande pena: Era homem ingenhoso, de espirito fino e penetrante, e em cujos escriptos ha muito sal e fel; mas não menor candura. Ao retirarse de Roma, dei-lhe com que podesse fazer a sua jornada; obsequio por mim prestado á amizade, assim como aos pequenos versos, que me dedicou. Foi costume antigo, o conferir honras, ou dinheiro aos, que em seus escriptos haviam dado louvores ou aos homens particulares, ou ás cidades; costume este que, com outros não menos bellos e egregios, tem caducado em os nossos tempos, mórmente no actual; pois, desde que deixâmos de praticar acções dignas de louvôr, julgâmos tambem cousa inepta o ser louvados. — Queres saber, que pequenos versos sejam aquelles, que deram occasião ao meu agradecimento? Se acaso não conservasse de memoria alguns d'elles, remetter-te-ia ao proprio volume, onde se acham escriptos: Se estes te agradarem, podes ir ao Livro procurar os mais. Falando com a sua Musa, manda-lhe, que vá ter comigo a minha

casa do bairro dos Esquilios, recomendando-lhe porém, que entre nella com o devido respeito:

Mas, attende, não vas, ébria, bater-lhe
Na douta porta em horas importunas:
Á severa Minerva inteiros dias
Elle consagra, quando ante os Juizes
Tem de ostentar discursos, que aos d'Arpino
Do Orador Cidadão lá nos vindouros
Seculos poderão ser comparados.
Da noute junto ás luzes mais segura
Na casa lhe entrarás; essa hora é tua:
Quando Baccho arde em furias, e das rosas
Quando impéra o odôr, quando as madeixas
Humedecidas pendem, os meus versos
Té rigidos Catões nessa hora lêam.

E não tenho eu razão para sentir uma viva dor na morte d'aquelle, de quem outróra me despedi o mais amigavelmente, e que ainda agora contemplo como um dos meus maiores amigos? Elle deo-me, sem duvida, o mais, que poude dar-me; e muito mais me daria, se isso estivesse ao seu alcance: Pois que cousa maior pode ser dada a um homem, do que a gloria, o louvor e a immortalidade? Mas talvez que o, que elle escreveo, não dure eternamente; sim, talvez que assim aconteça; elle porém escreve-o na idêa, de que viria a ter uma duração perpetua. — A Deus.

DONATIVOS.

Revista Militar. — Tomo 2.° — N.° 4 — Abril de 1850. — 8.° — 1 N.° — Offerecido pela Direcção do Jornal.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — 2.ª Série — Tomo 1.° — N.° 4 — 8.° — 1 N.° — Offerecido pela Sociedade.

Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa. — 2.ª Série — Tomo 6.° — N.os 1, e 2 — 8.° — 2 N.os — Offerecido pela Sociedade.

O Cadastro, e a Propriedade predial. Relatorio annotado. Offerecido á Commissão geral do Cadastro, por F. A. F. da S. Ferrão. — 8.° — 1 Vol.

O uso, e o abuso da Imprensa, ou Considerações sobre a proposta de Lei Regulamentar do §. 3.° do Artigo 145 da Carta Constitucional, por Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão. — 8.° — 1 Vol.

Observações analyticas sobre o contencioso da Administração da Fazenda Publica, regulado pelo Decreto de 29 de Dezembro de 1849. Dirigidas ao Ex.mo Snr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda, Antonio José d'Avila, por Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão. — 8.° — 1 Vol. — Offerecidas estas ultimas tres obras pelo seu Autor.

Junta do Credito Publico. — Relatorio da sua Gerencia no anno economico de 1848 — 1849, e as de

exercicio de 1846 — 1847 — fol. — 1 Vol. — Offerecido pela mesma Junta.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l' Académie des Sciences [Instituto Nacional de França]. — 1850 — Premier semestre — Tomo 30 — N.ºs 7, 8, 9 e 10 — 4.° g.^{de} — 4 N.^{os} — Offerecido pelo mesmo Instituto.

Philosophical Transactions of the Royal Society of London. — For the year 1849 — Part. 2.^{a} — 4.° g.^{de} — 1 Vol.

Address of the right honourable the Earl of Rosse etc. etc. the President, readat the anniversary Meeting of the Royal Society, on Friday, November 30, 1849 — 8.° — 1 vol.

The Royal Society. 30 th November 1849 — 8.° — 1 vol. — Offerecidas estas ultimas tres obras pela Sociedade Real de Londres.

ASSEMBLEA D'EFFECTIVOS DE 15 DE MAIO.

Presidio o Snr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Snr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Barão de Reboredo, Francisco Recreio, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Fortunato José Barreiros, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario perpetuo

1.° Uma Portaria expedida pelo Ministerio do Reino do theor seguinte:

Manda Sua Magestade, A Rainha, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, remetter á Academia Real das Sciencias de Lisboa, a inclusa conta, datada de 29 d'Abril ultimo, em que o Governador Civil do Districto do Funchal, dando parte de haver começado a organisar naquella Cidade um Gabinete de Historia Natural, pede se conceda para o mesmo Gabinete um exemplar dos objectos de que haja duplicado no Museu de Lisboa; a fim de que a referida Academia informe por este Ministerio quanto se lhe offerecer a tal respeito. Paço das Necessidades em 11 de Maio de 1850. = Conde de Thomar.

Apresentou o Secretario a minuta da resposta a esta Portaria, que foi approvada, e é a que se segue:

SENHORA ≐ Manda Vossa Magestade na Portaria expedida pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, em 11 do corrente, que a Academia Real das Sciencias de Lisboa informe o que se lhe offerecer sobre uma conta do Governador Civil do Districto do Funchal, em que pede se lhe conceda, para um Gabinete d'Historia Natural, começado a estabelecer naquella cidade, um exemplar dos objectos de que haja duplicados no Museu de Lisboa.

A Academia tem duplicados no seu Museu alguns objectos, pela maior parte conchiologicos, de que póde dispor, e que são, para assim dizer, um fundo que todos os Museus conservão para empregar em trocas, com que reciprocamente se enriquecem; e delles póde a Academia dispor com o mesmo fim a favor do Museu do Funchal, sendo retribuida com productos da Ilha da Madeira, que facilmente se colligem naquelle paiz, ainda quando não os haja duplicados no Museu do Funchal; conseguindo-se por este modo ao menos da Ilha da Madeira os productos das nossas Provincias Ultramarinas, pertencentes aos diversos ramos da Historia Natural que costumão encontrar-se nos Museus, que faltão no de Lisboa, e que não tem sido possivel obter, apesar de ordens terminantes e repetidas, expedidas para esse fim, pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, mas para regular estas trocas muito conviria que o Governador Civil do Districto do Funchal se correspondesse directamente com a Academia.

Vossa Magestade porêm Mandará o que For Servida.

2.° A Carta do D.or Frederico Welwitsch, abaixo transcripta:

Remettendo á Real Academia das Sciencias de Lisboa a presente porção do Herbario da Flora Lusitana, de cuja coordenação estou encarregado, cumpre-me antes de tudo pedir a V. o favor de patentear á mesma Real Academia os meus sinceros agradecimentos pela indulgente benevolencia, com que foi recebida por ella a primeira secção do mesmo Herbario, que abrangeo as Monocotyledoneas.

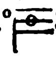
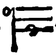
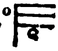
A presente Collecção, que se compõe de mais de 800 exemplares cuidadosamente preparados, comprehende as *Algas aquaticas* da Flora Portugueza, classe, que — segundo a opinião do distincto Cryptogamologo *Elias Fries* melhor designar-se póde com a denominação de *Phyceas* [Phyceae].

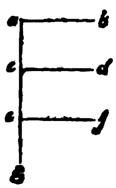
O systema que segui na distribuição das Ordens, Tribus e dos Generos, é, com poucas modificações, o de *Endlicher*, desenvolvido no 3.° Supplemento dos *Genera plantarum*, pag. 10 até 53.

Achando-me porém movido a desviar-me em alguns pontos do systema deste erudito Phytographo, julguei conveniente elaborar uma: *Disposição systematica especial* de todos os grupos e Generos de Phyceas, que encontrei até agora no territorio Lusitano, a qual tenho a honra de remetter aqui junto.

Aceitando a supra mencionada designação de *Phyceas*, como nome da *Classe* destes Vegetaes, servi-me della tambem, evitando dest'arte um labyrintho de synonymos pouco acertados, para a denominação das tres

grandes Ordens desta vastissima Classe; assim chamei *Chlorophyceas* as que se distinguem pela côr typica d'um *Verde gramineo; Elaeophyceas* aquellas, que manifestão uma *côr olivacea* [côr d'azeitona], e designei finalmente com o nome de *Rhodophyceas* as que brilhão em côres *de rosa*, ou *purpurea*. Os caracteres morphologicos e carpologicos destas tres Ordens, que pouco mais ou menos coincidem com os que se achão apontados no citado Supplemento de Endlicher, exporei circunstanciadamente n'outro lugar, em que me proponho desenvolver igualmente a distribuição hydrographica e thalassiographica das Phyceas da Flora Lusitana, bem como apontar as mui variantes modificações morphologicas, que os differentes grupos, generos, e principalmente as especies, offerecem, conforme as regiões que ellas habitão nas aguas doces, ou no Oceano.

Para simplificar e abreviar, quanto possivel, as indicações topographicas de cada especie, tenho combinado certos signaes thalassiographicos, pelos quaes, com muito mais exacção se póde determinar os lugares — as zonas — que as differentes especies occupão nas superiores ou inferiores regiões oceanicas. Estes signaes são os seguintes: 1.°  2.°  3.°  4.° , e explicão-se pelo schema que segue:



A linha *ag* representa o declive da praia até certa profundidade do mar; a linha *ab* significa a maior al-

tura do mar na época da *Cabeça d'agua*: *cd* é a meia altura na mesma época, e a linha infima *ef* designa o nivel mais inferior do 1.° baixamar, depois da cabeça d'agua. O lugar que occupa qualquer especie, nestas differentes regiões ou zonas, é designado por um zero (0), de maneira, que por exemplo o signal  denota, que a competente especie habita aquella região da praia, que sómente na occasião da cabeça d'agua é banhada pelo mar; o signal  indica, que a correspondente especie só se encontra n'uma região, que nunca fica descoberta pelo mar etc. etc. Estas designações tornão-se ainda mais importantes, em relação ás fórmas ou variedades das especies, que por muitas vezes habitão regiões differentes, e se modificão consideravelmente conforme a maior ou menor profundidade das suas habitações.

Querendo eu facilitar o exame das especies miudas da Collecção, juntei quasi sempre aos exemplares, que representão as plantas na sua totalidade, um ou outro ramo destacado da planta e estendido sobre *Mica*, corpo, que é muito mais transparente, e não absorve, como o papel, o muco, em que muitos desses vegetaes são envolvidos,. tornando assim mais facil e mais exacta qualquer observação microscopica. Fóra disso quasi todas as especies da Collecção se achão representadas por 3, 4 ou mais exemplares, conforme os diversos estados do desenvolvimento e da fructificação. Pela somma que mostra a quarta columna da minha disposição generica, V. verá, que o numero das especies de Phyceas, que até agora tenho encontrado em Portugal, sóbe a 285, e achando-se apontadas só 28 Phyceas na Flora Lusitana do Illustre D.^or^ Brotero, manifesta a presente Collecção Phycologica [sómente desta classe das Crypto-

gamas] um accrescimo de 257 especies, novas para a Flora Lusitana, numero este, que se augmentará ainda consideravelmente, quando um dia as praias da Provincia do Minho e as costas do Algarve forem exploradas com as mesmas diligencias, que empreguei na exploração da Estremadura e do Alemtejo.

São estas as observações, que julguei dever accrescentar ás mais, que se achão apontadas já nos competentes rotulos das especies da presente porção do Herbario. Agora resta-me só declarar a V. que não poupei nem cuidados nem trabalhos, para arranjar 'esta Collecção tão instructiva como me foi possivel, desejando assim facilitar o estudo de uma das mais interessantes classes do reino vegetal, a qual actualmente fórma o fructifero campo de investigações importantissimas em respeito ao *genesis* e *sexualismo* dos vegetaes.

Deos guarde a V.

Alcantara em 8 de Maio de 1850.

GENERA PHYCEARUM LUSITANIAE

DISPOSUIT

Fridericus Welwitsch.

THALLOPHYTARUM CLASS. I.^{ma}

PHYCEAE (*).

ORDO I. Clorophyceae Welw. mspt.

Synon. = *Zoospermeae* J. Ag. alg. medit. exclus. Siphonearum gener. plurib.
= *Zoospermeae* et *Synsporeae* Decaisn. in Nouv. Ann. sc. nat. XVII. 305.

(*) « Algas aquaticas, Patrum e Acharii auctoritate ducti, sub nomine communi « *Phycearum* » comprehendimus. » Fries Lichenogr. europ. pag. XXXII.

Synon. = *Confervacearum*, *Nostochinearum* et *Ulvacearum* pars Endl. Gen. plant. pag. 3 et seg.
= *Chlorospermeae* Harv. Man. of. Brit. Alg. pag. 9. exclus. Lemaneis, Batrachospermeis et Myrionemate.
= *Confervaceae* Endl. Gen. pl. Suppl. III. p. 10.

Tribus 1. *Palmelleae* Endl. Gen. pl. Suppl. III. p. 10.

1	[1] (*)	Protococcus Ag.	2 (**)
2	[2]	Haematococcus Ag	1
3	[3]	Chlorococcum Grevill	1
4	[6]	Palmella Lyngb.	1
5	[7]	Coccochloris Spgl.	1
6	[12]	Botrydina Brebis	1

Trib. 2. *Nostochineae*. Endl. l. c. 12.

7	[13]	Nostoc Vauch.	5
8	[14]	Sphaerozyga Ag.	1

(*) Numeri inter parentheses [—] numeris generum enumerationis a clar. Endlicher in: Genera Plantarum Suppl. III. exhibitae, correspondent.
(**) Numerus specierum cuiusvis generis, in Lusitania a me hucusque inventarum.

Trib. 3. *Rivularieae.* Endl. l. c. 12.

9	[17]	Rivularia Roth.	3

Trib. 4. *Oscillarieae* [Oscillatorinae Endl. l. c. 13.].

10	[20]	Oscillaria Bosc.	7
11	[21]	Microcoleus Desmaz.	1
12	[22]	Calothrix Ag.	9
13	[23]	Lyngbya Ag.	3
14	[24]	Scytonema Ag.	1
15	[26]	Beggiatoa Trevis	1

Trib. 5. *Hydrodictyeae* Endl. l. c. 14.

16	[27]	Hydrodictyon Roth.	1

Trib. 6. *Zygnemeae* Endl. l. c. 14.

17	[31]	Zygnema Ag.	2
18	[32]	Spirogyra Link	7

Trib. 7. *Conferveae* Endl. l. c. 15.

19	[33]	Myxonema Fries	1
20	[34]	Conferva Fries	25
21	[37]	Tiresias Bory	6
22	[38]	Draparnaldia Bory	1

Trib. 8. *Chaetophoreae* Endl. l. c. 16.

23	[39]	Chaetophora Schrunk	2

Trib. 9. *Caulerpeae* Endl. l. c. 16.

24	[42]	Caulerpa Lamourx	1

Trib. 10. *Ulvaceae* Endl. l. c. 18.

25	[55]	Bangia Lyngb	4
26	[57]	Zignoa Trevis	5
27	[58]	Ulva Ag	9
28	[59]	Porphyra Ag	3

Summa Chlorophycearum 107

ORD. II. ELAEOPHYCEAE Welw. mspt.

Synon. = *Confervacearum* nec non *Ulvacearum* pars et Fucaceae. Endl. Gen. plant. pag. 4 et seg.
= *Aplosporeae* Decaisn. l. c. 305.
= *Melanospermeae* et *Chlorospermearum* pars Harv. l. c. 1 — 5 et 9 — 10.
= *Phyceae* Endlicher Gen. plant. Suppl. III. pag. 19.

Trib. 11. *Vaucherieae* Endl. Gen. plant. Suppl. III. p. 19.

29	[60]	Hydrogastrum Desv.	1
30	[61]	Vaucheria Decand.	8
31	[62]	Bryopsis Lamourx	2
32	[64]	Codium Stakh.	2

Trib. 12. *Ectocarpeae* Endl. l. c. 21.

33	[70]	Chantransia Fries	1
34	[71]	Ectocarpus Lyngb.	11

Trib. 13. *Batrachospermeae* Endl. l. c. 22.

35	[73]	Batrachospermum Roth.	1

Trib. 14. *Chordarieae* Endl. l. c. 23.

36	[79]	Cruoria Fries.	1
37	[80]	Myrionema Grevill	4
38	[83]	Leathesia Gray.	1

Trib. 15. *Sphacelarieae* Endl. l. c. 23.

39	[85]	Sphacelaria Lyngb	4
40	[87]	Cladostephus Ag.	2

Trib. 16. *Dictyoteae* Endl. l. c. 24.

41	[88]	Haliseris Targion	1
42	[90]	Dictyota Lamour.	4
43	[92]	Padina Adans.	1
44	[93]	Cutleria Grevill.	1

45 [95] Scytosiphon Ag. 2
46 [98] Asperococcus Lamourx 1

Genus dubiae affinitatis.

47 [101] Hildenbrandtia Nardo. 2

Trib. 17. *Laminarieae* Endl. l. c. 26.

48 [106] Laminaria Lamourx. 5
49 [108] Haligenia Descaisn. 1

Trib. 18. *Sporochnoideae* Endl. l. c. p. 28.

50 [114] Desmarestia Lamourx. 2

Trib. 19. *Lemaneae* Endl. l. c. 29

51 [115] Lemanea Bory 3

Trib. 20. (*) *Lichineae* Harv. l. c. 2.

52	[115[6]]	Lichina Ag.	2

Trib. 21. *Fucoideae* Harv. l. c. p. i.
Fucoideae et Cystoseireae Endl. l. c. 29. vz.

53	[116]	Fucus Lin. emend.	8
54	[119]	Himanthalia Lyngb	1
55	[122[6]]	Cystoseira Ag.	7
56	[122[8]]	Sargassum Ag.	2
		Summa Elaeophycearum	78

ORD. III. Rhodophyceae. Welw. mspt.

Synon. = *Confervacearum* nec non *Fucacearum* pars [Furcellaria] et *Florideae* Endl. Gen. plant. pag. 5 — 10.
= *Choristosporeae*. Decaisn. l. c. 305.

(*) Ex auctoritate clariss. *Grevillii* et *Harveyi* hic insertae, contra illustr. Friesii sententiam, qui *Lichinas* Ag. *Byssaceis* suis adnumerat.

Synon. = *Rhodospermeae* Harv. l. c. exclus. Trentepohlia.
= Florideae J. Ag. Alg. medit. 54.
= Florideae Endl. Gen. plant. Suppl. III. 33.

Trib. 22 *Ceramieae* J. Ag. Alg. med. 69.
Endl. Gen. pl. Suppl. III. 34.

57	[122^{16}]	Calithamnion Lyngb.	14
58	[122^{17}]	Griffithsia Ag	5
59	[122^{21}]	Ceramium Adans.	6
60	[122^{23}]	Microcladia Grevill.	1

Trib. 23. *Cryptonemeae* J. Ag. Alg. med. med. 81.
Endl. l. c. 36.

61	[122^{31}]	Catenella Grevill.	1
62	[122^{36}]	Peyssonellia Decaisn.	1
63	[122^{37}]	Phyllophora Grevill.	3
64	[122^{39}]	Chondrus Grevill.	3
65	[122^{42}]	Halymenia Ag	1
66	[122^{43}]	Kallymenia J. Ag.	1
67	[122^{44}]	Ginannia Montagn.	1
68	[122^{45}]	Cryptonemia J. Ag.	1
69	[122^{46}]	Gelidium Lamourx	2
70	[122^{48}]	Grateloupia Ag.	2
71	[122^{49}]	Gigartina Lamourx	5

Trib. 24. *Lomentarieae* Endl. l. c. 42.

72	[122⁴⁶]	Lomentaria Lyngb.	4
73	[122⁵³]	Laurencia Lamourx	4

Trib. 25. *Rhodomeleae* J. Ag. Alg. med. 116. Endl. l. c. p. 43.

74	[122⁵⁶]	Dasia Ag.	2
75	[122⁵⁷]	Polysiphonia Grevill.	16
76	[122⁵⁹]	Alsidium Ag.	1
77	[122⁶⁶]	Rytiphlaea Ag.	1

Trib. 26 *Corallineae* Endl. l. c. 48.

78	[122⁷¹]	Corallina Tournef.	7
79	[122⁷²]	Jania Lamourx	
80	[122⁷⁴]	Melobesia Lamourx.	

Trib. 27. *Sphaerococcoideae* J. Ag. Alg. med. 148. Endl. l. c. 50.

81	[122⁷⁹]	Hypnea Lamourx	2
82	[122⁸⁰]	Plocaria Nees.	1

83	[122⁸¹]	Rhodomenia Grevill.	1
84	[122⁸²]	Sphaerococcus Ag.	5

Trib. 28. *Delesserieae* J. Ag. Alg. medit. 255. Endl. l. c. p. 52.

85	[122⁸³]	Plocamium Lamourx	1
86	[122⁸⁵]	Aglaophyllum Montagn	5
87	[122⁸⁷]	Delesseria Lamourx	3
		Summa Rhodophycearum	100

Continent	Chlorophyceae	Species	107
————	Elaeophyceae	———	78
————	Rhodophyceae	———	100
	Summa Phycearum omnium		285 Species

Em consequencia de se ter recebido esta Carta reunio-se no dia 11 a Commissão incumbida d'examinar o Herbario do Sñr. D.or Welwitsch, pela Portaria de 6 de Outubro ultimo. Entendeo a Commissão que ás Cryptogamicas, a que pertencem as Algas entregues, corresponde a terça parte do preço do Herbario; e que por isso devião sollicitar-se do Governo 300:000 rs. para pagar toda a Collecção das Cryptogamicas, logo que se tenhão recebido as Classes que della ainda faltão, e

que brevemente serão apresentadas á Academia: entendeo igualmente, que por conta desta terça parte se desse ao Sñr. D.or Welwitsch o resto dos 400:000 rs. já recebidos, que ainda existe na Academia.

A Academia conformou-se com o parecer da Commissão, determinando que nesta conformidade se officiasse ao Governo.

O Sñr. Franzini, como Director da Classe de Sciencias Exactas, propoz para Socio Correspondente da Academia o Sñr. Daniel Augusto da Silva, Lente da Escola Naval.

Foi eleito, por unanimidade de votos, Socio Correspondente da Academia o Sñr. José Rodrigues Coelho do Amaral, Lente da Escola do Exercito, que tinha sido proposto em Assemblea d'Effectivos de 10 d'Abril ultimo.

Foi nomeado Socio Livre, na Classe de Sciencias Exactas, o Sñr. José de Freitas Teixeira Spinola Castel-Branco.

SESSÃO LITTERARIA DE 22 DE MAIO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Fortunato José Barreiros, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Recreio, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos; José Rodrigues Coelho do Amaral, e Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, Socios Correspondentes.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario perpetuo:

1.° Uma Carta do Sñr. Pedro de Angelis, que acompanhava a *Collecção de Obras e Documentos relativos á Historia das Provincias do Rio da Prata*, por elle publicada.

Assentou-se que se remettesse á Classe de Sciencias Moraes e Bellas Lettras, para dar o seu parecer sobre esta obra.

2.° Uma Carta do Sñr. José de Freitas Teixeira Spinola Castel-Branco agradecendo a sua nomeação de Socio Livre.

3.° Outra Carta do Vice-Secretario communicando, que não podia assistir á Sessão por incommodo de saude.

O Sñr. Amaral agradeceo verbalmente á Academia a sua nomeação de Socio Correspondente.

RELATORIOS.

Leo o Sñr. Julio Maximo d'Oliveira Pimentel o seu parecer sobre uma Nota do Sñr. Felix Canier, que tem por titulo = *Moyen de carburer le gaz hydrogène, provenant de la décomposition de l'eau par le fer, au moyen des huiles empyreumatiques produites dans la distillation de la houille.*

DONATIVOS.

Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias, de *Lisboa*. — 1.ª Série — 3.º anno — Maio 1850 — 8.º — 1 N.º— Offerecido pelo Sñr. José Tedeschi.

Coleccion de Obras y Documentos relativos a la Historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata. Ilustrados con notas y disertaciones, por Pedro de Angelis. Buenos-Aires, Imprenta del Estado. 1836 e 1837 — fol. — 6 vol. — Offerecido por seu Autor.

Bulletin de la Société de Géographie. Troisième Série — Tome 12 — Paris 1849 — 8.º— 1 Vol. — Offerecido pela Sociedade de Geographia de Paris.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences [Instituto Nacional de França]. — 1850 — Premier semestre — Tome 30 — N.ºs 11, 12, e 13 — 4.º g.de — 3 N.os

PARA O MUSEU.

Uma Toupeira rara. — Offerecida pelo Sñr. Conde do Redondo.

Uma Coruja. — Offerecida pelo Sñr. Claudio José Nunes.

Um Papagaio negro do Pará. — Offerecido pelo Sñr. Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond, Ministro do Imperio do Brasil na Corte de Lisboa.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Maio de 1850.										
Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera
	Min.	Max.	Med.	9ª Man.	3ª Tarde					
1	52	66	59	755,7	755,8		^{1}NO^{2}		○	Muito fresco e ventoso nos extremos do dia.
2	48	71	59	59,0	58,4		NE—NO	○	○	Idem, e quente no meio do dia.
3	56	76	66	57,3	56,4		·NE—SO			Chuvisco inapreciavel ás 3^{h} da tarde.
4	61	76	68	54,3	53,7	1	^{1}S^{1}			Pequeno aguaceiro, ar quente.
5	61	74	67	51,6	49,8		^{1}S—^{2}SO			
6	59	63	61	42,6	49,2	9	^{4}SO—^{1}O^{1}			Tempestade e aguaceiro; ar frio.
7	46	62	54	56,6	59,1		^{2}NO^{1}			Ar muito frio.
8	47	64	55	61,7	61,4		^{1}NO—^{1}O			Aguaceiros inapreciaveis; ar frio.
9	48	70	59	61,3	61,0		·V—NO			
10	55	70	62	59,6	58,8		·V-SO-NO			

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9^h Man.	3^h Tarde					
11	52	74	63	60,4	59,4		·N ^{2}SO NO			Extremo frio, e centro quente.
12	52	76	64	58,7	56,6		·N SO NO			Idem.
13	52	78	65	56,3	55,4		·V SO NO			Sol descorado, e ar muito quente.
14	56	70	63	54,5	53,0		·SO^1			
15	59	68	63	49,9	47,5		^{1}O^2			
16	50	68	59	46,7	47,2	5	SO—O^1			Aguaceiro e arco iris: ar frio.
17	49	70	59	50,6	50,6		N—^{3}NO			
18	51	74	62	54,4	54,0		*N—NO^1			Frios os extremos do dia.
19	51	66	58	56,2	56,2	1	*^{1}NO^1			Pequeno aguaceiro de tarde, e ar muito frio.
20	48	69	58	56,5	52,7	5	*^{2}SO—S^2	Id.		Ar frio.
21	52	66	59	49,0	49,6	14	*^{1}SO			Vento muito frio.
22	50	62	56	46,0	41,5	32	^{3}SE—S^{4,2}			Id. ar mt.^{e} frio e seco. Trov. e chuva mt.^{e} abund.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9h Man.	3h Tard.					
23	50	67	58	47,2	50,7	11	^{4r}O^{2}			Tempest. de madrugada; ar muito frio e seco.
24	56	68	62	54,1	55,6	6	*^{1}SO^{2}			
25	60	71	65	58,4	59,2		^{2}SO^{1}			
26	59	72	65	59,8	59,4		^{1}SO^{2}		Id.	
27	58	70	64	60,0	61,4	3	·NO—SO			Pequeno aguaceiro na madrugada.
28	50	72	61	64,0	63,7		·V—NO			
29	52	73	62	61,4	59,4		·V—^{1}N^{2}			Extremos do dia frios, e Sol ardente.
30	53	70	61	59,1	58,0		N^{2};			Idem.
31	55	72	63	58,6	58,6		^{2}N^{2}			Idem.
Med.	52,9	69,9	67,6	755,5	756,2	87	SO--NO--N			Temp.ª fria, 2.ª inferior á normal. Muito chuvoso no ultimo terço. — Ventoso.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE MAIO DE 1850.

Temperaturas.

Minima a 7 . . . . 46°
Maxima a 13 78
Media 60,7
Variação med. diurna. . . 17
Maxima dita a 13. 26

Barometro na tp.ª de 63°

Maxima altura a 28	763,6	Variação dos extremos 13,6 m.
Minima a 22.	741,4	
Media.	755,0	

Ventos dominantes e sua força.

0,8 0,8 1,4 1,0 1,3 0,2 1,6
N,9 = NO,15 = O,7 = SO,18 = S,5 = NE,2 = SE,1 = V ou B,5.

= Direcção media do vento dominante N 85°O (1,0).
= Madrugadas bonançosas 13.
= Meios dias ventosos 22.
= Tempestades tres, em 6,22, e 23, do SO,O e SE,

Estado da Atmosphera.

Meios dias claros 11 — Claro e nuvens 6 — Cobertos 7 — Coberto e clarões 18 — Dias em que choveo 10, incluindo dous de brandos chuviscos, fornecendo a totalidade de 87 millimetros, pelo que excedeo a chuva normal em 2 $\frac{1}{4}$ — Dias de frio notavel 11 — Idem de calor sensivel no meio do dia, 5.

Decorreo este mez com a temperatura fria, em dous gráos inferior á normal, e ainda um pouco mais fria que a do mez antecedente: muito chuvoso no seu ultimo terço, e bastante ventoso. — As copiosas chuvas de 21 a 23, em parte originadas de trovoadas, lançárão graniso muito grosso em alguns sitios, como aconteceo em Cintra, mas em geral não causárão prejuizo ás searas, que continuão com excellente apparencia, e com especialidade os milhos, acontecendo o mesmo aos arvoredos, e particularmente ás oliveiras que completárão a sua limpeza da ferrugem, continuando a prosperar os seus ramalhetes. — Sómente as arvores de fructa temporã soffrêrão alguma diminuição na novidade que se esperava, mas o prejuizo é insignificante em presença da bella apparencia que offerece a verdura dos campos.

Cumpre notar que o phenomeno dos mezes de Maio chuvosos não é extraordinario e se repete em certos periodos. Revendo os nossos antigos Diarios encontrámos tres exemplos nos annos de 1817, 22, e 38. No mez de Maio de 1847 houverão 14 dias chuvosos que fornecêrão 113 millimetros de agua, cahindo de uma só vez

40, 28, e 20 millimetros, sendo por conseguinte muito mais chuvoso que o do anno presente. Aquellas chuvas forão acompanhadas de fortes tempestades de SO, e O; com trovoadas, e mui fria temperatura. O mez de Maio de 1822 foi muito frio, decorrendo com uma temperatura media 5° inferior á normal, apparecendo sómente calmoso nos ultimos tres dias. — Foi muito chuvoso, contando 13 dias de chuvas que na totalidade fornecêrão 72 millimetros; porêm pouco ventoso.

O mesmo mez pertencente ao anno de 1838 decorreo com a temperatura normal, porêm com 17 dias chuvosos em que cahírão 100 millimetros de agua, e em um daquelles dias se recolhèrão 30. Estes exemplos provão que neste clima é frequente a constituição chuvosa nos mezes de Maio.

Do que temos referido a respeito dos dous mezes da actual primavera se conclue que as chuvas que apparecêrão, sómente excedêrão em 51 millimetros, ou em pouco mais de metade á que compete na primavera regular.

Phenomenos notaveis.

As tempestades de Abril e a primeira deste mez, causárão grandes prejuizos nas searas da ilha de S. Miguel, especialmente na sua encosta meridional. Julgão ter-se perdido as duas terças partes, sendo crestado o linho pela força do vento, assim como as vinhas. — Na Catalunha as chuvas deste mez produzírão grande beneficio á vegetação amortecida pela continuada secca, que tinha reinado antecedentemente, porêm na Andaluzia as terriveis trovoadas de saraiva causárão grandes ruinas. Em Valencia pelo contrario as chuvas produzírão optimos effeitos: porêm tambem forão acompanhadas de furio-

sos temporaes resultando grandes destroços no porto do Gráo. — Estas chuvas porêm infelizmente não passárão além da peninsula, continuando a soffrer horrivel secca as ilhas Baleares, a qual tem aniquilado os seus arvoredos. Em Iviza os estragos são incalculaveis, motivando grande emigração nos seus habitantes aos quaes vai faltando a agua potavel para os usos da vida.

Mortalidade em Lisboa.

Sexo masculino	— 168	maiores	— 100	menores	— tot.	— 268
Dito feminino	— 134	ditos	— 94	ditos	— dit.	— 228
Sommão	302	ditos	— 194	ditos	— dit.	— 496

Em cujo numero se comprehendem 239 fallecidos nos hospitaes, sendo 103 menores procedentes da Misericordia, ou dos que se depositão nos adros das Igrejas. Foi por consequencia a mortalidade deste mez exactamente igual á normal, deduzida das observações dos 12 annos antecedentes, e por tanto regular; porêm deve notar-se que sendo este mez o mais benigno do clima de Lisboa, e tendo apparecido os quatro precedentes mezes deste anno com a notavel diminuição sobre a mortalidade normal, de 5, 16, 16, e 11 por cento, nos mezes de Janeiro a Abril, neste de Maio cessou aquella diminuição, o que talvez se possa attribuir á irregular e fria temperatura que nelle predominou.

M. M. Franzini,

ACTAS

DAS

SESSÕES

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA.

1850. — N.º IV.

SESSÃO LITTERARIA DE 12 DE JUNHO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Ignacio dos Santos Cruz,

José Cordeiro Feio, Francisco Recreio, Barão de Reboredo, Marino Miguel Franzini, Agostinho Albano da Silveira Pinto, Fortunato José Barreiros, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; Antonio Caetano Pereira, e Guilherme José Antonio Dias Pegado, Socios Correspondentes.

O Sñr. Pegado agradeceo vocalmente á Academia a sua nomeação de Socio Correspondente, ao que o Secretario perpetuo respondeo convenientemente.

Mandárão-se imprimir as Ephemerides Nauticas para o anno de 1852, calculadas pelo Sñr. Mattheus Valente do Couto Diniz, tendo sido préviamente revistas.

O Sñr. José Cordeiro Feio offereceo á Academia, da parte do Sñr. João Ferreira Campos, um exemplar das suas Lições d'Algebra elementar.

Foi entregue ao Sñr. Director da Classe respectiva, para ser examinado.

MEMORIAS LIDAS.

O Sñr. Antonio Caetano Pereira principiou a ler a sua = *Memoria em que se prova que a inscripção achada em volta da Cruz de S. Thomé nada significa.*

DONATIVOS.

Essais de Michel de Montaigne. Nouvelle édition. Paris 1818. — 8.° — 5 vol. — Offerecido pelo Sñr. Mattheus Valente do Couto Diniz.

Inscriptiones Regum. Lusitanorum A. Presbytero. Caietano. Frascarellio *Natione. Italo. Domo. Asculo. Picentium A. Secretis. Legationis. Apostolicae Apud. Reginam. Fidelissimam Exaratae.* Vlyssipone Ex Officina Typographica Nationali. — A. MDCCCL. — 4.° — 1 vol.

Revista Militar. — Tomo 2.° — N.° 5 — Maio 1850 — 8.° — 1 N.° — Offerecido pela Redacção do Jornal.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — 2.ª Série — Tomo 1.° — N.° 5 — Lisboa 1850 — 8.° — 1 N.° — Offerecido pela Sociedade.

Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias, de Lisboa. 1.ª Série — 3.° anno — Junho 1850 — 8.° — 1 N.° — Offerecido pelo Sñr. José Tedeschi.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences [Instituto Nacional de França]. — Tomo 30 — 1850 — 1.er semestre — N.° 14 e 15 — 4.° g.de — 2 N.os — Offerecido pelo mesmo Instituto.

Memorias da Academia Real das Sciencias de Berlim. — o Vol. de 1848 a 1849 — 1 Vol.

Actas das Sessões da Academia Real das Sciencias de Berlim. Os mezes de Julho a Dezembro de 1848,

e os de Janeiro a Junho de 1849 — 12 mezes, em 11 Vol. de 8.°

Indice das Memorias da sobredita Academia. Berlin 1848 — 8.°— 1 Vol. — Estas tres ultimas obras forão offerecidas pela referida Academia, e os seus titulos são todos em lingua Allemã.

PARA O MUSEU.

Uma Garça. Offerecida pelo Sñr. Visconde de Bobagazil.

ASSEMBLEA D'EFFECTIVOS DE 19 DE JUNHO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Freire de Carvalho, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Fortunato José Barreiros, Francisco Recreio, Barão de Reboredo, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Agostinho Albano da Silveira Pinto, Marino Miguel Franzini, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario perpetuo a Portaria seguinte:

Ministerio do Reino. = 1.ª Direcção, 1.ª Repartição. = Manda Sua Magestade, A Rainha, pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, participar á Academia Real das Sciencias, em resposta á sua Conta de 16 de Maio proximo passado, sobre a troca de peças duplicadas do Museu de Lisboa por outras do Gabinete d'Historia Natural da Cidade do Funchal, que nesta data se dá conhecimento ao Governador Civil daquelle districto do objecto da dita Conta, concedendo-se-lhe autorisação para corresponder-se a similhante respeito directamente com a mesma Academia. Paço das Necessidades em 14 de Junho de 1850 = Conde de Thomar.

Forão propostos para Socios Correspondentes da Academia o Sñr. José Maria Grande, Lente de Botanica da Escola Polytechnica, pela Classe de Sciencias Naturaes.

O Snr. Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, Lente de Mathematica na Universidade de Coimbra, pela Classe de Sciencias Exactas.

Foi approvado unanimemente para Socio Correspondente, na Classe de Sciencias Exactas, o Snr. Daniel Augusto da Silva, Lente de Mathematica da Escola Naval, que tinha sido proposto na Assemblea de 15 de Maio ultimo.

Leo o Secretario a representação que fez ao Inspector Fiscal das Obras Publicas, para o concerto do telhado da Livraria, e do terraço sobre o Museu.

Ill.mo e Ex.mo Snr. = O telhado da Livraria da Academia Real das Sciencias de Lisboa carece de concerto, porque chove na Sala, o que estroe não só os Livros, mas um dos mais bellos tectos pintados, que existe nos edificios de Lisboa. Se se não acudir com promptidão a reparar este mal, com a chegada do inverno não será possivel remedia-lo, e o prejuizo que d'ahi se seguirá, é incalculavel.

Em 22 d'Outubro ultimo tive a honra de participar a V. Ex.a a necessidade que havia de betumar o lagedo que cobre a abobada das galerias do Museu, o estrago que já havia augmentou com o inverno; chove nas galerias, e a ruina da abobada crescerá, se não se atalhar.

Tenho a honra de levar tudo o que fica exposto ao conhecimento de V. Ex.a, rogando-lhe queira dar as providencias convenientes. = Deos guarde a V. Ex.a Lis-

boa 17 de Junho de 1850. == Illmo e Exmo Snr. Barão da Luz, Ministro d'Estado Honorario, Inspector Fiscal das Obras Publicas do Reino. == Joaquim José da Costa de Macedo, Secretario perpetuo da Academia.

SESSÃO LITTERARIA DE 26 DE JUNHO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Freire de Carvalho, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Fortunato José Barreiros, Barão de Reboredo, Francisco Recreio, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; Antonio Maria da Costa e Sá, Socio Livre; e Daniel Augusto da Silva, Socio Correspondente.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario perpetuo:

Uma Carta da Sociedade Archeologica e Numismatica de S. Petersburgo, agradecendo a correspondencia da Academia, e remettendo a continuação das suas Memorias.

Outra da Sociedade Geographica da Russia, agradecendo igualmente a correspondencia da Academia, e remettendo as suas obras, cuja lista abaixo se transcreve.

Outra do Sñr. José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco acompanhando um Cippo achado em Soure, com a sua interpretação expendida n'uma Memoria.

MEMORIAS LIDAS.

O Sñr. Francisco Recreio lêo uma *Nota em que se produzem mais testemunhos relativos á invenção aerostatica do P. Bartholomeu Lourenço de Gusmão.*

Na Sessão Litteraria de 27 de Junho do anno proximo, lêo o nosso Consocio o Sñr. Francisco Freire de Carvalho um *Additamento á Memoria que tem por objecto revindicar para a Nação Portugueza a gloria da Invenção das Maquinas Aerostaticas*, por elle composta, e que se imprimio no Tomo 1.°, 2.ª Série, Parte 1.ª das Memorias da Academia. A lição de um trabalho tal, em que, com varios Documentos, o erudito Auctor novamente corrobora o que deixára estabelecido na sua Memoria, naturalmente nos veio excitar a resolução sincera de mais depressa levar ao conhecimento da Academia alguns outros testemunhos, que primeiro por casualidade, depois por impulso de curiosidade, encontrámos em Auctores estrangeiros, de paiz não suspeito, sobre a questão.

O testemunho primeiro dos que promettemos, casualmente achámo-lo escripto em o Opusculo Francez, que tem por titulo *Recherches sur l'Art de voler, depuis la plus haute antiquité jusqu'à ce jour; pour servir de supplément à la Description des Expériences aé-*

rostatiques de M. Faujas de Saint Fond. Par M. David Bourgeois. Nelle pois, a paginas 59 e seguinte, se lê o que, vertido em portuguez, quer dizer: « No tempo em » que me occupava nestas investigações, fui informado » que M. de Gusmão, habil physico tinha feito elevar ao » ar, em 1736 (1) um cesto de vime forrado de papel. » Era oblongo, e de sete ou oito pés de diametro. Ele- » vou-se á altura da torre de Lisboa, que é de perto de » duzentos pés. O *Voador* foi o nome que ficárão chaman- » do a M. de Gusmão desde então em quanto viveo. Esta » palavra portugueza significa *o que faz voar* (2). Distin- » guindo-se assim de seus dous irmãos, um dos quaes, » homem de um grande merito, era muito estimado do » Rei, e trabalhava em particular com elle, outro re- » ligioso do Carmo era um dos maiores prégadores do » seu tempo. Este facto de que não podia duvidar, vis- » to o testemunho authentico de uma pessoa respeitavel, » que o tinha presenciado, me obrigou a escrever a um » negociante dos mais distinctos de Lisboa. Pedi-lhe que » me procurasse informações as mais exactas, e sobre » tudo as dos meios de que tinha feito uso. Respondeo- » me que eu estava bem informado, que a coisa era » muito verdadeira; havendo ainda muitas pessoas que » d'ella se lembravão, se bem que mui confusamente; » que tinha tido particular conhecimento de M. de Gus- » mão, irmão do physico, com quem muitas vezes tinha » fallado d'esta anecdota, rindo-se de ella ter sido at- » tribuida a um sortilegio; promettendo-me em fim fa- » zer continuar as suas pesquizas para vir ao alcance de » qualquer outra circunstancia. As pesquizas a este res- » peito forão inuteis. Este officioso negociante porêm me » enviou copia de um diverso projecto, com a de um re- » querimento apresentado ao Rei de Portugal por seu » Auctor. Junto-o aqui porque contem algumas lem-

» branças sobre o uso dos aerostatos (4). » Sendo o passo, que acabámos de traduzir extrahido de um Opusculo Francez, impresso em Paris no anno de 1784, é bem de vêr que o celebre invento portuguez é já conhecido em França, pelo menos, ha sessenta e seis annos; não se despresando o escriptor de o noticiar ao publico, em tempo em que chamavão as attenções de todos os seus nacionaes os admiraveis ensaios aerostaticos dos dois Montgolfiers. Reflectindo agora no conteudo do mencionado testemunho, é fóra de toda a duvida que elle se funda na informação de pessoas fidedignas que presenciárão o facto; e por isso segundo as leis da boa critica digno de todo o credito. As circunstancias do facto tornão-no diverso de qualquer d'aquelles apontados pelo Consocio na sua Memoria. Deve por isso ser considerado, como nova prova.

O outro projecto de maquina aerostatica, que com o requerimento do P. Bartholomeu Lourenço de Gusmão enviárão de Lisboa a Mr. Bourgeois, tem-no elle por incapaz de execução, por sua mesma natureza, e acha extravagante que tal projecto se attribua ao P. Bartholomeu Lourenço de Gusmão.

Temos um segundo testemunho o qual é o que se lê na Obra, impressa em *Lausanne* em 1795, com o titulo: *Bibliothèque du Père de Famille, ou Cours Complet d'éducation, par Mr. Lenteires, Professeur en Belles-Lettres.* Traduziremos o que elle diz a paginas 37 do Tomo 2.°: « Bartholomeu Gusmão, Jesuita, » fez construir em Lisboa, em 1729 (4), um aerosta» to em fórma de passaro, e o fez elevar *por meio de* » *um fogo acceso* na presença do Rei, da Rainha, e » de um grande numero de expectadores. O passaro

» desgraçadamente, quando subio, deo de encontro n'u-
» ma cornija, despedaçou-se, e cahio em terra. O in-
» ventor propunha-se renovar sua experiencia; mas o
» povo o tinha já denunciado á Inquisição como feiti-
» ceiro. Salvou-se em Hespanha, e morreo em um
» hospital (5). »

O outro testemunho, que passamos agora a transcrever, é muito mais circunstanciado, e minucioso ácerca do Invento do P. Gusmão. É *Mr. Bocous*, que, na *Biographie Universelle Ancienne et Moderne*, em o Artigo *Gusmão* [Barthelemi] ao nosso proposito assim se exprime: « O P. Gusmão tinha uma imaginação
» muito viva, um espirito penetrante e proprio para os
» descobrimentos. Comtudo parece que não deveo senão
» ao acaso aquelle de que se vai fallar. Conta-se que
» achando-se um dia á sua janella, que deitava para
» o jardim do seu Convento, reparou n'um corpo ligei-
» ro, espherico, e concavo [na apparencia uma casca
» de ovo, ou casca de limão, ou de laranja fina] que
» se elevava, e fluctuava nos ares. Possuido da curio-
» sidade de imitar em grande este fenomeno, vio bem
» depressa que não poderia chegar ao seu fim senão por
» uma maquina, que debaixo do menor pezo possivel,
» apresentasse á atmosphera a maior superficie. De-
» pois de certo numero de ensaios construio um balão
» de panno de linho, e a sua primeira experiencia ten-
» do sido bem succedida, quiz tornar testemunhas da se-
» gunda os religiosos do seu Convento. Estes, homens
» illustrados, applaudírão a experiencia do seu Confra-
» de, e nada achárão n'ella que não fosse natural. Por
» desgraça Gusmão desejando fazer conhecer uma des-
» coberta tão espantosa em maior theatro, partio para
» Lisboa, onde a sua fama o tinha precedido. Chegado
» a esta Capital, fabricou com licença de D. João V,

» um balão aerostatico de uma dimensão prodigiosa, que » fez lançar na praça contigua ao Paço Real, na presen» ça de Suas Magestades, e de uma multidão immensa » de expectadores. O proprio Gusmão tinha subido no » balão; e *por meio de um fogo acceso na machina*, que » estava comtudo retida por cordas, se elevou ao ar até » a altura da cornija da parte mais alta do palacio: des» graçadamente a negligencia d'aquelles que pegárão nas » cordas fez que a maquina tomasse uma direcção obli» qua. Tocou na cornija, aonde se rompeo e cahio, » ainda que com bastante vagar, pois que d'esta ca» hida não resultou mal algum a Gusmão. — O *Jour*» *nal des Savans* [Outubro de 1784] que pôe esta ex» periencia no anno de 1720, e diz que a machina » tinha a fórma de um passaro com cauda e azas, ac» crescenta que sabios francezes e inglezes, que tinhão » ido a Lisboa para verificar o facto, tomárão infor» mações no Convento do Carmo, onde o P. Gusmão » tinha um Irmão, que conservava ainda alguns de » seus manuscriptos sobre a maneira de construir as » machinas volantes. Muitas pessoas assegurárão que ti» nhão assistido á experiencia do Jesuita, e que tinha » adquirido o sobrenome de voador (6). »

As palavras transcriptas assás evidentemente fazem vêr, não digo só a existencia, mas até o caracter do invento contra a ousada fantasia do noticiador do nosso paiz, que no seculo passado, talvez julgando fazer serviço á memoria do nosso Portuguez, folgou offerecer ao publico a sua machina com extravagante transtorno. É aqui de notar que os dous Auctores Francezes, que acabámos de citar, não só se exprimem pelas mesmas palavras, quanto ao principio agente do invento, mas tambem que n'este ponto essencial estão perfeitamente de acordo com aquillo que refere o

Auctor da nota marginal, que faz parte do 4.° Documento manuscripto, allegado pelo nosso Consocio na sua Memoria. — Se porêm o P. Gusmão não deo a conhecer por meio de novas experiencias mais explicitamente o systema aerostatico do seu invento, causa foi a Inquisição, que perseguindo-o por feiticeiro, o obrigou a fugir, e a expatriar-se para não ser victima do barbaro, e anti-religioso Auto-da-Fé (7). Todavia a experiencia que elle publicamente fizera em Lisboa em 1709, como adverte outro Escriptor Francez, parece ter sido a primeira n'este genero, que teve menos máo successo (8).

Se pois o que dizem os Escriptores Estrangeiros, em favor de qualquer nação, que não seja a sua, tem em boa critica indisputavel força; é fóra de toda a duvida, á vista do que fica extrahido dos Auctores Francezes, que ao Licenciado Bartholomeu Lourenço de Gusmão, indisputavelmente se deve attribuir a gloria da prioridade no descobrimento das Maquinas Aerostaticas.

Notas.

(1) Esta data é errada; pois que o P. Gusmão já a esse tempo era fallecido, havia bastantes annos. Este erro todavia nada influe na verdade do facto.

(2) É engano. Significa o que vôa.

(3) « Pendant que je m'occupois de ces recherches, » je fus informé que M. de Gusman, habile physicien, » avoit fait élever dans l'air, en 1736, un panier d'o- » sier recouvert de papier. Il étoit oblong et de sept ou » huit pieds de diamètre. Il s'éleva à la hauteur de la » tour de Lisbonne, qui est de 200 pieds environ. On » nommoit depuis lors M. de Gusman, pendant sa vie, » l'Ovoador. Ce mot portugais signifie, celui qui fait » voler. On le distinguoit ainsi de ses deux frères, » dont l'un, homme d'un grand mérite, étoit fort ai- » mé du roi et travailloit en particulier avec lui; le » second, religieux Carme, étoit un des plus grands » prédicateurs de son tems. Ce fait, dont je ne pou- » vois pas douter par le témoignage certain d'une per- » sonne respectable qui y avoit été présent, m'engagea » d'écrire à un négociant très-distingué de Lisbonne. » Je le priai de m'en procurer les informations les » plus précises, et surtont celles des moyens dont il » avoit été fait usage. Il me répondit que j'étois bien » instruit, que la chose étoit très vraie, plusieurs per- » sonnes se la rappeloient encore, mais très-confusé-

» ment ; il avoit connu particulièrement M. de Gus-
» man, frère du physicien ; ils avoient parlé souvent
» ensemble de cette anecdocte en riant, parce qu'elle
» avoit été attribuée à un sortilège ; il me promit en-
» fin de faire continuer ses recherches pour en obte-
» nir quelqu'autre circonstance. Elles ont été inutiles à
» ce sujet ; mais ce négociant obligeant m'a envoyé
» copie d'un autre projet, avec celle d'une requête
» présentée au Roi de Portugal par son auteur. Je la
» joins ici, parce qu'elle contient quelques vues sur
» l'usage des aérostats. »

Do Requerimento do P. Bartholomeu Lourenço fallão tambem o *Dictionnaire de l'Industrie*, e o *Nouveau Dictionnaire des Origines par Noel et Carpentier*, na palavra *Aérostat*. Ambos se exprimem pelas mesmissimas palavras, e ambos mandão vêr o Jornal — *Nouvelles de la republique des lettres par M. la Blancherie* 1785 pag. 107. — Não achámos esta obra em nenhuma das Bibliothecas publicas da Capital.

(4) Deve lêr-se 1709.

(5) « Bartholomée Gusmao, Jesuite, fit construire
» à Lisbonne, en 1729, un aérostat, en forme d'oi-
» seau, et le fit s'élever *par le moyen d'un feu allu-*
» *mé*, en présence du Roi, de la Reine et d'un grand
» nombre de spectateurs. L'oiseau, malheureusement,
» en montant, se heurta contre une corniche, se déchi-
» ra, et retomba à terre. L'inventeur se proposait de
» renouveller son experience ; mais le peuple l'avait déjà
» dénoncé à l'Inquisition comme sorcier. Il se sauva en
» Espagne, et y mourut dans un hopital.

Na mesma Obra pag. 41 e 42 lê-se tambem o seguinte : « MM. Etienne et Joseph Montgolfier ont in-
» ventés ou renouvellés les ballons aérostatiques, connus,

» comme nous l'avons vu, déjà en 1729 [lêa-se 1709] » d'un Jésuite nommé Gusmao. »

Cumpre aqui advertir que não ha memoria alguma em Portugal, nem no Brazil, por onde conste que o P. Bartholomeu Lourenço de Gusmão tivera sido Jesuita, como o appellida o mencionado Escriptor, e outro que citámos. Cremos porêm que o motivo de os Autores estrangeiros o fazerem Jesuita foi o ter-lhes constado que elle fizera todos os estudos com os Religiosos da Companhia, tanto no Brazil, como em Portugal. Por certo que forão os seus Mestres em um e outro paiz. — Não admira mesmo que elle convivesse collegialmente com os Jesuitas, tendo nesta Ordem dous Irmãos, e um delles professo de quarto voto, como nos diz o Visconde de S. Leopoldo no seu folheto *Da Vida e Feitos de Alexandre de Gusmão, e de Bartholomeu Lourenço de Gusmão* pag. 94. — Sendo isto assim não se tornão inverosimeis as mais circunstancias da sua vida, em relação com aquella Sociedade.

(6) « Le P. Gusmao avait une imagination très vi» ve, un esprit pénétrant et propre aux découvertes. » Cependant il parait qu'il ne dut qu'au hasard celle » dont on va parler. On raconte que, se trouvant un » jour à sa fenêtre, qui donnait sur le jardin de son » monastère, il apperçut un corps léger, sphérique et » concave (apparemment une coquille d'oeuf, ou une e» corce sèche de citron, ou de fine orange) qui s'éle» vait et flottait dans les airs. Curieux d'imiter en » grand ce phénomène, il vit bientôt qu'il ne pourrait » y parvenir qu'avec une machine qui, sous le moindre » poids possible, présentât la plus grande surface à l'At» mosphère. Après nombre d'essais, il construisit un bal» lon de toile, et sa première expérience ayant réussi, » il voulut rendre témoins de la seconde les religieux

» de son couvent. Ceux-ci, gens eclairés applaudirent à » l'expérience de leur confrère, et n'y trouvèrent rien » que de naturel. Par malheur Gusmao désirant produi- » re une déconverte aussi étonnante sur un plus grand » théâtre, partit pour Lisbonne, où sa renommée l'avait » precédé. Arrivé dans cette capitale, il fabriqua, avec » permission de Jean 5.e, un ballon aérostatique d'une » dimension prodigieuse, qu'il fit lancer dans la place » contigue au palais-royal, en présence de Leurs Majes- » tés et d'une foule immense de spectateurs. Gusmao lui » même était monté avec le ballon ; et *au moyen d'un* » *feu allumé dans la machine*, qui était néanmoins re- » tenue par des cordes, il s'éleva en l'air jusque à la » hauteur de la corniche du faîte du palais : malheureu- » sement la négligence de ceux qui tenaient ces cordes » fit prendre à la machine une direction oblique ; elle » toucha la corniche, où elle se rompit, et tomba, as- » sez doucement cependant, puisque de cette chute, il » ne résulta aucun mal pour Gusmao. — *Le Journal* » *des Sçavans* [Oct. 1784] qui place cette expérience à » l'an 1720, et dit que la machine avait la forme d'un » oiseau avec sa queue et ses ailes, ajoute que des sça- » vans français, et anglais, étant allés à Lisbonne pour » vérifier le fait, prirent des informations dans le Cou- » vent des Carmes, où le P. Gusmao avait un frère, qui » conservait encore quelques uns des ses manuscrits sur » la manière de construire les machines volantes. Plu- » sieurs personnes assurérent qu'elles avaient assisté à » la experience du Jésuite, et qu'il reçut le surnom de » *Voador*. »

(7) « Mais l'inquisition, qui n'aimait pas les nouvel- » les découvertes, en murmurait hautement. Le physicien » promit de nouvelles expériences, et fit espérer même » qu'il s'éleverait sans le secours des cordes. L'inquisi-

» tion alors le traita d'imposteur. Le P. Gusmao indi» gné, s'avança jusqu'à dire qu'il s'engageait de faire » voler son *illustrissime* avec toute l'inquisition. Le grand » inquisiteur trouvant cette raillerie un peu déplacée, » commença à faire agir ses familiers. Le peuple s'ameu» ta, in criant au sorcier! au magicien! il ne deman» dai pas moins qu'un *auto-da-fé* pour Gusmao. Ce der» nier, traduit enfin devant le saint-office, fut jetté dans » un cachot et condamné à un jeûne rigoureux. Les Jé» suites vinrent cependant à bout de délivrer leur con» frère, et de le faire passer en Espagne, où il mou» rut de chagrin, peu de temp après, en 1724. Ces dé» tails, consignés dans le Journal de Murcie, et divers » Mémoires du temps, ont été rappellés dans les *No» tizie litteràrie de Cremona*, année 1784 n. 17. » *Biographie Universelle* no artigo já citado].

(8) « La première expérience de ce genre qui ait eu » quelque succès paraît être celle du P. Gusmao, faite » publiquement à Lisbonne en 1709. » [Biographie Universelle, art. *Lana* [que é escripto por Mr. Guillon] em a nota.

═

Lêo o Secretario perpetuo parte da Memoria do Sñr. Canaes sobre o Cippo por elle offerecido.

Entregou-se ao Sñr. Director da Classe respectiva, para ser censurada.

O Sñr. Daniel Augusto da Silva agradeceo vocalmente á Academia a sua nomeação de Socio Correspondente, a que respondeo o Secretario perpetuo, exprimindo-lhe os sentimentos da Academia a seu respeito.

O Snr. João da Cunha Neves e Carvalho Portugal pedio, por alguns dias, o N.° 9 das Memorias da Sociedade Archeologica e Numismatica de S. Petersburgo.

DONATIVOS.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — 2.ª Série — Tomo 1.º — N.º 6 — Lisboa 1850 — 8.º — 1 N.º — Offerecido pela mesma Sociedade.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences [Instituto Nacional de França]. — 1850 — 1.er semestre — Tomo 30 — N.os 16, 17, 18 e 19 — 4.º g.de — 4 N.os — Offerecidas pelo mesmo Instituto.

Mémoires de la Société d'Archéologie et de Numismatique de St. Petersbourg. — Vol. 3.º — N.º 9 — St. Petersbourg 1849 — 8.º — 1 Vol. — Offerecidas pela mesma Sociedade.

Calendario Geographico do anno de 1848 — publicado pela *Sociedade Geographica da Russia.* — 8.º — 1 Vol. [Em Russo].

Memorias da Sociedade Geographica da Russia. — St. Petersburg 1849 — Partes 1.ª, 2.ª e 3.ª — 2 Vol. — 8.º [Em Russo].

As mesmas Memorias, em lingua Allemã. Weimar 1849 — 8.º — 1 Vol.

Bolletin da Sociedade Geographica da Russia. — dos annos 1848 e 1849 — 12 N.os — 8.º g.de [Em Russo] — Todas estas quatro obras forão offerecidas pela referida Sociedade Geographica.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Junho de 1850.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera		
	Min.	Max.	Med.	9ª Man.	3ª Tarde					
1	55	81	68	759,6	759,3		·NE—N	○	○	Calmoso, e ar muito secco.
2	61	84	72	60,2	59,0		·NE—N^2	○	○	Idem.
3	62	89	75	57,7	55,7		·NE—N	○	○	Idem.
4	67	86	76	57,1	57,3		B SO a N^1	○	○	Idem, refrescou de tarde.
5	60	76	68	59,5	59,2		B—$^1N^2$	○	○	Ar fresco de tarde.
6	57	75	66	60,0	59,0		$^1N^2$—^2NO	○	○	Fresco.
7	59	75	67	59,7	59,2		·NO—·N	◐	◐	
8	56	77	66	60,5	59,0		$^2N^2$	○	○	Frescos os extremos do dia.
9	56	84	70	57,1	57,2	2	B ·N a ·SO	◐	◐	Brando aguaceiro de tarde.
10	62	78	70	57,2	57,3		B SO a NO^2	◐		Extremos do dia frescos.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9h Man.	3h Tarde					
11	54	77	65	58,4	57,3		^{u}N—^{2}NO^{3}			Tarde fresca.
12	60	72	66	57,2	57,3		^{1}NO^{1}			Chuviscos inapreciaveis ; ar fresco.
13	59	73	66	59,7	60,0		^{2}NO^{3}			Fresco.
14	62	73	67	60,1	59,5		^{1}N—NO^{2}			Idem.
15	62	75	68	58,3	57,4		^{1}NO			Idem.
16	57	71	64	56,2	55,7		NO^{1}—N^{3}			Idem.
17	59	80	69	56,4	56,2		^{2}N—^{1}NO			Caloroso nas horas merid. — Sol ardente.
18	63	88	75	57,4	56,5		·N^{1}—NO			Idem. Ar tepido e secco.
19	66	87	76	60,4	60,0		·NE—N			Caloroso.
20	64	80	72	61,2	60,2		·NE SO NO			Idem.
21	65	87	76	61,0	60,4		^{u}E—^{2}NO			Idem.
22	64	*95	81	60,8	59,7		·V—N			Calor intenso.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera.		
	Min.	Max.	Med.	9^h Man.	3^h Tard.					
23	69	83	76	59,2	59,0		B SO a N	○	⊜	Calmoso.
24	61	81	71	57,7	57,1		·S—NO	⊜	○	Nevoeiro no horisonte de madrugada.
25	67	80	73	56,0	55,8		^{1}O—SO^1	⊜	○	
26	60	73	66	56,6	56,3		SO—NO^1	○	⊜	
27	61	76	68	57,8	57,6		·N—O	●	○	
28	60	74	67	57,2	57,3		·SO^1	⊜	○	
29	59	76	67	58,8	59,8		·SO^1—^{1}O	⊜	○	
30	57	82	69	61,4	61,1		·O—NO	⊜	○	
Med.	60,8	79,6	69,3	758,7	758,2	2	NO N SO			Muito quente, totalmente secco, e ventoso.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE JUNHO DE 1850.

Temperaturas.

Minima ao 1.° do Mez. 55°
Maxima a 22........ 95
Media.............. 69,3
Variação med. diurna... 18,8
Maxima dita a 22..... 34

Barometro na tp.ª de 63°

Maxima altura a 30......	760,4	Variação
Minima a 3 e 16........	755,1	dos extremos
Media..................	757,6	5,3 m.

Ventos dominantes e sua força contados em meios dias.

0,7 0,9 0,6 0,7 0,2 0,2 0,3
N,17 = NO,20 = O,4 = SO,8 = S,1 = NE,5 = E,1
= V ou B,4.

= Direcção media do vento dominante N 27°O (0,7).
= Madrugadas bonançosas 19.
= Meios dias ventosos 13.

Estado da Atmosphera.

Meios dias claros 38 — Claro e nuvens 11 — Cobertos 4 — Coberto e clarões 5 — Sómente no dia 9 de madrugada cahio um pequeno aguaceiro que forneceo 2 millimetros de agua, apenas equivalente a um setimo da escassa chuva que costuma apparecer neste mez no seu estado regular. — Houve um pequeno nevoeiro matutino a 24 — Dias de calor notavel 14, sendo intensos 8. Decorreo por tanto este mez com a temperatura assás quente, totalmente secco, e ventoso com a altura do barometro quasi estacionaria.

Phenomeno agronomico.

Foi-me referido por pessoa mui respeitavel que no fim do mez passado seccou repentinamente o grande castanhal de uma vasta propriedade proxima a Penafiel. A maior parte das suas formosas arvores se achárão em tal estado de podridão interior que se não podérão aproveitar nem para o fogo. Já o anno passado aconteceo igual calamidade em outros sitios da provincia do Minho, tão povoada de bellos arvoredos, pelo que seria de summa importancia examinar com seria attenção as circunstancias que acompanhão tão deploravel acontecimento, que a generalizar-se, como tem acontecido com as larangeiras, ameaçaria de grandes perdas uma producção tão preciosa.

Mortalidade em Lisboa.

Sexo masculino—161 maiores—115 menores—tot.—275
Dito feminino—135 ditos—113 ditos—dit.—248
Sommão .. ... 296 ditos—228 ditos—dit.—524.

Incluindo-se 252 fallecidos nos hospitaes, sendo 112 maiores procedentes da Misericordia ou dos que se depositão nos adros das igrejas; do que se conclue que a mortalidade foi regular excedendo apenas em 23 individuos, ou 5 centesimos, a normal deduzida das antecedentes observações. Sendo este mez um dos mais saudaveis do anno parece que a benigna constituição que tem actualmente reinado não sofreo notavel alteração em seu andamento.

M. M. Franzini.

SESSÃO LITTERARIA DE 10 DE JULHO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.^es Fortunato José Barreiros, Francisco Pedro Celestino Soares, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Agostinho Albano da Silveira Pinto, Francisco Recreio, e Antonio Diniz do Couto Valente, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos; Antonio Caetano Pereira, e Daniel Augusto da Silva, Socios Correspondentes.

MEMORIAS LIDAS.

O Sñr. Antonio Caetano Pereira continuou a lêr a sua *Memoria sobre a inscripção achada em volta da Cruz de S. Thomé* etc.

O Sñr. Daniel Augusto da Silva lêo parte d'uma *segunda Memoria sobre a Rotação das forças, em torno dos pontos d'applicação.*

Foi entregue ao Sñr. Director da Classe.

DONATIVOS.

Revista Militar. — Tomo 2.° — N.° 6 — Junho 1850 — 8.° — N.° 1 — Offerecido pela Direcção do Jornal.

Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias, de Lisboa. — 1.ª Série, — 3.° anno — Julho de 1850 — 8.° — 1 N.° — Offerecido pelo Sñr. José Tedeschi.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences [Instituto Nacional de França]. — 1850 — Premier semestre — Tomo 30 — N.os 20, e 21 — Paris 1850 — 4.° g.de — 2 N.os — Offerecidos pelo mesmo Instituto.

Noticia Biographica do D.or José Francisco Valorado, offerecida á sua viuva a Ill.ma Sñr.ª D. Faustina Maria Neves de Macedo, pelo D.or José Maria Grande. — Lisboa 1850 — 8.° — 1 exemplar — Offerecido pelo Sñr. Mattheus Valente do Couto Diniz.

Tijdschrift voor de wis-en Natuur Kundige Wetenschappen etc. 1.° e 2.° aflevering. Derde Deel [Jornal das Sciencias Philosophicas e Naturaes, publicado pela 1.ª Classe do Instituto Real dos Paizes Baixos. Tomo 3.° 1.ª e 2.ª Parte]. — Amsterdam 1849 — 8.° — 2 N.os [Tomo 3.°].

Verhandelingen der Eerste Klasse van het Koninklyk-Nederlandsche Institut van Wetenschappen, Letterkunde en schoone Kunsten te Amsterdam — Derde reeks. Eerste deel [Memorias da 1.ª Classe do Instituto Real

das Sciencias, Litteratura e Bellas Artes dos Paizes Baixos. 3.ª Série, Tomo 1.º]. — Amsterdam 1849 — 4.º — 1 Vol. — Offerecidas estas ultimas duas Obras pela 1.ª Classe do Instituto Real dos Paizes Baixos.

ASSEMBLEA D'EFFECTIVOS DE 17 DE JULHO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Recreio, Francisco Pedro Celestino Soares, Marino Miguel Franzini, Francisco Freire de Carvalho, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Fortunato José Barreiros, e Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario perpetuo as Portarias seguintes:

Ministerio do Reino — 1.ª Direcção — 1.ª Repartição. — Representando o Administrador Geral da Imprensa Nacional contra a pratica modernamente seguida, por algumas Repartições publicas, de mandarem imprimir differentes documentos a Typographias particulares, com grave prejuizo para a mesma Imprensa; e cumprindo ao Governo promover, por todos os meios ao seu alcance, a prosperidade daquelle estabelecimento, que é quasi exclusivamente mantido pela importancia dos impressos para as Estações publicas: Manda Sua Magestade, A Rainha, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, recommendar ás Repartições, e Autoridades dependentes deste Ministerio, o disposto na Circular de 3 de Dezembro de 1841 a similhante respeito; a fim de que as referidas Repartições, e Autoridades mandem imprimir ali os documentos de que carecerem para o serviço a seu cargo. O que se participa á Academia Real das Sciencias para sua intelligencia, e effeitos necessarios. Paço das Necessidades, em 28 de Junho de 1850. = Conde de Thomar

A Academia resolveo que nada havia que responder a esta Portaria, por ter Imprensa propria.

Ministerio do Reino == 2.ª Direcção == 2.ª Repartição == Tratando presentemente o Governo de promover a cultura dos prados artificiaes, com especialidade a do *Sanfoin*, a fim de por este modo se desenvolver a criação de gados; e convindo para isso publicar-se algumas instrucções agronomicas, ácerca do methodo, que se deve seguir na cultura daquellas plantas, em harmonia com a constituição dos terrenos dos varios districtos do Reino, e influencias atmosphericas nelles dominantes: Manda Sua Magestade, A Rainha, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, que a Academia Real das Sciencias de Lisboa haja, com a possivel brevidade, de formular aquellas instrucções, para serem remettidas aos differentes Governadores Civis. Paço das Necessidades, em 4 de Julho de 1850. == Conde de Thomar.

Determinou-se que esta Portaria fosse entregue á Classe respectiva para dar a sua opinião sobre o que nella se ordena.

Forão approvados unanimemente para Socios Correspondentes da Academia: Na Classe das Sciencias Exactas, o Sñr. D.or Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, Lente de Mathematica na Universidade de Coim-

bra que tinha sido proposto em 19 de Junho ultimo.

Na Classe de Sciencias Naturaes, o Sñr. D.or José Maria Grande, Lente da Escola Polytechnica, proposto na mesma data.

Á vista das reflexões feitas pelo Sñr. Julio Maximo d'Oliveira Pimentel sobre a Memoria do Sñr. Canier, assentou-se que se restituisse ao seu autor.

SESSÃO LITTERARIA DE 24 DE JULHO DE 1850.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Pedro Celestino Soares, Fortunato José Barreiros, Francisco Freire de Carvalho, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Recreio, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos; Antonio Maria da Costa e Sá, Socio Livre; Antonio Caetano Pereira, José Maria Grande, e Daniel Augusto da Silva, Socios Correspondentes.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario perpetuo uma Carta do Sñr. D.or Bernardino Antonio Gomes participando á Academia que em razão de ir a Londres, e Paris, pedia ser substituido na Commissão do exame do Herbario da Flora Lusitana de que era Membro, offerecendo ao mesmo tempo os seus serviços á mesma Academia durante a sua estada nas referidas Cidades.

MEMORIAS LIDAS.

O Sñr. Antonio Caetano Pereira, continuou a lêr a sua *Memoria sobre a inscripção achada em volta da Cruz de S. Thomé etc.*

O Sñr. Francisco Freire de Carvalho lêo a seguinte traducção de tres Cartas de Plinio precedidas d'uma

Idéa summaria do assumpto d'algumas Cartas de Plinio.

As nove Cartas seguintes, extrahidas dos dez Livros das escriptas a differentes pessoas por C. Plinio Cæcilio Segundo, cuja traducção tenho a honra de offerecer a esta Real Academia, não desdizem em mérito das cinco primeiras, por mim já apresentadas em Sessões anteriores. — Dellas a primeira [é a 13.ª do livro 4.º] dá-nos a conhecer o zêlo patriotico do seu Autor por tudo, quanto tendia a difundir, e a melhorar a instrucção litteraria, e a educação moral entre os seus concidadãos. — Na segunda, [a 20.ª do livro 7.º] bem como a antecedente, escripta ao seu amigo intimo, Cornelio Tacito; e bem assim na terceira, [a 23.ª do livro 9.º] escripta a Maximo, apparece bem mànifesta a paixão viva e ardente, que o estimulava no estudo das Lettras bellas e amenas; e por consequencia o grande prazer, que da bôcca lhe transbordava, ao ver-se cercado da auréola de gloria, que um tal estudo lhe havia

grangeado. — Não menos, do que nas duas antecedentes, a quarta, [5.ª do livro 5.º] dirigida tambem a Maximo, exhalando sentimentos de dôr pela morte do illustre litterato C. Fanio, de nós conhecido sómente por esta Carta de Plinio, torna a fazer patente o seu interesse pelos estudos amenos; e abunda em reflexões preciosas, que devem estimular-nos a imital-o no seu nobre empenho. — São mui sensatas as idêas, que nos subministra a quinta Carta, [8.ª do livro 5.º] dirigida a Capiton, sôbre o modo mais adequado de escrever a Historia; contando-nos por esta occasião curiosas particularidades da sua vida litteraria. — Quão proveitosos conselhos não lêmos na sexta Carta, [a 9.ª do livro 7.º] escripta a Cornelio Fusco em resposta á, que este lhe havia dirigido, consultando-o sôbre o modo, por que devia occupar-se do estudo no retiro do campo, de que estava gozando! — É curiosissima a septima Carta, [27.ª do livro 7.º] por nos revelar a tendencia de Plinio para dar credito á existencia de entes fantasticos; inteirando-nos ao mesmo tempo de que Genios, ainda da vigorosa têmpera do Autor, são frequentes vezes dominados de idêas as menos sensatas, e até absurdas: Sura é o amigo, a quem é dirigida esta Carta, homem, conforme nella se dá a conhecer, de eminente litteratura entre os Romanos d'aquelle século. — Nos mui prudentes conselhos, dados por Plinio ao seu amigo Maximo, quanto ao modo, por que o primeiro Magistrado no governo de uma provincia, ou districto, deve regular-se, para dignamente desempenhar as funcções do seu emprego, ácha-se consignado um fundo de maximas moraes e politicas as mais sãas, e ajustadas com a boa razão, que oxalá andassem sempre diante dos olhos dos Magistrados de todos os tempos e paizes: Constituem estes conselhos o assumpto da oitava Carta desta minha

collecção, [a 24.ª do livro 8.º]. — A nóna finalmente, [97.ª do livro 10.º] dirigida ao Imperador Trajano por Plinio, a esse tempo Governador da provincia Romana da Bithynia, é a famosa Carta ácerca dos Christãos, bem conhecida particularmente dos theólogos: nella ao passo que o Autor pede instrucções a Trajano sôbre o modo, por que deve haver-se nas denuncias, dadas contra os Christãos, e lhe expõe o modo do seu proceder anterior a tal respeito; se encontra exarada ao mesmo tempo a pureza dos principios moraes, seguidos na pratica pelos prosélytos desta Religião Santa nos primeiros tempos da sua propagação pela Terra.

Cartas de C. Plinio Cæcilio Segundo. Livro 4.º Carta 13.ª (*). *Plinio a C. Tacito.*

Fólgo, que a Roma tenhas chegado são e salvo, até porque a tua vinda agora muito mais, do que em outra qualquer occasião, era por mim desejada. — De poucos dias será ainda a minha demora no Tusculano, os quaes empregarei em concluir uma pequena obra, que trago entre mãos; pois receio, que, se já proximamente ao seu fim afrouxo neste meu proposito, com difficuldade a torne a continuar. E para que esta minha pouca demora aqui não perjudique aos meus dese-

(*) Vide Actas da Academia Real das Sciencias de Lisboa anno de 1849, N.º 7 a pag. 567, e anno de 1850, N.º 3 a pag. 87.

jos, vou com antecipação pedir-te nesta Carta o mesmo, que, se presente estivera, te pediria: Mas, primeiro que tudo, dir-te-hei as razões da minha rogativa, depois o em que ella consiste. — Quando ha pouco estive na minha patria (*), foi comprimentar-me o filho, já ornado de pretexta, de um dos meus concidadãos. « Andas estudando? » [perguntei-lhe eu]. == Sim ==: « Onde? » == Em Milão. == « E porque não estudas aqui? » Então o pai [pois fôra quem veio apresentar-me seu filho] me responde: == É porque não temos aqui Mestres. == « Mas qual é a razão porque os não tendes? pois a vós, que sois pais, muito importaria, [felizmente outros muitos pais se achavão presentes] que vossos filhos aqui mais, do que em parte alguma, recebessem a sua instrucção: Qual outro logar lhes seria mais agradavel, do que a sua mesma patria? ou onde é que poderiam ser formados mais conformemente aos dictames da sãa moral, do que debaixo dos olhos de seus pais? ou com menos despeza, do que na propria casa? Que quantia de dinheiro julgaes poderá custar o ter aqui Professores? E quanto será preciso accrescentar ao, que em outra parte estaes gastando em alugueres de casas, em despezas de jornadas, e em tudo quanto ha mister despender, quem vive longe? [pois tudo lá custa caro], Ora eu, não obstante não ter ainda filhos, em favor da nossa patria, a qual contemplo como se minha filha, ou minha mãi fosse, estou prompto a concorrer com a terça parte das despezas, que nisto quizerdes empregar: e prometter-vos-hia a totalidade

(*) Era natural da cidade de *Como* na Gallia Cisalpina, hoje territorio do Reino Lombardo-Venesiano, situada junto ás praias do lago do mesmo nome, e a cinco legoas e meia de Milão.

della, se acaso não tivesse receio, de que esta minha dádiva chegassem a corrompêl-a alguns empenhos, como vejo acontecer nos logares, onde os Professores são pagos á custa do publico. Um meio ha porêm de obtar a estas escôlhas viciosas, e consiste elle em as deixar entregues sómente aos pais; pois os, que serião talvêz negligentes com o, que é alheio, serão cuidadosos sempre no emprego do, que é seu; e se esforçarão para que nenhum, que não seja digno, receba o dinheiro, com que eu concôrro, visto que para o mesmo fim concorrem com a sua quota: « — Uni-vos portanto, combinae uns com os outros, e cobrae forças d'animo comigo, que nesta despeza desejo tomar a maior parte, declarando-me qual ha de ser o meu contingente; na certeza de que não podeis fazer cousa mais proveitosa para vossos filhos, nem que mais agradavel seja á nossa patria: eduquem-se aqui os jovens, que aqui nascem: comecem logo desde a infancia a tomar assento no seu paiz natalicio, a amal-o: e oxalá que para elle attraiáes Mestres de pericia tal, que venha para aqui estudar a Mocidade das povoações visinhas; a fim de que, assim como até agora vossos filhos iam instruir-se a logares estranhos, confluam para esta Cidade os jovens dos logares distantes. » — Julguei a proposito dizer-te miudamente, e como desde a sua origem, isto tudo: afim de que fiques mais inteirado de quão grato me será o tomares a peito o negocio, de que te encarrego: Encarrego-te pois, e, attenta a magnitude do mesmo negocio, te rogo, que do grande numero de homens instruidos, que a admiração do teu ingenho atráe em volta de ti, lances os olhos sobre aquelles, que podemos convidar para Mestres; debaixo da condição porêm de que não obrigues para com elles a minha palavra; quero tudo deixar livre aos pais; sejão estes os, que jul-

guem, os que façam a escolha: Pela minha parte o que só pretendo, é empregar os meus desvellos e a despeza. Se houver porêm algum, que tenha sobeja confiança no seu talento, vá muito embora; na certeza de que nada mais poderá aproveitar-lhe, do que a sua propria confiança. — A Deus.

Livro 7.° Carta 20.ª Plinio a C. Tacito.

Li o teu livro, e com a maior diligencia, que me foi possivel, notei nelle tanto o, que se deve mudar, como o que se deve riscar; pois assim como eu costumo falar sempre verdade, assim tu do melhor grado a costumas ouvir; nem ha quem com mais paciencia aceite as correcções, do que aquelles que mais ser louvados merecem. Fico esperando agora me envies o meu livro com as tuas observações e reparos. O' jucundas e bellas reciprocidades!... Quão grande não é o meu deleite, quando me lembro de que, se aos vindouros merecermos alguma attenção, entre elles será falada a grande concordia, e franqueza, e amizade, com que temos vivido! Sim, será havida por cousa rara, e digna de ser notada, que dous homens, iguaes quasi na idade e nas dignidades, e de alguma nomeada em Litteratura, [veo-me obrigado a falar de ti com esta parcimonia, porque tenho de falar simultaneamente de mim] assim se tenham mutuamente ajudado nos seus estudos. Em verdade, sendo eu ainda muito môço, a tempo em que tu

já florecias em reputação e gloria, todo o meu desejo era o seguir-te, o ver-me collocado e contado o mais *proximo a ti, embora longo fosse o intervalo*, *que entre nós mediasse* (*): Havia então um grande numero de homens de clarissimo ingenho; porêm eras tu, mais, que todos, [assim o permitia a similhança da nossa natureza] que eu tomava por modêlo, e que eu entendia devia ser imitado. É por isso que sinto o maior prazer, tratando-se de estudos, quando vejo, que sômos simultaneamente nomeados (**); e que, fallando-se de ti, occorre logo igualmente o meu nome. Verdade é, não deixa de haver, quem nos prefira um ao outro; porém a mim nada me importa o logar, onde a ambos juntos nos collocam; pois tenho por primeiro o logar, que é mais proximo a ti. Notado deves ter tambem, que nos testamentos, excepto nos de algum mais particular amigo nosso, ambos sômos contemplados sempre com os mesmos legados, e iguaes na quantia: O que tudo se dirige a incúlcar-nos, que nos amemos um ao outro com o maior extremo de affecto; visto serem tantos os vinculos, com que nos ligam assim os estudos, como os costumes, a fama, e até finalmente as ultimas vontades dos homens. — A Deus.

(*) *Longo sed proximus intervallo*. [Æneid. Lib. V. vers 320].

(**) Vid.. a carta seguinte nesta traducção.

Livro 9.º Carta 23.ª Plinio a Maximo.

Tem-me acontecido frequentes vezes, estando exercendo as funcções de advogado, o ver os Centurios, depois de se haverem conservado revestidos do ar de autoridade e de gravidade proprias de juizes, como se fossem vencidos e forçados, levantarem-se todos repentinamente, e virem dar-me louvores. — Frequentes vezes tenho sahido do Senado, trazendo comigo uma nomeada tal, qual eu muito a devia desejar. — Nunca porêm senti prazer maior, do que o que ha pouco me deo uma conversação, que tive com Cornelio Tacito: Contou-me este, que achando-se nos derradeiros Ludos Circenses assentado junto de outro individuo, depois de haverem falado sobre assumptos varios e eruditos, elle lhe perguntára: == És de Italia, ou de alguma outra provincia? Ao que lhe respondêra: « Tu bem me conheces, e são os meus escriptos os, que me fizeram teu conhecido. » Então elle lhe tornou: == És Tacito, ou Plinio? == Não posso expressar-te, o quanto me é jucundo, que as Lettras façam os nossos nomes como mais proprios antes das mesmas Lettras, do que de homens; e que pelos estudos cada um de nós se faça conhecido d'aquelles, para quem era aliás desconhecido. — Outro caso similhante me aconteceo ainda ha poucos dias: Achava-se assentado a uma mêsa juntamente comigo o eximio varão Fabio Rufino; occupava acima delle o lo-

gar immediato um habitante do seu municipio, que aquelle dia tinha vindo pela primeira vèz a Roma, ao qual Rufino, apontando para mim, disse: « Vês este? » accrescentando depois muitas palavras ácerca dos meus estudos: Ao que elle respondeo = Então é Plinio. = Em verdade te confessarei, grande é o fructo, que do meu trabalho recôlho: Por ventura, se Demóstenes com razão se alegrava, quando uma velha de Athenas o designava com as palavras seguintes = Este é Demóstenes; = não devo eu alegrar-me com a celebridade do meu nome? Alégro-me sem duvida, e declaro, que com isto recebo grande satisfação: nem receio o ser havido por jactancioso, quando faço patente o juizo, que, não eu, mas sim os outros de mim formam; mormente falando comtigo, que não tens inveja dos louvores dados a outrem, e és zelador da minha propria gloria. — A Deus.

DONATIVOS.

Descripção da mortifera molestia epidemico-spasmodica da Cholera-morbo e da sporadica, coordenada as observações colhidas do exercicio clinico Medico-irurgico de 36 annos. Por A. Caetano do Rosario Afonso Dantas, Medico do Hospital Militar de Nova-Goa, Membro do Conselho de Saude Militar. — Nova-Goa, 850 — 8.° — 1 exemplar. — Offerecido pelo Autor.

Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisoa. 2.ª Série — Tomo 6.° — N.os 3, e 4 — 1850 — 8.° — 2 N.os — Offerecido pela mesma Sociedade.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — :.ª Série — Tomo 1.° — N.° 7 — Lisboa 1850 — 8.° — 1 N.° — Offerecido pela mesma Sociedade.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Aidémie des Sciences [Instituto Nacional de França]. — 850 — Premier semestre. — Tomo 30 — N.os 22, 3, 24, e 25 — 4.° g.de — 4 N.os — Offerecido pelo iesmo Instituto.

Jaarboek van het Koninklyk-Nederlandsche Instiuut van Wetenschappen, Letter Kunde en schoone Kunsn, voor 1847 — 2 Vol. — 1848 — 2 Vol. — e 849 — 2 Vol. — [Annaes do Instituto Real das Scienias, Litteratura e Bellas Artes dos Paizes-Baixos, relavos aos annos de 1847, 1848, e 1849]. Amsterdam 847 a 1849 — 8.° — 6 Vol. — Offerecido pelo Instiito Real dos Paizes Baixos.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Julho de 1850.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera		
	Min.	Max.	Med.	9ª Man.	3ª Tarde					
1	63	75	69	762,5	763,4		N²—²NO	◒	◒	Extremos do dia muito frescos —Sol ardente.
2	58	83	70	63,3	61,0		N²—²NO	○	○	Idem. Idem.
3	61	95	78	60,8	58,3		B—N¹	○	○	Calor mui forte.
4	66	90	78	59,5	59,3		·V—¹N²	○	○	Idem.
5	66	91	78	60,3	59,3		·N²	○	○	Idem.
6	60	81	70	60,7	59,8		·N¹	○	○	Extremos frescos.
7	61	79	70	59,4	57,7		²N¹	○	◒	Idem — Vento mui rijo.
8	60	80	70	57,1	56,1		·N¹	○	○	
9	56	77	66	56,6	55,8		·V·	◒	○	Orvalho matutino abundante.
10	57	72	64	57,6	57,3		B—¹SO	◒	○	

Dias do Mez	Temper. Exterior Min.	Temper. Exterior Max.	Temper. Exterior Med.	Barometro 9h Man.	Barometro 3h Tarde	Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera.
11	60	78	69	58,0	58,0		V —SO	Sol ardente.
12	61	76	68	57,7	57,2		V·—¹SO	
13	64	75	69	57,2	57,0		SO¹	
14	61	74	67	57,7	57,6		SO	
15	65	82	73	56,0	55,5	12	·V	Chuva branda e perenne — quente e humido
16	64	76	70	56,0	58,6	7	•²SO a NO	Idem de manhã — Idem.
17	58	73	65	60,1	60,4		•SO—NO	Madrugada fresca.
18	60	82	71	60,7	61,2		SO—NO	
19	62	85	73	62,6	61,0		·NO—N	
20	62	80	71	61,0	59,5		NO—N	
21	61	80	70	59,0	57,0		NO	
22	61	77	69	57,0	56,2		B—SO	

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9h Man.	3h Tard.					
23	60	77	68	60,5	62,2		NO^1	○	○	
24	59	77	68	61,6	61,2		^{2}NO·	⊖	⊖	Mui calmoso, sol ardente, e mui ventoso.
25	68	80	74	61,2	60,0		^{2}NO^1	⊖	○	Idem. ·Idem.
26	65	81	73	60,2	58,2		^{1}N^1	○	○	Idem. Idem.
27	66	84	75	59,3	58,0		^{2}N^1	○	○	Frescos os extremos do dia.
28	62	76	69	59,0	58,6		^{1}N^1	○	○	Atm. vapor. Sol descor. e ard.^{e} Ar m.^{to} seco.
29	62	83	72	59,2	57,0		N^2—^{2}NO	●	●	Idem. Idem. Idem.
30	60	83	71	56,3	55,4		^{1}NE^u—^{1}N^2	○	○	
31	65	86	65	59,8	59,5		V^1—^{1}N	○	○	Mui calmoso.
Med.	61,7	80,2	70,2	759,3	758,6	19	N NO SO			Foi a temperatura deste mez 2.° inferior á normal, apparecendo 6 dias mui calmosos, interpolados, e mui ventosos os ultimos dias do mez.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE JULHO DE 1850.

Temperaturas.

Minima a 9 do mez. 56°
Maxima a 3.......... 95
Media............... 70,2
Variação med. diurna... 18,5
Maxima dita a 3...... 34

Barometro na tp.ª de 63°

Maxima altura no 1.° do mez	762,5	Variação
Minima a 3 e 16........	754,6	dos extremos
Media..................	758,0	7,9 m.

Ventos dominantes e sua força.

0,9 0,8 0,6 1,0
N,24 = NO,15 = SO,11 = NE,1 = V ou B,11.

= Direcção media do vento dominante N 33°O (0,8).
= Madrugadas bonançosas 13.
= Meios dias ventosos 19.

Estado da Atmosphera.

Meios dias claros 34 — Claro e nuvens 18 — Cobertos 2 — Coberto e clarões 4 — Dias em que choveo 2, fornecendo 19 millimetros, ou quasi o quadruplo da chuva normal deste mez, que sempre decorre secco, ainda que o volume de agua recolhida foi diminuto e apenas equivalente a cinco e meio almudes por braça quadrada — Dias de calor notavel 8, sendo assás intensos os que apparecêrão no principio do mez.

Phenomenos notaveis.

Os ventos rijos, e mui seccos que dominárão de 24 a 29 seccárão por extremo a terra, e as folhas das arvores; contrariando ao mesmo tempo a continuação dos trabalhos nas eiras. A colheita dos cereaes não corresponde á expectativa que os mezes antecedentes farião esperar.

Mortalidade em Lisboa.

Sexo masculino	166 maiores	162 menores	tot.	328
Dito feminino	158 ditos	144 ditos	dit.	302
Sommão	324 ditos	306 ditos	dit.	630

Em cujo numero se comprehendem 270 fallecidos nos hospitaes, sendo 141 menores procedentes da Misericordia, ou dos que se depositão nos adros das Igrejas; do que se conclue que a mortalidade foi quasi igual á normal, excedendo-a apenas em dous centesimos.

M. M. Franzini.

ACTAS

DAS

SESSÕES

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA.

1850. — N.º V.

SESSÃO LITTERARIA DE 9 DE OUTUBRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão os Sñr.es Francisco Ignacio dos Santos Cruz, que servio de Secretario, Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Pedro Celestino Soares, José Cordeiro Feio, Francisco Recreio, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Fortunato

José Barreiros, Agostinho Albano da Silveira Pinto, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos: Antonio Maria da Costa e Sá, Socio Livre; Daniel Augusto da Silva, Socio Correspondente; e assistio á Sessão o Sũr. Marquez de Rezende.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Socio que servio de Secretario:

1.° Uma Portaria expedida pelo Ministerio do Reino, em 2 de Septembro ultimo, determinando que a Academia remetta, juntamente com o Relatorio administrativo, que annualmente lhe cumpre enviar áquelle Ministerio, dous mappas conformes com os modêlos inclusos na dita Portaria, ácerca da Bibliotheca da mesma Academia, sendo devidamente preenchidos os respectivos dizeres.

2.° Outra Portaria expedida pelo referido Ministerio, em 17 de Septembro do corrente anno, participando á Academia, para os effeitos devidos, que no dia 24 do indicado mez se havião rezar, na Igreja de S. Vicente de Fóra, officios e orações funebres por alma de Sua Magestade Imperial o Senhor Duque de Bragança, aos quaes Sua Magestade, A Rainha, tencionava assistir.

3.° Outra Portaria circular do mesmo Ministerio, expedida em 20 de Septembro deste anno, do theor seguinte:

Ministerio do Reino. — Secretaria geral. — 4.ª Repartição. — Livro 4.º — N.º 342. — Circular. — Manla Sua Magestade, A Rainha, pela Secretaria d'Estado los Negocios do Reino, remetter á Academia Real das sciencias a inclusa Tabella, a que se refere o Decreto le 9 d'Agosto ultimo, da distribuição da Despeza deste Ministerio autorizada para o corrente anno de 1850 a 851, nos termos do disposto nas Cartas de Lei de 23 e Julho do corrente anno; a fim de que faça proceder os abonos respectivos, em conformidade da mesma Taella, e processar as competentes folhas; devendo ficar a intelligencia de que é absolutamente vedada a inserão de qualquer verba não comprehendida nos limites da ei. Paço das Necessidades, em 20 de Septembro de 850. — Felix Pereira de Magalhães.

4.º Outra Portaria circular, emanada do Ministerio o Reino, com data de 25 de Septembro antecedente, rdenando que as Repartições dependentes daquelle Misterio remettão á Camara Municipal de Lisboa uma elação dos Empregados, que sendo habeis para o Cargo e Jurados da Imprensa, não estiverem comprehendidos n alguma das excepções da Lei, que regula sobre este jecto.

5.º Outra Portaria do dito Ministerio, datada de 28 e Septembro, remettendo os Estatutos da Sociedade Prootora dos melhoramentos industriaes de Bragança, para rem examinados com urgencia.

6.º O Officio seguinte do Sñr. Barão da Luz, Inssetor Geral das Obras Publicas.

Inspecção geral das Obras Publicas do Reino. = Illmo e Exmo Sñr. = Accusando a recepção do Officio, que V. Ex.ª me dirigio com data d'hontem, cumpre asseverar a V. Ex.ª, que não é falta de consideração por esse importante Estabelecimento, que me tem embaraçado de mandar executar os concertos dos telhados, já ordenados pelo Ministerio do Reino, mas tão sómente a falta de meios para occorrer a todas as obras, que se me determinão, mesmo com urgencia.

Logo pois que me seja possivel estabelecer um partido d'operarios, para dar um andamento regular á obra de que se trata, eu não perderei a occasião para satisfazer os justos desejos de V. Ex.ª = Deos guarde a V. Ex.ª Lisboa 18 de Septembro de 1850. = Illmo e Exmo Sñr. Conselheiro Joaquim José da Costa de Macedo. = Barão da Luz.

7.° Uma Carta do Sñr. Conselheiro Joaquim José Falcão, acompanhando um gato do mato, vindo d'Angola, que offerece para o Museu da Academia.

8.° Outra Carta do Sñr. Antonio Ribeiro Neves, Junior, offerecendo para o mencionado Museu uma corça, vinda d'Angola.

MEMORIAS LIDAS.

O Sñr. Francisco Pedro Celestino Soares leo umas *Breves reflexões ácerca da Tenalha em frente da Cortina.*

Leo-se a traducção de tres Cartas de Plinio segundo, feita pelo Sñr. Francisco Freire de Carvalho, que vem a ser:

Livro 5.° Carta 5.ª Plinio a Maximo.

Chegou-me a noticia da morte de C. Fanio, noticia que me penetra com grande dôr; não só porque consagrava amizade a um homem, como elle era, polido e facundo; mas tambem porque do seu bom juizo aproveitar-me costumava. Era por natureza dotado de ingenho subtil, apurado pelo uso que delle fazia, e de uma promptissima variedade. Afflige-me demais disto o inesperado de sua morte; pois morreo sem haver reformado o seu

antigo testamento, no qual se não lembrou das pessoas, que sobre todas amava, deixando legados aos seus maiores inimigos. Mas pode para tudo isto haver ainda soffrimento: o peor é, o ter elle deixado incompleta uma obra sua, a mais digna de estimação: pois, com quanto se dedicasse ao exercicio do Fôro, estava escrevendo tambem a historia dos, que por Nero tinham sido mandados matar, ou enviados ao desterro, da qual tinha já completado tres livros, escriptos com exacta diligencia, e em estilo puro e delicado, médio entre a simples conversação e a historia: e tanto maior desejo tinha de concluir os restantes, quanto maior éra o empenho, com que via ler os tres primeiros. Na verdade parece-me sempre cruel e immatura a morte d'aquelles, que estam preparando alguma cousa digna da immortalidade; porquanto os, que, entregues á voluptuosidade, vivem, como se para elles não houvesse dia seguinte, esses acabam de viver no fim de cada um dos seus dias. Pelo contrario os, que põem o fito na posteridade, e alargam com obras a memoria da sua existencia; para esses morte não ha, que não seja repentina; pois vem sempre interromper alguma cousa por elles principiada. — Com muita antecipação presentio Caio Fanio o mesmo, que veio a acontecer-lhe; pois sonhou uma noute, que estava recostado sobre o seu leito na posição do quem estudava, tendo diante de si, segundo costumava, a caixa dos seus papeis; sonhou depois, que viera ter com elle Nero, o qual, assentando-se sobre o leito, lançára mão do primeiro livro, em que elle fizera publicas as suas maldades, o qual folheára do principio até o fim; que fizera o mesmo ao segundo e ao terceiro, e que se havia depois retirado. — Este sônho o encheo de susto; e a interpretação, que lhe dêo, foi, que o termo marcado para elle deixar de escrever estava indicado na rapidez,

com que Nero findára a sua leitura; e foi isto mesmo o, que aconteceo. Ora, quando estas cousas me passam pela memoria, grande é a pena, que me causa o ver as muitas vigilias e trabalhos, de balde por elle empregados: occorre-me tambem logo a idêa da minha morte, vem-me á lembrança os meus escriptos: nem duvido, que igual cogitação te encha de susto em relação aos, que tens entre mãos. Assim que, em quanto gozâmos da vida, esforcemo-nos para que, ao vir a morte, encontre ella o menor numero de cousas, que nos possa destruir. — A Deus.

Livro 5.º Carta 8.ª Plinio a Capiton.

Aconselhas-me, que escreva sobre Historia: muitos outros me tem repetidas vezes aconselhado isso mesmo, e tal é tambem a minha vontade, não por confiar em que o farei bem; (temeridade seria o acreditalo, sem o haver antes experimentado) mas sim, e mais que tudo, por me parecer cousa mui bella o não consentir, que pereçam aquelles, a quem é devida a immortalidade, e propagar assim com a sua propria a fama dos outros. Na verdade cousa nenhuma ha, que tanto me estimule, e incite, como o amor e o desejo da diuturnidade, sentimento que tenho pelo mais digno do homem, daquelle principalmente, que, não o accusando a consciencia de cousa alguma, encara sem receio o viver na posteridade; É por isso que de dia e de noite cogito *no modo*

de poder levantar-me acima da Terra (*); (que isto só é bastante para o meu desejo), sendo que delle muito acima julgo o *voar victorioso pelas bôccas dos homens. Ainda que oh!*.... (**). É porêm já para mim bastante aquillo, que a Historia por si só póde prometter-me: Por quanto pequena graça tem a Oratoria e a Poesia, uma vez que não andem accompanhadas de eloquencia summa; ao mesmo tempo que a Historia, de qualquer modo, por que seja escripta, sempre deleita; por serem os homens curiosos por natureza, e se entreterem com toda e qualquer noticia de acontecimentos, muito embora despida de ornatos, aindaque bagatelinhas conversaveis, e ainda mesmo fabéllas sejam. Impelle-me tambem para este estudo o exemplo domestico; por ter meu Tio e simultaneamente Pai adoptivo, escripto Historias, e com a maior exacção e diligencia; assim como por ter ouvido a homens sabios, que uma das cousas mais digna de louvôr é o seguirmos as pizadas dos nossos antepassados, todas as vezes que elles nos precedêram marchando por bom caminho. — Que é pois o que me demora?... Defendi grandes e importantes causas, e proponho-me a revêl-as; (bem que pequena esperança tenha de que dellas me resulte gloria) mas só a fim de que um tão grande trabalho meu, se lhe não accrescentar o, que lhe resta de nova applicação, não acabe juntamente comigo: visto que, se pozermos o fito na posteridade, deve reputar-se por não principiado tudo o, que não tivermos perfeitamente acabado. — Dir-me-has: « Tu podes retocar as tuas Orações, e compôr tambem a Historia ». Oxalá que assim podesse ser! Mas tanto uma, como outra destas duas cousas é de tal magnitude, que é já sobejo, o tra-

---

(*) Virg. Georg. Lib. 3. vers. 8.
(**) Æneid. Lib. 5. vers. 195.

tar uma dellas somente. Comecei a advogar no Fôro aos dezoito annos da minha idade, e com tudo ainda hoje apenas só por entre sombras vejo o, que um orador deve fazer, para bem desempenhar as suas funcções; Que seria, se tomasse sôbre os hombros um nôvo pêzo? Muitas cousas tem a Oratoria e a Historia, que lhes são commûas; narra, é certo, aquella; tambem esta narra, mas por modo differente: os objectos da narração desta são cousas baixas, torpes e vulgares; convêm áquella somente quanto é extraordinario, esplendido e sublime: na Historia deixam vêr-se muitas vezes os ossos, os musculos, os nervos; convêm appareçam na Oratoria, para assim dizer, o roliço do corpo, e as jubas: agrada aquella, mais que tudo, pela força, pelo azedume, pela rapidez; esta pelo desenvolvimento, pela suavidade, pela doçura: em summa, cada uma dellas exige palavras, harmonia e construcção inteiramente diversas; por importar muito, como diz Thucydedes, o saber-se, que destes dous generos de Litteratura deve ser considerado um como *monumento*, outro como *combate*, competindo uma destas denominações á Historia, a outra á Oratoria. — Á vista do que deixo dito, não me resôlvo a misturar, e a confundir cousas tão dissimilhantes, e até da maior monta; a fim de que, perturbado com tal confusão, não faça em uma parte o, que em outra devia fazer: É por isso, (sem me desviar da linguagem, que me é propria) que peço me concedas reforma de tempo. Comtudo tu no emtanto pensa desde já sôbre que periodo historico devo principalmente começar a escrever: Se fôr sôbre os, em que os antigos tem já escripto, preparadas temos as averiguações; é porêm cousa ardua o entrar em comparação com elles: Se fôr assumpto novo e ainda não tratado, graves serão as offensas, a que me expônho; e diminuto o favor, a que posso aspirar; por-

[illegible] no meio de tantos vicios dos homens, [illegible] que reprehender, do que de louvar. [illegible] ser enganado, louvando, e em culpar [illegible]; muito mais no louvar a bandeiras despregadas se [illegible] o mais restricto possivel seja na censura.— [illegible] são estas considerações as, que me retardam [illegible] bastante para ser sincero: O. se [illegible] antes os alicerces da obra, para a qual [illegible] escolha da materia; a fim de que, quando me achar preparado para começar a escrever [illegible] não appareçam de retardamento e de demora. — A Deus.

Livro 7.° Carta 9.° Plinio a Cornelio Fusco.

Perguntas-me, como entendo convém que te occupes do estudo no retiro, de que ha muito estás gozando. É sobre tudo cousa util, e por muitos recommendada, o fazer traducções ou do Grego em Latim, ou do Latim em Grego, exercicio este, com que se adquire propriedade e nitidez de palavras, copia de figuras e valentia de expressão: alem de por meio de optimos modellos se obter a facilidade de descobrir materias similhantes ás por elles descobertas: ao mesmo passo que aquillo, que a quem simplesmente lê, escaparia, não pode escapar a quem traduz, com o que se ganha um grande fundo de intelligencia e de juizo. Nada obsta a que, depois de

haveres lido, a fim de melhor te inteirares da materia e do seu argumento, sobre elle tambem escrevas, como querendo entrar em competencia com o autor; que o compares com o, que tens lido; que cuidadosamente medites, qual dos dous, tu, ou o autor, mais apropriadamente o tem tratado: Grande satisfação será a tua, se achares, que algumas cousas trataste melhor, do que elle; grande a tua vergonha, se elle melhor, do que tu, tratou cabalmente o assumpto. Convirá algumas vezes o fazer escolha das passagens mais conhecidas, e arrostar-te com elle, para ver se nellas o vences; certâme este, embora atrevido, mas que não merece ser censurado, por ser secreto; pois vemos a muitos, que, tendo com grande louvor emprehendido esta especie de combate, por isso que nelle não desanimáram, levaram de vencida aquelles, de quem julgavam já bastante o seguir as pizadas. Podes tambem, depois de o haver posto em esquecimento, tornar a tratar o mesmo assumpto, delle conservar muitas cousas, dar de mão a o maior numero dellas, accrescentar-lhe, e corrigir-lhe outras: trabalho penôso e enfadônho, porêm de grande fructo por sua mesma dificuldade é o de acender de nôvo o antigo fôgo, e o de reassumir o quebrado e perdido impeto, o ajuntar em fim membros, como novos, a um corpo já acabado, sem com tudo desmanchar o anteriormente concluido. — Sei, que presentemente o teu principal estudo é sôbre a arte de orar; mas nem por isso te persuadirei, que insistas sempre nesse modo de dizer peleijador; e de algum modo bellicoso: Pois assim como as terras se tornam mais aptas para a cultura, variando, e mudando de sementes; o mesmo acontece aos nossos ingenhos, recultivando-os ora com uma, ora com outra especie de meditação. Desejo, que umas vezes tomes para assumpto algum lugar da Historia; outras, que escrevas

o mais accuradamente uma Carta: por quanto nos discursos oratorios tem logar muitas vezes não só objectos historicos, porêm até occorre a necessidade de introduzir nelles descripções poeticas; e é o genero epistolar quem nos faz contrahir um estilo conciso e puro. Convém igualmente dar folga ao espirito, compondo versos, não digo, fazendo seguidas e longas poesias; (o que só póde concluir-se no grande remanso da vida) mas ingenhosas e pequenas composições, que sirvam de dar uma especie de conveniente distracção a outras quaesquer occupações e cuidados. Verdade é, que a isto costuma dar-se o nome de meros brincos; mas estes brincos grangeam as mais das vezes não menor gloria, do que os escriptos sérios; e por isso (porque te não exhortarei com versos a que faças versos):

Assim como louvor merece a cêra,
Quando, branda cedendo ás mãos, que a ageitam,
Della, quaes desejais, resultam obras,
Minerva casta já formando, ou Marte,
Ou já de Chypre a Deosa, ou já seu Filho:
Assim como não só sagrada linfa
O incendio apaga, e vezes muitas serve
Tambem para regar as flores, prados.
De brandura convêm igual por artes
Assim dobrando vá, vá conduzindo
Douta mobilidade o ingenho humano.

Por tal arte se exercitavam, ou deleitavam, ou antes se deleitavam, e exercitavam os maximos Oradores, e os Varões proheminentes; pois é cousa admiravel o quanto com taes pequenas obras o nosso espirito umas vezes se fortefica, outras se recrêa: Ellas admittem o tratar de amores, de odios, de iras, de compaixão, de urba-

nidade, de tudo emfim, que pode ter logar no correr da vida, e ainda mesmo d'aquelles assumptos, que se controvertem nos discursos do Fôro: Nellas se encontra a mesma utilidade, que nos mais versos; porquanto, desembaraçados da necessidade do métro, folgâmos então de escrever em prosa; e a facilidade da comparação, que entre um e outro estilo se nos faz patente, nos dá muito maior gosto para escrevermos. — Tenho-te dito muitas mais cousas, do que de mim exigias; e ainda assim mesmo tenho omittido uma dellas; pois te não disse o, que entendo deves lêr, postoque t'o tenha já dito, recommendando-te o, que deves escrever: O que convêm tenhas presente sempre, é a cuidadosa escolha dos Autores de qualquer genero, que fôrem, lembrando-te do proloquio sabido: = *Deve ler-se muito, mas não muitas cousas* =. Quaes esses autores sejam, cousa é tão conhecida e facil, que não carece de demonstração: aliás eu tenho-me nesta Carta estendido tão demasiadamente, que hei roubado ao teu estudo o tempo, em que te tenho estado persuadindo o modo, por que deves estudar. Toma pois na mão a penna, e escreve alguma cousa ou seja sôbre o, que te tenho indicado, ou sôbre aquillo mesmo, que ja tinhas começado a escrever. — A Deus.

Recebeo-se uma porção do Herbario comprado ao Sñr. D.or Frederico Welwitsch, que comprehende os Musgos.

O Sñr. Marquez de Rezende offereceo pessoalmente á Academia, da parte de seus autores, diversos opusculos, que trouxe d'Alemanha; a copia de dous manuscriptos da Bibliotheca de Munich, mandada tirar por elle;

e os primeiros cinco volumes da edição completa das Obras de Frederico II, Rei da Prussia, feita por ordem do actual Monarcha daquelle paiz, e por elle enviada á Academia.

DONATIVOS.

Revista Militar. — Tomo 2.º — N.ºs 7, 8 e 9 — Lisboa 1850 — 8.º — 3 N.ºs — Offerecido pela Direcção do Jornal.

Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa. — 2.ª Série. — Tomo 6.º — N.ºs 5 e 6. — 8.º — 2 N.ºs — Offerecido pela mesma Sociedade.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — 2.ª serie. — Tomo 1.º — N.ºs 8 e 9. — 8.º — 2 N.ºs — Offerecido pela mesma Sociedade.

Jornal de Pharmacia, e Sciencias accessorias, de Lisboa. — 1.ª serie — 3.º anno. — Agosto e Septembro de 1850. — 8.º — 2 N.ºs — Offerecido pelo Sñr. José Tedeschi.

A Razão — A Justiça. (Annotações sobre a politica). Pelo Conselheiro Antonio d'Oliveira Amaral Machado. — Lisboa 1850. — 8.º — 1 exemplar. — Offerecido pelo Autor.

Repertorio commentado sobre Foraes e Doações Regias. Por Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão etc. — Lisboa 1848. — 8.º — Volumes 1.º e 2.º — 2 Tomos.

Observações analyticas sobre as principaes disposições da Novissima Reforma da administração da Fazenda Publica, estabelecida pelo Decreto de 10 de Novembro de 1849: dirigidas ao Ill.mo e Ex.mo Sñr. Ministro e Se-

cretario d'Estado dos Negocios da Fazenda, Antonio José d'Avila, *por* Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão etc. — Lisboa 1849. — 8.° — 1 exemplar.

Analyse critica e juridica, demonstrativa da improcedencia dos argumentos com que, na Camara dos Senhores Deputados da Nação Portugueza, foi sustentada a proposta de Lei Regulamentar do § 3.° *do Artigo* 145.° *da Carta Constitucional da Monarchia.* Offerecida á Camara dos Dignos Pares do Reino, por Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão etc. Lisboa 1850. — 8.° — 1 exemplar.

*O Discurso do Ex.*mo *Sñr. Presidente do Conselho de Ministros proferido sobre a Questão da Imprensa, na Camara dos Dignos Pares em sessão de* 11 *de Junho, refutado na parte que respeita á Analyse critica e juridica, publicada por* F. A. F. da Silva Ferrão etc. Lisboa 1850. — 8.° — 1 exemplar.

Breves reflexões sobre o Projecto de Lei apresentado na Camara dos Dignos Pares do Reino, pela sua Commissão especial, com o Parecer N.° 213, *datado de* 24 *de Maio do corrente anno.* Por F. A. F. da Silva Ferrão. — Lisboa 1850. — 8.° — 1 exemplar.

Todas estas ultimas cinco obras forão offerecidas pelo seu Autor o Sñr. Conselheiro Ferrão.

Orçamento da Despeza do Ministerio do Reino para o anno economico de 1850 — 1851, *autorizado pelas Cartas de Lei de* 23 *de Julho de* 1850. — fol. — 1 vol. — Mandado pelo referido Ministerio.

Annali di Fisica dell'Abbate Francesco Cav. Zantedeschi. Fascicolo 5. Padova 1849 — 1850. — 8.° — 1 N.° — Offerecido pelo Autor.

Glossaire Nautique. — Répertoire polyglotte de termes de Marine anciens et modernes, par A. Jal. — Paris 1848. — 4.° grande — 1 vol. — Offerecido pelo Autor.

PARA O MUSEU.

Uma Corça de Loanda. — Offerecida pelo Sñr. Antonio Ribeiro Neves Junior.

Um Gato do mato, vindo d'Angola. — Offerecido pelo Sñr. Conselheiro Joaquim José Falcão.

ASSEMBLEA D'EFFECTIVOS DE 16 DE OUTUBRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão os Sñr.es Francisco Recreio, que servio de Secretario, Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Pedro Celestino Soares, José Cordeiro Feio, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Fortunato José Barreiros, Marino Miguel Franzini, Agostinbo Albano da Silveira Pinto, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Socio, que servio de Secretario:

1.° Uma Portaria, expedida pelo Ministerio dos Negocios da Marinha e Ultramar, do theor seguinte:

Ministerio da Marinha e Ultramar. = Tendo o Governo resolvido fazer explorar por Naturalistas as Provincias Ultramarinas, e especialmente os territorios continentaes situados na Africa Occidental e Oriental: assim o manda Sua Magestade, A Rainha, pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, participar á Academia Real das Sciencias de Lisboa, da qual espera, que como a Corporação scientifica mais competente, se promptificará a redigir as convenientes instrucções, que em tempo competente remetterá a esta Secretaria d'Estado; na intelligencia de que o Governo deseja, por meio de taes explorações, não só adquirir inteiro conhecimento dos recursos naturaes daquelles paizes, e dos melhoramentos de que são susceptiveis para a felicidade dos seus habitantes, e para o mais amplo desenvolvimento do seu commercio; mas tambem prestar ao progresso das Sciencias naturaes aquelle concurso que se possa combinar com o fim primario das mesmas explorações. Paço em 2 d'Agosto de 1850. = Visconde de Castellões.

Determinou-se, que se reunissem as Classes, para cada uma, pela parte que lhe toca, dar cumprimento a esta Portaria.

2.° Outra Portaria, expedida pelo Ministerio do Reino, em 8 do corrente, remettendo á Academia o Projecto d'Estatutos da Sociedade Agricola de Santarem, para sobre elle dar o seu parecer.

Foi entregue o Projecto ao Sñr. Director da Classe de Sciencias Naturaes.

A Classe de Sciencias Naturaes, por ordem do seu Director, o Sñr. Agostinho Albano da Silveira Pinto, apresentou o Parecer sobre os Estatutos da Sociedade Promotora dos melhoramentos industriaes do Districto de Bragança, ácerca dos quaes tinha sido mandada ouvir a Academia, pela Portaria do Ministerio do Reino, datada de 28 de Septembro passado.

Foi approvado o parecer, e assignou-se a Consulta de remessa.

SESSÃO LITTERARIA DE 23 DE OUTUBRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão os Sñr.es Francisco Ignacio dos Santos Cruz, que servio de Secretario, Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Recreio, Barão de Reboredo, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Fortunato José Barreiros, Marino Miguel Franzini, e Agostinho Albano da Silveira Pinto, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; Antonio Maria da Costa e Sá, Socio Livre; Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, Daniel Augusto da Silva, e Antonio Caetano Pereira, Socios Correspondentes.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Socio que servio de Secretario:

1.° Uma Portaria expedida pelo Ministerio do Reino, em 22 do corrente, do theor seguinte:

Ministerio do Reino. = 2.ª Direcção. = 1.ª Repartição. = Tendo sido presente a Sua Magestade, A Rainha, a representação de 19 do corrente mez, dirigida a este Ministerio por parte da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e na qual era ponderada a urgente necessidade do concerto dos telhados da Livraria da mesma Academia, e da betumiuação do lagedo que cobre as abobadas das Galerias do Museu: Houve por bem, A mesma Augusta Senhora, mandar recommendar ao Inspector geral das Obras Publicas a breve execução das obras de que se trata, que já anteriormente se tinhão mandado effectuar.

O que se communica á sobredita Academia, para seu conhecimento, e como resposta á citada representação. Paço das Necessidades, em 22 d'Outubro de 1850. = Conde de Thomar.

2.º Uma Carta do Sñr. Antonio Feliciano de Castilho, dirigida ao Secretario perpetuo, enviando-lhe para ser presente á Academia — um exemplar da Obra composta pelo Sñr. Castilho com o titulo de *Leitura repentina*, e pedindo o juizo da Academia sobre esta Obra.

Foi entregue a Obra ao Sñr. Director da Classe respectiva.

3.º Outra Carta do Sñr. Marçal Antonio acompanhando uma *Memoria Analytica sobre a resolução mathematica dos Problemas mais indeterminados do primeiro grão*, offerecida á Academia.

Mandou-se ao Sñr. Director da Classe.

4.° As Cartas, do Sñr. Dr. Welwitsch, abaixo transcriptas:

Entreguei na Quarta Feira passada o resto da Secção cryptogamica, comprehendo os *Musgos* em tres Fasciculos. Correspondendo aos desejos de V. tenho a honra de lhe remetter aqui junto um Conspecto synoptico-estatistico dos musgos, o qual mostrará a V. um acrescimo de 65 especies para a Flora Lusitana, achando-se por conseguinte o numero das especies da Flora Lusitana do illustre Dr. Brotero mais que dobrado.

Tendo d'est'arte acabado com as duas Secções *morocotyledonea* e *cryptogamica*, principiei immediatamente com a coordenação da 3.ª Secção *dicotyledonea*, e tenho o particular prazer de poder já hoje apresentar um voluminoso caderno, que contêm as Familias das *Cistoideas*, *Dioseraceas*, *Violaceas*, *Frankeniaceas*, *Cucurbitaceas* e *Mesembrianthemeas*. A entrega dos mais cadernos seguir-se-ha agora mais rapidamente, por já se acharem adiantados alguns trabalhos preparatorios para isso.

Achei muitos vegetaes bem raros e interessantes nos contornos da Lagôa d'Obidos, que até agora ainda não tinha visitado nesta estação, e proximamente apresentarei um Supplemento ás Algas e ás Morocotyledoneas, fructo desta minha ultima digressão ás Caldas da Rainha. Encontrei ao pé de S. Martinho umas amostras boas de Gesso crystallisado; no caso de ellas servirem para a collecção da Real Academia, estão muito ás suas ordens, bem como alguns granados de ferro, que topei ao pé de Obidos. = Alcantara em 16 de Outubro de 1850.

Conspectus statisticus Muscorum Herbarii Florae Lusitanae.

	Enumeratio generum.	Species in Flora Lus. Broteroi enumeratae	Species Herbarii Florae Lusitanae
Genus N. 475	Andraea Ehrh.	1	1
—— — 476	Sphagnum Dill.	1	2
—— — 478	Phascum L.	1	3
—— — 483	Gymnostomum (inclus. Hymenost.)	2	11
—— — 489	Schistidium Brid.	1	1
—— — 490	Grimmia Ehrh.	1	6
—— — 496	Cinclidotus P. B.	1	1
—— — 509	Orthotrichum	3	5
—— — 516	Weissia (Bryum cirhatum ?)	1	3
—— — 527	Dicranum Hedw.	2	4
—— — 528	Ceratodon Brid.	1	1
—— — 529	Tricbostomum Hedw.	3	3
—— — 535	Barbula H. (c. Syntrichia)	4	12
—— — 542	Bryum Lin. emend.	4	13
—— — 549	Mnium Dill. em.	3	2
—— — 550	Bartramia Hedw.	1	2
—— — 551	Philonotis Brid.	1	1
—— — 556	Funaria Hedw.	1	3
—— — 560	Polytrichum Lin.	5	4
—— — 564	Diphyscium W. et M.	1	—
—— — 566	Hypnum Lin.	11	21
—— — 568	Maschalanthus Schultz	1	3
—— — 572	Leskia Hedw.	2	1
—— — 575	Neckera Hedw.	1	2
—— — 577	Daltonia Hook.	1	1
—— — 580	Leucodon Schwaeg.	—	1

Genus N. 584	Antitrichia Brid.	1	1
—— — 587	Hookeria Smith	1	1
—— — 592	Fontinalis Lin.	1	3
—— — 598	Octodiceras Brid.	—	1
—— — 599	Fissidens Hedw.	2	2
Bryacea dubia quoad genus........		—	9
Musci Flor. Lus. Brot. quoad genus mihi dubii.....................		2	—
	Summa	61	126 Spec.

Incrementum Specierum Herb. Flor. Lusitanae = 65 Species.

Tendo acabado neste momento a coordenação das Familias: *Jasmineas*, *Oleaceas*, *Apocynaceas*, *Asclepiadeas* e *Gentianeas* do herbario portuguez, tenho a honra de remetter estas cinco familias a V. para assim poderem ser apresentadas ainda hoje á illustre commissão dos Examinadores, junto com as mais familias dicotyledoneas, que mandei na Quarta Feira passada.

Espero que para a Quarta Feira vinda poderei mandar a continuação das Dicotyledoneas, pois já tenho promptas duas familias pertencentes ao fasciculo seguinte ao que hoje remetto. = Alcantara em 23 de Outubro de 1850.

A porção do Herbario entregue com esta ultima Carta foi mandada submetter ao exame da Commissão creada pela Portaria de 6 d'Outubro de 1849.

Não se póde ler nenhuma Memoria, por ser necessario celebrar neste mesmo dia uma Assemblea extraordinaria d'Effectivos.

DONATIVOS.

Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias, de Lisboa. — 1.ª Série. — 3.º anno. — Outubro 1850. — 4.º — 1 N.º — Offerecido pelo Sñr. José Tedeschi.

Leitura repentina, Methodo para em poucas lições se ensinar a ler com recreação de Mestres e Discipulos etc. Por A. F. de Castilho. Lisboa 1850. — 8.º — 1 vol. — Offerecido pelo Sñr. Antonio Feliciano de Castilho.

Programme du nouveau regime des grandes rivières, par Jean Gagliardi — *Traduite de l'Italien.* Lisbonne 1849. — 8.º — 1 exemplar. — Vindo pelo Correio.

Mémoires de l'Académie Impériale des Sciences de Saint Pétersbourg. — 6.me sèrie. — *Sciences Mathématiques, Physiques et Naturelles.* — Tome huitième. — Seconde partie: *Sciences Naturelles.* — Tome sixième, 3.me, 5.me et 6.me Livraisons. — Saint-Pétersbourg. 1849. — 4.º grande. — 2 vol.

Mémoires présentés à l'Académie Impériale des Sciences de St-Pétersbourg. Par divers savants, et lus dans ses Assemblées. Tome sixième. — 2.me et 3.me livraisons. St-Pétersbourg. 1848 — 1849. — 4.º grande. — 2 vol. — Offerecidos os sobreditos quatro volumes pela Academia Imperial das Sciencias de S. Petersbourg.

Musée Botanique de M. Benjamin Delessert. Notices sur les collections des Plantes et la Bibliothèque qui

le composent; contenant en outre des documents sur les principaux Herbiers d'Europe. Et l'exposé des Voyages entrepris dans l'intérêt de la Botanique. Par A. Lasègue. Paris 1845. — 8.° — 1 vol.

Thése pour le Doctorat en Médecine, présentée et soutenue à la Faculté de Médecine de Paris.— Par Raoul-Henri Leroy d'Étiolles, né à Paris, Docteur en Médecine etc. Paris 1850. — 4.° — 1 exemplar. — Ambas as sobreditas obras forão offerecidas por seus autores, e apresentadas pelo Snr. Dr. Bernardino Antonio Gomes.

Essai sur l'Histoire de la Cosmographie et de la Cartographie pendant le moyen-age, et sur les progrés de la Géographie etc. Par le Vicomte de Santarem. — Tomo 2.° — Paris 1850. — 8.° — 1 vol. — Offerecido pelo seu Autor.

Elementos do Processo civil, por F. J. Duarte Nazareth, *Lente da Faculdade de Direito, para uso de seus discipulos.* Coimbra. 1850. — 8.° — 1 vol. — Offerecido por seu Autor.

PARA O MUSEU.

Uma Cadella Spanear. — Offerecida pelo Snr. Conselheiro Lourenço José Moniz.

ASSEMBLEA EXTRAORDINARIA D' EFFECTIVOS DE 23 DE OUTUBRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão os Sñr.es Francisco Ignacio dos Santos Cruz, que servio de Secretario, Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Recreio, Barão de Reboredo, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Fortunato José Barreiros, Marino Miguel Franzini, e Agostinho Albano da Silveira Pinto, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos.

O Sñr. Director da Classe de Sciencias Naturaes leo o Parecer da Classe ácerca dos Estatutos da Sociedade Agricola de Santarem, que tinhão sido mandados á Academia para sobre elles dar o seu parecer, recommendando brevidade.

Approvou-se o parecer, e assignou-se a Consulta de remessa para o Governo.

O Sñr. Director da Classe de Sciencias Exactas propoz, em nome da Classe, para Socio Correspondente da Academia o Sñr. João Ferreira Campos, Lente da 1.ª Cadeira da Escola Polytechnica.

SESSÃO LITTERARIA DE 30 D'OUTUBRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão os Sñr.es Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Vice-Secretario, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, José Cordeiro Feio, Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Recreio, Barão de Reboredo, Fortunato José Barreiros, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, e Agostinho Albano da Silveira Pinto, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos; Antonio Maria da Costa e Sá, Socio Livre; Manoel Antonio Ferreira Tavares, Antonio Caetano Pereira, e Carlos Bonnet, Socios Correspondentes. Assistio á Sessão o Sñr. Marquez de Rezende.

MEMORIAS LIDAS.

O Sñr. Antonio Caetano Pereira continuou a ler a sua *Memoria sobre a Inscripção achada em volta da Cruz de S. Thomé.*

O Sñr. Marquez de Rezeude leo uma

Memoria sobre quatro Cartas Geographicas antigas, e manuscriptas em pergaminho, que se achão no Conservatorio Militar de Mappas em Munich.

Ha mais d'um anno que fiz constar á Academia Real das Sciencias de Lisboa, por entremeio do seu illustre Secretario Perpetuo, que no Conservatorio Militar de Mappas em Munich existião quatro, mui antigos, e manuscriptos em pergaminho, os quaes, tanto pelas inscripções portuguezas e latinas dessiminadas em todos elles, como por outras não menos interessantes indicações que contêm, em referencia aos nossos Descobrimentos e Dominios Ultramarinos, me pareceo que talvez valessem a pena de ser copiados por conta desta Academia. Não tardando ella em manifestar-me, pela mesma via, o desejo de ver e examinar primeiro as mencionadas inscripções para depois tomar, com perfeito conhecimento de causa, uma conveniente resolução, tambem eu me não demorei em pedir á autoridade competente a licença, que facilmente obtive, para se poder tirar aquella copia. Acontecendo, porêm, que os ditos Mappas se achassem, a esse tempo, em poder d'um artista que se encarregára de restaura-los, e que este trabalho difficil, que só em fins de Julho deste anno pôde concluir-se, permitisse apenas que eu podesse terminar o meu mui poucos dias antes de me pôr a caminho para este Reino, só hoje me é possivel dar conta á Academia daquella commissão, que muito folgaria de ter desempenhado bem, em seu serviço.

Os Mappas de que se trata, e dos quaes o Professor Hoefler deo, nos N.os 116 e 117 do jornal intitulado = *Gelehrte Anzeigen* =, *Annuncios Scientificos*, publicado pela Academia Real das Sciencias de Munich, uma pouco exacta e mui defficiente noticia, estão delineados em grandes folhas de pergaminho de differentes dimensões, e ornados de ricas e curiosas illuminuras que, logo á primeira vista, mostrão ser obra romana do começo do decimo sexto seculo, e, por assim dizer, adorno obrigado dos manuscriptos d'importancia destinados ás personagens de maior consideração, naquelles tempos.

Como no fim do 1.º Mappa, que é o que contém mais e melhores illuminuras, se lêem as seguintes palavras = Salvat de Palestina en Mallorques en lāy MDXI = deo isto motivo a que, no catalogo (hoje impresso) do Conservatorio, onde estas Cartas Geographicas estão depositadas, se désse aquelle individuo por autor de tres daquelles Mappas, o primeiro dos quaes é muito mais antigo do que aquelle era; marcando-se o sobredito anno como data da feitura dellas, sem reparar que no mesmo Mappa, onde estão escriptas as palavras que citei, vêm Constantinopla indicada como Côrte do Imperio Grego que acabou em 1453. Fazendo eu esta observação ao General Van den Mark, Director daquelle Estabelecimento, disse-me que, tendo visto aquelles Mappas n'um canto da Bibliotheca Publica de Munich, e tendo-os reclamado, como objectos que mais propriamente deverião pertencer ao Conservatorio das Cartas Geographicas, não fizera, todavia, grande caso destas senão depois que o Instituto de França pedio licença para as fazer copiar, o que tivera logar poucos mezes antes desta conversação. Não é menos notavel que o Professor Hoefler, pondo em problema, que não resolveo, como promettêra, *em que tempo serião realmente feitas as referidas Cartas Geogra-*

phicas, se limitasse a mencionar a observação vaga do Professor Fafel de Stuttgard, o qual, vendo aquellas Cartas, disse *que lhe parecia que o autor seguira na delineação dellas um roteiro antigo*, por elle publicado ha pouco tempo. Menos versado n'aquella materia do que o Professor Fafel, não ousarei impugnar o seu, bem que vago, e algum tanto precipitado parecer, abalançando-me apenas a dizer que as Inscripções, sem duvida setenta annos mais recentes, do que as Cartas Geographicas que dellas estão semeadas, forão, a meu ver, traçadas por mão portugueza, e que Salvat de Palestrina, cujo nome se acha na primeira, e que provavelmente foi natural da Cidade do seu appellido, nos suburbios de Roma, onde na era, tambem alli marcada, floreceo a pintura d'illuminação, que o nosso Francisco d'Ollanda de lá trouxe a Portugal, foi tão somente o artista que fez os debuxos que adornão aquelles Mappas, cuja magnificencia, bem como a designação que nelles vem exarada da Ilha de Maiorca, me induzem a crer que fossem offerecidos a Fernando V o *Catholico*, passando depois da sua morte para Carlos V, que, talvez, os enviasse ao famoso Cosmografo Conrado Peutinger d'Augsbourg, que muito ajudou este Principe nas suas emprezas maritimas, e cujos thesouros scientificos, e litterarios, vindo a cahir nas mãos dos Jesuitas, onde infructuosamente jazerão por espaço de mais de dous seculos, viessem, em consequencia da abolição daquella celebre Sociedade, augmentar a collecção de raridades = Cimelien Sammlung = annexa á Bibliotheca Publica de Munich, formada em grande parte dos despojos opimos das duas Cidades Irmãs, Augsburgo e Nuremberg.

Tendo exposto as conjecturas que fiz sobre estas Cartas Geographicas de que fallo, e lisongeando-me de que estas supposições tivessem a approvação do Doutor

Schemeller, e do Barão Maximo de Freiberg, Juizes competentes de todas as questões archeologicas, passarei agora a fazer a descripção de cada um dos quatro Mappas em separado.

O 1.°, que é o mais interessante, e o menos volumoso, comprehende toda a Europa, a parte anterior da Asia, e a Africa até ao rio de Gambia. Inglaterra, Escocia, e Irlanda, achão-se ali apenas designadas pelos seus respectivos Escudos d'armas. Na Peninsula Scandinavia não se vêm brazões; e no desenho da Costa do Baltico notão-se muitos e não pequenos erros. Hespanha, França, Alemanha, Hungria, Polonia e Bohemia unidas: Russia, e Tartaria, estão personalisadas nos retratos dos Soberanos que no começo do seculo decimo sexto reinavão naquelles Estados, e pelos respectivos Escudos d'armas. Differentes bandeiras e debuxos de Cidades assinalão Barcellona, Avinhão, Genova, Veneza, e Roma. Varias outras bandeiras farpadas cobrem Senya no Adriatico, Raguza, e Thessalonica. A ilha de Corsega vem indicada como dominio Genovez, e as de Maiorca, Sardenha, e Sicilia como possessões aragonezas. Os Archipelagos do Mar Negro e do Mar d'Azoff escritos com a maior perfeição. Nem uma só das oitenta ilhas de que o Mar Egeo dos antigos está lageado deixa de vir ali indicada; circunstancia tanto mais digna de notar-se, quanto é certo que não se acha, pelo menos, eu ainda não vi um unico Mappa moderno onde estes cardumes de ilhas estejão tão fielmente retratados.

Sobre o já então grande emporio de Galata, e por cima de Tana, e Savastropoli, vêm-se como agitadas pelo vento, as bandeiras da famosa Republica mercantil de Genova; e sobranceiro ao Bosforo de Thracia, apparece ainda brilhante o Estandarte Grego Byzantino sobre Trebisonda, e Constantinopla. Á entrada do golfo de Ma-

ri, Rhodes; tambem ainda Christã, e inimiga do poder Othomano, ostenta a bandeira dos Cavalleiros de S. João le Jerusalem. A ilha de Scio está amparada da bandeia genoveza; e o Turco conserva-se indolente na Asia nenor. Sicilia, Chypre, e outras muitas ilhas da Europa, estão designadas, não sei bem porque, com tintas e differentes côres, que não correspondem ás que marão os Estados, de que cada uma destas ilhas erão perenças naquella epoca.

Na Africa vêm-se os retratos do Preste João da ndia, do Rei d'Urgana, do Rei de Nubia, do Rei de iuiné, e do Soldão de Babylonia. É notavel que a fiura do penultimo se pintasse ali tão alva como a dos Europeos. Uma bandeira verde com flammula está sobre Cabo Bojador. Duas bandeiras Portuguezas cobrem Tara; e Ceuta. Uma bandeira Castelhana está sobre Meilla; outras em que se vê uma especie do que vulgarnente se chama *Sino Samão* estão sobre Argel, e Zedi-ho nas Syrtes. Uma bandeira aragoneza cobre Bugia: as duplas meias luas Othomanas estão por cima de Tuies, e uma só meia lua está junto a Capis. Tripoli está debaixo d'uma bandeira aragoneza: outra bandeira ranca com franjas azues cobre Colometa; e uma só meia ua sobre um ponto que ali vem designado *Lucho*, que ião encontrei em Diccionario algum Geographico. Ao Oeste apenas vem notadas as ilhas dos Açores, as Canarias, e Cabo Verde, todas debaixo da bandeira Portugueza. Detraz da *Islandia* vê-se apparecer a *Zelandia*; e, no meio destas ilhas, duas designadas pelos nones de *Porlandia*, e *Neonia.* Ao Oeste de Islandia vêm narcado o Brasil; e ainda mais ao Oeste, entre o Brail, e a ilha Terceira, vêm descripta uma denominada *Maydj*. Está depois a inscripção, em que já fallei, con-

tendo as seguintes palavras : *Salvat de Palestrina en Mallorques en lày MDXI.*

Differentes notas historicas marcão o descobrimento da embocadura do rio Gambia em 1446, a união da Bohemia com a Polonia no reinado de Casimiro IV em 1437, e no de Ladislau em 1471: a independencia de Trebisonda em 1461, e a de Constantinopla em 1453: a perda, que os Genovezes experimentárão da ilha de Caffa em 1477, e da de Scio em 1566, por onde se vê que estas inscripções forão, como já disse, feitas posteriormente ao desenho do primeiro Mappa.

A parte deste em que se achão descriptas as costas do Mar Negro, do Mediterraneo, e do Oceano, tem um valor muito mais subido. Não ha uma só ilha, um só porto, por mais pequeno que seja, um rochedo, ou um banco de arêa, que ali não esteja exactamente marcado, o que me faz crer que esta Carta foi feita para uso dos navegantes. Seria para desejar que a grande quantidade de nomes que ali se achão escritos ao longo das referidas costas fossem maduramente examinados, e attentamente comparados com as datas conhecidas.

O segundo, e para nós sobre tudo, mui interessante Mappa presenta o quadro dos descobrimentos e das conquistas dos Portuguezes na Costa Occidental d'Africa, desde o rio de Manicongo até ás Malucas, achando-se apontadas onde não tocárão os nossos, notando-se com outros sinaes as terras onde elles forão; indicando os traços de côr verde as distancias que elles percorrêrão no Sertão, não sendo, todavia, mui claro, se a côr azul marca as possessões Portuguezas, e a vermelha os Dominios dos Turcos.

Lè-se neste Mappa o nome de = Vasco =, e achando-se ali apenas indicada a Costa de Bengala, o ultimo

lugar na Costa d'Africa que nelle vem notado é *San Capuca.*

Vem marcado neste Mappa todo o Mar Vermelho, e parte do Persico. Todas as Costas, todos os bancos de arêa, e todos os escolhos, achão-se igualmente ali notados com a maior exacção. Os estabelecimentos dos Portuguezes estão indicados com as nossas bandeiras. Este Mappa tem cinco pés de largo.

O 3.° Mappa tem tambem bastante importancia pelo que toca á Africa e á America. Na Costa Occidental da India lê-se = *Antilhas de Castella* =, marcando-se no Continente Americano a parte da Costa que corre do Cabo de Santa Maria até ao Cabo Mosquito. Vem depois um espaço em que apenas se vê notado com côr verde um pequeno territorio para a banda do Norte, reconhecendo-se bem distinctamente a Costa da Florida, e atrás della está uma inscripção que diz = Terra di mini. = Depois d'outro espaço totalmente em branco para a banda do Norueste, tornão a vêr-se traços verdes, um com direcção ao Norte, outro para a parte do Oriente, e na extremidade do primeiro traço, que fica para o Sul, lê-se a seguinte nota = terra que foi descoberta par bertomês = dando-se, n'outra inscripção, a esta mesma terra a denominação de = Bacaluaos =. Vem depois a inscripção que se segue: = terram istam Gaspar corte Regalis portugalensis primo invenit et secum tulit homines silvestres et ursos albos. In ea este maxima multitudo animalium et avium neç non et pescium, qui anno sequente naufragium perpessus nunquam rediit, similiter et fratri ejus micaeli anno sequente contigit =. Sobre o outro traço lêm-se estas palavras = do Lavrador =, e detraz desta nota está a seguinte — terram istam portugalenses viderunt atamen non intraverunt —.

Vem neste Mappa indicado o Isthmo de Panamá, e

álem delle, do lado do Occidente, vêm-se navios, e lê-se uma inscrição que diz — Mar visto pelos castelhanos — E ao soslayo lê-se: — Brasill —, e a inscripção seguinte: — hanc terra (sic) magis australiorem brasilli ligno quod ab ea copiose defertur nuncupatam case de emanuelis portugalie regis inventam anno salutis 150. Contingens vero occidentalis cum suis insulis adjacentibus colombus Januensis auspitio Ferdinandi et elizabe Castelle regum nobis cognitum fecit anno partus virginis 1492. In utraque earum viri simul et femine non aliter quam eos mater peperit ire assueverunt. In eis arbores, herbe, animalia, abesque que nostris dissimilles quam (sic) solus Ysidorus ethymol. libr. 14 c. 5 memorat dicens extra tres autem partes orbis quarta partes ... trans occianum interior este in meridie que solis ardore nobis incognita est etc. —.

No Mappa da Asia estão marcadas, para a parte de Oeste varias ilhas com a nota seguinte: — ilhas de maluqua domde vem ho crabo —. Ao norte destas ilhas está marcado um grande pedaço de terra e as ilhas *barrºyas* e *labatianias*, bem como as do Japão, debaixo do nome da de Chis que não é a principal.

A Asia Meridional está exactamente descripta até á Costa da China (a ilha Cabe é a ultima mencionada), estando todos os dominios Portuguezes indicados com a nossa bandeira. Designão-se, entre estas ilhas, a de Camatara, as ilhas dos *Gaos* (como pertença de um estado diverso daquelle a que estava annexa a ilha de Java), Simbaba; a ilha do Fogo, e Ceilam, indicada como productora do ouro. Vem depois Malaca, Cosmim, Bengala, indicando-se, em vez do Ganges, o rio *Bramapútra* cuja corrente vem marcada do Norte ao Sul. Seguem para o Oeste Cochim, Calecu, Anor, as Ilhas de Goa, Cauldiu, a formosa e aurea Ormuz e Baharem, todos

cobertas com bandeiras portuguezas. A parte interior da Asia, a Persia e a Mesopotamia estão confusamente descriptas, não se distinguindo mais do que os sinaes que indicão o curso dos rios, e alguns traços verdes. Vê-se neste Mappa a bandeira Othomana já erguida sobre a antiga Côrte do imperio Bysantino. Uma bandeira imperial, que tem no centro uma Aguia em campo de ouro, está arvorada para a parte da Russia, que ali vem designada pelo nome de — Uroda. — Outra bandeira imperial onde se lê — Alemanha — está ao Norte de varias regiões denominadas *Filape*, *Poilalant*, *Cujelant*, *Umalant*, *Suecia*, *Gallia*, e *Noroega*. Em todos os outros pontos pode dizer-se que a Europa está neste Mappa situada correspondentemente á Asia e á Africa.

Do lado da Africa estão as oito inscripções seguintes, a saber:

Para a parte do Occidente

1.ª = Athlas mons major qui cum ceteris montibus sibi junctis vulgariter montes claros. In quibus maxime populationes et civitates et maxime belatores per valles istius montis. Sara (ceni) et susmanri vadunt mercatores ad terram Regis meli pro auro nec non ad civitatem suam sanctam mecham =.

2.ª = Rex meli dominus quoque guynee et zeneguey potens est valde propter habundanciam auri quod ibi invenitur ethiops niger et crispus cum omni populo suo et mohametanus =.

3.ª = Rex organa potens et amicus christianorum bellaque continue gerens contra arabes vel potius alaibes silvestres et contra regem nubie habundant in dactilis et auro; terra que sua quasi tota est arenosa. Ethiops niger cum omni populo suo =.

4.ª = Rex nubie potens valde et male fame tamquam semper qui belat Christianos abassinos. Ethiops niger cum omni populo suo. =.

Para a parte do Norte, e ao lado da 1.ª nota está

5.ª = Soltan rex egipti babilonia cayri potentissimus et dominus multarum gentium et terrarum seu egipti terre sancte et civitatis Iehurusalem (sobre a qual tremula a bandeira de Genova) et meche Arabie felicis deserte ac petre. —.

Á ilharga desta, e sobre o mar vermelho lê-se a

6.ª —Hic filii israel ex egypto sicco pede pertransierunt mare istud rubrum dicunt quod abet aliqua litera rubra et tempore tempestuoso mare istud efficitur aliquantulum rubrum a quo et nomen sortitum est.—

No meio está a

7.ª — Rex abissie potentissimus et christianus habens sub se reges et duces cujus dominium se extendet usque ad rubum ex una parte et altera usque ad provinciam magnam manicongo quam nos falso nomine vocamur presbiterum Jeanem dimique Indie (sic). Ethiops niger et crispus modicum tendens e albedinem—.

Á ilharga da Bahia de Guiné lê-se a

8.ª —Manicongo provincia maxime que auspicio divi Regis Joanis Portugalie, fuit inventa. Cujus rex audiens virtutes dicti regis volens que ei conformari in omnibus fecit se et populum suum baptizari cui Rex Por-

tugalie demmisit maxima dona et etiam eaque ad fidem pertinent ditissiam nec non sacerdotes et religiosos etc. hec provincia habet magna deserta arenosa. In quibus degunt per maxime serpentes. Ethiops niger cum omni populo suo, proximis vero annis habuit bellum cum rege abassie Christiano =.

Quando eu, debaixo de uma das mais medonhas trovoadas que vi em Munich, copiava estas inscripções no Conservatorio Militar dos Mappas, não pude, apesar da grande impressão que me fazem aquelles phenomenos, deixar de me rir, considerando que, no Seculo dos Medicis, em que brilhárão os Aldos, os Bembos, os Sadolets, os Erasmos, o nosso Osorio, e tantos outros justamente chamados Ciceronianos, houvesse um homem, tão desamparado das Graças Latinas, que escrevesse em latim tão macaronico.

Tornando a tomar o fio do meu discurso, direi que o 4.° Mappa, que tem de tres a quatro pés de comprido, comprehende o espaço que vai do Polo Artico, ou antes da região ali denominada *Engronelant*, até á ponta meridional da Africa, e desde a Costa Oriental da Africa até ao rio do Infante. A Leste está indicado o Sino Arabico: ao Oeste estão marcados alguns pontos do Brasil desde o Rio de *Camanca* até ao Cabo de S. Roque. Não se encontra ali a menor indicação da India Occidental, salvo a America do Norte, que vem designada pelo nome de = terra de corte reall =, nome do famoso navegante Portuguez que a descobrio, marcando-se todos os pontos onde elle parece ter tocado desde o Cabo da Conceição, que fica ao Sul, até á Bahia de *Santa Cyria* (Lucia naturalmente quiz dizer), *Cabo de Santo Antonio*, *Rio da Rosa*, *Frei Luiz*, *Ilha encorporada*, *e Baixos do meio*. Tambem vem descripta parte da *Groenlandia*,

propriamente dita, o *Cabo de Mirame* e *Lexame*, e *Cabo do Espirito Sancto*, e o *Cabo de S. Paulo*.

Estão tambem marcadas com grande exacção, e carregadas de nomes proprios, as Costas da Europa, Asia, e Africa. Do lado d'Oeste está esta Carta Geographica traçada de maneira a poderem marcar-se nella os descobrimentos modernos dos Portuguezes na America, e na Africa. A meu ver, este Mappa deve ter sido traçado antes do celebre tratado de Tordesilhas.

Tenho concluido a descripção dos quatro Mappas existentes no Conservatorio Militar de Munich; e não posso deixar de exprimir neste lugar o sentimento que tenho de que elles não hajão sido ainda bem examinados por varias pessoas intelligentes na materia, as quaes, cotejando-os com um Atlas manuscrito sobre pergaminho, que se acha na Bibliotheca da Universidade de Munich, e com o bello Mappa-Mundi, tambem manuscrito, e feito em 1506, que se acha na Collecção de raridades annexa á Bibliotheca Publica de Munich, adiantassem com perfeito conhecimento de causa mais algumas observações ás que ficão expendidas nesta Memoria.

DONATIVOS.

Tables des Comptes rendus des Séances de l'Académie des Sciences (Instituto Nacional de França]. Deuxième semestre. 1849. — Tomo 29. — 4.° grande. — 1 vol.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences. — 1850. — Deuxième semestre. — Tomo 31. — N.ºs 1, 2, 3, 4, e 5. — 4.° — 5 N.^{os} — Offerecido pelo sobredito Instituto.

The Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britan et Ireland. — Vol. 12, Parte 2.ª — London 1850. 8.° — 1 vol. — Offerecido pela Sociedade Real Asiatica de Londres.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Agosto de 1850.										
Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera
	Min.	Max.	Med.	9ª Man.	3ª Tarde					
1	65	90	77	761,4	759,6		·NE—N	○	○	Calor intenso.
2	69	92	80	59,4	57,6		NE-SO-NO	○	○	Idem. atmosphera vaporosa..
3	69	91	80	58,2	56,0		B SO N^1	○	○	Idem.
4	68	93	81	56,2	54,3		B—V·	⊜	⊜	Calor intenso; apparencia de trovoada.
5	66	83	75	57,3	56,7		B ^{1}SO NO·	○	○	Idem.
6	65	77	71	61,0	61,7		^{2}N^1	○	○	Chovisco de noite.—Extremos do dia, frescos.
7	58	83	71	61,8	62,2		^{1}N ^{1}NO	○	○	
8	60	82	73	59,8	59,3		^{2}N	○	○	Ar muito secco.
9	62	84	70	60,0	57,7		^{1}N	○	○	Vento tempestuoso.
10	61	79	68	61,2	60,2		^{1}N	○	○	Idem.

Dias do Mez	Temper. Exterior Min.	Temper. Exterior Max.	Temper. Exterior Med.	Barometro 9h Man.	Barometro 3h Tarde	Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera.
11	60	76	66	59,7	59,2		4N	⊜	○	Vento tempestuoso.
12	60	72	67	60,5	59,0		4N	◒	○	Idem.
13	60	74	71	57,2	57,0		3N	⊜	○	
14	60	82	71	57,2	56,4		2N	○	○	
15	63	85	74	57,4	56,4		B—N	○	○	
16	67	90	78	59,7	57,5		NO—N	○	○	
17	70	95	82	58,9	58,7		E—N	○	○	
18	70	95	82	58,4	58,1		NE—N	○	○	
19	68	81	79	59,7	58,7		B—SO	○	○	
20	62	73	67	59,2	58,5		NO—N	⊜	○	
21	63	73	68	57,5	58,0		NO	◒	○	
22	60	68	64	55,3	56,0	7	SO—N	●	○	Chuva de manhã.

= Direcção media do vento dominante N 150 (12,
= Madrugadas bonançosas 10.
= Meios dias ventosos 20.
= Ditos tempestuosos 7.

Estado da Atmosphera.

Meios dias claros 19 — Claro e nuvens 9 — Cobertos 2 — Dias em que choveo 2, fornecendo a escassa quantia de 8 millimetros, que é normal á costumada seccura deste mez — Nevoeiro 1 — Dias de calor intenso 15, sendo assás violentos 10.

Phenomenos notaveis.

Os ventos tempestuosos do N, que soprárão de 10 a 13, causárão muitas desgraças e avarias no Tejo, seccando ao mesmo tempo as folhas das arvores e das plantas.

Mortalidade em Lisboa.

Sexo masculino	—193	maiores	—181	menores	—tot.	—	374
Dito feminino	—181	ditos	—151	ditos	—dit.	—	332
Sommão	374	ditos	—332	ditos	—dit.	—	706

Em cujo numero se comprehendem 318 fallecidos nos hospitaes, sendo 149 menores procedentes da Mi-

sericordia, ou dos que se depositão nos adros das Igrejas, sendo por consequencia a mortalidade deste mez quasi igual á normal, excedendo-a porêm em 6 centesimos.

M. M. Franzini.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Setembro de 1850.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera
	Min.	Max.	Med.	9ª Man.	3ª Tarde					
1	66	82	74	759,5	757,7		NE·—SO·	⊖	○	Calmoso. — Relampeja á noite.
2	67	86	76	59,3	58,8		SE·—V·	○	⊖	Calor intenso — apparencia de trovoada.
3	66	88	77	58,8	57,2		E· SO· NO·	⊖	○	Idem.
4	68	88	78	58,5	57,6		NE SO NO	○	○	Idem.
5	67	92	79	59,0	58,4		B SO· ·NO	○	○	Atmosphera vaporosa, e calor intenso.
6	68	92	80	60,1	60,6		V·—SO·	○	○	Idem. Idem.
7	67	87	77	62,4	61,8		2N2	○	○	Idem.
8	65	80	72	61,9	59,7		1N2	○	○	Madrugada fresca.
9	61	81	71	58,6	57,8		N	○	○	Idem.
10	60	78	69	59,5	57,6		B —NO	○	⊖	

Dias do Me[z]	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9h Man.	9h Tarde					
11	65	80	72	55,3	55,0		V·—·SO			
12	60	74	67	57,2	57,1		B—^{1}SO			
13	63	75	69	57,1	57,0		B—SO			
14	65	76	70	54,3	53,3	36	·SE—SO			Chuva abund., e forte trovoada com alg. raios.
15	62	78	70	51,6	51,4		V·—·NO			Trovoada remota que se desfez.
16	60	76	68	54,2	54,0		V·SO ·NO			
17	63	79	71	56,2	56,3		·E SO NO			
18	61	75	68	58,5	58,0		V·—SO			Sol ardente. — Trovoada remota ao SE.
19	59	75	67	56,0	54,0	33	^{1}SO^{2}			Chuva abundante e serena de tarde.
20	57	73	65	52,2	53,8		·O			
21	57	71	64	58,9	58,9		·O			
22	61	66	63	57,1	56,4	4	^{2}SO—^{1}NO			

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera.	
	Min.	Max.	Med.	9ʰ Man.	3ʰ Tard.				
23	57	71	64	59,6	58,9		²N—NO		
24	55	75	65	60,9	59,8		²N—²NO		
25	63	74	68	59,9	59,4		²N		
26	54	72	63	60,7	60,3		NO—¹N		
27	60	71	65	63,8	62,8		¹N¹		
28	58	79	68	65,0	64,0		²N		
29	58	74	66	63,7	61,8		B—¹N		
30	59	72	65	61,7	61,2		²N²		
Med.	61,7	78	68,7	758,7	758,0	73	N SO NO		Temp. normal, com intensos calores no principio. — Chuva abundante de trovoada.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE SETEMBRO DE 1850.

Temperaturas.

Minima a 26 do mez	54°
Maxima a 5 e 6......	92
Media	68,7
Variação med. diurna . .	16,3
Maxima dita a 5	25

Barometro na tp.ª de 63°

Maxima altura a 28 do mez	764,5	Variação dos extremos 13,9 m.
Minima a 15	750,6	
Media..................	757,7	

Ventos dominantes e sua força.

1,1 0,5 0,2 0,6 0,3 0,2
N,18 = NO,7 = O,4 = SO,14 = NE,2 = E,1
0,2
SE,2 = V ou B,12

=Direcção media do vento dominante N 49°O (0,7).
=Meios dias ventosos 12.

Estado da Atmosphera.

Meios dias claros 34 — Claro e nuvens 4 — Cobertos 7 — Cobertos e clarões, 9 — Dias em que choveo 3, fornecendo 73 millimetros de agua, ou o duplo da chuva normal deste mez: porêm cahindo accumulada em duas grandes porções por effeito de trovoada, e por isso mal distribuida no solo, extremamente secco pelos calores do estio. — Trovoadas duas a 14 e 15 — Dias de calor notavel 14, contando-se 6 mui intensos.

Mortalidade em Lisboa.

Sexo masculino	191	maiores	137	menores	tot.	328
Dito feminino	175	ditos	135	ditos	dit.	310
Sommão	366	ditos	272	ditos	dit.	638

Em cujo numero se comprehendem 284 fallecidos nos hospitaes, sendo 119 menores procedentes da Misericordia, ou dos que se depositão nos adros das Igrejas, e por tanto a mortalidade quasi igual á normal, excedendo-a sómente em quatro centesimos.

M. M. Franzini.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Outubro de 1850.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9ª Man.	3ª Tarde					
1	56	70	63	762,3	761,5		¹N·—·NO			
2	62	74	68	61,2	60,6		·N—·NO			
3	61	75	68	59,8	57,6	1	N—SO			Peq.ᵒ chuvisco, e Nevoeiro de t.— tepid. e hum.
4	64	73	68	56,8	57,0		V·—¹NO			Idem.
5	57	65	61	61,3	61,2		¹N			Muito fresco e secco.
6	55	70	62	63,4	62,8		¹N—¹NO			
7	61	76	68	62,7	60,4		N			Calor intenso e sol ardente.
8	58	76	66	58,5	57,0		·V			Idem.
9	60	80	70	55,2	55,1		¹NE—·SO			Idem.
10	63	79	71	54,2	53,6		NE—E			Idem, atmosphera carregada.

Dias do Mez	Temper. Exterior Min.	Max.	Med.	Barometro 9h Man.	3h Tarde	Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera.
11	70	83	76	53,0	53,3		·NE—·E	Calor violento, e atmosphera carregada.
12	69	67	68	56,3	56,4	1	¹NE	Pequenos choviscos.
13	60	73	66	54,4	53,2		¹SE	Idem inapreciaveis.
14	62	72	67	53,5	52,4	4	¹SE	Muito tepido e humido.
15	62	73	67	54,2	55,0	6	B—· SE	Idem.
16	64	76	70	56,0	55,2	1	·S—·V	Pequenos chuviscos.
17	63	72	67	56,6	56,1	24	· SE	Chuva abundante todo o dia.
18	60	74	67	58,8	58,0		·E—·N	Nevoeiro matutino.
19	60	75	67	59,0	57,5		·N	Calmoso, e sol ardente.
20	62	79	70	57,1	54,8		NE—NO²	Idem. Idem.
21	57	63	60	54,8	54,0		²N¹—¹NO	Muito fresco.
22	50	60	55	53,3	53,5		¹N¹	

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9h Man.	3h Tard.			
23	46	60	53	55,3	52,8	2	¹N—O	Pequenos chuviscos.
24	52	61	56	49,4	49,8	3	¹O—NO	Aguaceiros brandos.
25	52	62	57	48,6	49,5	2	NO	Idem.
26	48	60	54	54,7	55,4		NO—N	
27	47	61	54	59,7	59,5		N¹	
28	49	61	55	64,5	63,0		·N'/	
29	55	66	60	60,2	58,4		NO	Aguaceiros inapreciaveis.
30	52	66	59	59,0	58,5		NO²	
31	56	71	63	63,0	62,5		²N·	
Med.	57,8	70,1	63,3	757,3	756,6	44	N NO NE	Temp. normal, pouco chuvoso, e pouco ventoso.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE OUTUBRO DE 1830.

Temperaturas.

Minima a 23 46
Maxima a 11 83
Media 63,3
Variação med. diurna .. 12,3
Maxima dita a 9 20

Barometro na tp.ª de 63°

Maxima altura a 28	764,4	Variação dos extremos 15,9 m.
Minima a 25	748,5	
Media	756,5	

Ventos dominantes e sua força.

0,7 0,6 0,6 0,2 0,2 0,6
N,22 = NO,14 = O,2 = SO,2 = S,1 = NE,6
0,2 0,5
E,3 = SE,7 — V ou B,5

== Direcção media do vento dominante N 2°O (0,6);
— Madrugadas bonançosas 17.
== Meios dias ventosos 7.
== Breve tempestade de NNO a 21.

Estado da Atmosphera.

Meios dias claros 25 — Claro e nuvens 4 — Cobertos 10 — Cobertos e clarões, 5 — Dias em que choveo 9, incluindo 3 de pequenos chuviscos, fornecendo na totalidade a diminuta quantia de 44 millimetros, que equivalem a metade da chuva regular correspondente a este mez — Nevoeiros 2 — Dias de calor notavel 4.

Mortalidade em Lisboa.

Sexo masculino	—193	maiores	—132	menores	—tot.	—325
Dito feminino	—195	ditos	—136	ditos	—dit.	—331
Sommão	388	ditos	—268	ditos	—dit.	—656

Em cujo numero se comprehendem 285 fallecidos nos hospitaes, sendo 118 menores procedentes da Misericordia, ou dos que se depositão nos adros das Igrejas, pelo que a mortalidade foi quasi a normal, excedendo-a sómente em quatro centesimos.

M. M. Franzini.

ACTAS

DAS

SESSÕES

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA.

1850. — N.º VI.

SESSÃO LITTERARIA DE 13 DE NOVEMBRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Recreio, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Fortunato

José Barreiros, Marino Miguel Franzini, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos; Antonio Maria da Costa e Sá, Socio Livre; José Maria Grande, e Antonio Caetano Pereira, Socios Correspondentes.

MEMORIAS LIDAS.

O Sñr. Antonio Caetano Pereira acabou de ler a sua *Memoria sobre a Inscripção achada em volta da Cruz de S. Thomé.*

DONATIVOS.

Revista Militar. — Tomo 2.° — N.° 10. — Outuro de 1850. — Lisboa. — 8.° — 1 N.° — Offerecido pe- Direcção do Jornal.

Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lis-oa. — 2.ª série. — Tomo 7.° — N.° 7. — Mez de Julho e 1850. — 8.° — 1 N.° — Offerecido pela mesma So-iedade.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — .ª série. — Tomo 1.° — N.° 10 — 8.° — 1 N.°

Jornal de Pharmacia, e Sciencias accessorias, de isboa. — 1.ª série — 3.° anno. — Novembro de 1850. — .° — 1 N.° — Offerecido pelo Sñr. José Tedeschi.

Noticia Biographica do D.or José Francisco Valora-), *pelo* D.or José Maria Grande. — Lisboa 1850. — 8.° - 1 exemplar. Offerecido por seu Autor.

Ensaio Biographico-Critico sobre os melhores Poe-s Portuguezes. Por José Maria da Costa e Silva etc. — omo 1.° — Lisboa 1850. = 8.° — 1 vol. — Offerecido r seu Autor.

ASSEMBLEA EXTRAORDINARIA D'EFFECTIVOS DE 18 DE NOVEMBRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Recreio, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Fortunato José Barreiros, Marino Miguel Franzini, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos.

O Sñr. Director da Classe de Sciencias Naturaes, como Presidente da Commissão encarregada d'examinar o Herbario da Flora Lusitana do Sñr. D.or Welwitsch, apresentou o parecer da Commissão sobre os nove Fasciculos do mesmo Herbario, que completão a 2.ª parte delle, e comprehendem 23 familias pertencentes ás Dicotiledoneas, que fazem a 3.ª parte. Decidio-se, que se desse ao Sñr. D.or Welwitsch o restante da segunda pre-

ação, que lhe compete receber pela compra do referido Ierbario.

Foi nomeado o Sñr. José Maria Grande para prencher o lugar de Membro da Commissão encarregada do xame do Herbario, vago por falecimento do Sñr. Francisco Thomaz da Silveira Franco.

SESSÃO LITTERARIA DE 27 DE NOVEMBRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Recreio, Fortunato José Barreiros, Marino Miguel Franzini, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; Antonio Maria da Costa e Sá, Socio Livre; e Antonio Caetano Pereira, Socio Correspondente.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario:

1.° Uma Portaria expedida pelo Ministerio do Reino, em 25 do corrente, enviando os Estatutos da S-

ciedade Agricola de Coimbra, para a Academia dar o seu parecer a respeito delles. Foi entregue ao Sñr. Director da Classe de Sciencias Naturaes.

2.° Uma Carta do Sñr. Duran de Nice, datada de 2 d'Outubro ultimo, em que participa mandar á Academia uma obra por elle composta sobre a Physica geral, que sujeita ao juizo da Academia.

O Secretario declarou não ter ainda recebido esta obra.

3.° Outra Carta do Sñr. Martius pedindo á Academia a sua opinião relativamente á sua obra sobre as Palmeiras.

Assentou-se, que o Sñr. Bernardino Antonio Gomes fizesse um relatorio sobre esta obra.

MEMORIAS LIDAS.

Leo o Sñr. Francisco Freire de Carvalho a traducção das seguintes tres Cartas de Plinio Segundo:

Livro 7.° Carta 27.ª Plinio a Sura.

O ócio, de que estamos gozando, offerece-nos occasião a mim de aprender, e a ti de me ministrares ensino: Desejo pois saber, se existem fantasmas, se tem

uma figura propriamente sua, e se julgas serem elles alguns entes sobrenaturaes; ou antes cousas sem realidade e imagens vãas, filhas do nosso medo. Eu acredito na sua existencia; primeiro que tudo, pelo que ouço acontecêra a Curcio Rufo: No tempo, em que era ainda homem apoucado e obscuro, adherîra, como simples companheiro, a um Governador da Africa; passeando alli em certa occasião ao escurecer debaixo de um portico, appareceo-lhe a figura de uma mulher de estatura e belleza mais, do que humana, ao qual extremamente aterrado disse: *Ser a Africa, anunciadora de cousas futuras: que elle voltaria para Roma, onde seria condecorado com honras: que tornaria depois para esta mesma provincia com o summo imperio, e que aqui findaria os seus dias.* Tudo assim se verificou; pois conta-se, que, tendo chegado a Carthago, ao desembarcar lhe sahíra ao encontro na praia esta mesma imagem: o certo é, que elle, tendo adoecido, agourando o futuro pelo que se tinha já passado, e das prosperidades inferindo eminentes desgraças, sem que nenhum dos seus desesperasse da cura, perdeo toda a esperança de convalescer. — Mas não será mais terrivel ainda, e não menos maravilhoso o, que vou contar-te do mesmo modo, que o tenho ouvido? — Havia em Athenas uma casa espaçosa e de grandes commodos, porêm infamada e pestifera: Della se dizia, que no silencio da noute se ouviam alli soar ferros; e, se alguem prestava maior attenção, ouvia a principio o estrepito de cadeias soando ao longe, e depois mais perto: apparecia em seguimento um espectro ou figura de um velho magro e esqualido, de comprida barba e cabello ouriçado, com as mãos e pés cingidos das cadeias, as quaes fazia soar, batendo umas nas outras. Resultava de tudo isto, que os moradores d'aquella casa passavam tristes e crueis noutes, por causa das vigilias, a que o

medo os obrigava: á vigilia seguia-se a doença, e, crescendo o medo, logo após a morte; porquanto, ainda mesmo de dia não apparecendo o espectro, andava sempre diante dos olhos a lembrança d'aquella figura; de maneira que durava o medo ainda mais, do que a causa do mesmo medo. Estava por tanto a casa deserta, condemnada á solidão, e toda eutregue áquelle monstro: isto não obstante, viam-se nella affixados escriptos, a fim de que alguem, ignorando tão grande mal, quizesse ou compral-a, ou alugal-a. Chegou a Athenas o philosopho Athenodoro, lèo os escriptos, e, tendo ouvido o preço, por lhe parecer baixo de mais, perguntou a causa; e depois de bem informado de tudo, sem embargo de taes noticias, isso mesmo mais o resolveo a alugal-a. Apenas começou a anoitecer, manda que lhe façam a cama em um quarto da entrada da casa; pede os preparos para escrever, e luz; e faz alojar a sua familia nos quartos interiores: applica depois toda a sua attenção, olhos e mão ao trabalho da escripta; a fim de que não acontecesse que, tendo o espirito desoccupado, o medo lhe apresentasse á imaginação alguns vãos fantasmas. A principio tudo era silencio, como costuma acontecer durante a noute: começou depois a ouvir tinir ferros, e a agitarem-se cadeias; elle porèm não levantava os olhos da escripta, não depunha o ponteiro; mas, cada vêz mais animoso, fazia por não dar ouvidos áquelles sons: então sente augmentar-se o estrepito, aproximarse já como visinho á porta, já ouvir-se dentro do aposento: érgue os olhos, vê, conhece a imagem, de que lhe haviam fallado: estava ella em pé, e acenava-lhe com o dêdo, como chamando-o. Pelo contrario o philosopho lhe acena tambem com a mão, que espere um pouco, e continúa a escrever; ella porèm fazia soar as cadeias perto da cabeça do, que estava escrevendo: Tor-

na então a olhar para ella, e vendo que o convidava a seguil-a, como da primeira vêz, sem mais demora péga na luz, e segue-a. Marchava ella com passo vagaroso, como carregada de cadeias; e tendo chegado a um páteo da casa, desvaneceo-se, e desappareceo aos olhos do, que a acompanhava. Logo que se vio só, apanhou algumas hervas e fôlhas, e deixou-as para signal n'aquelle logar: appresentou-se no dia seguinte aos Magistrados, e advertio-lhes mandem fazer n'aquelle sitio uma escavação, o que tendo sido praticado, encontram-se n'ella ossos envolvidos em cadeias, restos unicos de um corpo apodrecido e consumido pela terra, e pelo tempo. Juntos que foram estes ossos, e que se mandaram sepultar em logar publico, e feitos os ultimos deveres funebres ao morto, nunca mais este infestou aquella casa. — O, que fica dito, accredito-o na fé dos, que m'o affirmaram: agora o seguinte posso eu affirmal-o: Tenho um liberto, não distituido de lettras, com o qual dormia na mesma cama um seu irmão mais môço: pareceo-lhe, que via alguem assentar-se-lhe sôbre o leito, chegar-lhe á cabeça com umas tezouras, e cortar-lhe no alto della alguns cabellos: apenas amanhecêo, achou-se tosquiado em tôrno do vértice, e os cabellos espalhados pelo chão. Passado pouco tempo, outro caso similhante ao primeiro fêz, que este fosse digno de credito: Dormia um dos meus jovens familiares em companhia de muitos outros na câmara para isso deputada: vieram pela janella (assim é que o conta) dous individuos vestidos de branco, tosquiaram-o estando elle deitado, e retiraram-se pelo mesmo sitio, por onde tinham vindo: quando rompêo o dia, foi elle visto tosquiado, e os cabellos em volta da cama. Cousa nenhuma notavel se seguio a este acontecimento, excepto que não fui accusado de crime algum, o que de certo aconteceria, se a Domiciano, debaixo de cujo im-

perio taes factos tiveram logar, houvesse durado a vidà por mais tempo: porquanto na sua carteira foi encontrada uma accusação, feita contra mim por Caro; podendo d'aqui conjecturar-se, que, por ser costume deixar crescer o cabello aos réos, a cortadura dos cabellos dos meus familiares foi um signal de estar eu livre de perigo. — Rogo-te pois, que appliques agora aqui toda a tua erudição; por ser este assumpto digno de ser muito e profundamente considerado; nem eu sou desmerecedor de que me communiques o grande fundo do teu saber, muito embora tambem, como costumas, discutas este assumpto por todos os lados considerado: declara-te porêm pelo que julgares mais forte: a fim de me não deixares suspenso e incerto, por isso que a razão, por que te consultei, foi para me tirar da duvida. — A Deus.

Livro 8.° Carta 24.ª Plinio a Maximo.

A amizade, que te consagro, obriga-me não a ensinar-te, (pois não precisas de mestre) mas sim a admoestar-te, que retenhas, e pratiques o, que sabes, ou antes, que trates de o saber melhor ainda. Tem sempre na tua idêa, qne foste mandado para a provincia da Achaia, que é a verdadeira e pura Grecia, na qual se crê tiveram a sua primeira origem a civilização, as letras, e até a propria agricultura: Que foste mandado para pôr em ordem o estado de cidades livres, isto é, para governar homens, verdadeiramente homens, e em

posse de plena liberdade; que por suas virtudes, merecimentos, amizades, e finalmente por suas allianças e religião tem conservado o direito, que pela Natureza lhes foi dado. Reverencêa os deoses fundadores, e até os seus nomes: reverencêa a gloria antiga dessa Nação, e a sua mesma velhice, que nos homens é veneravel, nas cidades é sagrada. Honra a sua antiguidade, as suas grandes acções, e as mesmas fabulas. Não attaques em cousa alguma a quemquer que seja na sua dignidade, na sua liberdade, nem ainda na sua vaidade. Tem sempre diante dos olhos, que foi essa terra, quem nos enviou o direito positivo, quem dêo as suas leis não a povos vencidos, mas antes a quem lh'as pedio: Que vais assistir em Athenas, e Lacedemonia, a quem arrancar-lhe o, que lhes resta da sombra, e dessa pouca liberdade, cujo nome ainda conserva, cousa é dura, cruel e barbara. Repara nos medicos, que, comquanto nas doenças não façam differença entre homens livres e escravos, tratam aquelles comtudo com maior brandura, do que os escravos. Recorda-te do que tem sido cada uma das cidades; mas não para as desprezares por ter deixado de ser o, que foi outr'ora. Longe de ti o orgulho, e a aspereza; nem receies por isso o vir a ser desprezado: é por ventura objecto de desprezo aquelle, que exerce imperio, ou tem dignidade, se antes se não tem mostrado baixo e sórdido, e se não é o primeiro a desprezar-se a si mesmo? Mal experimenta o poder a sua força por meio de affrontas, feitas a outrem, mal se adquire a veneração por meio de terrôr; pois maior fôrça, do que o terror, tem o amor para alcançar-se o, que se pretende: porquanto, logo que te retiras, céssa o temor, mas o amor sempre permanece; e assim como aquelle se converte em odio, este converte-se em respeito. Convêm por isso, que uma e muitas vezes (julgo dever repetir-to) tenhas

em lembrança o titulo do teu emprêgo, e que a ti mesmo façaś conhecer, qual e quão grande negocio seja o pôr em ordem o estado de cidades livres; porquanto para uma cidade que cousa melhor, do que a boa ordem; que cousa mais preciosa, do que a liberdade? ao mesmo tempo que cousa mais tôrpe, do que trocar em confusão a ordem, e em escravidão a liberdade? Accresce a isto a lucta, que és obrigado a sustentar comtigo mesmo: pésa sobre ti a reputação, com que voltaste da tua optima Questura na Bithynia: carrega sôbre ti o bom conceito, que de ti fórma o Principe: carrega sôbre ti o teu Tribunado, a Pretura, e esta mesma Logar-Tenencia, que te foi dada como recompensa: É por tudo isto, que mais e mais deves esforçar-te, para que não menos em uma provincia distante, do que na sub-urbana; não menos entre servidores, do que entre homens livres; não menos designado pela sorte, do que mandado por deliberada escôlha; não menos ainda inexperiente e desconhecido, do que já experimentado e approvado, te mostres agora mais humano, melhor e mais perito ainda, do que anteriormente parecias; por ser aliás, como muitas vezes tens ouvido, e lido, muito mais feio o perder, do que o não ter adquirido bôa fama. — Desejo acredites, como a principio te disse, que tudo, quanto até aqui tenho escripto, não passa de uma simples admoestação, e não deve ser levado em conta de preceito, ainda que muito embora o queiras tomar tambem como tal: pois não tenho receio de que em pontos de amizade haja eu excedido a competente medida: nem ha perigo em passar a excésso, no que deve subir ao maximo. — A Deus.

Livro 10.° *Carta* 97.ª *Plinio ao Imperador Trajano.*

Senhor, é meu costume constantemente seguido, dirigir-me a Vós em todos os negocios, sobre que se me offerecem duvidas; pois quem melhor pode encaminhar a minha incerteza, ou doutrinar a minha ignorancia? Nunca em tempo algum assisti a processos intentados contra Christãos; por isso ignoro, assim qual a especie de penas e nestas o gráo, com que costumam ser punidos; como qual seja a fórma de processo, que em taes casos se pratica. Não tem sido menor a minha hesitação, sóbre se cumpre o fazer-se alguma differença em attenção ás idades dos culpados; se por ventura deve haver distincção entre os de menor idade e os adultos; se ha perdão para os arrependidos; ou se áquelle, que muito embora tenha sido Christão, lhe não aproveita o abjurar esta religião; ou se é somente o nome, sem perpetração de praticas criminosas, que nelles deve ser punido, ou quando juntamente com o nome se commettem crimes. No emtanto o modo, com que tenho procedido contra os, que me tem sido appresentados como Christãos, é o seguinte: Tenho sido eu mesmo, quem os tem interrogado sôbre se eram, ou não Christãos: aos confessos tenho-os interrogado segunda e terceira vêz, ameaçando-os com o supplicio: e todas as vezes que têm perseverado na sua affirmativa, tenho mandado applicar-lho; por não duvidar, que devia ser punida uma tal pertinacia, fosse qual-

quer que fosse o objecto de sua confissão. Outros houve iscados desta mesma especie de loucura, que reservei para serem enviados para Roma; por me dizerem, que eram cidadãos Romanos. Occorreram depois no progresso deste negocio, como costuma acontecer augmentando-se o numero dos criminosos, muitas e varias especies de incidentes: Foi-me appresentada por escripto uma accusação anónima, contendo os nomes de muitos, os quaes negam ser, ou ter sido Christãos; e vendo eu, que dictandolhes a formula, elles invocaram as divindades, e que offereceram vinho e incenso á vossa Imagem, a qual para esse mesmo fim lhes havia feito appresentar juntamente com as estatuas dos deoses; que de mais a mais amaldiçoaram a Christo, (acto, a que, segundo se diz, jamais podem ser obrigados os verdadeiros Christãos) entendi não devia proceder contra elles, e os despedi em paz. Outros, cujos nomes me foram denunciados por um accusador, declararam primeiramente, que eram Christãos, e o negaram depois; accrescentando, que o tinhem sido, mas que depois haviam deixado de o ser, delles uns tendo já decorrido tres annos, outros mais ainda, nenhum porêm alem de vinte annos: Todos elles adoraram não só a Vossa Imagem, mas as estatuas dos deoses, e amaldiçoaram a Christo: affirmavam pois, que toda a sua culpa, ou erro se reduzia em summa a costumarem reunir-se em dias determinados antes de amanhecer, a entoarem todos alternadamente um hymno em louvor de Christo, considerado como Deus; a obrigarem-se debaixo de juramento, a não praticar especie alguma de maldades, mas antes pelo contrario a não commetter furtos, latrocinios, adulterios, a não faltar ás suas promessas, a não negar a entrega de um deposito, quando para isso fossem convocados: que depois de haverem concluido este acto, costumavam separar-se, tor-

nando a reunir-se depois, para em commum tomarem algum alimento, porêm alimento innocente: todavia, que tinham deixado de praticar isto mesmo, depois da publicação do meu edicto, no qual, em conformidade das Vossas Ordens, lhes prohibíra toda a especie de reuniões. Julguei por isso tanto mais necessario o mandar pôr a tormento duas escravas, que se dizia lhes serviam de creadas; a fim de melhor poder inteirar-me da verdade: Não pude porêm descobrir em tudo isto mais, do que uma superstição ruim e levada a excesso. Suspendi em consequencia este processo, para consultar-Vos sôbre o que devo obrar, por me parecer negocio digno de ser consultado, mormente em attenção ao grande numero de accusados: pois muitas são as pessoas de todas as idades, jerârchias, e de um e outro sexo, que são, e virão a ser accusadas disto mesmo; por isso que o contagio de uma tal superstição se encontra derramado não só pelas cidades, mas igualmente pelas aldeias e pelos campos, o que todavia, sou de parecer, se pode ainda fazer parar, e corrigir. Na verdade é cousa assás constante, que tornam a ser frequentados os templos, que se achavam abandonados e desertos; que as solemnidades religiosas, por muito tempo interrompidas, começam a ser renovadas; e que é mui frequente a venda das victimas, para as quaes rarissimo era o comprador, que até agora apparecia. A' vista de tudo isto facil é de ajuizar, 'quão grande quantidade de pessoas pode vir a emendar-se, uma vez que se lhes offereça a opportunidade do arrependimento.

NB. A'cerca da Carta antecedente faz o erudito F. Schœll as observações seguintes: « A authenticidade desta Carta tem sido atacada por um dos theologos Protestantes mais celebres do 18.° seculo, *Semler*, que accu-

sa Tertuliano de havel-a fabricado. Os motivos desta critica fundam-se na inverosimilhança, que elle pretende ter notado no proprio relatorio de Plinio: mas pareceonos, que, empregando taes armas, se poderiam suscitar duvidás sôbre a maior parte dos documentos, que nos restam da antiguidade. A final esta Carta de Plinio dêo occasião a uma legenda absurda, segundo a qual Plinio, tendo-se encontrado em Creta com Tito, discipulo de S. Paulo, devêo a sua conversão a este Bispo, e padecêo depois o martirio » (*).

(*) Historia abreviada da Litteratura Romana, Tom. 2.º, Periodo 4.º desde a morte de Augusto até o reinado de Adriano, 14 annos depois de J. C. até 117., pag. 414.

DONATIVOS.

Observações Diplomaticas sobre o falso document da Aparição d'Ourique, por um Paleographo. — Lisboa 1850. — 8.° — 1 exemplar. — Offerecido pelo Autor.

Relatorio e Contas da Commissão administrativa da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, relativas ao anno economico de 1849 — 1850. — 4 exemplares em folio. — Offerecido pela dita Commissão.

Epistola Roscelini ad P. Abaelardum. Editore J. A. Schmeller. — 4.° — 1 folheto.

No mesmo folheto se contêm:

Ueber die endung-ez (-es) spanischer und portugisischer familiennamen (Sobre a terminação — *ez* — *es* — dos nomes de familias Hespanholas e Portuguezas). — Offerecido pelo mesmo Autor.

Ueber Valenti Fernandez Alemã *und seine Sammlung von Nachrichten über die Entdeckungen und Besitzungen der Portugiesen in Afrika und Asien bis zum* Jahna 1508 .... Von Dr. Schmeller (Sobre Valentim Fernandes Alemam, e a sua Collecção de Relações ácerca dos descobrimentos e possessões dos Portuguezes na Africa, e na Asia, até ao anno de 1508). 4.° — 1 folheto.

Ueber einige altere hands chriftliche Seekarten. Gelesen von J. A. Schmeller (Sobre algumas antigas Cartas hydrographicas mss.). Noticia lida na Sessão da Acad

mia Real das Sciencias de Munich em 2 de Dezembro de 1843. — 4.° — 1 folheto.

Itineris a Leone de Rosmital *nobili Bohemo, annis* 1465 — 1467; *per Germaniam, Angliam, Franciam, Hispaniam, Portugalliam atque Italiam confecti; commentarii coaevi duo.* Stuttgart. 1844 — 8.° — 1 vol. publicado pelo D.^or^ Schmeller.

As sobreditas cinco obras forão offerecidas pelo D.^or^ Schmeller á Academia, por mão do Sñr. Marquez de Rezende.

Noticide de Claudii Visdelou *Soc. Jesu Scriptis Sinologicis; in Bibliothéca Vaticana extantibus quorum apographa Ulixiboriae apservati dicuntur.* Pelo Professor Neumann. — 8.° — 1 folheto — Offerecido pelo Autor, por mão do Sñr. Marquez de Rezende.

Systema Materiae Medicae Vegetabilis Brasiliensis. Composit Car. Frid. Phil. de Martius — Lipsia. 1843 — 8.° — 1 vol. — Offerecido por seu Autor, por mão do Sñr. Marquez de Rezende.

Os excerptos d'um Mss. original de Jeronymo Monetario, existente na Bibliotheca de Munich, mandados copiar pelo Sñr. Marquez de Rezende.

Estes excerptos comprehendem a parte de suas viagens, que diz respeito a Portugal, e um Opusculo, que tem por titulo — *De inventione Africe maritime et Occidentalis ut Genee per Infantem Henricum Portugalie.*

São os excerptos escriptos em 24 quartos de papel grande.

Uma copia d'um Mss. da Bibliotheca de Munich, mandada tambem tirar pelo Sñr. Marquez de Rezende, que contêm copias de varias noticias dos nossos descobrimentos e navegações, parte das quaes forão colligidas por Valentim Fernandes. — 4.° g.^de^ — 1 Vol. Mss. — Offerecido pelo Sñr. Marquez de Rezende.

Oeuvres de Frédéric Le Grand. Berlin. 1846 — fol. — os cinco primeiros volumes. — Offerecidos por Sua Magestade ElRei de Prussia.

The Journal of the Royal Geographical Society of London. — Tomo 20. — Parte 1.ª — London 1850 — 8.° — 1 Vol. — Offerecido pela mesma Sociedade.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences (Instituto Nacional de França). 1850 — 2.° semestre — Tomo 31. — N.os 6, 7, 8 e 9 — 4.° g.de — 4 N.os — Offerecido pelo Instituto.

Elementos do Processo Criminal, *por* F. J. Duarte Nazareth. — 2.ª Edição. — Coimbra 1850 — 8.° — 1 Vol. — Offerecido pelo seu Autor.

PARA O MUSEU.

Squalus *Lygæna* — *Cornuda*, ou Martello da Costa de Peniche.

Motacilla Sylvia, femea.

Tetrão Andalusicus, ou Tourão do Matto.

Todos estes exemplares forão offerecidos pelo Sr. Conselheiro Lourenço José Moniz.

SESSÃO LITTERARIA DE 11 DE DEZEMBRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, José Cordeiro Feio, Barão de Reboredo, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Fortunato José Barreiros, Francisco Recreio, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos; José de Freitas Teixeira Spinola de Castello-Branco, Socio Livre; João Ferreira Campos, Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, e Antonio Caetano Pereira, Socios Correspondentes.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario perpetuo:

Extrait du Programme de la Société Hollandaise des Sciences à Harlem, pour l'année 1850.

La Société a tenu sa 98ème séance annuelle, le 18 mai 1850.

La Société a reçu: 1.º Un exemplaire d'un ouvrage en trois volumes du docteur H. G. Bronn, professeur à l'Université de Heidelberg, intitulé »Index Palaeontologicus", et auquel ont coopéré Mr. H. B. Göppert, pour les plantes, et Mr. H. von Meyer, pour les animaux vertébrés fossiles. L'auteur y a joint un Mémoire manuscrit, dans lequel il déduit de ce grand ouvrage plusieurs résultats, qui lui paraissent fournir une réponse satisfaisante à la 6e. des questions proposées dans le programme pour 1849 et dont la réponse devait être envoyée avant le 1 janvier 1851, et à la 1re de celles dont la réponse était demandée dans le même programme, avant le 1 janvier 1850.

Les Directeurs de la Société, considérant que le travail immense et difficile du professeur Bronn doit con-

tribuer puissamment au progrès des sciences géologiques et paleontologiques, et que la solution des questions rappelées ci-dessus, est devenue maintenant possible par la discussion de l'immense quantité de faits qui y sont enregistrés, a voulu donner un témoignage du grand prix qu'elle attache à ce travail, en adjugeant à son auteur, Mr. H. G. Bronn, la médaille d'or.

2.° Un Mémoire écrit en latin par un de ses membres, Mr. Miquel, professeur à l'Athénée d'Amsterdam, ayant pour titre »Stirpes Surinamenses selectae" avec un atlas de 66 planches dessinées la plupart par Mr. Q. M. R. Verhuell, membre de la Société.

Les Directeurs de la Société on décidé que cet intéressant travail, avec l'atlas qui l'accompagne, sera compris dans le nombre des mémoires publiés par la Société.

3.° Un ouvrage imprimé en allemand par le Dr. C. F. von Gartner à Calw, dans le royaume de Wurtemberg, intitulé: »Versuche und Beobachtungen uber die Bastarderzeugung im Pflanzenreich." C'est, d'après son auteur, une édition nouvelle entièrement refondue, et augmentée d'un Mémoire couronné par la Société en 1837. A l'envoi de cet ouvrage était jointe une collection de plantes hybrides sèches, produites et cultivées d'après la méthode indiquée dans l'ouvrage.

Les Directeurs de la Société ont résolu 1.° de placer l'ouvrage et l'herbier dans la bibliothèque de la Société; 2.° d'offrir à Mr. von Gartner, en témoignage de leur approbation, un exemplaire de la 2 série des Mémoires de la Société; 3.° de proposer à l'assemblée générale d'accepter Mr. von Gartner comme membre étranger de la Société.

Cette dernière proposition a été accueillie à l'unanimité des voix.

4.° Un Mémoire, écrit en hollandais, sur la question:

» Qu'est-ce que les recherches des Naturalistes ont appris avec certitude des plantes cryptogames, qui infectent les organes des animaux vivants et surtout de l'homme? En quel rapport leur développement est-il avec celui de produits maladifs; enfin, leur histoire naturelle, lorsqu'elle sera bien connue, conduira-t-elle à une médication rationnelle?"

La Société a décerné la médaille d'or à l'auteur de ce Mémoire, Mr. A. CRAMER, docteur en médecine à Groningue.

5.° Un Mémoire écrit en français et portant l'inscription suivante: » *Du Perfectionnement graduel des êtres organisés.*"

Sur la question: » Existe-t-il un perfectionnement graduel de l'organisation des êtres organisés? Des organismes inférieurs et plus simples des temps les plus reculés, ont-ils été remplacés à des époques plus récentes par des êtres construits d'après un type plus composé et plus parfait, et peut-on affirmer que ceux des époques intermédiaires soient plus composés à mesure qu'ils s'approchent de notre âge? Ou bien, doit-on reléguer ce perfectionnement, adopté par plusieurs Naturalistes, parmi les hypothèses douteuses qui ne résistent pas à un examen rigoureux?

» La Société demande que celui, qui répondra à cette question, se borne aux faits et s'abstienne de raisonnements hypothétiques."

La Société, considérant que ce mémoire ne contient que peu d'observations nouvelles, et que son auteur ne paraît pas avoir eu connaissance de tout ce qui a été publié ailleurs qu'en France sur les éléments de la question, a jugé que ce Mémoire ne pouvait pas être couronné.

La question a été retirée du concours.

6.° Un Mémoire écrit en français, intitulé: »*Des eaux minérales considérées sous leurs rapports physiques.*"

Sur la question: »La Société demande une description géologique des principales sources d'eaux chaudes de l'Europe; elle désire une réponse aux questions suivantes: Quelles en sont l'origine et la position? quel est le cours qu'elles suivent? sont-elles placées dans une direction relative, qui prouve qu'elles ont entre-elles un rapport quelconque?

»Les principes de leurs eaux font-ils connaître la nature du sol d'où elles découlent, et peut-on juger de leur profondeur par les qualités de leurs eaux, telles que leur température, la force avec laquelle elles montent, leur abondance, etc.? Quel est le rapport entre ces sources et les changements, auxquels la surface du globe a été soumise par des soulèvements, des éboulements, des tremblements de terre, des volcans et par d'autres causes?"

La Société a jugé que cette volumineuse compilation ne renferme que peu de faits, que l'on ne pourrait pas trouver tout aussi bien décrits ailleurs que dans cette longue énumération où l'on ne rencontre même pas les observations que des savants étrangers à la France ont publiées sur les sources d'eaux chaudes; que d'un autre côté, l'auteur ne s'est pas borné à la question, mais qu'il a compris dans son travail la description des sources d'eaux froides, ce qui n'avait pas été demandé; ces défauts ont décidé la Société à ne pas couronner ce Mémoire.

La Société a jugé à propos de répéter la question, et elle demande qu'il y soit répondu avant le 1 janvier 1852.

7.° Un Mémoire écrit en allemand, et portant l'épigraphe suivante :

Hoch über uns geht sein verborgner Gang. WIELAND.

Sur la question : » Comme la Comète, découverte le 26 février 1846 par BRORSEN, est une des plus remarquables par le peu de durée de sa révolution, et comme son orbite n'a pas encore été soumise à un examen rigoureux, la Société demande une détermination aussi exacte que possible de l'orbite elliptique, qu'elle a décrite lors de son apparition en 1846, basée sur toutes les bonnes observations qui ont été faites. La Société désire encore que les perturbations, qu'elle subira jusqu'à sa prochaine apparition, soient calculées avec exactitude, et qu'une éphéméride détaillée soit déduit des éléments de l'orbite qu'à cette époque elle décrira."

La Société, considérant qu'un travail plus complet a été déjà publié sur le sujet de la question mise au concours, a jugé que ce Mémoire ne pouvait pas être couronné.

8.° Un Mémoire écrit en allemand et portant l'épigraphe suivante :

I may well say that no man, if he take industry, impartiality and caution with him in his investigations of science, ever works experimentally in vain. FARADAY.

Sur la question : » Une des découvertes les plus remarquables de notre temps, est sans doute celle des propriétés diamagnétiques d'un grand nombre de corps. La Société demande que les phénomènes diamagnétiques soient déduits d'une loi générale, unique. Elle demande un Mémoire qui contienne de nouvelles recherches, faites par son auteur, et que de ces recherches comparées avec ce qui est déjà connu, il puisse être déduit une loi

générale qui explique tous ces phénomènes avec justesse, en y comprenant la transition du charbon de l'état magnétique à celui de diamagnétisme observé par PLUCKER."

La Société a décerné à l'unanimité des voix la médaille d'or à cet ouvrage remarquable, qui répand un nouveau jour sur les phénomènes diamagnétiques. Elle a décerné de plus à son auteur une gratification de 150 florins.

L'auteur du Mémoire est Mr. PLUCKER, professeur à l'Université de Bonn, dont le nom avait été mentionné dans la question même.

La Société a jugé à propos de répéter les questions suivantes, et elle demande qu'il y soit répondu

AVANT LE PREMIER JANVIER 1852.

I. En plusieurs endroits on a trouvé réunis dans les mêmes couches des fossiles, que les Géologues considèrent comme caractéristiques de formations géologiques bien distinctes entre-elles, et d'un âge bien différent. Ainsi les Alpes orientales, près de Hallstad, ont fourni des échantillons qui contiennent à côté l'un de l'autre des orthocératites, des ammonites et des bélemnites; ainsi dans les Alpes, près de Chambéry, les mêmes couches paraissent renfermer des végétaux de l'ancienne formation houillère, avec des bélemnites et des fossiles d'une époque plus récent, et dans ceux du Tyrol, près de San Cassian, des mollusques de différentes formations géologiques.

La Société demande: 1.° Si cette réunion remarquable a réellement lieu; et 2.° jusqu'où, dans ce cas, elle pourrait rendre douteuse la détermination de l'âge des terrains d'après les fossiles.

II. L'observation, faite par le professeur WALCHNER, que les eaux de Wisbade et la matière qui s'en précipite, contiennent de l'arsénic, a été suivie d'un nouvel examen chimique des eaux de plusieurs sources, et de la découverte d'arsénic dans plusieurs de ces eaux, toujours cependant en quantité minime et ordinairement accompagnée d'oxyde de fer, comme par exemple à Dribourg, à Wildungen, à Liebenstein, dans les eaux de la source dite Alexis-bron [Hartz] et récemment dans celles de Versailles.

La Société désire que ces recherches soient continuées, et que surtout la présence ou l'absence de l'arsénic dans les eaux des Pays-Bas et principalement dans celles qui contiennent de l'oxyde de fer, soit constatée.

III. Plusieurs appareils ont été inventés pour changer en un mouvement circulaire, le mouvement de va-et-vient du piston des machines à vapeur. On demande que l'économie relative de travail obtenue par ces appareils le plus en usage, soit déduite de leur examen comparatif, et que l'on calcule le maximum d'économie que l'on pourra obtenir.

IV. Pour calculer la vitesse moyenne d'une eau qui s'écoule uniformement par des canaux ou des rivières d'un profil assez régulier et peu variable, on se sert ordinairement d'une formule de CHÉSY, qui a été modifiée par COULOMB, et dont les coéfficients des termes ont été déduits des observations alors connues, faites d'abord par DE PRONY, et ensuite d'après un plus grand nombre d'observations d'EYTELWEYN.

Quoique cette formule conduise dans plusieurs cas à des résultats de calcul analogues à ceux que donne l'observation, elle laisse cependant à désirer relativement à sa composition et aux résultats qu'elle fournit.

D'abord, on a employé pour déterminer les coéfficients quelques observations ou quelques résultats d'expérience peu complets et d'une exactitude douteuse, en sorte qu'on n'a pu en tirer tout le parti désirable, et qu'ils n'ont pu être considérés et employés comme des bases épurées et exactes de calcul; et le nombre des observations employées, qui méritent une confiance entière, a paru trop petit pour qu'on les employât comme base unique du calcul d'une formule qui serait d'une application générale.

Ensuite, on a suivi, pour déterminer ces coéfficients, un calcul qui est remplacé maintenant par un autre, produisant les valeurs numériques les plus probables, que l'on cherche, avec la chance d'approcher le plus possible de la réalité. Après tout cela, il n'est pas encore prouvé que la formule ait réellement la forme qu'elle doit avoir, et il se pourrait que la cause du peu d'accord entre le calcul et l'observation dut être attribuée, au moins en partie, à un terme qui manque, ou à une forme moins exacte, ou enfin à ce que les valeurs des coéfficients ne sont pas toujours constantes entre les différentes limites de l'élément variable.

D'après toutes ces considérations, la Société désire, dans l'intérêt de la science et de ses applications, que cet intéressant problème soit de nouveau examiné, pour qu'il en résulte une formule plus exacte, pour calculer la vitesse d'une eau qui se meut uniformément dans un canal quelconque.

Elle demande donc un examen tout à fait nouveau et détaillé de ce problème, de manière que tout ce qui a été indiqué ci-dessus, comme moins certain, moins complet, et moins exact, devienne plus certain, plus complet et plus exact. Et comme les Savants, qui s'occuperont de la résolution de cette question, devront pro-

bablement se livrer à un grand nombre de recherches pratiques tout à fait nouvelles et plus exactes que celles qui ont été faites jusqu'à présent, la Société promet en tout cas à celui qui obtiendra la médaille d'or, en outre un prix de 150 florins.

V. Les Métaux se combinent-ils chimiquement? et dans le cas affirmatif, quelles sont les proportions ou les équivalents chimiques, qui se trouvent réunis dans les combinaisons des métaux les plus usités.

On désire que cette question soit résolue à l'aide d'expériences décisives surtout à l'égard?

De *l'or* et du *cuivre.*
De *l'or* et de *l'argent.*
De *l'argent* et du *cuivre.*

VI. La plupart des puits artésiens ont été forés dans le but de faire monter, des grandes profondeurs de la terre à sa surface, des eaux de bonne qualité et d'une température au-dessus de la moyenne. Dans quelques endroits cependant on les fore pour jeter dans les entrailles de la terre des eaux surabondantes.

La Société demande si ces puits artésiens négatifs ne pouraient pas servir à dessécher des lacs ou des marais plus ou moins étendus; ce qu'il y aurait à observer en forant dans ce but des puits artésiens, et quelles seraient les circonstances locales, tant géologiques qu'autres, qui rendraient probable la réussite d'un tel puits absorbant?

VII. La Société demande une description des poissons d'eau douce d'une des grandes revières de Java, de Bornéo, ou de Sumatra, ou choix de l'auteur.

Le Société désirerait recevoir les poissons décrits, conservés dans l'esprit de vin. Elle adjugerait, dans ce cas, non seulement la médaille d'or, mais elle accorde-

rait en outre une récompense proportionnée au mérite de l'envoi.

VIII. Le plumage des oiseaux diffère de couleur selon l'âge et selon les saisons; ces changements de couleur ne sont pas encore bien connus, et les Zoologistes ne sont pas tout à fait d'accord sur les lois, auxquelles ces changements sont soumis, ni sur la manière dont ils s'opèrent. La Société demande une histoire exacte de ces changements de couleur, faite d'après des observations propres à l'auteur, appliquées à toute la classe des oiseaux et accompagnées d'un aperçu historique de ce qui a été écrit jusqu'à présent sur cet objet.

IX. De tous les Mammifères, les Cétacés sont les moins connus. Malgré les recherches de F. Cuvier, de Gray et d'autres, plusieurs points de leur organisation restent toujours entourés d'obscurité. La Société demande une histoire naturelle de ces animaux, y compris les Cétacés herbivores, établie autant que possible d'après nature, et contenant un résumé exact des caractères de leurs familles, genres et sousgenres, et une révision critique des espèces de ces Mammifères, avec les détails nécessaires pour fixer les caractères qui les distinguent avec autant de détails que possible sur le genre de vivre de leurs différentes espèces.

X. La Société demande une Monographie exacte des Amphibies [*Phoca et Trichecus Linn.*] selon l'état actuel de la science avec une synonimie complète.

XI. Les découvertes de Savi, Robin et Wagner ont jeté un nouveau jour sur la terminaison des filets des nerfs du mouvement; mais la terminaison des filets des nerfs de la sensibilité, ainsi que des filets sympathiques, est encore douteuse. La Société demande comment se terminent les filets primitifs des nerfs de la sensibilité et des nerfs sympathiques. Elle désire qu'en même

temps les découvertes concernant les nerfs du mouvement, citées ci-dessus, soient de nouveau constatées.

XII. La glande pituitaire n'a pas encore fait l'objet d'un examen exact, microscopique. Sa structure intime paraît sur plusieurs points différer de celle des autres ganglions nerveux, auxquels elle est assimilée par la plupart des Anatomistes.

La Société demande ainsi un examen microscopique de cet organe et de son infundibulum, tant chez l'homme que chez les animaux des différentes classes, par lequel la structure propre à cet organe soit mise en évidence, et qui montre les rapports ou les différences qui existent entre elle et la composition des autres ganglions nerveux.

XIII. Les Physiologistes ne sont pas d'accord sur ce qui donne à l'œil la faculté de s'accommoder à la distance des objets; quelques-uns font dépendre cette faculté de l'action des muscles qui font mouvoir l'œil: d'autres en cherchent la cause dans les filets musculaires de la zone de ZINN; enfin, il y en a qui pensent que les deux causes agissent à la fois. La Société demande quel est le véritable organe qui dans l'œil accommode la vision aux distances. La Société désire qu'il soit surtout examiné dans les animaux, chez qui la faculté de bien voir à plusieurs distances doit être bien développée, comme chez les amphibies et autres qui distinguent les objets dans l'eau et dans l'air.

XIV. L'établissement des subdivisions de l'ordre naturel, mais très-étendu des Passereaux [*Passeres Linn.*], a été l'objet des recherches d'un grand nombre de Zoologistes et d'Anatomistes; mais le résultat n'en a pas été tout à fait satisfaisant. La Société demande donc 1.° une revue critique des recherches qui jusqu'à présent ont été publiées sur cet objet; 2.° une description exacte des

rapports naturels qui existent entre toutes les familles, genres et sous-genres de cet ordre, basée sur la comparaison, tant de leurs organes externes que de leur structure anatomique.

La Société a proposé cette année les questions suivantes, et elle demande qu'il y soit répondu.

AVANT LE PREMIER JANVIER 1852.

I. Comme la destruction des forêts de cinchona marche de pair avec la récolte de plus en plus considérable de l'écorce de cet arbre, il y a lieu de craindre que le précieux médicament qu'on en retire, ne vienne à manquer un jour; on demande si, d'après ce que l'on sait de l'histoire naturelle de ces arbres, il y a quelque raison d'espérer que leur culture puisse être entreprise avec succés dans les colonies néerlandaises.

II. Malgré les caractères qui distinguent entre-elles les substances, dites halogènes, le chlore, l'iode, et le brome, on ne peut cependant méconnaître les rapports qui les lient entre-elles, de manière qu'il est permis de douter que réellement on puisse les compter parmi les substances élémentaires, surtout puisqu'on les trouve presque toujours dans la nature ensemble ou combinées.

La Société demande un nouvel examen rigoureux et expérimental de ces substances, et une critique de ce qui a été publié sur leur préparation, et sur leur dégagement des combinaisons chimiques, tant sous le point de vue des moyens dont on a fait usage, que par rapport aux quantités, correspondantes ou non, que l'on a obtenues par ces divers procédés.

III. Jusqu'à quel point les restes organiques d'une formation géologique quelconque peuvent-ils faire connaître l'ensemble des êtres organisés, qui ont existé

pendant une époque déterminée, et quelles sont les règles que l'on doit observer pour que l'on ne déduise à cet égard, de l'ensemble des observations, que des résultats incontestables ?

IV. Il est hors de doute, que les dunes, qui bordent les côtes du royaume des Pays Bas et de plusieurs autres pays, sont composées en grande partie de grains de sable que le vent a soulevés et amoncelés sur la côte.

Des mers et des côtes analogues à celles d'aujourd'hui existaient sans doute à des époques géologiques antérieures, et il est possible, que, de même qu'aujourd'hui, dans ces temps reculés, des dunes, pareilles aux nôtres, aient été aussi formées sur beaucoup de ces côtes.

Les Géologues n'ont en général décrit que des couches déposées dans des mers ou dans des lacs d'eau douce; les vieux continents des temps géologiques ne paraissent avoir été réconnus, que par exception et d'une manière douteuse, comme par exemple dans la formation houillère, dans la formation jurassique et ailleurs.

Des dunes composées de sable mouvant et déposé par l'action du vent sur un terrain qui était à sec, n'ont pas été décrites.

La Société demande: Existe-t-il parmi les différents terrains géologiques, surtout parmi les tertiaires, des masses qui ont été considérées à tort, comme déposées sous l'eau, et dont la formation était analogue à celle de nos dunes et a été faite sur un terrain émergé? De telles couches ont-elles échappé aux recherches des Géologues, ou n'existent-elles pas? quelle est, dans ce dernier cas, la cause de leur absence?

V. La Société demande une description des algues fossiles, éclaircie par des figures, autant qu'elles seront jugées nécessaires.

VI. Il paraît prouvé que l'on doit considérer les Lapons, qui peuplent le Nord de la Scandinavie, comme les restes d'un peuple jadis répandu dans une grande partie de l'Europe septentrionale; la même chose a été soutenue quant aux Ibériens de l'Europe méridionale.

La Société demande une description tant des Basques que des Lapons, éclaircie par une cranéologie comparative qui permette de décider avec certitude, si réellement il existe une véritable analogie entre ces deux peuples.

VII. Quelles sont les races humaines qui habitent les possessions néerlandaises dans l'Archipel indien? La Société désire une description détaillée et surtout ostéologique de ces races, éclaircie par des figures.

VIII. Les Zoologistes les plus distingués soutiennent des opinions contradictoires sur la circulation du sang chez les insectes. La Société demande que le mouvement du fluide nourricier dans cette classe d'animaux, soit soumis à un nouvel examen qui conduise à des conclusions certaines et indisputables.

IX. Les observations de Leeuwenhoek, de Fontana, et de Spallanzani, d'après lesquelles quelques infusoires auraient la faculté de reprendre leurs actions vitales, lorsqu'on les replonge dans l'eau après avoir été conservés pendant longtemps bien desséchés, et sans qu'ils donnassent le moindre signe de vie, ont été contestées par EHRENBERG. La Société demande un examen critique de ces observations et de nouvelles recherches à ce sujet.

X. En quoi consiste le mouvement dit ciliaire, que l'on remarque à la surface de plusieurs organes des animaux? quelle est la véritable cause de ce mouvement? et dans quel rapport se trouve-t-il avec les fonctions des organes, où ce mouvement a lieu?

XI. L'on croit avoir observé chez quelques mollus-

ques, chez quelques annélides et chez des animaux rayonnés, des organes visuels; la Société demande une description exacte de ces organes dans les animaux où ils ont été observés, ainsi qu'une description de la liaison de ces organes avec une masse nerveuse plus ou moins centrale, éclaircie par des figures. Elle désire que l'on démontre comment au moyen de ces yeux ces animaux peuvent apercevoir soit seulement la présence, soit encore la forme et la couleur des objets.

XII. Les carapaces des tortues de mer, qui sont importées en Europe des Célèbes et des iles voisines, comme un article de commerce, paraissent appartenir à des genres ou à des espèces différentes.

La Société, ayant le désir de les faire connaître, demande une description zoologique des tortues des mers de l'Archipel Indien Néerlandais.

XIII. Des os d'animaux appartenant à la race bovine ont été trouvés dans plusieurs tourbières du royaume des Pays-Bas; la Société demande que ces os soient comparés exactement avec ceux qui ont été trouvés en d'autres pays dans des circonstances similaires, afin qu'on ne puisse plus douter à quelles espèces ces os ont appartenu.

XIV. La Société désire que l'on recherche, si les fougères se propagent par une véritable fécondation, et dans ce cas, comment elle s'opère?

XV. La Société demande une description botanique de l'île d'Amboine.

XVI. Malgré les progrès importants de la mécanique, les ailes, ainsi que les autres parties des moulins à vent destinées à recevoir et à propager l'impulsion de la force motrice, sont à peu près les mêmes depuis au moins deux siècles; la Société demande de quelles améliorations, soit d'après des observations et des expérien-

ces faites, soit d'après une saine théorie, les moulins à vent seraient-ils susceptibles?

XVII. Les expériences de Boutigny, de Plucker et d'autres savants ont mis hors de doute que l'on peut tremper les doigts et même la main entière, dans du métal, du fer par exemple, en fusion, s'ils ont été auparavant recouverts d'un liquide, qui passe aisément à l'état de vapeur, ou même sans cela, quand le doigt ou la main est humecté seulement par la perspiration; on désire que ce fait soit bien examiné et expliqué dans tous ses détails.

XVIII. Peu après la publication du procédé de DAGUERRE, l'on a entrepris des expériences pour décider, si l'Electricité exerçait une influence quelconque sur la formation des images daguerriennes; expériences qui cependant n'ont pas conduit à des résultats définitifs. La Société demande que l'influence des Electricités, tant statiques que dynamiques sur le développement de ces figures, soit éclaircie par de nouvelles recherches.

La Société rappelle qu'elle a proposé les anneés précédentes les questions suivantes pour y répondre.

AVANT LE PREMIER JANVIER 1851.

I. Quoique la plupart des Physiciens partagent l'opinion que le développement d'Electricité, produit par les différents appareils galvaniques, est dû aux actions chimiques qui ont lieu entre les différentes substances, formant une partie essentielle de leur composition, cependant la théorie de VOLTA, suivant laquelle dans ces appareils l'Electricité ne serait mise en mouvement que par le contact de deux substances de nature différente, de manière que l'action chimique ne serait que le résul-

tat de cette Électricité et produite par elle, compte parmi ses défenseurs des savants d'un grand mérite.

La Société désire que tout ce qui a été présenté en faveur de ces deux théories, soit examiné et soumis à une critique sévère, afin qu'il en ressorte ou que réellement l'une de ces théories est la véritable, ou qu'il n'existe pas encore des raisons incontestables pour l'adoption de l'une à l'exclusion de l'autre.

La Société demande que dans ce dernier cas, faute de conclusion décisive, les doutes soient levés autant que possible par de nouvelles recherches, propres à produire, sinon une entière certitude, au moins une plus grande vraisemblance en faveur de l'une ou de l'autre théorie.

II. Des courants électriques induits dans les fils conducteurs des télégraphes galvaniques par des nuages chargés d'Electricité, qui passent même à de grandes distances, troublent de temps en temps l'action régulière de ces appareils. On demande que des observations exactes soient faites sur cet objet, et que l'on en déduise les moyens de prévenir cette action troublante.

III. Quand le pôle positif d'une batterie galvanique plonge dans de l'eau peu conductrice contenue dans un des compartiments d'un vase de verre, qui est partagé en deux par une cloison de membrane animale [de vessie]; et le pôle négatif dans l'autre, et que l'eau est au même niveau dans les deux compartiments, elle sera, d'après les expériences de Mr. Porret, poussée à travers la membrane et portée à un niveau plus élevé dans celui où plonge le pôle négatif.

La Société demande que ce phénomène soit examiné et expliqué.

IV. Une des substances le plus généralement répandues est sans doute l'eau; cependant plusieurs de ses propriét

tés physiques n'ont pas encore été examinées avec toute l'exactitude désirable ; il existe même des doutes sur sa couleur, sur la propagation du son par sa masse, etc., etc. D'après cela la Société demande un examen exact et expérimental des propriétés physiques de l'eau.

V. On demande un examen exact de la nature des nuages et des brouillards, qui ne laisse aucun doute sur l'état dans lequel s'y trouvent les petits globules qui les composent, et qui décide surtout, si ces petites sphères sont pleines d'eau, ou si elles y sont à l'état vésiculaire? Par lequel, enfin, soit décidé quelle est la force qui tient ces globules, soit pleins d'eau, soit remplis de vapeur ou d'air, séparés entre-eux, et comment le fluide électrique reste accumulé sur la surface du nuage ou du brouillard, qui est formé par la réunion de ces petits corps?

VI. Est-il possible de prouver par des observations certaines et des raisonnements rigoureux, que des roches, placées à une grande distance des volcans éteints ou en activité, aient subi des modifications dans leur composition par l'action de la chaleur; en d'autres termes, le métamorphisme des roches en grand par la chaleur peut-il être prouvé? — Peut-on démontrer qu'il existe des roches métamorphosées d'une autre manière, sans l'action du feu, par une action moléculaire produite par des forces électriques ou autres? où ces roches sont-elles situées; et quels sont ces changements?

La Société ne demande pas la description de beaucoup de roches modifiées, mais elle désire que les phénomènes métamorphiques de quelques localités moins connues soient examinés avec la plus grande exactitude, afin qu'il ne reste point de doute sur le phénomène et sur la cause qui a produit la modification de ces roches.

VII. Dans différents pays de l'Europe, on trouve en-

tre le grand terrain houiller ancien et les lignites du terrain tertiaire, plusieurs couches qui renferment de grands dépôts d'une masse charbonneuse, qui sert, comme la houille et les lignites, de combustible, et qui est remplie de restes végétaux. La Société demande que la Flore de quelques-unes de ces couches charbonneuses soit examinée avec exactitude. Elle désire que ces couches soient comparées, tant aux couches qui composent l'ancienne formation houillère, qu'aux lignites tertiaires, surtout dans le but de pouvoir décider par cet examen et cette comparaison, si les plantes qui les composent, au moins en partie, ont péri sur les lieux mêmes, ou si elles ont été transportées d'ailleurs.

VIII. La Société demande des recherches détaillées sur l'état de la végétation dans la Néerlande pendant les temps historiques anciens, ainsi que pendant ceux qui les ont immédiatement précédés.

IX. Quelle est la place, que les Éponges [Spongiæ] doivent occuper dans la série systématique des êtres vivants? sont-ce des animaux ou des végétaux? de quelle manière sont-elles produites et multipliées? quels sont les organes, par lesquels les fonctions vitales sont effectuées? et comment peut-on expliquer la grande quantité de silice, dont quelques espèces sont presque entièrement composées?

X. La Société demande un examen exact du développement d'une des espèces du genre Astérias; ses diverses phases devront être examinées, décrites et dessinées au microscope à des époques convenables.

XI. La Société, supposant que le terrain meuble, qui borde les grandes rivières dans les colonies hollandaises de l'Amérique méridionale, recèle des restes importants d'animaux fossiles, comme l'on en a trouvé dans le voisinage de Buenos-Ayres et dans d'autres pays du

même continent, et désirant favoriser la recherche de ces ossements importants, promet à celui qui lui aura envoyé, avant le premier janvier 1851, des ossements de quelque grande et nouvelle espèce de Mammifére, d'Oiseau ou de Reptile, trouvés dans une des colonies néerlandaises de l'Amérique méridionale, une récompense proportionnée à l'intérêt de l'envoi et dont la Direction de la Société se réserve de fixer le montant.

XII. La Société demande une Monographie des Cycadées fossiles.

XIII. La Société demande que *l'Utriculus primordialis* ou *internus* des cellules dans les plantes, soit soumis de nouveau à un examen scrupuleux.

XIV. La Société demande une description détaillée, basée sur de nouvelles recherches et expliquée par des figures exactes, de la structure et de l'accroissement des troncs d'arbres dicotylédones, d'au moins dix familles naturelles, choisies parmi celles qui diffèrent le plus par la structure de cet organe, excepté cependant les Conifères et les Cycadées. — Elle désire surtout que l'on observe comment ces familles naturelles sont caractérisées par la différente structure des troncs.

XV. De quelle manière croissent les véritables Plantes parasites? Comment et par quels organes sont-elles réunies à la plante qui les nourrit et sur laquelle elles croissent? Quelle est l'influence de l'une sur l'autre, et jusqu'à quel point y a-t-il un mélange, une différence ou une conformité des sucs dans les deux végétaux, ainsi que des principes qui en sont séparés?

XVI. La Société demande un Catalogue descriptif des Infusoires d'eau douce et des eaux salées, qui se trouvent dans les Pays-Bas?

XVII. Les recherches, auxquelles la classe des vers de Linnée a été soumise dernièrement, ont beaucoup

modifié les opinions des Naturalistes à l'égard des organes destinés à la propagation de ces animaux; et le nombre de ceux chez lesquels on admettait autrefois l'Hermaphrodisme, a subi maintenant une grande diminution.

La Société demande un résumé critique des découvertes qui ont été faites concernant les organes de la génération parmi les Zoophytes, les Mollusques et les Annélides de CUVIER; et de nouvelles recherches microscopiques sur le contenu des organes de la génération dans ceux de ces animaux que l'on classe encore parmi les Hermaphrodites; enfin, basé sur ces recherches, un examen de l'opinion de STEENSTRUP, qui prétend que l'Hermaphrodisme ne serait plus admissible chez aucun d'eux.

XVIII. La Société demande une description générale du système lymphatique dans la classe des Reptiles.

XIX. La Société demande l'histoire du développement des *Entozoa*, d'après des recherches nouvelles.

XX. La Société désire que l'on fasse une analyse chimique exacte du *Cannabis sativa*, en faisant surtout attention au principe narcotique qu'il contient, et auquel on prétend que le *Haschich* des Orientaux est redevable de ses propriétés remarquables. — Elle demande si ce principe forme une substance particulière [Cannabine], et dans ce cas, quelle est la meilleure méthode de la préparer, et quels en sont les caractères et les propriétés.

XXI. Nonobstant les belles recherches de CHEVREUL, PLATEAU, OSANN, FECHNER, DOVE et autres savants, qui ont répandu beaucoup de lumière sur la théorie de ces images que l'on aperçoit lorsqu'on exclut toute clarté de yeux, après les avoir fixés pendant quelques secondes sur un objet lumineux, il est encore resté des

doutes sur leur origine, et même sur l'endroit où elles se trouvent dans le système nerveux.

La Société désire que ces images soient l'objet d'un nouvel examen, et que par des expériences nouvelles on établisse une théorie, exacte et autant que possible complète, de tout ce qui concerne ce phénomène.

XXII. Il paraît d'après les recherches de MURCHISON qu'il existe dans les Alpes orientales des couches qui, placées entre les plus jeunes des secondaires et les plus anciennes des tertiaires, formeraient une sorte de transition entre ces deux formations et indiqueraient une succession graduelle, sans secousses violentes de l'une à l'autre. Dans les environs de Maestricht, on trouve sur les bords de la Meuse des couches qui sont superposées à la craie blanche et près desquelles on remarque des couches tertiaires. — Des Géologues de grand mérite ont considéré cette formation de Maestricht comme composée de couches de transition entre les formations secondaire et tertiaire, tandis que d'autres, non moins distingués, l'ont attribuée à la formation crayeuse dont elle formerait les couches supérieures, soutenant que ces couches sont nettement séparées des couches tertiaires et qu'elles ne forment que les plus récentes des couches secondaires.

La Société désire que la formation de Maestricht soit de nouveau examinée sous ce point de vue et que les fossiles qu'elle contient soient exactement comparés à ceux de la craie blanche, sur laquelle elle repose, ainsi qu'à ceux des terrains tertiaires des environs, afin que ce problème, si important pour la Géologie et la Climatologie de l'ancien monde, soit décidé de manière à ce qu'il ne reste plus aucun doute à cet égard.

XXIII. La Société demande une description géologique des couches de l'île de Java qui contiennent des

fossiles, éclaircie par la description et par les figures de ces fossiles, autant qu'elles seront jugées nécessaires.

XXIV. C'est surtout aux anciens navigateurs hollandais, que l'on doit les détails qui nous sont parvenus d'une grande espèce d'oiseau, qui vivait autrefois dans l'île Maurice et qui est maintenant entièrement détruite. L'histoire et l'anatomie de cet oiseau ont fait tout récemment l'objet des recherches de MM. STRICKLAND et MELVILLE, et de M. HAMEL: les premiers ont publié leurs observations dans un magnifique ouvrage qui a paru à Londres, et le second a consigné son travail dans les Annales scientifiques de la Société de St. Petersbourg.

D'après les recherches de ces savants, on sait qu'une des meilleures figures du Dodo, que les Hollandais ont nommé *Dod-aars* [anus en pelote] de *dod* [pelote] et *aars* [anus], se voit dans le tableau de ROELAND SAVERY, au Musée de La Haye; que quelques-uns des restes si rares de cet animal sont venus de la Hollande, et même qu'un des deux fragments du Dodo, que l'on a retrouvé à Coppenhague parmi plusieurs vieux objets mis au rebut, provenait de la vente du musée que le savant PALUDANUS avait autrefois formé à Enkhuyse, dans la Nord-Hollande.

Il se pourrait qu'il existât dans les Pays-Bas ou ailleurs des tableaux dans lesquels se trouvent des figures de cet oiseau, encore peu connu des Naturalistes; ou qu'il en fût fait mention dans des anciennes relations de voyage où jusqu'à présent elles n'ont point été remarquées des savants; et même il ne serait pas tout à fait impossible que quelque ancienne collection recélât encore quelques fragments de cet intéressant oiseau.

La Société désire appeler sur cet objet l'attention des Naturalistes et surtout des savants Néerlandais. —

Elle décernerait, pour toute communication concernant cet oiseau, soit une mention honorable, soit un prix quelconque, en proportion de l'importance de la communication; et elle accorderait surtout volontiers une récompense proportionnée à la valeur du sujet, à celui qui lui procurerait pour ses collections quelques fragments du Dodo.

XXV. Suivant les recherches de CLAUSIUS, la réflexion de la lumière dans l'atmosphère, et par conséquent l'azur céleste, ainsi que les teintes rougeâtres de l'horizon, quand le soleil s'en approche le matin et le soir, ne sauraient être expliquées qu'en admettant qu'elles sont produites par des vapeurs vésiculaires, c'est-à-dire par un amas de globules, composés d'une pellicule limpide et remplie d'air, et suspendus dans l'atmosphère.

La Société demande que la présence dans l'atmosphère de cette vapeur à l'état vésiculaire soit démontrée par des expériences directes; et que le phénomène du passage du gaz d'eau à l'état de vapeur d'eau, c'est-à-dire d'eau liquide, mais dispersée dans un grand volume d'air ou dans un espace vide très-étendu, soit expliqué par des expériences exactes et décisives.

Le prix ordinaire d'une réponse satisfaisante à chacune de ces questions est une médaille d'or de la valeur de 150 florins, et de plus une gratification de 150 florins de Hollande, si la réponse en est jugée digne. Il faut adresser les réponses, bien lisiblement écrites en Hollandais, Français, Anglais, Italien, Latin, ou Allemand [en lettres italiques] et affranchies, avec des billets, de la manière usitée, à J. G. S. VAN BREDA, Secrétaire perpétuel de la Société à Harlem.

Le Président a proclamé membres de la Société :

Mr. L. von Buch, à Berlin.
Faraday, à Londres.
J. Plucker, à Bonn.
H. von Meyer, à Francfort sur le Mein.
H. R. Goppert, à Breslau.
C. F. von Gartner, à Calw.
H. G. Bronn, à Heidelberg.

RELATORIOS.

Leo o Sñr. Director da Classe de Sciencias Moraes e Bellas Lettras:

As Censuras da Obra do Sñr. Antonio Feliciano de Castilho, intitulada — *Leitura Repentina* — de que tinha offerecido um exemplar á Academia, pedindo-lhe o seu juizo sobre ella. Os Censores forão de opinião, que a obra do Sñr. Castilho não póde ter na pratica os uteis resultados, que o autor assevera.

COMMUNICAÇÕES.

O Sñr. José Cordeiro Feio apresentou umas *Memorias sobre o Systema etymologico*, offerecidas á Academia pelo Sñr. Marcos Dalhunti.

Forão entregues ao Sñr. Director da Classe respectiva.

O Sñr. João Ferreira Campos agradeceo á Academia a sua nomeação de Socio Correspondente, ao que o Secretario perpetuo respondeo convenientemente.

DONATIVOS.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — 2.ª Série — Tomo 1.º — N.º 11 — Lisboa 1850 — 8.º — 1 N.º — Offerecido pela mesma Sociedade.

Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias, de Lisboa. — 1.ª Série — 3.º anno — Dezembro de 1850 — 8.º — 1 N.º — Offerecido pelo Snr. José Tedeschi.

Revista Militar — Tomo 2.º — N.º 11 — Novembro 1850 — 8.º — 1 N.º — Offerecido pela Direcção da Redacção do Jornal.

La Legislazione ed Economia agraria del Portogallo esaminate secondo le dottrine costituzionali del Marchese Camillo Pallavicini. — Torino 1850 — 8.º — 1 exemplar. — Offerecido por seu autor.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences [Instituto Nacional de França]. — 1850 — 2.º semestre — Tomo 31 — N.os 10, 11, e 12 — 4.º g.de — 3 N.os — Offerecido pelo Instituto.

Natuurkundige Verhandelingen van de Hollandsche Maatschappy der Wetenschappen te Haarlem [Memorias da Sociedade Hollandeza das Sciencias de Harlem. Tomo 5.º, Parte 2.ª, e Tomo 6.º]. — Te Haarlem 1849 — 1850 — 4.º g.de — 2 Vol. — Offerecidas pela Sociedade.

Extrait du Programme de la Société Hollandaise

des Sciences à Harlem, pour l'année 1850. — 4.° g.[de] 1 exemplar. — Offerecido pela mesma Sociedade.

PARA O MUSEU.

Um Papagaio. — Offerecido pelo Sñr. José Ventura Massa.

Uma Motacilla, ou Rabi-ruivi.

Quatro fosseis.

Uma concha com um Eremita.

Offerecidos os sobreditos tres objectos pelo Sñr. Conselheiro Lourenço José Moniz.

Dous Mineraes. — Offerecidos pelo Sñr. Antonio Joaquim Moreira.

Oriolus Galbula, macho. — Offerecido pelo Sñr. Porphyrio Joaquim de Miranda.

ASSEMBLEA D'EFFECTIVOS DE 18 DE DEZEMBRO.

Presidio o Sñr. José Cordeiro Feio.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, José Liberato Freire de Carvalho, Barão de Reboredo, Fortunato José Barreiros, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Recreio, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario perpetuo a seguinte exposição dos serviços prestados pelo Sñr. Visconde de Santarem á A-

cademia, e a Academia determinou que se levasse á Presença de Sua Magestade.

SENHORA. = O Visconde de Santarem tem prestado relevantes serviços á Academia Real das Sciencias de Lisboa. Ás suas incessantes diligencias, e á sua incansavel actividade, que não cessa de promover tudo o que póde, por qualquer modo, aproveitar á Academia, se deve em grande parte, além das offertas de muitos sabios Francezes, as preciosas collecções com que os Ministerios do Interior, da Guerra, da Marinha, e da Instrucção publica de França, tem enriquecido a nossa Bibliotheca, e que seria impossivel alcançar por outro meio, pelo seu excessivo custo. A Academia penhorada por tantas provas de dedicação do seu Socio, não póde agradecer-lhas de outro modo senão levando os seus serviços academicos á Augusta Presença de Vossa Magestade, que, se os julgar merecedores de premio, Se Digne Conceder-lhe aquelle que for do seu Real agrado, e que recahirá n'uma pessoa que tem illustrado o seu Paiz com obras de interesse Nacional, geralmente conhecidas e estimadas.

Academia Real das Sciencias de Lisboa 18 de Dezembro de 1850. = José Cordeiro Feio, Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Mattheus Valente do Couto Diniz, José Liberato Freire de Carvalho, Antonio Albino da Fonseca Benevides, Barão de Reboredo, Fortunato José Barreiros, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Agostinho Alba-

no da Silveira Pinto, Francisco Recreio, Joaquim José da Costa de Macedo.

O Sñr. Director da Classe de Sciencias Naturaes apresentou o parecer da Classe sobre os Estatutos da Sociedade promotora agricola do districto de Coimbra, enviados á Academia com Portaria de 25 de Novembro ultimo.

A Academia approvou o parecer da Classe.

O Sñr. Director da Classe de Sciencias Naturaes propoz para Socio Livre o Sñr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel, e procedendo-se á votação foi unanimemente approvado.

O Sñr. Director da Classe de Sciencias Moraes e Bellas Lettras propoz para Socio Correspondente o Sñr. Marquez de Resende.

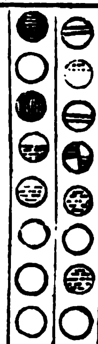
O Sñr. Mattheus Valente do Couto Diniz, apresentou, já impressas, as Ephemerides Nauticas para o anno de 1852.

Participou o Secretario perpetuo ter fallecido, em 30 de Novembro ultimo, o Sñr. Antonio Maria da Costa e Sá, Socio Livre da Academia.

Diario das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Novembro de 1850.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força	Estado da Atmosphera.		
	Min.	Max.	Med.	9ª Man.	3ª Tarde					
1	52	70	61	765,3	765,0		B—N	○	○	
2	51	68	59	66,2	65,8		NO—N	⊜	○	Nevoeiro matutino.
3	47	65	56	65,0	65,2		·N—·E	○	○	
4	52	70	61	64,7	64,0		·NE—E	○	○	
5	52	69	60	64,7	64,2		·SE—SO	○	○	
6	50	70	60	64,3	63,7		·NE—·N	○	○	
7	50	68	59	64,3	64,0		·NE	○	○	
8	55	70	62	64,4	63,7		·NE—·N	⊜	○	
9	53	69	61	63,6	63,7		·NE—·N	⊜	○	
10	50	69	59	63,6	62,0		·NE—B	○	○	

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força			Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9^h Man.	3^h Tarde					
11	48	66	57	62,2	61,8		·NE—B			
12	46	64	55	61,5	60,5		·NE—B			
13	43	59	51	60,7	59,3		·V—N			Nevoeiro denso até ás 2^h da tarde.
14	50	62	56	59,6	59,6		B—N			
15	46	64	55	62,3	61,4		B—·N			Pequeno nevoeiro matutino.
16	48	64	56	64,5	64,0		·N—B			
17	47	68	56	65,5	65,6		B			Nevoeiro matutino.
18	47	62	54	66,1	64,7		B			
19	49	63	56	60,3	57,7	3	²SO			Nev.° mui denso, e hum., q̃ se resolve em chuv.°
20	55	60	57	57,4	58,3		NO¹—¹O			Aguaceiros inapreciaveis; arco iris, ar frio.
21	48	62	55	62,8	62,2		NO			
22	46	62	54	61,6	60,2		B—V·			Nevoeiro denso matutino de pouca duração.

Dias do Mez	Temper. Exterior			Barometro		Pluvimetro	Ventos dominantes, e sua força		Estado da Atmosphera.
	Min.	Max.	Med.	9h Man.	3h Tard.				
23	55	63	59	60,8	62,6	10	SO—NO		Ar tepido e muito humido.
24	47	60	53	65,4	64,0		·V—SO		
25	56	60	58	59,4	56,8	11	SO—NO		Chuva serena; ar tepido.
26	49	56	52	56,5	56,0	4	NO^{r}		Chuva de aguaceiros; ar frio.
27	44	55	49	53,0	55,0		$^{2}N^{r}O$—^{1}N		Frio e secco.
28	43	55	49	58,7	58,5		^{1}N		
29	41	55	48	60,5	59,8		B		Ameno; e frescos os extremos.
30	39	56	47	59,8	59,5		B		Idem. Idem.
Med.	48,6	63,4	55,9	762,1	761,6	28	N NO NE		Temp. normal, esfriando sómente nos ultimos 4 dias; bonançoso e pouco ventoso.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DO MEZ DE NOVEMBRO DE 1850.

Temperaturas,

Minima a 30	39°
Maxima a 1, 4, e 8....	70
Media	55,9
Variação med. diurna..	14,8
Maxima dita a 6.....	20

Barometro na tp.ª de 63°

Maxima altura a 2......	766,0	Variação
Minima a 27............	753,2	dos extremos
Media..................	761,9	12^m,8.

Ventos dominantes e sua força.

$$N,13^{0,4} = NO,9^{0,6} = O,1^{1,0} = SO,6^{0,7} = NE,9^{0,2} = E,2^{0,3}$$

$$SE,1^{0,2} = V \text{ ou } B,19.$$

EZEMBRO I
87 METR

Ventos d nantes e forç

Mezes		
Inverno — Dezembro 1849		
Janeiro 1850		
Fevereiro		
Março		
Somma		
Primavera — Abril		
Maio		
Somma		
Verão — Junho		
Julho		
Agosto		
Septembro		
Somma		
Outubro		

Phenomenos notaveis.
;elou nas noites de 24, 25, 27, e 31, acompanhadas de geadas mui fortes. dem na noite de 2. — Geadas a 2, 3, 4 e 9. — Tempestade de O. a NO. a 14 e 15. 'empestade de SE. a 30, que teve pouca duração.
'empestade de S. a SO., de pouca duração, no 1.° do mez. 'empestade de SO. a O., a 6. — Dita de SE. a S. a 22 com trovoada. — Dita de O. a 23.
)esde 10 até 13 ventos tempestuosos do Norte. 'rovoadas a 14, e 15.
…estade de NNO. a 21

═ Direcção media do vento dominante N 7°O (0,4).
═ Meios dias ventosos 2.

Estado da Atmosphera.

Meios dias claros 41 — Claro e nuvens 5 — Cobertos 2 — Cobertos e clarões, 4 — Dias em que choveo 4, fornecendo a escassa quantidade de 28 millimetros, equivalentes a menos de um terço da chuva regular deste mez — Nevoeiros 5 — Dias de calor notavel, um. — Ditos de frio sensivel 4, os quaes apparecêrão no fim do mez.

Mortalidade em Lisboa.

Sexo masculino	—232	maiores	—120	menores	—tot.	—352
Dito feminino	—244	ditos	—104	ditos	—dit.	—348
Sommão	476	ditos	—224	ditos	—dit.	—700

Em cujo numero se comprehendem 328 fallecidos nos hospitaes, sendo 98 menores procedentes da Misericordia, ou dos que se depositão nos adros das Igrejas. A mortalidade deste mez excedeo a normal em quinze centesimos, ou quasi um setimo.

M. M. Franzini.

N.B. *O diario das observações meteorologicas relativo ao mez de Dezembro publicar-se-ha em um dos N.os seguintes.*

ACTAS

DAS

SESSÕES

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA.

TOMO III.

LISBOA
NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.
1851.

ACTAS

DAS

SESSÕES

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA.

1851. — N.° I.

SESSÃO LITTERARIA DE 15 DE JANEIRO.

Presidio o Sñr. José Cordeiro Feio.

Concorrêrão á Sessão o Vice-Secretario perpetuo Francisco Elias Rodrigues da Silveira, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, José Liberato Freire de Carvalho, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de

Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Recreio, Barão de Reboredo, Fortunato José Barreiros, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, e Agostinho Albano da Silveira Pinto, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos; Antonio Caetano Pereira, Socio Correspondente.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Vice-Secretario:

Um Decreto de 14 de Dezembro, em que Sua Magestade ha por bem determinar os regozijos, que deverião ter logar pelo seu feliz successo.

MEMORIAS LIDAS.

Applicação ao systema moderno de Fortificação, pelo Sñr. Francisco Pedro Celestino Soares.

Foi entregue ao Sñr. Director da Classe respectiva.

O Sñr. Antonio Caetano Pereira continuou, e aca-

bou de ler a sua *Memoria em que se refuta a opinião dos que affirmão, que a batalha de Campo de Ourique foi uma simples jornada, ou correria*; porêm não a entregou dizendo que necessitava fazer-lhe alguns retoques.

DONATIVOS.

Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa. — 2.ª Serie — Tomo 7.º — N. 8 — 8.º — 1 N.º — Offerecido pela mesma Sociedade.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — 2.ª Serie — Tomo 1.º — N.º 12 — 8.º — 1 N.º — Offerecido pela mesma Sociedade.

Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias, de Lisboa. — 1.ª Serie — 4.º anno — Janeiro de 1851 — 4.º — 1 N.º — Offerecido pelo Sñr. José Tedeschi.

Revista Militar. — Tomo 2.º — N.º 12 — Dezembro de 1850 — 4.º — 1 N.º — Offerecido pela Direcção do Jornal.

Quadro Elementar das Relações Politicas e Diplomaticas de Portugal com as diversas Potencias do Mundo etc. — Paris 1850 — Tomo 6.º — 8.º — 1 Vol. — Offerecido por seu autor o Sñr. Visconde de Santarem.

Historia Sagrada do Antigo e Novo Testamento, para instrucção e santificação dos Fieis etc. — Tomos 1.º e 2.º — Paris 1850 — 8.º — 2 vol.

Exercicios progressivos, oraes e por escrito, sobre a Grammatica Franceza, e Arte de traduzir o idioma Francez em Portuguez. — Paris 1850 — 8.º — 1 vol.

Grammatica para os Portuguezes e Brasileiros que desejão aprender a Lingua Franceza, sem esquecerem a

propriedade e o giro da sua etc. — Paris 1850 — 8.° — 1 vol. — Estas ultimas tres obras forão offerecidas por seu autor o Sñr. José Ignacio Roquete.

Bulletin de la Société de Géographie de Paris. — 3ème Série — Tomo 13 — 1850 — 8.° — 1 Vol. — Offerecido pela mesma Sociedade.

Le Bande Garibaldidne a San Marino. Racconto storico del Capitano Oreste Brizi, Aretino. Arezzo. — 1850 — 8.° — 1 exemplar. — Offerecido por seu autor.

Quæstiones, quæ in a. 1849 *proponuntur a Societate Regia Danica Scientiarum cum præmii promisso.* — 8.° — 1 exemplar de 3 pag.

Censura commentationum Societati Regiæ Danicæ Scientiarum a. 1847 *ad præmium reportandum oblatarum, et novæ quæstiones, quas in a.* 1848 *proponit Societas cum præmii promisso.* — 8.° — 1 exemplar de 3 pag.

Oversigt over det Kgl. danske Videnskabernes Selskabs Forhandlinger og dets Medlemmers Arbeider i Aaret. — 1847 — 1848.

Resumo das Actas da Sociedade Real das Sciencias de Dinamarca, e dos trabalhos dos seus Membros, durante os annos de 1847 — 1848. — Copenhague 1848 — 8.° — 2 Vol.

Det Kongelige Danske Videnskabernes Selskabs scrifter. Femte Raekke. Naturvidenskabelig og Mathematisk, ofdeling. Förste bind. Memorias da Sociedade Real das Sciencias de Dinamarca. Sciencias Naturaes e Mathematicas 1.° Vol. — Copenhague 1849 — 4.° — 1 Vol.

ASSEMBLEA D'EFFECTIVOS DE 23 DE JANEIRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Barão de Reboredo, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Fortunato José Barreiros, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Recreio, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos.

COMMUNICAÇÕES.

Leo o Secretario perpetuo:

1.° Uma Portaria expedida pelo Ministerio dos Negocios do Reino, em 14 do corrente, do theor seguinte:

Ministerio do Reino. = Secretaria Geral = 2.ª Repartição = N. 501 = Livro 8.° = Manda Sua Magestade, A Rainha, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, participar á Academia Real das Sciencias de Lisboa, em resposta á sua Representação de 18 de Dezembro ultimo, que, Annuindo aos justos desejos manifestados por esta illustre Associação, Houve por bem, por Carta Regia de 26 do mesmo mez, Fazer Mercê ao Visconde de Santarem, Guarda mór do Real Archivo da Torre do Tombo, e Socio da mesma Academia, de o Elevar á Dignidade de Grão-Cruz da Ordem de Christo. Paço das Necessidades, em 14 de Janeiro de 1851. = Conde de Thomar.

2.° Propondo que se devia agradecer a Sua Magestade a contemplação que lhe mereceo a Representação a que allude a Portaria acima transcripta — exprimio os sentimentos de gratidão da Academia por esta maneira:

SENHORA = A Academia Real das Sciencias de Lisboa, querendo apresentar a Vossa Magestade o tributo do seu reconhecimento pela benevolencia com que Vossa Magestade attendeo uma representação em que a Academia levou á Augusta Presença de Vossa Magesta-

de os serviços Academicos do seu Socio, o Visconde de Santarem, não acha termos capazes de manifestar a Vossa Magestade os sentimentos que a animão. Na impossibilidade d'exprimir devidamente a Vossa Magestade a sua respeitosa gratidão, a Academia supplica a Vossa Magestade Se Digne acceitar os mais ardentes votos que ella faz pelas prosperidades de Vossa Magestade, cuja Magnanimidade, sempre sollicita em mostrar-se Protectora das Sciencias, e da Academia, a honra e agracia nas mercês que liberaliza aos seus Socios.

A Augusta Pessoa de Vossa Magestade guarde Deos por dilatados annos.

Academia Real das Sciencias, em 23 de Janeiro de 1851. — José Liberato Freire de Carvalho — Antonio Diniz do Couto Valente — Francisco Ignacio dos Santos Cruz — Francisco Freire de Carvalho — Francisco Pedro Celestino Soares — Mattheus Valente do Couto Diniz — Antonio Albino da Fonseca Benevides — Barão de Reboredo — Ignacio Antonio da Fonseca Benevides — Fortunato José Barreiros — Agostinho Albano da Silveira Pinto — Francisco Recreio — Joaquim José da Costa de Macedo.

O que foi unanimemente approvado.

═

3.° O extracto da Censura pedida pelo Snr. Castilho, sobre a sua obra, que tem por titulo — *Leitura Repentina*, a saber:

═══

Illmo Snr. = A Academia Real das Sciencias de Lisboa recebeo a obra que V. S.ª teve a bondade de

offerecer-lhe , intitulada — *Leitura repentina* — com a carta de V. S.ª em que pedia o juizo da Academia sobre a mesma obra. Para satisfazer a V. S.ª fez a Academia examinar esta composição; e os Socios a quem foi commettido este encargo encontrárão nella um testemunho dos efficazes desejos que V. S.ª tem de facilitar e promover o progresso da instrucção publica desd'os seus mais simples e primarios elementos; porêm notárão:

Que sendo o methodo por V. S.ª adoptado e aperfeiçoado para ensinar a ler o de Mr. Lemare, e não sendo geralmente seguido em França este mèthodo, que é ignorado fóra de França, como V. S.ª confessa, isto induz a persuadir que não desempenha cabalmente o que se inculca, aliás ter-se-hia vulgarisado por toda a Europa, como acontece em qualquer invenção, ou innovação scientifica de reconhecida e geral utilidade:

Que effectivamente as figuras designando objectos cujo nome principia por cada uma das lettras do alphabeto, e acompanhando os signaes que representão essas lettras, forão usadas em Portugal ha seculos, desde que se imprimírão as cartilhas de João de Barros, e do M.º Ignacio, e omittírão-se em todas as cartilhas por onde se aprende tanto em Portugal como nos outros Paizes, por se assentar que era mais facil ensinar fixando a attenção dos meninos n'um signal simples, como é cada uma das lettras do alphabeto, do que distrahindo-a com objectos estranhos, como são as figuras:

Que lhes parecia que nas primeiras idades, quanto menos se carrega a memoria com regras, mais promptamente se aprende, e por isso as regras em verso, que se lião n'outro tempo até nas artes da lingua Grega, forão banidas do ensino:

Que os numeros postos por cima das lettras para ensinar a soletrar, em logar de facilitar o ajuntamento das lettras, formando syllabas, o tornão mais complicado, obrigando os discipulos a recorrer continuamente ás lições precedentes:

Que, sem entrarem na analyse especial de cada um dos sons das lettras, que V. S.ª diz serem inspirados pela natureza, e de cada um dos outros objectos de que trata a sua obra, o que seria mui longa tarefa, mas de que, não obstante isso, tocão alguns pontos, lhes parece que, pelo seu methodo não se tornaria a leitura mais repentina do que pelos methodos ordinarios, sendo empregados por mestres que ajuntassem á aptidão necessaria, amenidade de trato, e benevolencia para com as crianças cujo primeiro esboço de educação litteraria lhes incumbe promover, principalmente se fossem auxiliados por algum meio mecanico, como lettras soltas feitas de cartão, ou escriptas em cartão etc.

Que muito estimarião enganar-se neste seu juizo, e que o methodo proposto por V. S.ª produzisse todos os effeitos que V. S.ª pretende, de que resultaria muito louvor e credito para seu autor, e muito aproveitamento para o ensino publico.

A Academia conformou-se com este parecer: o que tenho a honra de participar a V. S.ª = Deos g.^{de} a V. S.ª Lisboa 23 de Janeiro de 1851. = Illmo Sñr. Antonio Feliciano de Castilho = Joaquim José da Costa de Macedo, Secretario perpetuo da Academia.

=

Determinou-se que se remettesse ao Sñr. Castilho.

Assentou-se que d'ora em diante a Academia se absteria de dar o seu juizo sobre qualquer obra impressa de qualquer dos seus Socios, ainda quando por elles lhe fosse pedido.

Procedendo-se á eleição do Sñr. Marquez de Resende para Socio Correspondente da Academia, proposto na Assemblea d'Effectivos de 18 de Dezembro, foi unanimemente approvado.

SESSÃO LITTERARIA DE 12 DE FEVEREIRO.

Presidio o Sñr. José Cordeiro Feio.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, José Liberato Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Recreio, Barão de Reboredo, Fortunato José Barreiros, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos; Manoel Antonio Ferreira Tavares, e Antonio Caetano Pereira, Socios Correspondentes.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario perpetuo:

1.º Uma Portaria expedida pelo Ministerio do Reino no primeiro do corrente, participando á Academia, que

por Portaria de 30 de Janeiro ultimo se ordenára ao Inspector geral das Obras Publicas mandasse fazer cinco mezas para a collocação das conchas univalvas do Museu da Academia, na conformidade do que se pedio em representação de 12 de Dezembro antecedente.

2.° Uma Carta da Sociedade Real d'Edimburgo, com data do 1.° de Julho de 1848, acompanhada de uma Medalha cunhada em honra de Nepier, inventor dos Logarithmos, que a Sociedade offerece á Academia como testemunho do respeito que lhe consagro.

Entregou-se a Medalha ao Sñr. Thesoureiro.

Resolveo a Academia que fossem impressos nas Actas os Programmas que nella se apresentárão, remettidos pela Academia das Sciencias do Instituto de Bolonha, e pela Academia Real das Sciencias de Turim, que são os seguintes:

Programma dell'Accademia delle Scienze dell'Istituto di Bologna, pel concorso al premio Aldini sugl'incendi per l'anno 1852.

Avendo quest' Accademia conseguito in due copiose Memorie del ch. Signor Francesco Del Giudice, da essa coronate di premio [la prima delle quali fu già pubblicata pe'suoi tipi, e l' altra è prossima a pubblicarsi], la soluzione dei due quesiti proposti nel 1842,

e nel 1845 sui metodi generali per la estinzione degl' incendi, e sul regolamento dei corpi dei Pompieri; crede ora utile il cercare di rendere popolari tutte le cognizioni attinenti all' importantissimo argomento di prevenire e di estinguere gl' incendi. Propone quindi il premio di una medaglia d' oro del valore di *scudi romani cento*, assegnato dal benefico testatore Cav. Prof. Aldini di Bologna, all' autore dello scritto che colle sottonotate avvertenze e condizioni presenti, a giudizio della stessa Accademia, la miglior soluzione del tema seguente;

Manuale pratico per gl' incendi.

Il Manuale conterrà, sotto la maggior brevità e chiarezza possibile, due parti: La prima » delle cautele pubbliche e private, colle prescrizioni speciali atte a prevenire gl' incendi. La seconda » delle pratiche più sicure per estinguerli. In questa seconda parte saranno distinti gli edifici pubblici e privati più sottoposti al pericolo degl' incendi; e secondo il loro uso, la loro forma, e la materia di cui sono composti, dovranno esporsi le speciali regole per estinguervi il fuoco, siano essi ne' luoghi, ove si trovano stabiliti i pompieri, o in quelli che ne mancano. Si chiarirà quindi questa parte classando con esempi ben circostanziati tanto gli uni che gli altri edifici, prescrivendovi il modo da tenersi per l' estinzione dell' incendio secondo il caso particolare, e quando sia fattibile, corroborando il modo proposto colla storia del buon successo conseguito nei casi simili. Si concluderà colla indicazione delle imperfezioni che si trovano ancora nelle pratiche sin' ora usate, e di cosa resti a farsi per emendarle.

Le Memorie per questo Concorso dovranno perve-

nire *franche* a Bologna entro il mese di Ottobre dell' anno milleottocentocinquantadue con questo preciso indirizzo = *Al Segretario dell' Accademia delle Scienze dell' Istituto di Bologna* =: un tale termine è di rigore, e perciò non sarebbero ricevute pel Concorso le Memorie che giungessero all' Accademia, spirato l' ultimo dì dell' indicato mese. Potranno essere scritte o in italiano, o in latino o in francese. L' Accademia richiede la maggiore esattezza nelle citazioni di Opere stampate, e la maggiore autenticità ne' documenti in iscritto, che agli Autori torni di menzionare a prova, o conforto di loro asserzioni. Ciascun concorrente dovrà contrassegnare con un' epigrafe qualsiasi la sua Memoria, ed accompagnare questa d' una scheda suggellata, la quale racchiuda il nome, cognome ed indirizzo di lui, ed abbia ripetuta all' esterno la predetta epigrafe. I concorrenti avranno tutta la cura di non farsi conoscere; poichè quegli, che per qualche espressione della sua Memoria, o in qualsivoglia altra maniera si facesse conoscere, verrebbe escluso dal Concorso. Spirato il sopradetto termine, e succeduto il giudizio delle Memorie di Concorso, secondo l' analogo regolamento dell' Accademia, verrà aperta la sola scheda della Memoria meritevole del Premio, e del premiato si pubblicherà tosto il nome.

Bologna dalla Residenza dell' Istituto il dì 9 Gennajo 1851.

Il Presidente

Prof. Cav. Michele Medici.

Il Segretario

Dott. Domenico Piani.

Académie R. des Sciences de Turin. Classe des Sciences Physiques et Mathématiques. Prix fondés par Mr. le Comte Pillet-Will; Membre non résidant de l'Académie. Programme.

Un seul des prix institués par Monsieur le Comte Pillet-Will, conformément aux Programmes publiés par l'Académie le 8 mai 1842 et le 23 janvier 1848, a été décerné, celui de Chimie, les autres travaux envoyés au concours n'en ayant pas rempli toutes les conditions.

Si, d'une part, l'Académie a reconnu dans quelques-uns de ces travaux un certain mérite, qui lui donne un espoir fondé d'une meilleure réussite, elle a, d'autre part, réfléchi que les convulsions politiques, qui ont agité l'Europe pendant ces dernières années, peuvent avoir détourné bien des Auteurs distingués de consacrer leurs talents à de telles compilations scientifiques; ces considérations, jointes au désir de seconder les intentions manifestées par le généreux Fondateur, l'ont déterminée à proroger encore une fois le terme du concours aux trois prix, qui restent à décerner, afin de donner aux uns et aux autres le temps et les moyens de parvenir à un plus heureux résultat.

Pour venir en aide à ceux qui auraient déjà recueilli des matériaux importants sur les sujets proposés, et pour rendre moins difficile l'exécution du plan qu'ils se seraient déjà tracé, l'Académie a jugé devoir conser-

dans ce dernier appel, qu'elle fait aux Savants; les
ıcipales conditions du Programme précédent, auquel
n'a apporté, d'accord avec Mr. le Comte PILLET-
LL, que les légères modifications exigées par les cir-
stances actuelles; en conséquence, l'Académie Roya-
les Sciences de Turin propose de nouveau les condi-
ıs suivantes:

1.° Un prix de deux mille cinq-cent francs est mis
concours pour chacun de ces trois ouvrages, savoir:

Une introduction à l'étude de la Physique;
Une introduction à l'étude de la Mécanique;
Une introduction à l'étude de l'Astronomie.

2.° Ces ouvrages pourront avoir la forme de Traités
nentaires; ils devront faire connaître, en abrégé, l'
oire et la philosophie de la science, les méthodes
ies pour arriver aux connaissances qui en forment
ıjet, et devront en même temps servir à l'instruction
masses, et préparer à une étude plus approfondie de
mêmes sciences.

3.° Les concurrents pourront employer les principes
calcul qui seront absolument nécessaires pour l'expo-
ɔn des méthodes et des résultats, sans dépasser ce-
dant les bornes des connaissances de ce genre, que
sait être assez généralement répandues.

Les ouvrages destinés au concours devront être iné-
et écrits lisiblement en langue italienne ou françai-
Les Auteurs n'y mettront point leur nom, mais seu-
ent une épigraphe ou devise, qui sera répétée sur
billet cacheté, renfermant leur nom et leur adresse;
'ouvrage n'est pas couronné, le billet ne sera pas ou-
; et sera brulé.

Sont admis au concours les Savants de tous les
s, excepté les *Membres résidants* de l'Académie.

2 *

Le terme du concours est fixé irrévocablement 31 décembre 1852. Avant l'expiration de ce terme. manuscrits devront être remis, cachetés et *franc port*, au Secrétariat de l'Académie Royale des Scien de Turin.

La propriété des ouvrages couronnés est rése aux Auteurs. Turin, 12 janvier 1851.

Le Président

C.te ALEXANDRE DE SALUCES.

Le Secrétaire

HYACINTHE CARENA

MEMORIAS LIDAS.

Leo o Sñr. João da Cunha Neves e Carvalho Portugal parte das suas: *Reflexões breves sobre o Lineario do Barão de Rosmital.*

DONATIVOS.

Orçamento do anno economico de 1851 — 1852.
.isboa 1850 — fol. — 1 Vol. — Mandado pelo Mi-
rio do Reino.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. —
érie — Tomo 2.° — N.° 1 — Lisboa 1851 — 8.°
N.° — Offerecido pela mesma Sociedade.

Revista Militar. — N.° 1 — Janeiro 1851 —
3.° — Lisboa 1851 — 4.° — 1 N.° — Offerecido
Direcção do Jornal.

Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias, de Lis-
— 1.ª Série — 4.° anno — Fevereiro de 1851
.° — 1 N.° — Offerecido pelo Sñr. José Tedeschi.

Cenno sul Carbonchio e Carboncello. — 1 folha com
columnas.

Il Maniconio sulla vetta del Monte Bianco. — 1
com 5 columnas — Offerecidos estes dous papeis
Presidente Fenicia.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Aca-
e des Sciences [Instituto Nacional de França]. —
— Deuxième semestre — Tome 31 — N.os 13,
15, 16, 17, 18 e 19 — 4.° gd.e — 7 N.os —
ecidos pelo mesmo Instituto.

Proceedings of the Royal Society of Edinburgh. —
2.° — 1847 — 8.° — N.os 31, 32, 35, 36, 37,
39 — 8.° — 7 N.os

Transactions of the Royal Society of Edinburgh. — Tomo 16 — Parte 4.ª — For the Session 1847 — 18[illegible] — 4.° — 1 Vol.

Idem — Tomo 20 — Parte 1.ª — For the S[illegible]sion 1849 — 1850 — 4.° — 1 Vol.

Idem — *Report to General Sir Thomas Mak[illegible]gall Brisbane, Bart etc.* — Edinburgh — 4.° — 1 [illegible] — Offerecidas as sobreditas quatro obras pela Soci[illegible]de Real d'Edimburgo.

General results of the observations in Magnetism [illegible] Meteorology, mad at Makerstonn in Scotland, [illegible] Observatory of General Sir Thomas Makdongal Bris[illegible]ne, Bart etc, With detailed Tables of results f[illegible] years 1845 and 1846, — Edinburgh 1850 — 4.° [illegible] — 1 Vol.

Procedings of the Royal Society. — 1849 — N.[illegible] 73 e 74 — 8.° — 2 N.os

Philosophical Transactions of the Royal Society [illegible] London. — For the year 1850 — Parte 1.ª — 4.° — 1 Vol. — Offerecidas estas duas obras pela Socieda[illegible] Real de Londres.

Mémoires de la Société Impériale d'Archéologie [illegible] St. Pétersbourg. — St. Pétersbourg 1850 — Suppleme[illegible] — 8.° — 1 N.°

Idem — X. [Vol. IV. N.° 1]. — St. Petersbour[illegible] 1850 — 8.° — 1 N.° — Offerecidos estes dous N.os p[illegible] la referida Sociedade.

Programma dell'Academia delle Scienze dell'Istitu[illegible]to di Bologna pel concorso al premio Aldini sugl'[illegible]cendi per l'anno 1852 — 4.° — 1 exemplar. — Of[illegible]ferecido pelo dito Instituto.

Académie R. des Sciences de Turin. — *Classe [illegible] Sciences Physiques et Mathématiques* — *Prix fondé [illegible]*

Mr. le Comte Pillet-Will. Programme. — 4.° — 1 exemplar — Offerecido pela dita Academia.

Abhandlungen der Königlichen Akademie der Wissenschaften zu Berlin. Aus dem Jahre 1848. — Berlin 1850 — 4.° gd.^{e} — 1 Vol. [Memorias da Academia Real das Sciencias de Berlin no anno de 1850].

Bericht über die zur Bekanntmachung geeigneten Verhandlungem der Königl. Preuss. Akademie der Wissenschaften zu Berlin [Analyse dos trabalhos da Academia Real das Sciencias de Berlin, destinados para se publicarem]. — Julho de 1849 a Junho de 1850 — 8.° — 11 N.^{os}; porque um delles comprehende os mezes de Septembro e Outubro de 1849. — Offerecidas as duas ultimas obras pela Academia Real das Sciencias de Berlin.

PARA O MEDALHEIRO DA ACADEMIA.

Uma medalha com a effigie de Nepier, o inventor dos Logarithmos. — Offerecida pela Sociedade Real de Edimburgo.

ASSEMBLEA D'EFFECTIVOS DE 19 DE FEVEREIRO.

Presidio o Sñr. José Cordeiro Feio.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, José Liberato Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Recreio, Barão de Reboredo, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Fortunato José Barreiros, Agostinho Albano da Silveira Pinto, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos.

Resolveo-se que os Socios da Academia, que lerem em alguma das suas Sessões qualquer memoria, ou escripto, se entenda que a memoria, ou escripto lido fica pertencendo á Academia, como propriedade sua; excepto se a Academia lhe der licença para o ler sem esta condição.

O Sñr. Daniel Augusto da Silva foi eleito Socio Livre da Academia por unanimidade de votos.

Determinou a Academia que o Sñr. Antonio Feliciano de Castilho fosse riscado da Lista dos seus Socios Correspondentes, em consequencia do que publicou no N.° 5 do 2.° Vol. do Periodico — *A Semana.*

SESSÃO LITTERARIA DE 26 DE FEVEREIRO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Pedro Celestino Soares, José Cordeiro Feio, Francisco Recreio, Barão de Reboredo, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Fortunato José Barreiros, Agostinho Albano da Silveira Pinto, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos; Antonio Caetano Pereira, Socio Correspondente.

O Sñr. Vice-Secretario participou que não podia comparecer nesta Sessão por incommodo de saude.

O Sñr. Barão de Reboredo offereceo á Academia a sua Obra intitulada — *Taboa Hydrographica das Rochas, Baixos, Vigias, Recifes etc., que tem sido reconhecidos nos vastos mares do globo, e se tem determinado pela sua longitude, e latitude geographica.*

Foi entregue ao Sñr. Director da Classe respectiva.

MEMORIAS LIDAS.

O Sñr. João da Cunha Neves e Carvalho Portugal continuou a lêr as suas — *Breves reflexões sobre o Itinerario do Barão de Rosmital.*

DONATIVOS.

Revista Militar. — N.° 2 — Fevereiro 1851 — Tomo 3.° — 4.°— 1 N.° — Offerecido pela Direcção do Jornal.

Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa. — 2.ª Série — Tomo 7.° — N.°ˢ 9 e 10 — 8.° — 2 N.°ˢ— Offerecidos pela mesma Sociedade.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — 2.ª Série — Tomo 2.°— N.° 2 — 8.°— 1 N.° — Offerecido pela mesma Sociedade.

Exame Historico em que se refuta a opinião do Sñr. A. Herculano sobre a Batalha de Campo d'Ourique. — Lisboa 1851 — 8.°— 1 exemplar — Offerecido pelo Sñr. Antonio Caetano Pereira.

Quelques considérations sur l'Anatomie Chirurgicale de la région mammaire. Par J. A. Giraldès etc. — Paris — 4.° — 1 exemplar — Offerecido pelo Autor.

Tables des Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences [Instituto Nacional de França]. — Tomo 30 — Janvier-Juin 1850 — 4.° gd.° — 1 exemplar.

Comptes rendus — idem. — Tomo 31 — N.°ˢ 20, 21 e 22 — 4.° gd.° — 3 N.°ˢ— Offerecidos estes exemplares, e o do Indice, pelo mesmo Instituto.

Mémoires de l'Académie Impériale des Sciences de Saint-Pétersbourg. — 6ᵐᵉ Série — Sciences Mathemati-

ques, Physiques et Naturelles — Tome 7ème — 1ère partie — Sciences Mathématiques et Physiques — Tome 5ème — 3me Livraison — Saint-Petersbourg 1849 — 4.° gd.° — 1 Vol.

Idem. — 4me Livraison — 1850 — 4.° gd.° — 1 Vol.

Idem. — 2.de partie: Sciences Naturelles — Tome 5ème — 5ème et 6ème Livraisons — 4.° gd.° — 1 Vol.

Idem. — 6ème Série — Sciences Mathematiques, Physiques et Naturelles — Tome 8ème — 4me Livraison — 4.° gd.° — 1 Vol.

Mémoires présentés à l'Académie Impériale des Sciences de St-Pétersbourg. Par divers savants, et lus dans ses Assemblées. — Tome 6ème — 4me Livraison — St-Pétersbourg 1849 — 4.° gd.° — 1 Vol.

Recueil des Actes des Séances Publiques de l'Académie Impérial des Sciences de Saint-Pétersbourg, tenues le 28 Décembre 1847 et le 29 Décembre 1848. — St-Pétersbourg 1849 — 4.° gd.° — 1 Vol. — Offerecidos os sobreditos seis ultimos Volumes pela Academia Imperial das Sciencias de S. Petersbourg.

Zur Geschichte Castiliens. — Bruchstucke ausder Chronik des Alonso de Palencia Herausgegeben von Dr. Wilhelm Ludwig Holland [Das Historias Castelhanas — Fragmentos da Chronica de Alonso de Palencia, publicados pelo D.^{or} Wilhelm Ludwig Holland]. — Tubingen 1850 — 4.° — 1 exemplar — Offerecido pelo Autor.

SESSÃO LITTERARIA DE 12 DE MARÇO.

Presidio o Sñr. José Cordeiro Feio.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, José Liberato Freire de Carvalho, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Recreio, Barão de Reboredo, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Fortunato José Barreiros, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'effectivos; Antonio Caetano Pereira, Socio Correspondente.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario perpetuo:

1.° Uma Carta do Sñr. Rodrigo de Sousa Pinto acompanhando o seu Opusculo sobre as Refracções atmospehericas, de que offereceo um exemplar á Academia.

2.° Uma Carta do Secretario da Academia Real das Sciencias de Madrid participando a remessa das Obras por ella publicadas.

MEMORIAS LIDAS.

O Sñr. Francisco Recreio leo:

Uma = *Memoria historica da Vida e escriptos do P.^e Joaquim de Foios.*

Foi entregue ao Sñr. Director da Classe.

DONATIVOS.

Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias, *de Lisboa*. — 1.ª Série — 4.º anno — Março de 1851 — 4.º — 1 N.º — Offerecido pelo Sñr. José Tedeschi.

Das refracções athmosphericas. — Lisboa 1850 — 8.º — 1 exemplar. — Offerecido por seu autor o Sñr. Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences [Instituto Nacional de França]. — 1850 — Deuxième semestre — Tome 31 — N.os 23 e 24 — 4.º gd.e — 2 N.os — Offerecidos pelo mesmo Instituto.

Transactions of the Royal Society of Edinburgh. — Vol. 18 — Edinburgh 1848 — 4.º gd.e — 1 Vol. — Offerecido pela mesma Sociedade.

SESSÃO LITTERARIA DE 26 DE MARÇO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, José Cordeiro Feio, Francisco Recreio, Barão de Reboredo, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Marino Miguel Franzini, Fortunato José Barreiros, Agostinho Albano da Silveira Pinto; e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; Daniel Augusto da Silva, e Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, Socios Livres; Antonio Caetano Pereira, Socio Correspondente.

MEMORIAS LIDAS.

O Sñr. Daniel Augusto da Silva leo, e offereceo á Academia a sua Memoria.

Foi entregue ao Sñr. Director da Classe.

O Sñr. Julio Maximo d'Oliveira Pimentel leo, e offereceo á Academia uma Memoria, que tem por titulo — *Analyse das Agoas mineraes do Gerez*; e que tornou a levar para lhe fazer acrescentamentos por elle mesmo lembrados.

DONATIVOS.

Sociedade Promotora da Industria Nacional — Exposição da Industria em 1849. — *Relatorio geral do Jurado. Relatorios especiaes. — Relação dos productos*: — Lisboa 1850 — 8.° — 1 Vol. — Offerecido pela mesma Sociedade.

Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa — 2.ª Série — Tomo 7.° — N.° 11 — 8.° — 1 N.° — Offerecido pela mesma Sociedade.

Despachos e Correspondencias do Duque de Palmella, colligidos e publicados por J. J. dos Reis e Vasconcellos. — Tomo 1.° — Lisboa 1851 — 4.° g.^{de} — 1 Vol. — Offerecido pelo Sñr. Conselheiro José Joaquim dos Reis e Vasconcellos.

Arsberattelse om Technologiens.framsteg, till Kongl. Vetenskaps-Akademien Afgifven den 31 *Mars* 1842, 1843, 1844, 1846 e 1848. [Relatorio annual do progresso da Technologia no anno de 1842, e seguintes] — 8.° — 5 Vol. — Por G. E. Pasch.

Arsberattelse om frametegem i Kemi under ar 1847. *Afgifven till Kongl. Vetenskaps-Akademien af L. F. Svanberg* [Relatorio annual do progresso da Chimica no anno de 1847, por L. F. Svanberg]. — 8.° — 1 Vol.

Kongl. Vetenskaps-Akademiens Handlingar, for ar 1847 — 1848 — 8.° — 2 Vol. [Memorias da Acade-

mia Real das Sciencias de Stockholmo, nos annos de 1847 e 1848].

Ofversigt af Kongl. Vetenskaps-Akademiens forhandlingar. Famte argangen 1848 [Revista dos Annaes da Academia Real das Sciencias de Stockholmo, N.ºs 7 a 10, do anno de 1848, e o Index deste Vol.]. — 8.° — 4 N.^{os}

Nagra reflexioner i anledning af Kemins studium och om denna Vetenskaps stallning i staten. Tal Hallet vid præsidii Nedlaggande uti Kongl. Vetenskaps-Akademien den 11 *April* 1849; *af L. F. Svanberg* [Algumas reflexões sobre o estudo da chimica, e sobre as relações que este ramo das Sciencias tem com o Estado. Discurso recitado na Academia Real das Sciencias em 11 de Abril de 1849, por L. F. Svanberg, quando deixou o logar de Presidente da mesma Academia]. — 8.° — 1 Vol.

Arsberattelser om Botaniska arbeten och Upptackter för aren 1843 *och* 1844. *Till Kongl. Vetenskaps-Akademien Afgifna den* 31 *Mars aren* 1843 *och* 1844. *Af. Joh. Em. Wikstrom* [Relatorio annual do progresso da Botanica nos annos de 1843 e 1844, por João Miguel Wikström]. — 8.° — 2 Vol.

Estas seis ultimas obras forão offerecidas pela Academia das Sciencias de Stockholmo.

N.B. Os diarios das Observações Meteorologicas, desde Dezembro de 1850 em diante, irão em algum dos proximos numeros.

ACTAS

DAS

SESSÕES

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA.

1851. — N.º II.

SESSÃO LITTERARIA DE 9 DE ABRIL.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Pedro Celestino Soares, Barão de Reboredo, Fortunato José Barreiros, Marino Miguel

Franzini, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Recreio, Socios Effectivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; Francisco Adolfo de Varnhagen, Socio Livre; Antonio Caetano Pereira, e Carlos Bonnet, Socios Correspondentes.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario perpetuo:

1.° Uma Carta do Sñr. Visconde de Santarem accusando a recepção da Copia da representação que a Academia dirigio a favor delle a Sua Magestade em 18 de Dezembro do anno proximo passado, [Actas N.° I. deste Volume pag. 9], agradecendo á Academia o objecto daquella representação.

2.° Um officio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, datado de 31 de Março ultimo, acompanhando a remessa de 62 Vol. enviados de França á Academia por via do Ministro de Sua Magestade em Paris.

MEMORIAS LIDAS.

Leo o Sñr. Varnhagen um *Post Scriptum*, que omprehende varias Notas impressas sobre o Cancioneio, por elle publicado debaixo do titulo de *Trovas e Cantares* d'um Codice do Seculo XIV.

DONATIVOS.

Ministerio dos Negocios do Reino. Contas da gerencia do anno economico de 1849 a 1850, e do exercicio do anno economico de 1848 a 1849. — Lisboa 1851 — folio. — Mandado pelo referido Ministerio.

Revista Militar. — N.° 8 — Março — Tomo 3.° — Lisboa 1851 — 8.° — 1 N.° — Offerecido pela Direcção do Jornal.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — 2.ª Série — Tomo 2.° — N.° 3 — Lisboa 1851 — 8.° — 1 N.° — Offerecido pela mesma Sociedade.

Post Scriptum ao Livro das Trovas e Cantares, de um Codice do Seculo XIV. — 16.° — 1 exemplar.

Florilegio da Poesia Brasileira etc. Tudo precedido de um Ensaio historico sobre as Lettras no Brasil. — Lisboa 1851 — Tomo 1.° e 2.° — 16.° — 2 Vol. — Offerecidos os sobreditos tres exemplares pelo Sñr. Francisco Adolfo de Varnhagen.

Manual de las Aguas minerales de España y principales del extranjero, por D. Francisco Alvarez Alcala. — Madrid y Santiago 1850 — Fol. — 1 Vol. — Offerecido por seu Autor.

Memorias de la Real Academia de Ciencias de Madrid. — Tomo 1.° — 3.ª Série — Ciencias naturales — Tomo 1.° — 1.ª Parte — Madrid 1850 — 4.° g.° — 1 Vol.

Resumen de las Actas de la Academia Real de Ciencias de Madrid. Por D. Mariano Lorente. — Madrid 1848 — 1849 — 1850 — 8.° — 3 exemplares.

Programa de la Real Academia de Ciencias de Madrid para o anno de 1851. — 4.° — 1 exemplar. — Offerecidas as tres sobreditas obras pela referida Academia.

Une fête Brésilienne célébrée a Rouen en 1550, *suivi d'un fragment du XVI.*^e^ *siècle roulant sur la théogonie des anciens peuples du Brésil et des poésies en langue Tupique de Christovan Valente, par Ferdinand Denis.* — Páris 1851 — 8.° — 1 Vol. — Offerecido pelo Autor.

Report of the General Board of Health on the Epidemie Cholera. 1848 a 1849. — London 1850 — Acompanhado de Apendix (A) e (B). — 8.° — 3 Vol. — Offerecido pelo seu Autor.

PARA O MUSEU.

Uma caixa de insectos. — Offerecida por Mr. Edouard Kantzow, Addido á Legação da Suecia.

Um Pardal de Java. — Offerecido pelo Sñr. João Paulo Nunes.

Um Ouriço, e uma Ave. — Offerecido pelo Sñr. Conselheiro Lourenço José Moniz.

Uma Ave. — Mandada por Sua Alteza o Principe Real.

ASSEMBLEA D'EFFECTIVOS DE 30 DE ABRIL.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, José Cordeiro Feio, Francisco Recreio, Fortunato José Barreiros, Barão de Reboredo, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos.

Procedendo-se á votação do Sñr. José Maria da Costa e Silva, proposto para Socio Correspondente na Sessão de 19 de Março ultimo, foi unanimemente approvado.

Tendo sido proposto pela Classe para Socio Livre o Sñr. Antonio Caetano Pereira, procedeo-se á votação e foi unanimemente eleito.

O Sñr. Director da Classe de Sciencias Moraes e Bellas Lettras, propoz para Socio Correspondente o Sñr. José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco.

SESSÃO LITTERARIA DE 30 DE ABRIL.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, José Cordeiro Feio, Francisco Recreio, Fortunato José Barreiros, Barão de Reboredo, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos; Julio Maximo de Oliveira Pimentel, e Daniel Augusto da Silva, Socios Livres.

MEMORIAS LIDAS.

Apresentou o Sñr. Pimentel a sua *Analyse das Aguas mineraes do Gerez*, com os acrescentamentos que lhe tinha feito, e que leo.

Foi entregue ao Sñr. Director de Classe.

O Sñr. João da Cunha Neves e Carvalho Portugal acabou de ler, e entregou as suas — *Reflexões breves sobre o Itinerario do Barão de Rosmital.*

Reflexões breves sobre o Itinerario do Barão de Rosmital (1) *lidas em duas Sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa no anno de* 1851, *pelo seu Socio Effectivo João da Cunha Neves e Carvalho Portugal.*

Sendo proprio do nosso Instituto academico recolher e publicar todas as noticias que possão esclarecer, ou augmentar os annaes da Historia nacional, entendi que faria algum serviço extractando e traduzindo em vulgar o que me pareceo de maior importancia e cu-

---

(1) Este Itinerario é composto, na mesma edição, em duas linguas, Alemãa e Latina. E' desta ultima que em vulgar fizemos os extractos. Seu titulo é o seguinte:

Itineris
a Leone de Rosmital nobili Bohemo annis 1465 — 1467 *per Germaniam, Angliam, Franciam, Hispaniam, Portugaliam at que Italiam confecti, Commentarii coaevi duo.*

Stuttgart
1844.
O Editor é Mr. J. A. Schmeller.

riosidade no Itinerario do *Barão Leon de Rosmital e de Blatna*, *Senhor de Fryenbergk*, *e Conde de Platen*, irmão germano de Joanna, Rainha de Bohemia, um dos aulicos do Imperador Frederico 3.º de Alemanha, denominado o *Pacifico*.

O chamado Itinerario é mais do que um simples roteiro de viagem, porque comprehende as impressões e observações escritas dos viajantes, lançadas senão em diario, ao menos em ordem chronologica e successiva por dous Escriptores que fazião parte principal da comitiva do sobredito Barão de Rosmital. Este curioso manuscripto ficou naturalmente no numero das alfaias nobiliarias da familia de Rosmital, até que um desses investigadores de antigos annaes, tão vulgares hoje na Alemanha, tirou-o da obscuridade, e de-o á luz.

Foi um donativo estimavel feito á nossa Academia, porque na série da viagem desde Praga, capital da Bohemia, até ás Hespanhas [d'onde os viajantes retrocedêrão para hirem á Italia, e de lá á Syria e Jerusalem] se comprehende o nosso Portugal, um dos Paizes onde os mesmos Escriptores, como que se comprazião e demoravão mais, estendendo-se em descrever com especial particularidade muitos dos objectos, sobre os quaes n'outras Potencias passão de salto. Em verdade maior razão havia para que assim o fizessem, por quanto aqui encontravão cousas novas e nunca vistas, nem mesmo sonhadas, maiormente por aquelles Povos mediterraneos. Era no anno de 1466 e reinado de D. Affonso 5.º, o Africano. Nossos descubrimentos maritimos, as conquistas e possessões dos Portuguezes na Costa Occidental d'Africa, e os productos do Commercio nas paragens, outr'ora desconhecidas, desde o Cabo Bojador até quasi á Costa da Mina, havião já trazido a Portugal objectos novos, ca-

pazes de surprebender e extasiar de admiração todos os espiritos que não estivessem preparados, como lenta e periodicamente o estavão os Portuguezes por espaço de trinta e tres annos, já passados, desde que os aventureiros do Infante D. Henrique rompêrão e atravessárão o mar tenebroso.

Durante este periodo tinhão entrado em Portugal, vindos daquellas regiões, alem das producções ignoradas do reino vegetal, o marfim, o azeite e pelles de lobos marinhos, a cera e ouro, e mais admiravel que tudo, os Negros de Guiné, que annunciavão á Europa admirada o erro antigo da inhospitalidade da Zona torrida. Estas novidades, e as, para aquelle tempo, estupendas e arrojadas viagens de nossas caravellas, já havião, desde muitos annos antes, espalhado a admiração por toda a Europa. Azurara na Chronica de Guiné nos dá testemunho deste estampido no Cap. 94, que assim começa: « Spargendo-se a fama deste feito pelas partes » do mundo, ouve de chegar á corte de ElRei de Di- » namarca e de Suecia e Noruega; e como vedes que » homens nobres se entremettem de quererem ver e sa- » ber semelhantes cousas, acertou-se que um gentil ho- » mem da Casa daquelle Principe, cobiçoso de ver » mundo, ouve sua licença, e veio a este regno. E an- » dando por tempo em casa do Infante um dia lhe » veio a pedir que fizesse sua mercê de lhe armar uma » caravella, e de o encaminhar como fosse á terra dos » Negros. O Infante, como era ligeiro de mover a » qualquer cousa em que homem podesse fazer honra » ou accrescentamento, mandou logo armar uma cara- » vella, dizendo que se fosse ao Cabo Verde. » Este gentilhomem do Norte chamado Vallarte foi com effeito na caravella de Fernamdafonso, poz pé em terra no paiz de Guiné, vio e tratou com os Negros; mas ob-

servador tão enthusiasta quam pouco precavido, foi n'um dia lamentavelmente surprehendido e rodeado por uma tal multidão delles, que á força o levárão com mais alguns companheiros, e desappareceo para sempre.

Mais abaixo se mostrará como alem das razões geraes que podião determinar as viagens do Barão de Rosmital n'uma época em que as idéas e os costumes erão pouco proprios para este genero de instrucção e curiosidade, parece certo que o brado de nossas navegações e descobrimentos mais poderosamente havião preoccupado a imaginação, e despertado o appetite investigador deste Principe, e de sua comitiva.

Limitando os extractos e reflexões, que aventuramos ácêrca deste interessante escripto, ao que mais particularmente pertence ao nosso Paiz, daremos com tudo previamente uma succinta idêa do roteiro seguido pelos viajantes, desde a capital da Bohemia até á Côrte de Portugal, e desta até ao Sanctuario de Nossa Senhora de Guadalupe na Extremadura Hespanhola, pela ligação que tem com a nossa Historia.

A primeira cousa digna de observação no Itinerario é a série de passaportes, salvos-conductos, ou Cartas-patentes dos Soberanos de cada uma das localidades, de que se acompanhava indefectivelmente o Barão de Rosmital; documentos importantissimos que comprovão o estado de incommunicabilidade e concentração dos Povos e das Potencias daquella idade. Cada um dos Estados, como que se limitava a viver dos seus proprios recursos e da sua intellectualidade local; nem a Imprensa, apenas nascente, nem o Commercio, nem a Industria, nem as idêas e necessidades dessa época havião feito, como no tempo actual, uma especie de mercado universal, uma confraternidade tacita en-

tre todas as Nações europeas; e os Governos defendião cuidadosamente os segredos de sua administração e de seus meios, não menos do que as Leis e os costumes dos Povos repugnavão á communicação e livre transito dos Estrangeiros. Para a admissão destes, quando de maior consideração, a fim de os isentar dos tropeços, tributos e exigencias sem conto, que, como outras tantas barreiras lhes fechavão o accesso do paiz, de Conselho em Conselho, de Senhorio em Senhorio, era necessario uma ordem soberana, que derrogava momentaneamente o Direito commum nacional, e fazia calar os interesses das localidades. A prerogativa real era então já assás forte para impor silencio aos restos do predominio feudal, que ainda conservava divididos os Reinos em pequenos Estados, encravados dentro dos marcos da denominação senhorial. No fim da Memoria juntamos dous destes salvos-conductos, na lingoa latina, em que estão concebidos; todos os demais, lançados no Itinerario em numero de dezeseis, são documentos curiosissimos, que raras vezes se encontrão nas Historias geraes; interessantes não sómente pela enumeração minuciosa dos artigos de que libertava os viajantes, como pela pompa realenga e aristocratica do estylo, bem differente da phrase trivial e plebea de nossos passaportes actuaes.

Eis o Roteiro do Barão de Rosmital, e sua comitiva pelas datas dos salvos-conductos, lançados em ordem successiva, segundo a chegada a cada uma das Potencias:

1.° Do Imperador Francisco 3.°, chamado — *Pacifico* — que foi casado com a Imperatriz D. Leonor, filha de ElRei D. Duarte, a primeira Princeza portugueza, que se sentou no Throno do Sacro Imperio Romano.

2.° Da Rainha Joanna de Bohemia, passado em Praga no dia 10 de Novembro de 1465.

3.° Do Marquez de Brandebourg, Alberto, assignado em Anspach a 10 Dezembro do mesmo anno.

4.° De Frederico, Conde Palatino do Rheno, passado em Heidelberg a 20 do mesmo mez.

5.° De Roberto, Arcebispo, Principe, e Senhor de Colonia, Eleitor do Sacro Collegio, dado em 7 de Janeiro do anno de 1466.

6.° De Filippe o Bom, Duque de Borgonha, Conde de Flandres, casado com a Infanta D. Izabel filha de ElRei D. João 1.°, o da Boa memoria, dado em Bruxellas em 9 de Fevereiro do dito anno.

7.° De Carlos de Borgonha, filho do antecedente Soberano, Conde de Cadralesia, Senhor de Betina, passado na mesma Cidade em 10 do referido mez.

8.° De Eduardo 4.°, Rei de Inglaterra, dado em Westminster em 26 de Fevereiro sobredito.

9.° De Francisco, Duque de Bretanha, passado em Nantes.

10.° De Renato, Duque de Anjou, que se intitulava Rei da Sicilia, passado em Salm, a 11 de Maio do mesmo anno de 1466.

11.° De Luiz 11.° de França, dado na Fortaleza — *Madinum* — em 26 de Maio dito.

12.° De Carlos, Duque de Aquitania, irmão do Rei de França, passado em *Castriayraudi* no 1.° de Junho.

13.° De Henrique 4.° de Castella, casado com outra Princeza de Portugal a Infanta D. Joanna, filha de ElRei D. Duarte, passado em Olmedo em 20 de Julho do mesmo anno de 1466.

14.° De Fernando, filho do segundo Duque de Bragança, primeiro Conde de Guimarães, passado na mesma Villa, sem declaração do dia e mez, no mesmo anno de 1466.

15.° De ElRei D. Affonso 5.° de Portugal, passado em Evora a 13 de Septembro do mesmo anno.

16.° Do Infante D. Fernando, Duque de Beja e de Viseu, dado na sobredita Cidade de Evora em 17 do sobredito mez e anno. [Adiante se achão trasladados na sua integra estes dous ultimos salvos-conductos].

NOTICIAS DO ITINERARIO.

Em todo o Itinerario se encontra dominante o espirito de cavallaria e o sentimento religioso, estes dous apanagios da antiga Aristocracia. Os dous homens de lettras que acompanhavão o Principe de Bohemia [ouso assim chamar aos dous Escriptores que compozerão a relação da viagem, como o declarão no frontispicio da obra] vinhão mais por ostentação, do que por instrucção: á excepção de curtas observações sobre algumas producções agrarias do paiz, e ácêrca do aspecto e formação delle, quasi tudo o mais que fez o objecto de seus reparos e reflexões se resolvia no que respeita áquelles dous principios dominantes. Assim que, a Côrte do Rei, e os monumentos sagrados são quasi exclusivamente a materia do seu escripto.

Entretanto alguma cousa ha abi de curioso e de uma certa importancia para a Historia de Portugal com referencia a um tempo, em que os escriptos e os Historiadores erão tão raros, que assentamos dar aqui noti-

cia summaria de alguns dos factos e observações, tiradas do Itinerario.

Estes pontos historicos que exceptuamos do silencio são os seguintes:

1.° A tradição obscura, posto que verdadeira no seu fundo, sobre a novidade e estampido de nossas primeiras navegações, enfeitadas ou disfiguradas pelo maravilhoso, segundo o espirito e pouca illustração da época.

2.° O assombro e admiração que causou á estes homens do Norte, [alheios totalmente aos descobrimentos e conquistas d'alem mar nos paizes mahometanos e selvagens da Costa Occidental d'Africa] a vista de tantos Mouros e Negros que achárão em Portugal, ora forros, ora escravos, tratados estes como objecto de mercancia, e entrando na transmissão de propriedade como cousas, e não pessoas; objecto tão alheio das idéas e dos costumes dos Povos germanos, como da Jurisprudencia do Sacro Imperio Romano.

3.° A riqueza e explendor da Côrte Portugueza de ElRei D. Affonso 5.°, e a opulencia e grandeza das duas Casas, que então mais preponderavão nella, a do Infante D. Fernando irmão de ElRei, e a de Bragança dividida então na Casa Ducal do segundo Duque D. Fernando 1.°, e na de seu filho D. Fernando 2.° do nome, 1.° Conde de Guimarães.

4.° A liberalidade religiosa do mesmo Soberano portuguez, enchendo de donativos de grandissimo preço o Sanctuario de Santa Maria de Guadalupe em Castella, á imitação de outros que lhe havião feito os Reis seus progenitores, = que ahi, diz o Itinerario, estavão sepultados, e onde o actual dito D. Affonso 5.° tinha preparado seu jazigo. =

Nós vamos referir succintamente o que a semelhante respeito se acha no Itinerario, rectificando, onde po-

dermos chegar com o auxilio da critica, o que ha de erroneo ou incorrecto no dito escripto.

Quanto ao primeiro [a tradição historica, posto que desfigurada, do começo de nossos descobrimentos maritimos] preciso é advertir, que apenas entrado nas Hespanhas o Barão de Rosmital com sua comitiva, se dirigio *via recta* a um dos pontos mais principaes de sua visita ao Sanctuario de Santiago de Compostella, onde para o ver e examinar foi necessario uma negociação, porque os Fidalgos levantados contra Henrique 4.° de Castella, tinhão posto cêrco ao Arcebispo, que dentro se defendia. Dahi partio para a extremidade maritima, onde [sigamos agora o texto do Itinerario] « chegando á
» Estrella escura *[ad Stellam obscuram]*, sitio a que
» os naturaes chamão *Finis terræ*, ahi vimos uma al-
» dea, alem da qual nada mais do que aguas do mar
» existe, e cujos limites só Deos póde conhecer. Os mo-
» radores tem ahi consignado nos seus annaes, que um
» certo Rei de Portugal mandára fabricar tres náos, e
» prove-las de todo o necessario; e em cada uma del-
» las poz doze Escrivães *[scribas duodenos]*, e depois
» de dar-lhes provisões para quatro annos lhes ordenou,
» que daquelle porto *[ab illo loco]* navegassem o mais
» longe que podessem, e em cada uma das náos se fosse
» lançando por escripto quanto fossem observando, a
» que regiões desertas e desconhecidas aportassem, e
» quaes casos adversos no mar experimentassem. Parti-
» rão os Argenautas; e como quer que por dous annos in-
» teiros andassem sulcando os mares, a final forão pa-
» rar a uma região de trevas tão expessas, atravez das
» quaes, depois de consumirem duas semanas, topárão
» com uma Ilha onde aportárão todas as náos. Sahindo
» em terra os viajantes virão casas subterraneas, *domus*
» *sub terra extructas*, que abundavão de ouro e prata,

» em que não tocárão. Por cima das mesmas casas ha-
» via pomares e vinhas, da mesma sorte [diz o Itinera-
» rio], que em algumas partes das Galias se observa.
» Sahindo das casas, três horas se demorárão na Ilha,
» consultando entre si o que farião, se dahi deverião le-
» var alguma cousa, ou não. Um dos navegadores le-
» vantou a voz dizendo, que nada tirassem, pois era in-
» certo o que depois lhes poderia acontecer.

» Embarcados de novo e tendo pouco navegado,
» virão de longe grandes bogalhões de mar [*ingentes*
» *fluctus*] figurando montes e rochedos, que parecia le-
» vantarem-se até ás nuvens. Á vista do que forão to-
» dos tomados de pavor tão forte como se lhes aproxi-
» masse o dia de Juizo. Então, juntas as tres náos, fize-
» rão conselho, e conferindo entre si dizião — já te-
» mos visto até onde chegámos; a Potencia divina está
» manifesta, decidamos pois se havemos de arrostar com
» aquelle espantoso fragor do mar, ou retroceder. Po-
» rêm um dos assistentes reflectio dizendo — como se-
» rá avaliada nossa derrota? qual relação, quaes pro-
» digios recontaremos a ElRei, que nos enviou sómen-
» te para fazermos explorações? Meu voto pois é que
» exploremos e vejamos que phenomeno é aquelle do
» mar. Abraçado o alvitre, convierão em que duas das
» náos fossem por diante, permanecendo alli a terceira:
» porquanto [disserão os das duas náos aventureiras] se es-
» tas passados tres ou quatro dias não voltassem do sor-
» vedouro, intendessem os da terceira que aquelles ti-
» nhão morrido. Effectivamente esperárão não sómente
» os dias convencionados, porêm dezeseis dias; e como
» não voltassem os companheiros, se fizerão com gran-
» de temor e tristeza na volta de Portugal, completa-
» dos dous annos de navegação, dirigindo-se a Lisboa
» [*Lisibona*], que é a sua Capital e Cidade amplissima.

« Entrando no porto lhes sahírão ao encontro mu-
» tos dos seus naturaes, interrogando-os com admira-
» ção sobre quem erão, e de que regiões provinhão. A
» que respondêrão — erão daquelles que ElRei tinh
» mandado explorar os mares, e notar suas raridades e
» prodigios. Então lhes tornárão os curiosos = Caris-
» simos amigos, tambem ahi estavamos quando ElRei
» vos despedio; porêm nós não vemos os mesmos ho-
» mens, nem erão taes os que elle enviou; vós sois ve-
» lhos cheios de cãas; os outros erão mancebos de a
» vinte e seis annos de idade. = E na verdade parece
» cousa quasi miraculosa, que nem seus proprios paren-
» tes e amigos, que tinhão na Cidade os reconhecião;
» vinhão aquelles tão encanecidos como as arvores na es-
» tação do inverno cobertas de neve. O proprio Rei se
» maravilhava, que em tão curto espaço se envelhecesse
» e exclamando dizia — Tudo quanto estes homens re-
» ferem parece verdadeiro, ou pelo menos verosimil;
» mas quem sabe qual seria a sorte dos meus navegan-
» tes? Talvez que alguem os surprehendesse e trucidas-
» se: inquiramo-los como cumprírão estes meus manda-
» tos. Nós lhes haviamos ordenado, que desaferrando
» da Estrella obscura [*Finis terræ*], fossem tomando
» nota das Ilhas que fossem encontrando desertas, e
» successos e variações dos mares; e foi por isto q
» lhe demos trinta e seis Notarios, doze para cada n
» Chamados á presença do Rei, disse-lhes este — Am
» gos, que foi isto! pois que tendo nós enviado t
» náos só volta uma? — Ao que respondêrão — R
» Clementissimo, nós vamos contar a V. M. [*Tuæ Ma-*
» *jestatæ*] tudo como foi. Nós partimos nas tres n
» com todo o necessario, e com doze Notarios em ca
» uma dellas; sulcámos os mares por cinco mezes co
» tinuos, sem encontrar impedimento algum, sem

» com ventos de feição, e computâmos por isso haver-
» mos andado 6,000 legoas; até que, passados des-
» oito mezes, chegámos a paragens do mar tenebro-
» sas e obscuras, vencidas as quaes no espaço de duas
» semanas, aportámos a uma Ilha de 3,000 milhas
» em redondo. Percorremo-la em trés horas, e nella
» achámos casas elegantes debaixo da terra [*elegantes*
» *œdes sub terra*] riquissimas de ouro e prata, mas
» vasias de gente: dellas nada tirámos. Sobre ellas ha-
» via hortas e vinhas, amenissimas. Então fizemos con-
» selho, e dissemos — já temos achado grandes e
» inauditas riquezas; mas ainda outro é nosso destino;
» nenhum perigo nos ha acontecido: deixemo-las, e
» marchemos ávante.

» Largando dalli, segunda vez nos engolfámos no
» mar, cortando as mesmas trevas, até que parando
» pozemos em conselho se arrostariamos por diante, ou
» retrocederiamos. Reflectio-se não ser para retroce-
« der, que nos enviara ElRei, e foi assentado que au-
» dazmente fossemos penetrando as trevas. Effectiva-
» mente as entrámos, onde andando por algum tempo
» navegando-as á tôa, fomos levados a mar aberto e
» claro. Como ahi chegámos vimos d'algumas milhas
» em distancia altas maresias, cujos vertices parecião
» subir ao Ceo, e isto com tal fragor e mugido rebom-
» bava, que todos nós com torvação e pavor consterna-
» dos, julgavamos chegada a derradeira hora. Segun-
» da vez conferimos o que haviamos de fazer; e por ul-
» timo assentámos esperar tres ou quatro dias pelas
» duas náos, que forão explorar o mar tenebroso, e
» como passassem deseseis dias e não voltassem, não
» ousámos marchar ávante, tomados de medo; e vol-
» tando o rumo, demandámos Lisboa d'onde haviamos
» partido [*sed velis retro conversis, Lisibonam, unde sol-*

» *veramus, repetimus*]. Tal foi a narração [diz, acaban» do este ponto, o Itinerario], que fizerão e deixárão » escripta ao Rei de Portugal. »

A travez desta tradição e suas circumstancias, quem não vê aquelle maravilhoso e phantastico das imaginações que precedêrão, ou acompanhárão nossos primeiros descobrimentos maritimos! Quem não percebe por entre a composição concertada desta narração, aquellas mesmas desculpas dos primeiros navegantes do Infante D. Henrique, de que nos deixou interessante memoria Azurara na Chronica de Guiné, quando recuavão ao aspecto do mar tenebroso, do fervedouro das aguas, das ondas, e escarceos erguidos nos baixos e restingas do Cabo Bojador!

Mas será pura invenção a historia que acabámos de referir, ou será ella parodia mais ou menos desfigurada de alguma de nossas expedições descobridoras?

Para referir-se ás do Infante D. Henrique parece repugnante com a proximidade da época, porque desde o anno de 1433, em que Gil Eannes atravessou aquelle Cabo, até 1446, em que se contava aquella historia do Itinerario, era tão curto espaço, que parece não devia ficar em silencio, ou duvidosa a solução e applicação do enigma. Seria allusiva á expedição das Canarias, noticia por tantos seculos esquecida desde o tempo de ElRei D. Affonso 4.°, sobre que tão doutamente escreveo o nosso Consocio o Snr. Macedo? Seria outra, ou anterior, ou posterior a ella no intervallo de quasi um seculo, que decorreo até ás do Infante D. Henrique? Quem sabe! Deixamos esta these ás perscrutações dos sabios, deixamo-la tambem ao tempo que, todos os dias, graças á curiosidade historica, nos vai trazendo de dia a dia a resurreição das memorias antigas nos manuscriptos novamente descober-

tes e publicados, com a mais louvavel competencia pelas Academias, e Litteratos da nossa época.

É o segundo ponto, a admiração e surpreza que causára no Barão de Rosmital e sua comitiva, a multidão de Mahometanos, Mouros, Negros e Pagãos [*Ethnici, Serraceni, et Ethiopes*] encontrados principalmente onde se achava a Côrte do Rei, e nas Cidades principaes, como Lisboa, Evora, e Porto. Quando o Barão voltou com sua comitiva de Santiago de Compostella para Portugal, e chegou a Guimarães, onde foi magnificamente recebido pelo Conde D. Fernando: diz o Itinerario — *Ibi vidimus quo pacto Ethnici, Sarraceni choreas agitent.* Sabido é que os escravos Mouros e os Africanos pretos adoçavão a miseria de sua condição encarregando-se de alegrar com suas danças e folias aos Senhores, nas occasiões de regosijo publico, ou particular. Daqui nasceo o pedido, que ao Rei D. Affonso 5.°, então em Braga, e a seu irmão o Infante D. Fernando prevenidos ambos por carta de recommendação da Imperatriz D. Leonor sua irmãa, mulher de Frederico 3.° [a favor do Barão] fizera este ao sobredito Soberano de dar-lhe dous negros Africanos. Quando aquelle Monarcha magnifico e generoso, offerecendo ao Barão tudo quanto elle desejasse do seu Reino, ouvio, que este lhe pedia sómente dous Negros, ficou admirado; e o Infante D. Fernando desatando a rir lhe disse = Pede cousa maior, caro amigo, isso que pedes nada vale =; e, como gracejando, accrescentou = Em verdade, que com dous Ethiopes e com um macaco, que eu juntarei o donativo, sem duvida te apresentarás na tua Patria egregiamente mimoseado. Vós outros não tendes lá dessa fazenda, mas entre nós abunda. ElRei, meu irmão, possue em Africa tres grandes Cidades; todos os annos conduz para ahi seu exercito, e de nenhuma expedição des-

tas, por leve que seja, se recolhe tão vasio que não traga 100,000 Ethiopes de todo o sexo e idade. Todos elles são vendidos como um rebanho de gado, vindo a este mercado compradores de diversas regiões. Do preço d'ElRei quem percebe o principal; e esta renda é maior que o producto dos impostos de todo o Reino; porque um Ethiope de doze, ou treze annos não custa menos de outros tantos dobrões de ouro. O costume porêm é, que se algum possuir um Ethiope e o quer baptisar, já não o possa vender, mas sómente póde servir-se delle, ou dá-lo de presente a um amigo. Em quanto porêm não for baptisado tem todo o direito de vendê-lo. =

Deixo de reflectir no que aqui ha de incorrecto, ou exaggerado. Nem D. Affonso 5.º, posto que cognominado o Africano, ia todos os annos a Africa, nem as expedições erão tão frequentes, nem o numero dos captivos Mouros podia ser tão crescido.

Quanto ao que diz dos Ethiopes que erão então os Negros Jalofos, e os de Guiné, até onde chegárão os descobrimentos daquelle Soberano, não podião provir em numero consideravel da *Mauritania*, esses vinhão nos navios e expedições, que desde o Infante D. Henrique andavão nesse trafico nas Costas da Negricia, muitos graos além das Possessões portuguezas na Mauritania.

Terceiro ponto. Explendor e munificencia do Monarcha portuguez e sua Côrte; riqueza e opulencia das duas Casas Ducaes, a do Infante D. Fernando, e a de Bragança. Fallemos primeiro daquella.

Era o Infante D. Fernando, filho de ElRei D. Duarte, irmão de ElRei D. Affonso 5.º, casado com a Infanta D. Beatriz, filha do Infante D. João, e por este lado senhor de uma principal parte da grande Casa de

luno Alvares Pereira, por via de sua mãi, filha deste. De mais ficára elle com tudo quanto possuia o Infante D. Henrique, que o adoptou por filho e deixou seu herdeiro; isto além das grandes doações que lhe fez ElRei eu irmão. Quanto á sua reputação civil, era elle, como declara no salvo-conducto dado ao Barão de Rosmial — Duque de Viseu e de Beja, Senhor da Covilhãa, da praça de Moura, Mestre das Ordens de Christo, e le Santiago, Condestavel do Reino, General Commanlante da Cavallaria, Fronteiro Mór no Alem-Tejo e Algarve. Acompanhava ordinariamente ElRei seu irmão, e e tratava com um fausto extraordinario, tendo a seu serviço muitos Fidalgos e Cavalleiros a quem podia conferir as commendas das duas Ordens de que era Mestre e Governador. Era em fim o Principe mais rico talvez que apresente a Historia nacional — o maior Senhor que nunca houve em Hespanha, que não fosse Rei — disse udiciosamente o P.e Sousa na Hist. Genealog. da C. R. L.° 3.° Cap. 8.° Competente por tanto era elle pelo Senhorio de tantas Cidades, Villas e Territorio para dar salvo-conducto de transito ao recommendado da Imperatriz, sua irmã, documento que por sua importancia historica juntamos no fim desta Memoria, bem como o le ElRei D. Affonso.

Da Casa de Bragança escusado fica mencionar a opulencia. O primeiro Duque D. Affonso, filho natural le ElRei D. João 1.° havia fallecido poucos annos antes em Chaves no anno de 1461. Seu successor, vivo no tempo em que viajava em Portugal o Barão de Rosmital, era Fernando 1.°, já velho na época da viagem. Era então seu filho primogenito e herdeiro D. Fernando, depois Duque 2.°, Conde 1.° de Guimarães que alli recebeo o Barão, ao qual respeito diz o Itinerario = *Hæc urbs in montanis sita est, duas arces in se continens* [a

cerca velha ou castello, e a muralha da Villa] *ditioni Comitis cujusdam subdita, qui locuples est admodum, et primarius procerum Portugaliæ.* Está patente que ainda aqui ha visivel incorrecção confundindo o filho com o pai: aquelle era o que recebeo a visita, obsequiou os viajantes com festas e choreas de Mouros, e deo-lhes salvo-conducto, no qual se intitula — *Fernandus Gomes, primogenitus Domini mei Ducis Bragantiæ, Marchionis que Villæ delectabilis, Comitis de Barcellos et d'Ourem, et de Arraiollos et de Neiva, domini Petre fidelis ac Montis fortis.*

Quarto ponto. A liberalidade do Rei D. Affonso 5.º, e sua devoção com o Sanctuario de Guadalupe.

Na volta de Portugal para Hespanha pela Provincia de Alem-Tejo e Estremadura hespanhola chegárão os viajantes ao Sanctuario e convento de Guadalupe, onde os Autores do Itinerario se extasião, á vista da magnificencia, abundancia e riqueza daquella Casa; accrescentando, que nenhum outro Sanctuario de paiz catholico era, segundo fama, frequentado com maior concurso de devotos e piedade mais fervorosa. E logo passa a dizer « Neste Mosteiro está sepultado um Rei de Portu-
» gal com sua Consorte: é o pai daquelle que nós vimos
» ha pouco. O dito Soberano enriqueceo o dito Mostei-
» ro com muitos e preciosos donativos; e o Filho em e-
» mulação com seu Pai, o imitou com dons do valor de
» muitos milhares de moeda [*multis millibus*]. Estes do-
» nativos, tanto do Pai como do Filho, nos forão mos-
» trados, como abaixo diremos [Inserindo neste logar a
» lenda, ou historia tradicional daquelle Sanctuario,
» volta aos donativos, e continúa]. Primeiramente nos fo-
» rão mostradas varias reliquias de Santos; depois um

» calix de ouro puro ornado com pedras preciosas, que
» lhe fôra dado pelo dito Rei de Portugal; e nunca vi-
» mos outro de mór grandeza. Vimos igualmente um co-
» fre em que se costuma guardar a Ostia sacrosanta,
» todo de ouro, cravejado de pedraria de grande valor
» e resplandecente, tão pesado que um homem apenas o
» póde levantar. Contemplamos tambem uma Coroa de
» espinhos, resplandores, e outras peças de ouro de
» grande pezo. Todas estas cousas deo ao mesmo San-
» ctuario o mesmo Rei reinante de Portugal, de cuja
» presença ha pouco sahimos. Ahi estão sepultados seu
» Pai e Mãi; elle mesmo ahi será sepultado, por quan-
» to já ahi tem seu jazigo preparado. Seu nome é Af-
» fonso. » Todas estas noticias estão entresachadas de incorrecções e erros palpaveis. ElRei D. Affonso nunca teve jazigo destinado em Guadalupe, nem seus Pais El-Rei D. Duarte e D. Leonor [intitulada a triste Rainha] ahi forão jámais sepultados. O Pai e o Filho estão no Convento da Batalha, e a Rainha D. Leonor está sepultada em Toledo onde falleceo, estando quasi de partida para Portugal, desenganada de suas imaginações da regencia do Reino, que então exercia o Infante D. Pedro Duque de Coimbra. Que ElRei D. Affonso ahi deixasse preciosos donativos não o duvidamos nós, posto que disso não tenhamos noticia mais certificada (2). Alem de ser um Soberano mui liberal, era elle muito religioso, e aquelle Sanctuario nesse tempo estava em muita veneração, e concorrencia de devotos e peregrinos; porêm sobre todas estas razões tinha elle um motivo particular á sua pessoa, e ás vistas de sua politica, que era não

(2) Não tivemos tempo de procurar nas Obras hespanholas respectivas áquella grande Casa de Nossa Senhora de Guadalupe individuação de seus monumentos e alfaias.

menos do que a successão ao throno d'Hespanha para elle, ou para o Principe seu filho, depois D. João 2.°, se acaso se effeituassem os casamentos ajustados nas vistas de Gibraltar, e conformados nos da Ponte do Arcebispo em 1464 com ElRei Henrique 4.° de Castella (3). Não tinha este de sua mulher, a Rainha D. Joanna, Infanta de Portugal, mais do que uma Filha do mesmo nome, chamada depois a *excellente Senhora*; e o plano concertado era casar ElRei de Portugal, já viuvo, com a Princeza D. Izabel de Castella [que era a pertendente á successão daquelle Reino, que a final alcançou tirando-a a sua desventurada sobrinha] e o Principe D. João com a Princeza D. Joanna. Nós sabemos todos, que estes projectos se tornárão em fumo depois de guerras e desastres; porêm em quanto estavão na sua fervura devião naturalmente dispôr o animo do Monarcha portuguez a bizarrear em Castella; e talvez que algum voto religioso áquelle Sanctuario de Guadalupe pelo complemento de seus designios o levasse a fazer aquelles dons de que falla o Itinerario tão positivamente (4). Maior difficuldade temos em acreditar nos donativos que attribue a ElRei D. Duarte e sua mulher, tanto porque a Historia nos não auctorisa a pensa-lo assim, como porque a curtissima duração da vida deste Sobera-

(3) Faria e Sousa diz que estes contractos forão confirmados com juramento nas mãos do Arcebispo de Evora D. Jorge da Costa, chamado mais vulgarmente o Cardeal Alpedrinha.

(4) Marianna na sua Hist. L.° 23, Cap. 6.° expressamente o assevera « Queria [ElRei Henrique 4.°] recibir e festejar » otra vez el de Portugal que por voto que tenia hecho se encaminava para visitar a Guadalupe, Casa de mucha devotion. »

Rui de Pina, na Chronica deste Rei, Cap. 97 diz sómente — se foi em romaria a Santa Maria de Guadalupe.

ao foi tão atribulada e chea de cuidados e desastres, que mal darião occasião a occupar-se do que era estranho ao proprio paiz; maiormente que todos os meios pecuniarios de que podia dispor lhe erão indispensaveis para reparar os desastres de seus irmãos em Tangere.

Quanto ao jazigo de Reis de Portugal em Guadalupe, eis o que encontrámos consignado na Historia, e o que deo occasião a esta desfigurada tradição. O Infante D. João, filho primogenito de D. Ignez de Castro e de ElRei D. Pedro 1.°, intitulou-se em Castella Rei de Portugal em opposição ao Mestre de Aviz, depois Rei D. João 1.°. Era isto apadrinhado pelo Soberano hespanhol, quando depois da batalha de Aljubarrota se lhe forão desvanecendo as esperanças de fazer valer os pretendidos direitos de sua mulher a Rainha D. Beatriz.

Fallecendo o Infante D. João, facilmente adoptou a mesma denominação seu irmão D. Diniz, casado com D. Joanna Infanta de Castella, filha do Rei Henrique 2.°. Passárão muitos annos, succedêrão differentes Soberanos nos dous paizes; mas a vaidade foi mais forte que os desenganos; e os dous esposos se conservárão firmes naquella imaginativa; e ainda depois de mortos e sepultados em Guadalupe, lá lhe pozerão o titulo de Reis de Portugal (5).

Não é pois para admirar, que o Barão de Rosmital, e seus Chronistas, como estrangeiros que erão, e ignorantes da Historia portuguèza, vendo da inscrip-

---

(5) Aqui estão sepultados [escreveo Mendes da Silva na Obra *Poblacion general de Espanha*, pag. 59, col. 3.ª] el Infante D. Dionizio, hyjo d'ElRei D. Pedro 1.° de Portugal, y su Esposa D. Juana de Castella, *y se intituláo Reyes de Portugal.*

ção lapidar sepulcral, que alli jazião Reis deste Paiz, os suppozessem pais do actual Soberano, que tão liberalmente enriquecêra aquelle Sanctuario. O que neste objecto é mais para surprehender a admiração, dando uma triste idêa da Sciencia historica das duas Côrtes, é o que conta na Monarchia Lusitana (6) Fr. Francisco Brandão, e que mais tarde foi reproduzido pelo Padre Sousa na Historia Genealogica da C. R. de Portugal (7). Eis o que refere o Chronista « mais para espantar é que » estando os dous Monarchas, ElRei D. Sebastião e D. » Filippe 2.° em Guadalupe, e vendo a sepultura de D. » Diniz, filho do nosso Rei D. Pedro, e de D. Ignez » de Castro com o titulo de Rei de Portugal, não se » achou em todos os Cortezãos de ambas as Coroas alli » presentes quem desse noticia daquelle Principe. » O P.° Sousa diz « ElRei D. Henrique 3.° de Castella, » que havia succedido a ElRei D. João 1.° seu pai na- » quella Coroa sendo já morto o Infante D. João, e o » Infante D. Miguel filho da Rainha D. Brites, cujos » direitos fez que ella outorgasse no Infante D. Diniz, » persuadido dos seus Ministros assentou, que este se » intitulasse Rei de Portugal e do Algarve, e foi reco- » nhecido por todos os Portuguezes que andavão em Cas- » tella (8), e com um exercito entrou em Portugal no » anno de 1398. Depois, passados tres annos, foi a paz » feita entre as Coroas de Portugal e Castella, e ficárão » desvanecidas todas as idêas do Infante; porêm morren- » do, mandou [aquelle Rei] se lhe conservasse esta vai- » dade no epitafio da sua sepultura. Jaz com a Infan-

(6) L.° 17.°, Cap. 6.°, pag. 186, Col.ª 1.ª.
(7) Parte 3.ª, L.° 13.°, Cap. 1.°.
(8) Fernão Lopes Chron. d'ElRei D. João 1.° Parte 1.ª Cap. 174.

» ta, sua esposa, em Nossa Senhora de Guadalupe.
» Quando as magestades dos Reis D. Sebastião e D. Fi-
» lippe 2.° se avistárão em Guadalupe, refere Fr. Ga-
» briel de Talavera na historia daquelle tempo, allega-
» do pelo D.r Fr. Francisco Brandão, que vendo aquel-
» les Monarchas sua sepultura com o titulo de Rei, não
» tiverão em nenhuma das Côrtes, que os acompanha-
» va, quem desse noticia de quem era aquelle Princi-
» pe. »

Seguem-se as copias dos salvos-conductos a que nos referimos a pag. 48.

Litterae Alfonsi Regis Portugalliae.

Alfonsus Dei gratia Portugalliae et Algarvii Rex, Septaeque et Alcasaris in Africa Dominus.

Universis et singulis Regibus, fratribus nostris charissimis, plurimas cum recommendatione salutes, nec non Principibus Eclesiasticis et Secularibus, Ducibus, Marchionibus, Comitibus, Baronibus, Nobilibus, Clientibus, Officialibus quibuscumque, Capitaneis, Burggraviis, Vicariis, Generalibus, Potestatibus, Ancianis, Gobernatoribus, Praesidibus, Judicibus, Telonariis, Tributariis, passuum Custodibus, Civitatum Oppidorum, Villarum, et Locorum, Çaeterisque nostris dilectis, cujuscumque dignitatis et praeminentiae fuerint, status, gradus, et conditionis, ad quos praesentes pervenerint, Salutem et sincerae dilectionis affectum!

Serenissimi, Venerabiles, Illustres, Magnifici, Nobiles, et caeteri Circumspecti: Quia Nobilis Leo de Rosandala, de Platna, majoris experientiae gratia et ut ex moribus diversorum regnorum meliorem vitae frugem, probabilioremque militarem normam sibi comparare valeat, ad varias Orbis partes, et regna proficisci conatus est, operaeque jam partem implevit, nos autem hoc illius propositum magnopere commendantes et cupientes in omni progressu sui itineris plena securitate gaudère, vobis ipsum sincero recommendamus affectu, vos exhor-

tando, nostris vero reiniculis et provencialibus, et nostrarum terrarum subditis stricte praecipientes: quatenus, cum eundem Dominum Leonem ad vos, terrasque vestras declinare contigerit, in hujusmodi suo transitu recommissum favorabiliter suscipere, et tractare, atque in his quae securitatem sui conscernunt itineris, promotivam et gratuitam velitis ostendere, et exhibere voluntatem, ipsumque una cum familia, equis, rebus, bonisque suis universis, per quoscumque passus, portus, pontes, terras, regna, dominia, destrictus civitates, Oppida, Castella, Villas, et quaelibet alia, nostrae et vestrae Jurisdictionis loca tam per terram, quam per aquas, absque aliqua solutione telonii, pedagii, pontivegii, gabellae sive alterius cujuscumque exactionis onere, impedimento, et molestia quibusvis semotis, transire, stare, morari, et redire secure et libere permittatis et permitti faciatis, sibi, familiae, equis et rebus suis, dum et ubi opus fuerit atque pro parte ipsorum desuper cohortati fueritis et requisiti, de securo et salvo conductu providentes ad nostram complacentiam. Datum ex civitate nostra Eborensi XIII die Septembris, Anno Domini MCCCCLXVI.

El Rey.

Epcus Columbrien. V. y Doctor y V.

Litteræ Ferdinandi Visiensis, Begiaeque Ducis.

Infans Dominus Ferdinandus, Visiensis Begiaeque Dux, Covilhaã et Maurae Dominus, nec non Ordinum Militiæ Domini nostri Jesu-Christi, et Beati Jacobi Gu-

bernator in Regnis Portugaliae et Algarbii, equitum praefectus, Universis et singulis Regibus paratum et obsequiosum animum, Ducibus, Marchionibus, Comitibus et aliis Principibus charitatem sinceram, Baronibus vero, Militibus, Scutiforis et aliis Nobilibus communitatibusque nec non patriarum terrarum et locorum Dominis benevolentiam meam, Connestabulariis, Marescallis, Admiraldis, Capitaneis, gentium, armorum, et aliis guerram in terra vel mari frequentantibus, Senescallis, Bailivis, Praepositis, Sculteltis, Majoribus, Scabinis, Gubernatoribus, Rectoribus, Capitaneis et loca tenentibus, Oppidorum Villarum, Civitatum, Castrorum, pontium, portuum, districtuum et locorum Custodibus, Judiciariis, Officiariis, subditis, amicis, confederatis et benevolis Domini mei Regis, atque meis ubilibet constitutis, ac caeteris omnibus quibus nostrae presentes ostensae fuerint litterae, dilectionem et salutem. Quia Illustris et Magnificus Dominus Leo de Rosmital, alias de Blatna et Frimperg, de Regno Bohemiae, pridem apud me descendens, mihi exposuit, quod tum devotionis, et perigrinationis causa, tumque, ut more illustrium nobiliumque virorum, nobilitates, proprietates, conditiones, ac mores diversorum regnorum, provinciarum, patriarum, principatuum, Dominorum et locorum scrutetur et cognoscat, imo verius animum suum in actibus virtuosis amplius exerceat, ad diversas tam remotas, quam propinquas mundi regiones ac partes transferre se disponat, postulans etiam per patentes apices meos commendari, cujus tam favorabili petitioni nobilitatis intuitu, duximus non abnuendum: ea propter me qui commendatitia tam Imperialis majestatis, quam aliorum diversorum Germanicae nationis Principum scripta sui favore suscepi, tum aspectu personae, tumque multiplicium suarum experimento virtutum comprobata. Vos ex-

cellentissimos Dominos Reges obsecro; Duces vero, Marchiones, Comites, aliosque Principes rogo, caeterosque omnes alios et singulos hortor et requiro, meis tamen Vassallis, servitoribus ac subditis districtius praecipiendo pariter et mandando: Quatenus praefatum Dominum Leonem, dum penes vos declinaverit, tum nobilitatis intuitu, tumque meritorum suorum probatissimorum consideratione ac mei comtemplatione et favore recommissum suscipere et habere, favorabiliterque tractare, nec non ipsum una cum quadraginta personis proceribus et nobilibus, aliisque familiaribus suis, et de comitiva sua, et totidem equis aut inferius, et cum eorum equis litteris, auro, argento, balisiis bulgiis, fardelis, rebus et bonis quibusvis ad eos pertinentibus in, et per regna vestra per provintias at que patrias, ditiones, jurisdictiones, civitates, districtus, passus et loca tam vestra, quam mea, et alia etiam vobis credita et commissa, ubilibet venire, pertransire, stare, pernoctare, morari, ac inde abire, reverti et redire permittere velitis salvos, tutos, pacificos, liberos et quietos, in corporibus rebus, et bonis suis hujusmodi quibuscumque nocte, dieque, in terra marique vel fluvio, totiens, quotiens, ac ubi, quo et prout eis commodum fuerit, vel videbitur expedire, cessantibus disturbio, et impedimento quibuscumque, et absque alicujus telonii, daccii, pedagii, gabelae, fundinavis, sive alterius debiti vel tributi, solutione vel exactione, quinimo de securo et salvo conductu, guidis, victualibus et aliis rebus eis necessariis sibi provideatis et faciatis per alios, quorum intererit, provideri. In premissis faciendo vos Domini Reges, Principes et alii supradicti, quantum pro vobis et pro vestris in simili vel in majori causa fieri me cuperetis, quod animo utique libenti faceremus. Vos vero mei servitores ac subditi catenus de bona et prom-

pta penes me obedientia veniatis commendandi, et non de inobedientia puniendi. Praesentibus usque ad unum annum a die datae ipsarum computando duntaxat, et non amplius in suo robore permansuris. Ex civitate Eborensi decima sexta die Septembris Anno Domini MCDLXVI.

ADVERTENCIA.

No N.° 1.° deste anno, a pag. 34, houve a ommissão de pôr o titulo da Memoria lida pelo Sñr. Daniel Augusto da Silva, que é o seguinte:

Da transformação e reducção dos binarios.

ACTAS

DAS

SESSÕES

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE

LISBOA.

1851. — N.° III.

SESSÃO LITTERARIA DE 14 DE MAIO.

Presidio o Sñr. José Cordeiro Feio.

Concorrêrão á Sessão o Secretario perpetuo Joaquim José da Costa de Macedo, e os Sñr.es Antonio Diniz do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Freire de Carvalho, José Liberato Freire de Carvalho, Francisco Ignacio dos San-

tos Cruz, Francisco Recreio, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Fortunato José Barreiros, Marino Miguel Franzini, Agostinho Albano da Silveira Pinto, e Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Socios Effectivos: Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus Valente do Couto Diniz, Substitutos d'Effectivos; Antonio Caetano Pereira, Socio Correspondente.

CORRESPONDENCIA.

Leo o Secretario perpetuo:

1.° Uma Carta do Secretario da Sociedade Imperial de Archeologia de S. Petersbourg acompanhando os Livros mencionados na Relação dos Donativos.

2.° Outra Carta do Sñr. José Maria da Costa e Silva agradecendo á Academia a sua nomeação de Socio Correspondente.

MEMORIAS LIDAS.

Leõ o Sñr. João da Cunha Neves e Carvalho Portugal parte d'uma *Memoria* do Sñr. Francisco Freire

le Carvalho *sobre um logar dos Lusiadas menos bem entendido pelos Commentadores, e Traductores deste Poema.*

Assentou-se que se publicassem os Programmas do Instituto Nacional de França, impressos no N.° 25 das — *Comptes rendus Hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences;* a saber:

Premios propostos para os annos 1851, 1852, 1853, e 1854.

PRIX PROPOSÉS

POUR LES ANNÉES 1851, 1852, 1853 ET 1854.

SCIENCES MATHÉMATIQUES.

GRAND PRIX DE MATHÉMATIQUES,

PROPOSÉ POUR 1852 (1).

Trouver l'intégrale de l'équation connue du mouvement de la chaleur, pour le cas d'un ellipsoide homogène, dont la surface a un pouvoir rayonnant constant, et qui, aprés avoir été primitivement échauffé d'une ma-

(1) La Commission chargée de proposer le sujet du prix était composée de MM. Sturm, Lamé, Cauchy, Poinsot, Liouville rapporteur.

nière quelconque, se refroidit dans un milieu de température donnée.

Le prix consistera en une médaille d'or, de la valeur de *trois mille francs*.

Les Mémoires devront être arrivés au secrétariat de l'Académie avant le 1er octobre 1852. Ce terme est de rigueur. Les noms des auteurs seront contenus dans des billets cachetés, qu'on n'ouvrira que si la pièce est couronnée.

GRAND PRIX DE MATHÉMATIQUES.

QUESTION PROPOSÉE POUR 1850, REMISE AU CONCOURS POUR 1853.

(Commissaires, MM. Sturm, Liouville, Lamé, Poinsot, Cauchy rapporteur.)

Les travaux récents de plusieurs géomètres ayant ramené l'attention sur le dernier théorème de Fermat, et avancé notablement la question, même pour le cas général, l'Académie proposait de lever les dernières difficultés qui restent sur ce sujet. Elle mettait au concours, pour le grand prix de Mathématiques à décerner en 1850, le problème suivant :

Trouver, pour un exposant entier quelconque n, *les solutions en nombres entiers et inégaux de l'équation* $x^n + y^n = z^n$, *ou prouver qu'elle n'en a pas.*

Cinq Mémoires ont été envoyés au concours, et inscrits sous les numéros 1, 2, 3, 4, 5. Aucun d'eux n'a été jugé digne du prix. Les Commissaires sont d'avis que la même question soit remise au concours, dans les mêmes termes, pour l'année 1853.

Le prix consistera en une médaille d'or de la valeur de *trois mille francs*.

Les Mémoires devront être arrivés au secrétariat

de l'Académie avant le 1er mars 1853. Ce terme est de rigueur. Les noms des auteurs seront contenus dans un billet cacheté, qu'on n'ouvrira que si la pièce est couronnée.

GRAND PRIX DE MATHÉMATIQUES,

QUESTION PROPOSÉE POUR 1848, ET REMISE AU CONCOURS POUR 1853.

(Commissaires, MM. Binet, Liouville, Sturm, Cauchy, Lamé rapporteur.)

L'Académie avait proposé, comme sujet de prix, la question suivante :

Trouver les intégrales des équations de l'équilibre intérieur d'un corps solide élastique et homogène dont toutes les dimensions sont finies, par exemple, d'un parallélipipède ou d'un cylindre droit, en supposant connues les pressions ou tractions inégales exercées aux différents points de sa surface.

Un seul Mémoire a été envoyé em temps utile, et la Commission ne l'a pas jugé digne du prix.

Mais, considérant que le temps a pu manquer aux concurrents, et que la question est d'une grande importance, la Commission propose de la remetâre au concours, dans les mêmes termes, pour l'année 1853.

Les pièces relatives à ce concours devront être remises au secrétariat de l'Institut avant le 1er novembre 1852. *Ce terme est de rigueur.*

Le prix consistera en une médaille d'or de la valeur de *trois mille francs.*

Les noms des auteurs seront contenus dans un billet cacheté, qu'on n'ouvrira que si la pièce est couronnée.

GRAND PRIX DE MATHÉMATIQUES,

QUESTION PROPOSÉE POUR 1847 ET REMISE AU CONCOURS POUR 1854.

(Commissaires, MM. Cauchy, Binet, Sturm, Lamé, Liouvile rapporteur.)

L'Académie avait proposé, comme sujet de grand prix pour 1847, la question suivante :

Établir les équations des mouvements généraux de l'atmosphére terrestre, en ayant égard à la rotation de la terre, à l'action calorifique du soleil, et aux forces attractives du soleil et de la lune.

Une seule pièce est parvenue au secrétariat, et elle n'a pas paru mériter le prix.

La Commission est d'avis de remettre la même question au concours, dans les mêmes termes, pour 1854.

Les auteurs sont invités à faire voir la concordance de leur théorie avec quelques-uns des mouvements atmosphériques les mieux constatés.

Lors même que la question n'aurait pas été entièrement résolue, si l'auteur d'un Mémoire avait fait quelque pas important vers la solution, l'Académie pourrait lui accorder le prix.

Les pièces relatives à ce concours devront être remises au secrétariat de l'Institut avant le 1er janvier 1854. Ce terme est de rigueur. — Le prix consistera en une médaille d'or de la valeur de *trois mille francs*. Les noms des auteurs seront contenus dans un billet cacheté, qu'on n'ouvrira que si la pièce est couronnée.

PRIX EXTRAORDINAIRE SUR L'APPLICATION DE LA VAPEUR A LA NAVIGATION,

PROPOSÉ POUR 1836, REMIS SUCCESSIVEMENT A 1838 A 1841, A 1844, A 1848, ENFIN A 1853.

Un prix de *six mille francs* a été fondé en 1834 par le Ministre de la marine (M. Charles Dupin) pour être décerné par l'Académie des Sciences.

Au meilleur ouvrage ou Mémoire sur l'emploi le plus avantageux de la vapeur pour la marche des navires, et sur le système de mécanisme, d'installation, d'arrimage et d'armement qu'on doit préférer pour cette classe de bâtiments.

La Commission chargée d'apprécier les pièces envoyées au concours de 1848 n'en a trouvé aucune digne du prix; elle propose, en conséquence, de remettre le concours à la séance publique de l'année 1853.

Les Mémoires devront être remis au secrétariat de l'Institut avant le 1er décembre 1852.

PRIX D'ASTRONOMIE,

FONDÉ PAR M. DE LALANDE.

La médaille fondée par M. de Lalande, pour être accordée annuellement à la personne qui, en France ou ailleurs (les Membres de l'Institut exceptés), aura fait l'observation la plus intéressante, le Mémoire ou le travail le plus utile aux progrès de l'Astronomie, sera décernée dans la prochaine séance publique.

La médaille est de la valeur de *six cent trente-cinq francs*.

PRIX DE MÉCANIQUE,

FONDÉ PAR M. DE MONTYON.

M. de Montyon a offert une rente sur l'État pour la fondation d'un prix annuel en faveur de celui qui, au jugement de l'Académie des Sciences, s'en sera rendu le plus digne, en inventant ou en perfectionnant des instruments utiles au progrès de l'agriculture, des arts mécaniques ou des sciences.

Ce prix sera une médaille d'or de la valeur de *cinq cents francs*.

PRIX DE STATISTIQUE,

FONDÉ PAR M. DE MONTYON.

Parmi les ouvrages qui auront pour objet une ou plusieurs questions relatives à la *Statistique de la France*, celui qui, au jugement de l'Académie, contiendra les recherches les plus utiles, sera couronné dans la prochaine séance publique. On considère comme admis à ce concours les Mémoires envoyés en manuscrits, et ceux qui, ayant été imprimés et publiés, arrivent à la connaissance de l'Académie; sont seuls exceptés les ouvrages des Membres résidants.

Le prix consiste en une médaille d'or équivalente à la somme de *cinq cent trente francs*.

Le terme des concours, pour ces deux derniers prix, est fixé au 1er avril de chaque année.

PRIX FONDÉ PAR MADAME DE LAPLACE.

Une ordonnance royale a autorisé l'Académie des Sciences à accepter la donation, qui lui a été faite par Madame de Laplace, d'une rente pour la fondation à perpétuité d'un prix consistant dans la collection complète des ouvrages de Laplace.

Ce prix sera décerné, chaque année, au premier élève sortant de l'Ecole Polytechnique.

SCIENCES PHYSIQUES.

GRAND PRIX DES SCIENCES PHYSIQUES,

QUESTION PROPOSÉE POUR 1853.

(Commissaires, MM. Flourens, de Jussieu, Milne-Edwards, Ad. Brongniart, Élie de Beaumont rapporteur.)

Etudier les lois de la distribution des corps organisés fossiles dans les différents terrains sédimentaires suivant leur ordre de superposition. Discuter la question de leur apparition et de leur disparition successive ou simultanée. Rechercher la nature des rapports qui existent entre l'état actuel du règne organique et ses états antérieurs.

L'Académie désirerait que la question fût traitée dans toute sa généralité, mais elle pourrait couronner un travail comprenant un des grands embranchements

ou même seulement une des classes du règne animal, et dans lequel l'auteur apporterait des vues à la fois neuves et précises, fondées sur des observations personnelles et embrassant essentiellement toute la durée des périodes géologiques.

Le prix consistera en une médaille d'or de la valeur de *trois mille francs*. Les Mémoires devront être remis au secrétariat de l'Académie avant le 1er janvier 1853.

Les corps organisés dont les débris existent à l'état fossile dans les différents terrains sédimentaires, apparaissent soit isolément, soit par groupes nombreux, dans les couches successives qui représentent les différentes périodes de l'histoire du globe. Chacun de ces fossiles se présente à l'observateur comme cantonné dans un certain groupe de couches, en dehors duquel il n'a pas encore été retrouvé. L'une des premières questions auxquelles leur étude donne naissance est celle de savoir si chacun d'eux n'a réellement apparu sur la surface du globe qu'au moment où les couches qui nous l'ont offert ont commencé à se déposer, et s'il a disparu immédiatement après leur dépôt; si ces corps organisés n'ont eu ainsi qu'une existence passagère, ou bien s'ils ont préexisté et survécu à la période du dépôt des couches hors desquelles on ne les a pas observés jusqu'ici.

La géologie ne possède, en dehors de l'étude même des fossiles, aucun moyen certain de résoudre cette importante et difficile question et toutes celles qui s'y rattachent.

A une époque où aucun essai n'avait encore été tenté pour faire sortir la notion des révolutions du globe du vague dans lequel elle s'était d'abord présentée, on a pu croire que chacune de ces révolutions avait été propre à détruire la totalité des êtres organisés existant sur

la surface du globe et à y laisser le champ libre pour une création nouvelle. Mais si, comme plusieurs géologues l'admettent aujourd'hui, les révolutions du globe se sont réduites chacune au soulèvement d'un certain système de chaînes de montagnes, circonscrit dans un fuseau ou dans une zone médriocrement large de la sphère terrestre, il devient assez difficile de concevoir comment un pareil événement aurait fait complétement disparaître une espèce d'animaux marins, à moins que *l'area* de cette espèce n'ait été extrêmement petite. Certains géologues, ceux particulièrement qui soutiennent le système de *causes actuelles*, sont même portés à restreindre beaucoup plus encore la grandeur, et par conséquent la puissance destructive des événements dont le globe terrestre a été le théâtre.

Il est donc devenu plus nécessaire, de nos jours, qu'il n'a paru l'être antérieurement, de songer à bien examiner si la série chronologique des êtres organisés fossiles présente réellement des lignes de démarcation générales et absolues, indiquant un renouvellement intégral et simultané de toutes les formes organiques existantes sur la terre; ou bien si, comme beaucoup d'observateurs l'ont indiqué, il existe souvent entre deux terrains superposés des espèces de fossiles communes, de manière à ce qu'aucun terrain n'ait une faune fossile qui lui soit exclusivement propre.

L'un des points qu'il importerait le plus d'éclaircir est la question, aujourd'hui si controversée, de savoir s'il existe réellement des identités entre des espèces fossiles et vivantes, et entre des espèces appartenant à des terrains différents et successifs. Cette question ne sera résolue que lorsqu'on aura fixé définitivement les idées sur les espèces assez nombreuses qui, après avoir été considérées comme existant dans deux terrains d'â-

ges différents, et comme établissant une liaison entre les faunes de ces deux terrains, ont été divisées depuis en deux autres existant chacune dans un seul des deux terrains.

Lorsqu'une espèce semble avoir disparu et avoir été remplacée par une espèce peu différente, on peut se demander si cette dernière résulte d'une création nouvelle ou d'une transformation de l'espèce qu'on ne retrouve plus.

On avait cru autrefois que, pendant la durée des périodes géologiques, le développement du règne animal avait parcouru toute la distance qui sépare les plus simples monades des Mammifères. L'existence aujourd'hui bien constatée de Poissons, de Céphalopodes et d'animaux articulés aussi développés que les Trilobites, dans des couches situées presque à la base des terrains fossilifères, restreint considérablement le champ des variations progressives dont il s'agit, quoique l'apparition tardive des Oiseaux et des Mammifères semble indiquer qu'elles n'ont pas été tout à fait nulles. Il reste à examiner si ce développement progressif de la nature organique s'est réduit à l'apparition récente des classes qui sont douées de l'organisation la plus complète, ou si l'on peut remarquer des indices d'un perfectionnement graduel dans l'organisation des classes qui ont existé dès les périodes géologiques les plus anciennes auxquelles nous puissions remonter.

Si un pareil développement a réellement eu lieu, il serait utile de le définir avec précision, et, soit qu'on admette qu'il a existé ou qu'on admette seulement qu'il y a eu dans les formes de chaque classe d'êtres organisés une variation exprimée par l'ordre dans lequel on rencontre les espèces de cette classe dans les terrains successifs, on peut se demander si ces changements ont

tenu simplement à ce que les espèces ont été créées dans un certain ordre indépendant de toute loi assignable, ou s'ils ont été en rapport avec des modifications, soit brusques, soit graduelles, dans la nature des milieux ambiants, c'est-à-dire dans la composition et dans la température de l'atmosphère et de la mer, ou bien enfin si la succession des êtres organisés laisse entrevoir quelques traces d'une variation inhérente à la nature de l'organisation elle-même et indépendante de la composition constante ou variable des milieux ambiants.

Dans le cas où certaines modifications de l'organisation se seraient effectuées d'une manière indépendante des variations de composition possibles de l'atmosphère et de la mer, on aurait à examiner si elles se sont effectuées simultanément et avec la même rapidité sur toute la surface du globe, malgré les différences de climat des diverses parties de cette surface; question importante, puisqu'elle implique celle de la simultanéité de dépôt des terrains qui, sur des points différents du globe, renferment des fossiles analogues.

Une autre question importante aussi sous ce point de vue, et qui a été plus d'une fois agitée, est celle de savoir si certaines espèces se seraient rapprochées de l'équateur par l'effet d'un refroidissement progressif de la surface du globe.

GRAND PRIX DES SCIENCES PHYSIQUES.

QUESTION PROPOSÉE POUR 1847, 1849, ET REMISE AU CONCOURS POUR 1853.

(Commissaires, MM. Serres, Rayer, Magendie, Milne-Edwards, Flourens rapporteur.)

L'Académie avait proposé, pour sujet du grand prix des Sciences naturelles à décerner en 1849, la question suivante :

Établir, par l'étude du développement de l'embryon dans trois espèces, prises chacune dans un des trois premiers embranchements du règne animal (les Vertébrés, les Mollusques et les Articulés), des bases pour l'embryologie comparée.

Aucun ouvrage ne nous est parvenu sur cette grande question. En conséquence, la Commission propose de la remettre au concours pour l'année 1853, mais en la réduisant aux termes suivants :

Établir, par l'étude du développement de l'embryon dans deux espèces, prises, l'une dans l'embranchement des Vertébrés, et l'autre, soit dans l'embranchement des Mollusques, soit dans celui des Articulés, des bases pour l'embryologie comparée.

L'Académie ne désigne au choix des concurrents aucune espèce particulière ; elle n'exclut pas même celles sur lesquelles il a pu déjà être fait des travaux utiles, à condition pourtant que les auteurs auront vu et vérifié par eux-mêmes tout ce qu'ils diront.

Le grand objet qu'elle propose aux efforts des zoologistes et des anatomistes, est la détermination positive de ce qu'il peut y avoir de semblable ou de dissem-

blable dans le développement comparé des *Vertébrés* et des *Invertébrés*.

Les concurrents regarderont, sans doute, comme un point essentiel, d'accompagner leurs descriptions de dessins qui permettent de suivre avec précision les principales circonstances des faits.

Les pièces adressées pour le concours devront être parvenues au secrétariat avant le 1er avril 1853.

PRIX DE PHYSIOLOGIE EXPÉRIMENTALE,

FONDÉ PAR M. DE MONTYON.

Feu M. de Montyon ayant offert une somme à l'Académie des Sciences, avec l'intention que le revenu en fût affecté à un prix de physiologie expérimentale à décerner chaque année, et le gouvernement ayant autorisé cette fondation par une ordonnance en date du 22 juillet 1818:

L'Académie annonce qu'elle adjugera une médaille d'or de la valeur de *huit cent quatre-vingt-quinze francs* à l'ouvrage, imprimé ou manuscrit, qui lui paraîtra avoir le plus contribué aux progrès de la physiologie expérimentale.

Le prix sera décerné dans la prochaine séance publique.

Les ouvrages ou Mémoires présentés par les auteurs doivent être envoyés au secrétariat de l'Institut avant le 1er avril de chaque année.

DIVERS PRIX DU LEGS MONTYON.

Conformément au testament de feu M. Auget de Montyon, et aux ordonnances royales du 29 juillet 1821,

du 2 juin 1824 et du 23 août 1829, il sera décerné un ou plusieurs prix aux auteurs des ouvrages ou des découvertes qui seront jugés les plus utiles à *l'art de guérir*, et à ceux qui auront trouvé les *moyens de rendre un art ou un métier moins insalubre.*

L'Académie a jugé nécessaire de faire remarquer que les prix dont il s'agit ont expressément pour objet des découvertes et inventions propres à perfectionner la médecine ou la chirurgie, ou qui diminueraient les dangers des diverses professions ou arts mécaniques.

Les pièces admises au concours n'auront droit aux prix qu'autant qu'elles contiendront une *découverte parfaitement déterminée.*

Si la pièce a été produite par l'auteur, il devra indiquer la partie de son travail où cette découverte se trouve exprimée: dans tous les cas, la Commission chargée de l'examen du concours fera connaître que c'est à la découverte dont il s'agit que le prix est donné.

Les sommes qui seront mises à la disposition des auteurs des découvertes ou des ouvrages couronnés, ne peuvent être indiquées d'avance avec précision, parce que le nombre des prix n'est pas déterminé: mais les libéralités du fondateur ont donné à l'Académie les moyens d'élever ces prix à une valeur considérable, en sorte que les auteurs soient dédommagés des expériences ou recherches dispendieuses qu'ils auraient entreprises, et reçoivent des récompenses proportionnées aux services qu'ils auraient rendus, soit en prévenant ou diminuant beaucoup l'insalubrité de certaines professions, soit en perfectionnant les sciences médicales.

Conformément à l'ordonnance du 23 août, il sera aussi décerné des prix aux meilleurs résultats des recherches entreprises sur les questions proposées par l'Académie, conséquemment aux vues du fondateur.

Les ouvrages ou Mémoires présentés par les auteurs doivent être envoyés, francs de port, au secrétariat de l'Institut *avant le* 1.er *avril* de chaque année.

PRIX CUVIER.

La Commission des souscripteurs pour la statue de Georges Cuvier, ayant offert à l'Académie une somme résultant des fonds de la souscription restés libres, avec l'intention que le produit en fût affecté à un prix qui porterait le nom de *prix Cuvier*, et qui serait décerné tous les trois ans à l'ouvrage le plus remarquable, soit sur le règne animal, soit sur la géologie, et le gouvernement ayant autorisé cette fondation par une ordonnance en date du 9 août 1839;

L'Académie annonce qu'elle décernera, dans la séance publique de 1851, un prix (sous le nom de *prix Cuvier*) à l'ouvrage qui sera jugé le plus remarquable entre tous ceux qui auront paru depuis la mort de ce grand naturaliste, soit sur le règne animal, soit sur la géologie.

La valeur de ce prix sera de *quinze cents francs*.

Le concours est clos depuis le 1er janvier 1850.

A partir de l'année 1851, le *prix Cuvier* sera décerné tous les trois ans.

Les concurrents, pour tous les prix, sont prévenus que l'Académie ne rendra aucun des ouvrages envoyés au concours; les auteurs auront la liberté d'en faire prendre des copies.

LECTURES.

M. Laugier, au nom de M. Arago, secrétaire perpétuel pour les Sciences mathématiques, qui n'a pu assister à cette séance pour cause de maladie, a lu des fragments de la biographie de Siméon-Denis Poisson.

DONATIVOS.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — 2.ª Série — Tomo 2.º — N.º 4 — Lisboa 1851 — 8.º — 1 N.º — Offerecido pela mesma Sociedade.

Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa. — 2.ª Série — Tomo 7.º — N.º 12.

Dito. — Tomo 8.º — N.º 1 — 8.º — 2 N.os

Discurso recitado na Sessão solemne e anniversaria da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa etc. por José Pereira Mendes — 8.º — 1 exemplar. — Offerecidos os sobreditos tres objectos pela mesma Sociedade.

Annaes da Sociedade Promotora da Industria Nacional. — 1851 — N.º 1 e 2 — Janeiro e Fevereiro — Lisboa — 4.º — 2 N.os — Offerecidos pela mesma Sociedade.

Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias, de Lisboa. — 1.ª Série — 4.º anno — Abril 1851 — e Maio 1851 — 4.º — 2 N.os — Offerecidos pelo Sñr. José Tedeschi.

Geographia da Infancia para uso das Escholas. Por A. de Sampaio. — 1.ª Parte. — Coimbra 1850. — 8.º — 1 exemplar.

Grammatica da Infancia etc. Pelo mesmo autor. — Coimbra 1851. — 8.º — 1 exemplar.

Arithmetica da Infancia etc. Pelo mesmo autor. — Coimbra 1850. — 8.º — 1 exemplar.

Nova Taboada para uso das Escholas. Pelo mesmo autor. — Coimbra 1850. — 8.º — 1 exemplar. — Offerecidas stas quatro obras pelo seu autor.

Lições de Chymica geral, e suas principaes applicações, por Julio Maximo d'Oliveira Pimentel. — Tomo .º — Lisboa 1851 — 8.º — 1 Vol., com estampas em eparado. — Offerecido pelo seu autor.

Additamentos aos Fac similes das assignaturas dos Senhores Reis, Rainhas, e Infantes que tem governado ste Reino de Portugal até hoje. Publicados no anno de 849, pelo Abbade A. D. de Castro e Sousa. — Lisboa 1851 — 4.º — 1 exemplar. — Offerecido por seu auor.

Carta Esferica de una parte del Oceano Atlantico, omprehendida entre 14° 00' y 44° 10' de Latitude N. tc. Por D. Vicente Tofiño de San Miguel. — Anno de 1788 — fol. max. — 1 Vol. [Atlas Maritimo de Hespanha] — Madrid 1789. — Offerecido pelo Sñr. Mattheus Valente do Couto Diniz.

Mémoires de la Société Impériale d'Archéologie de St. Pétersbourg. XI e XII [Vol. 4.º, N.ºs 2 e 3] — St. Pétersbourg 1850 — 8.º — 2 N.ºs — Offerecidos pela mesma Sociedade.

Comptes rendus hebdomadaires des Séances de l'Académie des Sciences [Instituto Nacional de França]. — 1850 — Deuxième semestre — Tomo 31 — N.ºs 25, 26, e 27 — 4.º g.de — 3 N.ºs — Offerecidos pelo mesmo Instituto.

Relatorio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, apresentado ás Côrtes na Sessão ordinaria de 1851. — fol. — 1 vol. — Mandado pelo referido Ministerio.

ASSEMBLEA D'EFFECTIVOS DE 21 DE MAIO.

Presidio o Sñr. José Liberato Freire de Carvalho.

Concorrêrão á Sessão o Vice-Secretario Francisco Elias Rodrigues da Silveira, e os Sñr.es Antonio Dias do Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, Francisco Pedro Celestino Soares, Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Francisco Recreio, Barão de Reboredo, Fortunato José Barreiros, Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, e Agostinho Albano da Silveira Pinto, Socios Effectivos; Mattheus Valente do Couto Diniz, e Antonio Albino da Fonseca Benevides, Substitutos d'Effectivos.

Participou o Sñr. Secretario perpetuo não poder comparecer nesta Sessão por motivo que o impedia.

Procedendo-se á votação do Sñr. José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello-Branco, proposto na Sessão de 30 d'Abril proximo passado para Socio Correspondente, foi unanimemente approvado.

SESSÃO LITTERARIA DE 28 DE MAIO.

'residio o Sñr. José Cordeiro Feio.

Concorrêrão á Sessão o Vice-Secretario Francisco ;lias Rodrigues da Silveira, e os Sñr.es Antonio Diniz o Couto Valente, João da Cunha Neves e Carvalho ortugal, José Liberato Freire de Carvalho, Francisco ;gnacio dos Santos Cruz, Francisco Pedro Celestino Soa-:s, Francisco Recreio, Barão de Reboredo, Ignacio ntonio da Fonseca Benevides, Agostinho Albano da ilveira Pinto, e Fortunato José Barreiros, Socios effe-.ivos; Antonio Albino da Fonseca Benevides, e Mattheus 'alente do Couto Diniz, Substitutos d'effectivos; An-nio Caetano Pereira, e Bernardino Antonio Gomes, ocios Livres.

CORRESPONDENCIA.

:o o Vice-Secretario:

Uma Portaria do Ministerio do Reino, datada de 3 do corrente, participando ter Sua Magestade no-

meado o Conselheiro José Ferreira Pestana para Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, por haver pedido a exoneração deste Cargo o Marechal Duque de Saldanha.

MEMORIAS LIDAS.

Leo o Sñr. Bernardino Antonio Gomes a sua Resumida Noticia da Obra sobre as Palmeiras do Sñr. Carlos Frederico Filippe de Martius, a saber:

Senhores, fomos encarregados pela Academia de dar uma resumida noticia da obra sobre as Palmeiras, do Sñr. Karl Frederick Philippe Von-Martius, a qual acâba de ser publicada com o titulo de — Historia Naturalis Palmarum, e que havia começado com o de — Genera et species Palmarum, quas in itinere per Brasiliam annos 1817 — 1820 collegit, descripsit et iconibus illustrabit. Um exemplar desta magnifica obra, assim como os de outras do mesmo auctor, existem hoje na livraria da Academia, devidos todos á munificencia deste mui distincto naturalista, e ás boas relações, que elle sustenta com o nosso paiz, por intermedio da sua corporação scientifica, a mais auctorisada.

Sentimos não ter a sufficiente habilitação para bem

executar o que nos foi commettido, porque não somos naturalista, e de botanica temos apenas os conhecimentos, que nos são indispensaveis como medico, e como professor de materia medica; faremos com tudo por corresponder á confiança, com que nos honrou a Academia, e por satisfazer ao seu empenho, cumprindo a sua resolução do modo melhor que nos for possivel.

Os primeiros fasciculos do — Genera et species palmarum — apparecêrão em 1823, e os ultimos em 1840. A obra completa, como hoje está, consta de tres partes. A primeira com o titulo de introducção, trata da estructura, morphologia, e historia do desenvolvimento das palmeiras; da sua distribuição geografica; e juntamente se occupa das palmeiras fosseis. A segunda parte descreve as palmeiras do Brasil; e na terceira se faz a enumeração systematica da Ordem, de todas as suas tribus, dos generos, e das especies mais particularmente dignas de menção. A impressão, feita em Munich em folio grande, foi executada com todo o esmero; enriquecem-a estampas do mais bello desenho e colorido, e sobre tudo da mais escrupulosa exactidão, quanto aos objectos representados, dando por isso á intelligencia do texto muito valioso auxilio. Esta esplendida obra, o mais brilhante monumento, que o auctor podia elevar á sua propria memoria, e que tão digno é de ser consagrado ao estudo dos Principes da vegetação, como com tanta razão distinguem os botanicos as palmeiras dos outros vegetaes, é o fructo do porfiado e continuo estudo de vinte e sete annos de um naturalista, como o Snr. Martius, e da coadjuvação, além disso, de outros botanicos distinctos, como são o professor da Universidade Tubingense Hugo Mohl, e Zucharini, que o auxiliárão na parte anatomica, Unger no que respeita a palmeiras fosseis, o professor de Fribourg Alex. Broun quanto ás doutrinas

do processo anthogenico, e os professores Mirbel e Schleiden nas partes relativas á evolução das gemmas e á fecundação das flores. Auxiliárão-o além disso, pela remessa de plantas, de estampas, e de noticias, quanto respeita á India, Reinwardt, Walich e Griffith; quanto á Nova Hollanda Ferd. Bauer e R. Brown; ás Antilhas Adr. Jussieu e Ad. Brogniart; ao Perú e Amazonas Peppig; ao Mexico Liebemann; e quanto á America austral d'Orbigny.

O consorcio de Sua Magestade Imperial, de mui saudosa memoria, o Senhor D. Pedro 4.°, celebrado em 1817 com Sua Alteza a Archiduqueza d'Austria Leopoldina, foi a occasião e motivo da viagem do Sñr. Martius ao Brasil. O Governo da Austria e o da Baviera, solicitos, como em geral são todos os governos de Alemanha, pelo progresso das sciencias naturaes, aproveitárão tão boa occasião, que para isso se lhes offerecia, fazendo acompanhar a Princeza austriaca por uma commissão de naturalistas, encarregados de explorar as vastas regiões do Brasil. Forão escolhidos para fazer parte desta Commissão, como membros da Academia das Sciencias em Munich, o Sñr. Fr. Von Martius e o D.r Spix, o primeiro encarregado da parte botanica, o segundo da parte zoologica. A escolha recahio assim sobre pessoas, então já muito conhecidas e altamente avaliadas por seus trabalhos nos ramos respectivos; promettendo por isso o quanto veio felizmente a alcançar-se de suas importantes explorações.

Com os auxilios do seu governo, com os que, na posição especial em que foi, devia necessariamente receber do nosso governo e das auctoridades, que então tinhamos no Brasil, e por effeito sobre tudo da sua actividade e ardor de explorações, pôde conseguir o Sñr. Martius percorrer desde 1817 até 1820 as provincias

do Rio de Janeiro, de S. Paulo, de Matto Grosso, Minas-Geraes, Goyazes, Pernambuco, Bahia, Pará, Piauhy e Maranhão; visitou o paiz diamantino, que elle compara ao mais formoso e bem cultivado jardim, o Rio de S. Francisco, o dos Ilheos, donde penetrou pelo interior das florestas na extensão de sessenta legoas, e subio todo o Amazonas até aos limites occidentaes do Imperio. As suas excursões estendêrão-se assim pela enorme area, que comprehende 600 legoas de Norte a Sul, e de mais de 1000 de l'este a ouest. A colheita de plantas que fez, representa 7500 especies, cujos exemplares forão enriquecer, além de outros, principalmente o museo brasileiro de Munich (*). Esta interessante, e bem aproveitada viagem, produzio, além da obra sobre as palmeiras, outras e muito importantes, do mesmo auctor, como são as seguintes:

Nova genera et species palmarum, quas itinere per Brasiliam anno 1817 — 1820 suscepto collegit et descripsit. Monachii 1824 — 1832. 3 vol. f.

Specimen materiæ medicæ brasiliensis. Monachii 1824.

Icones plantarum cryptogamicarum, quas in itinere annis 1817 — 1820 per Brasiliam instituto collegit et descripsit. Monachii impensis auctoris 1828 — 1834.

Herbarium Floræ brasiliensis. Plantæ brasilienses exsicatæ, quas denominatas partius diagnosi aut observationibus instructas botanophilis offert. Monachii 1837.

Systhema materiæ medicæ vegetabilis brasiliensis. Lipsiæ 1843.

Flora brasiliensis, seu enumeratio plantarum in

(*) Pode ver-se a noticia sobre este objecto no — Musé botanique de Benj. Delessert do Sñr. Lasegue a pag. 250.

Brasilia etc., que existe publicada em parte, e que o auctor promette concluir.

Taes são, além de outros muitos, os valiosos serviços, prestados á Sciencia por este eximio e incansavel naturalista, e que para nós devem ter o especial interesse de nos fazer conhecer as producções naturaes do vasto territorio do Brasil; de um paiz para nós tão cheio de gratas recordações, descoberto e povoado pela raça portugueza, e cujas relações ainda são, e serão sempre para nós da maior importancia. Do Brasil nenhum naturalista vio mais e fez conhecer tanto, como o Sñr. Martius; dando-se para isso o mais feliz e pouco commum concurso de circunstancias, como são, uma elevada e bem cultivada intelligencia, muitos conhecimentos praticos e especiaes do objecto já antes adquiridos, sufficiente vigor physico, actividade, e o auxilio de sufficientes meios pecuniarios; o que foi tudo aproveitado do modo o mais brilhante e assignalado para fazer reconhecer no Sñr. Martius um dos primeiros viajantes naturalistas do nosso tempo. Se o Sñr. Martius porêm se faz credor da estimação e do respeito de todos os homens de Sciencia, como os não devem ter por elle os portuguezes, com quem o auctor viveo tanto, cuja linguagem elle falla e escreve como um portuguez, e aos quaes deo sempre e continúa a dar provas de sympathia e de deferencia, remettendo, como sempre remetteo, a esta Academia, e do modo o mais generoso, exemplares das suas obras, importantes não só pelo valor scientifico, mas de mais pelo muito dispendio, com que são impressas e enriquecidas de estampas. Poucos estrangeiros homens de sciencia, teem direito, como o Sñr. Martius, á gratidão e á consideração do Governo portuguez; e a Academia, em nosso entender, cumpre com um rigoroso dever concor-

rendo para que, do modo digno da pessoa e do objecto, se lhe dê disso um testemunho publico.

A remessa, feita em fasciculos, da — Historia Naturalis Palmarum, não o foi infelizmente com tanta regularidade, que não succedesse, como em outros similhantes casos, o virem folhas duplicadas, faltando ao mesmo tempo outras. O exemplar da Academia acha-se por este motivo incompleto em algumas partes, o que se fez já diligencia para remediar. Antes porêm que se complete este exemplar, unico que temos em Lisboa, e possa assim ter delle conhecimento na sua totalidade, iremos dando noticia daquella parte, a respeito da qual o podermos desde já fazer. E deste modo começaremos com o primeiro capitulo da Introducção, o qual trata, como dissemos, da estructura das palmeiras, e foi objecto do trabalho especial do professor Hugo Mohl.

Foi pelo exame anatomico de uma palméira, a Phænix dactilifera, que Danbenton primeiro estabeleceo a lei do crescimento pelo centro no tronco destes vegetaes, lei que Desfontaines depois generalisou e estendeo a todas as plantas monocotyledoneas, e que fez converter por De Candolle a distincção de plantas monocotyledoneas e dicotyledoneas na de endogenos e exogenos. A doutrina assim estabelecida prevaleceo geralmente na sciencia, até que Moldenhawer, por estudo especialmente feito das gramineas, a controverteo; e já antes Aub. Du Petit Thouard havia annunciado a possibilidade de um crescimento feito pela peripheria no tronco das palmeiras. Estes vegetaes, que podem considerar-se o typo das plantas monocotyledoneas, prestão-se por isto, e por seu grande desenvolvimento, melhor que outros vegetaes desta grande divisão, ao exame da questão. Este exame por meio da dissecção e da observação microscopica, cuidadosamente feito no tronco ou caudice de muitas especies

de palmeiras, conduzio Hugo Mohl a reconhecer nestes troncos a seguinte estructura.

Os caudices das palmeiras constão de tecido cellular parenchymatoso, de fasciculos vasculares, e de fasciculos fibrosos ou tecido prosenchymatoso. O tecido cellular é formado de cellulas dispostas em series longitudinaes; estas cellulas modificão-se de modo variado na sua grandeza e fórma, na espessura e consistencia de suas paredes, constituindo assim a parte parenchymatosa dos caudices. Em geral de paredes menos consistentes, estas cellulas na parte central do caudice dão ao parenchyma a apparencia medullar; algumas vezes tambem series de cellulas da mesma estructura, e com uma situação, que se aproxima da horisontal e radiada, tomão a fórma como de raios medullares; na parte mais peripherica do caudice, e por effeito de encrostações successivas, as paredes das cellulas, tornando-se espessas e duras, ganhão a fórma lenhosa, e fazem que a porção respectiva do parenchyma figure como parte cortical; no entanto verdadeira medulla, raios medullares, e casca, como os das plantas dicotyledoneas, não existem nas plantas monocotyledoneas. Só conservão epiderme os caudices arundinaceos e os calamosos, nos outros caudices das palmeiras desapparece; e raras vezes as cellulas que fórmão este epiderme são porosas, ou são cellulas com estomatos, como succede, por exemplo, no Raphis flabelliformis, e como é geral em outras Ordens de plantas. As mesmas cellulas epidermicas podem na superficie externa prolongar-se em pellos ou em escamas, como succede nas plantas dicotyledoneas. Confirma Mohl a opinião em contrario á de Mirbel, que as cellulas do parenchyma nas palmeiras, como n'outros vegetaes, não são porosas, mas que as faz parecer assim a transparencia da sua camada ou membrana mais externa. São real-

mente porosas todas as camadas membranosas mais internas de cada cellula; e se correspondem umas a outras por esses poros de tal fórma, que justapostas fórmão no interior da cellula uma especie de canal, qne a membrana externa tapa na sua extremidade peripherica, onde parece tambem furada por motivo de sua transparencia. É para observar ainda, a respeito das cellulas parenchymatosas do caudice das palmeiras, que podem conter amido ou chlorophyla; o que não se tem nellas observado é rhaphides ou outros corpos cristalinos, como se observão n'outros parenchymas.

Os fasciculos vasculares vindo das frondes, da base destas encaminhão-se primeiro ao centro do caudice; d'ahi, curvando-se, vão para a parte externa, e deste modo cruzão na parte superior do caudice os fasciculos vasculares mais antigos, ou os provenientes das frondes dos annos anteriores, para depois se tornarem externos e se sobreporem a estes fasciculos mais antigos.

Por este modo se vê, que os fasciculos de mais recente formação, e por conseguinte o crescimento do caudice, em lugar de serem centraes, como se havia supposto, só o são assim na parte mais superior do caudice, tornando-se na realidade periphericos na sua maior extensão, por effeito do encruzamento referido. — Estes fasciculos vasculares constão de uma parte cellulosa situada sempre para o lado interno ou central do caudice, e que o auctor chama lenhosa; de outra parte externa, que elle compara ao liber das dicotyledoneas; e em terceiro lugar de vasos. Tanto a parte lenhosa, como o liber, são constituidos por cellulas alongadas ou não alongadas, acylindradas, hexagonas, ou de outra fórma; e differem nos dous casos principalmente, porque as cellulas da porção lenhosa teem as paredes mais tenues, porque é maior a sua capacidade interna, e são além dis-

so estas cellulas lenhosas pontuadas, com septos internos horisontaes, affectando o arranjo e a posição dos tecidos parenchymatosos, sem nunca conterem grãos de fecula: em quanto que as cellulas do liber teem paredes mais espessas, feitas assim pela sobreposição interna e successiva de camadas, que tornão por isso cada vez menor a cavidade interna de cada cellula; teem septos diagonaes nestas cavidades; e além disso o arranjo ou disposição das cellulas, em vez de parenchymatoso, affecta a fórma prosenchymatosa. Entre o lenho e o liber de cada fasciculo existem os vasos maiores, os pontuados, e os escalariformes, que os percorrem em quasi toda a extensão; existem os vasos espiraes e annulares, que só apparecem na parte mais superior dos fasciculos, e em quanto estes se encaminhão pelo centro ou parte medullar do caudice; e finalmente fazem parte destes fasciculos, extremando-se ou não dos outros vasos, certas cellulas mais alongadas ou vasos, formados de membranas tenues, e que conteem um suco cheio de globulos, não circulante, mas podendo experimentar o movimento intracellular, chamado vibratorio de R. Brown, seu primeiro descobridor. Estes ultimos vasos, que poderião tomar-se por vasos proprios e lateciferos, como os que existem n'outras Ordens de plantas, não teem, segundo o auctor, todos os seus caracteres, e por isso devem delles distinguir-se.

Os fasciculos vasculares, com relação aos elementos anatomicos, que os constituem, modificão-se nos differentes pontos da sua extensão. Começão na base do caudice, e na sua parte mais externa, por serem filiformes, e compostos só de cellulas prosenchymatosas; vão depois engrossando por effeito de maior numero de cellulas prosenchymatosas e dos vasos, que se lhes vão ajuntando pelo lado interno; e além disso engrossão pela ad-

dição das cellulas da parte lenhosa, que vão igualmente apparecendo e augmentando em numero á medida que se observão os fasciculos mais superiormente. Deste modo succede, que na parte inferior dos fasciculos, e por conseguinte a mais externa das caudices, deve predominar nestes fasciculos o liber sobre a parte lenhosa, em quanto que na parte superior dos mesmos fasciculos, e por conseguinte na parte interna do caudice, o inverso deve succeder.

O auctor prova a origem utricular dos vasos, por observação feita nas palmeiras, e cita como mais proprios para essa observação o Calamus draco, a Mauritia vinifera, nos quaes cada utriculo chega a ter uma a duas linhas de comprimento, e um quinto de linha de largura, o que os torna mui proprios para permittir a observação da sua transformação em vasos.

O auctor faz tambem notar a relação ou conformidade quasi constante, que se observa existir entre as modificações, por que passão os vasos nos differentes pontos do seu trajecto, e as dos tecidos que lhe são adjacentes; ou entre as dos vasos e vasos, que se correspondem, ou se tocão. É isto o effeito, segundo Mohl, de uma lei organogenica, que diz não ter sido assignalada por outros phytotomos, e que elle faz derivar de outra lei, que exprime do seguinte modo: em duas cellulas adjacentes os poros de cada uma correspondem-se sempre por situação opposta.

A respeito dos poros e das fendas dos vasos ha a fazer a mesma observação, que já fizemos para os das cellulas, isto é, que não existem realmente similhantes poros ou fendas, mas são só apparentes. Teem além disso estes poros e fendas a mesma origem e natureza, que os das cellulas.

Comparando a estructura do tronco das palmeiras

com a dos troncos de outras monocotyledoneas, observa-se entre a de uns e de outros a maior analogia; é a estructura que Moldenhawer observou, por exemplo, nas gramineas, é a que se vê nas liliaceas, e em geral nos caules de todas as plantas monocotyledoneas, com pequenas modificações para cada Ordem destes vegetaes. Em que não combinão porêm a observação e opinião de Mohl com as de Moldenhawer, que são ao mesmo respeito as de Hayesius, de Link, e de Rieser, é quanto á existencia de camadas de liber especialmente accumuladas na parte peripherica dos caules das monocotyledoneas. Não as admitte Mohl, como as admittem os outros citados observadores. O erro nasce, segundo Mohl, de terem tomado por camadas de liber as de tecido cellular existentes na parte externa do caudice, e cujas cellulas, variando entre a fórma dodecaedrica e cylindrica, engrossão nas suas paredes, e dão assim a essas camadas uma apparencia particular, que as fizerão confundir com as do liber, mas que não teem a sua verdadeira natureza. Estas camadas de tecido cellular fazem, como já vimos, nas palmeiras o officio de cortex, sem que por isso possão confundir-se com o verdadeiro cortex das dicotyledoneas.

A comparação das monocotyledoneas com as dicotyledoneas conduz a fazer desvanecer a grande disparidade, que se suppoz haver nos caules das plantas de cada uma destas duas grandes divisões, ou deixa perceber melhor quaes são os pontos de contacto, as analogias, que aproximão a estructura de uns e de outros. Assim o feixe de vasos, que nasce da base de cada folha, e que nas dicotyledoneas é conhecido com o nome de corôa de Du Petit Thouard, corresponde exactamente aos fascicu-los vasculares das palmeiras, como em geral aos das plantas monocotyledoneas. Supponhamos, que estes feixes

de vasos, em logar de caminharem isolados por toda a espessura do tecido cellular e parenchymatoso do caule, pelo contrario se unem entre si, se anastomosão, se entrelação na sua parte vascular, è se ajuntão em camadas circulares á roda de uma porção desse tecido cellular, que assim toma a fórma de medulla; supponhamos ainda, que os feixes vasculares de nova formação, em logar de se organisarem ao lado dos mais antigos, penetrão entre o liber e o lenho destes ultimos, e de modo tal, que as novas camadas lenhosas se vão sobrepondo pelo lado externo ás mais antigas, e as do liber de modo similhante se ajuntão á face interna das camadas de liber da formação anterior; e veremos os caudices das palmeiras, ou em geral os caules das monocotyledoneas, convertidos por este modo em caules de dicotyledoneas. Nas dicotyledoneas annuaes, ou herbaceas, nas quaes só ha fasciculos de uma formação, a concordancia entre a estructura dos seus caules, e a dos caules das plantas monocotyledoneas torna-se por isso muito mais notavel.

Os fasciculos vasculares tirão a sua origem dos fasciculos fibrosos ou tecido prosenchymatoso, que lhes é por isso anterior em formação. Para este fim os utriculos ou cellulas alongadas, que fórmão os fasciculos fibrosos, se vão abrindo uns nos outros nos pontos em que se tocão, transformando-se assim a serie de cavidades cellulosas em uma unica cavidade alongada ou vascular. Nos caudices das palmeiras os feixes fibrosos, que hão de assim converter-se successivamente em fasciculos vasculares, existem accumulados na parte externa ou peripherica dos caudices. O engrossamento do caudice das palmeiras, como o dos caules de outras monocotyledoneas, era difficil de explicar na antiga supposição do crescimento endogeno; hoje torna-se de mais facil explicação esse engrossamento, admittida a estructura e o

crescimento peripherico, como Moldenhawer e Mohl mostrárão existirem nas monocotyledoneas.

As raizes das palmeiras nascem da base do caudice entre as camadas dos fasciculos fibrosos e as dos fasciculos vasculares. Constão de radiculas acylindradas, terminando por extremidades obtusas, e revestem-as pellos e algumas vezes aculeos. Succedem-se umas a outras em seu nascimento, apparecendo as de nova formação ao lado externo ou logo acima das radiculas de formação anterior. A estructura destas raizes é analoga á dos caudices : os seus fasciculos vasculares reunem-se porêm em um corpo unico, os vasos maiores tomão a posição do centro deste corpo, e os vasos proprios a da peripheria: é o inverso do que succede no caudice. Não se observão vasos espiraes nestes fasciculos. Os fasciculos vasculares das raizes ramificão-se por entre os fasciculos vasculares da base do caudice, sem continuarem com estes, até se desvanecerem na sua superficie exterior. Por um modo similhante se prolonga, ramifica, e desvanece entre a parte fibrosa e externa do caudice a porção fibrosa e cortical da raiz, assim como e em sentido inverso o faz a parte fibrosa do caudice na correspondente da raiz.

Quando as raizes ou radiculas se ramificão, os ramos nascem uns dos outros, e estes do ramo principal, por modo similhante áquelle por que vimos nascerem essas radiculas da base do caudice.

Em consequencia a opinião de Du Petit Touard, admittindo, que os fasciculos fibrosos e os vasculares das raizes são a continuação dos que existem no caudice, e que uns e outros se originão das gemmas-folhas, não combina com o que se observa a este respeito na estructura das plantas monocotyledoneas.

As frondes das palmeiras constão quasi sempre de uma bainha amplexicaule, do peciolo, e da expansão

uperior membranosa. Quanto á estructura, teem um meophyllo formado de cellulas alongadas ou hexagonas, perpendiculares ou não á epiderme, contendo grãos de chlorophylla ou materia verde, e algumas vezes um suco hyalino: tem epiderme de cellulas quadrangulares, que ás vezes degenerão na fórma rhomboidal e hexagona, dispostas por camadas, prolongando-se ou não em pellos, e guarnecidas de stomatos: teem finalmente fasciculos vasculares e fibrosos, que são a continuação dos do caudice, os quaes fasciculos entrando na bainha, no peciolo, e na expansão da fronde, ahi se ramificão, modificando-se na sua estructura de modo variado; succedendo, por exemplo, que os fasciculos vasculares degenerão ás vezes em fasciculos fibrosos, e os fibrosos em fasciculos vasculares. Estes fasciculos caminhão na fronde isolados, ou se anastomosão nas suas ultimas divisões. São estes fasciculos fibrosos, accumulados na parte sub-epidermica da fronde, que alguns botanicos, como Meyen, confundírão com o liber das folhas das dicotyledoneas, mas erradamente, segundo Mohl, visto que a sua origem e natureza são diversas.

As nervuras das frondes das palmeiras, segundo a sua grandeza e posição, podem dividir-se em primarias, secundarias, e terciarias. As frondes compostas são-o desde o seu primeiro desenvolvimento, observando-se já então as divisões, que as hão de formar, unidas apenas por uma curta pubescencia. A composição destas frondes é o resultado da divisão feita na expansão folhosa sobre os lados das suas nervuras primarias.

Os rhaphides, que dissemos não se observarem no caudice, encontrão-se nas folhas e nas raizes das palmeiras. Meyen os confundio com os pellos, ou como taes os considerou. O auctor confirma as observações de Turpin a respeito da fórma destes raphides, que é a

de cristaes prismaticos rectangulares e quadrilateros, terminados por pyramides; e tambem verificou as de Raspail, de Mayen, e de Kieser, quanto á existencia intracellular, e não intersticial destes raphides, como outros a suppuzerão.

As palmeiras, contra o que se tem pensado, podem ramificar-se, porque ramos são os espadices floraes, porque ramos com frondes se observão mesmo no Phaenix dactilifera, no Chamerops humilis, em differentes especies do genero Raphis, e porque notavelmente ramificada é a palmeira Hyphaene Doum. Estes ramos costumão nascer da axilla das frondes.

Os espadices não devem considerar-se como frondes modificadas, nem as flores por conseguinte, que esses espadices sustentão, são modificações das pinnulas ou divisões das frondes. Os espadices são verdadeiramente ramificações do caudice, e as flores ramos de segunda, de terceira, ou de ulterior ordem, igualmente modificados. As espathas, e as escamas que guarnecem os espadices, é que são frondes modificadas, correspondendo por sua situação a estas ramificações tambem modificadas em espadices. Effectivamente os espadices, apezar de uma estructura, como teem, analoga á dos caudices, não nascem com tudo destes, como as frondes, por continuidade de fasciculos fibrosos e vasculares, mas por simples contiguidade destes fasciculos, como dissemos succeder a respeito das raizes, no modo por que derivão da base do caudice. O mesmo se deve dizer dos espadices, quanto ao modo e natureza da sua propria ramificação. As espathas porèm, e as escamas, que guarnecem os espadices e as suas ramificações, por sua estructura e modo de inserção, mostrão toda a analogia com as frondes. A ramificação nos espadices das palmeiras toma a fórma da ramificação das dicotyledoneas,

por quanto em logar de nascerem na axilla das escamas ou na das espathas, como dissemos que nascião os ramos das palmeiras da axilla das frondes, ficando por isso nessa origem cobertos estes ramos pelas bainhas respectivas, nascem ao contrario os ditos espadices e as suas ramificações affastados das escamas e espathas respectivas.

As espathas podem considerar-se como frondes, em que vão confundidos a bainha, o peciolo, e a expansão superior membranosa, ou como frondes reduzidas a uma só destas partes, á bainha, por exemplo. As espathas podem ser simples, duplas, triplas, ou multiplas para cada espadice.

Nas flores das palmeiras o perigoneo é duplo; o externo ou calice é formado de tres peças livres, ou mais ou menos adunadas, e o interno ou corolla de outras tres, mas com apparencia e côr geralmente mais calicina do que petaloide. Estas divisões do perigoneo são notavelmente pequenas e engrossadas, especialmente as internas, que podem ser alêm disso carnosas, coriaceas, lenhosas, ou escariosas: não são caducas, mas persistem com o fructo, desenvolvem-se eom elle, e só juntas com o mesmo fructo é que a final se separão. A estructura do perigoneo corresponde á das folhas, e na corolla encontrão-se cellulas aereas e cellulas com raphides.

Nos estames é para notar a grandeza das antheras, proporcionalmente muito maiores que os filetes. Estas antheras são quadriloculares, formadas de epiderme e de endothecio, como n'outros vegetaes; notando-se alêm disso a existencia neste endothecio de cellulas alongadas e em fórma de fibras, com a disposição parietal, annular, ou reticular, que se observa em outros casos. Estas cellulas alongadas não forão descobertas por Meyen

e Purkingius, como se suppoz, mas, segundo observa Mohl, já forão assignaladas por Mirbel. As cellulas pollinicas nem sempre são formadas de duas membranas, mas algumas vezes nas palmeiras constão de uma só, em prega, e que a humidade facilmente desdobra pelo entumecimento da cellula.

Os ovarios teem em todas as palmeiras a maior uniformidade de estructura. São tres em cada flor, livres ou adunados, e formão-os folhas carpellares adunadas pelos bordos, ás vezes porém de modo incompleto, e deixando por isso aberturas ou fendas na sua parte superior, isto é nos pontos aonde as folhas carpellares não chegárão a unir-se. Cada ovario é unilocular, contem um ovulo inserido por cordão umbilical, ou sem elle, á linha mediana da folha carpellar e nunca aos seus bordos; estes ovulos são alevantados ou remontantes, e na sua estructura nada se encontra, que não seja commum á estructura dos ovulos de outras ordens de vegetaes.

No desenvolvimento dos ovarios, e na sua transformação em fructos, o auctor mostra do modo o mais claro como a organisação primitiva destes ovarios se modifica para dar as differentes fórmas de fructos, que se observão nas palmeiras. Assim, por exemplo, se as cellulas, de que consta a substancia do ovario, conservão as membranas que as fórmão na sua primitiva consistencia branda e espessura tenue, o fructo resultante do desenvolvimento deste ovario será uma baga. Se na parte central do ovario as cellulas endurecem por sobreposição de camadas membranosas, que se vão addicionando ao lado interno de suas paredes, essa parte central se transformará em caroço, e o fructo será uma drupa. Se o parenchyma central do ovario, em vez de endurecer todo á roda das tres sementes, endurecer isoladamente á roda de cada uma, o fructo se tornará uma baga tripyrene.

Póde tambem endurecer cada carpello na sua parte externa e peripherica, e os tres carpellos assim adunados formarem um fructo duro e dividido internamente em tres loculos, separados uns dos outros por septos membranosos. Do mesmo modo podem apparecer modificações intermedias ás referidas. Tanto a parte endurecida, como a carnosa dos fructos, é percorrida por fasciculos vasculares e fibrosos na generalidade dos casos; algumas vezes porêm succede faltarem estes fasciculos no caroço, como no genero Manicaria; e outras vezes são tantos, que a parte simplesmente cellulosa no fructo torna-se quasi nulla. O endocarpo adhere intimamente ao corpo da semente, sendo communs para ambos os fasciculos vasculares, os quaes fórmão rede tanto sobre o endecarpo, como no tegumento das sementes. Este tegumento é sempre simples nas palmeiras, não obstante a asserção contraria de Gaertner. As cellulas dos ovarios apparecem ás vezes cheias de raphides; as dos tegumentos das sementes enchem-se de uma materia particular avermelhada; nas do albume nunca existe amido, muitas vezes porêm se observão estas cellulas cheias de materia oleosa; nas cellulas do embrião não apparece nem amido, nem outro contento solido.

As sementes das palmeiras, por effeito da posição diversa do embrião em cada uma, podem ser orthotropas, camphylotropas, ou anatropas. O albume aloja o embrião em uma escavação proxima da sua peripheria. Na porção do albume, que tapa esta escavação, e que lhe serve de operculo, as cellulas são mais diminutas, e formadas de membranas mais tenues, do que nas outras partes do mesmo albume.

A radicula no embrião está virada para a parte externa da semente, e é envolvida pelas cellulas do cotyledon. A plumula tambem fica envolvida no cotyle-

don, mas não é totalmente encoberta por elle, porque existe na sua superficie externa uma pequena fenda, que corresponde exactamente á situação da dita plumula. No ponto, que separa a radicula e a plumula, ou no nó vital do embrião, observa-se a rede vascular, donde partem os fasciculos vasculares rudimentares, que se distribuem na radicula, na plumula, e no corpo cotyledonar. A plumula consta de dous ou tres foliolos ou bainhas, que se vestem reciprocamente. Pela germinação os primeiros foliolos, ou os mais externos chegão apenas a ter o desenvolvimento das bainhas das frondes, e só os outros é que alcanção todo o desenvolvimento proprio destas frondes. A germinação da semente executa-se além disso do seguinte modo. As cellulas do albume atrophião-se e desapparecem á medida que o embrião se desenvolve e cresce; nos fasciculos vasculares em rudimento ou apenas formados de cellulas alongadas vão-se formando os vasos espiraes; a radicula rompe as cellulas cotyledonares, que a encobrião, para se transformar em raiz; a plumula adquire o seu desenvolvimento de modo similhante, não rompendo com tudo cellulas de cotyledon, mas saindo a travez da fenda que nelle lhe corresponde em posição. E deste modo cada elemento organico, continuando o seu respectivo desenvolvimento, levará as differentes partes do embrião ao gráo de organisação, que é proprio da planta adulta.